

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA
Celestino Taperero Fernando

O QUE TRATAVA “WAKURU-WAKURU NE WAZUNGU” EU NÃO SEI: A interpretação sociopolítica da base da Renamo na província de Manica, um estudo de caso sobre os motivos da aderência do povo Shona à guerra civil (1976-1986)

Porto Alegre

2022

PÓS-GRADUAÇÃO - STRICTO SENSU



**Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul**

Celestino Taperero Fernando

O QUE TRATAVA “WAKURU-WAKURU NE WAZUNGU” EU NÃO SEI: A interpretação sociopolítica da base da Renamo na província de Manica, um estudo de caso sobre os motivos da aderência do povo Shona à guerra civil (1976-1986)

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes

Brasil

2022

Ficha Catalográfica

F363q Fernando, Celestino Taperero

O QUE TRATAVA “WAKURU-WAKURU NE WAZUNGU” EU NÃO SEI : A interpretação sociopolítica da base da Renamo na província de Manica, um estudo de caso sobre os motivos da aderência do povo Shona à guerra civil (1976-1986) / Celestino Taperero Fernando. – 2022.

394.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes.

I. Renamo, Manica, Resistance, Mozambique and Villages. I. Paredes, Marçal de Menezes. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

Celestino Taperero Fernando

O QUE TRATAVA “WAKURU-WAKURU NE WAZUNGU” EU NÃO SEI: A interpretação sociopolítica da base da Renamo na província de Manica, um estudo de caso sobre os motivos da aderência do povo Shona à guerra civil (1976-1986)

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado no dia 25 de Abril de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes (Orientador – PUCRS-Brasil)

Prof. Dr. Omar Ribeiro Thomaz (UNICAMP-Brasil)

Prof. Dr. Pedrito Carlos Chiposse Cambrão (UNIZAMBEZE-Moçambique)

Prof. Dr. Arsênio Francisco Cuco (UNIROVUMA-Moçambique)

Prof. Dr. José Rivair Macedo (UFRGS-Brasil)

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha falecida filha, Carmen Lúcia.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos, Azviney; Gilberto; Zvitei-Celestina e Simbarache, às pessoas a quem tanto me dediquei na minha vida. Ao professor orientador de doutorado em História, Prof. Dr. Marçal De Menezes Paredes, que tanto me apoia e encoraja nas pesquisas sobre Moçambique contemporânea. Ainda, agradeço ao Prof. Dr. Thadeu Weber, ao Prof. Dr. Agemir Bavaresco, ao Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza, ao Prof. Dr. Luciano Arone de Abreu, à Prof^a. Dra. Tatyana de Amaral Maia, ao Prof. Dr. Helder Volmar Gordim da Silveira, e à Prof^a Dra. Claudia Musa Fay.

Ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa e pela bolsa de doutorado em História. Aos colegas de doutorado, com os quais, ao longo do período de formação, tive profícuos debates sobre História da África e História dos Conceitos. Aos meus irmãos, a meus familiares e à minha namorada, o meu muito obrigado pela amizade.

RESUMO

Este trabalho trata sobre a interpretação sociopolítica da base da Renamo na província de Manica, habitada por grupo étnico Shona subdivido em pequenas tribos durante o contexto da guerra civil em Moçambique. Toma-se por base relatos dos atores da base, com destaque a guerrilheiros, mudjibas, mambos e à população que vivia nas zonas sob jurisdição da RENAMO. Faz-se o cruzamento desse material com a historiografia já existente para apurar qual era o sentimento político-moral do grupo a respeito da guerra civil. Com a evolução da guerra em Moçambique, a RENAMO deixa de se definir apenas como um movimento de guerrilha e passa a ser estruturada como partido político, para internacionalizar-se e também tentar limpar sua imagem de “bandidos armados”. Neste contexto, o trabalho foi concebido na base de fontes orais e escritas. Coletamos as fontes orais a partir de entrevistas realizadas com intervenientes que não pertenciam à elite dos movimentos, como os guerrilheiros, mudjibas e a população da RENAMO. Em relação às fontes escritas, conectamos a velha e a nova interpretação sobre a origem da resistência armada em Moçambique. A partir de tais fontes, pudemos mapear a área de investigação, o que facilitou a compreensão de conceitos como bandidos armados, Homem Novo, inimigo, cooperativa e aldeias comunais, para a construção de nosso entendimento sobre o sentimento da população em um recorte temporal entre 1976 e 1986. As entrevistas com a base da RENAMO demonstraram o distanciamento das diferentes interpretações dos historiadores sobre a RENAMO.

Palavras-chave: RENAMO, Manica, Resistência, Moçambique e Aldeias comunais.

ABSTRACT

The work deals with the socio-political interpretation of the Renamo base in Manica province inhabited by the Shona ethnic group subdivided into small tribes during the context of the civil war in Mozambique. Based on reports from the base actors, with emphasis on guerrillas, mudjibas, mambos and the population that lived in areas under Renamo's jurisdiction. This material is crossed with the historiography that already exists to determine what the political-moral sentiment of the group was about the civil war. With the evolution of the war in Mozambique, Renamo ceased to be defined only as a guerrilla movement and started to be structured as a political party, in order to be able to internationalize and also try to clean up its image of armed bandits. In this context, the work was conceived on the basis of two sources, oral sources that it was possible to interview the actors who did not belong to the elite of the movements such as the guerrillas, mudjibas and the Renamo population and in the written sources we connect the old and the new interpretation. on the origin of armed resistance in Mozambique. It was on the basis of them that we were able to map the research area, which also facilitated the understanding of concepts such as: armed bandits, new man, enemy, cooperative and communal villages for the construction of our understanding of population sentiment in a time frame between 1976 and 1986. The interviews with the Renamo base demonstrated the distance from the different interpretations of historians about Renamo.

Keywords: Renamo, Manica, Resistance, Mozambique and Villages.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Rios mencionados no texto.....	102
Mapa 2: Espaço geográfico onde foram realizadas as entrevistas.....	141
Mapa 3: Tribos descendentes de Shona.....	143

LISTA DE SIGLAS

CIO - Central Intelligence Organization (Rhodesia/Zimbabwe)

DGS - Direcção Geral de Segurança

FPLM - Forças Populares De Libertação De Moçambique

FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique

GD - Grupo dinamizador

GEPs - Grupos Especiais Pára-quedista (Special Group Paratroops)

MANU - União Nacional Africana de Moçambique

MNR - Mozambique National Resistance

PRM - Partido Revolucionário de Moçambique

RENAMO - Resistência Nacional Moçambicana

RF - Rhodesian Front

RhAF - Rhodesian Air Force

UDENAMO - União Nacional Democrática de Moçambique

UNAMI - União Nacional para Moçambique Independente

UNAR - União Nacional Africana de Rombézia

ZANLA - Zimbabwe African National Liberation Army

ZANU - Zimbabwe African National Union

ZAPU - Zimbabwe African People's Union

ZIPRA - Zimbabwe People's Revolutionary Army

LINGUAGEM DAS ENTREVISTAS

A província de Manica tem mais de 6 sublínguas no mesmo espaço geográfico, todas derivadas da língua Shona, vinda do Grande Zimbábue. No que concerne à distribuição, na zona oeste do distrito de Manica, temos a língua ChiManyika-Shona, a qual se estende para todos os distritos que fazem fronteira com o Zimbábue, nomeadamente os distritos de Sussundenga, Mossurize e parte dos distritos de Barue e Vanduzi.

Na zona norte da província de Manica, temos a língua ChiMandiwe, falada no distrito de Guro, a qual se estende até os distritos de Tambara e Macossa. Na zona sul de Manica, predomina a língua ChiNdau, nomeadamente nos distritos de Sussundenga, Mossurize e Machaze. Ela se estende por quase toda província de Sofala, exceto a zona norte, onde predomina a língua Sena.

Na região centro da província de Manica, predomina a língua *Chiuté/chiutewe*. A língua *Chiuté/chiutewe* é falada majoritariamente na cidade de Chimoio, no distrito de Gondola, e em parte dos distritos de Sussundenga e Vandúzi. E, por fim, temos o ChiBarue, que predomina em todo distrito de Barue e se estende para os distritos de Guro, Macossa e Vandúzi.

Por respeito à grafia Shona, escrevemos os nomes das línguas com o prefixo Chi. ChiNdau, em vez de CiNdau, como aparece escrito nos livros e textos em português. Porém, os próprios nativos não falam CiNdau, como habitualmente temos vistos. Parece ser um uso mais comum na escrita dos portugueses. Para eles, o correto é ChiNdau (o Chi se pronuncia Tchi e desempenha dupla função: pode ser usado para referenciar o grau diminutivo de algo, ou pode ser aplicado com prefixos nas referências linguísticas). Por isso, muitas vezes, algumas palavras como “Chingondo” podem ser escritas “Xingondo”.

Além da diversidade linguística, os Shonas também estão divididos em “Mutupo” (totem). Tal divisão foi herdada dos antigos povos do Grande Zimbábue. O Mutupo edita o poder político, ou seja, as sucessões no trono da liderança tradicional seguem essas linhas de Mutupo. Entretanto, ser dirigido por uma pessoa vinda de outra região ou província deslegitima o poder de “Mutupo” (totem). A questão do totem está conectada com a ideia de espiritualidade-terras e poder.

O distrito de Barue é dirigido por *Macombes*¹, de que fazem parte os *Makates* e *Asimbotes*. O distrito de Manica é povoado pelos grupos de totem (Mutupo) *Aera Bbeta*, *Shonga* e *Wuai*. Os *Bbetas* são uma população que não come os insetos chamados térmitas. *Shonga* é a população que amamenta seus filhos em uma única mama. E os *Aera Wuai* são uma população que não bebe água da chuva. As três populações se estendem até o vizinho país Zimbábue, assim como os *Chirando/Aera Moyo*. Estes, por sua vez, ocupam até parte do distrito de Sussundenga, todo o Mossurize e parte de Machaze.

Os Ndaus de Mossurize são povos que atualmente predominam em alguns distritos da província de Gaza. Esse povo chegou à província de Gaza quando o chefe do império de Gaza transferiu sua capital de Mossurize para Manjacaze. Os sobrenomes como Siteles, Muchanga, Machava, Siteo etc., atualmente majoritários em Gaza e Maputo, são originários dos distritos de Mossurize e Machaze, na província de Manica. Ou seja, são Ndaus da província de Manica. Historicamente, são cunhados de Ngungunhane, ou seja, são familiares das suas mulheres.

A Cidade de Chimoio e os distritos de Vandúzi e Gondola são governados tradicionalmente pela *Aera Moyo*, seus assessores são os *Chingores*. Os *Aera Moyo*, ou *Chirando*, como são carinhosamente tratados, são uma população que não come coração de todo tipo de animais, em homenagem ao Leão local que não come coração. Por isso a cidade é chamada Chimoio, que significa “pequeno coração”. Os Chingores são aqueles que não bebem água da chuva.

Para essa população, colocar em espaços de poder uma pessoa alheia a rituais e costumes culturais locais gera conflito. Nestas condições, a Renamo teve facilidade para mobilizar as pessoas a se voltarem contra o Estado, que não respeitava a realidade socioantropológica local. Nas pesquisas, alguns entrevistados disseram: “ainda bem que *Chirando* está sendo formado. Depois da sua formação, venha governar a terra entregue a pessoas alheias. Por favor, volte para nos governar, porque a pessoa que está aqui não é daqui nem respeita nossos rituais. Queremos os *Samanyiaka* (donos da terra), confiamos em vocês que estão a estudar, aquela guerra foi para ver vocês a serem gentes também e iguais aos outros.”

¹ Reino do Barue, com seu Mambo de nome Macombe

Importa dizer que os totens acima referenciados são detentores do poder político por cada região. Ou seja, é desse grupo que sai o poder monárquico, que não pode sair dos outros Mutupo (totem) fora desses. Se assim acontecer, há conflitos.

Essas diversidades influenciaram significativamente as nomenclaturas de alguns lugares, pessoas, rios. Cada subtipo de língua tem sua pronúncia e fonética, e, nós, durante a transcrição e tradução da entrevista, transcrevemos com fidelidade a fonte. A mesma fidelidade foi mantida na redação da tese. Por isso, o Shona das notas de rodapé não é traduzível no google tradutor, por não ser Shona genuíno. A língua Shona na província de Manica foi batizada como ChiManyika, que, por sua vez, ramifica-se nas sublínguas acima mencionadas. As línguas derivadas do Shona sofrem alterações de fonética e grafia em relação à original, à medida que aumenta a distância da fronteira com o Zimbábue. Nas fronteiras com o Zimbábue, é possível encontrar Shona puro. No mesmo espaço geográfico, podemos encontrar Manyikeze Ndausada, com uma fonética diferente dos Shonas e Manyikeze genuínos.

Importa esclarecer que interagimos com 55 pessoas e gravamos entrevista com 15 delas, 5 mulheres e 10 homens. Na mesma senda, 4 entrevistas foram conduzidas em português por opção dos entrevistados e 11 em línguas locais acima mencionadas. Não gravamos entrevistas com todos porque a maioria tinha medo de represálias, mesmo que tenhamos esclarecido que não usaríamos seus nomes reais como forma de proteger a fonte. Mas eles se recusaram a gravar entrevista.

As conversas informais lhes pareciam mais práticas e seguras, eles falavam à vontade e com muitos detalhes. Mas não as usamos como fonte, apenas serviram com uma experiência colhida no campo pelo autor. Os mambos aceitaram também falar conosco, mas sem gravar entrevista, justificando que agora já prestam contas ao Estado e têm medo de ser conotado como foi no pós-independência. Porém, concordaram em partilhar conosco sua participação no apoio à guerrilha, seu sentimento anti-Frelimo na época, as vantagens e desvantagens da guerra. E também não deixaram de lamentar o que o governo de transição fez. Para eles, as políticas de aldeamento mudaram muita coisa. Por isso, até hoje estão a passar fome, porque os espíritos estão zangados e não sabem como se recuperar dessa indiferença e desse abandono espiritual.

O autor é fluente nas línguas acima mencionadas e natural do distrito de Manica, que dista 5 quilômetros do Zimbábue. Ser natural da região facilitou-lhe a condução das

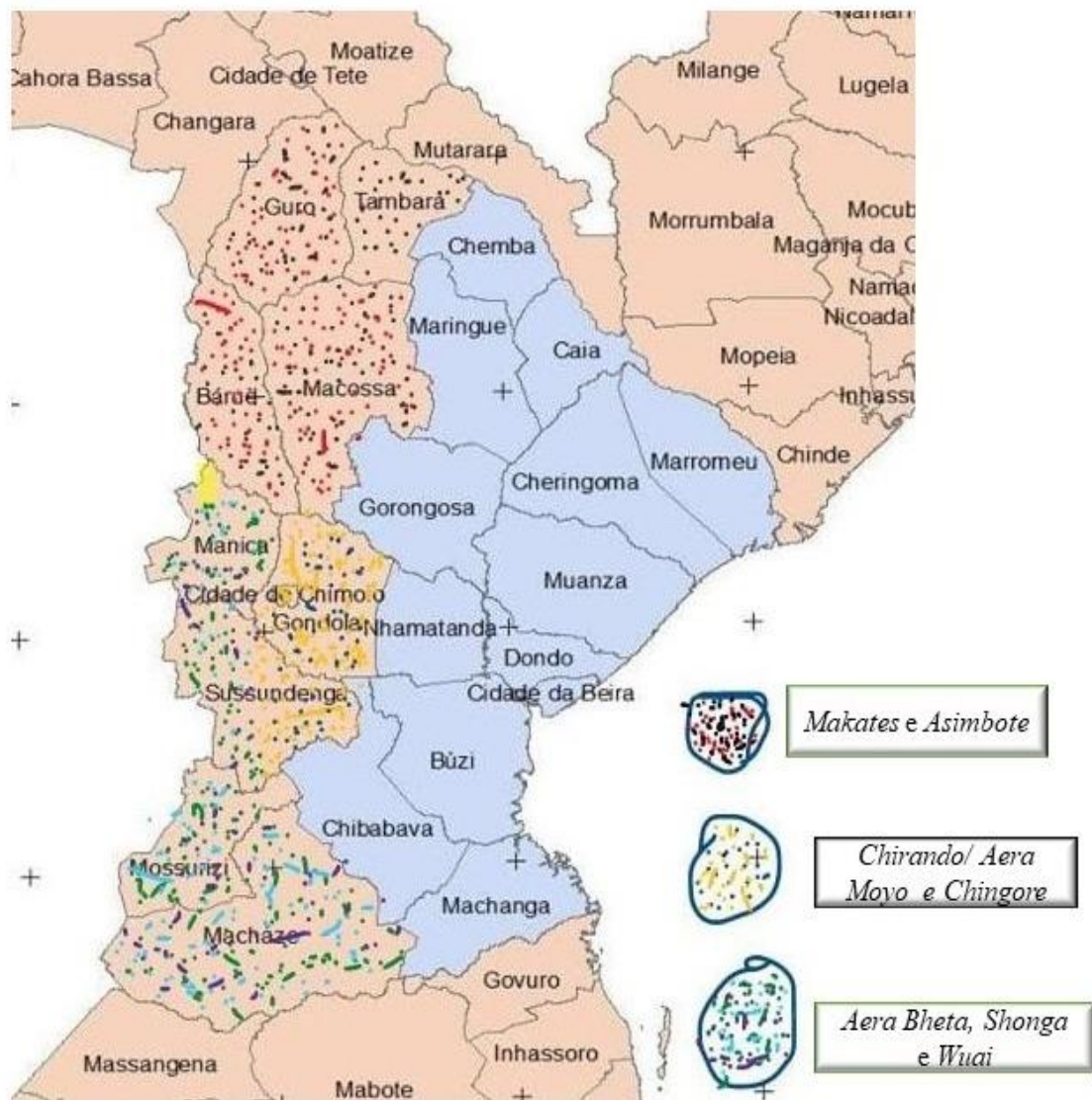
entrevistas, a transcrição na língua original e, depois, a tradução para português. Entretanto, salientamos que em alguns momentos era necessário ir mais de três vezes convencer os ex-guerrilheiros a gravar entrevista. E, dos que aceitaram gravar entrevistas, deparamo-nos com muito silêncio. Ou seja, levava muito tempo para responder a uma questão. Eles têm trauma de perseguição, muitos não aceitavam gravar entrevista com alguém desconhecido, apenas podiam em *off*. Muitas vezes, usamos os mambos para convencer os antigos de que “esse é nosso filho e podem falar com ele”. Além disso, era necessário oferecer uma simpatia, não podíamos chegar ao local da entrevista em uma viatura. Para eles, isso é sinônimo de ser espião.

A retórica de identificar-se como filho de Manica de “Mutupo” (Totem) Chimoyo é que nos deu à luz para podermos gravar as entrevistas. No decurso das entrevistas, era normal os entrevistados perguntar se o entrevistador era membro da Renamo ou não, para seu conforto. Confortei-nos ao identificar-me como estudante internacional, mostrando os documentos da universidade, informando que a recolha das informações estava inserida no âmbito da conclusão do curso e posteriormente comporia um livro a que eles mesmos terão acesso, para que seus filhos leiam o percurso histórico dos seus parentes. Sendo assim, o autor tem uma dívida de entregar cópias da tese aos entrevistados.

Nossa tese está em sistema bilingue. Por isso, todas as traduções se encontram nas notas de rodapé. O título da tese traz entre aspas a palavra Wakuru-Wakuru ne Wazungu, que significa “os chefes e brancos”. Traduzindo, o título fica: “O que tratavam os meus chefes e os brancos eu não sei”.

Essa expressão era frequentemente ouvida nas nossas entrevistas e chama atenção para o desconhecimento total das cooperações e parcerias que os chefes mantiveram, seja com o exterior, seja com o interior de Moçambique.

O mapa ilustra a distribuição do Mutupo (Totem) na província de Manica.



Fonte: produzido pelo autor da tese.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1 A HISTORIOGRAFIA SOBRE A ORIGEM DA RENAMO E DA INSURGÊNCIA	36
1.1 Interpretações da <i>war-by-proxy</i>	36
1.2 O revigoramento da interpretação sobre a RENAMO	49
1.3 Dos <i>Cadernos da Gorongosa</i> à guerrilha da base	58
2 O PROJETO POLÍTICO DA RODÉSIA: ANDRÉ MATSANGAISSA E A GÊNESE DA RESISTÊNCIA NACIONAL MOÇAMBICANA	63
2.1 O surgimento do PRM e da Primeira Guerra Civil	66
2.2 Wotcha Weka e o enigma do PRM.....	67
2.3 O que representavam as ações do Wotcha Weka?.....	69
2.4 As causas do anti-frelimismo e sua mitologia	71
2.6 As ações de apoio à criação da insurgência	72
2.7 O ano de 1976.....	76
2.8 A fuga de André Matsangaissa	78
2.9 Dos objetivos de André Matsangaissa aos da Rodésia	84
2.10 O projeto de Ken Flowers.....	89
2.11 A militância de André Matsangaissa	100
2.12 As estratégias de André Matsangaissa	104
2.13 RENAMO: um movimento sem projeto político?	106
2.14 A hegemonia Shona (os Smanyka e Mandaus).....	111
2.15 A RENAMO nos campos de reeducação.....	116
3 MORTE DE ANDRÉ MATSANGAIÇA E A INDEPENDÊNCIA DA RODÉSIA (ZIMBÁBUE)	118
3.1 Ascensão de Afonso Dhlakama	121
3.2 A RENAMO de Afonso Dhlakama	124
3.3 Os comissários políticos	129
3.4 As duas populações.....	130
3.5 A independência do Zimbabwe e o apoio da África do Sul	133
3.6 A nova dinâmica do movimento entre 1980-1984.....	139
3.7 Construções de comando, regiões da RENAMO.....	139
3.8 Acordos de Nkomati	142
4 EM BUSCA DA HISTÓRIA VISTA DE BAIXO: A INTERPRETAÇÃO DOS SHONA QUE ADERIRAM À RENAMO	148

4.1 A insatisfação popular	148
4.2 Os sobrinhos e filhos?	161
4.3 A dissidência após a morte de Matsangaiisa	167
4.4 O tradicionalismo na guerrilha	172
4.5 As três formas de adesão à RENAMO e seus objetivos	177
4.6 A diplomacia na África	178
5. ENTRE MAMBOS, MUDJIBAS, MAKAMUSI, XINGONDO E OS RECUPERADOS	181
5.1 A Igreja Católica	181
5.2 Textáfrica do Chimoio	185
5.3 A política de aldeamento e cooperativa	188
5.4 Os mambos-régulos	194
5.5 Os Mudjibas	197
5.6 A relação entre homens e mulheres dentro da guerrilha	201
5.7 Porque a proibição de consumo de Nipa e Soruma no seio da guerrilha?	205
5.8. Quem eram os chamados Makamusi, Xingondo, Bandidos e Turras?	208
5.9 Os recuperados	209
CONCLUSÃO	212
REFERÊNCIA	218
Documentos visitados	218
Entrevistas	219
Jornal	220
ANEXO A	230
Traduções das entrevistas para o português.	230
ANEXO B	331
Transcrição das entrevistas em língua local	331
ANEXO C	395
Documentos da fundação da Renamo extraídos do livro de João Ferro Dias.	395
ANEXO D	399
Documentos da UNAR, que depois transformou-se em PRM	399

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos emergiu, em Moçambique e em alguns países do mundo, uma série de discussões e análises em torno da consolidação da história da historiografia da guerra civil, bem como da teoria política do surgimento da Renamo e de seus patronos. Esse esforço encontra-se, em sua maioria, em pesquisadores internacionais; enquanto apenas um número ínfimo de pesquisadores nacionais apresenta interesse por essa temática. Dentre esses últimos, tal desinteresse é justificado, em parte, por medo de retaliação e, em parte, por falta de pesquisa sobre a história de seu próprio país. A justificativa é associada à falta das fontes.

Há de perceber que as várias pesquisas publicadas, incluindo livros, artigos, entrevista e relatórios sobre a guerra em Moçambique, nos finais dos anos 1980 e no início dos anos 1990, não usaram a guerrilha como fonte para compreender as causas da aderência à insurgência, nem buscaram entender a aderência da população e as políticas a que se mantiveram fiéis. A maior parte das pesquisas foram feitas por pesquisadores internacionais que se basearam em documentos.

Neste paradigma historiográfico, há quatro pesquisas que levantaram o interesse para estudar este assunto contemporâneo da história de Moçambique, procurando saber a verdadeira origem da RENAMO e o segredo do seu sucesso nas zonas rurais. Atestamos que essas quatro pesquisas (e outras) nortearam o mapeamento desta tese.

Começamos por resenhar que, em 1991, foi publicado por Christian Geffray um dos primeiros estudos lançado em forma de livro, cujo título é *A Causa das Armas, Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique*. Enquanto em 1995, foi a vez de Alex Vines dar seu contributo, publicando o livro *Renamo: From Terrorism to Democracy in Mozambique*. Esses dois primeiros estudos são referentes à historiografia da guerra civil moçambicana com olhar e fontes diferentes. A pesquisa de Geffray foi conduzida utilizando fontes antropológicas colhidas no local através das entrevistas. A de Vines, por sua vez, foi integralmente baseada nas fontes fornecidas pelo governo moçambicano (Frelimo).

O terceiro é o estudo de Michel Cahen, divulgado no seu livro “*Não Somos Bandidos*”. *A vida diária de uma guerrilha de direita: a Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985)*. Nele, Cahen estuda os documentos oficiais que a elite da RENAMO emitia como diário de informação para repassar ao seu comando-geral. Por último, o estudo de Sergio Chichava, intitulado *The Anti-Frelimo Movements & the War*

in *Zambezia*, publicado numa coletânea com título *The War Within: New Perspectives on the Civil War in Mozambique, 1976-1992*, organizado por Eric Morier-Genoud, Michel Cahen e Domingos M. do Rosário. Neste capítulo, Chichava faz um estudo brilhante dos documentos oficiais emitidos pelas administrações distritais da Frelimo sobre as razões das fragilidades do controle da aliança da população da Zambézia com os movimentos rebeldes PRM e, depois, RENAMO.

Esses quatro estudos mantêm claramente a sua relevância por razões bastante diferentes. A complexa realidade da guerra em Moçambique é tal que nenhum livro pode abranger adequadamente mais do que uma fração dela. Cada um desses livros tem pontos fortes distintos, nenhum dos quatro ainda foi suplantado por pesquisas posteriores, mas cada um também tem algumas lacunas importantes, na visão deste revisor, que lutou com as mesmas questões difíceis. Partimos de tais lacunas para fundamentar nossa pesquisa e a respectiva criação da nossa tese, baseando-nos em dupla fonte, escrita e oral.

Nossa escolha em realizar entrevistas com os guerrilheiros da base populacional justifica-se por ainda não termos pesquisas antropológicas, históricas e políticas sobre a província de Manica com a população Shona e seus subgrupos tribais, os Manykeses, Tewes, Ndaus e Mabarues. Essas sublínguas refletiram na redação da nossa tese. Por isso, em alguns momentos algumas mudam de grafia em função da língua local. Nossa pesquisa está delimitada no espaço geográfico entre o rio Save, ao Sul, distrito de Guro ao norte, rio Punguè, a leste, e Zimbábue, a oeste.

Como objetivo, este trabalho pretende analisar a interpretação sociopolítica da base da RENAMO na província de Manica e a etnia Shona durante o contexto da guerra civil Moçambicana (1976-1986), baseando-se em relatos dos atores da base sobre as zonas libertadas da RENAMO, com destaque a guerrilheiros, mudjibas, mambos e à população, cruzando esse material com a bibliografia existente. Durante o período, a Renamo deixa de se definir apenas como um movimento da guerrilha e passa a ser estruturada como partido político.

Para dar conta deste complexo objetivo, ou seja, analisar as motivações de apoio à guerrilha por parte da população e o processo de mudança do discurso político de um movimento de guerrilha armada para um discurso de partido político, recorreremos a dois tipos de fontes. Primeiramente, utilizaremos as entrevistas semiestruturadas, relatos orais coletados particularmente na região de Manica, estendendo um pouco para o distrito de Chibabava, em Sofala, buscando identificar a percepção política dos

membros da RENAMO da etnia Shona, concretamente nas quatro tribos Manykeses, Tewes, Ndaus e Mabarues, por serem pioneiros da guerrilha.

Foram conduzidas quinze entrevistas, doze das quais na província de Manica, nos distritos de Mossurize, Sussundenga, Manica, Barue, Guro, Chimoio, Macossa e Gondola. Tais distritos fazem fronteira com a Rodésia, exceto os distritos de Chimoio, Macossa e Gondola. As outras três entrevistas foram conduzidas na província de Sofala, nos distritos de Chibabava, Búzi e Gorongosa, distritos que fazem fronteira com a província de Manica. Chibabava, para além de fazer fronteira com a província de Manica, também é a terra natal de Dhlakama. É de salientar que o tempo das entrevistas varia de quinze a sessenta minutos, com as páginas variando de três a dezessete páginas na transcrição. Os entrevistados são cinco mulheres e dez homens, com idade compreendida entre 58 e 79 anos. Neste universo, temos um mudjiba, treze guerrilheiros e um elemento da população da RENAMO.

Os nomes utilizados na transcrição das entrevistas e na redação da tese são fictícios, para proteção da identidade dos entrevistados. Neste contexto, quatro entrevistas foram conduzidas em português, por opção dos entrevistados. Todas contêm os áudios integralmente transcritos para sua autenticidade.

Observado esses depoimentos, os levaremos a cruzamento e comparação com as fontes oficiais da RENAMO, quase sempre oriundas do seu maior líder, Afonso Dhlakama. Destacam-se, neste ponto, discursos, textos, panfletos e mensagens escritas por ou para Dhlakama.

Essa escolha justifica-se na evidência da criação da RENAMO nesta região, especificamente demarcada pela fronteira de Moçambique com a Rodésia/Zimbábue. Embora os movimentos antifrelimo não tenham sido exclusivos da zona de Manica (também ocorreram na Zambézia e em Sofala, por exemplo), tem sido apontada por diversas referências bibliográficas a rejeição às políticas implementadas pela República de Moçambique, manifestada na zona territorial dos Shona, província de Manica.

A própria história da RENAMO é marcada pela relação com a Rodésia, país fronteiriço à região. Em nossas entrevistas, identificamos que havia uma percepção política e étnica sobre os motivos da guerra civil. Percebeu-se na Renamo uma alternativa política ao governo implementado no contexto pós-independência, por parte da população.

Pensando em responder a essas questões, serão privilegiados, nas entrevistas, diversos tipos de papéis/funções da relação entre a RENAMO e a população local. Por

exemplo, serão entrevistados os mambos, ou régulos locais, os mudjibas, ou informantes da RENAMO junto às populações, os comissários políticos, e militares pertencentes à população de Manica.

Dentro da região de Manica, região marcada pela etnia Shona, concretamente foram feitas entrevistas nos distritos de Mossurize, Manica, Sussundenga, Gondola, Barué, Guro e Machaze. Escalou-se também os distritos de Búzi, Chibabava e Gorongosa, na província de Sofala. Estes distritos são considerados como ponto de entrada da RENAMO em Moçambique.

Assim sendo, buscar-se-á identificar as motivações que levaram esse grupo étnico (Shona) a aderir à guerra movida por André Matsangaissa, fundador e primeiro líder da RENAMO. Dito de outro modo, procura-se perceber se havia entendimento ou percepções políticas pela população residente na região onde a RENAMO foi criada; por que houve e em que medida houve adesão dessas populações à guerrilha; e se a transição de guerrilha armada para partido político era um movimento identificado pelos soldados e pela população que apoiava o movimento.

Vale salientar que a problemática desta investigação foi inspirada em dois trabalhos. Primeiramente, no livro de Christian Geffrey, *A Causa das Armas, Antropologia da Guerra Contemporânea de Moçambique*, de 1990. Diferentemente desta investigação (que se concentra na região de Nampula), privilegiaremos a região de Manica pelos motivos acima expostos. A segunda obra é o recém-publicado livro de Michel Cahen, “*Não Somos Bandidos*”. *A vida diária de uma guerrilha de direita: a Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985)*.

Diferentemente desse trabalho, dedicado a estudar os chamados *Cadernos da Gorongosa*, que continham mensagens trocadas pela elite de oficiais da Renamo, privilegiaremos a percepção da tropa de soldados e de pessoas-chave que representam a relação do movimento com a população local. Destaca-se que nossas entrevistas foram realizadas em língua Shona e em outras quatro sublínguas faladas na província de Manica, que são: ChiNdau; ChiManyika; ChiBarue; ChiMandiwe e ChiTewe, buscando justamente explorar as percepções locais através da língua materna da região.

Há, neste ponto, muito ineditismo nesse material que foi coletado, posto não ser oriundo de compreensões traduzidas para o idioma português. O autor das entrevistas e desta tese é falante do idioma Shona e das outras sublínguas acima mencionadas e, posteriormente, traduziu as entrevistas para a língua portuguesa e as disponibilizará para a comunidade acadêmica.

Esta investigação, para além de ter como objeto de estudo a RENAMO, também destaca o sentimento antifrelimo criado pela população, o anticomunismo criado pelo PRM na Zambézia, e os movimentos messiânicos. Chichava (2018) explica que estes dois últimos movimentos surgiram como uma resposta direta à guerra civil moçambicana. Sua amplitude e importância foi sentida principalmente na província da Zambézia.

A história da guerra civil moçambicana costumeiramente foi analisada através do discurso oficial do Estado-Partido Frelimo. Samora Machel, primeiro presidente da República Popular de Moçambique, referia-se sempre à RENAMO como “bandidos armados”, num movimento de deslegitimação dos motivos internos do conflito. Neste processo, a RENAMO ficou estigmatizada como sendo apenas um bando de “neocolonialistas”.

Recentemente, esse quadro de análise tem sofrido grandes modificações. Trabalhos como os de Geffray e Cahen, acima mencionados, articulam-se a livros como *The War Within. New Perspectives on The Civil War in Mozambique*, organizado por Eric Morier-Genoud, Michel Cahen e Domingos do Rosário (2018) e *The Battle for Mozambique*, de Stephen Emerson (2014).

Nossa investigação busca contribuir com este debate, tentando trazer as percepções locais sobre a guerra e sobre a atitude e atividade da RENAMO no contexto inicial da guerra, em 1977, até o momento posterior ao Acordo de Nkomati, em 1985.

O intento maior da pesquisa não é dar privilégio à percepção dos Shona, mas agregá-la às outras percepções sobre este período-chave do conflito e da própria RENAMO. Trata-se, assim, de dar voz e visibilidade a estas percepções num contexto de uma alargada constelação de informações sobre os acontecimentos da guerra civil, sobre suas motivações e anseios.

Existe ainda muito a ser explorado no sentido de compreender as motivações políticas e, talvez, o elo sociocultural que impulsionou a etnia Shona a proteger e aderir massivamente à guerrilha liderada, em 1977, por André Matsangaissa.

Neste contexto, devemos agregar, para melhor compreendermos, que as fronteiras dos países africanos não representam a realidade étnica dos impérios pré-coloniais. Ao contrário, elas reproduzem os interesses das colônias na partilha de África. Moçambique, como uma província ultramarina, é a fabricação dos portugueses e ingleses na partilha Do continente. Isto é, a quebra do mapa cor-de-rosa trouxe Moçambique como província e como nação. Segundo Newitt (1995), o Moçambique

moderno é resultado de tratados internacionais assinando entre Portugal e Grã-Bretanha em 1891.

Como podemos ver, a fabricação do Moçambique moderno está inserida nos moldes de suas fronteiras coloniais, organizadas pelos interesses portugueses no contexto posterior à Conferência de Berlim. Antes disso, a atual nação que se chama Moçambique estava dividida em três impérios, tendo seus povos pouca ou nenhuma cooperação entre si, falando eles diferentes línguas e tendo distintas culturas.

A região Norte estava sob tutela do império de Marave. Na região do Centro, havia o lastro de experiência histórica do império de Mwenemutapa. No Sul, havia o império de Gaza. Cada um desses, por sua vez, estava subdivido em pequenos estados-satélites étnicos que pagavam impostos aos impérios. Isto é, antes da colonização não existia “Moçambique”.

E a própria colonização portuguesa, embora tentasse manter um ideal de organicidade colonial, organizou distintas experiências de relacionamento, seja dos colonos portugueses com as populações locais, seja mesmo na estruturação de empreendimentos de exploração econômica privada (as companhias majestáticas do Niassa e de Moçambique, por exemplo) ou pública, de forma muito distinta.

Na independência, não houve aquilo que podemos chamar de regresso às origens. Aquilo que William du Bois chamou de *black renaissance*. Ao contrário, as novas nações, mesmo independentes, mantiveram a extensão e unidade dos territórios – estruturados para os projetos de exploração colonial. O regionalismo, assim, marca e contém essas experiências históricas em temporalidades distintas, bem como em lastro de experiência política, econômica e cultural da nova nação moçambicana.

O território moçambicano está composto por uma diversificada estrutura étnica distribuída em pequenas tribos, aproximadamente cinco a dez a cada 50km², e mais de duas ou três línguas. A cada 10 km², é possível encontrar uma tribo do mesmo grupo étnico completamente diferente de outra no que tange à herança sociocultural e política. Por isso, compreender Moçambique enquanto nação requer um estudo socioantropológico aprofundado.

As fronteiras impostas pelos portugueses e confirmadas pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) pós-independência são imaginárias e não seguiram as estruturas étnicas. A ideia de unidade nacional em Moçambique não reflete os sentimentos de todos.

Na verdade, a ideia de etnia e de regionalismo é uma realidade incontornável na África em geral e, logo, deveria ser considerada como o primeiro princípio para a construção da Constituição² de Moçambique, em particular, com raízes geracionais oriundas das suas diversidades étnicas (e tribos), desde a pré-história até hoje. Por isso é difícil falar dos aspectos ligados à unidade nacional moçambicana, pois é uma sociedade heterogênea. Isso nos remete também a outro debate: existe uma cultura moçambicana? Na verdade, não existe uma cultura moçambicana, mas, sim, as culturas dos povos de Moçambique. Isso influenciou diretamente a ideia de construção de unidade nacional e de Estado centralizado.

Conotamos os conceitos de etnia e de regionalismo para explicar a heterogeneidade que existe em Moçambique como nação. Na tese, em algumas passagens, focamos a história do Estado-Nação moderno de Moçambique, com objetivo de explicar o sentimento antifrelimo e o surgimento da Resistência Nacional Moçambicana (objeto de estudo da tese).

Partindo da formação do projeto nacionalista e das políticas implementadas pós-independência, procuramos, nas passagens, compreender o nacionalismo moçambicano a partir das experiências regionais sobre a Independência, desde a formação de um movimento único chamado Frente de Libertação de Moçambique até a estruturação do Estado-Partido Frelimo.

Sobre a ideia do regionalismo, Ki-Zerbo, no texto *Para quando África* (2006), explica que todos os problemas que a África tem hoje são oriundos da negação do regionalismo depois das suas independências. Porque, para ele, as democracias e a liberdade dos povos africanos devem estar conectadas com as três realidades: o regionalismo, o federalismo e a descentralização. Ki-Zerbo usa a heterogeneidade dos povos africanos, baseada nos antigos impérios e em suas fronteiras étnicas, para falar da história política do continente.

Percorrendo esse raciocínio, é necessário lembrar que a ideia de nacionalismo, que culminou com a formação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), parte oficialmente do resultado da fusão de três movimentos regionais: a União Nacional Democrática de Moçambique (UDENAMO), a União Nacional Africana de Moçambique (MANU) e a União Nacional para Moçambique Independente (UNAMI). A UDENAMO tinha como seus fundadores os imigrantes moçambicanos da antiga

²A constituição moçambicana deveria ser concebida partindo da diversidade para a universalidade. Isso poderia tentar responder os propósitos histórico dessa população com raízes heterogêneas.

Rodésia do Sul, cuja maioria era originária dos antigos distritos de Manica e Sofala (Uria Simango), embora seu presidente, Adelino Gwambe, tenha nascido em Inhambane, sul de Moçambique. Chichava (2008) explica que antes de emigrar para a Rodésia do Sul, Adelino Gwambe trabalhou na Beira, antiga capital do distrito de Sofala. A MANU, cujos líderes eram Matheus Mole e Malinga Milinga, era um movimento essencialmente formado por imigrantes Macondes do Quênia e da Tanzânia. A UNAMI, cujo líder era Baltazar da Costa Chagonga, originário do antigo distrito de Tete, formou-se essencialmente por nativos do mesmo distrito, em 1961. Eduardo Mondlane, um changane, originário de Chibuto, província de Gaza, sul de Moçambique, foi eleito presidente da FRELIMO, e Uria Simango, um ndau, vice-presidente.

Neste contexto, Nilsson (1999) explica que não houve uma fusão formal destes movimentos para criarem a FRELIMO, mas os membros dos três movimentos juntaram-se na reunião constitutiva na Tanzânia. Assim, estas organizações nunca foram dissolvidas, de modo que alguns membros que não concordaram com a criação da FRELIMO continuaram com as suas organizações e tentaram de diferentes maneiras manter-se como forças políticas. Na senda destas divergências, Adelino Gwambe, líder da UDENAMO, um dos grupos que se uniu para formar a FRELIMO³, foi um dos primeiros a abandonar o movimento, mesmo antes de ser formalizada sua unificação, criando uma nova UDENAMO. Por um longo tempo, um grande número de membros da FRELIMO queixou-se das situações de discriminação. Isso fez com que esses membros, como Amós Sumane, Matias Tenda e Mazunzo Bobo, criassem uma resistência paralela à Frelimo, em 1968, chamada de União Nacional da Rombézia (UNAR), cujos objetivos e discursos eram separatistas, propondo libertar a região norte, partindo do rio Zambeze.

Ao fundar este movimento, Amós Sumane pretendia a independência da região que vai do Rovuma até ao Zambeze (Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Tete e Zambézia), na intenção de criar uma separação com os dirigentes sulistas da FRELIMO que se moviam com doutrinas “tribais”. Além de usar os nortenhos como “carne para canhão”, enquanto eles ficavam nos gabinetes ou iam estudar no exterior, moviam a

³ Mondlane (1975, p. 158) explica que logo no princípio apareceu o COSERIU (Comité Secreto de Restauração da UDENAMO), que deu lugar a uma nova UDENAMO, a qual, por sua vez, dividiu-se em Nova UDENAMO-ACCRA e Nova-UDENAMO-Cairo. Ambas já desapareceram. Depois surgiu uma nova UNAMI (já desaparecida), uma nova MANU e mais variações sobre o tema. Muitas vezes, as pessoas que formavam estas diferentes organizações eram as mesmas.

guerra apenas no Norte de Moçambique, castigando duramente as populações desta região. Esse foi o discurso mais fomentado na construção antifrelimo de Amós Sumane.

A UNAR propunha eliminar o tribalismo e o regionalismo da FRELIMO em nome de outro regionalismo dos homens do Norte-Centro. Este movimento foi considerado pela elite da FRELIMO como obstáculo à unidade nacional, porque defendia a divisão de Moçambique.

Neste contexto, Chichava (2018) sustenta que, de certa maneira, a UNAR representa um dos exemplos clássicos da negação de Moçambique tal como foi “fabricado” pelos portugueses, isto é, de um espaço não necessariamente vivido por todos os moçambicanos. A UNAR planejava reconstruir o Norte do Zambeze baseando-se em limites do império Marave e seus estados-satélite antes da colonização.

A ideia que funda a formação da UNAR põe ao lume as dificuldades que há em se falar de “uma nação moçambicana”. A confrontar essa posição, está o fato de que, ainda durante a guerra colonial, muitos moçambicanos do Norte e do Centro do país abandonaram a FRELIMO, acusando este movimento de ser “tribalista” e alegando que a FRELIMO pretendia eliminar o tribalismo e substituí-lo por outro tribalismo. Porém, devido à sua ideologia separatista, o movimento não teve apoio internacional, por isso não conseguiu sobreviver por longo tempo.

A UNAR e seus dirigentes não pararam por aí e fundaram outro movimento em 1976, com a sigla PRM. Chichava (2018) considera esse movimento como reencarnação da UNAR, que já tinha o propósito da independência nacional, diferentemente do primeiro. É assim que começam os movimentos antifrelimo e a primeira guerra civil em Moçambique. Mas, na realidade, a UNAR também queria combater o tribalismo da FRELIMO do Sul, em nome do UNAR tribal do norte do rio Zambeze.

A independência de Moçambique, em 25 de junho de 1975, foi vista pelo seu povo como um momento crucial e eufórico da nova história do país. A história nos é clara: para a elite revolucionária da Frente de Libertação de Moçambique, esse momento de transição constituía a vitória da luta pela libertação e o anseio por um futuro novo e brilhante.

Como marco da viragem, o novo gabinete constituído fez um anúncio popular de que “todos os vestígios de colonialismo e imperialismo seriam destruídos com o objetivo de eliminar o sistema de exploração do homem pelo homem e erigir as bases políticas, materiais, ideológicas, culturais e sociais da nova sociedade” (CABAÇO, 2007). Liderada por Samora Machel, o primeiro presidente com um carisma militar, já

que estava em seu punho o desafio de desenhar uma nova República, a Frelimo, enquanto governo, planejava implementar uma democracia popular com suas raízes fixadas no socialismo científico.

Com a independência, surgiram os enormes desafios que Moçambique e sua nova elite enfrentavam a cada dia. Esses desafios incluíram a escala de subdesenvolvimento de Moçambique, as divisões ideológicas que permaneceram ao longo do país e dentro do Partido-Frelimo, a introdução da cultura frelimista e a devastação pela desestabilização movida pela guerra civil do país com o pretexto de anticomunista. Este último era o maior desafio, origem e motivo de criação da RENAMO (guerra civil moçambicana entre a Frelimo e a Resistência Nacional Moçambicana-RENAMO).

O objeto de estudo da tese é a RENAMO. Em particular, o estudo da história da sua formação, desde o movimento de resistência armada até o partido político, partindo das circunstâncias e consequências das políticas estatais internas implementadas pelo governo da Frelimo pós-independência.

Para além do objetivo geral anunciado anteriormente, esta tese também visa a apresentar uma narrativa detalhada de modo a compreender as motivações que levaram à fundação da RENAMO, e por que *uma grande parte* da população de Centro e Norte de Moçambique abraçou o projeto da insurgência (movimento), partindo de uma construção do apoio externo. Desejamos compreender por que a população tinha o sentimento antifrelimo que contrasta à bandeira anticomunista defendida pela elite da RENAMO.

A redação da tese basear-se-á em ampla variedade de fontes, que incluem jornais, documentos dos arquivos do Zimbábue e de Moçambique e a tomada dos testemunhos dos antigos guerrilheiros da Resistência, que usaremos como fontes orais. Com esses últimos, queremos compreender o motivo da aderência à causa da guerrilha, se foi voluntário ou não, e o porquê da fidelidade à RENAMO.

No auge da independência nacional de Moçambique, Emerson (2014) elenca conspirações antigovernamentais, reais e imaginárias. Os contrarrevolucionários, os reacionários e os agentes estrangeiros aparentavam estar em todos os lugares apenas esperando para atacar. Eles claramente representavam uma grave ameaça à independência conquistada pela nação, na perspectiva do novo governo. Para piorar a situação, a Frelimo embarcou rapidamente num esforço ambicioso para rever todo o

tecido político, social e econômico da sociedade moçambicana, por meio da implementação de uma agenda socialista radical em todo o país.

Como forma de estancar essa realidade, a Frelimo emitiu um decreto indicando a implementação da Operação Limpeza, que visava a deter os chamados “agitadores, parasitas e marginais”, e mais tarde, em 1983, a Operação Produção, que foi apresentada como uma medida político-administrativa cuja função era eliminar os “parasitas sociais”.

Os campos de produção e reeducação eram vistos como espaços reservados para pôr o fim ao passado obscuro, tendo como objetivo transformar os moçambicanos no seu interior. Essas políticas administrativas geravam descontentamentos e ódio no seio da população.

Em relação ao surgimento da RENAMO, Pinto (2008), Cabrita (2000) e Robinson (2009) elencam que o movimento nasce, no terreno, no início de 1976, florescendo em 1977. Nasce de um conjunto de razões, circunstâncias, vontades, sentimentos e ressentimentos e de uma nova conjuntura geopolítica regional com a Rodésia, da UDI⁴ (Declaração Unilateral de Independência da Rodésia), desejosa de exercer represálias e de contrabalançar apoios à ZANU no território moçambicano. Surge também a partir do descontentamento de uma parte substancial da população rural, sobretudo do Centro-Norte do país, em relação às políticas socialistas da Frelimo e ao seu modo de execução. Surge ainda da resistência às perseguições contra os antigos soldados moçambicanos do exército português, especialmente aos GEs (Grupos Especiais) e GEPs (Grupos Especiais Pára-quedistas), forçados a esconderem-se e fugirem nas matas. E, por fim, origina-se do desejo de retaliação e de mudança de uma parte dos colonos que, entretanto, estavam refugiados na África do Sul. As narrativas indicam-nos que a estrutura foi reforçada por genuínos ativistas nacionalistas negros, moçambicanos brancos e portugueses, que se opuseram ao Estado da Frelimo por razões ideológicas ou financeiras, e colaboradores do antigo regime colonial.

Muitos pesquisadores e analistas que enfatizam o envolvimento de potências externas, principalmente Rodésia do Sul e África do Sul, tiveram o propósito de rejeitar o termo “guerra civil” para contrapor ao de “guerra de desestabilização”. O termo

⁴A Declaração Unilateral de Independência foi uma declaração aprovada pelo conselho de ministros da Rodésia em 11 de novembro de 1965, anunciando que a Rodésia, um território britânico no Sul da África que possuía autogoverno desde 1923, agora se proclamava um Estado soberano e independente.

“guerra civil” foi adotado quase no fim dos anos 1990, com a aprovação da segunda Constituição, a qual trouxe uma nova esfera política moçambicana.

Nesta Constituição, esses analistas recusavam-se a admitir que aquele movimento estava protagonizando a guerra anticomunista. Eles negavam a chamar a RENAMO pelo título ou sigla em português. Toda essa resistência e ignorância em aceitar que a RENAMO foi formada e liderada pelos moçambicanos era para dar consistência ao fato de que ela era uma criação dos estrangeiros.

Usavam seu título em inglês expandido ou a sigla MNR como um ponto de princípio político, reduzindo a RENAMO apenas a “bandidos armados”, “terroristas” ou, ocasionalmente, “MNR bandidos”, marionetes dos estrangeiros, recusando-se a reconhecer que o grupo tinha muita legitimidade política no seio da população rural.

Em nossas leituras, verificamos que Paul Fauvet (1985) e Alves Gomes (1986) são jornalistas que publicaram frequentemente artigos por meio das Agências de Notícias moçambicanas, com o objetivo de mostrar o progresso da revolução pós-independência em Moçambique. Nesse período, Allen e Barbara Isaacman (1991) também estavam preocupados em contrapor a ideia da origem da RENAMO e seus patrocinadores. Para esses últimos, a RENAMO não tinha projeto político nem pertencia aos moçambicanos. Eram um bando de assassinos sanguinários sem fé nem lei, semeadores do terror e da destruição em todo Moçambique.

Em relação a esse raciocínio, Christian Geffray (1991) explica que, como os jornalistas não puderam trabalhar no terreno, os órgãos de informação internacionais reproduzem a informação e as análises que correm nesses meios. Os próprios investigadores têm contribuído para consolidar esta visão da guerra. As raras “investigações” feitas até agora revelam as mesmas deficiências de informação, agravadas com uma certa ingenuidade propagandista. É verdade que tal imagem não é completamente falsa e que tem o mérito de sensibilizar, ocasionalmente, a opinião pública ocidental para o drama de milhões de pessoas.

Recentemente, contudo, novos estudos têm chamado a atenção para o início das percepções políticas da RENAMO mesmo antes do Acordo de Nkomati. Michel Cahen (2019) salienta que, “já em 1982, pode-se perceber a preocupação do Dhlakama na linhagem política da Renamo”.

No livro intitulado *Não Somos Bandidos. A vida diária de uma guerrilha de direita: a Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985)*, Cahen cita a

mensagem da Renamo do dia 8 de novembro de 1984, em que Dhlakama dizia para seus militares e militantes que:

os nossos políticos devem escrever nas paredes das casas nos prédios na cidade as palavras que fazem com que a Frelimo tenha medo, por exemplo: Viva a Renamo, viva o presidente da Renamo Afonso Dhlakama e abaixo Samora Mandevo, abaixo Frelimo comunista do Kremlin. Isso mostra a mudança que a Renamo já estava a imprimir na sua ideologia (CAHEN, 2019, p. 82).

Robinson (2006) escreve que, “após a crise que a RENAMO havia iniciado em Moçambique desde o início da guerra, em 1977, e a subsequente assinatura do Acordo de Nkomati com a África do Sul, em 1984”, surgem nas agências acadêmicas e de notícias um dilúvio de literatura produzida com foco na *Estratégia Total da África do Sul de desestabilização*.

Esses autores minaram toda a possibilidade de ver a RENAMO como um movimento associado aos projetos de Moçambique. A reprodução desse conhecimento estendeu-se até aos cinemas moçambicanos e o governo foi compulsivamente o dono da expansão dessa informação. Neste contexto, para compreender melhor a evolução da RENAMO, é importante dividi-la em três etapas.

O primeiro período estende-se desde a sua criação, em 1976, até 1984, “período da assinatura do Acordo de Nkomati, conhecido como acordo de boa vizinhança entre Moçambique de Samora Machel e África do Sul de Peter Botha” (MASBAHA, 1987, p. 231). Nesses primeiros sete anos, a resistência foi essencialmente conhecida como um instrumento desestabilizador de Moçambique e como bandidos armados. Nessa altura, tanto em Maputo como em outras cidades, os integrantes do movimento recebiam apelidos de *Matsanga*, *bandidos*, *chimuendje etc.*, alguns nomes que serviram para fomentar o discurso pelo qual a RENAMO era obra dos estrangeiros e usava nossos irmãos para devastar a economia e o desenvolvimento humano do país.

Com a fixação de toda liderança da RENAMO em Moçambique, os líderes tradicionais tornaram-se cartazes de visita da RENAMO e aliados especiais para todas as circunstâncias, inclusive para as necessidades logísticas, alimentícias e espirituais. A aliança foi condição *sine qua non* para a prospecção da guerrilha no que tange aos recursos humanos.

Aqui é importante ressaltar que, junto à história da fundação da RENAMO, devem estar as práticas coercivas das políticas do Homem Novo, como a ausência da

inclusão e incorporação da população para a escolha do modelo político, a implementação da ditadura militar e do sistema de partido único e centralizado, o hino nacional e a Constituição da República. Tudo era do Partido-Frelimo.

Nesse caso, a Frelimo não se preocupou em saber o que a população queria depois de alcançar a independência, porque, na verdade, a população moçambicana estava preocupada com a liberdade e não com a revolução que a Frelimo veio impor depois da independência. A ideia da revolução é uma reinvenção emanada pela Frelimo no âmbito da criação do Estado.

A revolução moçambicana floresceu com a implementação do sistema de partido único marxista-leninista, com a formação das aldeias comunais. Estas últimas, por exemplo, foram uma política considerada estratégica para a inserção do Estado nas zonas rurais, onde sobrevivia o chamado conservadorismo tradicional ou cultural por parte da população. Mas, para além dessa prática regimental, o aumento da ação do partido Frelimo não parou por aí. Todas as estruturas de governo eram emanadas e chanceladas na sede do partido, que se localizava em Maputo, capital e principal centro urbano.

O segundo período é situado de meados de 1984 até o final de 1989, em que os renamistas moçambicanos legitimaram seu poderio político e domínio total do movimento sob o comando de Afonso Dhlakama. Sem ajuda da África do Sul nem da antiga Rodésia do Sul, a guerrilha desencadeia uma nova forma de expandir a guerra e ocupa todo o território nacional. Nessa nova fase, a guerra tornou-se insustentável para o governo de Moçambique, pois começaram a existir bolsas de fome e epidemias e a economia entrou em colapso. É quando o governo começa a preocupar-se com como conseguir conversações com a liderança da guerrilha. Neste momento, o conflito passou a ser chamado de guerra civil. À época, a RENAMO recebia apoio total das populações das regiões Centro e Norte de Moçambique, onde a sua identidade política se fazia sentir.

As ideias divulgadas pela RENAMO eram de consenso da população e em prol da conservação das culturas, línguas locais e tradições étnicas tribais. Assim, os líderes tradicionais viram na RENAMO a recuperação do seu poder tradicional. Isso revelou o compromisso que o movimento tinha com a identidade moçambicana e a construção de um Estado inclusivo e moderno, contrariando o projeto do Homem Novo.

Geffray (1991) dá ênfase à alienação do campesinato de Moçambique pela implementação da Frelimo nas aldeias comunais, Operação Produção e marginalização

das autoridades tradicionais, com o intuito principal de que a RENAMO tivesse o controle da zona rural. Robinson (2006) desvaloriza a ideia de Geffray, afirmando que as reversões destas políticas não eram claramente reais, apenas “uma tática da RENAMO para obter o apoio local”. Para ele, nunca foram claramente articuladas como objetivos de organização, exceto, talvez obliquamente, sob os auspícios dos apelos à iniciativa privada e à extinção do “comunismo”. Mas, na verdade, a RENAMO soube capitalizar essa política e a usou de isca para ter muitos apoios e fortalecer seu capital militar.

Esse período ficou essencialmente marcado por dois aspectos. Primeiro, a transformação do movimento desestabilizador patrocinado por estrangeiros em um movimento armado autossustentável. Em nível ideológico/político, funda-se uma RENAMO com programa político que, no quadro da Guerra Fria, reclama por democracia multipartidária como *leitmotiv* da sua luta. Também foi nesse período que se intensificou a guerra, depois de as forças armadas da África do Sul terem feito os últimos abastecimentos em material bélico para a RENAMO.

A guerra alastra-se por todo o território nacional, a RENAMO chega a controlar dois terços do país, o movimento atinge “20 mil guerrilheiros” (OLIVEIRA, 2006) num país que tinha uma população de cerca de cinco milhões, e atingiu o recorde africano em números de guerrilheiros em relação aos outros rebeldes africanos. Isso preocupou a Frelimo, e a comunidade internacional começou a fomentar pressão pelo diálogo para chegar ao fim da guerra e alocar o regime político que o movimento propunha.

A morte de Samora Machel, em 19 de outubro de 1986, fez renascer uma nova maneira da convivência política. O diálogo com o governo de Joaquim Alberto Chissano rompia a ideia de Samora Machel, para quem a guerra se ganhava na base de combate e não pelo diálogo. O diálogo é aceitar que os inimigos da pátria têm razão ou venceram.

O papel das igrejas e do Zimbábue de Robert Mugabe na busca da paz consolida-se e os primeiros contatos são encetados. Primeiro com a África do Sul e, depois, por intermédio dos religiosos e dos governos queniano, tswana e malawiano.

O terceiro e último período estende-se entre o final de 1989 e outubro de 1992, também reconhecido como guerra civil, mas com outra dinâmica diplomática. Nessa época, a intensificação das ideias da busca da paz alastrou-se até a aprovação da segunda Constituição, de 1990, e uma transição imediata do socialismo para o

capitalismo, que surge em resposta à exigência da RENAMO e à situação geopolítica mundial, com a queda do muro de Berlim.

Todas essas articulações feitas no período foram para construir um governo moderno que poderia responder às diversidades culturais e étnicas de Moçambique, visto que o país tem mais de 24 grupos étnicos e 60 tribos, do Rovuma ao Maputo e do Zumbo ao Índico.

Quanto à abordagem metodológica da pesquisa, vale dizer que ela será qualitativa e quantitativa. A possibilidade de complementação dos dois modelos de método (quantitativo e qualitativo) demonstra que ambos podem ser integrados em um mesmo estudo. Essa integração é ressaltada pela análise de conteúdo, a qual é empregada nesta investigação para a interpretação das entrevistas realizadas, bem como dos documentos oficiais. Também para sua efetivação, foram usados os métodos críticos, que são constituídos por quatro operações, as quais são, heurística, crítica externa, crítica interna e hermenêutica, para integrar de uma forma mais clara a pesquisa quantitativa e qualitativa.

Posteriormente, trabalhar-se-á baseando-se nas fontes orais e documentais que relatam sobre a origem da insurgência (RENAMO) em Moçambique, entre 1976 a 1992, no que tange aos motivos da sua fundação, quem a fundou e por que a população endossou o apoio incondicional à guerrilha. Por conseguinte, compreender a importância da RENAMO na criação da identidade nacional e implantação da democracia multipartidária no então Moçambique.

A tese está estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, abordar-se-á a questão da *Historiografia sobre a origem da RENAMO e da insurgência*. Neste capítulo, objetivamos realizar uma construção historiográfica, baseando-nos em cruzamentos das fontes que envolvem discussões dos autores que trilharam o caminho para interpretar os fatores e motivos que levaram à criação da RENAMO e ao consequente desembocar da guerra, primeiramente na província de Manica, e, depois, por todo Moçambique. Este capítulo abre o debate no qual encontraremos as duas seguintes correntes: as interpretações da *war-by-proxy* e o revigoreamento da interpretação sobre a RENAMO. As duas correntes tentaram responder à questão: quais são as razões da formação da RENAMO e da guerra em Moçambique?

O segundo capítulo é intitulado *O projeto político da Rodésia: André Matsangaissa e a gênese da Resistência Nacional Moçambicana*. Neste, procurar-se-á compreender os contatos e contornos primários para a fundação da MINR-RNM-

RENAMO. Os estudos baseiam-se em documentos e textos disponibilizado por aqueles que direta e indiretamente participaram na fundação desse movimento. Aqui, trabalhamos muito com os discursos da elite do movimento e subsidiamos um pouco a análise com os depoimentos da guerrilha da base.

O terceiro capítulo está intitulado *A morte de André Matsangaissa e a independência da Rodésia (Zimbábue)*. Neste capítulo, procurar-se-á compreender a dinâmica política no seio da RENAMO após os dois eventos históricos no período compreendido entre 1979-1983, que consideramos como a segunda fase da transformação política da resistência. Primeiramente, esse período foi considerado como sóbrio por dois acontecimentos, a saber, a morte do comandante da guerrilha e a independência do Zimbábue.

O quarto capítulo chama-se *Em busca da história vista de baixo: a interpretação dos Shona que aderiram à RENAMO*. Os objetivos principais deste capítulo são explicitar o sentimento dos guerrilheiros e da população de base em relação à sua simpatia com o movimento, bem como explicar as causas e os motivos da revolta contra o seu próprio Estado. Pelas nossas pesquisas, percebemos que até 1977 a RENAMO já havia ampliado o seu campo de ação na província de Manica, ocupando quase todos os distritos. No mesmo ano, escalou a província de Sofala, em particular nos distritos de Chibabava, Gorongosa e Búzi, como poderemos ver na entrevista. Nestes territórios predomina a população de grupo étnico Shona, subtribos Ndaus, Tewes, Manyikezes, Mabarue e Mandies.

O quinto capítulo chama-se *Entre mambos, mudjibas, makamusi, xingondo e os recuperados*. O capítulo objetiva analisar como as relações sociais, políticas e culturais entre a guerrilha e a população na província de Manica estender-se-á para três distritos da província de Sofala, bem como suas relações comerciais com algumas empresas, sem deixar de lado o papel da Igreja Católica na guerra.

Posto isto, deve ser frisado que a pesquisa busca entender a RENAMO a partir da interpretação coletada em língua Shona e seus derivados. Acredita-se que, deste modo, poder-se-á trazer para o debate compreensões mais particulares e locais sobre este importante contexto étnico e regional e, com isso, estabelecer outros pontos de vista sobre a história contemporânea de Moçambique, em geral, e sobre os primeiros anos da guerra civil moçambicana, em particular.

Cabe realçar que esta tese não pretende analisar os contornos da guerra civil em Moçambique. Seu foco principal é o entendimento da população da etnia Shona e suas tribos sobre o referido conflito entre 1976 e 1987, suas causas e motivos de aderência.

Importar explicar que em alguns momentos nas nossas entrevistas houve muito silêncio por medo de represália. Por isso, deparamo-nos com entrevistas de trinta a sessenta minutos com apenas duas páginas na transcrição. Além disso, alguns de nossos entrevistados eram tímidos, sendo sempre necessário estímulos para que pudessem elaborar acerca de algumas coisas. Do contrário, limitavam-se a respostas de “sim” ou “não”, de uma forma fechada. Para além da represália, o silêncio também está associado à lealdade militar, ou, para os que não foram militares, lealdade ideológica.

1 A HISTORIOGRAFIA SOBRE A ORIGEM DA RENAMO E DA INSURGÊNCIA

Todos os movimentos sociais envolvem conflitos que se refletem em controvérsias intelectuais (Dewey 1976).

O presente capítulo objetiva realizar uma revisão historiográfica fundamentada no cruzamento e na discussão dos autores que trilharam o caminho para interpretar os fatores e motivos que levaram à criação da RENAMO e ao conseqüente desembocar da guerra, primeiramente na província de Manica, e, depois, por todo Moçambique.

No mesmo capítulo, apresentamos uma releitura das correntes em torno da história e da memória do surgimento da RENAMO a partir da análise do percurso das ideias do fenômeno geopolítico, da Guerra Fria e das relações étnico-culturais. Neste sentido, fizemos a seleção dos autores que trabalharam afincadamente sobre essa temática.

Além disso, neste capítulo, analisamos duas correntes que se debruçam sobre o assunto RENAMO e a sua insurgência. A primeira são as interpretações da *war-by-proxy* e a segunda é o revigoração da interpretação sobre a RENAMO. As duas correntes tentaram responder à questão: quais são as razões da formação da RENAMO e da guerra em Moçambique?

Essas duas correntes historiográficas que fundamentam a origem da RENAMO e da guerra civil em Moçambique dividem as motivações da criação da insurgência em muitos estratos e designações, como Guerra Fria; guerra imperialista contra um Estado socialista; guerra de sabotagem; ação de bandidos armados contra o povo. A ideia era de que a guerra civil brotou depois dos Acordos de Roma. Após esse período, o conflito passou a ser chamado de guerra pela democracia ou guerra dos 16 anos.

1.1 Interpretações da *war-by-proxy*

A presente seção objetiva analisar e elucidar uma interpretação clássica sobre a origem da RENAMO e seus patronos, baseada nos documentos da Frelimo. Uma interpretação que documenta a RENAMO como bandos de bandidos armados, pequenos mercenários, bando contrarrevolucionário a mando de países como a Rodésia e a África do Sul, para desestabilizar Moçambique. Nessa interpretação, esses indivíduos eram considerados como operadores da Rhodesian Special Air Service (SAS), chefiada pelo

major Dudley Coventry, ex-comandante da SAS, sob comando da Central Intelligence Organization (CIO).

Evidentemente, ao iniciarmos os debates teóricos sobre a RENAMO e as causas da insurgência em Moçambique, é necessário, primeiro, estarmos cientes de que nenhuma narrativa é totalmente objetiva. Essa é a natureza da história de modo geral, em que os espaços entre os fatos são preenchidos pelas interpretações do historiador, usando as fontes disponíveis. Assim, é reconhecida a necessária subjetividade deste texto e da nossa interpretação. A história da RENAMO é, por sua natureza, politicamente controversa e sem muita clareza no que tange aos verdadeiros fundadores. Neste sentido, nas interpretações da *war-by-proxy*, foram analisados os livros e artigos dos seguintes autores: Alex Vines (1995), Malyn Newitt (1995), João Ferro Dias (2008), William Minter (1995), José Freire Antunes (1996), Clin Darch (2018), David Alexander Robinson (2006), Stephen A. Emerson (2014) e J. Alexandre (1995). Esses autores usaram como fontes os documentos e discursos da elite da Frelimo para fazer face a sua interpretação do fenômeno RENAMO.

Nessas análises, não nos cabe questionar o porquê do uso das fontes oficiais do governo para dizer que essa versão é verdadeira, em um estudo histórico sobre o movimento de guerrilha opositor ao mesmo governo. Interessa-nos esclarecer que a seleção dos autores foi executada cuidadosamente, respeitando o objeto e o objetivo da seção; além de ressaltar que, desde o início, toda a lista de autores em uma revisão bibliográfica se apresenta como incompleta, dada a dimensão conflituosa e controversa da matéria em estudo.

Primeiramente, achou-se importante começar por expor os argumentos de Minter (1995), explícitos em seu artigo *Renamo: Terrorism in Mozambique by Alex Vines; La Cause des Armes au Mozambique: Anthropologie d'Une Guerre Civile by Christian Geffray*. No texto, o autor explica que a pesquisa de Vines ainda é, em primeiro lugar, aquela que procura detalhes bem documentados sobre os aspectos internos e externos do surgimento da RENAMO e da guerra.

No mesmo artigo, Minter nos fazer perceber que o estudo de Geffray é uma investigação pioneira da implantação, de uma maneira antropológica, dos métodos de controle da RENAMO em uma área local. Acerca desse último autor, iremos trabalhá-lo na segunda seção. Como pode-se ler em análise, Minter argumenta que:

Beginning with a brief account of Renamo's founding by Rhodesia and transfer to South African control in 1980, Vines organizes most of his book topically. Other international connections of Renamo are explored geographically, beginning in Portugal, Europe, and the USA, and extending to Malawi, Kenya, and other African countries. Then he takes up the “domestic dimension” with overviews of topics such as ideology, tactics, and the roles of religion. He concludes with a review of the beginning of the peace process, a topic he has continued to follow closely and recently surveyed in a briefing paper for the Catholic Institute for International Relations. Detailed footnotes, bibliography, and appendices including a list of almost one hundred names of figures associated with Renamo are useful⁵ resources⁶.

Citamos o trecho acima para referenciar que esse foi um dos pioneiros estudos detalhados sobre a origem da RENAMO como uma fonte de desestabilização em Moçambique.

A respeito da origem da RENAMO e da insurgência em Moçambique entre 1976 e 1992, um dos autores escolhidos e de relevância ímpar para essa seção é Malyn Newitt, com seu livro intitulado *História de Moçambique (1995)*. Essa obra estuda a história de Moçambique em seu todo, partindo do século XVI até o Moçambique contemporâneo. No capítulo vinte, o autor procura debruçar-se sobre os intentos políticos de Moçambique pós-independência, e nas últimas três seções, dedica-se especificamente a explicar o aparecimento da RENAMO, as causas do surgimento do movimento e suas ações no campo de combate. Os objetivos dos seus argumentos são mostrar que a RENAMO era um fantoche da Rodésia e das ex-colônias portuguesas, frustradas com a independência de Moçambique e, depois, da África do Sul.

José Freire Antunes, no seu livro *Jorge Jardim Agente Secreto (1996)*, procura vincar as figuras que fizeram face à criação da RENAMO. Lembrando que Jorge Jardim não fez parte dessa insurgência, afirmando que “não foi nada para Rodésia a mando do Jorge Jardim. Jorge Jardim abandonou os seus colaboradores, foi a vida dele”⁷. No livro, mostra que Orlando Cristiana ficou órfão de parceiro, o que o levou a procurar emprego de tradutor na Rodésia.

⁵ Iniciando com um breve relato sobre a fundação da RENAMO pela Rodésia e sua transferência para o controle da África do Sul em 1980, Vines organiza a maior parte de seu livro por tópicos. Outras conexões internacionais da RENAMO são exploradas geograficamente, começando em Portugal, Europa e EUA, e estendendo-se ao Malawi, Quênia e outros países africanos. Em seguida, ele dedica-se à “dimensão doméstica” com visões gerais de tópicos como ideologia, táticas e os papéis da religião. Ele conclui com uma revisão do início do processo de paz, um tópico que continuou a acompanhar de perto e recentemente pesquisado em um documento informativo para o Instituto Católico de Relações Internacionais. Notas de rodapé detalhadas, bibliografia e apêndices, incluindo uma lista de quase cem nomes de figuras associadas à RENAMO são recursos úteis (traduzindo pelo autor da tese, 2021).

⁶ (MINTER, 2016).

⁷ (ANTUNES, 1996, p. 603).

João Ferro Dias, no seu livro *Memórias de um combatente e a verdade sobre fundação da resistência nacional moçambicana* (2008), faz uma narrativa sobre os passos iniciais que foram estabelecidos até os primeiros dias da fundação da RENAMO, mencionando os oito homens que fizeram parte do desenho do então movimento de resistência em Moçambique. No pontapé final do livro, seu entrevistado Rodrigo Carlos Guedes, um português, caçador que se refugiou na Rodésia, depõe que “na verdade, nós tínhamos certeza de que deixamos o movimento em boas mãos”⁸. O objetivo desse livro era demonstrar quais são as figuras que criaram a RENAMO e como o processo começou. Além disso, o livro mostra que não foi a Rodésia que criou o movimento, mas, sim, os refugiados brancos moçambicanos que estavam na Rodésia sob ajuda de Pedro Rodrigues, brasileiro.

Segundo os argumentos de Malyn Newitt, no que tange ao surgimento da RENAMO, “nos quinze meses que decorreram entre a revolução portuguesa de 1974 e o içar da bandeira de Moçambique independente, registou-se uma série de tentativas no sentido de viabilizar um movimento de oposição à Frelimo”⁹. Essas tentativas resultaram na criação da MNR, mais tarde RENAMO.

É evidente nos escritos do autor a ideia de que, nos primeiros anos de sua criação, a RENAMO era apenas uma unidade militar de mercenários, um bando de bandidos armados que servia para desestabilizar o país. Newitt não dá nenhuma hipótese de existência de objetivos diferentes entre André Matsangaissa e os rodesianos¹⁰ no ato da formação da RENAMO. Ou seja, André Matsangaissa teria usado as ambições rodesianas para alimentar o seu projeto e sem nem se quer despertar a ideia de que a RENAMO se desenvolveu graças à má gestão da formação do Estado-Nação e da negação das realidades etnoculturais, pois, para o autor, “[o] governo de Ian Smith foi o primeiro a dar algum apoio aos moçambicanos dissidentes”¹¹.

Nos argumentos de uma RENAMO fantoche externa, Alex Vines é autor importantíssimo, pois valida o discurso da RENAMO desestabilizadora partindo da entrevista do primeiro comandante da RENAMO, André Matsangaissa, à rádio Voz da África Livre, em 1979, dizendo: “We are not interested in policy making [...] later we

⁸ (DIAS, 2008, p. 134).

⁹ NEWITT, 1995, p. 482

¹⁰ Descarta a ideia de envolvimento de Matsangaissa na criação e coloca a ideia de que ele foi usado pelos rodesianos.

¹¹ NEWITT, 1995, p. 482.

will have to work out politics but first communism must go from our country”¹². Tal discurso de Matsangaíssa é considerado por esse autor como uma arma primária para validar a ideia da RENAMO desestabilizadora sem projeto político.

Os estudos de Cole associam-se aos argumentos de Vines e Newitt. Cole explica que:

It is well established that Renamo was created in the context of operations against Zimbabwean rebels by Rhodesian authorities and Mozambican nationalists to “conduct a psychological and clandestine campaign against the Marxist Mozambican government – and create a sufficiently strong opposition to challenge the existing authority”, but Renamo’s specific self-stated aims evolved throughout the duration of the war¹³.

Da mesma forma, João Ferro Dias (2008) escreve o livro intitulado *Memórias de um combatente e a verdade sobre a fundação da Resistência Nacional Moçambicana*. Neste livro, Dias descreve as memórias de Rodrigo Carlos Guedes, que fez parte da fundação da RENAMO. Os depoimentos Guedes explicam com detalhes a trajetória da formação da RENAMO. Por isso, nesta seção e na tese em geral, as memórias de Rodrigues Carlos Guedes são significativas, considerando que o enfoque do autor e o seu objetivo são explicar sobre as personagens da raça branca que deram origem ao movimento de que ele fazia parte.

Estas memórias são menos citadas nas pesquisas sobre a RENAMO. Elas constituem um mosaico de fontes contendo os primeiros panfletos e as primeiras pessoas que injetaram contatos na arquitetura da guerrilha. No livro, Rodrigo Carlos Guedes explica que:

Numa manhã de agosto de 1976, recebo uma chamada telefônica em minha casa. Do outro lado da linha, um companheiro ao qual eu tinha perdido o rosto, o bravo Pedro Rodrigues, o brasileiro. [...] Alô, cara, preciso de falar com você. [...] me contactou passando mais de um ano em que nada soube dele [...] Marcámos um encontro nesse mesmo dia, num local discreto. [...] Em poucos minutos, logo convergimos para um pensamento comum: Moçambique. Era preciso agitar as águas, mostrar à Frelimo que havia parte significativa do povo que pretendia demonstrar a sua mais veemente oposição perante o radicalismo de Samora Machel e as suas desastrosas políticas de inspiração socialista¹⁴.

¹² COLE, 1984, p. 243

¹³ Está bem estabelecido que a RENAMO foi criada no contexto de operações contra rebeldes do Zimbábue por autoridades rodesianas e nacionalistas moçambicanos para “conduzir uma campanha psicológica e clandestina contra o governo marxista de Moçambique – e criar uma oposição suficientemente forte para desafiar a autoridade existente”. Mas os objetivos autodeclarados específicos da RENAMO evoluíram ao longo da duração da guerra. (tradução livre do autor) (COLE, 1984, p. 243).

¹⁴ DIAS, 2008, p. 132-134.

Nos seus depoimentos, o português Rodrigo Carlos Guedes aponta que, ao mediar a criação da RENAMO, o objetivo era “agitar as águas, mostrar à Frelimo que havia uma parte significativa do povo que pretendia demonstrar a sua mais veemente oposição perante o radicalismo de Samora Machel”¹⁵. Como exposto, Rodrigo Carlos Guedes intitula-se cofundador da RENAMO, aquele que estabeleceu o elo entre os brancos descontentes da antiga colônia moçambicana com os rodesianos prontos a colaborar para criação de uma contrainsurgência aos nacionalistas de Robert Mugabe, presidente da União Nacional Africana do Zimbábue (ZANU), e seu braço militar, Exército Africano da Liberação Nacional de Zimbábue (ZANLA), e Joshua Nkomo, presidente da União Popular Africana do Zimbábue (ZAPU), e seu braço militar, Exército Revolucionário Popular do Zimbábue (ZIPRA).

O que chama atenção nesse livro é o fato de Rodrigo Carlos Guedes, em todos seus argumentos, mencionar Pedro Rodrigues, o brasileiro, como principal mentor da ideia da criação da insurgência em Moçambique. Enquanto em nenhum momento Jorge Jardim é mencionado. No desenrolar do livro de memória, Rodrigo Carlos Guedes testemunha que:

Fomos nós os plantadores da semente, ainda que ela tenha germinado já com outras mãos, de bravos lutadores que souberam – e bem – dar seguimento a o que tínhamos iniciado, atalhando com mérito o caminho para essa desejada liberdade.¹⁶

Trazemos esses depoimentos para conectar com a ideia de Malyn Newitt de que a RENAMO é uma razão da manipulação, isto é, é oriunda dos fatores externos apontando, assim, os governos da minoria branca da Rodésia e da África do Sul, coadjuvado pelos imigrantes portugueses da Rodésia, devido à independência de Moçambique, isto é,

[a]queles que estavam mais envolvidos na oposição à FRELIMO fugiram para estrangeiro levando consigo uma determinação de sabotagem do novo regime. O governo de Ian Smith foi o primeiro a dar algum apoio aos moçambicanos dissidentes.¹⁷

Os argumentos acima citados remetem às motivações que impulsionaram esses moçambicanos dissidentes. Contudo, a questão é: qual seria a razão que levou o

¹⁵ DIAS, 2008, p. 134.

¹⁶ Idem, 2008, p. 152.

¹⁷ Idem, 1995, p. 482.

Rodrigues Carlos Guedes a unir-se com o Póvoa, Manuel Godinho, Rui Silva, Zeca Oliveira e Graciano e Silva para fundar a oposição ao socialismo da Frelimo?

A resposta para esta questão encontramos no livro de João Ferro Dias, *Memórias de um combatente e a verdade sobre a fundação da resistência nacional moçambicana*. Nessa obra, Rodrigues Carlos Guedes afirma que Samora Machel, “[p]or onde passava, incendiava os ânimos da população, instigando a revolta contra a comunidade branca, em especial contra os portugueses, enquanto que, na capital, o “fantoche” Joaquim Chissano prometia segurança a todos os brancos que aceitassem ficar”¹⁸. Segundo Dias (2008), Guedes sustenta a sua aliança na criação da insurgência, apontando que:

“[p]ercebia-se que Machel tinha um único objectivo: eliminar todos os possíveis adversários, instaurar um regime de partido único e não prestar as contas a ninguém. No fundo, transformar Moçambique no seu feudo pessoal, já que conseguira, de forma obscura, manietar todas as figuras de proa da Frelimo, ao ponto de se tornar líder incontestado e sem oponentes capazes de lhe fazer qualquer tipo de sombra”¹⁹.

Para além dos autores, os jornais nacionais também divulgavam a ideia de uma RENAMO contrarrevolucionária, como podemos ver na matéria do *Jornal Tempo*, do dia 12 de agosto de 1981, que menciona que:

Cinco indivíduos, que ocupavam posições importantes na autodenominada Resistência Nacional Moçambicana, foram há dias apresentados a informação, em Maputo depois de fugirem daqueles bandos de contrarrevolucionários... Nas declarações que nos prestaram, eles falaram sobre a origem e natureza da autointitulada Resistência, também chamada, África Livre, grupo composto, na sua maior parte, por antigos Pides e outros inimigos do povo, inspirado e criado após independência do nosso País, pelo regime ilegal da então Rodésia Sul. Frisaram que, depois da independência do Zimbábwe, os grupos de contrarrevolucionários passaram a receber apoio material, logístico e moral da república sul-africana²⁰.

Os argumentos de Malyn Newitt estão associados a esse material e aos depoimentos de Guedes de que “Pedro sugere-me que contacte os meus superiores para que apoiassem uma incursão furtiva em terras moçambicanas”²¹. Apesar dos escritos de Newitt serem anteriores aos de João Ferro Dias, no nosso entendimento, fica claro que, indiretamente, Newitt apoia-se nesses tipos de depoimentos para enriquecer a sua tese na qual a “RENAMO é uma razão da manipulação, isto é, é oriunda dos fatores externos”²², partindo pela premissa de que:

¹⁸ DIAS, 2008, p. 134.

¹⁹ Idem, p. 134.

²⁰ JORNAL TEMPO, 12 de agosto de 1981.

²¹ Idem, p. 135.

²² NEWITT, 1995, p. 482.

Jorge Jardim e seu agente Orlando Cristina terão fugido com alguns processos da DGS e ajudado os rodesianos a fundar a RENAMO, recrutando elementos das unidades militares e paramilitares negras que haviam combatido para os Portugueses. Sob o controlo firme da organização de segurança rodesiana, a Renamo desenvolveu-se primeiro como uma unidade militar e não como um movimento político. Foi incumbida de chefiar ataques a Moçambique que cortassem as comunicações, desviassem a atenção do governo e agissem em auxílio das forças rodesianas em operações especiais contra as guerrilhas da ZANLA. Nesta conformidade, as forças da Renamo ajudaram os rodesianos no seu ataque de comandos aos depósitos de petróleo da Beira, em março de 1975²³.

Geralmente, pode-se reconhecer que “até 1986, houve indícios de que a Renamo estava sob o controlo dos estrangeiros”²⁴. Essa afirmação encontra seu suporte nas teses de Rodrigues Carlos Guedes, de acordo com Dias (2008), na qual afirma-se que a Renamo é oriunda dos oito homens, os quais são: Pedro Rodrigues, Póvoa, Manuel Godinho, Rui Silva, Zeca Oliveira e Graciano e Silva. Nesta lista, não aparece o nome de Jorge Jardim como indicam várias vezes Newitt e Vines. No mesmo livro, André Matsangaissa é citado como homem forte que podia trabalhar lado a lado com Pedro Rodrigues na linha de frente.

Para além da Rodésia como país anfitrião, a lista de países em que o movimento tinha seus escritórios era longa. A Renamo tinha escritórios de representação em quase todos os continentes, mas isso não simboliza ser um movimento com relações internacionais muito fortes. Esses escritórios, em sua maioria, eram chefiados pelos moçambicanos que viviam a diáspora e simpatizavam com o movimento. Vines ressalta que “RENAMO’s Heidelberg office, however, obtained the major part of its support from west Germany right-wing sympathizers and the large community of Portuguese migrant laborers in west Germany. Many of these are originally from Mozambique”²⁵.

Acreditamos que Vines fez um dos grandes estudos baseando-se nos documentos da Frelimo para tentar esclarecer os mentores da fundação da RENAMO. O seu livro, para além de querer esclarecer a espinha dorsal do surgimento da RENAMO, também tinha como objetivo elucidar as causas do surgimento da insurgência em Moçambique.

²³NEWITT, 1995, p. 482.

²⁴ Idem, 1995, p. 486.

²⁵ O escritório da RENAMO em Heidelberg, no entanto, obtinha a maior parte do seu apoio de simpatizantes da direita da Alemanha Ocidental e da grande comunidade de trabalhadores migrantes portugueses na Alemanha Ocidental. Muitos deles são originalmente de moçambicanos. (tradução livre do autor) VINES, 1991, p. 41.

De acordo com Alexander, sob o controle firme da organização de segurança rodesiana, “a RENAMO desenvolveu-se primeiro como uma unidade militar e não como um movimento político nesse ano”²⁶. Isso quer dizer que o movimento não possuía uma ideologia claramente definida. Neste contexto, Newitt afirma que:

Quando a RENAMO foi concebida na sua totalidade, era uma unidade militar e não um movimento político, e foi delegada para dirigir os ataques a Moçambique, a fim de que cortassem as comunicações, desviassem a atenção do governo e agissem em auxílio das forças rodesianas em operações especiais contra a guerrilha dos nacionalistas zimbabueanos²⁷.

Como prova disto, foram registrados bombardeamentos nas zonas fronteiriças onde os guerrilheiros zimbabuanos tinham as suas bases: na zona de Tembué, nos arredores da cidade de Chimoio, em Gundungui, no distrito de Manica, e em Nhadzonia, no distrito de Barue. Para Newitt, “a RENAMO nunca foi um movimento político coerente, e os líderes, como Dhlakama, que compareceram na mesa das negociações por certo não possuíam grande autoridade sobre os bandos de guerras ativos no interior”²⁸.

No mesmo livro anteriormente mencionado, Newitt sentencia que “o núcleo de liderança da RENAMO é derivado de membros frustrados ou desiludidos da FRELIMO que não conseguiram progredir o suficiente com as suas ambições dentro do partido”²⁹. Em outras palavras, para ele, o banditismo da região central está conectado com a história desde a época colonial: “ao sul do Zambeze, os shonas, tsongas e agunes patrilineares tiveram dificuldade em manter grandes chefias em virtude de inadequabilidade de grande parte das terras baixas de Moçambique para a criação de gado”³⁰. Nestas circunstâncias, as formas de banditismo tornaram-se endêmicas.

Em suas pesquisas, Vines explica que “Portuguese former residents of mozambique living in other countries are also known to be sympathetic to Renamo. Such communities in West Germany, France, Malawi, Australia, and, more importantly, in Brazil and South Africa have in the past given Renamo assistance”³¹. De acordo com

²⁶ALEXANDER, 1997, p. 8.

²⁷ NEWITT, 1995, p. 482.

²⁸ Idem, p. 491.

²⁹ Ibidem.

³⁰ NEWITT, p. 490.

³¹ Os portugueses, ex-residentes de Moçambique, vivendo em outros países, também são conhecidos por simpatizarem com a RENAMO. Essas comunidades na Alemanha Ocidental, na França, na Malawi, na Austrália e, mais importante, no Brasil e na África do Sul tiveram no passado assistência da RENAMO. (tradução livre do autor) VINES, 1991, p. 39.

Ferrão, “MINR teve apoio dos senadores da direita dos EUA”³². Já em relação aos comentários de Robinson (2006), a “RENAMO was a conduit for multiple and competing agendas that could for the most part agree on a strategy of rural insurgency to achieve their aims”³³. Para além de R.S.A. Portugal, EUA, Rodésia e Malawi, como apoiadores da evolução internacional do movimento, Vines (1991) mostra que:

The evolution of the Renamo office in West Germany mirrors that of its representation in Portugal. It began as a spin-off from Dhlakama’s European, tour in 1980. Based in Heidelberg for much of the time it was closely associated with Evo Fernandes, operating initially through sympathetic individuals, particularly Professor Werner Kaltefleiter and former student, then colleague, Andre Thomashausen³⁴.

No mesmo livro, Vines (1991) indica que “formal RENAMO representation in West Germany began in November 1983 with the appointment of João Rajabo da Costa as representative. The decision was made during Dhlakama’s visit to West Germany that month”³⁵.

Essas representações estavam no âmbito da criação da política externa e interna consolidada, buscando conceber um projeto político compacto e manter o patrocínio internacional. Quanto à criação do programa político da RENAMO no seu Primeiro Congresso, essa estratégia estava inserida, inicialmente, em apagar os nomes de bandidos armados, atribuídos pelas mídias e pelo governo de Moçambique, para criar uma RENAMO política. Do mesmo modo, a elite do movimento estava preocupada em criar uma RENAMO na cidade com um propósito político, ou seja, mostrar que o movimento lutava contra o marxismo, e que era uma alternativa política para Moçambique. Assim, o seu primeiro programa político defendia:

- A criação de um estado democrático multipartidário e uma economia livre baseada na iniciativa privada;

³² FERRÃO, 2002, p. 46.

³³ A RENAMO era um canal para agendas múltiplas e concorrentes que podiam, na maior parte, concordar com uma estratégia de insurgência rural para atingir os seus objetivos. (tradução livre do autor) ROBINSON, 2006, p. 55.

³⁴ A evolução do escritório da RENAMO, na Alemanha Ocidental, espelha a da sua representante em Portugal. Começou como um spin-off da digressão europeia de Dhlakama, em 1980. Radicado em Heidelberg durante grande parte do tempo, foi intimamente associado a Evo Fernandes, operando inicialmente através de indivíduos solidários, em particular, o professor Werner Kaltefleiter e o ex-estudante e então colega André Thomashausen. (tradução livre do autor) VINES, 1991, p. 39-40.

³⁵ A representação formal da RENAMO na Alemanha Ocidental começou em novembro de 1983 com a nomeação de João Rajabo da Costa como representante. A decisão foi tomada durante a visita de Dhlakama à Alemanha Ocidental naquele mês. (Tradução livre do autor) VINES, 1991, p. 40.

- Um estado que respeita os direitos do homem, onde todos os cidadãos são iguais perante a lei;
- A existência de sistemas de saúde públicos e privados e educação que ajudem os desfavorecidos;
- O Estado como fiador da infraestrutura econômica;
- Submissão dos militares ao establishment político e o desmantelamento imediato dos instrumentos de supressão dos direitos dos cidadãos;
- Respeito pelas organizações internacionais e relações internacionais baseadas em respeito mútuo e não ingerência; e,
- Uma assembleia livremente eleita para aprovar uma nova constituição baseada nos princípios da democracia política e econômica e no respeito pelos direitos de seus cidadãos.

Os estudos de Robinson indicam que “Vines notes that this program was predominantly created as propagandas for RENAMO’S external offices to gain international support, and that in practice the rebels made little attempt to justify its actions to the civilian populations under its control”³⁶.

De acordo com Vines (1991), “the aims listed above are more like those of a western-style, modernizing, nationally-orientated political party, rather than that of a peasant’s movement to protect traditional authorities, religions and farming practices”³⁷. Nos mesmos estudos, Robinson (2006) ainda continua afirmando que:

“while FRELIMO supporters such as Paul Fauvet always maintained that RENAMO had no aims other than strategic destabilisation on behalf of the South African military, even more moderate analysts such as Alex Vines maintain that RENAMO’S agenda did not extend beyond”³⁸.

De acordo com Vines (1991), esse objetivo não chegou além porque “political ideology does not appear to play an important role within internal Renamo [...] What

³⁶ Observa que este programa foi predominantemente criado como propagandas para os escritórios externos da RENAMO para obter apoio internacional e que, na prática, os rebeldes fizeram poucas tentativas para justificar as suas ações às populações civis sob o seu controle”. (tradução livre do autor) ROBINSON, 2006, p. 55.

³⁷ “Os objetivos listados acima são mais parecidos com os de um partido político de estilo ocidental, modernizador e de orientação nacional, do que com os de um movimento camponês para proteger as autoridades tradicionais, religiões e práticas agrícolas”. (Tradução livre do autor) ROBINSON, 2006, p. 55.

³⁸ Enquanto apoiadores da FRELIMO, como Paul Fauvet, sempre sustentaram que a RENAMO não tinha outros objetivos senão a desestabilização estratégica em nome dos militares sul-africanos, mesmo analistas mais moderados, como Alex Vines, mantêm que a agenda da RENAMO não se estendia além. (Tradução livre do autor) ROBINSON, 2006, p. 56.

unites Renamo is the desire for power”³⁹. No seu livro a *História de Moçambique*, Newitt (1995) conclui que “[a] destruição selvagem causada pela Renamo pode ser vista apenas como uma consequência do desejo cínico da África do Sul de desestabilizar o seu vizinho e reduzir a impotência o governo radical da Frelimo, que tantas vezes manifestara o seu apoio ao ANC”⁴⁰. Nas suas explicações, Newitt (1995) não aceita nenhuma hipótese contrária à de que,

de uma forma algo destorcida, a RENAMO é vista como um movimento de protesto que abarcava as queixas camponesas, das autoridades tradicionais, dos grupos étnico e religiosos e mesmo, de uma forma mais geral, “dos jovens”. É até apresentado como um porta-estandarte do capitalismo, do cristianismo renascido e do “Ocidente”⁴¹.

Nesta linha de abordagem, o autor não concorda com a ideia da RENAMO anticomunista e amarra a sua tese final sentenciando que:

Foi profundamente injusta a sugestão de que parte do êxito da RENAMO se poderia atribuir às condições internas em Moçambique e até à própria política da FRELIMO em relação ao campesinato, uma vez que desviou a indignação internacional da intervenção da África do Sul na origem de catástrofe, mas parece que estas alegações obrigaram a FRELIMO a reavaliar as suas políticas⁴².

As narrativas historiográficas que apresentamos atribuem causas externas como epicentro da criação da RENAMO e do progresso da guerra civil em Moçambique.

RENAMO was still, to all intents and purposes, only a Rhodesian, anti-frelimo, fifth column operating in Mozambique. It relied entirely on Rhodesian aid for survival. It frequently operated as part of the operations of the Selous scouts or other branches of the Rhodesian security forces⁴³.

Como notas de considerações finais da seção, é importante destacar que Vines, Newitt, Alexander e outros não concordam com a ideia de que o programa político divulgado pela RENAMO seja uma legitimação política. Na verdade, esses autores observam que este programa foi criado predominantemente como propaganda para os escritórios externos da RENAMO, para obter apoio internacional, e que, na prática, os

³⁹ A ideologia política não parece desempenhar um papel importante dentro da RENAMO interna [...]. O que une a RENAMO é o desejo de poder. (Tradução livre do autor) VINES, 1991, p. 78.

⁴⁰ NEWITT, 1995, p. 490.

⁴¹ Idem, 1995. p. 490.

⁴² Idem, 1995. p. 491.

⁴³ A RENAMO era ainda, para todos os efeitos e propósitos, apenas uma quinta coluna rodesiana antifrelimo a operar em Moçambique. Dependia inteiramente da ajuda rodesiana para sobreviver. Frequentemente, operava como parte das operações dos batedores Selous ou outros ramos das forças de segurança da Rodésia. (Tradução livre do autor) VINES, 1991, p. 79

rebeldes fizeram poucas tentativas de justificar suas ações para as populações civis sob seu controle.

Na verdade, esses autores não fizeram um estudo antropológico da base. É neste ponto que esta tese pretende contribuir para um debate acadêmico. Apenas a título de rápido exemplo, refira-se que, em nossas entrevistas, os guerrilheiros que não faziam parte da elite desconheciam a existência da África do Sul e dos brancos nas bases da guerrilha, assim como reafirmavam que em nenhum momento foram treinados pelos brancos. Nosso entrevistado Tendai (06.04.2021) afirma, sobre André: “Hummm... eu não vi brancos nas nossas bases, não sei se no dia em que veio nos visitar não andou com os brancos. Não sei se André andava com brancos”.⁴⁴ Na mesma linha, nosso entrevistado reafirma que “minha instrução militar não foi com brancos, foram pretos, não tinha brancos nas nossas bases de instrução”.⁴⁵ Quanto à ideia de que os brancos é que davam as ordens, nossa entrevistada Netsai, que desempenhava função de enfermeira na população e na guerrilha, depõe que: “nunca vi, as ordens e táticas eram dadas pelos nossos chefes locais, nenhum branco”⁴⁶.

Nesta senda, nosso entrevistado Zondai Nyasha (05.04.2021) partilha um acontecimento em Guro, em 1982, distrito que faz fronteira com a província de Tete:

O comandante Bobo, quando chegou lá para trabalhar, todo mundo começou a dizer “veio branco” e queria o pegar-lhe a mão, para depois lhe linchar ou espancá-lo. Mas, na verdade, ele é moçambicano e não é branco, é apenas um mulato. Toda a população começou a dizer que “veio branco”, porque lá no mato os mulatos também são chamados de brancos. A população ficou muito contra e acabamos por trabalhar com Elias, conhecido por *Kangai Mbeu Kulima Kwaramba*. Trabalhamos com ele até em 1983, aquele ano em que teve muita fome⁴⁷.

No caso de ver brancos nas bases, Simão Manuel Mupinda explica que “eles vinham só na calada da noite, só traziam material e não davam nenhuma ordem. Às vezes o avião voltava duas vezes, ninguém conversava com eles. Eles conversavam com chefes só”⁴⁸.

⁴⁴ Hummm... Hadizi kubomuona neazungu, não sei kuti pakauya kutizitariko ana hake kufamba neazungu. Hapeno kuti André waifamba ne azungu. (Tradução livre do autor) Entrevista com Tendai, 06.04.2021.

⁴⁵ Hadina kutrenarwi ne azungu, nada, wanhu watema kwanga kusina wazungu. (Tradução livre do autor). Entrevista com Tendai, 06.04.2021.

⁴⁶Entrevista com Netsai 03.03. 2021

⁴⁷Entrevista com Nyasha 05.04.2021

⁴⁸Entrevista com Mupinda, 07. 04. 2021

As bases referenciadas pelo Tendai são de Makoka e Sitautonge, em Mossurize. Questionado se depois das instruções militares viram os brancos aproximarem-se das suas bases, Zondai (06.04.2021) responde que:

Hummm! Nunca os vimos, só chegaram os russos de Samora Machel em 1986 para nos bombardear. E os cubanos com armas que saíam nas mãos da Frelimo, chegavam e nos mentiam que eram caçadores enquanto estavam a mando de Samora.⁴⁹

Nessa corrente, existem muitas diferenças nos argumentos sobre os mentores da RENAMO e o seu embrião. O livro de João Ferro Dias, que sintetiza os depoimentos de Rodrigues Carlos Guedes, o qual nunca citou Jorge Jardim como principal mentor da RENAMO, menciona outras figuras, como Pedro Rodrigues, mostrando que este foi o primeiro a lhe contactar para arquitetar as formas de criação do então movimento rebelde RENAMO, além de sublinhar que foram eles que contactaram os rodesianos.

Vines e Newitt têm uma visão histórica comum de que Jorge Jardim e outros elementos descontentes fugiram para a Rodésia e, juntos com os rodesianos, formaram a RENAMO. Isto é, podemos encontrar nos argumentos de Vines que as políticas lançadas pela RENAMO nos seus programas foram articuladas com objetivos de organização. É imperioso lembrar que Rodrigues Carlos Guedes fez parte dos fundadores da RENAMO e que seus argumentos são de extrema importância, porque fazem parte da memória de um combatente.

1.2 O revigoramento da interpretação sobre a RENAMO

Esta seção tem como objetivo mostrar o revigoramento da interpretação sobre a RENAMO. Como é comum na historiografia, muitos dos autores que descreveram as origens e atividades da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) reiteraram a ausência de um projeto político específico, apelidando-a como apenas bandidos armados empenhados na desestabilização do país.

A nova visão da interpretação historiográfica sobre a gênese da RENAMO e da guerra em Moçambique é baseada em estudos antropológicos realizados por Cristian Geffray (1991), no distrito de Erati, na província de Nampula. Temos também estudos baseados integralmente em documentos oficiais da Frelimo, das sedes distritais da província da Zambézia, por Sergio Chichava (2018), e, finalmente, o recente estudo

⁴⁹Nada tanga tisika oni, so wakasvika wa samora muna 1986 ma Russo wakati bombardeiar. Makubano echibva mumanja ma Frelimo, wakana samora watinyepera kutitiri ma buchi man enquanto muna pfuti. (Tradução livre do autor) Entrevista com Zondai, 05.04. 2021

baseado em documentos oficiais da RENAMO (*Cadernos da Gorongosa*), por Michel Cahen (2019).

Os estudos realizados por estes autores mostram que o sentimento antifrelimo iniciou no auge da luta de libertação nacional, e o sentimento anticomunista surgiu depois de alguns meses da independência nacional, quando alguns integrantes da Frelimo se sentiram oprimidos.

É importante destacarmos que o livro “*Não somos bandidos*”: *a vida diária de uma guerrilha de direita: a Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985)* é um estudo inédito para compreender dia a dia dos guerrilheiros do movimento, pois, pela primeira vez, esta organização é estudada a partir de uma documentação interna. A RENAMO vista e escrita pela sua elite.

No livro, Cahen desafia o pensamento hegemônico que, segundo ele, seria francamente favorável à Frelimo, ao negar a dimensão política das ações da RENAMO, classificando-as como expressões dos interesses dos regimes racistas da África do Sul e da Rodésia, ou como mera ação de bandidos armados. Sua obra busca estabelecer outra visão. Neste livro, Cahen foca muito as questões socioculturais como motor da fundação da RENAMO e seu sucesso na expansão e nos recursos humanos no período da guerra.

No desenvolvimento da seção, traremos os comentários de Marçal de Menezes Paredes, publicados em inglês, e os comentários de Juvenal de Carvalho Conceição, publicados em português. Nesses dois comentários, notaremos a literatura conservadora de Juvenal de Carvalho Conceição e a literatura moderada de Marçal de Menezes Paredes.

Os comentários de Marçal de Menezes Paredes, no seu resumo intitulado *Michel Cahen. Não Somos Bandidos: A vida diária de uma guerrilha de direita; A Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985)*, publicado em 2020, associam-se à ideia de que “Rather than a constellation of armed banditries, RENAMO was an ultra-centralized and highly bureaucratized commoner guerrilla movement with political and military objectives. Renamo had strong social roots gathering a multiplicity of marginalized social actors connected to the rural rejection of the Unity Party Frelimo’s state’s authoritarian modernization process”⁵⁰.

⁵⁰ Em vez de uma constelação de bandidos armados, a RENAMO era um movimento guerrilheiro plebeu ultracentralizado e altamente burocratizado com objetivos políticos e militares. A RENAMO tinha fortes raízes sociais, reunindo uma multiplicidade de atores sociais marginalizados ligados à rejeição rural do

Essas teses também se encontram na nova interpretação de Michel Cahen. Por sua vez, Juvenal de Carvalho Conceição mostra um ceticismo quanto à imparcialidade de Cahen e questiona se este não inverte o sinal, tentando construir uma literatura favorável à RENAMO, ou se conseguiu atingir o devido distanciamento.⁵¹ Esse questionamento ainda não tem resposta de Michel Cahen (2019), mas podemos afirmar que ele, nas suas primeiras publicações, era parcial à Frelimo e defendia a ideia da RENAMO como instrumentos da desestabilização.

Uma das primeiras pesquisas que se baseou em estudos antropológicos sem muita visibilidade e expressão no mundo acadêmico foi a de Sibyl W. Cline, publicada em livro, cujo título é “RENAMO em defesa da democracia em Moçambique” (1989). O autor argumenta que:

A RENAMO foi formada por moçambicanos, muitos dos quais membros de FRELIMO, que ficaram alarmados e descontentes com a tendência da FRELIMO para o marxismo. Com o auxílio do Serviço Aéreo Especial da Rodésia, aproximadamente 800 homens estavam prontos para a luta por alturas de 1979⁵².

Na mesma linha, torna-se imperioso citar os argumentos de Pinto, em seu livro *Jogo dos africanos* (2008), no qual o autor faz uma historiografia do nascimento da RENAMO, em Moçambique, e da Unita, em Angola. Pinto afirma que:

A RENAMO nasce, no terreno, em princípios de 1977. E nasce de um conjunto de razões, circunstâncias, vontades, sentimentos e ressentimentos. Nasce da nova conjuntura geopolítica regional, com a Rodésia da UDI desejosa de exercer represálias e de contrabalançar santuários e apoios para a ZANU-PF no território moçambicano. Nasce também do descontentamento de uma parte substancial da população rural, sobretudo, do Centro-Norte do país, em relação às políticas socialistas da FRELIMO e ao seu modo de execução. Nasce ainda da resistência às perseguições contra os antigos soldados moçambicanos do exército português, especialmente aos GEs (Grupos Especiais) e GEPs (Grupos Especiais Para-quedistas), forçados a esconderem-se e a fugir para as matas⁵³.

Apesar das advertências iniciais do autor em concordar em parte com as colocações clássicas sobre a RENAMO dos rodesianos e sul-africanos (externa), a impressão que fica é de que Pinto também compartilha a ideia de que a RENAMO

processo de modernização autoritária do estado da FRELIMO do partido unitário. (Tradução livre do autor) (PAREDES, 2020, p. 2).

⁵¹ CONCEIÇÃO, 2020, p. 445.

⁵² CELINE, 1989, p. 21.

⁵³ PINTO, 2008, p. 215.

“nasce, por fim, do desejo de retaliação e de mudança de uma parte dos colonos, entretanto, refugiados na África do Sul”⁵⁴. Os estudos de Cahen, publicados em livro, em 2019, parecem-nos tentar responder à afirmação anteriormente citada de Pinto, explicando que “o exército sul-africano, ao contrário do apoio à UNITA, nunca apoiou a RENAMO: foi tarefa dos serviços secretos, uma ‘guerra barata’”⁵⁵.

Nos argumentos sobre a origem da RENAMO, Pinto discorre a posição raramente referenciada que sustenta que a “Renamo nasce, no terreno, em princípios de 1977. E nasce de um conjunto de razões, circunstâncias, vontades, sentimentos e ressentimentos”⁵⁶. Os sentimentos e ressentimentos referenciados por Pinto estão no fato de que, após a independência, “o campesinato não teve direito a continuar a viver no seu *habitat* disperso e teve – nem sempre obedeceu, como na Zambézia – de se agrupar em aldeias comunais”⁵⁷. Michel Cahen elucida que, na verdade,

não se tratou de uma coletivização da produção (só uma pequena parte o foi), mas de uma concentração dos produtores, com o fim de aumentar a produtividade, de controlar e de construir o aparelho de Estado nas zonas rurais. Só que foi uma concentração de produtores sem capacidade paralela de concentração de meios de produção (adubos, rega, tratores, sementes melhoradas etc.), tendo consistido numa agressão maior à sociedade camponesa: foi um desastre agrícola, econômico, social, cultural e político. Foi um desastre agrícola porque, em vez de agricultura semi-itinerante com larga rotação de culturas, os camponeses tiveram de cultivar terras concentradas à volta das aldeias, que se esgotaram rapidamente e os obrigaram a andar quilômetros de manhã e de noite para voltar às suas antigas machambas, residindo, contudo, compulsivamente na aldeia comunal. Foi um desastre econômico porque a produção caiu rapidamente, queda agravada pela crise das redes de comercialização nas zonas rurais. Foi um desastre social porque dividiu a população: cada um queria a aldeia na terra dele, e os que tiveram de mudar de lugar caíram na dependência da população do lugar para obtenção de terras. Foi um desastre cultural porque o *habitat* desenhado por cooperantes da Europa do Leste, com arruamentos perpendiculares e casas encostadas umas às outras, não respeitava em nada o *habitat* tradicional, com casas funcionais (uma para o homem, uma para cada mulher, uma para a cozinha etc.) – foi o tempo do “viver como cabritos”. Foi um desastre cultural porque os espíritos dos antepassados estavam junto das antigas machambas e a impossibilidade de os respeitar devidamente gerou a convicção de serem a causa de secas, doenças etc.⁵⁸

Baseando-se nesses fatores, Geffray entende que, “deixando de lado a dimensão internacional do conflito, cuja gravidade vai muito além dum *complot* montado por

⁵⁴ Idem, 2008. p. 2015.

⁵⁵ CAHEN, 2019, p. 24.

⁵⁶ PINTO, 2008, p. 215.

⁵⁷ CAHEN, 2019, p. 38.

⁵⁸ CAHEN, 2019, p. 38-39.

agentes secretos, é importante ver agora a história recente do próprio Moçambique”⁵⁹. Por isso, para Geffray, era necessário questionar “de onde vêm os homens da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) que combatem as autoridades nas regiões rurais”⁶⁰.

Em forma de responder ao questionamento, os estudos de Pinto são determinantes e admitem que “com os régulos e os camponeses das áreas hostis à FRELIMO, a parte política – a propaganda, o recrutamento, o enquadramento e a formação dos guerrilheiros e das populações, que eram a base humana dos rebeldes — não foi difícil”⁶¹. Os mambos e a população no geral reclamavam que “[e]spíritos dos antepassados estavam junto das antigas machambas e a impossibilidade de os respeitar devidamente gerou a convicção de serem a causa de secas, doenças, etc.”⁶².

Os novos estudos de Michel Cahen fundamentam que no pós-independência “Samora Machel dizia ‘já não há brancos, negros, mestiços, indianos, changanas, macondes, macuas..., somos todos moçambicanos’, isto significava, de um lado, isso mesmo, mas era também a negação da própria existência de comunidades historicamente enraizadas”⁶³. Contudo, o “descontentamento com as políticas da FRELIMO, sobretudo no meio rural, conservador e tradicional, teve um saldo favorável para a oposição”⁶⁴.

Neste sentido, Christian Geffray⁶⁵ explica que, “na realidade, a guerra alimentase também das rupturas sociais e políticas internas das sociedades rurais⁶⁶ moçambicanas, cuja importância os estrategos-terroristas rodesianos não tinham obviamente previsto”⁶⁷.

Nessa mesma linha, Sergio Chichava, ao explicar as causas da população rural zambeziana, no que tange ao apoio à guerrilha da PRM e depois da Renamo, argumenta que “as well as the marginalization of the *província* (one of the oldest areas colonized

⁵⁹ GEFFRAY, 1991, p.13-14.

⁶⁰ Idem, 1991, p. 13.

⁶¹ PINTO, 2008, p. 221.

⁶² CAHEN, 2019, p. 39.

⁶³ CHAHEN, 2019, p. 37.

⁶⁴ PINTO, 2008, p. 216.

⁶⁵ Curiosamente, a “guerra dos serviços *secretos*” é perfeitamente conhecida pelos observadores, quer sejam jornalistas ou especialistas da região. Sem subestimar a importância deste aspecto, considerado «oculto», do conflito nas suas diferentes fases de desenvolvimento, não o abordo na minha análise, que visa exclusivamente as condições sociais e políticas *internas* do enraizamento e do desenvolvimento das hostilidades, infelizmente desconhecidas por todos, mesmo pelas próprias autoridades moçambicanas. (GEFFRAY, 1991 p. 13).

⁶⁶ GEFFRAY, 1991, p. 13.

⁶⁷ Idem, 1991, p. 13.

by the Portuguese) constitutes the foundation of the local population's support towards the anti-frelimo movement”⁶⁸.

Esses estudos recentes mostram que a política de criação do campo de reeducação, Operação produção, guias de marcha e justiça popular causou muita separação entre parentes, assim como criou uma desestruturação social entre as comunidades conservadoras das práticas tradicionais étnicas. Cahen tece que, para além dos fatores acima mencionados, outro fator muito importante é a

não devolução das terras aos camponeses expropriados pelas grandes plantações coloniais para constituir empresas agrícolas estatais de que os próprios camponeses espoliados deviam ser os operários; a proibição dos chefes tradicionais sem a capacidade de construir uma administração alternativa eficaz; a alfabetização feita exclusivamente em português (incluindo para os adultos); o puritanismo sexual à moda protestante e o ostracismo para com a poligamia, em particular nas zonas muçulmanas; a proibição dos rituais da chuva – obviamente, as secas multiplicaram-se – e, até 1983, a opressão das religiões, em geral; a repressão severa para com qualquer “desvio” com prisões e campos de reeducação, etc. Foi o “homem novo”, isto é, a produção de indivíduos sem raízes sociais e *sem comunidade intermediária de pertença* entre a pessoa e a “nação”.

Essa tensão agudizava quando Samora Machel, nos discursos políticos, asseverava que:

Só tem direito à residência na cidade quem tem trabalho, quem tem emprego. Significa que o trabalho é que é o critério de residência. Os marginais, os desempregados, os vadios devem ser enviados ao campo para a produção. O primeiro movimento que vamos fazer com as milícias Populares, os Grupos de Vigilância, Polícia, Exército e outras estruturas, é pentear a cidade.⁶⁹

Isso mostra que a ideia dos portugueses sobre o assimilado foi incorporada pela Frelimo com outros vieses. Para a Frelimo, a moralidade e o civismo de viver na cidade estavam condicionados ao emprego ou à ocupação remunerada. Isso fez com que muita gente fosse enviada para os campos de reeducação e produção.

Um dos afetado, Alberto Chitanto, de 55 anos, relata numa reportagem conduzida pela STV (2014), em Unango, província de Niassa, a seguinte declaração:

Eu me separei dos meus pais muito tempo e já não conheço mais nem um deles e nem sei como encontrá-los. Quando chegamos aqui, apenas tivemos

⁶⁸ bem como a marginalização da província (uma das áreas mais antigas colonizadas pelos portugueses) constitui o alicerce do apoio da população local ao movimento formiga-FRELIMO. (Tradução livro do autor) CHICHAVA, 2018, p. 17.

⁶⁹ MACHEL, 1983, p. 75.

lugar de dormir e recebemos comida durante uma semana. Depois, o Estado nos deixou assim. Eu devia procurar casar-me aqui mesmo para ter uma família pelo menos⁷⁰.

Segundo Michel Cahen (2019), “a imposição do partido único, proibindo a expressão da diversidade da sociedade moçambicana, foi uma das causas do êxodo branco e da manutenção dos desequilíbrios interétnicos e inter-regionais⁷¹ no poder”⁷².

Neste contexto, Honwana argumenta que:

Com o fim do poder dos chefes tradicionais, as pessoas deixaram de usufruir da proteção dos antepassados e as coisas começaram a correr mal. Toda a vida da comunidade ficou destruída, pois já não havia respeito pelos velhos, respeito pelos antepassados, respeito pelas nossas tradições⁷³.

O próprio Cristian Geffray (1991) questiona de um dos seus entrevistados, Yamaruzu, porque a terra se queimou. A resposta foi:

A terra queimou-se porque os mapéwé eram tratados como cães. As apawyamwene também eram tratadas como cadelas. Antigamente, as pessoas quando nos viam levantavam-se e cumprimentavam-nos e depois nós mandávamo-las sentar-se. Ultimamente, quando nos viam passar, gritavam: ‘Abaixo comer a galinha. Abaixo pôr o epepa⁷⁴!’. Então, nós andávamos tristes, porque afinal eram os nossos filhos que nos faziam isso... Louvado seja Deus! Nós esperávamos que os donos (a FRELIMO) fossem eles próprios depositar o epepa.⁷⁵

Neste sentido, nota-se que “houve uma deslegitimação geral das relações sociais originais no seio do campesinato – na altura a grande maioria da população”⁷⁶. Como explica Cristian Geffray (1991) que,

nessa altura, todos os mahumu (chefes de linhagem) e todos os mapéwé (chefes de chefaturas) do distrito veem os membros das suas linhagens e chefaturas ser deslocados em massa, obrigados a abandonar as suas antigas habitações e currais (queimados), as suas terras, as culturas e uma boa parte das suas colheitas, as suas árvores e cemitérios, para se instalar nas aldeias comunais. Mahia, um antigo régulo-mpéwé da Macuane, é um desses chefes

⁷⁰STV. Grupo sócio Moçambique grande reportagem, 2015. https://www.youtube.com/watch?v=Bo_SJkUmKmk 07.04.2021

⁷¹ Não se podia criticar ou fazer notar que havia uma maioria changana no poder, uma vez que eram “todos moçambicanos” (CAHEN, 2019, p.38).

⁷² CAHEN, 2019, p.38

⁷³ HONWANA, 2002, p. 171.

⁷⁴ Epepa: conjunto de insumos, nomeadamente, farinha de mapira ou milho, para invocação de espíritos dos seus ancestrais. (Língua Emakwa)

⁷⁵ GEFFRAY, 1991, p. 29.

⁷⁶ CAHEN, 2019, p. 38.

e será o primeiro a oferecer hospitalidade aos soldados da RENAMO, vindo depois a tomar-se o principal chefe da dissidência na região.⁷⁷

Por que a guerra vos destruiu? Esta foi uma das questões colocada por Geffray em sua pesquisa sobre a causa da recepção por parte dos camponeses.

Aqueles que tinham o epepa em casa, alguém veio queimar. Os ekhavete⁷⁸ foram partidos... Foram os soldados da FRELIMO que fizeram isso. Quando o epepa estava numa garrafa, eles partiam a garrafa e o pouco que restava obrigavam-nos a diluir para beber. Foram acontecimentos muito maus, e por isso a terra está queimada. Ficamos muito tristes, esperávamos a nossa última hora. Porque eles destruíram todas as nossas coisas, partiram tudo, queimaram tudo, então a guerra chegou violentamente.⁷⁹

Essa explicação mostra-nos de onde provinham os homens que formavam a guerrilha na RENAMO, porque, na verdade, “o campesinato não teve direito a continuar a viver no seu habitat”⁸⁰. Segundo Geffray (1991), a Frelimo tirou “o seu povo das suas terras para o instalar na aldeia sob a autoridade dum homem que ele considera um impostor, é uma humilhação para Mahia”⁸¹. Isso soou para o povo local como se fosse “roubar-lhe o seu povo e a sua terra” (elapu).

Outra mitologia étnica do campesinato local foi a “história do assassinato dum cão mpéwé como motivo de guerra que exprime uma interpretação coletiva local da sua origem”⁸². Esse cão representava os espíritos locais, o cão era mpéwé. Por isso, quando o miliciano da Frelimo, Sr. Jakomé, matou o cão com a sua espingarda, “passados dois dias, ele já tinha desaparecido do buraco e ouvimos dizer que andava na região de um lado para o outro. Por fim, ouvimos dizer que ele tinha começado a atacar as pessoas que encontrava: todas as pessoas mordidas morriam pouco tempo depois”⁸³.

Toda a violência contra aquilo que representava as realidades tradicionais era atribuída aos Grupos de Vigilância do Povo (GVP), grupos dinamizadores e as milícias. Segundo Chichava, “os Grupos de Vigilância do Povo (GVP) foram acusados de maltratar a população; enquanto as milícias foram acusadas não apenas de maus tratos,

⁷⁷ GEFFRAY, 1991, p. 32.

⁷⁸ Ekhavete: um ritual conduzido pelo ancião da família.

⁷⁹ Idem, 1991, p. 28.

⁸⁰ CAHEN, 2019, p. 38.

⁸¹ GEFFRAY, 1991, p. 34.

⁸² GEFFRAY, 1991, p. 29.

⁸³ GEFFRAY, 1991, p. 29.

mas também de assassinatos não sancionados”⁸⁴. Dando subsídio, Thomas Jefferson explica que:

“as perseguições, os contrarrevolucionários, os campos de reeducação, as empresas estatais e as aldeias comunais foram alguns dos germens da revolta que, começando por uma resistência passiva, depressa se transformou em revolta e, posteriormente, em resistência armada”⁸⁵.

Será que a FRELIMO reconhecia a insatisfação da população e aderência da mesma à insurgência? Com os estudos de Sergio Chichava (2018), podemos afirmar que a Frelimo tinha a consciência do que estava acontecendo com a população e apenas ignorava a realidade. Neste contexto, Chichava (2018) elenca um relatório do Ministério da Defesa (DZ, Ministério da Defesa Nacional, com título *Síntese da reunião conjunta das forças da defesa e segurança, das províncias de Niassa e Zambézia*, (Milange, 04 de fevereiro de 1982), que resumiu brevemente os fatores que levaram a população a apoiar o PRM.

Our study has concluded that our population is easily won over by the Enemy in the communal villages because we are not keeping our promises made to the popular masses during the transfer of the populations into the communal villages, the conditions for survival such as the stores to buy foodstuffs, hospitals, markets, schools, and even public assistance⁸⁶.

Partindo dessa concepção historiográfica do revigoramento da interpretação sobre a guerra civil, poder-se-ia chegar a uma nota ou tese de que a RENAMO, como movimento anticomunista, foi fundada por uma força conjunta entre moçambicanos e estrangeiros, com objetivos diferentes, suportada e galvanizada pelos moçambicanos, muitos dos quais membros dissidentes da Frelimo que ficaram alarmados e descontentes com a tendência desta para o marxismo e socialismo científico.

Quanto à ideia de que a RENAMO surge como um movimento de desestabilização sem orientação política, e que apenas estava a mando dos estrangeiros e dos bandidos armados, Cahen sustenta que:

⁸⁴ CHICHAVA, 2018, p. 24.

⁸⁵ JEFERSON, 1989, p. 10.

⁸⁶Nosso estudo concluiu que a nossa população é facilmente conquistada pelo inimigo nas aldeias comunais, porque não estamos mantendo nossas promessas feitas às massas populares durante a transferência das populações para as aldeias comunais, as condições de sobrevivência, como as lojas para comprar alimentos, hospitais, mercados, escolas e até mesmo assistência pública. (Tradução livre do autor)(CHICHAVA, 2018, p. 25).

Sempre houve uma dimensão política na RENAMO, mesmo no período do seu nascimento: quando André Matsangaíssa, preso no campo de reeducação de Sakuzi desde 15 de setembro de 1976, conseguiu fugir, ele se definiu de uma maneira muito simples e clara: “sou contra” – “contrarrevolucionário”, pode ser, se se considerar que o regime de partido único era uma revolução, em todo caso “contra” um regime, o da FRELIMO. Esse era um posicionamento político, não o de um bandido ou mercenário⁸⁷.

Baseado nesse fundamento e quando questionado sobre a destruição de Moçambique, Gimo Phiri, líder do PRM, um movimento que se funde com a RENAMO, afirma que o “nosso objetivo era lutar contra o comunismo e não apenas destruir”⁸⁸. Isso significa que os movimentos da insurgência tinham objetivos comuns, que é a luta contra o comunismo. Na historiografia das guerras, “um exército não tem ‘presidente’, o que comprova que já fora adicionada uma ambição política à estrutura militar”⁸⁹. Segundo Cahen (2019), o “Primeiro Congresso, em 1983, organizado por Evo Fernandes, durante o qual o comandante-chefe, Afonso Dhlakama, foi declarado ‘presidente’”⁹⁰, era um pulsar de uma organização política muito forte.

1.3 Dos *Cadernos da Gorongosa* à guerrilha da base

Essa seção objetiva fazer um cruzamento das fontes, baseando-se nas mensagens extraídas dos *Cadernos da Gorongosa*, por Michel Cahen, e em depoimentos da guerrilha e da população que vivia nas zonas libertadas da RENAMO. É necessário destacar que apenas selecionamos algumas mensagens que se adequam ao objeto da nossa pesquisa.

Contudo, ao analisar cuidadosamente as 3.401 mensagens na sua posse dos cadernos de Gorongosa, que permitiram mapear a estrutura, o funcionamento, as relações internas e as estratégias de atuação da RENAMO, Cahen⁹¹, no seu livro *Não somos bandidos*, encontra as mensagens que mostram que a estrutura militar da RENAMO estava modernizada com a academia militar, que instruía cursos superiores e de tiro dentro do comando-geral na Casa Banana, em Gorongosa.

⁸⁷(CAHEN, 2019, p. 355).

⁸⁸ CHICHAVA, 2018, p. 27

⁸⁹ CAHEN, 2019, p. 356

⁹⁰ Idem, 2019. p.356

⁹¹ No entanto, se as preocupações políticas existiam, eram nutridas, em particular, pelo contexto pós-Nkomati, das negociações que ocorriam em Pretória em fins de 1984, e não diretamente pelo aprofundamento de uma orientação estratégica (CAHEN, 2019, p. 356).

As mensagens dos cadernos de Gorongosa mencionam as escolhas para as formações superiores que o próprio Afonso Dhlakama ordenava, como podemos ler no livro de Michel Cahen, em extratos das mensagens do comando-geral do movimento. Na mensagem, Afonso Dhlakama ordena:

Escolher 35 soldados mais antigos de 1979, 1980, 1981, 1982, para participarem nos cursos de formação de quadros militares. Estes podem ser chefes, elementos e C/d grupos operacionais. (2) [...] não quero recrutas [...] (3) Preciso cá aquele elemento que era C/sectorial, Noé Nhamungara, ele irá trabalhar em Gorongosa e irá participar num dos cursos⁹².

Nas mesmas estruturas, lê-se outra mensagem:

(1) [...] deves escolher 40 combatentes mais antigos que engajou em 1979, 1980, 1982. [A] chamada destes combatentes, a base de Casa Banana, tem como objetivo a participarem e tirarem cursos da formação de quadros militares da RENAMO. O curso terá lugar em Gorongosa. (2) Neste grupo de 40 combatentes, deves incluir [...] aquele C/Mateus Donganda, aquele que esteve preso quando arranjou problema em Mudoro, [ele] é necessário para participar neste curso importante⁹³.

Cahen (2019) explica que, “quatro dias mais tarde, Dhlakama escreveu de novo ao comandante regional Tigre Centro, desta vez, para pedir ‘elementos e comandantes [...] em urgente para os cursos militares’”⁹⁴. As ações militares descritas nessas correspondências contradizem as afirmações nas quais a RENAMO não tinha uma estrutura consolidada dentro do seu próprio núcleo, eram um bando de bandidos armados que não tinham nenhum propósito com a nação.

Na mesma linha, Cahen (2019) não descarta suas posições antigas sobre esse movimento e argumenta que “é claro que não constituía uma orientação política bem desenvolvida, como foi a da FRELIMO, desde a sua criação, em 1962”⁹⁵. Devemos prestar atenção ao fato de que Cahen fala de duas estruturas diferentes: a militar, que a RENAMO já tinha desde início, e o que faltava, a consolidação da estrutura política. É importante esclarecer a que estrutura política se refere: a RENAMO dos pretos moçambicanos, pois, para os referenciados fundadores rodesianos, eram bem estruturados politicamente.

⁹² (CG1/11-3, do C/regional John Cupenga [Kupenga] para DDRNM, 19/8/84 apud CAHEN, 2019, p. 219).

⁹³ (CG6/4, Do C/em chefe supremo das Forças Armadas da RENAMO para o C/regional Afonso Pande, mensagem n. X/10/84, 30/10/84 apud CAHEN, 2019, p. 219-220).

⁹⁴ CAHEN, 2019, p. 220.

⁹⁵ CAHEN, 2019. p. 355.

Em relação à orientação política, nossa fonte da base João Machava (31 de março de 2021, guerrilheiro, intérprete e datilógrafo de Dhlakama) confia que sempre existiu política, desde o ano da sua fundação, em 1977, mas começou a ser expressiva em 1980, com a implementação dos comissários.

Questionado se a política começou com André Matsangaissa ou Dhlakama, Simão Manuel Mupinda (07 de abril de 2021, guerrilheiro da base da Renamo que ingressou na Renamo em 1977, com 30 anos via rapto) responde e explica que “a política começou com André e não com Dhlakama. *Quando entrou na guerrilha, em 1977, já tinha política?* A esta questão, a fonte sustenta que “éramos apenas guerrilheiros sem comissários políticos”⁹⁶. Para os guerrilheiros, a política se evidencia com a criação da figura de comissário político. Esse pensamento dos guerrilheiros também está patente nas redações dos cientistas políticos e historiadores. Isso significa que, na verdade, a RENAMO primeiro formou-se militarmente.

É importante reafirmar que “mesmo que uma parte dos soldados da RENAMO tenha sido recrutada pelo rapto, não se pode dizer que se tratasse, como organização, de uma ‘guerrilha acidental’ – um fenômeno local ou setorial de guerrilha provocado por uma guerra maior. Ela teve raízes sociais”⁹⁷.

Em relação às raízes sociais, questionamos à nossa fonte, Zondai Nyasha (05 de abril 2021), guerrilheiro da RENAMO, o porquê de não fugir depois do rapto. A fonte explica que:

Eles quando disseram para nós que estamos a lutar para democracia [...] estamos a lutar pela democracia para acabarmos com o socialismo. Isso me criou coragem para me manter. Fomos colocados na formatura e nos disseram que não teríamos salários, só teremos quando ganharmos. Quando ouvimos isso, cumprimos⁹⁸.

Outro fato social foi de Antônia John (3 de abril de 2021), de 57 anos, guerrilheira da RENAMO, que ingressou via rapto. Ela argumenta que “não fugi porque disseram-me que se fugisse e fosse apanhada, ia sofrer”⁹⁹.

⁹⁶ Nyakatanga na André e haiwa dzakama. Kutanga kupinda muna 1977 kwanga kwane político ou guerilha basi? Tanga tiri maguerilheiro tega tega. (Tradução livre de autor) Entrevista com Simão Manuel Mupinda (07.04. 2021).

⁹⁷ (CAHEN, 2019. p. 361).

⁹⁸ Iwo wakatiti chatirikurwa isuso tiri kurwira democracia [...]. Tiri kurwira democracia tosia socialista. Taiswa pa sandraau, zvizwi azvina salário tikazowina munozona mubhairo totó kopirir mesmo wa na ngo wiazotizawo taizozvina kuti azvina interesse kutiza zvirinani ku compriri mesmo. (Tradução livre de autor) Entrevista com Zondai Nyasha (05.04.2021).

⁹⁹ Waite ukatiza wai sofrer. (Tradução livre do autor) Entrevista com Antônia John, 03. 04. 2021.

A consolidação da política interna era muito forte para aliciar os raptados, como podemos ver nas explicações de Jeremias Gimo (01.04.2021, informante e depois guerrilheiro), que conta o que lhe motivou a não fugir depois de ser raptado.

Eles diziam que não valia a pena fugir porque aqui está seguro, nós estamos lutando para acabar com o desrespeito e a violação. Porque aqui em Moçambique era frequente as pessoas serem mortas. Muitas famílias sofriam porque eram levadas às aldeias, então eles me disseram que isso não irá acontecer mais, porque estamos lutando para isso terminar. Disseram-me que isso que está acontecendo é violação, aí eu disse: então, vou lutar também para isso acabar, para o povo viver em paz e bem¹⁰⁰.

A justificativa acima citada foi compartilhada por Tendai Semo (06.04. 2021), de 78 anos, guerrilheiro no distrito de Manica, que ingressou na RENAMO em 1977. Ele explica que:

O que me encorajou para estar na Renamo foi a política que eles me palestraram, disseram-me que estamos lutando para acabar com as aldeias. Porque houve uma política de evacuação das pessoas, principalmente das mulheres consideradas prostitutas, para a província de Niassa. Essa política encorajou-me muito para eu não fugir, porque minha outra família tinha sido presa. Vi que essa política era melhor e devia colaborar, talvez, isso poderia acabar¹⁰¹.

Muitos desses depoimentos coincidem. Dos quinze guerrilheiros entrevistados em lugares diferentes da província de Manica, observa-se a paixão pelo fim das guias de marchas, das aldeias comunais, da cooperativa e da machamba do povo, ou seja, tudo aquilo que fazia jus à política marxista. Neste anticomunismo, enraizava-se a base social da RENAMO. É onde estava a política de pôr fim ao marxismo.

Contudo, Michel Cahen faz um reparo nas suas primeiras interpretações, quando tinha uma tendência marxista, mergulha numa dialética histórica e escreve essa complexa obra provocante, que busca analisar a transformação da RENAMO, de uma organização puramente militar para um estágio no qual uma dimensão política teria passado a ser relevante, ainda que secundária, diante de outros protagonistas políticos.

¹⁰⁰ Porque iwo akandibvundza kuti iwewe nem vale pena kutiza porque muno muri seguro, isuso chatirikurwa manig, kuti musa oneke disvioloação (queria dizer violação) porque as vezes Moçambique, ponago chidokodhoko urikuto uraiwa, as vezes família dzimwene dzaibhatana ne dhambudziko dzaipindzua mumaldeia, agora aona akandibvunza kuti garamuno tirikurwira izvona, nezviazvia zve munda we povo, kumida kunenda iyo hamuionizve. Ndakazvozvi kuti izvi ndi violação, aí ndakati ndodha kurwisa kuti izvi zvipere pamweni tekawina povo inogara bhoo. (Tradução livre do autor) Entrevista com Jeremias Gimo 01.04.2021

¹⁰¹ Inini chakandita kuti, kundi encorajar é política, yandakapuwa, weki munona zvatirikuday izvi, indha yekuti vanhu vabve mumardeia. Eh pano política wekutanga yata katanga kuzwa, nge vanhu akaizwa evacuação, ye madzimai aizwi mahure, mahure, echitorwa chienda kokandwa ku Niassa. Saka política iyi yaka encorajar kuti ndisa tize nekuti dzimwe hama dzandai zia dzankange dzakasungao. Política wakanaka, saka zviri nani kutentar kurwisa pamweni tingakonisa kusunugura wakasungwa hama dzedhu. (tradução livre do autor) Entrevista com Tendai Semo, 06.04. 2021

Cahen, nas suas primeiras interpretações, também defendia a RENAMO com uma organização externa e sem projeto político para Moçambique.

2 O PROJETO POLÍTICO DA RODÉSIA: ANDRÉ MATSANGAISSA E A GÊNESE DA RESISTÊNCIA NACIONAL MOÇAMBICANA

No primeiro capítulo, fizemos um debate historiográfico sobre a origem da RENAMO e da guerra civil, colocando em discussão os autores das duas correntes que trazem posições diferentes, como forma de inserir o estudo nas velhas e novas dinâmicas da interpretação. O presente capítulo objetiva compreender os contatos e contornos primários para a fundação da MINR-RNM-RENAMO. Os estudos baseiam-se em documentos e textos disponibilizado por aqueles que direta e indiretamente participaram na fundação desse movimento.

Aqui, analisamos os discursos da elite do movimento e subsidiamos um pouco com os depoimentos da guerrilha da base. No desenvolvimento do capítulo, pretender-se-á trazer de forma detalhada os motivos, fatos, acontecimentos e as personalidades que deram origem à RENAMO no período estabelecido entre 1976 e 1980, período considerado enigmático pelo autor da tese.

Inicialmente, o termo “enigmático” aparece nesta tese pelo fato de que muitos desses cientistas políticos e historiadores estiveram preocupados em se associar ao discurso oficial da Frelimo (Partido Estado), fundamentando que a insurgência de 1977 em Moçambique tem seus fatores geopolíticos e globais daquele período, elencando, assim, a Guerra Fria e a hegemonia da Rodésia e da África do Sul como peças-chave do surgimento da RENAMO.

As fontes consultadas mostram-nos algumas evidências que podem ilustrar uma outra visão esclarecedora sobre a existência de uma dualidade na ideia da fundação da RENAMO. Aprofundada, a pesquisa deu a prerrogativa de afirmarmos que a Guerra Fria não foi o único fator determinante, nem o epicentro para a criação e o sucesso do movimento de guerrilha em Moçambique, apesar de ser o fenômeno mais citado e importante da época.

O que levou à origem e ao progresso da RENAMO foi o fator vingança. Os brancos queriam se vingar pela independência de Moçambique, que nacionalizou os seus bens, e os pretos pela negação dos seus traços étnicos culturais, substituídos pela formação do Homem Novo.

Mas antes de falarmos sobre a gênese da RENAMO, explicitaremos uma visão sobre o sentimento antifrelimo que estava sendo impresso pela população em Moçambique.

De início, é necessário destacar que a guerra civil não começou com a RENAMO, como está escrito em vários estudos. Em 1976, já havia um movimento na Zambézia chamado PRM, que estava desencadeando a guerra. Mais tarde, ele se juntou com a recém-formada RENAMO.

Contudo, a escolha da PRM nesse capítulo foi motivada por esse ser o primeiro movimento a desencadear a guerra civil, devido ao vínculo que teve com a população, e secundariamente, por conta da sua fusão com a RENAMO. Serve, igualmente, como uma tentativa de explanar e mostrar uma nova tendência da literatura sobre a ideia da história contemporânea moçambicana, que dá conta de que a guerra civil iniciou com a RENAMO. A relação que este movimento teve com a população e suas políticas no campo de batalha também nos chamaram a atenção. A bandeira ideológica defendida pelo PRM foi compartilhada com a população local e, depois, com a RENAMO.

As interpretações históricas basearam-se em estudos dos documentos oficiais da Frelimo (das sedes distritais da província da Zambézia), por Sergio Chichava (2018). Tais estudos mostram que o sentimento antifrelimo iniciou no auge da luta de libertação nacional, e o sentimento anticomunista surge depois de alguns meses da independência nacional.

No texto *The Anti-Frelimo Movements & the War in Zambezia*, Sérgio Chichava (2018) explica que o PRM foi uma reencarnação da União Nacional Africana de Rombézia (UNAR) e da União Nacional Moçambicana (UNAMO), movimentos formados durante a guerra colonial por dissidentes da Frelimo à semelhança do Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO).

A UNAR é o movimento que apoiou a independência da Rombézia e “foi oficialmente criada em 5 de janeiro de 1968, sob a direção de Amés Mauricio Sumane, ex-secretário de Assuntos Sociais da FRELIMO, que renunciou ao cargo em 1966”¹⁰². A “União Nacional Africana de Rombézia (UNAR) queria incorporar uma grande parte do Nordeste de Moçambique para dentro do Malawi, através de negociações com os portugueses”¹⁰³. A UNAR, como movimento, foi “fundada em Malawi pelo Amos Sumane e outros dissidentes, quer do COREMO, quer da FRELIMO”¹⁰⁴.

¹⁰² CHRTISTIE, 1988, p. 32.

¹⁰³ CHRTISTIE, 1988, p. 32

¹⁰⁴ GOVEIA. 2011.

O PRM é considerado como sendo a reestruturação e reaparecimento do antigo movimento antifrelimo, a UNAR¹⁰⁵, porque os fundadores da UNAR são os mesmos que voltaram a fundar o PRM. O PRM difere da UNAR¹⁰⁶ devido aos seus objetivos, apesar de ter os mesmos fundadores. Enquanto a UNAR¹⁰⁷ defendia libertar, a partir do rio Zambeze até o Rovuma (Rombézia), o PRM defendia e desenvolvia a ideia de unidade nacional¹⁰⁸ e luta contra o comunismo marxista desenvolvido no Estado Novo de Moçambique.

A explicação do Amés Mauricio Sumane sobre o rompimento com a Frelimo abre-nos uma visão e deixa à parte a ideia de que as oposições em Moçambique são marionetes dos estrangeiros, remetendo a que o comunismo (socialismo) e o regionalismo são epicentros de todo o conflito que o país atravessou no pós-independência. Para Amés Mauricio Sumane, o sentimento anticomunista foi levantado e tornou-se violento devido ao nível de tribalismo e perseguição que a etnia sulista impunha aos do Centro e do Norte durante a guerra de libertação. Amés Mauricio Sumane olha o tribalismo da Frelimo de uma forma muito elevada, na qual a injustiça estava chegando a um patamar incontornável porque as populações do Norte e do Centro estavam sujeitas à guerra, e as do Sul eram enviadas para Europa, Ásia e Argélia para estudar, replicando a ideia de Kavandame, dando os exemplos de Joaquim Chissano e Marcelino dos Santos, que ocupavam cargos elevados na Frelimo, mas nunca tinham ido combater. O que não agradava as elites do Centro e Norte, as quais pautaram por romper a relação com a Frelimo, e, na mesma época, já estavam começando a sonar com o nome de Chingondo, referindo-se à população do Norte e do Centro. Esse sentimento se iguala ao de Kavandame, revelando que a Frelimo do Sul reservava os lugares do topo para os seus conterrâneos étnicos.

¹⁰⁵ Isso levou a que UNAR abandonasse a ideia de lutar apenas por Rombézia, assim declarando-se um movimento nacionalista e mudando a sigla para UNAMO, em 1969. Suspeita-se que essa mudança foi extremamente influenciada pela mão externa de Kamuzu Banda, que prometeu apoio logístico e reconhecimento político a nível internacional para alimentar aquele sonho de que os Nhanjas devem pertencer ao Malawi.

¹⁰⁶ A UNAR não conseguiu captar o apoio e reconhecimento da OUA, ou de quaisquer outros países, devido ao seu sentimento regionalista. Com essa fraqueza diplomática, o movimento não foi capaz de ameaçar os interesses da Frelimo.

¹⁰⁷ Massangaie (2017) sustenta que, enquanto se desenrolava a confusão nas bases recuadas da Frelimo na Tanzânia, em 1968, uma nova organização tinha sido fundada no Malawi, adoptando a denominação de União Nacional Africana da Rombézia. Esta organização clamava em representar um outro “Biafra” Moçambicano, maior do que o sugerido por Lázaro Kavandame para o Planalto de Mueda. A “Rombézia” era todo o Noroeste de Moçambique, levando seu nome a partir do rio Rovuma, no Norte, ao Zambeze, o que significava dividir Moçambique em dois exatamente a partir do Malawi (MASSANGAIE, 2017, p. 221).

¹⁰⁸ Isso mostra que a OUA também tinha o projeto das fronteiras coloniais, e não dos seus ancestrais, que era feito por grupo étnicos.

2.1 O surgimento do PRM e da Primeira Guerra Civil

Em 1975, o ano da Proclamação da Independência de Moçambique, a UNAR desapareceu e seus líderes fundaram outro partido, de nome PRM. Essas novas formações políticas tinham nova ideologia com os mesmos rostos, no que tange aos recursos humanos. O PRM lançou uma campanha contra o marxismo da Frelimo e sua política.

O PRM surge com as políticas capitalistas, passando a imprimir exigências de colocar o ponto final no projeto comunista, nas aldeias comunais, e no sistema de partido único. O PRM abriu um precedente da guerra, que se estendeu por quase sete anos, até a sua fusão com a RENAMO, em 1983, a qual lançou a guerra a uma conjuntura nacional e de repercussão internacional.

Nas suas primeiras operações militares na província da Zambézia, este partido apresentava precariedade, no que tange às questões logísticas, para estender as suas ações por todo o país e criar aquilo que se poderia chamar de guerra civil nacional. O partido usou material bélico muito arcaico (paus, catanas e facas) e as poucas armas que tinham. Suas ações se concentraram em se organizar em pequenos grupos, atuando, assim, num modelo de guerrilhas e limitaram-se a atacar apenas a província da Zambézia. Por isso, suas ações militares não são muito comentadas na história dos conflitos armados em Moçambique, já que não tiveram uma proporção nacional.

Essa forma de operar no campo de batalha foi cogitada e anexada à tentativa de atingir os seus objetivos, os quais foram possíveis através da vontade popular. Isto é, com a vontade de crescer e progredir com a causa da guerra, os militantes e militares do movimento decidiram começar com a batalha usando os meios existentes, como “paus, machados, facões e lanças sistemas à moda antiga”¹⁰⁹.

O movimento usava também a população para as suas incursões militares, mobilizando-a de forma a não aderirem às aldeias comunais nem às machambas do povo do regime comunista. Os aldeamentos não constituíam a independência nem a liberdade, porque careciam de dignidade humana e estavam fundamentados por princípios opressores e de escravidão, uma continuação das práticas coloniais.

Por via dessa ideologia, o movimento aos poucos começou a aumentar sua base logística, baseando-se em roubos de armas e uniformes de soldados, milícias e policiais

¹⁰⁹ CHICHAVA, 2018, p. 17-45.

do Estado. Este sonho foi conseguido graças à intervenção popular, cuja população olhava a este partido como a salvação para as políticas colocadas pelo Estado. A ação revelou-se meses depois, de modo que quase a maioria dos militares do movimento já tinha fardamento militar semelhante ao do Estado, resultado de saques nos confrontos com os militares do Estado.

The population fed the soldiers and also provided crucial information on the movements and positions of Frelimo troops. Frelimo, caught off guard by this development, was forced to acknowledge this collaboration. The same popular support was later on provided to the Resistencia Nacional de Moçambique (Mozambique National Resistance, Renamo) as they too began to attack Frelimo positions in the province of Zambezia beginning in 1982¹¹⁰.

Chichava (2018) explica que “as incursões militares do partido eram muitas vezes dirigidas e coordenadas por Lucas Saguete, o estrategista militar do PRM e considerado como um grande comandante, que havia sido soldado do exército colonial em São Tomé e Príncipe e que fugiu para Moçambique durante a luta de libertação”¹¹¹. Sua vinda ao país foi motivada ou precipitada “por ter participado de uma rebelião naquele país. Ele foi preso e colocado na cadeia por dez anos após se juntar às fileiras da Frelimo e tornar-se instrutor do movimento em Nachingwea, na Tanzânia”¹¹². Depois da independência, Lucas Saguete juntou-se ao PRM, tornando-se o principal comandante do movimento.

Na sua experiência militar, Saguete foi considerado um homem fluente e instruído que apresentava muitas táticas da guerra, fazendo com que o movimento engrossasse suas filas com as armas do governo, as quais foram adquiridas nas bases das altas e pequenas unidades das milícias.

2.2 Wotcha Weka e o enigma do PRM

A estratégia de sobrevivência e avanço para um novo movimento que não tinha apoio internacional fez com que seus dirigentes se reunissem e cogitassem um plano que pudesse enquadrar a vontade popular, para que esta servisse como a sua base social,

¹¹⁰A população alimentou os soldados e também forneceu informações cruciais sobre os movimentos e posições das tropas da FRELIMO. A FRELIMO, apanhada de surpresa por esse desenvolvimento, foi forçada a reconhecer esta colaboração. O mesmo apoio popular foi mais tarde fornecido à Resistência Nacional de Moçambique (Resistência Nacional de Moçambique, RENAMO) quando também começaram a atacar as posições da FRELIMO, na província da Zambézia, no início de 1982. (Tradução livre do autor). (CHRTISTIE, 1988, p. 34).

¹¹¹ CHICHAVA, 2018, p.18

¹¹² CHICHAVA,2018, p. 19.

e, conseqüentemente, formasse uma força conjunta entre a população e a sua guerrilha. Como saída, o PRM instruiu a população a queimar as cabanas e revoltar-se contra o socialismo científico. Na base dessa plataforma, a população começou a se manifestar e a juntar-se às ações da guerrilha.

Contudo, as ações do PRM foram para além dos ataques armados. O Partido Revolucionário de Moçambique implementou uma ação popular de modo a inserir e a intensificar as revoltas para com as políticas da Frelimo. É importante reconhecer que Wotcha Weka foi uma forma inteligente de inserir o campesinato nas revoltas antifrelimo implementadas pelo PRM, envolvendo a população que estava descontente com a implementação das aldeias comunais e com todo o regime marxista da Frelimo.

As ações de Wotcha Weka eram muito eficientes e recorrentes na região da Zambézia. O PRM chegou a ser chamado por esse nome, isto é, grande parte dos intelectuais e da elite do governo moçambicano pensavam que Wotcha Weka era o nome alternativo do PRM. Mas Wotcha Weka, como explica Chichava (2018), não era um movimento político, e sim uma ação que a população fazia junto das suas próprias cabanas nas aldeias comunais, como reivindicação contra o regime em vigor. Conforme Cahen, “[o] campesinato não teve direito a continuar a viver no seu habitat disperso e teve – nem sempre obedeceu, como na Zambézia – de se agrupar em aldeias comunais”¹¹³.

Neste sentido, Wotcha Weka representou o nome das ações encorajadas pelo partido PRM para a população queimar e destruir suas próprias cabanas nas aldeias comunais, construídas em nome do socialismo e da inserção do Estado nas regiões rurais. Podemos dizer que essa ação representava uma reivindicação popular juntos às políticas emanadas pelo governo da Frelimo no processo da construção do Estado-Nação.

Wotcha Weka (que significa “queimar sozinho”, em língua choabo e sena) é uma ação que se estendeu por quase toda província de Zambézia. Por isso, a Frelimo teve que dobrar o número dos Grupos Dinamizadores para vincar e denunciar os promotores. Mas essa estrutura administrativa da Frelimo não teve sucesso, porque as ações intensificaram-se mais até a chegada da RENAMO na região da Zambézia, em 1983.

¹¹³ CAHEN, 2019, p. 38.

Wotcha Weka chegou a ser uma ação extra do PRM, pois alguns ataques já estavam sendo executados por iniciativa própria da população. Chichava explica que “a população se recusou a entrar nessas aldeias e a Frelimo estava preparada para usar a força para que isso acontecesse”¹¹⁴. Como resposta a essa política, a população dedicou-se à ação e a intensificou cada vez mais.

As aldeias obrigavam a população a abandonar suas terras, que tinham a proteção dos seus espíritos e riqueza, e andar quilômetros de manhã e à noite para retornar às suas antigas machambas, residindo, contudo, compulsoriamente na aldeia comunal. A população anuiu às imposições políticas e administrativas do Estado, aderiu em massa às ações do PRM e acatou todas as recomendações e propagandas desse partido, implementando-as com muito sucesso.

O PRM explorou a insatisfação da população a seu favor, implementando com muita eficácia a operação Wotcha Weka para sabotar tudo o que dizia respeito às aldeias comunais e à administração Frelimo. Wotcha Weka foi uma investidura paramilitar e civil que representou uma ação muito eficiente, e a população sentia-se inclusa no protesto. Este foi tão recorrente que preocupou a administração Frelimo.

2.3 O que representavam as ações do Wotcha Weka?

Taticamente e tecnicamente, as ações representaram um importante fator resultante da discórdia e do descontentamento das populações em relação à Frelimo e às suas políticas. Como podemos observar, muitas aldeias não eram acompanhadas por qualquer infraestrutura social e econômica e estavam muitas das vezes localizadas longe do solo fértil para a prática da agricultura, não oferecendo, assim, qualquer ação social para o progresso daqueles que lá habitavam. Como consequência, a população achou legítimo juntar-se às causas do PRM, de luta contra o marxismo e imposições do Partido Único.

Como mostramos na seção anterior, na qual citamos os argumentos de Chichava (2018), que elenca que o PRM foi confundido com as ações Wotcha Weka na mesma época, o partido mais uma vez foi confundido com uma rádio de nome Voz da África Livre, uma estação emissora que estava ligada às propagandas antifrelimo.

¹¹⁴ CHICHAVA, 2018, p. 21

Na mesma linha, Chichava (2018) explica que “essa confusão obrigou os dirigentes do partido a desencadear uma mobilização em forma de mostrar que havia diferença entre PRM e a rádio Voz da África Livre”¹¹⁵. A Voz da África Livre foi apenas uma estação de rádio criada pelo regime rodesiano, sob comando de Orlando Cristina, com o objetivo de persuadir os moçambicanos a não acreditar e aceitar o governo da Frelimo, produzindo propagandas com conteúdo antifrelimo.

Os seus intentos estavam na tentativa de difundir os movimentos anticomunistas. O PRM nunca foi a Voz da África Livre, a qual era uma emissora de rádio sem qualquer ligação com aquele movimento: “Nosso partido sempre foi o PRM, mas as pessoas usaram o nome África Livre para falar sobre PRM”¹¹⁶.

Chichava (2018) mostra que o PRM tinha como alvo principal tudo o que representava a Frelimo, as suas políticas de construção de Estado e a sua ideologia marxista-leninista. Por isso, as cabanas das populações nas aldeias comunais foram alvo da própria população na ação Wotcha Weka, porque elas representavam as políticas da administração do Estado.

Muita gente pensava que o PRM estava apenas reivindicando as políticas de aldeamento e guias de marchas implementadas pela Frelimo, mas, na verdade, o partido estava para além dessa realidade. Em 1981, Lucas Saguata explica que o “movimento não era apenas contra as aldeias comunais, mas também contra tudo o que simbolizava a presença do Estado e a sua administração”¹¹⁷. Essa atuação foi muito bem vista pela população zambeziana, por isso o projeto Wotcha Weka teve muito sucesso.

Dentro desta estratégia, esperava-se que o PRM fosse um partido com dimensão nacional e pudesse granjear muitos apoios internacionais. Os estudos sobre esse partido mostram-nos que nunca houve essa sorte de apoios financeiros internacionais, talvez, pelas estratégias dos seus fundadores, mais ligados à conquista de uma região que só culminaria com a divisão de Moçambique. Isso fez com que as suas investidas militares não se expandissem por todo Moçambique nem por toda a província da Zambézia.

Chichava (2008) mostra que o movimento se limitou apenas a atacar as regiões que fazem fronteira com Malawi e Zâmbia. Essa falta de apoio edita uma queda parcial do movimento, obrigando-o, assim, mais tarde, a juntar-se à RENAMO na década 1980.

¹¹⁵ CHICHAVA, 2018, p. 22

¹¹⁶ SAGUATE apud CHICHAVA, 2018, p. 22.

¹¹⁷ Idem, p. 23.

2.4 As causas do anti-frelimismo e sua mitologia

A mitologia política da FRELIMO não permite que se cite as reais causas da criação dos movimentos anticomunistas e se fale de antifrelimo por parte da população em Moçambique. Todos os documentos da RENAMO, assim como do PRM, explicitavam que a guerra que estavam imprimindo não era contra a Frelimo, mas, sim, contra o comunismo, tentando esvaziar, dessa forma, a ideia de que estavam contra a independência nacional.

O sentimento antifrelimo foi desenvolvido pela população rural, e não pelos movimentos da guerrilha, de acordo com seus documentos e discursos. No documento intitulado “O programa da Renamo”, de abril de 1979, está explícita a ideologia política. Neste documento, a RENAMO defende pôr o fim ditadura comunista e “construir um Moçambique de prosperidade para todos os moçambicanos”¹¹⁸.

O estudo antropológico realizado por Honwana mostra que “a população afetada era unânime em sublinhar que nós já não tínhamos mais a proteção dos espíritos, nem tínhamos a liberdade de praticar os nossos rituais”¹¹⁹. Isso implicava dizer que não estavam independentes nem livres.

Com o fim do poder dos chefes tradicionais, as pessoas deixaram de usufruir da proteção dos antepassados e as coisas começaram a correr mal. Toda a vida da comunidade ficou destruída, pois já não havia respeito pelos velhos, respeito pelos antepassados, respeito pelas nossas tradições.¹²⁰

Aqui estava um grande impacto negativo social do projeto da inserção do Estado no meio rural. O sentimento antifrelimo manifestado pela população, muitas vezes, foi justificado por duas situações:

a) Primeiro – a dominação do Sul na elite política da Frelimo durante a luta de libertação nacional e no período pós-independência. Na composição do Estado, os ministros, os governadores e os administradores distritais eram cerca de 90% de homens do Sul, enquanto as elites do Centro e do Norte sentiram-se marginalizada.

b) Segundo – a política adotada pela Frelimo no período de transição: o marxismo-leninismo, o sistema de aldeamento, a Operação Produção, as guias de marcha, o sistema de Partido Único/Partido-Estado e a pena de morte.

¹¹⁸ Jornal To the Point, Johannesburg, v. 8, n. 14, 6 April 1979, p. 33.

¹¹⁹ HONWANA, 2002, p. 171.

¹²⁰ Idem, 2002, p. 173.

Essas são as causas internas que deram origem ao sentimento antifrelimista para a população analfabeta, residentes nas zonas rurais que não conheciam essas prerrogativas da Guerra Fria e das questões regionais, em especial, do Apartheid da África do Sul. A ideia de que o sentimento antifrelimo é originário das questões geopolíticas da região indica que essa foi a forma encontrada para justificar os maus tratos que o sistema causava à sua população.

Os líderes tradicionais e a população rural que apoiaram a insurgência anticomunista não tinham contato com nenhuma realidade internacional ou geopolítica que muitos intelectuais citam. Eles estavam preocupados com a recuperação dos seus territórios tradicionais e com a dignidade étnica e tradicional, que tinha sido tirada deles no processo de formação do Homem Novo.

Enquanto a elite da RENAMO lutava com o propósito anticomunista, a população rural tinha outro sentimento, o antifrelimo, pois afirmavam que a Frelimo acabou com a sua cultura e o poder local. Além disso, diziam que não tinham mais a proteção dos seus espíritos. Era comum ouvir a população rural moçambicana afirmar que valia mais à pena o governo de Marcelo Caetano (último chefe do governo colonial português) do que o da Frelimo, porque tinham tudo menos a proteção dos seus espíritos.

2.6 As ações de apoio à criação da insurgência

A presente seção tem o objetivo de explicitar as ações encetadas pela Rodésia e por alguns moçambicanos para a fundação da RENAMO e seus apoios para concretização do projeto.

Antes de mais nada, Emerson (2014) escreve que, enquanto a Frelimo disseminava e cantava a sua vitória em Moçambique, fruto dos Acordos de Lusaka, do dia 7 de setembro de 1974, na sua vizinhança, a luta pela Rodésia, atualmente Zimbábue, ainda estava em seus momentos cruciais e críticos, afetando, assim, Moçambique e sua economia. Afinal, a guerra corria intensamente nas veias das fronteiras das províncias da zona central do país, “e rapidamente se expandiu para uma guerra secreta quando os guerrilheiros da ZANLA¹²¹ receberam o apoio do Estado moçambicano”¹²².

¹²¹Zimbabwe African National Liberation Army

¹²² ROBINSON, 2006, p. 97.

As ações de apoio à criação da RENAMO pela CIO¹²³, serviço secreto de Ian Smith, foram motivadas pela aliança nacionalista firmada entre Moçambique e ZANLA, isto é, quando a Rodésia percebe que o recém-criado Estado nacionalista moçambicano apoiava a luta do ZANLA. Isso levou a que as forças de Ian Smith expandissem sua campanha “de contrainsurgência em Moçambique e começassem os ataques diretos às tropas da FPLM e às infraestruturas moçambicanas”¹²⁴, criando, assim, uma tensão militar forte para as províncias de Manica e Sofala, além de causar dois massacres, o de Nhadzonia e o de Guindingui.

A contraofensiva impressa pelos rodesianos nas fronteiras de Moçambique criou atrito entre as duas ideologias diferentes. Assim, Samora injetou as suas tropas para combater lado a lado com ZANLA, iniciando o cenário de exibição da musculatura bélica e da força militar. Como uma forma de responder com inteligência, Smith tentou criar uma diplomacia com o governo de Samora, mas este rejeitou e argumentou que era uma aproximação cínica e, dois meses depois, ordenou o cancelamento do gasoduto que transportava o petróleo da cidade da Beira ao Zimbábue.

Contra toda as expectativas da Frelimo e da ZANLA e como forma de imprimir vingança ao recém-formado governo da Frelimo e à aliança esmagadora dos nacionalistas, os amigos do Ian Smith e inimigos internos e externos da Frelimo instruíram-se e uniram-se para apoiar a ideia de criação do movimento oponente ao governo com a bandeira do anticomunismo.

Sob auxílio logístico do governo rodesiano, com sua “política antigoverno da maioria negra e anticomunismo”, formou-se o MNR, atualmente RENAMO. Esta é a tese genérica que os intelectuais nacionais e internacionais sustentam. Inclusive, alguns livros de memórias narram esse fato.

Mas, na verdade, fazendo uma análise e reconstrução historiográfica, veremos que os rodesianos, em parte, foram usados por André Matsangaissa, Apesar de terem tido essa ideia de criar um movimento militar para combater a aliança Frelimo-ZANLA, eles nunca criaram o movimento. O próprio Smith argumentou que:

Era o nosso trabalho ajudá-lo a combater. Claro que havia negros em Moçambique que se opunham a Samora Machel. Claro que tínhamos de os ajudar. E ajudamos. Qualquer pessoa que combatesse os nossos inimigos era nossa amiga¹²⁵.

¹²³ Central Intelligence Organisation, fundado por Happyton Bonyongwe em outubro de 1963

¹²⁴ ROBINSON, 2006 p. 97.

¹²⁵ SMITH apud ANTUNES, 1996, p. 600.

Os depoimentos de Ian Smith contrastam, em parte, com as correntes que sustentam que a RENAMO é apenas uma criação da Rodésia do Sul para a desestabilização da independência de Moçambique. Como podemos ver na entrevista de Arouca, homem de Inhambane, quando se avistou com Samora Machel, na Tanzânia, advertiu ao presidente da Frente de Libertação de Moçambique que tomasse “cuidado, porque o socialismo nunca deu de comer a ninguém”¹²⁶.

Na verdade, a Rodésia não criou a RENAMO, apenas apoiou e facilitou a sua fundação, oferecendo campos de treinos, armamentos e manuais de treinos militares. A ideia da criação da RENAMO floresceu quando André Matsangaissa chegou à Rodésia com o intuito de pedir apoio aos rodesianos, de forma a criar uma força militar para combater o governo da Frelimo. Segundo Emerson (2014), em nenhum “momento o CIO procurou criar a RENAMO como contrapeso político e militar ao governo da FRELIMO com a sua própria agenda política e liderança independente”¹²⁷. André Matsangaissa foi a peça-chave na fundação, porque várias vezes os ex-colonos tentaram fundar um movimento, mas tudo terminava no papel, sem sua concretização. O discurso de que André Matsangaissa era fantoche dos rodesianos parece pender mais ao discurso político do que ao discurso histórico.

Segundo Antunes¹²⁸ (1996), Flowers foi apoiando pequenos grupos avulsos, mas a aposta rodesiana na subversão do regime Frelimo passou por dois anos de frustração. Lê-se no texto de Antunes (1996) que Ian Smith era resistente, por isso, em março de 1975, afirma que “eu não acredito num governo de maioria negra. Nem agora nem daqui a 1000 anos. Penso que seria um desastre para a Rodésia”¹²⁹.

Partirmos dessa tese de Ian Smith para argumentar que André Matsangaissa usou a ganância dos rodesianos para implementar o seu projeto contra o marxismo. A outra parte de nossa tese parte pela prerrogativa de que os rodesianos pensavam que Matsangaissa estava ao seu mando para criar um pequeno grupo de mercenários. No campo, André Matsangaissa conduzia a guerra para disseminar as suas políticas, implementando uma estratégia político-militar que os próprios rodesianos não

¹²⁶AROUCA apud ANTUNES, 1996, p. 602.

¹²⁷EMERSON, 2014, p. 41.

¹²⁸Segundo Antunes (1996), Arouca granjeara prestígio como opositor ao regime colonial, Mais tarde, ele se deslocou a Portugal e manteve vários contatos com Jorge Jardim sobre o regime que estava sendo adotado em Moçambique.

¹²⁹AROUCA apud ANTUNES, 1996. p. 600.

conseguiram contornar, nem perceber o que estava acontecendo com o movimento e como estava evoluindo daquela forma.

Depois de aceitar a proposta de André Matsangaissa, certamente, Flowers e sua equipe de CIOs nunca imaginaram que a RENAMO transformar-se-ia em um sério desafio militar e político, e que seria em menos de uma década. Contudo, “Ken Flowers reconhece que nessa altura os seus serviços tinham perdido o controle da dinâmica do destino do grupo militar”¹³⁰.

Voltando à tese geral dos intelectuais nacionais e internacionais alinhados ao regime, é importante deixar claro que estes queriam que a população moçambicana e o mundo inteiro percebessem que o movimento não era concepção dos moçambicanos, mas sim uma criação estrangeira. Ora, quando estamos falando dos amigos da Rodésia, estamos referindo-nos aos fatores externos que são mais citados quando se estuda sobre a origem desse movimento, dentre os quais encontramos figuras como: Pedro Rodrigues (brasileiro), Jorge Jardim (português), João Ferro Dias (português nascido em Moçambique-Chimoio), Orlando Cristina e, mais tarde, Ken Flowers (rodesiano e representante do CIO).

Já no sentido do inimigo do comunismo, estamos nos fatores internos. Aqui, encontramos as causas internas, como a abolição dos cultos e das lideranças tradicionais, o fim das religiões tradicionais locais e internacionais, os campos de reeducação, a Operação Produção, as penas de morte, a perseguição aos curandeiros e as prisões políticas. Sobre a reivindicação dessas causas, encontramos a figura de André Matade Matsangaissa e, mais tarde, Afonso Dhlakama, sob proteção total dos líderes tradicionais.

A segunda tese é da questão ligada ao tipo de colonização que Manica teve. No período colonial, a província de Manica estava mais ligada à Rodésia e toda a sua cultura e economia assemelhavam-se (grande Zimbabué) às desse país.

Na semelhança da batalha sobre a feira de ouro de Manica, em 1890, veremos que toda população Shona lutava a favor dos britânicos da Rodésia e não dos portugueses. Com essa influência rodesiana, os Shonas tinham uma cultura capitalista, agregando quase 75% desse povo, o qual era composto de pequenos fazendeiros e criadores de gado bovino concessionados pela metrópole rodesiana. Além disso, os seus

¹³⁰ GEFFRAY, 1991, p. 13.

filhos trabalhavam nas fazendas rodesianas. Esse último fator foi muito determinante para a hegemonia do movimento na província.

Não é pelo fato de saber que era a Rodésia que patrocinava o movimento, mas pelo fato de que esses eram proibidos de trabalhar nas fazendas para se dedicar às atividades das cooperativas e à destruição do modelo de vida que haviam copiado dos fazendeiros rodesianos, de criação de gado e pequenas fazendas familiares.

Os líderes tradicionais fazem parte desse triângulo de insurgência, já que, por cobertura deles, a RENAMO teve sucesso na implantação das suas bases e no recrutamento dos guerrilheiros em Moçambique. Eles tiveram uma grande influência na mobilização da população da sua jurisdição para apoiar a RENAMO. Tais líderes viram na RENAMO uma plataforma principal para reivindicar suas personalidades, que lhes foram negadas no projeto da criação do Homem Novo. Isso nos leva a crer que a RENAMO, como movimento, não é apenas uma criação externa. Há uma dualidade entre a paixão interna e externa de vingança contra as modalidades políticas impressas pela Frelimo no pós-independência.

No decurso da tese, teceremos argumentos que nos conduzem a saber quem usou quem para a criação da RENAMO. Isso nos levará a compreender por que os fatores internos foram mais determinantes para a RENAMO evoluir e tornar-se um partido e oponente forte da Frelimo. A RENAMO não conseguiu conquistar adesão significativa no seio das camadas sociais urbanas nem na comunidade internacional. Seus patrocínios internacionais eram feitos de forma individual e não institucional.

A falta de apoio urbano explica-se pelo fato de a RENAMO atacar, sistematicamente, tudo o que representasse o Estado e a sociedade urbana dessa sociedade. Isso era designado pela RENAMO como a “população” da Frelimo. Esse conceito surge na dinâmica das políticas de Operação Limpeza e Produção, em que todos aqueles considerados parasitas e contrarrevolucionários foram deportados para os campos de reeducação e produção, pois estavam transmitindo maus valores às cidades.

2.7 O ano de 1976

A presente seção tem como objetivo explicar de forma detalhada os acontecimentos de 1976¹³¹, ano em que se formalizou a ideia da fundação do movimento de desestabilização de Moçambique, ou anticomunismo.

¹³¹ O ano de 1976 é considerado como aquele que deu uma virada na história contemporânea de Moçambique. Os documentos e as narrativas históricas orais e escritas mostram -nos que foi nesse ano que começou a se construir a ideia de formar uma força contrária à Frelimo.

Como nota de partida da seção, resta informar que elencaremos apenas os acontecimentos dessa época, sem extrapolar para os outros anos, para, assim, darmos o ponto de partida ao nosso raciocínio de pesquisador sobre essa guerrilha movida em Moçambique.

A tese de que a RENAMO é um movimento que propagava o sentimento anticomunista¹³², e não antifrelimo, foi desenvolvida nesta pesquisa, baseando-se nas análises dos primeiros documentos do movimento, que nunca mencionaram em seus escritos uma luta antifrelimo.

O anticomunismo era a bandeira principal da política do então movimento rebelde. Mesmo perpetuando sabotagens das infraestruturas do Estado no campo da batalha, nada impediu que movimento tivesse uma base social muito extensa devido ao seu discurso antinomista. Para a RENAMO, o comunismo marxista era o mal que afetava e estragava o desenvolvimento da nação e a liberdade do povo, devido à sua arrogância, apontando-se as políticas de implementação de cooperativas, as guias de marchas e políticas administrativas de coerção e torturas, como a Operação Produção, os campos de reeducação, a pena de morte e a prisão para os opositores do regime.

Em relação ao design do movimento no nível interno da Frelimo, Dhlakama, em entrevista, sustenta que “éramos todos militares da FRELIMO: eu, chefe provincial da intendência, e o André, comandante de um destacamento de engenharia”¹³³. Neste sentido,

formávamos um grupo de descontentes que entenderam rapidamente que o rumo político que o país seguia era muito errado. A FRELIMO já nos tinha identificado e andava em cima de nós. Faltava apenas o motivo para nos prender”¹³⁴.

Nesse contexto, Dhlakama explica como estava sendo desenhado o sentimento anticomunista dentro do país pelos moçambicanos antes de ter contato com a Rodésia. Essas declarações de Dhlakama não são levadas em consideração nas análises feitas pelos intelectuais, ao estudarem e escreverem sobre a verdadeira origem do movimento de insurgência em Moçambique. Partindo dessa premissa, é possível concordar com Michel Cahen (2019), Sérgio Chichava (2018) e Stephen Emerson (2014), que afirmaram que escrever sobre a origem da RENAMO não é uma tarefa fácil, devido à

¹³² Só no final do mês de abril de 77 é que a Rodésia aceita apoiar a criação de um movimento de resistência ao comunismo em Moçambique, que viria a ser a RENAMO (DHLAKAMA apud PINTO, 1994, p. 218).

¹³³ PINTO, 2008, p. 206.

¹³⁴ PINTO, 2008, p. 206.

fragmentação que se atribui a essa história, além de o movimento ostentar vários enigmas por trás da sua origem.

O primeiro é dado pelo fato de que há muita escassez de documentos, livros e artigos que relatam o surgimento do movimento político e armado pró-democracia. O segundo motivo é que, das poucas informações existentes, há muita discrepância entre os relatos sobre a verdadeira origem da RENAMO como um movimento armado e político contra o regime marxista da Frelimo.

2.8 A fuga de André Matsangaissa

A presente seção objetiva descrever as circunstâncias que levaram à fuga de André Matsangaissa dos campos de reeducação, em Sacudzi-Gorongosa, partindo da prisão precipitada pela acusação, levada a cabo pelos seus superiores, de ter roubado um motor de uma viatura da marca Mercedes-Benz em dezembro de 1976.

Falar da fuga de André Matsangaissa desperta atenção para saber como os moçambicanos integraram-se no projeto RENAMO e quais são os motivos que levaram esses jovens a se juntar à Rodésia.

Encarcerado nas matas de Gorongosa, Matsangaissa escapa da cadeia e decide partir de Sacudzi rumo à Rodésia. O que ele queria nesse país era um campo de treinos e servir-se deste como um refúgio às perseguições do regime para o seu grupo. Numa primeira fase, André Matsangaissa ia ao encontro de Orlando Cristina, locutor e coordenador da Voz da África Livre.

André nasceu na zona da fronteira da província de Manica com a Rodésia, falava o Shona e conhecia muito bem a zona fronteiriça. No livro *Os jogos africanos*, de Jaime Nogueira Pinto, sobre a fuga de André Matsangaissa, Afonso Dhlakama argumenta que

Alguns familiares nossos da zona da Gorongosa ajudaram o André a fugir, isto em dezembro de 76, e o plano era que ele fugisse para a Rodésia. O André fugiu para a casa de familiares seus, na província de Manica, localidade de Chirara, que se situa a cerca de 500 metros da fronteira. Esteve em Chirara 10 dias a fazer o reconhecimento do terreno e a ver qual seria a melhor rota para ir para a Rodésia. Quando saiu de Moçambique e entrou na Rodésia, foi preso pelas autoridades rodesianas e ficou 15 dias detido a ser interrogado. Queriam saber se ele era um espião ao serviço do Mugabe e da *FRELIMO*¹³⁵.

¹³⁵ PINTO, 2008. p. 217.

Sua naturalidade influenciou muito a entrada na Rodésia, visto que as regiões de Manica e Rodésia tem os mesmos traços culturais e linguísticos. Matsangaissa estudou na Rodésia e já conhecia a casa, assim como falava bem a língua inglesa, para além da língua local Shona.

Conferenciado, o projeto proposto por Matsangaissa, o *Special Branch*, tinha interesses opostos, queriam fazer dele os “olhos-e-ouvidos”¹³⁶ de Smith. Mas, na verdade, André Matsangaissa tinha um objetivo diferente do CIO do Flowers.

Como podemos ver, aliados da Rodésia, depois da entrada de André Matsangaissa no comando, os antigos portugueses propuseram que o recrutamento fosse feito na Rodésia de forma a garantir seus interesses. Porém, para Matsangaissa, seus elementos e guerrilheiros deveriam ser recrutados em Moçambique, na província de Manica: “André Matsangaissa conhece a moral dos combatentes da FRELIMO como as suas mãos”¹³⁷. E isso facilitaria a sua execução e sobrevivência em qualquer eventualidade.

Os argumentos de Dhlakama mostram que já tinha percepção de que a população estava disposta a lhe apoiar, mas ele não revela como tinha essa certeza. Alguns intelectuais defendem que, pela influência do pai, que era régulo, ele já podia estimar o nível de apoio e popularidade que poderia ter. Em parte, isso mostra que já havia um trabalho interno sendo realizado rumo à fragmentação e ao surgimento de uma outra força política dentro do partido Frelimo.

Da mesma matéria, está explícito que depois de ter consumado a fuga e ter granjeado a simpatia dos rodesianos, André pediu uma arma AK-47 e granadas defensivas que Henry Elliot, inspetor da unidade rodesiana de polícia CID, aprovou e entregou.

Em relação a essa matéria, percebe-se na entrevista de Dhlakama, posteriormente reforçada pela carta escrita pelo CIO, em 20 de dezembro de 1976, na qual faz menção de ter prendido um espião da Frelimo, que André, numa primeira fase, fora percebido como um elemento estranho na conspiração que estava sendo desenhada pelos antigos colonos moçambicanos. Na entrevista, Dhlakama explica que André Matsangaissa,

¹³⁶ FLOWERS, 1987.

¹³⁷ NKEPE, 1994, p. 224.

quando saiu de Moçambique e entrou na Rodésia, foi preso pelas autoridades rodesianas e ficou 15 dias detido a ser interrogado. Queriam saber se ele era um espião ao serviço do Mugabe e da FRELIMO. O André, que era um jovem forte e determinado, informou-os que não era nada disso e foi insistindo em dizer que tinha um grupo de jovens militares das FPLM que estavam na Beira e que precisavam de armas para lutar contra a FRELIMO. Numa primeira fase, os rodesianos recusaram apoiar porque diziam que não tinham essa política, que isso para eles não era nada. Depois de algum tempo, em que o André, depois de solto, ficou na Rodésia e era vigiado, os rodesianos pediram-lhe que trabalhasse para eles. O André primeiro recusou e nunca disse os nossos nomes. Mas depois entendeu que era uma forma de o testarem e acabou por aceitar. Começou a trabalhar para os rodesianos na área das informações e entrava em Moçambique com muita frequência para identificar bases e apoios da ZANU.¹³⁸

Essa entrevista mostra-nos claramente que o projeto da insurgência não partiu apenas da mão externa, como temos visto nos discursos oficiais do governo. Também havia uma arquitetura interna bem construída para dar início a uma insurgência em Moçambique no pós-independência.

João Machava (31.03.2021) também dá a mesma explicação sobre a fuga de André Matsangaissa, na qual elenca que as coisas começaram da seguinte maneira:

(...) presidente André Matsangaissa tinha um cargo de chefia, era engenheiro das forças armadas da Frelimo na cidade da Beira, sabes que em 1975 começou-se a implementar uma prática que mesmo os militares também ficaram tristes. Começou-se a se prender as mulheres e os homens que se encontravam a circular nas estradas, foram presos alegando quem estava a prostituir, eram perguntados onde está sua mulher ou seu marido. Ou seja, era dito, este é seu marido, estás casada? Basta dizer não, cruzamos aqui mesmo, e íamos no mesmo destino/caminha. Então iam fazer a prostituição, daí iam presos. Daí muitas mulheres foram presas pelos militares. Tinha-se aquelas mulheres que iam ao mercado deixando bebês recém-nascidos e também eram presas sem ter mais a chance de voltar a casa. Essas mães deixaram as crianças porque iam comprar alguma coisa no mercado. No meio da caminhada surgiram os soldados e prenderam-nas. Os militares levaram as crianças e foram deixar no partido, essa prática foi um jeito de manifestação de desagrado. Foram deixar crianças no partido, isso fez com que o estado criasse uma estratégia de barrar, para que essa prática não seja repetida mais usando a violência dentro das forças dos governos. Essa revolta abrangeu os soldados e a população civil. A mesma manifestação fez com que os soldados disparassem tiro para cima em jeito de dispersar a multidão. Em dezembro de 1975, nos dias 5 e 6 desse mês, os dirigentes em Maputo tentaram fazer golpe de estado. Muitos foram para a ilha de nome Chifina, se estiver em Maputo essa ilha localiza-se na zona da costa sul. Presidente Afonso Dhlakama, como comandante, estava na Beira, província de Sofala, foi solicitado para fazer um curso de especialização para ajudar a arrancar as armas que estavam com os soldados frustrados pelas suas esposas presas. Mas não parou por aí, muitos militares foram ver que o objetivo da Frelimo em Moçambique não era perpetuar a liberdade, não era de trazer a democracia dentro do país, devia ser realizar eleições para escolha do presidente e governadores. Quando isso aconteceu, o antigo SNASP, atualmente SISE, foi colocado em todas as instituições para controlar o que estava acontecer. Como André Matsangaissa tinha estudado no Zimbábue, ele não falava bem português nem escrevia bem, ele tinha estudado o inglês e

¹³⁸ PINTO, 2008. p. 208.

Shona apenas. É... começaram a lhe seguir tendo em conta que ele era uma pessoa que conhecia todos os lugares que concentravam os militares do Zimbábue (Komeredes). Ele é que canalizava tubos de água nas bases da ZIPLA. Então, chegou de sair da Beira para Munpinahanga, levou duas pessoas, depois não deu certo e chegou a voltar. Mas, ao voltar, quando chegaram ao Inchope, viram que já estavam sendo seguidos. É daí onde foram presos e foi acusado de ser alguém que queria fugir para Rodésia, mas não é isso que ele pretendia fazer. Foram levados a Sakudzi no distrito de Gorongosa, perto do rio Púngué. Tinha muita gente aí e muitos vinham de Maputo, Salimo Muhamed e José Cadeia, citando como exemplo. Enquanto viviam na Beira, André e Dhlakama eram grandes amigos, depois Dhlakama foi preso, permanecendo na prisão por 5 dias, mas, na verdade ele não sabia de nada sobre a fuga de André Matsangaíssa. Em dezembro de 1976, André fugiu para a Rodésia. Quando chegou na Rodésia, ele disse aos rodesianos que pedia armas. Já era militar da Frelimo desde 1972. Quando foi à Rodésia, os brancos não tinham a certeza de que na verdade ele estava à procura de lutar contra a Frelimo ou tinha sido enviado para fazer uma espionagem, prenderam e lhe colocaram na cadeia. Ficaram alguns dias a estudar se na verdade tinha esse objetivo. No dia 1 de janeiro de 1976, os brancos disseram que iam lhe testar. Vai fazer uma coisa que nos mostra que você está capacitado para fazer uma guerra. Entrou em Moçambique com dois militares. Quando chegaram em Manica, fizeram uma emboscada a um caminhão, isso foi aí em Manica na montanha de Nhakondza, onde bateu num ferro que era posto de telefone e partiu-se, até agora existe esse ferro, depois desse ano voltou a Zimbábue para ir prestar as contas do que tinha ido fazer. Os brancos descobriram que ele era um bom homem, é daí que lhe foram entregues armas para regressar a Moçambique. André disse aos brancos que queria libertar povo e lhe foi entregue uma AK-47 e uma pistola e partiu em maio para Gorongosa. Quando atacou o centro de Gorongosa, pelas 23 horas, queimaram todas as casas que estava aí, e levaram todos e rumaram para Rodésia para treinos militares. Em junho de 1977, Dhlakama fugiu para Rodésia em junho de 1977, quando ainda aconteciam os treinos militares, Ele foi para a Rodésia com Alexandre Vidal e Gobo Globo, esse último natural de Machanga. Quando chegaram à Rodésia, foram presos. Ao chegar na Rodésia apresentou-se como comandante que estava vindo de Moçambique, ele estava na superintendência, na parte da logística, todas as armas ligadas a Zanu-PF eram por ele controladas. Daí eles prenderam, alguns dias depois chamaram André, porque ele tinha avisado que tinha seu amigo de nome André que está aqui. Os rodesianos começaram a desconfiar que talvez tenha sido enviado para espionar e se juntar com André, para depois ir dar a informação ao aliado da Frelimo, que é a Rússia. Sendo assim, permaneceu na cadeia até os dias em que foi chamado André. Quando abriram a porta da cadeia, André e Dhlakama começaram a se abraçar, é daí que os rodesianos perguntaram se o André e Dhlakama se conheciam antes. Os mesmos brancos logo notaram que esses se conheciam, e foram se juntar aos três no mesmo ano 1977. Daí traçaram estratégia de onde podemos dar entrada com a nossa guerrilha fortemente, e lugar onde podemos estabelecer nossas bases, porque fazer vai e vem será muito difícil. O primeiro grupo que se estabeleceu e começou a viver em Moçambique foi com André. Implementou a sua base em Gorongosa no dia 21 de agosto de 1979, primeiramente fazia vai e vem para Zimbábue, daí ele disse que todos aqueles que estão na função operacional devem viver aqui em Moçambique. Nos anos em que Zimbábue estava a entrar em independência, decidimos irmos todos de Zimbábue para viver em Moçambique. As primeiras bases se estabeleceram em Sussundenga e outra em Mossurize, base de Sitautonge, perto da Montanha que, ao lado do rio Rusite, outra base foi numa zona chamada Chiwanga, depois mudou-se para a montanha, em 1979¹³⁹.

¹³⁹ Nhorondo ya Renamo yakati remebei, zvekuti Renamo zveyaka rurwa, vazinji, chikurukuro havana kuva ne gonda, rekuti presidente Andre Matande Matsangaissa, vanga vakakodzera kuti a advise Frelimo.

Como se vê nos discursos do Dhlakama, assim como de João Machava (31.03.2021), depois de toda desconfiança em relação a André Matsangaissa, apenas no final de abril de 1977 a Rodésia aceitou apoiar oficialmente a criação de um pequeno movimento de resistência anticomunista em Moçambique, que viria a ser o MNR, alterando para RNM e, depois, RENAMO.

Nditangue matangire azvo zvakatanga so, presidente Andre Matande Matsangaissa, vanga uno humambo e engenharia we mashodja e frelimo mu cidade ye Beira, saka muziwa kuti muna 75 kuakatanga ku isu zvimwe zvekuti kana mashodja chaiwo waka susumwa. Kuakubatua, wakadzi ne warume waionekua echifamba muma Rod, vaisungua zvichizui murikuita chihure, zvaibvudzua kuti mukadzi wako kana kuti murume wako here. Ukati kuete tato sangana murod tiri kuenda mumwe chete, zvinozvi nada mangamurikuenda koita chihure, Osungua, saka kuaka sungua wakadzi waka vanda nema sodja, waienda kumusica, wasia wana kumusha, waiti ndiri kumboenda ko tenga tenga zviro zvango. Saka ipapo paka buda bomgoso nema sodja. Masodja wakatora wana wacheche akaenda ko sia ku partido neku tsutsumua, kupartido frelimo kosia nekutsutsumua. Wakaenda kosia wana ipapo zvakaita kuti, hurumende izvivare i, yakazvovivara kuti zvisaitikezve. Kutsutsumua uku kuanga kuaita mukati mesma sodja eifamba echi ridzira fhuti mudenga. Muna dezembro 1975, musu wa 5 na 6. Wakuro wekumaputo waka tsandzira kuita golpe do estado. Wajingi vuaka singua, vakaenda kuchitsua inozichifina, mukanga muri kumaputo monoringir ku ndi rekucosta do sol. Presidente Dhlakama sa comandante vanga mu Beira, mu Sofala, wakadindzua kuti vaite curso kuti abatsire kutorera fhuti vanhu iwowo. Asi azvisi kumirira ipapo vazinji masodja wakaenda kuzuona kuti chinagwa cha frelimo mu Moçambique changa chissi che izvozo, changa chiri cheundza democracia mucati menyika, kuaida Cuizua mavoto, Kutsanangura, ma presindete, kutsanagura ma deputado, kutsanagura ma governador. Pakazoenda ko munozvizia, inozvui sise kare yaizi SNASP, yanga yakaparadzirwa mumabasa ese. Yai ongorora kuti chiny chirikuitika, sekuti Andre vakafunda ku zimbabwe ku Rodésia chiputuquese, vanga asikaturi zvakanaka, cha wakafunda inglish. Vanga vakafunda inglê. Eh... vakatanga kumuterera sekuti munhu vaizia, kuese kaui svika Makomerede, Ndiwe vaigadzira makembe, dzvimbo, mapombi, bvura zveise ndiwewa vaisa. Saka vakazobva ku Beira wo uyia mupinahanga, vakatora wanhu two, hasi azvisi kuita, vakazodzokera, manji pakuzodzokerapa asvika pa Inchope vanga wakutererua. Ndipo paka sungua, o pomerua mhosva wekutiza, vaida kutiza kuenda ku Rodesia, asicho chinangua charicho. Vakatorua kuakuisua kusakudzi, kuno djimbo imwe yakagadzirua, ya isua anhu, no distrito ye Gorongosa quase kuruzi wapungue, wakanga wakawanda vazinji vaibva maputo ana Salimo Mahumend, muimbi uya. Paneuwe mukuro va izi Cadeiado, José Cadeiada wakanga. Saka izvo vari mu Beira vanga wchizuanana na presidente Dhlakama, presidente dhlakma akasoishuao mugere, 5 days arimugere, ozobudhisua, hapana chaizia zvekutiza ka Andre ogara, wakazote dezembro 1975 ndipo pawakozotiza, iwe andre kuanda ku rodesia, paka svika ku rodesia wakati ndiri kuda futi. Wanga va musodja, vakapinda 1972 ma Frelimo. Pakazoenda ku Zimbabwe ku Rodesia, hasi arungu azi kugonda kuti chua chua, ungaite Munhu irikuda kuruisana na Frelimo here kanakuti vatumwa, vakamuisa mugere, vakagara kuemazwa mangana echi ongorora, chinyi changa hambira kuno. Wakazozvi muse wa 1 janeiro, oti toda kumbomuedza kuti zve chua chua here. Uite chinhu chenepangidza kunti ono kuanisa kuita hondo. Waka pinda um mozambique, aka pindzua ne anhu, machodja mair, hakapinda mozambique, osvikira manica, akasvika akaenda ko wuandira motocar, vanozi kumanica, pagomo pamateni, ipopo vakafura simbi ye fone ika guka wanga itolipo yakazobvisua izvozvi, hafu yacho yanga iripo. Pakaita izvo wakabva adzoka ku Rodesia zvikandzi ndadzoka. Warungo wakati unobasa uyu, ndipo pakazo puwa fhuti kuti adzokere pa kati ini dirikuda kosunungura wanhu, vasingua wandanga diri nawo, hopuwua fhute AK47 ne pistola. Kakubva a enda muna maio, osvika otoridza, eiti, liberdade, rusununguko rauya, kuakutora azinji ese aiwe pakembi kuakupisa dzimba dzese kuma 23 horas dzeusiku kuakutora wanhu ose kuti aende nawo kowatrona ku ridesia asi mundzira vakatiza wakawanda akazvosvika nemachoma. Muna junho, presidente dhlakma wakatizao, Gore ripi já? Gore ra 1977, junho de 1977, junho wanhu wanga achikutrenua, ndipo pawakazotizao, presidente Dhlakama wakatora, ne uwe muchoda waizui Alexandre Vidal ne uwe waizui Gabo Gabo, 'weku Machanga, kuakubva aendeyo. Wakasvika obva waisuo mudjeri. Echisvika wakati ndiri Comande dabva mozambique, we um província, superintendência unona gezvezvombo uniforme, zvombo zveze zvainda ku Zanu PF, kubva wabathua oisua mudjer, kuapera chingua wari mugeri imo kuakudaizwa André, ngekuti wakataura kuti ndino tera chamwari yangu Andre, urikuno, akutofunga kuti zvimwe watumua kuti waende kusangana na André. Hazenda kotura nekuti ma ga vuna mazinji aitia frelimo, frelimo wanga tembua ne Russia, russia yatiau manig, (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava, 31.03.2021

Nesta diplomacia conspiratória, a Rodésia chegou a olhar a figura de André Matsangaissa como o melhor aliado para concretizar o seu sonho da desestabilização do Moçambique.

A confiança que André Matsangaissa teve com os rodesianos deve-se a ele ter afirmado que conhecia o inimigo a combater. Ao falar disso, Matsangaissa pretendia ter apoio logístico para treinamento militar e depois constituir um novo movimento como guerrilheiro em Moçambique. Para Newitt, “o Governo de Ian Smith foi o primeiro a dar algum apoio aos moçambicanos dissidentes”¹⁴⁰.

Mas, também nessa parceria estratégica, Matsangaissa tinha um projeto com plano diferente dos rodesianos. Por isso, o CIO se recusou preliminarmente a ceder apoio, pois queria formar um pequeno grupo com características de mercenários para combater e colher informações sobre as estratégias das forças da ZANLA, dado que o primeiro grupo havia ido para Angola e que, na Rodésia, já havia um grupo de portugueses que estavam dispostos a colaborar. Como André Matsangaissa se tornou líder do movimento?

Cedido o apoio, a Rodésia não queria ver André Matsangaissa¹⁴¹ como chefe ou comandante do movimento. Mas o terreno editava outra coisa (porque a população não queria ver o homem branco em solo pátrio). Isso fez com que André Matsangaissa se tornasse um comandante e implementasse rapidamente os seus objetivos de criação de um movimento anticomunista. Por isso, Cabrita explica que:

no momento da criação da RENAMO, a liderança mantinha o objetivo genuíno de derrubar e substituir o governo da FRELIMO, e somente mais tarde, elementos dentro do regime do Apartheid subjagam a RENAMO ao objetivo de desestabilização. Líderes iniciantes da RENAMO, como Orlando Cristina, trabalharam para diversificar fontes de apoio para libertar a organização do controle de seus patrocinadores estados¹⁴².

Para além desse impasse, percebe-se que eles queriam também ter provas da existência do capital humano. Mas antes de partir, manteve encontros com Orlando Cristina, Jacob Chinhara e Janota Luís, detentores da Voz da África Livre na Rodésia, a fim de tratar da imagem do movimento que pretendia constituir no seio das populações

¹⁴⁰ NEWIT, 1995, p. 442.

¹⁴¹ Na verdade, a história da fundação da RENAMO começou por esses episódios e, em seguida, surgiram os relatos internacionais. Começaremos a fazer uma descrição das discrepâncias em relação a tais relatos entre os cientistas políticos e historiadores desse fato histórico.

¹⁴² CABRITA apud ROBINSON, 2008, p. 19.

em Moçambique. E, em dezembro de 1976, André Matsangaissa partiu sozinho, com apenas uma pistola, de Odzi em direção a Gorongosa, ao todo 150 quilômetros.

No jornal *To the Point*, de 3 de junho de 1977, está explícito que Matsangaissa veio seguindo a mesma trajetória no final de abril, porque a primeira tentativa fracassou, já que foi detido pela Frelimo. Na manhã de sábado, 7 de maio de 1977, vestido como comandante da Frelimo, na companhia de Manuel Matumbura Labssone, natural do Dondo, de etnia Sena, e Marcos Amadeu, de Catandica, distrito do Báruè, chegou a Sacudzi e criou uma confusão, colocando os guardas em pânico. As Forças da Resistência Nacional Moçambicana libertaram 400 prisioneiros do campo de reeducação de Sacudzi, localizado nas proximidades de Gorongosa.

Contudo, depois de traçarmos a trajetória do Matsangaissa, é importante dizer que, para entrarmos nos debates sobre 1976, ano que faz referência à fundação do RNM, atualmente RENAMO, devemos partir de duas correntes histórico-políticas que fundamentaram de uma forma diferente a mitologia da formação desse movimento, quais sejam, as elites intelectuais em Maputo e os intelectuais moderados nacionais e internacionais, que citaremos no decurso da próxima seção.

2.9 Dos objetivos de André Matsangaissa aos da Rodésia

A presente seção tem como propósito analisar os objetivos de André Matsangaissa e da Rodésia para a fundação da RENAMO como movimento armado. O fato curioso nesse mítico design da fundação da RENAMO reside na ocultação¹⁴³ dos objetivos específicos, por ambas as partes, a propósito dos interesses da fundação de uma insurgência para Moçambique, entre André Matsangaissa e os estrangeiros, concretamente rodesianos.

É possível ver nos documentos que os estrangeiros brancos não rodesianos (antigos colonos portugueses de Moçambique) tinham pretensão de “agitar as águas, e mostrar à FRELIMO que uma parte significativa do povo estava descontente pelo comunismo e a maneira como a independência estava sendo gerida”¹⁴⁴. Por sua vez, os

¹⁴³ André Matsangaissa não deixou cair a toalha no chão, fingiu ser cúmplice dos rodesianos e passou a desempenhar a função de espião; a sua cumplicidade está versada a conquistar a confiança dos dirigentes da Rodésia. Pode-se dizer que esse fingimento estrategicamente funcionou, porque acabou ganhando um grande apoio militar e logístico desta colônia britânica já independente unilateralmente.

¹⁴⁴ DIAS, 2008, p. 134

estrangeiros brancos rodesianos tinham a intenção de fazer uma operação contra rebeldes zimbabuanos nacionalistas, que tinham as suas bases em Moçambique.

A outra intenção que tinham os rodesianos, ao financiar a criação da insurgência para Moçambique, era formar e “conduzir uma campanha psicológica e clandestina contra o governo marxista moçambicano – e criar uma oposição suficientemente forte para desafiar a autoridade existente”¹⁴⁵. André Matsangaissa aproveitou-se dessa ganância dos rodesianos de desestabilizar Moçambique para alimentar o seu sonho de imprimir a vingança contra o Estado moçambicano, o qual lhe tirou a sua riqueza a favor do governo comunista recém-instituído.

André Matsangaissa estendeu seus objetivos, expandiu e ampliou os esperados pequenos *flashes* em uma guerrilha de grande vulto. Isso foi contrário ao que estava acordado com os serviços secretos da Rodésia. Por isso, Flowers “reconhece que nessa altura os seus serviços tinham perdido o controle da dinâmica do destino do grupo militar, cuja formação tinham apoiado e orientado, e interroga-se se não teria criado um monstro”¹⁴⁶.

Matsangaissa vê o seu sonho de vingança contra as políticas do Estado concretizar-se e o seu projeto de reestruturação das autoridades tradicionais e de combate às políticas de Operação Produção, campos de reeducação, pena de morte efetivar-se. Matsangaissa desenha o movimento à sua maneira e diferente do que tinha sido combinado com os seus financiadores, cujo CIO¹⁴⁷ tinha proposto para criação de um grupo muito ínfimo, apenas para fazer uma guerrilha de pequena escala. De acordo com a visão de Flowers, de “uma força pequena e controlável, uma classe de treinamento típica consistia em 25 a 30 recrutas”¹⁴⁸, mas Matsangaissa implementou em menos de um ano uma guerrilha de mais de 800 elementos, contrariando a vontade do CIO.

No geral, os rodesianos ficaram satisfeitos com a motivação dos recrutas da RENAMO, que pareciam ansiosos por aprender e rapidamente se tornaram bastante habilidosos. Armas e munições foram fornecidas pelo arsenal da

¹⁴⁵ PINTO, 2008, p. 206.

¹⁴⁶ GEFFRAY, 1991, p. 13.

¹⁴⁷ Esta pequena equipe de quatro a cinco oficiais de CIO (a maioria dos quais eram ex-operadores da SAS) era chefiada pelo major Dudley Coventry, ele próprio ex-comandante da SAS. “Além disso, o ex-instrutor rodesiano diz que essa equipe central de treinamento foi suplementada, às vezes, com quatro a seis especialistas recrutados de soldados territoriais locais e membros do exército rodesiano de língua portuguesa (tradução livre do autor) (EMERSON, 2014).

¹⁴⁸ Flower’s vision of a small and controllable force, a typical training class consisted of 25–30 recruits. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 48).

polícia em Salisbury através do Ramo Especial, mas os recrutas receberam o seu próprio uniforme distintivo para torná-los singularmente reconhecíveis e para aumentar a autoestima e a moral. Em setembro de 1977, a RENAMO conseguiu colocar 76 combatentes em campo, subindo para 288 no início do novo ano e, finalmente, chegando a 914 até o final de 1978¹⁴⁹.

Na sua entrevista para a Rádio Voz da África Livre, Matsangaissa sustentou que o objetivo da RENAMO era restaurar o quadro político da Frelimo e recuperar as lideranças tradicionais que tinham sido marginalizadas por ela. Para Matsangaissa, a guerra só poderia ter terminado quando a Frelimo renunciasse ao comunismo e acabasse com o sistema de partido único e a perseguição dos opositores. Com base no conteúdo da entrevista acima citada, levantamos a seguinte questão: quem usava quem no movimento?

Certamente, Flowers e sua equipe de CIOs¹⁵⁰ nunca imaginaram que a RENAMO transformar-se-ia em um sério desafio militar e político e que isso seria em menos de uma década. Para responder a essa pergunta, temos de observar as duas correntes, para assim chegarmos à conclusão: de início, é preciso afirmar que há uma dualidade de interesses sem revelações por cada parte, isto é, os estrangeiros pensavam que tinham encontrado indivíduos para manipular e implementar os seus desejos, mas a realidade foi contrária, pois muitos moçambicanos viram na RENAMO uma plataforma para se vingar da Frelimo.

Ken Flowers sustenta que o objetivo do seu gabinete era criar uma força pequena e controlável, uma classe de treinamento típica que consistia em 25 a 30 recrutas. Para fundamentarmos esse raciocínio, recorreremos às palavras de Ken Flowers, que afirma que “o desenvolvimento rápido da resistência fez com que pensássemos que tínhamos criado um monstro, porque o nosso objetivo não era criar uma força paralela à Frelimo”¹⁵¹.

No sentido de mostrar mais surpresa aos rodesianos, em setembro de 1977, a RENAMO conseguiu colocar 76 combatentes no campo, subindo para 288 no início do novo ano e, finalmente, chegando a 914 até o final de 1978. Isso mostra claramente a existência de objetivos diferentes entre as três partes signatárias do projeto RENAMO.

¹⁴⁹ Idem, p. 44.

¹⁵⁰ Conhecido como Operation Bumper, que durou de setembro a dezembro de 1979, tanto o SAS como a Força Aérea forneceram apoio crítico que permitiu à RENAMO avançar para o caminho da autossuficiência em Moçambique. Usando sinais de chamada de três para quatro homens da SAS, que foram alternados para dentro e fora do país por via aérea em seis semanas, o SAS ajudou os insurgentes a tomar suas defesas, forneceu treinamento *in loco* para novos homens recrutados localmente e serviu em um conselho.

¹⁵¹ the rapid development of the resistance made us think that we had created a monster, because our aim was not to create a force parallel to FRELIMO. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 47).

Emerson (2014) explica que Eric “Ricky” May, que substituiu Peter Burt na Mesa do CIO nessa organização em Moçambique, era responsável por fornecer financiamento e coordenar atividades com as autoridades de segurança em Salisbury. “O CIO pagou a Matsangaissa 75 dólares rodesianos por mês, seu adjunto \$65 e recrutas receberam \$20”¹⁵², assim como cobriram todo o custo de faturar e equipar a nova força. “Assim, a RENAMO dependia inteiramente dos fundos do governo da Rodésia, apesar dos melhores esforços”¹⁵³.

Na visão histórico-política, é necessário tomarmos atenção e recorremos ao livro de João Ferro Dias, com título *Memórias de um combatente e a verdade sobre a fundação da Resistência Nacional Moçambicana*. A narrativa é completamente diferente daquelas que eram difundidas pela elite de Maputo, nas quais a RENAMO é uma criação da Rodésia.

Neste livro, perceberemos que a verdadeira origem da RENAMO é complementar da responsabilidade do raciocínio célere e unânime de oito homens: Pedro Rodrigues, João Ferro Dias, Póvoa, Manuel Godinho, Rui Silva, Zeca Oliveira e Graciano e Silva, homens que não tinham DNA rodesiano. No mesmo livro, Dias menciona André Matsangaissa como um aliado importante e estratégico e não como fundador ou arquiteto da fundação, mas não descarta a insatisfação do mesmo sobre o governo que havia lutado pela sua independência.

Já para Jaime Nogueira Pinto, no seu livro intitulado *Jogos dos africanos*, há uma conciliação entre as realidades internas e externas, apontando que a RENAMO “nasce de um conjunto de razões, circunstâncias, vontades, sentimentos e ressentimentos”¹⁵⁴, assim como “nasce da nova conjuntura geopolítica regional, com a Rodésia da UDI desejosa de exercer represálias e de contrabalançar santuários e apoios para a ZANU-PF no território moçambicano”¹⁵⁵.

Pinto continua com o seu raciocínio, asseverando que o movimento “nasce também do descontentamento de uma parte substancial da população rural, sobretudo do Centro-Norte do país, em relação às políticas socialistas da FRELIMO e ao seu modo de execução”. Jaime Nogueira Pinto anula completamente a tese de que a RENAMO era

¹⁵²The CIO paid Matsangaissa 75 Rhodesian dollars a month, his deputy \$65, and recruits received \$20, as well as covering all the cost of billeting and equipping the new force. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 43).

¹⁵³Renamo thus was entirely dependent on Rhodesian government funds, despite the best efforts. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 43).

¹⁵⁴ PINTO, 2008, p. 208.

¹⁵⁵ Idem. 2008, p. 208.

simplesmente marionete dos interesses estrangeiros, colocando também o debate ao nível interno da Frelimo e socorrendo-se ao apoio incondicional que a RENAMO teve com a população das regiões acima citadas.

Christian Geffray, no seu livro *A Causa das Armas, Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique*, retoma as conclusões frequentes sobre a elite da Frelimo, afirmando que:

Moçambique era uma base estratégica para a guerrilha dos nacionalistas da ZANU na Rodésia; pouco depois da independência começavam a chegar a Maputo os primeiros cooperantes dos países socialistas - médicos, engenheiros da indústria açucareira e do algodão, professores, todos civis mas soviéticos, cubanos, alemães de Leste, romenos, búlgaros, coreanos, e, por último, os dirigentes moçambicanos impediam aos homens de negócios e industriais: rodesianos o acesso ao mar pela Beira, para eles uma saída marítima vital em Salisbury, os colonos, encarnados e gordos, com os seus calções, meias altas e botas, estavam em contato com uma fauna emigrada sobre-excitada e heterogénea, com a qual partilhavam a mesma exaltação racista e anticomunista, sob o olhar protetor da potência sul-africana.¹⁵⁶

Essa passagem mostra que foi neste contexto que os rodesianos criaram o MNR (Mozambique National Resistance). Esta última parte visa a contrabalançar a ideia principal da tese.

Como notas finais, importa referir que Dias esconde a ideia de que os moçambicanos da RENAMO, rapidamente depois de ter material e treinamento suficiente, desviaram-se dos objetivos que tinham traçado ao criar o movimento. André e o seu grupo arrastaram o movimento para os seus objetivos e criaram uma força paralela, à Frelimo. Por isso, a palavra-chave era *libertar a população das aldeias comunais, guias de marchas, ou seja, do comunismo e do Homem Novo no seu todo*.

RENAMO: Terrorism in Mozambique é o livro de Vines, que de forma indiscutível pode ser considerado como o mais abrangente já escrito sobre a RENAMO. No livro, o autor examina a história da criação do grupo, a sua rede internacional de contatos, a sua estrutura interna, as suas táticas, os seus grupos dissidentes e as suas relações com a população de Moçambique. Apesar de usar as fontes oficiais do governo, Vines “ênfatizou que, enquanto a RENAMO não era uma marionete da África do Sul e tinha algum apoio indígena, eles também careciam de uma ideologia clara e operam em grande parte por coerção”¹⁵⁷.

¹⁵⁶ GEFFRAY, 1991, p. 12.

¹⁵⁷ ROBINSON, 2006, p. 36.

Emerson fecha esse debate, afirmando que foi dito frequentemente que as origens da Resistência Nacional Moçambicana, mais conhecida pela sigla portuguesa RENAMO, são bem conhecidas, mas como muitos aspectos que cercam a RENAMO e até mesmo a própria guerra, os fatos tornaram-se obscurecidos por mitos, meias-verdades e distorções claras dos eventos históricos reais. Tanto os apoiadores da RENAMO como os seus detratores procuraram criar uma imagem do movimento insurgente que refletisse as suas próprias agendas específicas. Tudo isso revelava que os criadores do movimento tinham objetivos diferentes e que Matsangaissa foi um homem de muita estratégia para conseguir concretizar o seu projeto.

No nosso entendimento, a RENAMO foi fundada com um triplo objetivo e foco diferente, os quais já foram mencionados no início, a saber, Rodésia, ex-colônias de Moçambique e moçambicanos dissidentes. Além disso, durante a guerra, as suas guerrilhas também tinham outros objetivos diferentes da sua elite preta, os quais eram particulares. Alguns reivindicavam os seus bens e outros iam como uma guerra étnica.

2.10 O projeto de Ken Flowers

A guerra pela libertação de Moçambique surpreendia cada vez mais os países da comunidade recém-instituída da África Austral e já estava atingindo os patamares e padrões históricos das guerras das revoluções mundiais. Os apoios socialistas já estavam sendo sentidos no seio da Frelimo e dos demais movimentos anticolonialistas.

Como resultado, para combater as insurgências que já passeavam suas classes na região, o bloco imperialista uniu-se e formou as cooperações, coordenação militar entre Lisboa, Salisbury e Pretória, que constituíram característica amplamente indispensável para repelir as guerrilhas dos movimentos de libertação dos anos 60 e 70, criando um cinturão militar apetrechado com treinos militares e armas modernas. Isto é, enquanto as forças coloniais firmavam cooperações entre si, os movimentos nacionalistas de libertação de Moçambique, Rodésia e África do Sul formaram suas próprias relações simbióticas como contrapeso à aliança Lisboa-Salisbury-Pretória, e deram uma resposta imediata.

O espírito cooperativo registrado nos anos 70 fez com que nos campos de batalha da região emergisse uma união étnica em que os guerrilheiros sul-africanos do ANC se juntaram e lutaram ao lado de seus irmãos zimbabuanos no sul da Rodésia. Os guerrilheiros da Frelimo também estavam ajudando ativamente os combatentes da

ZANLA na zona central. Do mesmo modo, os zambianos também se juntaram e lutaram lado a lado com a ZAPU. Isso se deve muito às aproximações etnolinguística. Na mesma formação de grupo ou cooperações, alguns países já independentes da região marcaram suas ausências nas alianças e cooperações das batalhas, como Malawi, Botswana, Lesoto e Suazilândia, atual Eswatini.

O caso do Malawi é bem conhecido, porque a nação sempre protestou pela reposição do Império Marave entre a etnia Nyanja, o qual, pela luz da partilha da África, na década de 1880, passou a pertencer a Moçambique. Mesmo assim, o Malawi permitiu à Frelimo passar do seu país para formar a Frente de Tete, apoiando também a fundação da UNAR, segundo movimento que lutava para libertar a zona norte de Moçambique e que, mais tarde, viria a apoiar um movimento antifrelimo chamado PRM.

As forças de segurança da Rodésia estavam ajudando os seus aliados portugueses em Moçambique, enquanto a polícia e as forças militares da África do Sul, divididas em duas frentes, foram mobilizadas para ajudar os rodesianos a derrubar os nacionalistas. Nesta época, o governo rodesiano de Ian Smith tinha sido muito mais eficaz em conter sua própria ameaça insurgente do que sua contraparte colonial portuguesa. Em 1970, a situação de segurança rodesiana estava bem e caminhava rumo à sustentabilidade.

Com a mudança de estratégia dos guerrilheiros nacionalistas da ZANLA e do Zimbabwe African People's Union (ZAPU), de Joshua Nkomo, que estavam coordenando os ataques a partir da Zâmbia e de Moçambique, a Rodésia foi obrigada a repensar-se e reinventar-se perante o cenário de guerra. Por isso, a figura de Ken Flower, militar de grande gabarito e patente, e a sua instituição CIO foram muito importantes para a concretização desse projeto, embora Ken Flower tenha sido um policial militar da Rodésia do Sul em posições de confiança e de alta patente. Após o serviço de guerra na Somalilândia Britânica e na Etiópia, ele retornou à Rodésia, em 1948, e subiu rapidamente na hierarquia do British South África Police (BSAP).

Em prol da nova tarefa, dedicou-se por muito tempo a estudar a insurgência dos Mau-Mau, do Quênia. Após adquirir conhecimentos sobre ela, aplicou-os mais tarde aos distúrbios da Nyasaland (Malawi) britânica durante o final da década de 1950.

Na Rodésia, Flower foi nomeado vice-comissário da BSAP, em março de 1961. Posteriormente, serviu como primeiro chefe da Rodésia, na área das Forças Especiais, e em seguida, na organização central de inteligência, durante o período de transição da

Rodésia para a República de Zimbábue, após as eleições frutos dos Acordos de Lancaster House, em que ZANU-PF venceu com a maioria absoluta. Essa organização havia sido criada por ele sob o comando do primeiro-ministro Winston Field, em 1963, embora a iniciativa original da criação de uma agência desse tipo viesse do antecessor de Field, Edgar Whitehead.

Nos áudios dos arquivos da BBC de 1970, estão disponíveis os depoimentos de um dos agentes especiais, Owen da Rodésia, que destaca que, depois da declaração da independência unilateral da Rodésia, proferida por Ian Smith sobre o império britânico, Flower manteve sua lealdade ao governo britânico e espionou o governo Smith pelo MI6, disfarçando-se de aliado fiel do novo governo. Em 2011, o programa Documentos da Rádio 4, da BBC, também contou com depoimentos de Lord Owen, o qual afirma que “Flower havia sido uma toupeira do MI6 na Grã-Bretanha durante seu mandato como chefe do CIO da Rodésia e que sua divulgação dos planos da Rodésia permitiu que Mugabe sobrevivesse ao assassinato e se tornasse o primeiro-ministro do Zimbábue”¹⁵⁸, após a independência.

A esse fato histórico militar, na entrevista à BBC, Mugabe confirma e afirma que

“o chefe da Inteligência Rodesiana, Ken Flowers, também estava do nosso lado. Então, eu estava ciente que Ken Flowers estava reivindicando o que estava sendo feito, e eu costumava ler os relatórios escritos por ele e por outros membros militares da sua organização”¹⁵⁹.

É importante olharmos esse aspecto e o quanto Flowers não era tão alinhado do seu próprio Estado. Na verdade, em toda a sua carreira nas colônias britânicas, Flowers não se via como político, mas simplesmente com um técnico militar de alta patente, comprometido com as causas do império britânico. Pela sua inteligência militar e a insurgência que vinha estudando há vários anos na sua carreira, Flowers aceitou a proposta de André Matsangaissa e dos oito homens citados por Dias na criação do movimento de insurgência e entrou para a história como uma das grandes cabeças importantes ligadas à criação da RENAMO, uma organização de insurgência e guerrilha de base tribal Shona em Moçambique, que mais tarde estendeu-se para todo país.

Em 1980, quando Robert Mugabe tornou-se o primeiro primeiro-ministro do Estado do Zimbábue, por reconhecimento da ajuda desse militar britânico, ele manteve

¹⁵⁸ <https://www.bbc.com/news/world-africa-14311834>. Acesso em 21.05.2021

¹⁵⁹ DIAS, 2008, p. 179 8.

Flower como chefe do CIO, além de outras autoridades de alto escalão em sua primeira administração predominantemente negra.

Quanto ao projeto RENAMO, Flowers é considerado como patrono, pois teve grande importância em aprovar o projeto de André Matsangaissa, fornecendo-lhe armas para libertar os presos políticos e depois formar uma resistência que lutaria contra o governo marxista da Frelimo. Também aceitou o aliciamento de João Ferro Dias e de Pedro Rodrigues para apoiar a fomentação dos sentimentos antifrelimo na população de Moçambique e depois formar um pequeno grupo de mercenários.

Também é importante lembrar que, no início do ano de 1976, grandes cargas de armas destinadas às forças de guerrilha do Zimbábue, em Moçambique, eram supostamente expandidas em toda faixa da fronteira central moçambicana. Na mesma narrativa, aceita-se que a chegada da independência moçambicana, em junho de 1975, colocou o governo Smith num dilema sobre como lidar com o recém-instalado governo da Frelimo, do Presidente Samora Machel, em Maputo. Apesar da hostilidade mútua do passado, Ian Smith ainda mantinha a esperança de alcançar uma aproximação diplomática com Moçambique e procurava atrair Machel para não apoiar os guerrilheiros do Zimbábue, através do uso de seduções políticas e econômicas.

Mas essa estratégia militar e diplomática fracassou e o governo de Moçambique ordenou o encerramento das fronteiras com a Rodésia, em março de 1976. No mesmo ano, para piorar a situação do governo de Salisbury, a aliança político-militar da Frelimo com a ZANU e a ZANLA floresceu e começou a coordenar ataques constantes na fronteira da entrada à Rodésia.

No mesmo ano, a Rodésia de Smith estava no pico, travando uma guerra defensiva para reagir às incursões nacionalistas de ZANLA, ZAPU e ZIPRA dentro do país, mas tudo indica que o quadro estratégico e operacional se deteriorava cada vez mais. Essa situação forçou a Rodésia a imprimir uma mudança no pensamento militar, em que a inteligência militar de Ken Flowers foi solicitada para agir rapidamente perante a situação e criar uma possível solução. O governo Smith acionou Flowers, chefe do CIO, como resposta aos ataques, porque Smith não poderia esperar para ficar na defensiva, algo tinha que ser feito rapidamente para colmatar a situação.

Contudo, nas constantes infiltrações dos nacionalistas, a Rodésia precisava fazer algo para minar o apoio do Presidente Machel às forças da ZANLA, que estavam sediadas em Moçambique, na província de Manica, e acrescentavam ameaças operacionais sobre o governo rodesiano. Enquanto na fronteira a guerra atingia o seus

status crítico, nos escritórios do CIO era travada uma série de debates sobre como criar uma estratégia contra a insurgência rodesiana.

Havia uma divisão clara entre a abordagem de ação direta das Forças Armadas e o apoio secreto mais discreto do CIO aos dissidentes moçambicanos. Na mesma mão de Flowers e do CIO, estava a proposta colocada por André Matsangaissa de oferecer apoio de armas para libertar os prisioneiros de Gorongosa e, posteriormente, criar uma insurgência contra as políticas da Frelimo. Enquanto André pensava em lutar contra as políticas socialistas, Flowers pensava em desestabilizar o governo da Frelimo. No final, a posição de Flower e do CIO venceu, em grande parte por causa da escassez de recursos militares que seriam necessários para formar, treinar e equipar uma força insurgente no tamanho e na escala que os militares da Rodésia imaginavam.

Neste debate, a ideia do CIO era bastante limitada e focada em minar psicologicamente o governo de Machel e encorajar a dissidência antifrelimo. Por meio do uso de transmissões radiofônicas diárias, através da Voz da África Livre, que começou a transmitir em 5 de julho de 1976, financiada pelo CIO, os rodesianos procuraram destacar as deficiências do novo governo moçambicano e fomentar a agitação. Mas todos esses projetos deveriam ser administrados por Ken Flower, que, usando a sua inteligência, achou uma solução rápida: atacar diretamente o inimigo, isto é, levar a guerra até ele.

Flower achou que era necessário atacar os portos seguros do ZANLA e do Exército de Revolução Popular do Zimbábue (ZIPRA), o braço armado do ZAPU de Joshua Nkomo, em Moçambique e na Zâmbia, antes que os combatentes tivessem uma chance de infiltrar-se na Rodésia. Por isso, Flowers e sua instituição CIO imaginaram a criação de um grupo militar que poderia servir de informante. Ao imaginar a formação de um grupo informante, Flower já tinha contato com André Matsangaissa e com a proposta dada por ele próprio. Com a aceitação de Flower em financiar, acelerou-se o projeto de Matsangaissa, sendo-lhe oferecido armas e campo de treino militar.

Antes da formalização do movimento de insurgência, Smith e Flower desencadearam um ataque à base militar dos nacionalistas zimbabuanos, em Nyadzonya, distrito de Barue, em agosto de 1976. Foi considerado pelos rodesianos como o início das novas tomadas de iniciativa estratégica, de modo a repelir os nacionalistas que pretendiam se infiltrar na Rodésia, “sinalizando uma disposição

recém-descoberta de levar a guerra ao inimigo e aumentar a pressão sobre seus vizinhos”¹⁶⁰.

Mesmo com esse ataque, que dizimou muitos nacionalistas zimbabuanos, o governo Smith não se contém, pois, de 1976 até o final de 1977, a força conjunta de Moçambique e os nacionalistas zimbabuanos investiam e carregavam toda a força da ira de Salisbury, fazendo, assim, uma infiltração muito estratégica. O objetivo da ZANLA e da Frelimo, sua aliada, era juntar-se com a ZAPU de Joshua Nkomo, que também fazia seus ataques partindo da Zâmbia.

Emerson (2014) sublinha que, em forma de retaliação, os guerrilheiros da ZANLA, com o apoio ativo e a assistência dos seus antigos aliados da Frelimo, podiam agora operar a partir de bases seguras dentro do Moçambique recentemente independente. Com suas linhas encurtadas de suprimentos e comunicação, milhares de guerrilheiros zimbabuanos poderiam agora maximizar suas operações na Rodésia oriental. Segundo Emerson (2014), “neste período de três anos, as forças de segurança da Rodésia lançaram cerca de duas dúzias de operações transfronteiriças importantes e numerosos outros pequenos ataques aéreos contra as forças e instalações da ZANLA e da FRELIMO”¹⁶¹. A ação visava a eliminar e desestabilizar as forças nacionalistas e os seus aliados.

Como é de conhecimento comum, em muitos relatos nacionais e internacionais, as origens da Resistência Nacional Moçambicana são bem conhecidas e, ao mesmo tempo, ignoradas para alimentar alguns interesses políticos. A RENAMO, assim como a própria guerra, é cercada de diversos aspectos.

Os fatos tomaram-se obscurecidos por mitos, meias-verdades e distorções claras dos eventos históricos reais. Tanto os apoiantes da RENAMO como os seus detratores procuraram criar uma imagem do movimento insurgente que refletisse as suas próprias agendas específicas. Além disso, grande parte da confusão em torno do nascimento da RENAMO e da insurgência resultante reflete também os tempos caóticos imediatamente anteriores e logo após a independência moçambicana que deram origem a múltiplos grupos anti-FRELIMO e ao papel da Rodésia em incitar muitos destes interesses concorrentes¹⁶².

¹⁶⁰ BBC Radio 4, 01/08/2011.

¹⁶¹ Over this three-year period, Rhodesian security forces launched some two dozen major crossborder operations and numerous other small raids and air attacks on both ZANLA and Frelimo forces and installations. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 42).

¹⁶² Facts have become obscured by myths, half-truths, and outright distortions of actual historical events. Both RENAMO supporters and detractors sought to create an image of the insurgent movement that reflected their own specific agendas. Furthermore, much of the confusion surrounding the birth of RENAMO and the resulting insurgency also reflects the chaotic times immediately prior to and shortly

Nesta circunstância, é importante elencar que depois do golpe de Lisboa, em abril de 1974, abriu-se um novo precedente, tanto a nível interno como externo. O precedente interno do descontentamento é fato que impulsionou os oficiais militares e a inteligência da Rodésia, que procuraram explorar o sentimento anti-Frelimo dentro dos milhares de refugiados moçambicanos que invadiram a Rodésia, “juntando, assim, os ex-soldados coloniais, colonos brancos, membros da milícia paramilitar e ex-agentes de inteligência portugueses”¹⁶³, que tinham um sentimento de ódio pelo novo governo marxista e com expectativa de querer vingar-se pela perda de privilégio e posições hierárquicas, propriedades e meios de subsistência que essa população luso-moçambicana tinha em seu poder.

Nas análises dos cientistas sociais nacionalistas, as informações mais difundidas e enganosas sobre a formação da RENAMO referem-se a pintar o movimento da guerrilha como uma coleção indecorosa de colonos e mercenários portugueses.

[...]

Na mesma passagem, Emerson (2014) afirma que os indivíduos que mais frequentemente declararam ter formado o núcleo da RENAMO foram retirados dos Flashs e de outras unidades de contrainsurgência portuguesas especializadas, como os Grupos Especiais (GEs) e os Grupos Especiais Paraquedista (GEPs). Mas esses grupos sozinhos não conseguiriam constituir a RENAMO e fazer dela um movimento atual em Moçambique. Foi preciso a presença de André Matsangaissa com o seu projeto anti-Frelimo para fazer andar o projeto desses indivíduos que se intitulam fundadores da RENAMO.

É importante lembrar que havia muito sentimento anti-Frelimo no seio da sociedade moçambicana. Este sentimento interno é um grande fator para a adoção da RENAMO, pela população de Manica, como a única alternativa para acabar com as operações que estavam sendo implementadas pelo governo moçambicano.

No sistema português, durante a luta de libertação nacional, as Flash foram criadas pela Direção Geral de Segurança (DGS) ou pela polícia secreta portuguesa, para

after Mozambican independence that gave rise to multiple anti-FRELIMO groups and Rhodesia's role in inciting many of these competing interests. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 58).

¹⁶³ thus bringing together former colonial soldiers, white settlers, members of the paramilitary militia and former Portuguese intelligence agents. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 58).

realizar operações militares especiais e recolher informações em território ocupado pelo inimigo, tanto em Angola como em Moçambique. Essas operações deviam se fazer sentir em pequenas unidades do tamanho de esquadrões de tropas predominantemente bosquímanas e, embora seus oficiais tendessem a ser portugueses, eles funcionavam independentemente do exército português¹⁶⁴.

Mas esse não foi o caso da RENAMO. Os indivíduos que se manifestaram como pais e fundadores do movimento queriam que a ação dessa insurgência atuasse de forma similar à das Flash, mas foram surpreendidos com um movimento de tamanho enorme, a ponto de nem eles mesmos conseguirem entender o que se passava no seu projeto. Dos 25 a 50 homens cogitados, Matsangaissa e depois Dhlakama levaram o movimento a 20 mil homens, acarretando uma das guerras mais sangrentas da África.

André Matsangaissa queria patrocínio dos rodesianos para se vingar do marxismo e da prisão a que foi submetido pelo governo, por ser acusado de tendência capitalista e de roubo de um carro. Em paralelo aos rodesianos, na cidade da Beira, o empresário português é apontado como arquiteto da criação dos GEs e GEPs, unidades da população africana local com as especificidades de uma força paramilitar, que, mais tarde, serviriam aos portugueses como unidades regionais de autodefesa. Para além do projeto de Flowers, Jorge Jardim é citado de uma forma frequente como uma das pessoas que está por trás da criação da RENAMO, quer direta ou indiretamente.

Emerson (2014) explica que o mito das Flash recebeu ainda mais credibilidade na autobiografia amplamente citada de Ken Flowers, em 1987, onde aparecem todas as revelações, servindo secretamente como Chefe da CIO da Rodésia, no Record, onde ele afirma usar o conceito da Flash portuguesa para criar a RENAMO no início dos anos 70.

Em algumas fontes que relatam a criação do movimento, consta que o objetivo de Flowers com a formação da Resistência Nacional Moçambicana era usar essa unidade militar em forma de Flechas, que seria uma operação pseudoterrorista dirigida a partir da Rodésia para Moçambique. Por isso, Flowers cegamente não viu os objetivos dos moçambicanos aliados de André Matsangaissa. E ele conclui que estava em um

¹⁶⁴ Esse grupo em Moçambique atuava na província de Tete, sob o comando de Álvaro Manuel Alves Cardoso, e foi muito admirado pelos rodesianos pela sua eficácia em se infiltrar e matar grupos guerrilheiros da Frelimo. A formação da RENAMO era quase idêntica à dos Flechas, mas com objetivos obscuros para as duas partes. Como já expliquei no subcapítulo anterior, André Matsangaissa não tinha os mesmos objetivos dos Rodesianos e dos antigos portugueses.

bom caminho e que o seu projeto estava se concretizando como tinha planejado. Porém, depois ele se surpreendeu.

No que tange à ideia de criação de um grupo de insurgência, Flowers explica que o CIO procedeu a essa ideia no início de 1974, antes do golpe de Lisboa, porque a guerra estava insuportável. Um dos pontos mais importante dessa narrativa é que Flowers ficou surpreendido com a facilidade com que o Movimento de Resistência de Moçambique se desenvolveu, indicando que o CIO “estava seguindo as linhas corretas”¹⁶⁵. Além disso, o sucesso do movimento também significava que a Frelimo não tinha esse apoio popular essencial. Mais tarde, Flowers surpreendeu-se com a maneira de atuação e expansão do movimento, chegando a dizer que tinha “criado um monstro”.

Emerson (2014) frisa que, embora o CIO estivesse claramente por trás da formação da RENAMO, ela não foi formada como uma organização do tipo pseudoterrorista e nem existia antes da independência moçambicana. Foi apenas uma ideia que não tinha ato e não era conhecida como RENAMO ou o equivalente em inglês, *Mozambique National Resistance* (MNR), até o final de 1976. Isso revela que o projeto de Flowers só foi possível quando André Matsangaissa fugiu para Rodésia. Isto é, a RENAMO ou MNR só existiu depois da independência, com dupla intenção, como já explicamos nos subcapítulos anteriores.

No mesmo livro, Emerson cita o comandante dos Selous Scouts, o tenente-coronel Ron Reid-Daly, afirmando que este grupo forçou o seu caminho através da fronteira. Esperava-se que o resto dos homens de Cardoso se juntassem a ele para formar uma companhia de Flash comandada de dentro dos Selous Scouts. Emerson (2014) sentencia que isso nunca aconteceu e nem se fez sentir. Por isso, não temos como dar mérito a essas narrativas. A nosso ver, há muito protagonismo nessa história, cada um quer ser patrono em detrimento de André Matsangaíssa, que nunca reivindicou a paternidade. Mas seu sucessor reivindicou a paternidade e fez vários discursos informando como foi criado o movimento. No entanto, muitas histórias da RENAMO permanecem indicando que a sua formação está ligada aos Selous Scouts – Flechas, apesar de essa unidade ter papel fundamental nas estratégias militares na criação do MNR, que, na verdade, não fez parte da fundação da RENAMO.

¹⁶⁵ was following the correct lines. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 58).

Na mesma linha, Paul Fauvet explicita que a maioria dos guerrilheiros da RENAMO, em 1980, “eram (antigos) membros da unidade de crack dos Flash, estabelecida por Portugal para combater a FRELIMO”¹⁶⁶. A realidade no campo de pesquisa não valida essa versão, visto que até 1980 a RENAMO tinha bases fixas e nômadas por toda província de Manica, recrutando muitos jovens.

Contrapondo essa versão, na verdade, os documentos e os fatos mostram que os Selous Scouts nunca estiveram envolvidos na criação ou gestão da RENAMO, apenas foram usados alguns antigos membros para conceder a formação militar aos novos guerrilheiros do recém-criado movimento. Contudo, a criação da RENAMO estava sob a responsabilidade do CIO, liderado por Flowers e o seu pessoal, que, assim como a maior parte dos diretores do CIO, haviam atuado ativamente no SAS. A tarefa do SAS foi fornecer o treinamento para os guerrilheiros da RENAMO e dar cobertura dentro de Moçambique.

De acordo com Emerson (2014)¹⁶⁷, “o CIO tentou fazer uso de antigas flechas moçambicanas no final de 1974, segundo um ex-funcionário do CIO. O objetivo era leva-los de volta a Moçambique, tendo em vista mobilizar as massas e realizar um contragolpe, disse o oficial”¹⁶⁸. O esforço, no entanto, fracassou e nada se concretizou, porque a população não queria o branco na frente de um movimento. Como podemos ler no testemunho do nosso entrevistado Zondai Nyasha (05.04.2021), em 1982, na base de Mungali, no distrito de Guro, que faz fronteira com a província de Tete:

O comandante Bobo, quando chegou lá para trabalhar, todo mundo começou a dizer veio branco e queria pegá-lo a mão, para depois lhe linchar ou espancá-lo. Mas na verdade ele é moçambicano e não é branco, é apenas um mulato. Toda população começou a dizer que veio branco, porque lá no mato os mulatos também são chamados de brancos. A população ficou muito contra e acabamos por trabalhar com Elias conhecido por *Kangai Mbeu Kulima Kwaramba*, trabalhamos com ele até em 1983, aquele ano que teve muita fome¹⁶⁹.

¹⁶⁶ FAUVET, 1984.

¹⁶⁷ O valor de EMERSON é que ele fornece mais informações sobre o lado da história da RENAMO do que a maioria dos que estão preocupados em pintar outros interesses, que raramente incluem o poder militar panafricano da Tanzânia e do Zimbábue na dinâmica da guerra e da busca pela paz. Amplificam as forças regionais, mas divergem de muitos apelidos históricos sobre as guerras por procuração para o Apartheid e apoiadores de Ian Smith, ou elementos da Guerra Fria, criando uma guerra quente na África.

¹⁶⁸ the CIO tried to make use of old Mozambican arrows in late 1974, according to a former CIO official. The objective was to filter them back to Mozambique, with a view to mobilizing the masses and carrying out a counter-coup, the official said. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 55).

¹⁶⁹ Entrevista com Nyasha 05.04.2021

Isso mostra o quanto a população era inimiga do homem branco naquela época, porque a trauma da colonização ainda vivia nas suas mentes. Por isso, na sua primeira missão em Moçambique, o grupo de soldados, principalmente brancos, foi comprometido pela população local e vários foram capturados pela Frelimo. Isso revela o insucesso dessa tentativa, que também chama a atenção pelo papel mobilizador de André Matsangaissa. Isso mostra que, na verdade, “ficou claro que o uso de soldados brancos em Moçambique não teria pé para andar e isso levaria à detenção de todos”¹⁷⁰. Com essa má experiência, o projeto foi abandonado pelo CIO e a unidade foi desmobilizada.

Muitos dos homens aparentemente partiram para Angola para se juntar à Frente da Liberação Nacional de Angola, apoiada pela CIA de Holden Roberto. Apesar de ter um punhado de negros, as Flash continuariam a trabalhar com o CIO e seriam usadas para recrutar dissidentes antifrelimo no próximo ano. O recrutamento feito pouco a pouco em Moçambique aos negros antifrelimo era uma estratégia de engrossar a fileira para depois formar a Renamo¹⁷¹.

Mas, na verdade, o CIO flertou com o apoio de André Matsangaissa e outros vários grupos negros de oposição antifrelimo, que afirmaram ser militarmente ativos no Centro de Moçambique, em meados da década de 1970. Porém, nenhum destes desempenharia um papel na formação da RENAMO, apesar das alegações da Frelimo. Apenas um desses grupos (o que viria a ser a Voz África Livre, de Gimo Phiri) desempenharia futuro papel militar na insurreição da RENAMO, quando foi absorvido em 1976. Alguns indivíduos destes primeiros grupos da oposição se juntariam mais tarde à RENAMO. Nenhum deles alcançaria qualquer proeminência ao assumir posições de liderança.

O único branco que se fez sentir nessa ação foi o moçambicano Orlando Cristina, de 49 anos, que desempenharia um papel-chave na futura evolução política da RENAMO. Cristina nasceu em Portugal, mas ficou pouco tempo por lá, passando a maior parte da sua vida adulta trabalhando como caçador de grandes animais, com o seu pai português nos campos da província do Niassa.

Em todas as suas abordagens, Cristina tinha um sentimento nacionalista moçambicano, visto que nos anos 60 esteve envolvido na FRELIMO para abraçar a

¹⁷⁰ it became clear that the use of white soldiers in Mozambique would not be able to walk and that would lead to the arrest of all. (tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 45).

¹⁷¹ Many of the men apparently left for Angola to join the National Liberation Front of Angola, supported by Holden Roberto's CIA. Despite having a handful of blacks, the Flash would continue to work with the CIO and would be used to recruit anti-FRELIMO dissidents over the next year. The gradual recruitment of anti-FRELIMO blacks in Mozambique was a strategy to swell the ranks and then form Renamo. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 45).

independência. O seu sentimento nacionalista foi motivado por ter abraçado a cultura tradicional africana, casando-se com uma mulher Yao islamizada do Niassa.

2.11 A militância de André Matsangaissa

O texto centra-se na análise do percurso de militância do André Matsangaissa, um dos protagonistas na formação da resistência. Observando suas vivências como militante nacionalista e preso político, em contraponto com a análise de documentos reunidos em arquivos, bem como de notícias publicadas em jornais e revistas, esperamos ajudar a desvelar algumas das tensões e dos confrontos que motivaram o jovem a fundar uma oposição a governos de transição.

A partir dessas análises, a seção versa trazer as causas da saída do André Matsangaissa da Frelimo e sua influência na criação da RENAMO. Também busca compreender o grupo étnico Shona e o que motivou sua aderência ao projeto da insurgência. Em primeiro lugar, partiremos da descrição da sua biografia e, em seguida, das suas ações para a criação da RENAMO. André Matade Matsangaissa nasceu na zona de Chirara, distrito de Manica, uma província que faz fronteira com a República do Zimbábue (Rodésia), “em 8 de março de 1950”¹⁷².

A sua origem é manyikeze, uma tribo pertencente ao grupo étnico Shona, de língua matriz Bantu, localizada no interior de Moçambique, na região Oeste. Com a morte do pai, abandonou os estudos no terceiro ano e conseguiu um emprego na Sociedade Hidroelétrica do Rovue (SHER). André Matsangaissa teve uma juventude difícil e de responsabilidade, sendo obrigado a trabalhar cedo para manter a estrutura familiar deixada pelo seu pai.

Em 1968, André concorreu a algumas vagas reservadas na SHER. Tendo sido aprovado, assumiu o trabalho como ajudante na construção da Hidroelétrica de Cahora Bassa. As fontes revelam que, diferente de muitos “oficiais da FRELIMO na sua idade (26 anos), André teria saído de uma família com propriedades, entre elas a terra familiar, onde julga repousar os espíritos ancestrais”¹⁷³. Esse seu status econômico mais tarde viria a ser ameaçado pelo governo recém-empossado, do qual ele mesmo fazia parte como militar logístico.

¹⁷² Africa Confidential, vol 30, n. 13, 23 June 1989.

¹⁷³ Africa Confidential, vol 30, n. 13, 23 June 1989.

Tudo indica que o seu passado como trabalhador em duas empresas (SHER e HCB) fez dele proprietário de alguns bens materiais, o que, por sua vez, impulsionou-lhe o espírito a dar importância às riquezas particulares e, conseqüentemente, capitalistas, o que levou seus superiores na Frelimo a preferir isolá-lo¹⁷⁴.

Depois da independência, Matsangaissa foi designado para o corpo da Engenharia no porto da Beira e incumbido de chefiar a seção de construções sob a chefia de Johan Jehova e Bernardo Mathimba, em Dondo. Em setembro de 1976, por ocasião do dia das Forças Armadas, foi incumbido de apresentar um relatório completo sobre o desvio de materiais de construção que então estavam sob a sua responsabilidade. O “relatório não foi apresentado porque implicava quadros seniores do Exército, cujas casas estavam sendo erguidas com base em materiais desviados do quartel local”¹⁷⁵.

Na parte da comissão, apareceu uma ordem de detenção, provavelmente para neutralizar o caso. André Matsangaissa “foi preso por alegarem que tinha roubado um motor, mas na realidade as razões eram políticas”¹⁷⁶. Além do problema do desvio de materiais, foi questionado sobre a origem da viatura e de outros bens que teria conseguido. Sobre o carro, Matsangaissa explicou que se tratava de uma oferta de alguém que conheceu enquanto trabalhava na HCB.

Matsangaissa teria apresentado os documentos que comprovavam o repasse da viatura. Mesmo assim, foi acusado de ter um comportamento capitalista, comportamento que estava sendo combatido no projeto da construção de Homem Novo. Esse fato era considerado crime contra a revolução e conseqüentemente inimigo do povo e “reacionário”. Os documentos ficaram em poder dos interrogadores, enquanto Matsangaissa foi aprisionado e enviado ao campo de reeducação de Sacudzi.

Depois de ser detido, foi condenado por um tribunal militar e enviado para o campo de reeducação de Sacudzi. Um campo de reeducação localizado ao norte do Rio Púngué, a cerca de 25 quilômetros a oeste da cidade de Gorongosa (antiga Vila Paiva de Andrada). Nesse campo de reeducação, foi enviado um número significativo de cidadãos implicados considerados com inimigos da revolução

As entrevistas do Jornal Tempo de 1977 revelam que, nos campos de reeducação, a vida noturna era um autêntico sofrimento. Passava-se as noites em

¹⁷⁴GWEMBE. Eusébio A. P. André. *Matsangaissa e o Assalto de Sacudzo*. disponível <https://ambicanos.blogspot.com/2017/08/andre-matsangaissa-e-o-assalto-de.html>. Acesso em 20.06.2021 20.06.2021

¹⁷⁵GWEMBE. Eusébio A. P. André *Matsangaissa e o Assalto de Sacudzo*. disponível <https://ambicanos.blogspot.com/2017/08/andre-matsangaissa-e-o-assalto-de.html>. Acesso 20.06.2021

¹⁷⁶ PINTO, 2008, p. 216.

cabanas de pau a pique, às vezes, destacadas por madeiras e cobertas por uma lona. Em suma, a maneira de viver nesses centros era precária e deplorável e, por sua vez, “a região de Sacudzi era frígida por estar perto da serra, mas não havia cobertores nem esteiras”¹⁷⁷. O *Jornal To the Point*, de 3 de junho de 1977, na página 54, afirma que:

“os guardas prisionais aconselhavam aos prisioneiros a dormir encostados como forma de se aquecerem, porque assim evitaria de contrair as doenças provocadas pelas baixas temperaturas. Nesses campos, a maioria eram levados para serem fuzilados com pretexto de ser inimigos da nação”¹⁷⁸.

No mês da sua fuga, em outubro de 1976, “o centro já contava com mais de 1.500 presos que dormiam às 23:00 horas e acordavam às 3:30 da manhã”¹⁷⁹, como fundamenta o *Jornal To the Point*, de 3 de junho de 1977. Essa prática levantou muitas revoltas no seio da população de centro, fazendo com que o jovem André Matsangaissa repensasse as alternativas para acabar com a opressão socialista instalada no país controlado por uma elite da Frelimo do Sul.

Apesar de ter um baixo nível de escolaridade, André Matsangaissa pensou e repensou a necessidade de desencadear outra guerra anticomunista, que ele chamou “The Second Liberation War”¹⁸⁰. Matsangaissa escapou de Sacudze, em outubro de 1976, e foi para a Rodésia à procura do Orlando da Voz da África Livre. Na sua caminhada, passou por

“[sua] aldeia, Chirara, que vibrava por indignação e descontentamento com as ações dos Grupos Dinamizadores que querem enterrar o poder tradicional em aldeamentos. Para este povo, viver em aldeamento é mais perigoso do que ataques de Smith, como ficou demonstrado em Nhazonia”¹⁸¹.

Em relação à fuga de André Matsangaissa, Dhlakama explica na entrevista concedida ao Jaime Pino (2008) que:

Quando saiu de Moçambique e entrou na Rodésia, foi preso pelas autoridades rodesianas e ficou 15 dias detido a ser interrogado. Queriam saber se ele era um espião ao serviço do Mugabe e da FRELIMO. O André, que era um jovem forte e determinado, informou-os que não era nada disso e foi insistindo em dizer que tinha um grupo de jovens militares das FPLM que estavam na Beira e que precisavam de armas para lutar contra a FRELIMO. Numa primeira fase, os rodesianos recusaram apoiar porque diziam que não tinham essa política, que isso para eles não era nada. Depois de algum tempo, em que o André, depois de solto, ficou na Rodésia e era vigiado, os rodesianos pediram-lhe que trabalhasse para eles. O André primeiro recusou e nunca disse os nossos nomes. Mas depois entendeu que era uma forma de o testarem e acabou por aceitar. Começou a trabalhar para os rodesianos na área das informações e entrava em Moçambique com muita frequência para identificar bases e apoios da ZANU¹⁸².

¹⁷⁷ PINTO, 2008. p. 217

¹⁷⁸ O *Jornal To the Point*, de 3 de junho de 1977.

¹⁷⁹ O *Jornal To the Point*, de 3 de junho de 1977.

¹⁸⁰ WESSELS, 2015.

¹⁸¹ *Africa Confidential*, v. 30, n. 13, 23 de junho de 1989.

¹⁸² DHLAKAMA apud PINTO, 2008, p. 207.

Na verdade, quando saiu de Sacudzi, Matsangaissa não ia ao encontro dos rodesianos nem tinha simpatia e contato com eles. Foi ao encontro dos locutores e donos da Rádio Voz da África Livre, da qual Orlando Cristina fazia parte. Esta estação emissora apelava à população moçambicana para desencadear uma resistência frente ao governo de Machel. Na sua chegada, André Matsangaissa contou aos locutores da rádio e seus responsáveis sobre o modo de vida nos centros de reeducação como aquele para o qual ele tinha sido enviado¹⁸³.

Na matéria publicada em 1976 pela Voz da África Livre, Matsangaissa sustenta que “assim que os prisioneiros chegavam no campo, os seus cabelos eram raspados pelos guardas, despidos das suas roupas, e se tinham sapatos, deviam descalçá-los para nunca mais os ver”¹⁸⁴. Na essência, André Matsangaissa, ao criar o movimento, em parte se ocupou de demonstrar que não queria substituir os portugueses pelos rodesianos e nem a Frelimo pela nova colônia. Sustenta a sua versão da criação de uma guerrilha como a única maneira de combater o totalitarismo e a ditadura da Frelimo de Samora Machel.

Devido à sua infância ligada à vivência nas pequenas fazendas de setor familiar, André Matsangaissa discorda de algumas práticas do regime e de algumas medidas tomadas, manifestando publicamente sua versão e frisando que se sentia desiludido com o tipo de independência que tinha ajudado a conquistar. Chegando ao centro, teve o tratamento reservado aos criminosos, que era desumano, vendo colegas de farda, alguns dos quais tinham combatido durante os dez anos da luta armada, serem humilhados, despidos e agredidos pelos guardas recentemente contratados, acusando-os de inimigos da revolução. Isso levou André a implementar um projeto de insurgência e atacar esses lugares, primeiramente para aumentar o número dos seus militares.

¹⁸³ Quanto a sua estadia na Rodésia, Matsangaissa encontrara dois grupos distintos de luta contra as políticas de Samora Machel, que são: os gestores da Rádio Voz da África Livre, como mencionado acima, uma estação clandestina que conseguiu levantar em poucos meses todo o povo moçambicano contra a Frelimo e a Resistência Moçambicana, cuja criação, em 1974, alguns historiadores ocidentais e moçambicanos associam a figuras como Silva Pais da PIDE-DGS, António Vaz (seu representante em Moçambique), São José Lopes (seu representante em Angola) e Ken Flower (CIO), que se reuniram em Salisbury (Harare) decidindo criar-se um grupo clandestino especial como os Flechas.

¹⁸⁴ 1976 pela Voz da África Livre.

2.12 As estratégias de André Matsangaissa

André Matsangaissa, estratégica e politicamente, usou o centro de reeducação para mobilizar os outros presos, de modo a desenvolver um sentimento anticomunista de grande magnitude. Isso foi muito bem acatado e sucedido pelos seus pares. Isto é, enquanto lá esteve, estudou a rotina dos guardas e traçou todos os caminhos, explorando toda a geografia da região, captando o sentimento dos outros presos, para em seguida tomar a decisão de ir procurar ajuda no exterior. Quando chega à Rodésia, como citamos nos subcapítulos anteriores, André explica aos rodesianos que “há muitos dissidentes políticos, a população irá responder positivamente sobre o meu projeto. Com a vossa ajuda libertarei os presos de Sacudze. Para tal, preciso de três homens”¹⁸⁵.

Podemos perceber que o plano para libertação de Sacudze foi uma estratégia encontrada por Peter Burt e Kan Flowers, figuras que lideravam a segurança do país, como condição para lhe conceder ajuda. Na mesma linha, André Matsangaissa mostrava vontade e determinação a encontrar ajuda onde fosse possível para combater Samora Machel.

O dirigente da Rodésia do Sul, na figura de Peter Burt, no *desk* da CIO sobre Moçambique, mais tarde substituído por Erick May, estava incrédulo no que ouvia. E, na verdade, via o jovem como um tesouro que não poderia ser desperdiçado. Mesmo assim, Matsangaissa foi preso como forma de medir a realidade com o seu raciocínio, com medo de ser visto por espiões enviado pela Frelimo.

Essa narrativa nos conduz a um ceticismo em relação à tese de que a RENAMO é apenas um projeto de construção dos rodesianos e levanta um outro debate interno, acerca do fato de que o sistema de Partido-Estado estava muito forte e levou Moçambique a cair numa ditadura militar. O projeto de Matsangaissa de fundar uma insurgência coincidiu com o interesse dos rodesianos de criar uma contrainsurgência aos nacionalistas zimbabuanos. Contudo, a RENAMO estava em Moçambique não apenas para responder às necessidades de Smith e Flower, mas também para alimentar os interesses de André Matsangaissa e seus coligados.

De acordo com o relato de Cabrita, Matsangaissa disse a Cristina que a “única maneira eficaz de mudar a situação política em Moçambique era pela força das armas e

¹⁸⁵ 1976 pela Voz da África Livre.

era isso que pretendia fazer”¹⁸⁶. Convencendo Burt e o CIO, Matsangaissa provou ser diferente para um ex-combatente da Frelimo de 26 anos. Quando desafiado por Burt a retornar a Moçambique e começar a criar um exército de recrutas de pequena dimensão com a capacidade dos Flashes, Matsangaissa fez exatamente isso, em dezembro de 1976. Seu plano era invadir o campo de reeducação de Sacudze no dia de Natal e libertar os internos, que mais tarde se juntariam a ele, formando o núcleo do novo exército guerrilheiro anticomunista apoiado por Salisbury.

O ataque falhou e Matsangaissa foi preso novamente e aprisionado no acampamento, escapando de Sacudze mais uma vez e retornando à Rodésia em março de 1977, onde rapidamente começou a organizar outro ataque ao campo. Em 6 de maio de 1977, Matsangaissa e dois outros ex-soldados da FRELIMO conseguiram invadir o campo e libertaram mais de 400 prisioneiros, dizendo-lhes: “Se quiserem juntar-se à Strelgel contra o comunismo da FRELIMO, devem estar preparados para caminhar daqui a pé nos próximos dois dias até chegarmos à nossa base”¹⁸⁷.

Depois de vários dias difíceis de caminhada através do mato e confrontos com as patrulhas da Frelimo, o grupo atravessou a fronteira rodesiana. Alguns refugiaram-se na Rodésia, enquanto outros procuraram asilo noutros países, mas 28 optaram por se juntar ao Comandante André, como era agora conhecido, na formação do núcleo da futura insurreição da RENAMO. Ken Flowers e o CIO finalmente encontraram seu líder carismático e audacioso, mas nunca nos sonhos dos rodesianos previam o que estava prestes a acontecer. Com essa segunda fuga surge uma inquietação, como era possível escapar de um campo bem controlado como o de Sacudze?

A segunda fuga de André Matsangaissa revela que dentro do campo havia muitos guardas, que já conheciam o projeto de Matsangaissa e facilitaram a fuga para ir procurar reforço. Esse episódio demonstra que o sentimento contrário ao projeto implementado pela Frelimo era generalizado na população moçambicana da região.

A partir deste momento, a oposição anticomunista faria mais do que apenas falar sobre trazer mudanças para Moçambique. Isto marcou o início do que a RENAMO mais

¹⁸⁶ Rádio Voz da África Livre, 1979. <https://www.google.com.br/search?q=R%C3%A1dio+Voz+de+%C3%81frica+Livre+1979> acesso 20.03.2020

¹⁸⁷Voz da África Livre Summary of World Broadcasts, 23 de dezembro de 1976.

tarde rotulou de “Segunda Guerra da Libertação”¹⁸⁸. O governo de Machel, por seu lado, descartou esta nova ameaça, chamando-a como pouco mais do que o banditismo apoiado pelos rodesianos.

Infelizmente, pagou-se um preço alto por esse erro de cálculo. A guerra chegou a ser uma disputa entre a população do campo e as populações da cidade, entre os funcionários do Estado e os desempregados, entre os que não defendiam a religião e as culturas tradicionais e aqueles que defendiam a religião e o regresso à tradição. Isso mostra como a RENAMO atingiu mais de vinte mil guerrilheiros, atuando de uma forma voluntária e com apoio incondicional da população em determinadas regiões.

2.13 RENAMO: um movimento sem projeto político?

A narrativa que pesava sobre a RENAMO era a de ser um movimento sem projeto político a mando externo. Em resposta a essa narrativa, a RENAMO cria a figura de comissário político e lança o seu primeiro estatuto, no qual estava explícito todo o seu projeto político.

Nos “Estatutos” da RENAMO, compilados por Cahen, dizia-se que o movimento

nasceu em uma reunião de 21 de novembro de 1976, num dos quartéis da capital Moçambicana, quando alguns comandantes do exército da FRELIMO se colocaram numa oposição à direita comunista de Machel, que “vai contra o programa político estabelecido pelo falecido Presidente Eduardo Mondlane, fundador e primeiro presidente da FRELIMO, morto em Dar es Salaam por uma explosão de bomba em fevereiro de 1969.”¹⁸⁹

Os escritos de Antunes (1996), no seu livro intitulado *Jorge Jardim: agente secreto*, explicam que, um mês antes do início da Voz da África Livre, concretizou-se o desejo de Flowers de organizar uma força de guerrilha contra o regime de Machel. Isto é,

¹⁸⁸Rádio Voz da África Livre 1987. <https://www.google.com.br/search?q=R%C3%A1dio+Voz+de+%C3%81frica+Livre+1987wiz> acesso em 20.03.2020.

¹⁸⁹ CAHEN 1988, pp. 106.

foi quando chegou à Rodésia, sendo detido na fronteira, um grupo de cerca de 30 militares encabeçado por André Matade Matsangaissa, que dissidira da FRELIMO após 4 anos de militância e tinha fama de corajoso. A CIO entregou-o a Cristina, para um interrogatório preliminar, e Matsangaissa disse que queria pegar em armas contra Machel: *foi assim que nasceu a RENAMO*¹⁹⁰.

Antunes (1996), nesse relato, afirma que

“apesar de desconfiar de Cristina por causa do seu laço com Jorge Jardim, uma figura agora inconveniente, Flowers percebeu que o antigo caçador de elefante e o oficial de exército eram os únicos que poderiam servir de elo com o novo corpo da guerrilha e ter autoridade sobre os moçambicanos”¹⁹¹.

A inclinação marxista implementada pela Frelimo no pós-independência é referenciada muitas vezes nas intervenções dos líderes da guerrilha como o principal fato a combater. Contudo,

[a] Renamo prometia lutar com todos os meios disponíveis para pôr fim à dominação imperialista soviética em Moçambique, e oferecia o seu apoio ao povo de outros países africanos na sua luta contra o sistema opressor e escravizador comunista¹⁹².

É claro que esse discurso político era da RENAMO negra, ou seja, os líderes da RENAMO moçambicana. Enquanto isso, os amigos de Flower e ele próprio estavam preocupados em fragilizar o apoio que a Frelimo canalizava aos guerrilheiros do Mugabe, porque a “guerrilha ZANLA usava Moçambique como plataforma de ataque e urgia, aos olhos dos Rodesianos, reorganizar a força ante o colapso português”¹⁹³.

Para além dessa particularidade político-militar, é evidente que, nos primeiros meses da independência, as políticas de negação da diversidade sob a bandeira de Homem Novo implementadas pela Frelimo trouxeram medo e ódio da perseguição. Rapidamente, o descontentamento desenvolveu-se em todos os níveis sociais e “a resistência passiva tornou-se uma resposta à nova sociedade frelimista”¹⁹⁴. Isso criou uma outra violência no seio da população contra as estruturas montadas pelo Estado. A figura dos Grupos Dinamizadores, criados para vigiar os considerados antirrevolucionários, e mobilizados para denunciar as ações feitas pela população que fomentava o antifrelimismo. Naquela época, o antifrelimismo era considerado crime contra o Estado e merecia uma pena máxima. Contudo, quem eram os antirrevolucionários?

¹⁹⁰ ANTUNES, 1996, p. 604.

¹⁹¹ ANTUNES, 1996, p. 604.

¹⁹² CAHEN 1988 p.111.

¹⁹³ ANTUNES, 1996, p. 600

¹⁹⁴ CORREIA, 1977, p. 13

Os antirrevolucionários eram todos aqueles que se opunham às políticas da Frelimo. Os antirrevolucionários, para a Frelimo, são aqueles que permaneciam e defendiam o pensamento do passado, obscurantismo, superstição, regionalismo etc.

Nesta conjuntura, importa ressaltar que os fatores internos sincronizados e coagidos com a política interna constituem o expoente máximo da história da criação e a expansão rápida da guerrilha. Fazendo uma análise minuciosa das fontes que relatam sobre a guerra civil moçambicana e a natureza da origem da RENAMO como uma organização, é possível ver que muitos autores estão na senda das questões geopolíticas da região para explicar a origem e as motivações para a criação da RENAMO, mas explicam esse esforço do “má RENAMO” baseando-se apenas nos documentos escritos pela Frelimo.

Todavia, é de lembrar que as questões geopolíticas mundiais tiveram uma influência determinante na elite do movimento, e não na população. Nossas pesquisas antropológicas com a população local mostraram que a população rural tinha outra visão da guerra, a saber, recuperar as suas terras e riquezas espirituais. *Ao falar da Renamo como movimento armado, devemos sempre separar a elite e a guerrilha-população apoiante, este último ator tinha as suas ambições diferentes dos líderes. Esse último ator, que engrossou as fileiras da guerrilha, não tinha ideia do que é uma nação, a nação para ele era aquela região onde nasceu e cresceu com os seus parentes, um simples fato de lhe proibir adorar os seus antepassados era motivo para revolta. A existência dos secretários que vinham das outras províncias foi o motivo de afirmar que a sua dignidade como povo foi sequestrada.*

Numa interpretação radical, pode-se dizer, em algum momento, que esse esforço se insere numa tentativa de explicar que o socialismo científico da Frelimo não trouxe descontentamento e nem motivou a revolta interna da população, que se achava oprimida pelas guias de marcha, pela Operação Produção e pela execução sumária que o governo fazia aos opositores/críticos das suas políticas. Esses grupos de pessoas passaram a ser chamados de boateiros e agitadores; o presidente Samora estava contra esse comportamento, por isso, eram expulsos nas cidades.

Depois dos estudos, surgiu uma necessidade de separar os objetivos de Orlando Cristina, Evo Fernandes e Ken Flowers dos objetivos da elite da RENAMO preta, e da população. Isto é, ao associar os objetivos desses três atores, cairemos numa tentativa de construção de um estereótipo no qual a RENAMO era apenas um movimento externo

com uma base de sustentabilidade externa e com um só objetivo, desestabilizar o país, como era oficialmente divulgado – os bandidos armados.

É fundamental acreditar-se que o regime marxista e suas políticas criaram um sentimento de ódio. Certamente criando, assim, o epicentro e o fenômeno principal da aderência à guerra civil em Moçambique. A entrevista feita com Zondai Nyasha (05.04.2021) explica que, depois de ter perdido a sua moagem, não restou mais nada e, assim, achou importante se associar ao movimento para acabar com o sofrimento.

A mesma particularidade foi sustentada pelo depoimento de Castigo Nhambo (01.04.2021), que foi livremente à RENAMO porque ouvia pela rádio que ela estava lutando para libertar o povo. Ele e seu irmão mais velho saíram da cidade de Chimoio para Catandica, pois a sua banca tinha sido levada e não tinham condições de viver na cidade, e o que tinha restado para ele era vingar-se contra aqueles que ele acha que levaram a sua riqueza. E quando chegou em Catandica, Nhambo despediu-se do seu irmão e juntou-se à RENAMO.

Esses relatos e muitos que vamos citar no texto bastam para entender por que a RENAMO teve um desenvolvimento rápido nos recursos humanos. Esses depoimentos também nos remetem a discordar em parte das correntes que defendem que a RENAMO era um fantoche a serviço dos estrangeiros. Para nós, *havia interesse partilhado sobre a guerra, os estrangeiros querendo desestabilizar e a população querendo recuperar a liberdade e as suas riquezas*. Como a população agia para colaborar com a RENAMO e se vingar do governo?

A resposta a essa questão podemos encontrar nos depoimentos da Monica Américo (08.04.2021), onde explica que “ninguém queria viver nas aldeias, para poder viajar era problema porque devia ter guia de marcha. Viver nas aldeias doía muito”¹⁹⁵.

João Machava. 31.03. 2021 fundamenta com detalhes que;

Os militares do governo, quando chegavam numa casa de dono, diziam: conseguem me reconhecer? Sou soldado. És soldado! Sim, saímos de longe, já não sabemos onde estão os nossos colegas... Ah! sentem aqui para vos servir alimentação. Daí a família fazia a refeição. Enquanto se prepara a refeição, a população começava a dar sinal de que são eles que chegaram aqui. Ao servir um, dava a comida, enquanto outro estava de pé com a água de beber. Num primeiro minuto de tocar na comida, a população existente começava a lhe encher de bofetadas até lhe amarrar, arrancar a arma e depois entregar aos militares da RENAMO.¹⁹⁶

¹⁹⁵ Entrevista com Monica Américo (08.04.2021).

¹⁹⁶ Vaite akasvika, pamucha pe munhu onti baba mandifanandiza here ndiri musodja, uri musodja! Tab va uko andichazia kuti wamwe varikupi... ah! Garapo tikubikire sadza. Oto bika sadza oruaya huku otobviundzana kuti ahe! Vaguma pano apa, otopaswa chikafu uyu vakaimira ne Bvura yekumwa.

Esta era a forma que a população rural da província de Manica tinha encontrado para se aliar ao movimento e se manifestar quando se deparava com militares das forças armadas de Moçambique. *Por que a população agia dessa forma?*

Eh! [...] quando os soldados da FRELIMO chegaram em Mossurize, fizeram uma coisa muito triste. Antes de se fixar naquele distrito, planejaram queimar todas as casas do povo para que a população aderisse às aldeias comunais. Mesmo sabendo dos bombardeamentos que o distrito sofria com Ian Smith.¹⁹⁷

Fato curioso é a maneira como a população chamava os militares do governo, nunca os chamava de “militares do governo”, sempre faziam referência de “militares da Frelimo”. Samuel Mupinda (07.04.2021) explica que

Quando estávamos a lutar, declaramos que não dá, os mambos devem voltar. Porque Caitano chegou e encontrou os mambos e saiu, deixou os mambos sempre. Os mambos eram verdadeiros nossos pais. Frelimo começou a ver que as pessoas já estavam nos querer muito, porque muita gente já ia rezar, os mambos que não estavam a trabalhar já estava a trabalhar, só trabalhava secretário e nós dissemos que os mambos voltem e as pessoas vão rezar e praticar outros cultos¹⁹⁸.

Os depoimentos acima citados mostram o epicentro do descontentamento no seio da população, que, conseqüentemente, revoltaram-se contra o próprio Estado. Neste sentido, está claro que faltava ao novo governo inserir na sua administração no meio rural uma educação cívica sobre a ideia de o que é uma nação. Quais são as obrigações de um Estado? E a importância das aldeias e cooperativas, de forma que o povo ficasse consciente das intenções do Estado.

Quanto à tese de que a RENAMO foi criada para desestabilizar o país, evidentemente, esse era projeto dos patrocinadores e não da base da guerrilha (povo integrante na guerrilha e aquela que apoiava na logística). Por isso, os primeiros anos da sua existência foram para esse propósito, pois ainda não tinha base suficiente para se autossustentar. Também é necessário ter cuidado ao extrair os conteúdos, porque muitos pensadores estão preocupados com aquela parte externa da RENAMO, e não com aqueles que resistiram no campo de batalha e vingaram-se. Porque se não existisse uma RENAMO interna, com a independência da Rodésia e morte de André Matsangaissa, a RENAMO já ter terminado.

Ototanga kutoria unogura musua miri wechitato mbama. Wakuto rowa, oto batirua pfuti yokanda, kwakutomutorera pfuti. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava. (31.03.2021).

¹⁹⁷Eh!.. pakaizua, zvakasua, nguava yakasvika kumusorize wasati wagara, ndipo pakarongua kupisa dzimba dze wanhu, nge Frelimo, nge yaiya, we mardeia comunal nekuti povo yairamba. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava (31.03.2021).

¹⁹⁸ Entrevista com Simão Manuel Mupinda (07.04.2021).

Contudo, muitas literaturas, com a de Vines, Newitt e outras indicam que, numa primeira fase, a RENAMO não possuía ambição política de dirigir o país, apenas estava focada em emboscar todas as infraestruturas e estruturas sociais do Estado sob pretexto de acabar com o comunismo marxista e com a bandeira do socialismo científico. Por isso, nesta tese, estabelecemos a diferença entre os dois.

Segundo Vines (1996), o primeiro comandante da RENAMO, André Matsangaissa, afirmou que: “Não estamos interessados em formular políticas [...] mais tarde teremos que trabalhar política, mas primeiro o comunismo deve ir do nosso país”¹⁹⁹.

As declarações acima citadas foram suficientes para que muitos analistas políticos e historiadores associassem e vinculassem a ideia de que o movimento foi criado por autoridades rodesianas e ex-nacionalistas moçambicanos, no contexto de operações contra os rebeldes zimbabuanos, para “conduzir uma campanha psicológica e clandestina contra o governo marxista moçambicano e criar uma oposição suficientemente forte para desafiar a autoridade existente”²⁰⁰. Além disso, a RENAMO não tinha intentos políticos nem estava preocupada em governar o país, apenas queria desestabilizar. Essas são teses ou ideias defendidas nos estudos acadêmicos sobre a RENAMO.

Havia interesses diferentes entre a elite da RENAMO e a guerrilha da base? Enquanto a elite queria desestabilizar o Estado moçambicano, a guerrilha da base queria recuperar as suas culturas e bens convertidos na cooperativa, queria o regresso ao seu habitat e a retomada dos poderes políticos dos mambos locais. Contudo, podemos afirmar que havia três “RENAMOS” dentro dela: os estrangeiros desestabilizadores (Rodésia e ex-colonos portugueses), a elite moçambicana da RENAMO, que era anticomunista, e a guerrilha-população rural, que era antifrelimo.

2.14 A hegemonia Shona (os Smanyka e Mandaus)

O sentimento antifrelimo do grupo étnico Shona nas tribos Manykezes (Manikezes), Ndaus e Sena, Barue (Manica e Sofala) foi fomentado pelo sistema de aldeamento e guias de marchas, no qual toda a população era obrigada a abandonar as suas terras, que eram herdadas por véu de ancestralidade e constituíam a sua riqueza.

¹⁹⁹ VINES, 1996.

²⁰⁰ VINES, 1996.

Esse laço não lhes fora retirado pelos colonizadores, mas sim pela Frelimo no período pós-independência. Como podemos ver, os traços da tradição de Império de Mwenemutapa²⁰¹ eram muito fortes até 1975, com todas as comunidades lideradas pelos mambos locais.

Essas tribos ainda praticavam rituais tradicionais, como a evocação dos antepassados, o curandeirismo, considerado como a primeira opção para a cura de quaisquer tipos de doenças, a evocação do espírito para a chuva, feito por um indivíduo que recebia o nome de *Chirendje*²⁰², *poligamia*, *Kugaranhaka*²⁰³, *bondue*²⁰⁴, *lombolo* e outros vieses tradicionais em cujo poder divino o povo acreditava.

Com o brotar da independência, todas essas tradições foram combatidas brutalmente pela Frelimo, na figura dos Grupos Dinamizadores, levando os seus praticantes para a prisão e fuzilamento popular, aplicando a lei denominada Justiça Popular, acusando-os de prática de obscurantismo e feitiçaria, prática que não se encaixava no processo de revolução e criação do Homem Novo. Para a Frelimo, essas práticas eram também classificadas como sendo práticas de homens que ainda têm ideias do passado e do imperialismo, as quais fomentam a exploração dos homens pelos homens. Isso causou descontentamento generalizado no seio dessa população.

Outro aspecto relevante dessa história insere-se na questão de que, desde a penetração portuguesa no solo de Moçambique, a etnia Shona tinha um laço forte com o Zimbábue, devido às origens étnicas. Os Shona caracterizam-se por serem conservadores devido à ligação que tinham com o Dzimba dze Bwe²⁰⁵, então Rodésia-Zimbábue. Por isso, tinham sua base de sustentabilidade em pequenas fazendas de criação de gados, majoritariamente bovino e caprino.

Até os anos 2000, mais da metade da população da fronteira com Zimbabué usava as moedas, as escolas e os hospitais zimbabuanos, assim como muitos jovens trabalhavam nas fazendas rodesianas. A cultura, os costumes e as tradições são totalmente semelhantes. Na verdade, os limites de fronteira estabelecidos entre

²⁰¹ Esses traços fazem-se sentir até hoje, a comunidade dessa região tem toda a estrutura do antigo império.

²⁰² CHIRENDJE – homem que pode falar com os deuses para invocar o espírito da chuva.

²⁰³ KUGARANHAKA – quando um parente morre, a sua esposa é herdada por outro parente.

²⁰⁴ BONDUE – quando uma mulher casa e não faz filho, é dado a irmã dela fazer filho por conta dela. Assim como quando a esposa falecer, é designada a irmã mais nova para substituí-la, como forma de dar continuidade à estrutura familiar que a irmã tinha começado.

²⁰⁵ Significa casa de pedra. As casas de pedras eram o palácio do antigo império do Grande Zimbábue. Nestas casas, quem vivia era o imperador e outros da elite da sua dinastia.

Zimbábue e Moçambique são sentidos no dia a dia da população da província de Manica.

Como podemos observar na história, o Tratado Anglo-Português, de 1891 estabeleceu a fronteira entre Moçambique e a então Rodésia do Sul, após uma série de disputas sobre o controle das minas de ouro de Manica, no final do século XIX. Contudo, o “confronto entre Portugal e a Grã-Bretanha teve o seu clímax no Ultimatum de 11 de janeiro de 1890, quando Londres ameaçou bombardear Lisboa caso as suas exigências não fossem atendidas”²⁰⁶. Neste sentido, os “processos de demarcações e modificações foram longos, estendendo-se até 1940”²⁰⁷. A longa fronteira foi estabelecida segundo quatro pontos principais assinalados pelos rios da região: entre o Zambeze e o Mazoé, do Mazoé ao Honde, do Honde ao Save, e do Save ao Limpopo.

Imagem 1: O mapa ilustra os rios mencionados no texto



Fonte: editado pelo autor.

Essa diplomacia fez com que uma parte da província de Manica tivesse vínculo empregatício com os fazendeiros rodesianos. Isso levou a que a maior parte da população que falava português fosse apenas os funcionários governamentais das províncias de Manica e Sofala. Contudo, as línguas locais são mais faladas do que a língua do conquistador. É necessário destacar que as origens e a história dos povos *Manikeze*, *Teve*, *Sena*, *Barue* e *Ndau* encontram-se ligadas ao planalto do Zimbábue, à

²⁰⁶ NEWITT, 1995, p. 306-316.

²⁰⁷ BROWNLIE, 1979, p. 1219-1221.

fragmentação do Império de Monomotapa e do Reino de Mbire, e aos ciclos expansionistas dos Rozvi.

Os Rozvi eram um grupo ou linhagem Shona-Caranga que se deslocou das terras altas da hinterlândia do Zimbabuê, por volta do século XV, “e que ocuparam sucessivamente a faixa central entre os rios Búzi e Save, dominando as populações Tonga que ali viviam e estabelecendo pequenas unidades políticas (chefaturas) relativamente autônomas umas das outras, mas relacionadas pelo parentesco”²⁰⁸. Esse modo de viver permaneceu até a época da independência de Moçambique.

Com a entrada do regime da Frelimo, esse grupo étnico viu seus sonhos serem frustrados pelo governo de transição, cujo Grupo Dinamizador entrou no interior da província para defender a lei de nacionalização da terra, que deixava de pertencer a um singular e passava a ser propriedade do Estado. Enquanto os gados eram doados para a cooperativa por força da nova lei, esses grupos étnicos perdiam suas terras automaticamente e deixavam de ter poder sobre aquela área.

O conceito **Gura**²⁰⁹, que significa parcela da terra herdada pelos antepassados, estava para além da nacionalização, estendendo-se até os cinco anos da colonização. Dentro do **Gura**, estavam todos os rituais daquela família, incluindo o cemitério familiar que acomodava toda a geração desde os seus trisavôs. Esse espaço era ou é considerado como se fosse uma pequena senhoria ou monarquia minúscula, pois passa de geração para geração.

André Matsangaissa, como um dos pertencentes dessa etnia e discordante das leis emanadas do governo do Homem Novo enraizado no socialismo-científico, procurou ter aliados interna e externamente. Essa aliança externa foi encontrada na Rodésia; contudo, juntos aos seus aliados rodesianos, conseguiu explorar e aliciar as autoridades tradicionais, tornando-se interlocutor direto da população e da liderança tradicional local.

O sentimento antifrelimo do grupo étnico Shona fez-se sentir desde 1976 até 1980, quando a guerra da RENAMO estava estabelecida apenas nas províncias de Manica e Sofala. Essas duas províncias são predominadas pelo grupo étnico Shona, descendente do antigo Império de Mwenemutapa. Tudo indica que a RENAMO não tinha muita intenção de estender a sua guerra para o Sul e o Norte, estava apenas seguindo os limites do antigo império. Prova disso foram as bases estabelecidas em

²⁰⁸ FLORÊNCIO, 2005, p. 79.

²⁰⁹ Uma parcela da terra familiar ligada a ancestrais.

Manica e Sofala, onde a sua logística era muito forte, pois, nestes locais, havia os rituais dos antepassados, e a Gorongosa foi transformada em quartel-general.

Se voltarmos para história pré-colonial, poderemos concluir que era o reviver das guerras clássica entre os Impérios de Mwenemutapa e de Gaza, visto que um dos motivos do protesto da RENAMO de Matsangaissa era a reivindicação de que o Partido-Frelimo estava sendo liderado pela maioria do Sul, de etnia Changane, e constituía-se na continuação do Império de Gaza Isso era levado até o seio da população, em que uma parte sentia ódio pelo novo governo.

É necessário esclarecer que a população rural de Moçambique não tinha nenhuma ligação com a Guerra Fria e nem tinha a concepção do conceito marxista que muitos historiadores citam. Na verdade, ela estava contra o sistema de aldeamento e as guias de marcha que se faziam sentir naquela época. Outro motivo de protesto da população foram os Grupos Dinamizadores, que criaram muito ódio pela maneira como atuavam.

Os Grupos Dinamizadores foram classificados como intriguistas e cruéis pelas suas ações na Operação Produção e tiveram um papel fundamental na deportação da população inocente. Esse fator criou um forte sentimento antifrelimo, de modo que a população chegava a afirmar que os portugueses eram mais pacíficos do que o governo de Samora. A preferência pelos portugueses em relação à Frelimo foi alimentada porque a população era obrigada a deixar de executar as suas práticas culturais, enquanto outros eram enviados para a reeducação. Nas regiões de Manica, muitos curandeiros foram presos e acusados de obscurantismo e feitiçaria. Na mesma região, muitas pequenas religiões também sofreram muitas represálias, como a ZCC; Johane Malengue; Jeken-Church; pendagosta e chigubo-Zion, essas igrejas cristãs de fundação local viram os seus líderes a serem presos e enviados para campos de reeducação.

Todas essas práticas impulsionaram claramente para que os Shonas se revoltassem e encaminhassem os seus filhos ao combate. Na entrevista à Rádio Voz da África Livre 1979, Chekasse Muzouna afirmou: “Eu já não tinha nada, até nossos espíritos estavam sendo expulsos para termos espíritos do Sul e de Samora, por isso eu e meus filhos nos mobilizamos para nos juntar às causas da democracia que a RENAMO estava a desencadear. Não me arrependo por estar aqui no combate porque sei que o futuro será bom para meus filhos”²¹⁰.

²¹⁰ HONWANA, 2002.

Essa voz mostra claramente que o sentimento era mais profundo. Essa população não apoiava a insurgência por manipulação capitalista, mas sim por defesa dos seus bens materiais e espirituais. Há muito tempo tentavam distorcer nas pesquisas essa realidade, dizendo que a guerrilha foi recrutada apenas usando vias de sequestro e cativo. Na realidade, as entrevistas realizadas mostram que havia uma alegria no seio dos Shonas em lutar e acabar com o sistema de aldeamento, as guias de marchas, em prol do retorno às suas terras natais e do regresso dos líderes tradicionais. Esses últimos tinham muito significado espiritual²¹¹ para toda a população, apesar do sistema de sequestro ser uma das maneiras que a insurgência usava para recrutar os seus militares.

Em suma, o sentimento antifrelimo Shona não foi uma criação dos rodesianos, mas sim um sentimento construído por frustração pela maneira como estava sendo gerida a independência que se pregava no tempo da guerra de libertação.

2.15 A RENAMO nos campos de reeducação

A partir do conhecimento obtido sobre a política do governo da Frelimo, do qual era membro, André Matsangaissa imprimiu todos os esforços para atacar os campos de reeducação e, subsequentemente, recrutar os homens que lá estavam presos para engrossar as suas fileiras, pois estava ciente que todos que lá se encontravam estavam revoltados com a sua reclusão compulsória. O Matsangaissa olhava os campos de reeducação como sendo zonas férteis para o recrutamento dos homens descontentes para as suas fileiras.

O centro de reeducação de Sakudzi foi o primeiro escalado por André Matsangaissa, em 1976. O jovem de 26 anos já conhecia muito bem o local, pois esteve detido lá por algum tempo. O centro localizava-se na Serra da Gorongosa, na província central de Sofala.

O centro de reeducação de Sakudzi foi o local onde o movimento de resistência (chamado de bandidos armados) começou a recrutar homens para as suas fileiras, retirando-os do domínio da Frelimo. Evidentemente, a RENAMO estava aproveitando estes homens que já estavam preparados militarmente. Depois de a Frelimo ter percebido o protagonismo político que a resistência imprimia nos campos de

²¹¹ A Rádio Voz da África Livre também fazia seu trabalho de educação cívica contra as leis da Frelimo. Esta Rádio não pode ser confundida como sendo criação da RENAMO, ela era apenas sua parceira, pois já existia antes da Resistência Nacional Moçambicana.

reeducação, começou a fazer transferências dos seus reeducandos. Os de Sakudzi eram movimentados para outros centros em Panda, na província de Inhambane, mas esse centro foi alvo dos insurgentes. A RENAMO filtrou e atacou, conseguindo recrutar mais homens em 1978.

Neste sentido, os campos de Sofala, Inhambane e Gaza, que se referem, respectivamente, aos centros de Sakudzi, Panda e Manjacaze, foram alvos de recrutamento maciço, entre 1976 e 1979. Porém, a Frelimo tinha uma retaguarda forte para enviar os considerados indisciplinados que podiam filiar-se rapidamente aos insurgentes. Todos esses foram encaminhados para o centro de reeducação de Msawize, no mato denso do distrito de Sanga, na província do Niassa.

Nos centros de reeducação, muitos moçambicanos perderam a vida, servindo de alimentação de predadores selvagens, como leões e leopardos, ao tentar orquestrar uma fuga. A RENAMO teve um bom proveito disso e imprimiu uma campanha de recrutamento em campos que estavam perto do seu comando-geral.

É necessário lembrar que o centro de Msawize durou pouco tempo, pois foi alvo de ataques quando a RENAMO já recebia apoio da África do Sul, em 1980. Todos que estavam nesse centro eram enviados para a empresa agrícola de Unango, no mesmo distrito de Sanga. A empresa estatal recebeu forte apoio da Alemanha Oriental comunista e, durante a guerra civil, entre 1976 e 1992, a região foi um bastião da RENAMO, a Resistência Nacional Moçambicana.

3 MORTE DE ANDRÉ MATSANGAISSA E A INDEPENDÊNCIA DA RODÉSIA (ZIMBÁBUE)

O período a ser explanado estende-se entre 1979 e 1983 e podemos considerá-lo como a segunda fase da transformação política da Resistência. Primeiramente, esse período foi considerado como importante por dois acontecimentos, a saber, pela morte do comandante da guerrilha e pela independência do Zimbábue.

Perante estes fatos, o governo moçambicano já cantava vitória com o slogan de que cortamos “a cabeça da cobra, só falta esmagar todo o corpo”. Esse pensamento foi sustentado baseando-se na vitória do Zimbábue. É um dos períodos mais importantes da trajetória da RENAMO. Nessa época, acontece a morte de André Matsangaissa e a ascensão de Afonso Dhlakama, bem como a independência do Zimbábue, em 18 de abril de 1980, (fruto dos Acordos de Lancaster House, assinados em 21 de dezembro de 1979). Os integrantes da RENAMO que residiam na Rodésia do Sul tiveram de deixar este país para fixar-se em Moçambique.

Na primeira semana de abril de 1979, a RENAMO lançou ao público o seu primeiro manual, intitulado “Estatutos”, no qual se delineavam a sua história, a sua ideologia, os seus objetivos e a sua composição política. Os objetivos do movimento foram enunciados num manifesto de 24 pontos dirigido à criação, em Moçambique, de uma democracia multipartidária ocidental, baseada em eleições totalmente livres, e na reconstrução do Estado-Nação com base nas tradições locais, revitalizando, assim, os poderes tradicionais. Contudo, esse texto ou documento não foi divulgado, pois estava restrito apenas aos militares dos movimentos.

Na mesma época, alguns panfletos foram lançados com o objetivo de mostrar que o movimento era politicamente organizado. Mesmo com todo esse esforço político organizacional no seio dos governos da comunidade internacional e nacional, a RENAMO era vista como bandidos armados e como um movimento sem nenhuma ambição governativa.

Com a independência da Rodésia do Sul (Zimbábue), a RENAMO foi obrigada a abandonar aquele país rumo a Moçambique. Uma parte dos seus militantes foi para a vizinha África do Sul, para ter apoio, ainda sob vigência do regime do Apartheid. Um número elevado de militantes voltou para Moçambique e formou o quartel-general em Manica e depois na Gorongosa. Destaca-se, nesse período, que o movimento escala a

província da Zambézia e lança o manifesto político. A criação dos três comandos e a expansão da RENAMO por todo país também estão inseridas nessa época.

Depois de toda essa reinvenção, o movimento torna-se totalmente moçambicano e vive com ajuda da população. Com isso, a RENAMO se preocupa em expandir suas políticas, escrevendo alguns documentos políticos.

Em 1981, os Estatutos foram reforçados por um Programa concebido a partir de Gaza, algo discutível se olharmos para a expressão da RENAMO nessa província. “Este programa, por sua vez, veio a ser reformulado no *Political Action Program*, de 12 de fevereiro de 1987, quando a sede da RENAMO era em Manica.

Cahen (2019) sustenta no seu livro que o desaparecimento de uma parceria considerada como uma retaguarda segura e mais “próxima do centro do país (donde eram originários os fundadores da RENAMO) obrigou os integrantes, doravante instalados de forma permanente em Moçambique, incluindo o comandante-chefe Afonso Dhlakama, a organizarem-se para sobreviver”²¹².

Tal necessidade levou-os a tecer relações muito mais fortes com as populações locais, em particular com os chefes tradicionais, que a FRELIMO tentara suprimir logo em 26 de junho de 1975. Parte da direção da RENAMO e das infraestruturas, entretanto, ficou na África do Sul, nomeadamente no “estado-maior da retaguarda”, em Phalaborwa, destinado principalmente à logística e à escuta²¹³

Aqui, a RENAMO fez sentir a sua presença em toda a província de Manica, instalando as bases de Mavita e Mavonde. Essas regiões, para além das bases, também foram escolhidas como ponto de entrada para o país. Como essas localidades fazem fronteira com o Zimbábue, a liderança do movimento escolheu Gorongosa para instaurar uma base logística da guerrilha.

A escolha da Serra de Gorongosa por Afonso Dhlakama, para servir de quartel-general, foi uma estratégia. Por ser filho do líder tradicional, isso facilitaria a ele construir um tecido forte de aliança com a população local e, posteriormente, efetuar uma mobilização junto aos outros líderes tradicionais, publicitando os objetivos da sua guerra.

Nesta sua mobilização, o fator casa (étnico) foi importante e a ideia da retomada da liderança tradicional, bem como sua importância na gestão dos conflitos no seio da população, foi a peça-chave para o apoio massivo ao movimento. A política identitária

²¹² CAHEN, 2019, p. 35.

²¹³ Idem, 2019, p. 35.

sustentada por Afonso Dhlakama levou a que as autoridades tradicionais tivessem uma confiança forte e começassem a mobilizar sua população para lutar lado a lado com o movimento. Nas demandas das novas realidades da região, entre 1980 e 1984, o movimento da guerrilha foi obrigado a se tornar um movimento completamente moçambicano. E por que totalmente moçambicano?

A resposta para esse questionamento é simples. Antes da independência, toda estrutura organizacional encontrava-se na Rodésia, Moçambique era apenas o campo de batalha. Então, com a independência do Zimbábue, essa estrutura foi deslocada para Moçambique.

As fontes nos indicam que, no período de 1983 a 1985, a geografia e a natureza da guerra tomaram outro rumo e outra dinâmica.

Se já se podia dizer que, nomeadamente no Oeste zambeziano (desde 1976) e no centro do país (desde 1977), havia uma guerra civil, não era esse o caso da totalidade do país. A independência do Zimbábue, assim como o Acordo de Nkomati tiveram, pois, efeitos contrários aos esperados pela FRELIMO: a RENAMO instalou-se de vez em Moçambique e a guerra espalhou-se pelo país inteiro e tornou-se civil. Esse foi um processo²¹⁴.

Este período também foi registado pela travessia do rio Save,

com 300 guerrilheiros, em 4 de julho de 1981, pelo general Vareia, rumo ao Sul, e a travessia do rio Zambeze, rumo ao Norte, em 1982, pelo general Calisto Meque, e a unificação, em agosto de 1982, da RENAMO com o Partido Revolucionário de Moçambique – uma guerrilha zambeziana em guerra contra a FRELIMO desde 1976, nomeadamente na região de Milange – foi o momento definitivo da viragem. A RENAMO doravante ocupava zonas muito extensas longe das regiões do seu nascimento (Manica e Sofala) e organizava a vida de centenas de milhares de moçambicanos. Rumo à assinatura do Acordo de Nkomati, uma parte do poder sul-africano pressionou a RENAMO para aceitar a anistia ou que os seus combatentes ficassem na África do Sul como exilados. Tal como tinha acontecido alguns anos antes com a Rodésia, a RENAMO não aceitou²¹⁵.

Na mesma época, tanto a RENAMO quanto Afonso Dhlakama possuíam uma base social de forte apoio rural, e a produção agrícola constituía uma das fontes de financiamento da guerra. Após a perda de apoio que o movimento teve, em 1980, com a independência da Rodésia e, em 1984, com o Acordo de Nkomati, a RENAMO passa a sobreviver com ajuda da população.

Na mesma época, Dhlakama intensifica a campanha rumo à democracia e à restauração do poder tradicional, da liberdade e das práticas culturais em Moçambique,

²¹⁴ CAHEN, 2019, p. 42

²¹⁵ Idem, 2019, p. 42

enquanto o governo do Maputo continuava com o mesmo discurso de bandidos armados atuando a mando dos externos. Essa ideia faz com a RENAMO torne-se uma peça-chave para a criação da identidade nacional baseada nas culturas locais.

Emerson (2014) chancela que sem o santuário rodesiano e o treinamento e equipamentos que o acompanhavam, bem como a assistência direta ao campo de batalha, a RENAMO quase certamente não se tornaria a ameaça militar que representava até o final de 1979. O sucesso da RENAMO está associado ao descontentamento rural e o sentimento antigoverno no Centro e em parte do Norte de Moçambique.

3.1 Ascensão de Afonso Dhlakama

A morte de Matsangaissa, em 17 de outubro de 1979, foi uma surpresa para os rodesianos e os militares do movimento de insurgência em Moçambique. Isso fez com que a RENAMO sofresse uma grande alteração política, tática e organizacional, já que o seu carismático líder operativo havia sido morto em batalha.

Por falta de provas, pois o corpo não foi encontrado, tudo indica que André Matsangaissa foi baleado e morto com uma bala na cabeça nas matas da Gorongosa. Com essa perda, a equipe do SAS imediatamente mobilizou-se e convocou uma missão Rhev de Casevac, em uma vasculha, acompanhada por uma ofensiva no local, mas era tarde demais e a luta resultante foi muito intensa. Ele desapareceu sem que seu corpo fosse encontrado. Nesse dia, os guerrilheiros da RENAMO vingaram-se e tomaram as duas vilas vizinha de Maringue e Gorongosa para tentar encontrar seu comandante desaparecido.

Nos mesmos moldes, os seus aliados rodesianos do CIO, quando receberam a notícia devastadora, despacharam rapidamente o vice-comandante da RENAMO,

Afonso Dhlakama (que por acaso estava de volta a Odzi), de helicóptero para o acampamento da montanha da Gorongosa para tentar recuperar o controle da situação. Apesar de ter sido reconhecido como o sucessor lógico de Matsangaissa desde a sua nomeação como vice-comandante, no final de 1977, e da sua experiência no campo de batalha, Dhlakama não tinha o carisma natural e ousado do Comandante André e era considerado um tanto mediúnico e mais calculista pelas bases da RENAMO²¹⁶.

²¹⁶Afonso Dhlakama (who happened to be back in Odzi), by helicopter to the Gorongosa mountain camp to try to regain control of the situation. Despite being recognized as Matsangaissa's logical successor since his appointment as deputy commander in late 1977 and his experience on the battlefield, Dhlakama lacked Commander André's natural and daring charisma and was considered somewhat psychic and more calculating by the RENAMO bases. (Tradução livre do autor) EMERSON, 2014, p. 46.

Havia um receio de colocar o jovem guerrilheiro como líder, porque a sua reputação entre alguns dos instrutores do CIO também era ruim:

Eu achava que ele era um personagem fraco, disse Coventry anos depois. Outros instrutores, incluindo Danny Hartman, pensavam mais de Dhlakama, que era altamente inteligente e um líder natural com o potencial de liderar um movimento político mais amplo²¹⁷.

Enquanto Emerson fala da clivagem interna, a base refere que todo mundo estava ciente de que seu sucessor era o seu vice. Isto é, não havia dúvida de que o vice de André deveria ser o líder; logo, realizou-se a votação aí no mato para a sua legitimação. Simão Manuel Mupinda explica que “escolhemos Dhlakama porque era o vice-comandante e gostávamos do trabalho dele, dissemos quem deveria suceder; por isso, votamos nele aí nas matas”²¹⁸.

Na mesma linha, Simão Manuel Mupinda explica que não teve outra pessoa que estava se candidatando, “ninguém se candidatou mais, exceto Dhlakama, porque era a única pessoa que estava nas nossas vistas e que tinha feito um bom trabalho, além de participar da fundação da RENAMO”²¹⁹.

Os depoimentos de Simão Manuel Mupinda mostram que a clivagem pela liderança estava sendo debatida dentro dos gabinetes e muito longe dos holofotes da guerrilha. Os guerrilheiros da base desconhecem as figuras de Flower e de Jorge Jardim. A elite negra do movimento não deixava a sua base perceber a existência da mão externa dentro da organização; por isso, muitos nem tinham conhecimento da origem das armas e dos medicamentos.

Para entendermos melhor a ascensão do novo líder, primeiro é necessário descrever a sua trajetória, para termos o conhecimento de como chegou a ser membro e uma das figuras importantes da RNM/RENAMO. Afonso Dhlakama saiu da vila de Manica e entrou na Rodésia para se juntar ao movimento que André Matsangaisse estava arquitetando no dia 1 de agosto de 1977, levando consigo dois jovens militares

²¹⁷I thought he was a weak character, Coventry said years later. Other instructors, including Danny Hartman, thought more of Dhlakama, who was highly intelligent and a natural leader with the potential to lead a wider political movement. (Tradução livre do autor) EMERSON, 2014, p. 47.

²¹⁸Vaiwe sure kwake ndi Dhlakama taihona zvaita e taimufarira, tikati unofanikira ndiani wakageta Dhlakama, Takavota mugwashemo. (Tradução livre do autor) Entrevista com Simão Manuel Mupinda. 07. 04. 2021

²¹⁹ hapana isusu ndiwe wataka ona kuti wakabata, nekuti wanga wakatererana, ndiwo wakafundar. (Tradução livre do autor) Entrevista com Simão Manuel Mupinda. 07. 04. 2021

das FPLM, “o João Gaspar, de Sofala, da etnia Ndau, e o Alexandre Vida, de Tete, da etnia Nhungué”²²⁰.

Com apenas 24 anos, André Matsangaissa entra na fundação do movimento para alimentar o sentimento de anticomunismo. Neste contexto, Afonso Dhlakama explica a sua afiliação ao movimento: “na madrugada de 6 para 7 de maio de 1977, eu sou preso na Beira. Fiquei 4 dias preso e fui interrogado várias vezes”²²¹.

Logo que saí, dirigi-me à casa dos meus pais, em Magunde, Chibabava, para me despedir e informar que ia para o mato combater a FRELIMO. A minha mãe reagiu muito mal, chorou muito e disse que ia perder um filho, mas o meu pai encorajou-me muito. Em julho de 77, deixei a cidade da Beira e comecei a minha viagem para me juntar ao André, na Rodésia. Estive primeiro 17 dias na vila de Manica, no Hotel Guida, para reconhecer o terreno e ver qual a melhor forma e o melhor local para atravessar a fronteira²²².

Foi assim que Afonso Dhlakama ingressou nas fileiras do novo movimento. A ofensiva contra as matas da Gorongosa, desencadeada pela Frelimo, apoiada por todos os países comunistas em outubro de 1979, conseguiu destruir a sede do movimento que se localizava na província de Sofala e matar o líder André Matsangaissa. Assim, o movimento viu-se obrigado a realojar a sua base de operações e eleger um novo líder²²³. Ao mesmo tempo, a liderança da RENAMO foi assumida por Afonso Dhlakama, um ex-membro da Frelimo. Nesse sentido, Afonso Dhlakama explica que:

Na altura, o movimento, dentro da sua orgânica, tinha um conselho militar, composto pelos comandantes das bases e dos grupos de guerrilheiros, que reuniu de emergência na Gorongosa no dia 21 de outubro. Como era natural num movimento ainda muito jovem, composto por militares também muito jovens, eu, como adjunto do comandante André Matsangaissa, fui escolhido para o suceder²²⁴.

A sucessão do líder morto em combate veio recair no seu número dois, Afonso Dhlakama²²⁵, que assume a presidência do movimento em 1979 com a intenção de retaliar a morte do seu comandante e publicar as primeiras teses políticas, que poderiam limpar a imagem do movimento e servir como arma para angariar a simpatia do povo e da comunidade internacional. Mas a RENAMO apenas conseguiu a reposição da sua

²²⁰ PINTO, 2008, p. 218.

²²¹ Idem, 2008, p. 217.

²²² Idem, 2008, p. 218.

²²³ Algumas literaturas indicam que foi uma grande luta interna para conseguir ter uma sucessão a altura para dirigir a operação, essa luta foi ganha por Afonso Dhlakama.

²²⁴ PINTO, 2008, p. 220.

²²⁵ Afonso Dhlakama se tornou dirigente da RENAMO após a morte do seu fundador, André Matade Matsangaissa, que morreu de um ferimento recebido enquanto comandava as suas forças armadas num ataque levado a efeito numa povoação na Gorongosa.

estrutura militar e simpatia com população, não conquistando o apoio internacional, mesmo com o dinamismo político de Afonso Dhlakama.

Nesta época, a RENAMO já fazia ataques de grande escala em áreas rurais, aldeias comunais e todas as infraestruturas sociais que representavam o governo, semeando minas terrestres em várias estradas, principalmente nas regiões mais próximas às fronteiras com a Rodésia. O novo líder encontrou um movimento fragilizado porque uma parte dos seus militares estava desmoralizada pela perda. Na entrevista com Jaime Nogueira Pinto, Dhlakama explica que:

Logo nos meus primeiros tempos como comandante da RENAMO, tive de enfrentar a maior crise do movimento, porque logo a seguir à morte do André, o desânimo foi grande entre os guerrilheiros e tivemos cerca de 70% de deserções. Fiquei praticamente só com os recrutas e tivemos que começar tudo praticamente do zero²²⁶.

A história nos faz perceber que quando o André morreu, a RENAMO tinha quase 2000 guerrilheiros já bem implantados nas províncias de Manica e Sofala, mas, com a morte do comandante em combate, o moral ficou de rastos. E, com essa perda, o movimento ficou com apenas 800 guerrilheiros, os outros desistiram.

3.2 A RENAMO de Afonso Dhlakama

Com Afonso Dhlakama, o movimento tornou-se mais expressivo e se expandiu por todo o país. E rapidamente o novo líder reinventou-se para recuperar a moral que os guerrilheiros tinham perdidos. Afonso Dhlakama salienta que:

“Logo no mês de outubro” ... “concebi e comecei a implementar um plano muito agressivo de recrutamento de guerrilheiros. Na base desse plano, que eu sabia ser de grande importância para a sobrevivência do movimento e para honrar a memória do André, estava uma política de alianças com os régulos. Como o meu pai, que ainda é vivo, é régulo, eu tinha a noção que os régulos eram, em 79, as pessoas que mais sofriam com as políticas comunistas da FRELIMO de perseguição às autoridades tradicionais. E eu conhecia bem o poder que os régulos tinham junto das populações. Mas a grande dificuldade era um jovem com vinte e poucos anos conseguir impor-se junto de autoridades tradicionais e ganhar-lhes a confiança. Tinha a vantagem de ser filho de régulo. Notei também que, na altura, os régulos estavam fartos do poder da FRELIMO [...] e eles acabaram por depositar confiança em mim.”²²⁷

²²⁶ PINTO, 2008. p. 220.

²²⁷ CAHEN, 2019. p. 85

O novo líder mostrou logo de partida que não trabalhava apenas com as estratégias da área militar do movimento, mas também com a área política, difundindo os estatutos da RENAMO e o discurso político. Como podemos ver nos cadernos de Gorongosa, “[no dia] 4 de novembro de 1984, um deles escreve ao Departamento de Defesa: Tenho honra de vir solicitar ao DDRNM os nossos programas e mais panfletos”²²⁸.

Afonso Dhlakama faz uma virada muito importante e traça uma estratégia de expansão, desvalorizando a ideia de que o *movimento era apenas para atuar nas duas províncias do Centro do país*, Manica e Sofala.

Isto é, quando Afonso Dhlakama aderiu à Renamo, em julho de 1977, o programa já estava definido, ainda que tenha sofrido alterações significativas nos anos seguintes. Fundamentalmente, o programa visava substituir o regime de partido único (ditadura) por um sistema pluripartidário (democracia). No período em que Matsangaissa liderava a Renamo, o objetivo pretendido não era a tomada do poder político, mas a criação de condições para que forças políticas, internas e no exílio, se organizassem com vista a criar as bases de um sistema democrático.

Com Dhlakama à frente da RENAMO, o programa sofreu alterações. A RENAMO passou a defender que seria ela a tomar o poder político e a criar as condições para a instauração de um sistema democrático no país. Esta linha de ação foi publicada em 1980, em edição bilingue (português/inglês) sob a forma de Programa. Em resumo, o Programa defendia:

- Éviction du système de dictature communiste et éloignement des hauts cadres responsables, identifiés à ce régime, sans esprit de vengeance. C’est seulement en pardonnant et en oubliant qu’il sera possible de construire un Mozambique, propriété de tous les Mozambicains.
- Le secteur public, une fois délimité, servira à la valorisation et à l’encadrement du secteur privé, considéré comme facteur dynamisant de la prospérité économique du Mozambique. La conciliation des intérêts, synthèse de l’activité de l’État, est la condition essentielle de la relance économique du pays.

²²⁸ CG6/185, do C/[co]missário político Estêvão Simão para a DDRNM, 04/11/84 apud CAHEN, 201. p. 85.

- Tous les citoyens sont sur le même plan d'égalité devant la loi avec les mêmes droits et devoirs. Personne ne sera condamné sans défense adéquate, personne ne sera arrêté sans ordre ou mandat de l'autorité compétente.
- La maladie et l'analphabétisme sont les pires ennemis du Mozambique: il est du devoir du Gouvernement d'appliquer les plus amples moyens pour la promotion de la santé et de l'éducation. On fera tous les efforts pour couvrir toutes les régions d'un réseau efficient d'hôpitaux et d'écoles.²²⁹

Com esse segundo líder, o movimento tornou-se muito perigoso e as mortes aumentaram drasticamente. Isso fez com que o país caísse na miséria e produzisse muitos refugiados, cerca de 5 milhões de cidadãos. Na mira da imprensa, Dhlakama tornou-se o líder mais sangrento da história da guerra civil em Moçambique.

A reorganização motivada pela independência do Zimbábue fez com que o novo líder tecesse uma nova agenda organizacional e dividisse o Estado-Maior-General em três Estados-Maiores regionais (também poderiam ser denominados de grupos coordenadores): Norte, Centro e Sul. Já em 1984, no auge do seu domínio, o Estado-Maior do Norte era dirigido pelo general Raul Dique Majojo; o do Centro, pelo general Ismael; e o do Sul, pelo general Raul Domingos. Isso fez com que entre 1980 e 1984, a RENAMO se tornasse um movimento completamente moçambicano com sustentação na população.

Pode-se observar que a estruturação interna da RENAMO, em 1980 e no final de 1984, estava no âmbito do amadurecimento rumo a uma guerra civil em escala para todo o país. O novo líder investiu na doutrinação da população e dos seus guerrilheiros, e a figura do comissário político caminhava lado a lado com os guerrilheiros e mudjibas como informantes.

Na mesma perspectiva, o lançamento público dos estatutos do movimento estava na estratégia de semear uma nova visão para a comunidade acadêmica sobre os objetivos do movimento e a sua posição política. Isto é, os estatutos, segundo nossos entrevistados, vieram legitimar a política que já vinha sendo vivida dentro do movimento desde 1979, mas a expressão política e suas acrobacias fluíram em 1980, sendo enviados para outras províncias os comissários políticos, em 1981.

João Machava (05.04.2021), de 66 anos, entrou na guerrilha, em 1979, pela base de Dakata, no distrito de Mossurize, exercendo também a função de intérprete e

²²⁹A luta continua, Orgao íle Informação da RENAMO D, Lisbonn4 s.l., août-décembre. Tradução de Michel Cahen. (1985, pp. 18-39)

datilógrafo do líder da RENAMO, Dhlakama. Machava explica que a política na RENAMO

iniciou há muito tempo, em 1980, ano em que começamos a organizar os comissários políticos e, em 1981, começamos a enviar os comissários políticos para todas as províncias onde estava instalada a RENAMO. Os comissários políticos tinham função de trabalhar com os militares junto à população, para que saibam quais são os interesses da RENAMO e o que quer a RENAMO. Esses pregavam os preceitos políticos da RENAMO. Os comissários políticos fizeram um grande trabalho, por isso, quando se dava voz de comando que íamos cessar fogo, todos cessavam, porque os comissários políticos conscientizavam os soldados das suas tarefas e da sua importância política. Eles doutrinavam os militares que, hoje, estão na guerra e amanhã estarão de volta ao convívio familiar²³⁰.

Cahen não faz referência ao ano de 1980, como o nosso entrevistado refere.

Cahen nos faz perceber que

é certo que nesse período dos anos 1983-1985 a natureza da guerra mudou. Se já se podia dizer que, nomeadamente no Oeste zambesiano (desde 1976) e no Centro do país (desde 1977), havia uma guerra civil, não era esse o caso da totalidade do país²³¹

Sobre a ideia da expansão, os *Cadernos da Gorongosa* indicam que o novo líder cria as regiões (comando regional) com designação de nomes de animais para melhor controlar e alcançar o objetivo de expandir a guerra para todo o território do país. As tais regiões são: a região Crocodilo, no Sul de Sofala e Manica; a região Leão Centro 1, no Centro-Oeste de Sofala e no Centro-Sul de Manica; a região Peixe, no Oeste de Manica; a região Tigre Centro, no Norte de Sofala (que conta, no seu interior, com o setor de sabotagem do famoso comandante Bobo 2, na linha férrea Beira-Caia); a região Leopardo Centro, para o Norte de Manica; e a região “Chímica” 3, para o extremo-norte de Manica e o extremo-sudoeste de Tete. Ao fazer essa mudança, Dhlakama chama atenção da população, que adere em massa à sua gestão e ao programa de revolta.

Contudo, para além da mudança da dinâmica do movimento, quer na forma de operar, quer na ação política, Afonso Dhlakama também imprimiu uma dinâmica de

²³⁰ Yakatanga muna(...) toti yakatanga kare, muna 1980 ndiyo kayakatanga, kugadzira aizui ma comissário político, ma comissário político takazoa tumira kuti haende, ma província ese, manga muno Renamo 1981. Ma comissário político vanga vanobasa rekuchanda nemashodja ne kushanda ne vanhu, kuti vazie kuti ngezvipi zvino rwira Renamo. Renamo inodei munyika muno, saka yai paridza política yaiyo, vanhu wese vaibatsira Renamo nekuzia zinangwa zvarenamo. Ma comissário político aka ite ba sa guro maning, ndipo pamunona kuti paiyakazi hondo ngaipere yotonyarara kuti zi. Hapana umwe vakazoridza pfuti, ma comissário político wanga weisendza, nekuti waizisa kuti iwewe musodja nhasi urikuruisa hasi manguana ichaenda kumba. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava (05.04.2021)

²³¹ (CAHEN, 2019, p.42).

controlar todos os aspectos da vida de uma guerrilha espalhada em quase todo o território moçambicano. Isso mostra que “Dhlakama sentiu que precisava afirmar sua nova posição²³² entre alguns dos comandantes mais próximos de Matsangaissa antes que ele pudesse consolidar sua liderança”²³³.

Na mesma dinâmica operacional, Afonso Dhlakama cria uma motivação, na qual implementou incentivo para todos os generais, obrigando-os a preencher frequentemente “os quase-formulários exigidos e tinham, pois, de ter ‘matéria’ para pôr neles, sendo desaconselhado mentir, porque a segurança e a inteligência militar poderiam rapidamente identificar a trapaça”²³⁴. Essa estrutura de gestão motivou muitos generais, que passaram a sentir-se valorizados dentro do movimento.

Sob comando de Afonso Dhlakama, nota-se a presença da região militar Búfalo Norte, em Cabo Delegado, que ocupa menos de metade do território desta província e tem somente dois setores, com um esforço tremendo do setor número 1 para atingir o distrito de Mueda.

Essa extensão é muito importante para o movimento, porque Cabo Delegado era considerado bastião da Frelimo, o Norte e o interior da província de Inhambane e todo o interior da província de Gaza. O fato de se filtrar nessas duas províncias, Gaza e Inhambane, onde o apoio à Frelimo foi muito expressivo, mostra que as novas estratégias de Dhlakama foram muito determinantes, pois romperam com o figurino da impenetrabilidade.

A violência nestas províncias se instalava nas regiões militares da RENAMO, Búfalo Sul, em Gaza, e as regiões Gato Sul e Tigre Sul, em Inhambane, enquanto em Leopardo, Elefante e Leão, na província de Maputo, o cenário era outro. Nessa província, o principal objetivo era sabotar a corrente elétrica da capital Maputo e penetrar até as bermas da cidade. Esse modo organizativo foi arquitetado pelo então novo residente do movimento.

²³²Mesmo seis semanas depois de assumir o comando, o estado de coisas permaneceu perigoso para o novo líder da Renamo. O SAS, informando no início de dezembro, indicou que, “* MNR Commander C4 [Gorongosa] disse ao C / S 12 [o oito-homem] “Um sinal de esquadrilha na Gorongosa] que três comandantes menores estão planejando [sic] ele e pedir que os três sejam levantados e que a situação geral seja séria ”! A sede da SAS não foi movida. Fontes (CAHEN. 2019)

²³³ Dhlakama felt he needed to assert his new position among some of Matsangaissa's closest commanders before he could consolidate his leadership. (Tradução livre do autor) (EMERSON, 2014, p. 42).

²³⁴ (PINTO, 2008.p. 353).

3.3 Os comissários políticos

O novo presidente criou a figura dos comissários políticos, que faziam seus trabalhos junto com os mudjibas²³⁵. A figura dos comissários políticos foi utilizada nas tarefas de fomentar disciplina, distantes da politização das tropas. Além disso, também eram o elo de ligação entre população e guerrilha. Dhlakama pedia aos oficiais para, junto com os mudjibas, coordenarem os trabalhos de efetivação das tarefas dos comissários políticos no seio das populações nas suas zonas libertadas. Qual era função dos comissários políticos?

Nosso entrevistado João Machava (03.03.2021) explica:

Os comissários políticos tinham um grande trabalho, juntamente com os grileiros, de simpatizar e sensibilizar a população sobre a existência da RENAMO e divulgar os objetivos da RENAMO. Com o trabalho desses, o nível da popularidade da RENAMO aumentou e as pessoas começaram a ajudar incansavelmente. Por também tens visto que quando disseram que a guerra acabou tudo parou, foi graças a eles que ensinavam a nossa ideologia e disciplina. Qualquer acordo os comissários políticos já comunicaram que está acontecendo isso por isso, quando a guerra acabou no mesmo dia para todo Moçambique.²³⁶

Na citação acima podemos ver que, quando criou essa figura, Dhlakama tinha duas lutas para enfrentar: uma armada e outra de legitimação política, porque o seu movimento sempre foi cotado como sendo aquele que satisfazia a mão externa.

“[O] afastamento do esquema da Guerra Fria – a FRELIMO, apoiada pelos países do Leste, e a RENAMO, apoiada pela África do Sul e pela América – demonstrava que a RENAMO não era (pelo menos já não era) um movimento vindo de fora, mas um movimento genuinamente moçambicano”²³⁷.

Além de difundir a política e ideologia na população, os comissários políticos também exerciam a função de amainar os ânimos e mostrar que um dia teremos negociações pacíficas. Segundo João Machava,

Os comissários políticos diziam aos guerrilheiros que essa guerra que estamos a mover um dia irá terminar e todos serão desmobilizados e voltarão para casa. O que estamos a fazer é lutar contra esse tipo de governação e acabar com isso. Nos dias que esse tipo de governo acabou com a nossa riqueza, na guerrilha já falávamos de eleições municipais, já falávamos de votação de governador. Toda a gente se a RENAMO porque a sua política era muito melhor, porque dizíamos que vocês deviam votar no governador que vocês querem.²³⁸

Quando se começou, por parte do governo de Moçambique, a intentar as primeiras negociações com aqueles que consideravam donos do movimento, a África do

²³⁵ Informação junto à população das aldeias

²³⁶ Entrevista com João Machava, 03.03.2021

²³⁷ (CAHEN, 2019, p. 90).

²³⁸ Entrevista com João Machava, 03.03.2021

Sul, Dhlakama usou a estratégia de comunicar à população, enviando mensagens com teor das incidências das negociações com o governo da Frelimo, como forma de pressioná-las.

Mas a mensagem tinha também como objetivo manter a RENAMO mobilizada para uma guerra que iria se prolongar. Com efeito, a tática política de dar a conhecer as negociações de Pretória para defender a ideia de que a RENAMO estava ganhando a guerra tinha um efeito secundário: criar uma expectativa acerca de um regresso rápido da paz, o que podia ser sentido também no seio das próprias fileiras da RENAMO²³⁹.

Por outro lado, Dhlakama escreve essas mensagens como estratégia de mostrar o seu fanatismo com a tradição, a liberdade de expressão e das práticas religiosas, culturais e o regresso da liderança tradicional, que haviam sido negados com o governo da Frelimo.

O estereótipo criado pela Frelimo, de que a liderança tradicional fora crucial para a exploração de homem para homem, estava sendo combatido pelas armas da RENAMO junto aos líderes, de modo a demonstrar que essa concepção não constituía a verdade. Os comissários, juntos dos mudjibas, expandiam ideologias por todas as regiões pertencentes à RENAMO. A partir de 1981, antes que a RENAMO atacasse uma região e aldeia, os comissários políticos, junto com os mudjibas, realizavam reuniões de consciencialização dos seus objetivos e confortavam a população. Além disso, Dhlakama expandiu uma base social até a população retomar, nas aldeias, as ações de queimadas das suas próprias cabanas.

Na verdade, a figura dos comissários políticos da RENAMO veio dar visibilidade à parte ideológica. Eles eram responsáveis pela criação de cartazes e colagem das mensagens ideológicas, bem como pela difusão da imagem do seu líder. A figura do comissário político trouxe outra dinâmica no âmbito político de movimento, mas não conseguiu sanar o estereótipo do governo, de que eram apenas um bando de bandidos armados agindo a mando dos estrangeiros.

3.4 As duas populações

Michel Cahen, Sergio Chichava e Jaime Nogueira Pinto nos fazem perceber que a guerra civil em Moçambique não foi somente um embate entre dois exércitos, mas também um conflito entre duas populações. Isso resultou na construção de duas escalas de populações em Moçambique:

²³⁹ (CAHEN, 2019. p. 90).

Além de soldados, podia-se matar “elementos do inimigo”, isto é, civis, visto serem membros da população que vivia num dos dois campos, em áreas sem quaisquer pontos de contato econômicos e sociais entre si – de um lado, a esfera do Estado moderno, do outro, as autarquias da RENAMO, constituindo duas populações “não contemporâneas”, vivendo em temporalidades diferentes, com historicidades diferentes²⁴⁰.

Em resposta a essa citação, podemos recorrer às versões das mensagens que se encontram escritas nos *Cadernos de Gorongosa*, nas quais o chefe militar local explica que “no dia 26 de setembro de 1984 queimaram uma AC na zona de Zauimba, tendo executado quinze populações do inimigo que andavam batendo em nossos informantes”²⁴¹.

Verifica-se na mensagem que esse indivíduo não era militar, o que mostra, assim, que a população estava dividida em duas alas: uma era simpatizante da Frelimo e a outra da RENAMO, mas essa geografia política populacional foi construída pela mensagem política que o novo líder espalhava. Os que adiram ao discurso da RENAMO são aqueles que se identificaram com a ideia da reestruturação das culturas e a recuperação dos seus bens perdidos. Em entrevista, Joana Mbadzo (24.03.2021) explica-nos que:

[...] sim, havia duas populações, a da FRELIMO e a da RENAMO, mas era segredo, não se podia manifestar-se em ambas as partes. (...) Se você era da RENAMO, saía para a população da FRELIMO, era morto, e da FRELIMO e saía também para a população da RENAMO, também era morto. Ninguém podia visitar o outro²⁴².

Na mesma linha questionamos se nosso entrevistado Evaristo Matande (01.05.2021) *Lembrava da existência de duas populações em Manica?* Ele explica que “[s]im, havia. Aquela população que negou sair das aldeias e que vivia na cidade, a maioria era da Frelimo, a nossa é aquela que vivia conosco nas zonas libertadas e nos ajudava com a alimentação”²⁴³. Sobre o tema, questionamos nosso outro entrevistado Castigo Nhambo 01.04. 2021 se *Tinha povo da Renamo e povo da Frelimo?* Castigo Nhambo responde que, “Sim, tinha”²⁴⁴. *Como sabia que esse é nosso povo?*

²⁴⁰ (CAHEN, 2019, p. 92)

²⁴¹ CAHEN apud CG7/160, do G. C. N. para o C/ Zacarias Pedro, 01/10/84. p. 99

²⁴² Entrevista com Joana Mbadzo 24.03.2021

²⁴³ Entrevista com Evaristo Matande 01.05.2021

²⁴⁴ Entrevista com Castigo Nhambo 01.04. 2021

Zondai Nyasha 05.04. 2021 responde elencando que: “[t]odos aqueles que estavam ao nosso redor, esses mesmos que passeavam conosco e nos davam sempre bebida tradicional, eram nossos. (...) [E o povo das aldeias] não era nosso povo, mas quando chegávamos lá não fazíamos estrago por nossa lei proibia, porque nós estávamos a lutar para liberdade do povo”²⁴⁵.

Quanto à questão de se *o povo da Frelimo poderia escalar nas regiões vividas pelo povo da Renamo?* Castigo Nhambo explica que

“podia escalar e não era feito nada, porque nós lutávamos para o povo, então não havia razão de escolher. Povo da Renamo era aquela que estava a viver nos seus habitats que não foram nas aldeias, até 1983, daqui até no rio Zambeze era povo da Renamo, tudo isso era da Renamo”²⁴⁶.

Nos Cadernos, a outra mensagem indica que, “em 26 de outubro de 1984, destruíram uma aldeia comunal na zona de Crocossa, localizada em Mangue, distrito de Milange; numa aldeia próxima da mesma data, a população da zona Mundina capturou dois elementos das FPLM”²⁴⁷. No mesmo documento, Zacarias Pedro, chefe militar da RENAMO naquela região, explica que os “referidos foram chamboqueados pela população e depois se entregaram às nossas forças com suas armas”²⁴⁸.

A ideia das duas populações também foi acompanhada com discurso pejorativo dos recuperados. São chamados de recuperados todos aqueles cidadãos que saíam das zonas sub jurisdição da RENAMO. Essa população era vista pelos habitantes das aldeias e das cidades como sendo pessoas de baixa qualidade que viviam em forma de selvageria. Essa narrativa fez com que, nas aldeias, houvesse um bairro apenas para os recuperados. Por isso, até surgiram aldeias como as de Chissamba e Rambnai, em Manica, na fronteira com o Zimbábue, como resultado dessa separação populacional. Essa discriminação estendia-se até para os deslocados da guerra.

Se um recuperado numa aldeia ou cidade fosse confundido com um inimigo, não tinha acesso ao convívio social com os antigos das aldeias. Isto é, os recuperados viviam e conviviam apenas com outros recuperados. Isso mostra que a estrutura divisionista ainda estava intacta. Podemos dizer que esse olhar histórico populacional é a continuação da prática colonial da existência do povo assimilado e do povo não assimilado.

²⁴⁵ Entrevista com Zondai Nyasha 05.04. 2021

²⁴⁶ Entrevista com Castigo Nhambo 01.04. 2021

²⁴⁷ CAHEN apud CG7/268, do Grupo C[ordenador] Norte para o C/Zacarias Pedro, 03/11/84. p.99

²⁴⁸(CAHEN, 2019.p. 99)

3.5 A independência do Zimbábue e o apoio da África do Sul

Num processo longo de guerra, exploração, litígio e conquista de um continente bastante virgem em riquezas e indefeso cientificamente, em 1953, na consolidação das suas colônias da região austral da África, o Reino Unido criou a Federação da Rodésia e Niassalândia, composta pela Rodésia do Norte (atual Zâmbia), Rodésia do Sul (hoje Zimbábue) e a Niassalândia (atual Malauí).

Alguns anos depois, a Rodésia do Sul se recusou a participar da Federação, a menos que fossem dadas garantias de que o governo seria eleito pelo sufrágio universal. Um ano depois, o primeiro-ministro da Rodésia do Sul, Ian Smith, declarou unilateralmente a independência, em 11 de novembro de 1965, promulgando uma nova constituição, através da qual o país adotou a designação de República da Rodésia. Smith tinha decretado a separação e começou a organizar a nova república como uma grande potência agrária. Esse comportamento político é considerado como o primeiro passo do conflito que Smith estava a semear na região. Smith ficou isolado do Reino Unido e aliou-se à África do Sul.

Mais tarde, foi fustigado pelos nacionalistas, mas o seu mercenarismo político estava no auge. Como maneira de alimentar esse seu radicalismo político, Smith procurou criar todos os contrapontos para desestabilizar os apoiantes da região dos seus inimigos ZAPU e ZANU. Por essa razão, foi considerado como grande patrocinador da RMN-RENAMO. Além disso, a independência do Zimbábue, foi um balde de água fria para o recém-formado movimento, após os Acordos de Lancaster House, assinados em 21 de dezembro de 1979.

Emerson explica que o impacto mais direto nos combates dentro de Moçambique foi a mensagem enviada por Commons, no mesmo dia, a qual dizia: “Com efeito imediato, todos os sinais de chamadas externas devem ser retirados de Moçambique, Botswana e Zâmbia imediatamente”²⁴⁹. Embora não fosse inesperado, o anúncio real provavelmente veio como um choque severo para os sinais de chamada da SAS em Moçambique, e mais ainda para os combatentes da RENAMO, cujo destino era agora incerto.

Essa mensagem injetou cântico de vitória para o governo da Frelimo e alimentou grande esperança para o fim do movimento, afirmando que quem tinha gerado os

²⁴⁹With immediate effect all external call signals must be withdrawn from Mozambique, Botswana and Zambia immediately. (Tradução livre do autor)EMERSON, 2014. p.

bandidos²⁵⁰ armados já havia terminado e que era apenas uma questão de tempo para que tal movimento acabasse: “Alguns sucessos no terreno pareciam confirmar esta teoria, como o ataque a uma importante base da RNM²⁵¹, em Sitatongo, em julho de 1980, com 272 rebeldes mortos e 300 feitos prisioneiros”²⁵².

Após muitas baixas no seio do movimento, dias depois a Frelimo foi surpreendida pela RENAMO, que se reorganizou rapidamente e expandiu-se por todo o território nacional. A partir desse período, a RENAMO começou a se tornar mais perigosa que antes, ocupando quase 70% das zonas rurais.

Essa vitória nacionalista fez com que os integrantes da RENAMO, que residiam na Rodésia do Sul, tivessem de deixar esse país. Como pode-se ver, historicamente, “as transições são sempre incertas para quem deixa de ser útil e ainda não é perigoso. Mas o negócio concluído por Flower com os sul-africanos avançou a partir de fevereiro de 1980”²⁵³, e o processo deveria ser executado com muita urgência. Na sequência do ataque em que Matsangaíssa foi morto e várias bases da RNM foram ocupadas e destruídas, a RENAMO entrou em estado de reestruturação.

Para garantir a sua continuidade, uma parte dos seus militantes se deslocaram para a África do Sul, um dos países que queria estabelecer sua hegemonia na região, o qual ainda estava sob a vigência do regime do Apartheid. Contudo, a outra parte dos militantes voltou para Moçambique para se estabelecer no interior, enquanto o comandante-chefe Afonso Dhlakama fixou residência em Gorongosa-Moçambique e procurou mecanismos eficazes de organização para sobreviver.

Em 1981, veio o início do apoio militar sul-africano, e os guerrilheiros estavam de volta e em força com o armamento atualizado. “Os seus formadores eram agora os homens do 5th Reconnaissance Regiment, da SADF, na base de Phalaborwa, no Transvaal oriental”²⁵⁴.

Desta vez, dados os novos pontos de apoio, bem mais ao sul, começavam a atuar na *Frelimoland*, nas províncias de Inhambane, Gaza e Maputo. Aí não contavam com o apoio das populações, como a norte do Zambeze, mas, mesmo assim, rapidamente criaram uma infraestrutura logística. Por esta época, os guerrilheiros seriam entre 5000 e 7000 por todo o país, contando a

²⁵⁰ Qualificativo de “bandidos armados” foi doravante utilizado para negar qualquer teor político à rebelião (CAHEN, p. 23).

²⁵¹ Na fuga precipitada, os dirigentes da RENAMO abandonam documentação importante e Dhlakama perde os seus preciosos óculos.

²⁵² PINTO, 2008. p. 223

²⁵³ PINTO, 2008. p. 222

²⁵⁴ Idem, 2008. p. 223

FRELIMO com um exército de cerca de 20.000 a 25.000 homens, basicamente formado pela velha estrutura da guerrilha e apetrechado com a doutrina e o equipamento soviéticos, que não seriam os mais indicados para inspirar e servir a contraguerrilha. Isto levou, a partir de março de 1982, a uma reorganização das FAM (Forças Armadas Moçambicanas) de modo a poder responder à mudança tática dos guerrilheiros. Antigos combatentes da FRELIMO foram chamados às fileiras para organizar e enquadrar uma milícia territorial²⁵⁵.

Pinto (1998) explica no texto que a RNM, que por esta altura passou a RENAMO, deixava os ataques das aldeias e as emboscadas e começava a atacar as povoações maiores, com crescente eficácia e violência e com os quadros e os responsáveis políticos partidários do Governo executados sumariamente.

Na mesma época, Afonso Dhlakama, juntamente com a África do Sul, desenvolveu um treinamento de batalhões especiais semitradicionais e, “nesta altura, possuía treze dessas unidades. Existiam seis na área central ao redor de Gorongosa, duas na província de Maputo, duas na Zambézia e as províncias de Nampula, Inhambane e Niassa possuíam uma cada”²⁵⁶. No âmbito da organização dessa estrutura militar, verificou-se que na RENAMO os batalhões encontravam-se ligeiramente melhor vestidos e equipados e tinham companhias de apoio, assim como uma diversidade de armas pesadas.

Mesmo com o apoio sul-africano, a questão do futuro foi muito trabalhosa para Afonso Dhlakama, que foi obrigado a criar ou tecer relações muito fortes com as populações locais e,

em particular, com os chefes tradicionais, que a FRELIMO tentara suprimir logo em 26 de junho de 1975. Parte da direção da RENAMO e das infraestruturas, entretanto, ficou na África do Sul, nomeadamente no “estado-maior da retaguarda”, em Phalaborwa, destinado principalmente à logística e à escuta²⁵⁷.

Com a nova dinâmica política, motivada pela independência do Zimbábue, a RENAMO estabeleceu permanentemente os seus comandos e o quartel-general dentro de Moçambique. Com isso, entre 1980 e 1984, a RENAMO se tornou um movimento completamente moçambicano.

Esta dinâmica política foi acompanhada pelas atividades militares que atingiram as províncias de Tete e Zambézia. Rapidamente, a RENAMO “controlou todos os

²⁵⁵ Idem, 2008, p.223

²⁵⁶ CLINE, 2006, p. 22.

²⁵⁷ PINTO, 2008, p.

esforços operacionais nas províncias de Manica e Sofala, zonas 100% operacionais”²⁵⁸. Isso fez com que o governo da Frelimo se confinasse apenas aos grandes centros urbanos. Técnica e estruturalmente, 1981 foi considerado como o ano de evolução dentro da RENAMO, pois foi criada e cimentada a sua estrutura organizacional.

Uma das novidades foi a redação e publicação do manifesto político e do programa político da Resistência Nacional Moçambicana, que a partir deste momento passou a autodesignar-se por RENAMO. Correia (1990) explica que “o ano de 1980 não revela só uma nova dinâmica na guerra, mas também uma preparação organizacional e política a que a demissão da resistência já obrigava”²⁵⁹.

Na conferência realizada naquele ano de 1980, o presidente Afonso Dhlakama é reconduzido às suas funções, na reunião em que são aprovados os estatutos e o programa político. No mesmo ano, Afonso Dhlakama realiza a sua primeira visita à Europa, onde manteve conversações com os dirigentes de Estado e de partidos políticos de vários países e “reuniu-se com membros da comunidade moçambicana no exterior, que passaram a dar o seu contributo de uma forma mais direta – abertura de uma delegação da RENAMO em vários países”²⁶⁰.

Dando continuidade sobre o apoio da África do Sul à RENAMO, sempre há perguntas que se colocam ao seu líder, a saber, *se o Dhlakama e seu movimento não eram inimigos da nação, por que aceitar os apoios da África do Sul e da Rodésia?* A resposta a essa pergunta podemos encontrar na entrevista concedida à jornalista Tania (p. 102), na qual Dhlakama afirma que:

Não posso esconder; recebemos algumas centenas de armas, se calhar 150 ou 200 armas, no início da guerra, do regime da Rodésia. Recebemos armas do tipo AK-40 e AK-47, de fabricação soviética, e alguns morteiros pequenos de calibre 60 milímetros. Recebemos essas armas entre 1977 e 1979, porque depois dessa altura o Zimbábue tornou-se independente e deixou de nos apoiar²⁶¹.

É interessante ver Dhlakama destacar a Rodésia como um parceiro assíduo na fase embrionária da RENAMO, referenciando que foi apenas um apoio simbólico, e não de grande vulto, entrando em contradição com os escritos de muitos historiadores, como Newitt e Vines, que divulgaram a matéria na qual a RENAMO “foi totalmente uma

²⁵⁸ CORREIA, 1990, p. 20.

²⁵⁹ Idem, 1990, p. 21.

²⁶⁰ Ibidem, p. 21.

²⁶¹ TANIA, 2014, p. 102.

criação do Zimbábue e, com a sua independência, a RENAMO passou a ter apoio sul-africano”²⁶².

Na mesma entrevista (TANIA, 2014, p. 102), Dhlakama reafirma que “também não posso esconder que, de 1980 a 1984, recebemos armas da África do Sul. Foram poucas as armas depois que o regime da África do Sul fez um acordo com o regime comunista da FRELIMO”. É importante observarmos que a mesma fala²⁶³, em parte, mostra que Dhlakama não quer assumir, em sua totalidade, o apoio que teve do regime do Apartheid, ao circunscrever que foram poucas as armas, e que, posteriormente, o regime da Frelimo fez um acordo com o regime racista, daí passaram a viver pelas armas que dela arrancaram nas suas emboscadas. O importante nesta narrativa é o fato de que ele assumiu ter recebido o apoio da África do Sul. Isso mostra que Peter Botha, de uma forma ou de outra, envolveu-se na guerra civil de Moçambique, confirmando o estabelecido pela literatura especializada.

No que tange ao recebimento das armas, o líder argumentou que:

Sobre o porquê receber as armas de um governo condenado de extremo racismo. É verdade: recebi dezenas de armas de um regime condenado em todo mundo e até podem perguntar-me porque o fiz. Bom... eu queria armas, queria lutar contra o inimigo do povo, para estabelecer direitos humanos, para que o meu povo tivesse democracia e justiça²⁶⁴.

Para defender os seus atos, Dhlakama chegou a argumentar que a própria Frelimo foi ajudada por dois blocos durante a guerra de libertação e ninguém a condenou, porque na guerra vale toda ajuda, desde que não estrague os objetivos da guerra e do movimento.

Não posso ser condenado por ter usado armas do regime da Rodésia, porque os países civilizados como Portugal, França, Espanha, Itália, os donos da democracia, estavam no lado dos comunistas tentando levá-los para o lado do Ocidente”²⁶⁵.

Entretanto, o líder tenta nos mostrar que não é por causa disso que a RENAMO pode ser considerada como uma criação da Rodésia. Dhlakama sustenta que “quando um grupo de guerrilheiros é criado por interesse externo, não sobrevive, não recebe o

²⁶² TANIA, 2014, p. 54.

²⁶³ TANIA, 2014, p. 101.

²⁶⁴ TANIA, 2014, p. 56.

²⁶⁵ TÂNIA, 2014, p. 67.

apoio da população, porque são mercenários. Aliás, é a própria população que os pega um por um e entrega ao exército”²⁶⁶.

É importante ver que, nesses discursos, Dhlakama mostra uma tendência populista nacionalista e conservadora das raízes africanas para justificar os seus apoios, mesmo sabendo que África do Sul não estava a favor da ideia de igualdade de raça. Em muitos contatos com o público, o líder mostrou o seu carisma conservador e democrático, uma característica que o levou a ser chamado de líder da prosperidade, limpando, assim, a imagem de colaborador da África do Sul.

No final das nossas análises, ficou claro que a África do Sul tinha apenas uma simpatia objetivada com a RENAMO, à semelhança de Malawi e Quênia. Eles não tinham uma relação de parceria ou financiador, como Newitt e Vines defendem. O único parceiro fiel da RENAMO foi a Rodésia. Quer nos *Cadernos da Gorongosa*, quer nos discursos de Dhlakama, a menção à África do Sul é muito escassa, quase inexistente.

Em relação à ajuda externa de que vínhamos tratando no texto, na entrevista que Dhlakama concedeu aos seus parceiros, ele afirma que “o nosso partido tem ajuda dos portugueses, que representam o número maior, paquistaneses, ingleses e alemães ocidentais”²⁶⁷. Como forma de pressionar os seus parceiros e na tentativa de controlar os possíveis espões pós-Acordos de Nkomati, a RENAMO, na pessoa de Dhlakama, lançou a política de aprisionar os suspeitos nas suas bases. Até 1986, a RENAMO já tinha 65 prisioneiros estrangeiros. Quando foi questionado sobre o que era necessário para libertar os prisioneiros acima mencionados, Dhlakama sustenta que “nós somos simples, temos libertado sempre os estrangeiros, é claro que ultimamente temos tido problema com a cruz vermelha, ela não tem facilitado o processo.

A nossa vontade é de libertá-los, mas sabemos que a cruz vermelha tem nos complicado muito e não estão interessados. Mas não vamos cansar, porque também sabemos que em Guerra tudo é possível. Podem fazer emboscada, por isso estamos a tentar convencer a CV, porque nós não gostaríamos que a RENAMO ficasse com estrangeiro aqui²⁶⁸.

Essas foram as palavras do líder da RENAMO perante a situação dos jornalistas internacionais cativos nas bases da RENAMO.

²⁶⁶ Idem, 2014, p. 69.

²⁶⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAwA840iWh4>. Acesso em 13/12/2020.

²⁶⁸ Entrevista com Dhlakama. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zAwA840iWh4>. Acesso em 13/12/2020.

3.6 A nova dinâmica do movimento entre 1980-1984

Durante os anos de 1980 e 1984, a RENAMO expandiu e cresceu a ponto de possuir mais 25 mil militares. Na mesma lógica geopolítica rural, teve apoio em massa da população local, de onde saíam os voluntários para as fileiras militares do movimento. Essas ações ocorrem graças à criação da figura do comissário político.

Dos 25 mil combatentes, cerca de 21 mil possuíam armas, enquanto os restantes estavam em treinamento, esperando que os soldados pudessem capturar número suficiente de armas para distribuir para todos os seus membros. Contudo, aqueles que estavam sem armas também serviram nas tarefas de mudjibas. Mudjiba foi uma figura construída pela RENAMO para os indivíduos que serviam de espiões e informantes e que, algumas vezes, também atuavam como milícia, mas sem acesso às bases da guerrilha e às armas.

Na estrutura organizacional e no campo de batalha, a RENAMO procurou provar ser uma força de guerrilha eficaz, buscando se impor e articulando com todas as mudanças que o seu inimigo apresentava e empreendia e com as baixas dentro da estrutura do movimento. As provas disso foram a sobrevivência em situações que podiam desestruturar toda a sua força militar e política interna, com a morte de André Matsangaissa, em 1979. O movimento sobreviveu a essa catástrofe e superou os períodos de instabilidade ocorridos como a independência do Zimbábue, em 1980, e os Acordos de Nkomati, em 1984.

Com todos os episódios acima mencionados, o movimento reinventou-se, tornando-se mais perigoso, a ponto de expandir-se por todo país e conquistar a população rural. Isso mudou a visão da Frelimo sobre o movimento, e sua elite levou a sério a estrutura organizacional da guerrilha, iniciando uma dinâmica para terminar com a guerra.

3.7 Construções de comando, regiões da RENAMO

No processo da reorganização da RENAMO depois de sua saída da Rodésia, optou-se por criar três comandos e batalhões especiais para as três regiões do país, como forma de agir e operacionalizar as atividades dentro da região. A importância dada à

formação dos comandos regionais tinha como objetivo, obviamente, preparar os setores a serem fundados e coordenar as atividades militares nas regiões.

Importa referir que a idealização dessas grandes estruturas estava, em sua totalidade, voltada para a logística militar. Cahen explica que “quanto menores são as regiões e quanto mais setores e zonas existem, tanto mais se indicia uma forte implantação da RENAMO, exigindo a institucionalização da sua cobertura territorial.”²⁶⁹

Isso levou a que as duas províncias de Manica e Sofala, consideradas habitadas pioneiras da guerra da RENAMO, encontrassem-se formalmente divididas em sete regiões militares: a região Crocodilo, no Sul de Sofala e Manica; a região Leão Centro 1, no Centro-Oeste de Sofala e no Centro-Sul de Manica; a região Peixe, no Oeste de Manica; a região Tigre Centro, no Norte de Sofala (que conta, no seu interior, com o setor de sabotagem do famoso comandante Bobo 2, na linha férrea Beira-Caia); a região Leopardo Centro, para o Norte de Manica; e a região “Chímica” 3, para o extremo-norte de Manica e o extremo-sudoeste de Tete.

Com a mesma dinâmica da execução, é importante citar os conteúdos dos *Cadernos*, onde se encontra explícito que a cidade da Beira 4 e da margem norte do rio Save faziam parte das zonas operacionais da província de Sofala. Assim podemos ler nas mensagens dos cadernos *de Gorongosa*, compiladas por Cahen:

A “1.ª Zona Sul”, sob as ordens do general Raul Domingos, que, nesta altura, pode-se dizer que era o nº 2 da hierarquia militar da RENAMO. A “2.ª Zona Sul” agrupa as regiões Búfalo Sul (Gaza), Tigre Sul e Gato Sul (ambas em Inhambane) e estava sob as ordens do general Vareia Manje Languane (ou Languente)⁷. As regiões do Centro estão reunidas num “Grupo Coordenador Centro”, com duas “zonas Centro”, e as do Norte num “Grupo Coordenador Norte”, dirigido pelo general Raul Dique Majojo, com uma “1.ª Zona Norte” (Zambézia e Niassa) e uma “2.ª Zona Norte” (Nampula e Cabo Delgado). Nem todas as regiões estão numa “zona” ou um “grupo coordenador”. Elas podiam ser “autônomas”, como a região Rinoceronte (Tete) e, possivelmente, a região “Chímica”²⁷⁰.

Cahen continua explicando, em seu livro *Nós não somos bandidos* (2018), que,

...nos Cadernos, verifica-se que as regiões autônomas enviam as suas mensagens diretamente ao Departamento de Defesa, ao Estado-Maior-General ou mesmo ao comandante-chefe, enquanto as regiões inseridas em

²⁶⁹ Ibidem.

²⁷⁰ (CAHEN, 2019. p. 48).

zona ou grupo se correspondem, em geral, por intermédio desses escalões medianos”²⁷¹.

Isso mostra que havia uma estrutura diferenciada nas regiões Norte e Sul com relação ao o centro do país, pois lá se encontrava a área do quartel-general, na Casa Banana. Muitas mensagens de setores das regiões centrais aparecem nos Cadernos sem passar pelo Grupo Coordenador Centro.

Sobre sua extensão, é possível ler nos escritos dos *Cadernos de Gorongosa* documentos oficiais de que “a implantação da RENAMO, em 1984, é menos pronunciada: a província de Tete é atingida somente nas zonas oriental e sul e os seus três setores são vastíssimos”²⁷². A incursão tinha como objetivo a extensão por toda a região norte da província da Zambézia, atingindo todas as suas regiões sul e uma grande parte de Milange, numa expansão conjunta de duas grandes regiões, Leão Norte e Gato Norte.

Nesta mesma investida, a província de Nampula está coberta por uma só região, Leopardo Norte, e sua parte sul de Angoche. Niassa é atingida no final de 1984, na sua parte meridional, com principal foco na área de Unango, onde se encontrava grande parte dos campos de Operação Produção. E, por fim, Cabo Delgado é atingido nos distritos de Mueda, sob o comando da região militar Búfalo Norte.

Era assim que a estrutura dos comandos da RENAMO se encontrava organizada. Nessa nota, é importante deixar claro que, com essa estrutura, começou-se também a desenvolver a estrutura e figura do comissário político (mais tarde chamados de delegados políticos), que tinham como objetivo consciencializar politicamente a população sobre os objetivos da RENAMO.

Em muitos casos, os comissários políticos reclamavam por falta de material de propaganda, alguns chegaram a informar ao comandante que não estavam praticando as atividades porque não tinham escutas e panfletos nas rádios. Nas regiões Leão, Leopardo, Tigre e Búfalo, não tinham ao menos um comissário”²⁷³.

Por esse documento, está bem claro que os comissários políticos ficavam numa posição secundária e pouco definida, em especial, nessas regiões do norte, onde a expansão era, como vimos, uma prioridade estratégica. Essa atuação alimentou muito o discurso de que a RENAMO não tinha agenda política.

²⁷¹ Ibidem.

²⁷² (CAHEN, 2019. p. 49).

²⁷³ CG7/134, do GCN para Zacarias [Pedro], 18/09/1984. CAHEN, 2019. p. 85

Mas tudo indica que, com toda motivação, os comissários políticos faziam pedido para alocação de material de propaganda. Os *Cadernos da Gorongosa* nos dão uma nota datada de 04/11/1984, quando o comissário político Estêvão Simão escreve para a DDRNM informando que: “Tenho honra de vir solicitar ao DDRNM os nossos programas e mais panfletos”²⁷⁴. Como podemos ver acima, aqui, Cahen nos chama atenção a que “o lugar destes dentro da hierarquia esmagadoramente militar da movimentação parece claro, mas pode ser ligado à *viragem política* orquestrada por Evo Fernandes, secretário-geral da RENAMO, a partir de 1983”²⁷⁵.

3.8 Acordos de Nkomati

A partir de 1982, a RENAMO escalou tudo o que se diz de Moçambique, além de alargar o terreno das suas operações e bases sociais consolidadas para quase todas as províncias da recém-criada República Popular de Moçambique. Na primeira parte deste período, o apoio sul-africano foi claro e sem grandes disfarces. Após quase 8 anos de guerra civil em Moçambique entre a Resistência Nacional Moçambicana e o governo de Moçambique, liderado por Samora Machel, a Frente de Libertação de Moçambique decidiu pôr fim a agressão que se fazia sentir, fomentado pela sua vizinhança.

Com o novo figurino político, o movimento da guerrilha desestabilizou as ações do governo moçambicano, obrigando-o a recuar nas suas posições. Para dar visibilidade à sua luta, a RENAMO pregava para toda a população e para a comunidade internacional que pretendia realizar eleições livres transparentes, com participação de qualquer ator político e, conseqüentemente, mudança do regime.

Neste contexto, a preocupação da guerrilha era imprimir pressão sobre o governo para reconhecer as suas exigências. As forças da RENAMO não tinham o objetivo nem capacidade de invadir as grandes cidades.

Não ter desejo nem capacidade para conquistar cidades. O seu alvo, pelo contrário, seria forçar a FRELIMO a fazer alterações políticas respeitantes a o sistema democrático do governo [...] com vista ao estabelecimento de um sistema político pluralista, com uma economia de mercado livre e eleições livres e justas.²⁷⁶

²⁷⁴ CG6/185, do C/[co]missário político Estêvão Simão para a DDRNM, 04/11/1984. CAHEN, 2019. p. 85

²⁷⁵ (CAHEN, 2019. p. 85).

²⁷⁶ (CLINE, 1989, p. 29).

Essa ideologia política fez com que a RENAMO e a sua liderança ganhassem cada vez mais um forte apoio social no seio da comunidade rural e conservadora de Moçambique. De certa maneira, perigava a soberania e o governo da Frelimo sentiu-se pressionado. Isso fez com que a visão de Maputo mudasse de estratégia e procurasse cortar as raízes de apoio à logística do movimento. Mesmo assim, a Frelimo não quis admitir a existência da oposição e preferiu continuar considerando-os como bandidos armados que tinham como objetivo a desestabilização.

Baseando-se no estereótipo construído pela própria Frelimo e seus aliados, para os quais a insurgência era oriunda da antiga Rodésia, de Ian Smith, e da África do Sul, de Peter Botha, o governo de Samora Machel decidiu desencadear conversações com o considerado inimigo, o regime de P. W. Botha, para encontrar a solução. Em 1984, sob grande pressão da guerrilha, Machel decide avançar para o seu “Brest-Litovsk”.

As conversações arquitetadas pelo governo da Frelimo resultaram no Acordo de Nkomati, que foi assinado em 16 de março de 1984, entre os representantes da África do Sul e de Moçambique, respectivamente, o então Primeiro-Ministro P. W. Botha e o Presidente Samora Machel. Nos termos protocolares, o Acordo de Nkomati, formalmente designado de Acordo de Não Agressão e Boa Vizinhança, visava, precisamente, à formalização de um pacto de não agressão e paz na região.

Ao rubricar o acordo, as duas partes comprometeram-se a não apoiar os movimentos oposicionistas da outra parte, a saber, Moçambique deixaria de apoiar moral e logisticamente o ANC; enquanto a África do Sul deixaria de efetuar o apoio material, moral e logístico à RENAMO. Ou seja, Maputo deveria expulsar de Moçambique e parar o apoio aos militantes do Congresso Nacional Africano (ANC), que nessa altura lutava contra o Apartheid, e também empunhar a Pretória para que acabasse com o apoio à RENAMO, que estava em guerra com o Governo da Frelimo.

Os Acordos de Nkomati tinham três objetivos:

I- Pôr a África do Sul para assumir oficialmente uma política de não interferência em Moçambique e, especialmente, pôr fim à ajuda aos bandos armados, numa alusão à MNR/RENAMO.

II- Incrementar trocas comerciais entre a África do Sul e Moçambique, reforçando os antigos laços (a mão de obra migratória) e encorajar o investimento de direitos sul-africanos, para além dos ganhos econômicos diretos para Moçambique.

III- Afastar a relutância dos países ocidentais em conceder a Moçambique a assistência econômica para o desenvolvimento.

Mas a história nos indica que, dos três objetivos, Moçambique obteve apenas um, o último, porque os Acordos de Nkomati conseguiram abrir uma linha para Moçambique ter assistência emergencial pelos países desenvolvidos. Na verdade, o Acordo de Nkomati foi questão de sobrevivência para o governo da Frelimo, mesmo com o protocolo indicando a ideia de que as Altas Partes Contratantes não apoiarão de qualquer forma as forças armadas de qualquer Estado ou conjunto de Estados que tenham sido mobilizados contra a soberania territorial ou independência política da outra parte²⁷⁷.

Os acordos permaneceram no papel, mas ainda não se sabia que, na altura da cerimônia, as duas partes não iam cumprir com suas cláusulas, visto que os serviços secretos sul-africanos continuaram clandestinamente a apoiar a RENAMO.

Poucos dias antes da assinatura dos Acordos, dois aviões descarregaram na província de Maputo, por meio de paraquedas, uma carga massiva composta por toneladas de material, setenta homens e cinco mulheres, bem como o chefe do Estado-Maior, Raul Domingos. Mesmo que a RENAMO continuasse a precisar de “apoio vindo do exterior”, o essencial da sua sobrevivência tinha doravante de ser encontrado dentro do país²⁷⁸.

Na verdade, isso nos leva a crer que esse acordo tenha reforçado a viragem iniciada após a independência do Zimbábue, porque, para além dessa ajuda dada pela África do Sul pós-acordo, a RENAMO procurou a todo custo estabilizar-se nas suas zonas, usando os materiais doados pelo seu aliado. Além disso, essa situação mostrou o incumprimento das cláusulas do acordo, o que nos leva a afirmar que as duas partes estavam apenas procurando uma maneira de sobreviver na região.

Para além dessa prerrogativa, no governo de Moçambique, “desencadeou-se então alguma polémica no campo socialista, com acusações de traição vindas de todo o mundo e dirigidas ao governo de Maputo pelos zelosos do marxismo ortodoxo”²⁷⁹.

Na parte do governo sul-africano, o Acordo representava uma grande vitória diplomática da África do Sul pela brecha que conseguira criar no ostracismo a que o regime do Apartheid havia sido remetido por todos os seus vizinhos africanos.

Os militares da Defense Force, com o general Viljoen à frente, consideraram que este acordo, quando foi assinado, ia roubar-lhes a oportunidade de uma importante vitória. Estavam certos de que os seus protegidos da RENAMO,

²⁷⁷ Acordo de Não Agressão e Boa Vizinhança, Nkomati, 16 de março de 1984, Art 2.

²⁷⁸ (CAHEN, 2019, p. 35-36).

²⁷⁹ (PINTO, 1995, p. 225).

com mais algum tempo e esforço, poderiam asfixiar as cidades, incluindo a capital, e tomar o poder. Para os compensar, o presidente P. W. Botha fechou os olhos a uma remessa maciça de armas e munições que precedeu a assinatura dos Acordos. Em poucas semanas, os rebeldes receberam um forte reabastecimento²⁸⁰.

Do outro lado, também Samora Machel provocara uma ruptura no campo ideológico a que pertencia em favor do pragmatismo. Mas, mesmo assim, isso não impediu que a poderosa máquina comunicacional e logística sul-africana apoiasse seus aliados. Na verdade, se olharmos para a evolução da guerra, teremos a certeza de que o Acordo de Nkomati foi, portanto, uma mera questão de sobrevivência para a Frelimo. Samora sustenta no seu discurso que “os acordos representavam uma grande vitória da política socialista”²⁸¹.

No dia 5 de abril de 1984, na sala do IV Congresso no Maputo, numa sessão solene promovida pela comissão permanente da Assembleia Popular em homenagem ao presidente do partido, Samora Machel sustenta em seu discurso que o Acordo representava um sucesso para a diplomacia moçambicana, constituindo uma etapa de um processo que tinha por objetivo a efetivação de um ambiente de paz: “A sua necessidade resultou não tanto das diferenças que opõem os nossos Estados, mas, sobretudo, do processo de confrontação que se desenvolveu [...]”²⁸².

Pinto afirma, no seu livro *Jogo dos africanos*, que, na verdade, os Acordos de Nkomati foram mais proveitosos para Maputo do que para Pretória. A sobrevivência do regime de Machel estava em risco e a RENAMO representava, ao tempo, um perigo muito maior para o governo da Frelimo do que o ANC, em Maputo, para o governo branco da África do Sul.

Apesar de a Frelimo ter pensado que tinha conseguido a interrupção do auxílio prestado pela África do Sul à RENAMO, não obstante, contrariamente ao esperado, a RENAMO intensifica os ataques e chega a atacar Maputo, sabotando a corrente elétrica da cidade capital. Com essa dinâmica dos rebeldes, o Estado moçambicano sentiu uma baixa nas receitas internas, por sanções da África do Sul sobre as relações comerciais. Porém, as sanções não mudaram a posição de Samora Machel em apoiar os nacionalistas sul-africanos.

²⁸⁰ (PINTO, 1995, p.225).

²⁸¹ MACHEL, Samora. *Acordo de Nkomati: vitória da paz vitória do socialismo*. Coleção 26, Edição FRELIMO, 1984, p. 5.

²⁸² Discurso de Samora Machel, datado de 16 de março de 1984.

De uma forma específica, o Acordo de Nkomati provocou algum descrédito por parte de algumas facções em relação à RENAMO. Para isso, o governo usou uma política propagandista bem elaborada e a ideia de “bandidos armados” foi intensificada para todos os canais informativos/comunicacionais. Tudo jogava a seu favor, porque tinha benefício enquanto detentor do aparelho do Estado. Com o sucesso do Governo em descredibilizar a RENAMO na zona sul do país, o movimento perde a sua base social.

A Frelimo chama o movimento de “bandidos armados”, apostando na destruição do país a mando dos regimes “racistas” da região. Enquanto isso acontecia em Maputo, em Pretória, a máquina de propaganda da África do Sul passa a apresentar a RENAMO como um movimento que se identifica com os valores ocidentais e luta contra o marxismo em África e em Moçambique, em particular.

A propaganda do governo não fez muito sucesso nas regiões centro e norte do país, pois a RENAMO já tinha criado uma base social muito forte com a população local. Esse jogo de difamação, em algum momento, estimulou ainda mais as forças de Dhlakama na luta pela realização de eleições livres que conduzissem o país a um sistema de múltiplos partidos, pondo fim, desta forma, ao regime de partido único que se fazia sentir desde a independência nacional. Nessa época, “a RENAMO já tinha uma massa crítica de guerrilheiros e militantes e uma base de apoio nas populações do Centro-Norte de Moçambique, que a tornavam autossuficiente”²⁸³.

Com as políticas consolidadas e um projeto político conhecido e reconhecido pela população rural, internacionalmente, a RENAMO ganha uma nova imagem e deixa, de forma gradual, de ser vista como um grupo de criminosos, ou seja, “bandidos armados”, como Maputo publicava, passando a ser considerada como um grupo de combatentes que lutavam pela liberdade, contrariando os regimes marxistas.

Esta alteração surge com a crescente ingerência de organizações internacionais, cujo principal objetivo seria o de assegurar os financiamentos. Mesmo assim, Machel não mudou a sua posição. Em uma das suas intervenções, afirmou que “não era possível negociar com terrorista, se eles têm alguma reivindicação, devem vir apresentar aqui na presidência e não queimar instituições do Estado”²⁸⁴.

²⁸³ (PINTO, 1995, p. 225).

²⁸⁴ Samora Machel, vídeo do Youtube.

Um das outras motivações que levaram o governo de Maputo a rubricar o Acordo com a África do Sul foi o desgaste moral que as FARPM já sentiam, um agudizar que parecia que caminhava para a derrota.

A violência da imposição já não chegava a vergar o povo. A RENAMO instrumentaliza a população, declarando que a sua luta era pela libertação do povo, pela sua liberdade religiosa, política e civil (associação) e pelo retorno dos líderes tradicionais. Os seus dirigentes estavam cientes e convictos de que conseguiriam contrabalançar as ações operativas e as políticas de aldeamento do governo, e a RENAMO já estava com uma certa certeza de que o caminho da vitória estava prestes a chegar. Os comissários políticos começaram a publicar que estavam dispostos a sentar na mesa para um diálogo e a colocar um ponto final na guerra, possibilitando ao país marcar as suas primeiras eleições.

4 EM BUSCA DA HISTÓRIA VISTA DE BAIXO: A INTERPRETAÇÃO DOS SHONA QUE ADERIRAM À RENAMO

Entre 1978-1979, a RENAMO ampliou seu campo de ação na província de Manica, chegando aos limites de alguns distritos, como Guro, ao norte, e Machaze e Mossurize, ao sul. Nos mesmos anos, escalou a província de Sofala, em particular, nos distritos de Chibabava, Gorongosa e Búzi. Esses territórios são predominadas pela população de grupo étnico Shona, subtribos Ndaus, Tewes, Manyikezes, Mabarue, Mandies. Com a expansão do movimento ao território Shona, os mambos e a população intervieram no campo para mobilizar todos os habitantes das suas áreas de jurisdição, acolhendo os guerrilheiros e os considerando como seus porta-vozes.

O presente capítulo objetiva explicitar o sentimento dos guerrilheiros e da população de base sobre a sua simpatia com o movimento, além de explicar as causas e os motivos da revolta contra o seu próprio Estado.

Para isso, serão amplamente utilizadas as entrevistas realizadas em campo. Seleccionamos aqueles que ingressaram na guerrilha entre 1976 e 1984, sendo todos da etnia Shona.

4.1 A insatisfação popular

A insatisfação pelas novas políticas do Homem Novo foi uma das causas da aderência da população à guerrilha. Descrevem-se as causas fundamentais de uma e outra, partindo das ideias da revolução, implementada pela Frente de Libertação de Moçambique quando ainda era um movimento das massas, até a criação do Estado-Nação, em 1975.

Tudo começa quando a nova elite moçambicana desenvolve as versões sobre uma conspiração que ameaçaria as realizações revolucionárias, que se tornaram mais evidentes por volta de 1977, quando Samora Machel ficou obcecado pela ideia da existência de um inimigo interno da nação e imprimiu a ofensiva reacionária nas escolas. A Frelimo estava no momento de afirmação internacional, pois havia se autoproclamado um partido marxista-leninista, denominação cunhada, sobretudo, a partir do 3º Congresso.

Na ideia da Frelimo, a luta anticolonial tornou-se sinônimo da luta contra o capitalismo ocidental. E a ideia da revolução foi associada à ideia do socialismo e

comunismo conectado à criação do Homem Novo e do Estado-Nação. Isso levou a que o Estado assumisse o papel de interventor direto na economia, pois o partido controlava e dirigia a participação associativa, o que não estimulou muito o surgimento livre e espontâneo das iniciativas de auto-organização da sociedade civil. Além disso, a sua participação em políticas públicas era quase nula.

O partido era tudo para todos, e as ideias políticas e econômicas eram emanadas e concretizadas pelo comitê central do partido. A representação no parlamento era conectada às massas associativas dos partidos, OMM²⁸⁵, OJM²⁸⁶, células do partido e comitê central.

A ideia de união foi considerada pela Frelimo como arma e alma da vitória, mas a questão da relação entre as pessoas de várias etnias e culturas diferentes não foi levada em consideração (faltou um olhar moçambicano no seu verdadeiro sentido). Assim, tornou-se um desafio interno, que mais tarde levou à dissidência de muitos apoiadores da Frente de Libertação. O sentimento regionalista fazia-se sentir no seio do movimento, que mais tarde resultou em muitas clivagens internas, revoltas, traições e fuzilamentos. Daí surge a ideia dos reacionários²⁸⁷ no seio do movimento.

Esse novo fenômeno se estendeu por todo período da luta anticolonial. Contudo, a luta armada de libertação nacional foi um cenário político-militar que marcou os primeiros passos para o surgimento, com a independência, de uma nova nação que se chamaria de República Popular de Moçambique. Porém, o sentimento regionalista era o DNA dos vulgos moçambicanos e que estava presente neste novo projeto. Por isso, a elite da Frelimo se sentiu obrigada a implementar mudanças radicais para manter o projeto de Moçambique como um todo.

Sendo assim, a Frelimo implementa mudanças repentinas nas políticas nacionalistas, modificações feitas em prol da manutenção do projeto, de modo que a elite política enfrentou muitos desafios para a sua galvanização. Na guerrilha, foi adotada a política de extermínio daqueles que eram considerados críticos das tendências da guerra anticolonial e do marxismo, que ganhavam campo naquela época. Os críticos dessa realidade revolucionária foram chamados de reacionários, e o maquiavelismo político foi utilizado na guerrilha e na elite política para alcançar os fins esperados, a independência nacional.

²⁸⁵ Organização da Mulher Moçambicana.

²⁸⁶ Organização da Juventude Moçambicana.

²⁸⁷ Reacionários eram todos aqueles que estava contra algumas políticas da Frelimo.

Numa entrevista ao Jornal Savana, Mariano Matsinhe, antigo combatente da Frelimo e membro da elite, explica que “nesse período era norma na FRELIMO fuzilar pessoas”²⁸⁸, o *fim justifica os meios* era uma palavra de ordem da Frente. Matsinhe explica que:

Há um que foi fuzilado na fronteira com o Zimbabwe, cooperava com Ian Smith, que era o nosso inimigo. Quem coopera com nosso inimigo é nosso inimigo também. Eu não estou arrependido de nada, aqueles que morreram, morreram porque pediram para morrer. Cidadão comum moçambicano, obediente da lei, vivendo como moçambicano, nunca foi fuzilado. Os que foram fuzilados estavam contra a Revolução e contra os desígnios da pátria. Não eram adversários, eram inimigos que estavam contra o desenvolvimento de Moçambique. O primeiro fuzilamento de que me lembro foi em 1965 ou finais de 1964, de um indivíduo chamado Said, em Cabo Delgado. Era guerrilheiro, pegou em arma e foi invadir as populações para roubar galinhas. Foi fuzilado e fuzilamos muito mais. Durante a guerra, não se pode brincar. Multipartidarismo durante a guerra é mentira. Você não faz guerra nenhuma. Alguns perguntam, por que é que não permitimos que os outros também lutassem pela independência de Moçambique sem estar necessariamente na FRELIMO? Há uma regra que todo o militar conhece: não pode haver vários comandos no mesmo sítio. Pode haver vários exércitos, mas um comando comum.²⁸⁹

Matsinhe mostra-nos o sentimento comum manifestado pela elite e pelo dirigente da Frelimo durante a luta armada e o processo de transformação do regime político dentro deste movimento. Essas perseguições motivadas pelo imaginário das mudanças políticas radicais tomadas durante o período da guerrilha causaram muitas discussões no seio da Frente, vitimaram muitas vidas e causaram dissidências.

Na ala mais radical de Marcelino dos Santos, pautava-se pelo regime socialista ortodoxo, que depois seria chamado de socialismo científico. Veremos, contudo, que eles foram incapazes de pensar na construção da nação sem apagar, ao mesmo tempo, a diversidade e a heterogeneidade concretas e históricas dos grupos sociais que pretendiam unir e integrar sob o signo de uma identidade única e da criação de uma nova nação²⁹⁰. O conceito de inimigo da Frelimo estendeu-se até aos seus críticos, porque para eles a crítica fazia parte da desobediência civil. O que era inimigo na Frelimo? Matsinhe respondeu que:

²⁸⁸ Mariano Matsinhe, “*Na FRELIMO era norma fuzilar pessoas*”. In Jornal Savana, Maputo 4 de setembro de 2009, p. 2.

²⁸⁹ Mariano Matsinhe, “*Na FRELIMO era norma fuzilar pessoas*”. In Jornal Savana, Maputo 4 de setembro de 2009, p. 3.

²⁹⁰A ideia de um e único povo levou a que o sistema governativo da Frelimo fosse contestado pela maioria.

Eram chamados de inimigos todos aqueles que eram inimigos da nossa linha. Inimigos da nossa moçambicanidade. Quem coopera com nosso inimigo é nosso inimigo também. Não eram adversários, eram inimigos que estavam contra o desenvolvimento de Moçambique²⁹¹.

Se prestarmos atenção no desenvolvimento da guerra anticolonial, perceberemos que a Frelimo tinha políticas quase semelhantes às dos portugueses, como podemos ver no decorrer da luta de libertação nacional de Moçambique²⁹². A ideia de inimigo também se estendeu àqueles que não queriam aderir às cooperativas e aldeias comunais, por isso houve extensão no alvo a se combater.

Nossos entrevistados, a considerada população da RENAMO no período da guerra, eram todos unânimes em dizer que se aliaram à RENAMO porque a vida estava difícil e não havia consideração com a população rural. Nossa entrevistada Joana Mbadzo²⁹³ (24.03.2021), de 55 anos, que desempenhava a função de carregar alimentação da população para a base, entrou na RENAMO por via de rapto na missão de Ripidzi, com 16 anos de idade, e frequentava 5 classes, em 1982. Atualmente residente em Messica, explica por que se manteve por lá:

Era devido à consideração em si (riso), à maneira deles de considerar a população era diferente. Aqueles não queriam ter Apartheid, diferenciação no tratamento, esse estavam contra as escolhas no tratamento, dizer que esse é mais que esse, todos éramos iguais e julgados da mesma maneira. Esse tem esse não, eles tratavam as pessoas da mesma forma. Eles queriam igualdade. Você pode ter um problema, né... não tem possibilidade, mas você tem suas razões, ser Dvinyirwado²⁹⁴, eles não queriam kudvinyirua²⁹⁵. Você tem seu problema e deve ser resolvido, como deve ser resolvido de forma como deve ser. Não havia espaço privilegiado, ou favorecido, tudo era por igualdade²⁹⁶.

Os dizeres da nossa fonte mostram que as reivindicações pelo reconhecimento estavam no centro do descontentamento da população, e isso levou uma parte da população a se juntar à insurgência como tentativa de encontrar a liberdade. Nossa fonte relata sobre a desigualdade no tratamento.

Nesta mesma linha, Jaime João Chando (26. 03. 2021) explica que todos “compreendiam que em Moçambique havia uma divisão, zona sul com mais privilégio e zona centro não tinha privilégio. E [foi] através desse privilégio de estudar como os

²⁹¹ Mariano Matsinhe, “Na FRELIMO era norma fuzilar pessoas”. In *Jornal Savana*, Maputo 4 de setembro de 2009, p. 6.

²⁹² Mas a FRELIMO não tinha muita certeza da honestidade desses dignitários dos poderes locais. Essa desconfiança não tardou a sua manifestação, e logo a FRELIMO começou a implementar sérias políticas radicais de forma a combater esses dignitários (GEFFRAY, 1991).

²⁹³ A sua entrevista foi realizada em português e algumas palavras ela expressava e língua Ngoni, idioma falado no distrito de Angonia, em Tete. A população Ngoni é imigrante da África do Sul, do Império dos Nguni, e fora se instalando nas montanhas de Angonia, em Tete.

²⁹⁴ Ser explorado.

²⁹⁵ Exploração.

²⁹⁶ Entrevista com Joana Mbadzo (24.03.2021). Entrevista realizada em português.

outro que a RENAMO tinha aberto uma brecha de investir cientificamente [n]as pessoas²⁹⁷.

Joana esclarece que, naquela região, a “RENAMO, para chegar numa região, primeiro fazia uma reunião com a população, dizendo que nós entramos aqui na zona, somos a RENAMO²⁹⁸. Perguntado sobre quem marcava os encontros, Joana responde explicando que, “na RENAMO, vinham os chefes, que eram mudjibas, era responsáveis pelos grupos”²⁹⁹. Os mudjibas, juntamente com os comissários políticos, faziam trabalho de mobilização junto à população sobre a ideologia da RENAMO e seu propósito.

Essa antecipação dos mudjibas estava no âmbito da preparação psicológica e política da população, para que não se sentisse ameaçada com a entrada dos elementos do movimento. A tarefa dos mudjibas, nesta estratégia, era reunir a população e confortá-los. Os comissários políticos faziam seu trabalho político de incutir a população com as ideologias anticomunistas.

Essa planificação política fez com que a RENAMO alcançasse a vontade da população, que se filiou voluntariamente na guerrilha, como podemos ver no caso de Jaime João Chando, entrevistado no dia 26 de março de 2021, na cidade do Chimoio. No que diz respeito à aderência ao movimento, Jaime João Chando (26. 03. 2021), de 58 anos de idade, guerrilheiro e chefe das finanças da RENAMO entre 1985 e 1994, traz-nos uma outra visão quando explica que:

Eu entrei como voluntário devido, primeiro eu tinha objetivo de querer estudar porque houve aliciamento, as pessoas prometeram que havia de estudar na Europa. Cá em Moçambique não havia espaço para qualquer pessoa estudar. As pessoas da zona centro éramos chamados de chingondo. Não tinha esse espaço para estudar. A segunda coisa é o fato da existência de exclusão. É verdade (riso), logo rapidamente compreendi que em Moçambique havia uma divisão, zona sul com mais privilégio e zona centro não tinha privilégio. E através desse privilégio que entramos na RENAMO para estudar como os outros. Isto é, a RENAMO tinha aberto uma brecha de investir cientificamente nas pessoas. E essa vontade da RENAMO de seguida o fez uma barreira e não deu sucesso esse projeto³⁰⁰.

Nosso entrevistado nos chama atenção ao referir que alguns jovens, como ele mesmo, aderiram à insurgência à procura de oportunidade para estudar. Segundo ele, as regiões centro e norte não tinham oportunidades. Isso remete à ideia de que, para além

²⁹⁷ Entrevista com Jaime João Chando (26.03. 2021).

²⁹⁸ Entrevista com Joana Mbadzo (24.03.2021).

²⁹⁹ Entrevista com Joana Mbadzo (24.03.2021).

³⁰⁰ Entrevista com Jaime João Chando. 26. 03. 2021,

das resistências às aldeias comunais, as guias de marcha e as cooperativas não eram as únicas coisas que moviam os jovens. A população, para abraçar a RENAMO, tinha também outros anseios.

Muitos dos jovens que abraçaram a insurgência justificam sua aderência a partir da ideia de que a vida estava cada vez mais difícil e perigosa, porque a política de fuzilamento e recolha dos bens individuais e familiares para a cooperativa estava sendo executada intensamente e sem reservas: “o que me fez ficar definitivamente foi devido ao sofrimento que enfrentei na vida. Como a vida que já estamos levando estava difícil, não queríamos viver nas aldeias. Para andar, éramos exigidos as guias de marchas.” Outro depoimento revela que: “Quando entrei na guerrilha, disse para mim mesmo que devo suportar para acabar com isso”³⁰¹. Os depoimentos de Maria refletem como as políticas pós-coloniais foram implementadas e recebidas por uma parte da população.

O mudjiba Filipe Samuel, entrevistado no dia 28.04.2021, no distrito de Manica na região de Chirodzo, que começou a exercer o papel aos 19 anos de idade, justifica a sua aderência começando por dizer que: “eu entrei como mudjiba em 1980, no mês de setembro, na altura eu tinha quase 19 anos de idade (...) não fui militar, apenas era informante, fui indicado porque eu tinha me simpatizado com eles como jovem”³⁰². No mesmo raciocínio, Filipe Samuel explica que:

Um dia os militares da Renamo chegaram à minha casa e perguntaram por que não fugiu? Eu respondi que ouvi que vocês não matam as pessoas que não vos provocaram, eu tenho ouvido os vossos objetivos, vocês estão no mato para lutar pela nossa liberdade e democracia. De verdade, nas aldeias a vida estava difícil os grupos dinamizadores queixavam todo muito ao partido, e a pessoa vivia com medo de tudo. Eu já fui preso três vezes porque disseram-me que neguei ir à machamba, outra vez disseram que eu tinha muita riqueza escondida no mato, tenho muito dinheiro que enterrei na terra, no pote. E a última vez disseram que eu andava com mulher do secretário, todas essas coisas nenhuma dela que eu fiz. Isso me doeu bastante, porque essas denúncias todas fez-me perder minhas cabras, galinha e seis bois que eu tinha que comprei pelo meu suor e tudo foi convertido à cooperativa. Isso me deu muita raiva e me fez com que ajude a Renamo para ver se isso ia acabar ou não, porque não podia viver daquela maneira³⁰³.

Para além dos dois depoimentos acima, citamos outro entrevistado que aderiu à insurgência para se vingar e recuperar os seus bens que tinham sido convertidos ao Estado. Foi Castigo Nhambo (01.04.2021), de 65 anos, guerrilheiro natural de Barue, que aderiu voluntariamente à RENAMO, em 1979, como forma de retaliação porque

³⁰¹ Inini chakatita kuti ndigaremo era dhambidziko rataibatano mupenyu, nekuti kugara kwaita kwainesa neluti tisaida kugara mumaldea, kudha kufamba yanga iri nyatwa, pandaka pinda kwakuti ngadishingirire tisunungure Nyika. Maldea atirwadza. (Tradução livre do autor) Entrevista com Maria João, 08. 04. 2021.

³⁰² Entrevista com Filipe Samuel. 28.04. 2021.

³⁰³ Entrevista com Filipe Samuel. 28.04. 2021, entrevista em português.

sua pequena mercearia foi reconvertida à cooperativa. Foi obrigado a sair da cidade de Chimoio para a terra natal, em Barue.

Eu entrei na RENAMO em 1979. A minha afiliação na RENAMO não foi via raptos, entrei voluntariamente porque a forma de viver estava difícil, eu mesmo disse, isso não é vida que estamos a levar, não temos como a não ser se juntar à guerrilha e combater contra essa maneira de estar³⁰⁴.

Por que se revoltou contra a Frelimo? Em relação a esse questionamento, Castigo Nhambo (01. 04. 2021) explica que:

No período que nos afiliamos à Frelimo, quando estávamos nas bases, havia propaganda de que todas as crianças iriam estudar gratuitamente. Havia um trator que vai cultivar para cada machamba da população. Sabíamos que era política para chamar a aderir à frente. Nas zonas libertadas, antes da independência vivíamos bem. Quando proclamamos a independência, é aí onde as coisas começaram a se complicar. Saímos daqui com o meu irmão e fomos construir uma barraca; com as nacionalizações, fomos obrigados a fazer documentação da barraca, daí nos passaram multa que ultrapassava o valor do produto que tínhamos. Eu e meu irmão preferimos voltar cá, em Barue, para vivermos³⁰⁵.

As entradas voluntárias sempre tinham motivações, e a permanência depois de ser raptado foi justificada com a perda de um bem ou membro da família. O caso mesmo de perda de bem pessoal pode ser observado com nosso entrevistado Simão Manuel Mupinda (07.04.2021), de 79 anos, que entrou na guerrilha em 1977, pelo distrito de Buzi, via raptos. Mupinda explica a sua permanência na guerrilha, sem vontade de fugir, porque, para ele,

o que me levou a cumprir sem desenvolver a ideia de fugir foi o seguinte; eu tinha minha moagem, todas as pessoas que estavam aí foram expulsas pela FRELIMO, e depois queimaram a minha moagem. Esse período era antes de ser militar da RENAMO. Quando eu ouvi, a RENAMO chegou, eu próprio disse-me por que vou ficar se todas minhas coisas foram queimadas, ou seja, acabaram, daí entrei e cumpri até o regime terminar, até agora³⁰⁶.

³⁰⁴Ini ndaka pinda Ma Renamo 1979, pakupinda kwandakaita ma Renamo andzi kuita kubatwa, ndakatoita kuenda ndenga kuzona nemagariro hacho kunesa kwanga arikuita, ndikati hupenhu uhu hapana kwaunondisvikisa, zvirinani. (Tradução livre do autor) Entrevista com Castigo Nhambo 01. 04. 2021.

³⁰⁵Panguwa yakapinda frelimo, mumakasauna, patanga tiri muba se refrelimo, nekutaura kwaita kuti wana wachazofuda mahala assinga badari, vanhu vachazorimirwa minda nema trator, tinoziwa kuti yainga política iekudaidza vanhu. Muma zona liberdade, tisati ta bata independência tai gara zvakanana, pataka bata independência ne nacionalismo, ndipo pakazonetsa zviro. Takabhuda muno na mukoma, toenda koita chibanca uko, ne nacionalização akati epa munodikana kuti multe mapepa, topuwa multa, malta wakona kwakuto dharikidza zviro zvataitengesa zvia. Então na mukoma taka zvozvigiya kuti zvirinani kwenda kumba ko gara. (Tradução livre do autor) Entrevista com Castigo Nhambo (01. 04. 2021).

³⁰⁶Chakozoti ndi cumprir, chakazondinyangadza maning, inini ndangandino Gina rango, moagem wekukwiya uya entao vanthu, wanga waripo wogomerwa nge frelimo, kwakupisa guineiro. Mazoa acho ndanga ndisati nda musodja. Ngokutozo ona iwona aguma ndikati ndichadha kugarirei inini zvirovangu zvapera kupisua, akandibata kwakutopinda. Ndoto cumprir kuti zviro zvipere até agora. (Tradução livre do autor) Entrevista com Simão Manuel Mupinda (07.04.2021).

Há de percebermos que todos esses não tinham contato com o exterior. Quando questionamos quem tinha sido seu instrutor, se foi branco ou o preto, e se os brancos quando chegavam tinha contato convosco, Simão Manuel Mupinda explica que: “eu vi pretos que nos treinavam. Os brancos vinham na calada da noite para deixar material e voltavam. Ninguém conversava com eles, só conversavam com os chefes”³⁰⁷.

Na mesma linha, encontramos Antônia John (03.04.2021), de 57 anos, que entrou na guerrilha aos 18 anos, em 1982, via rapto. Por medo das sanções que sofreria por parte do governo, quando voltasse ao convívio na aldeia, apenas por saberem que ela estava nas mãos dos “bandidos armados”, Antônia John optou por permanecer na guerrilha como forma de manter sua segurança. Ele explica: “diziam-nos que, quando fugirmos, vamos sofrer. O meu pai foi morto devido à minha ligação com a RENAMO. Disseram que nossos filhos estão na RENAMO e daí colocaram veneno na água e mandaram tomar. Meu pai e meu irmão foram mortos no mesmo dia”³⁰⁸.

Ela não conseguiu retornar à casa por temer por sua própria vida, pois o seu pai e os irmãos tinham sido mortos devido à sua ligação com o movimento. Muitos recrutas nos anos 80 não podiam regressar para casa porque corriam o risco de serem mortos, devido às suas ligações com a insurgência. Tudo indica que alguns tinham vontade de fugir, mas era mais seguro permanecer na guerrilha do que voltar ao convívio familiar. O mesmo medo tinha Maria João (08.04.2021), que sustenta que: “Não preferimos fugir porque lá na aldeia havia gente que queria nos fazer de caril”³⁰⁹.

João Machava (31.03.2021), de 66 anos, que desempenhava a função de intérprete e datilógrafo do líder da RENAMO, Dhlakama, e natural de Mossurize, entrou na RENAMO em 1977. Sua simpatia pela insurgência é motivada pelo *modus operandi* do governo da Frelimo.

João Machava (31.03.2021) afirma que o que lhe impressionou foi o exemplo dado às FDS, no âmbito da implementação forçada, para a população residir nas aldeias comunais enquanto a guerra de Ian Smith estava imprimindo ataques na fronteira entre Zimbábue e Moçambique. João Machava explica que, quando foi anunciado o afluxo

³⁰⁷Ndakaona vanhu watema, waititrenar. Azungu waiuya pakati peusiko kuya ko dira matrial, yopetukazve. Hapana waibuya nawo, waibuya nemadzichefu basi. (Tradução livre do autor) Entrevista com Simão Manuel Mupinda (07.04.2021).

³⁰⁸Waite ukatiza wai sofrer. Ne ine zvandiri kubanga baba hangu wakafa pamusana pathu, vakaisua maveneno kuti mwana wanyu ngemwa Renamo. Baba hangu, mukoma hangu hakaphiwa zuwa ribhodzi. (Tradução livre do autor) Entrevista com Antônia John (03.04.2021).

³⁰⁹Atizi kuda kutiza netukuti kuno wamweni vaida kutita murwo. ((Tradução livre do autor) Entrevista com Maria João, 08. 04. 2021

obrigatório às aldeias, o antigo mambo local questionou os responsáveis pela execução, dando um exemplo de:

Imagine pegarmos e juntarmos 10 ou 20 galinhas numa e única posição (fila) e pegarmos um pedaço de madeira e batermos com muita força única vez, quantas galinhas vão morrer de uma só vez? Eles responderam morrerão muitas. Levamos 50 galinhas e colocamos elas dispersadas e fizemos os mesmos procedimentos que fizemos com as 20, quantas que vão morrer? Eles responderam que não pode sequer uma morrer. Cada uma terá uma forma de fugir. Então, se vocês querem ir às aldeias, pensem naquilo que eu disse³¹⁰.

Essa exemplificação se refere à tentativa da população de recusar ir viver nas aldeias comunais que estavam sendo erguidas naquela altura. Depois dessa exemplificação, o Estado imprimiu uma força conjunta composta de militares, milícias e GD, para obrigar a população a aderir às aldeias comunais.

Contudo, João Machava (31.03.2021) explica:

Os militares e milicianos queimaram casas da população como medida coercitiva para que ela fosse viver nas aldeias. Isso começou na localidade de Makubva, no dia 11 de outubro de 1979, queimaram 200 casas. Os que demoraram a tirar as suas coisas tiveram tudo transformado em cinza; essa prática criou tristeza e indignação para muita gente. A população, quando ouvia que a RENAMO estava aqui pertinho, correria para ir chamar e se aliavam à RENAMO. A RENAMO veio e combateu as forças da FRELIMO e fugiu. Os militares da RENAMO disseram “vamos lhes seguir”, a população lhes levou até o posto administrativo de Dakata, e orquestravam uma emboscada ao posto e, partir das 4 horas, começou o combate. Todos aqueles militares que queimaram as casas da população fugiram para a sede do distrito. Chegaram numa zona onde não tinha militar, apenas milícia, esses deixaram muitos materiais bélicos, como AK-47 e pistolas. A RENAMO recolheu e a população é que as carregou até as bases da RENAMO como uma satisfação da batalha. O comandante que conduziu a batalha pela RENAMO era o antigo comissário de milícias³¹¹.

³¹⁰Kuit huku 10 kana kuti 20 todzisungira pamwe, todzirowa kamue nemuti, dzinofa ngana vanhu akatie i ndzinofa dzakawanda. Tikatora huko 50 todzi sudzura dzofamba dzakabararira torowa kamwe tinoura ya ngani, vanhu akati ne kana imwe amuiurai bha. Iwe ne iwe inotiza matiziro aiyo. Saka machida kuenda kumardeia ziai zvendatura. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava (31.03.2021).

³¹¹ Masodja ne mamilicia, wakaenda kopisa dzimba dzewanhu kuti waende kogara mu maldeia. Ya wakatanga mu localidade inozi Makubvu, musuwa 11 outubro 1979 waka pisa 200 dze imba, wainonoka kubvisa zviro zvaito pisua nezvirozvo. Izvozvo zvakarua dza maning, Zvaka ruadza wanhu, wa kazua kuti Renamo iri pha duzi apa waka mhanya enda kodainza Renamo, Renamo yozvoatchaka ochayana na wotiza. Wakati tazia kuanoienda ngatiatere, ototorua neanhu aiya, newanhu aiya a Renamo kuaku perekuedza ndiwo até ku posto Dakata, otosvika apo ne usiko, wotofora, akazonte muma 4 ho, ahh.. dzatanga fhuti, masodja majinji anga a enda ikoko, kopisa dzimba dzia, saka waka ruisua ne e Renamo wamwe hazi kuzodzoka, wakazotiza kuenda ku distrito. Wakozosvika paiya panga pasisina masodja, panga pane mamiricia. Wakapinda wakatora zvombo zvakawanda, panga pane gomba tingati, dandru, ranga rangarakazara kuti woo... ne fhuti dzaiwenda kuzimbabwe, naine metralhadora, Ak47, pistola, zvese zvanga zvakadzara, wakathuara zvese. Kakutumira ne anhu, ndiko katanga tiri, ndotona wanhu wandaizia, comadante distrital wanga wechitungamirirawo, wanga wari começario we mamilicia. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava (31.03.2021).

João Machava não entrou voluntariamente, foi interceptado e aliciado pelas políticas que o MNR defendia, pois era funcionário público no posto administrativo de Dakata, como chefe dos assuntos sociais e operador da rádio.

Na ideia de reivindicação, Netsai Tendai (31.03.2021) entra na guerrilha com 14 anos de idade, no distrito de Sussundenga, pela base de Makoka, e explica que: “O que me criou muito rancor foi quando arrancaram a moageira do meu pai. Quando arrancaram, disseram a ele que essa moagem vai passar a trabalhar para o povo. Isso me deixou muito indignada e revoltosa”³¹².

Netsai Tendai entrou na guerrilha de uma forma voluntária, influenciada pelas emissões da rádio Voz da África Livre. Para além das questões dos bens familiares, Netsai Tendai argumenta que:

O que me doía e me deixava triste era o fato de que para uma pessoa efetuar uma viagem ou deslocamento era necessário a guia de marcha, mesmo quando sua família viesse te visitar, devia lhe deixar antes de cumprimentar para ir informar ao secretário que recebeu alguém. Tudo isso era muito difícil, campo de reeducação, machamba do povo... nos doeu muito, diziam todos, vamos à cooperativa, foi isso que me levou a afiliar-me à RENAMO³¹³.

As tensões políticas e sociais aldeãs que se esboçam no relato de Netsai Tendai são análogas às que motivaram a aderência da população manyikeze, na zona sul da província de Manica, das regiões de Dakata e Mussapa, em Sussundenga. Convém, no entanto, abordar a história de que, no norte desse distrito, os mambos locais estavam sensibilizando a população para se juntar à insurgência.

Em outro momento dos fatos, os depoimentos de Netsai Tendai mostram que “[a] maioria das populações ficou, a partir de então, numa posição de subordinação material e social, e já não somente política e administrativa, em relação aos grupos de famílias que dirigiam as aldeias, numa situação que beneficiava estes últimos”³¹⁴. Em outra parte, afirma a população que se sentiu incomodada pelo fato de não ter mais autoridade para conduzir a sua própria vida em seus habitats.

³¹²Inini chakandi chungurudza maning, ngezvekuti baba angu aka torerua chigaio, wanga wa no chiga yochakatorua, akatingachiende cho chanda, kuita muchandira pamwe, chaiti batsira pamuzi, zvakati baiya pa moyo. Azvizi kundi dakadza. (Tradução livre do autor) Entrevista com Netsai Tendai (31.03.2021).

³¹³Zvatonyanya Izvona zvakati ruadja ne kunetsa maning zvinezve, nekuti munhu vaidakufamba paidikana guia de Marcha, vai hama ikasvika panyumba hukama vaibo siuwa pamucheto, ngubo endakotsvaka ma secretario, zvese zvainetsa, campo de reeducação, machamba do povo, zvese zvakadini... zvaktiruadza, tese tochandira pamwe, izvi zvakaita kuti ndiende um hondo ya Renamo. (Tradução livre do autor) Entrevista com Netsai Tendai 31.03.2021.

³¹⁴(GEFFRAY, 1991, p. 22).

Outro fato que nos chama atenção é a uniformização da idade no processo de execução do recrutamento. Quer voluntários, quer raptados, tudo indica que a RENAMO queria os recrutas com idade jovem, em vez de adultos, mas é de realçar que esses recrutas tinham uma idade compreendida entre 14 e 20 anos. Todos reclamavam das políticas de aldeamento. Além disso, os recrutas não tinham contato com o exterior e a maioria não tinha frequentado a escola para saber sobre assunto da Guerra Fria. Ademais, é certo afirmar que a RENAMO começou como um instrumento de agressão externa, por parte dos que se opunham à autodeterminação dos africanos negros, dos que lutavam contra o alastramento do comunismo e dos que combatiam ambas as tendências.

Contudo, a RENAMO tornou-se autônoma com o andar do tempo. Em 1980, na altura da transformação da Rodésia em Zimbábue, ao transferir-se para o território sul-africano, o movimento revelava uma atitude de independência, surpreendendo seus próprios criadores. As suas bases sociais já estavam totalmente consolidadas, porque ela pôde facilmente aproveitar-se da falta de tato dos órgãos do poder.

A humilhação das autoridades tradicionais jogou a seu favor, uma vez que o governo não tinha tomado em consideração a força e o estatuto dos chefes tradicionais anteriores à própria situação colonial. O movimento beneficiou-se também da intolerância para com as práticas religiosas, do desencanto dos jovens das comunidades rurais e da centralização da administração no sul do território.

Contudo, com base nessas entrevistas e na faixa etária recrutada para a guerrilha, é notória a existência de três tipos de adesão, o que nos levou a dividir em três tópicos o drama da guerra movida pela RENAMO. A elite estrangeira, que conversava com a elite moçambicana, e o guerrilheiro, que procurava retaliar por conta dos bens familiares e individuais, e que havia sido convencido de que teria oportunidades quando a RENAMO ganhasse. Esse último fator social é que fez engrossar as fileiras da RENAMO.

Com as análises minuciosas dos depoimentos, podemos entender que os militantes raptados e voluntários viam a organização como uma plataforma para mostrar suas indignações. Os que estavam interessados em desestabilização eram os estrangeiros. Nesses depoimentos, está patente que sentimento antifrelimo era manifestado pela população e pelos estrangeiros, e o sentimento anticomunista estava no seio da elite da RENAMO moçambicana.

Nos primeiros anos, a guerra da RENAMO, nas províncias de Manica e Sofala, era mais socioantropológica do que política. Todos que entraram voluntariamente na guerrilha eram ajudados com alimentação. A guerrilha sustentava os seus atos devidos às questões socioculturais que o governo de transição tinha banido. Os nossos entrevistados argumentaram que suportaram estar na RENAMO por dezesseis anos porque pretendiam pressionar o governo da Frelimo para corrigir os erros da sua governação, para termos um país verdadeiramente pertencente aos moçambicanos.

Na verdade, o conflito armado exacerbou os níveis de pobreza e de vingança no seio da população, que estava dividida em RENAMO e Governo. Muitos homens e mulheres que regressaram às suas zonas de origem viram seus direitos de propriedade recusados pelos familiares e líderes de executivos locais, principalmente mulheres ou homens que regressaram para o convívio das famílias de seus cônjuges mortos ou desaparecidos.

Numa outra fase da pesquisa, feita depois das pesquisas de campo, pôde-se perceber que, desde 1980, essa guerra deixou de ser uma guerra de disputa internacional e passou a ser uma guerra doméstica, com razões domésticas. Uma parte foi concebida por alguns moçambicanos como uma luta étnica, como explicam muitos guerrilheiros: “... nós, os residentes da zona centro, e chamados de Xingondo,³¹⁵. Não tinha esse espaço para estudar”³¹⁶.

Os guerrilheiros jovens esclarecidos tinham uma causa diferente da sua elite, porque desconheciam os contatos que a sua elite mantinha com a escala global e estavam preocupados em restaurar padrões socioeconômicos e culturais. Já os não esclarecidos estavam no auge de recuperar e restabelecer os bens individuais de familiares que tinham sido convertidos para o Estado socialista.

E também se nota que André Matsangaissa e Afonso Dhlakama não eram transparentes com ambas as partes, seus apoiadores logísticos e a população, que lhes apoiavam nos recursos humanos e alimentares. A população que ajudava com comida e enviava seus filhos tinha entusiasmos de libertar-se do governo da Frelimo. Em relação a governar o país, a elite moçambicana da RENAMO não tinha interesse, enquanto a guerrilha e a população sonhavam com uma RENAMO governamental. Por isso, nenhum dos guerrilheiros ganhava benefícios, apenas tinha a esperança de estar no poder.

³¹⁵Xingondo significa pessoa com dons guerreiros (homens para canhão).

³¹⁶ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

Segundo Zondai Nyasha, entrevistada em 05.04.2021:

Eles disseram-me que estamos a lutar pela democracia, estás a ver as lojas? Eu respondi, sim. Chama-se loja de povo. E disseram-me para onde vai o dinheiro dele? Eu respondi que não, nunca nos disseram. E as machambas que estão a capinar, sabem para onde vão os produtos? Eu não sei, só estamos passando fome. Eles disseram que a nossa luta é para acabar com isso, para que cada um tenha sua loja individual, machamba individual é isso que nos leva a lutar, então junta-te a nós. Estamos a lutar pela democracia e deixarmos o socialismo. Só que na nossa luta não vamos ter salário, porque não temos dinheiro, assim que vencermos nossa guerra vocês terão salários, e daí cumprimos. Outros fugiam e voltavam e diziam que lá não há interesse, então dá nós lutarmos³¹⁷.

Quando analisarmos atenciosamente os depoimentos de Zondai Nyasha, chegaremos à conclusão de que seus benefícios eram a futura liberdade. Ou seja, o que prendia os guerrilheiros à luta sem receber nada era a esperança de ter uma liberdade que a elite os prometia, com a remoção do governo da Frelimo. Além das promessas das elites, também é evidente que, no seio das comunidades, estava sendo impresso o ativismo a partir dos mambos, sobre a importância das liberdades culturais que o Homem Novo estava disposto a despir.

Castigo Nhambo (01.05. 202) nos explica que,

[...] quando ouvi que Renamo está a lutar pela liberdade, democracia, eu fui juntar-me a eles, eu me despedi da minha família, disse que vou me juntar aos nossos amigos para lutar e acabar com isso, porque mesmo quando fui para casa todas as machambas que tínhamos eram machamba do povo. Trabalhávamos muitos, mas não estávamos a ver onde iam as coisas³¹⁸.

Partindo das citações, é inegável que a ideia do socialismo não tinha caído bem para essa população. Por isso, eles associaram viver sob as políticas do socialismo a opressão. Muito dos nossos entrevistados apontam a guia de marcha, a cooperativa, etc. como sendo a privação da liberdade. Essa população tinha em suas memórias as amarras do passado capitalista, em que elas viviam como pequenos fazendeiros e proprietários da terra. Na província de Manica, a terra está conectada aos espíritos dos antepassados, por isso tem o conceito **Gura**³¹⁹.

Na guerrilha da RENAMO, não é possível arrancar deles uma concepção ideológica. Eles não têm conhecimento da existência dos que defendem ideologia de direita e os que defendem ideologia de esquerda (a divisão do mundo em dois blocos que estava a reinar naquela época). Para eles, o foco principal era a eliminação da política implementada pelo governo da Frelimo.

³¹⁷ Entrevista com Zondai Nyasha 05.04.2021.

³¹⁸ Entrevista com Castigo Nhambo, em 01.05. 2021.

³¹⁹ É uma herança de terra por ancestralidade. Nessa terra, há o cemitério de toda a família, desde tataravós até seus contemporâneos.

4.2 Os sobrinhos e filhos?

A norte e centro da província de Manica, vivem populações historicamente próximas do Zimbábue, fieis aos mambos, Chirara, Chibata, Macombe, Chadzuka, Sembezia, Katize. Trata-se dos membros das chefaturas do antigo império de Mwenemutapa e do Grande Zimbábue. Tanto ao norte como ao sul da província de Manica, estas populações pertencem ao grupo étnico e linguístico Shona, ou seja, são dele originárias, cujo território histórico situa-se na margem do rio Púngué e na fronteira com o Zimbábue. Desempenhando um papel importante na guerra, em 1979, essa população mobilizou-se para apoiar o movimento e voltar ao seu habitat.

Se observamos e descrevermos Moçambique, poderemos aferir que possui características idênticas às de grande parte dos países africanos, sendo fruto da divisão do continente estabelecida na Conferência de Berlim, sem levar em consideração unidades etnolinguísticas e políticas e, por consequência, causadora imediata da crise enfrentada pela grande maioria desses jovens países. A continuação dos talhões, terrenos traçados pelos colonos, cria a indefinição da identidade nacional, problema do qual Moçambique não escapa. A cada 100 km, temos uma outra tribo com traços culturais diferentes. Para atenuar essa situação, os antropólogos tentam dividir a população moçambicana em grupos étnicos, atomizando-os em pequenas tribos. Na verdade, essas heterogeneidades e discrepâncias impulsionaram logo uma primeira abordagem ao conflito.

Mas, para falar sobre a questão da identidade nacional, devemos calcular os catetos adjacentes para acharmos a hipotenusa do triângulo da guerra, visto que, mesmo dentro da RENAMO, havia um tratamento diferenciado de acordo com a origem do fundador. Nas regiões de Manica, Chimoio, Sussundenga, Mossurize e Machaze, os guerrilheiros da RENAMO eram tratados como filhos. Nos distritos de Barué, Guro, Macossa e Gorongosa, os guerrilheiros da RENAMO eram chamados de irmãos, filhos ou nossos companheiros. Por sua vez, nos distritos de Chibabava e Búzi, eram tratados como sobrinhos.

No momento da procura de comida junto à população, explica que eram tratados como filhos, em que os mambos e outros anciões diziam: “Os nossos filhos não têm machambas, como vão viver... então era ajudar os filhos”³²¹. Na mesma linha, quando,

[...] naquela época, muitos jovens não queriam viver nas aldeias, e outros tinham perdido os seus bens materiais e culturais, isso nos facilitou muito. Eu ia ao encontro dos jovens e começava a lhes informar sobre os objetivos da Renamo, e eu falava para eles que, se a Renamo ganhar, vamos ter democracia. Vamos recuperar os bois e outras coisas que perdemos pela cooperativa. Os jovens ficaram felizes e vieram à massa para engrossar a guerrilha. E nós como mudjibas deixávamos claro que lá não tem salário, apenas vamos lutar pelo nosso futuro. Mesmo aqueles que nós recrutamos à força também acabavam por ficar, porque nós éramos claros nas nossas políticas e também muito já estavam cansados daquilo que eles estavam vivendo nas aldeias, e a pobreza estava aumentando cada vez mais.³²²

No seu depoimento, em 28.04.2021, Simão Manuel Mupinda, guerrilheiro no distrito de Buzi, província de Sofala, explica que nas convivências sociais,

[...] a lei nos proibia [...] a lei proibia os nossos convívios nas comunidades, mexêssemos ou arrancássemos as esposas de donos. Por vocês serem militares, devem se movimentar e zelar pelo bem-estar do povo; na verdade, nós vivíamos fiscalizando, daí éramos chamados pela população de sobrinho/netos. A população dizia: esses são nossos netos/sobrinhos, estão lutando para o nosso bem-estar, ou seja, para que o nosso país tenha uma boa convivência³²³.

Isso mostra que a questão da identidade étnica ditava a convivência entre a guerrilha e a população. Nessa região, as desistências eram quase frequentes e as entradas voluntárias para a guerrilha eram inexistentes, diferentemente das outras duas zonas mencionadas acima.

Maria João (08. 04. 2021), uma guerrilheira que entrou na guerrilha em 1977, amiga de infância de Dhlakama, explica que nas regiões de Búzi não havia jovens voluntários:

“muitas das vezes o nosso processo de recrutamento em Mangomere – Búzi – era feito via rapto. Raptávamos os jovens e depois os submetíamos às instruções militares, aquele que tinha ideia de fugir recebia represálias graves. Se você fugia e depois fosse localizado pelos nossos colegas, sofria muito.”³²⁴

³²¹ Zvazi ana enyu hana munda ini yano pona ngei... saka kuanga kuri kubatsira ana. (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01.04. 2021.

³²² Entrevista com Filipe Samuel. 28.04. 2021.

³²³ [...] Mutemos vairamba, vairamba kuti mukaguena ku povo musaenda katora mukadzi we povo, imwimwi murimasodja, fambai mechionerera basi, tsvakadhinekugara nekuonerera zvataita, pode, pode kuoena zvimufarina, kwakuti muzukuro uyu, nekuti taidzwa azukuro. Taizwi azukuro varikurwisa kuti nyaka yedu inake. (Tradução livre do autor) Entrevista com Simão Manuel Mupinda. 07.04.2021.

³²⁴ Kajindji ma jovem atanga tinawo taita zvekubata. Taibata mesmo wouya wo trenarwi, so unodha kutiza waizvionara. Ukatiza waiti ukawonekwa ne adhoni edu aiya waitambudzika maning. (Tradução livre do autor) Entrevista com Maria João, 08. 04. 2021.

Questionado sobre se havia cadeias nas bases militares, o nosso entrevistado Zondai Nyasha explica que

“tinha prisão nas bases..., mas para não fugir, era guarnecido pelos militares, porque a prisão tinha vedação de capim. Você era servido com comida lá dentro até os dias da sua pena terminar; depois de cumprir, era instruído que não admitimos esse comportamento a qui”³²⁵.

As prisões eram uma plataforma encontrada pela RENAMO com forma de desencorajar as fugas, que eram frequentes com a morte de André Matsangaissa.

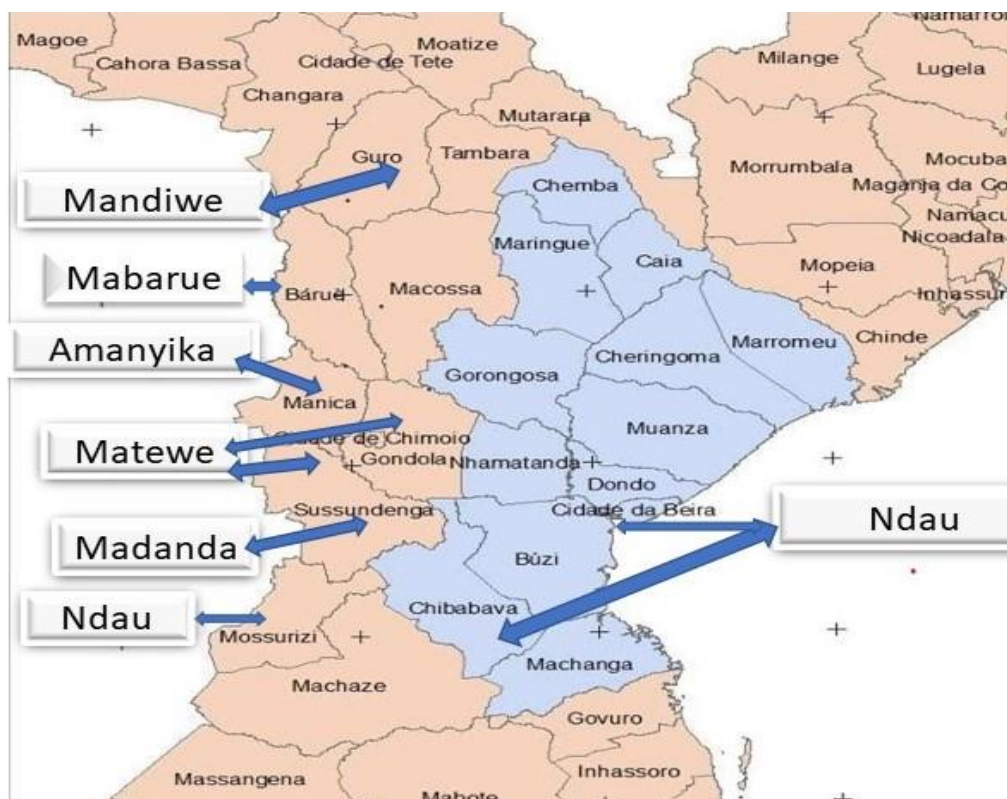
Após morte de André Matsangaissa, criou-se nessa região uma comissão de controle para vigiar todos aqueles que pretendiam fugir. João Machava tornou-se o chefe da vigilância, até a galvanização da RENAMO pós-Matsangaissa. Para as regiões dominadas pelos amanyika e mabarue, o ideário foi dar continuidade ao que o filho e o irmão tinham iniciado.

A amplitude da guerra em cada região era completamente diferente. Nos primeiros distritos mencionados, a guerra não tinha um caráter devastador, e a proteção à família dos guerrilheiros era intensa, não permitindo-se que a força inimiga entrasse no seu território, pois, na segunda e na terceira regiões, a guerra destrói de forma excessiva. Nessas últimas regiões, o método usado para o recrutamento foi o rapto.

Essas divisões têm a ver com os traços culturais e linguísticos dos fundadores e, se considerarmos os primeiros distritos mencionados, as línguas faladas são Manyikezes, derivada do Shona, e, mais para sul, manyikezes-ndauzados, também derivados do Shona. Essas nomenclaturas são tribais e, etnicamente, são todas Shonas.

Mapa 2. O mapa ilustra as tribos descendentes de Shona.

³²⁵ Manga muno preso... Kuchenguetwa na masodja, yanga yakakukutidzua nezvima uswa, wapiwa chikafu imomo kusvikira mazua ako apere uka pedza otongesa kuti izvi atizvidhi pano. Entrevista com Zondai Nyasha, 05. 04. 2021.



Fonte: Mapa editado pelo autor.

Há de percebermos que se, por um lado, a guerra civil se define como a que é feita entre as facções dentro de uma mesma unidade política, então, qualquer movimento de guerra pela libertação das colônias teria que ser considerado como guerra civil – inclusive em Moçambique, onde moçambicanos negros combatiam contra moçambicanos negros. Ou seja, uns pertenciam aos militares dos colonos e os outros aos nacionalistas.

Daí que a análise mais correta seja uma análise socioantropológica entre as políticas socialistas e o ideário de um povo tradicionalmente conservador. Para este, a ideia das continuidades e das políticas do Estado moderno não cabia na sua convivência diária.

Essas e outras razões, precisamente, são aquelas que levaram a Comunidade de Santo Egídio³²⁶ a envolver-se no conflito, procurando estabilizar e moderar entre os conservadores e modernos. Qualquer que seja definição técnica, é importante referir que toda a guerra, civil ou não, é, por definição, fratricida, porque a comunidade humana é a verdadeira comunidade, mais vasta do que qualquer comunidade nacional.

³²⁶A Comunidade de Sant’Egídio, também às vezes referida como Santo Egídio, é uma organização católica fundada em 1968, no bairro de Trastevere, em Roma, Itália, dedicada à caridade e promoção da paz. Fundada por Andrea Riccardi, a Comunidade de Sant’Egídio trabalha atualmente em mais de 70 países.

Na verdade, a ideia da nação moderna, para esses jovens guerrilheiros, não fazia sentido. Muitos defendiam que as suas terras estavam sendo dirigidas pelos outros, que saíam de onde saíam, como explica nosso entrevistado.

Os secretários saíam de Nampula para vir mandar aqui, alguém que nem tem relação com os nossos espíritos. A RENAMO dizia isso não dá, porque desde muito, muito tempo, os mambos são os que sabem se relacionar com os espíritos locais. Tradicionalmente, ninguém evoca espírito do outro.³²⁷

Este depoimento volta a reviver aquilo que a elite da Frelimo combateu durante a luta de libertação. E, para além disso, o conceito de liberdade era paralelo ao de violência. Isto é, só podemos chegar à libertação das políticas do governo usando as armas. O mesmo depoimento mostra que havia também uma concepção étnica da guerra no seio da guerrilha, por isso a RENAMO nunca teve muitos guerrilheiros com origem sulista quando atuava nas regiões de Manica e Sofala. Quando chegou ao sul de Moçambique, a RENAMO devia usar métodos coercivos, quer no recrutamento, quer no processo de ocupação. O sul de Moçambique sempre se identificou com a Frelimo, devido ao fato de os primeiros dirigentes da Frente terem sido do sul.

Por isso, Cabrita (2000:208) afirma que “he said that Samora Machel (a southerner) regarded the Renamo issue merely as an ethnic dispute between Ndaus and Senas [northerners] on the one hand, and the Shanganan [southerners] on the other, over which tribe ruled the country”³²⁸.

Com base nas informações recolhidas nas entrevistas realizadas com os antigos guerrilheiros da RENAMO, é importante referenciar que a guerra civil movida pela RENAMO tem muitos componentes e aspectos étnicos e regionais. Muitos guerrilheiros e mambos eram contrários à ideia de levar um secretário de Nampula, Gaza ou Maputo para governar em Manica. Para eles, era perda da sua dignidade e proteção pelos seus espíritos. As amarras tradicionais estavam acima de tudo no cenário da guerra.

Os mambos olham para outras províncias do país como sendo um outro país, com laços e costume culturais muito diferentes. Por isso, não existe uma sincronização cultural entre eles. A ideia da unidade nacional era desconhecida no seio dessa

³²⁷Ma secretario anobva nampula kuiya kotonga kuno, hazi kunti mudzimo dzekuno dzino dirwa sei. Renamo waite zvese izvi azviti, kubvira kare ne kere madzimambo ndiwo vaizia mudzimo epa mutanha. Ndiwo anozia kuti zvino famba sei, kune mbvura yashota munodira sei. (Tradução livre do autor) Entrevista com Castigo Nhambo, 01.04.2021.

³²⁸ (CABRITA. 2000.p. 208).

população. A nação, para eles, era a sua área de jurisdição, onde pairavam seus espíritos.

4.3 A dissidência após a morte de Matsangaissa

As dissidências da guerrilha motivada pela morte do seu líder podem ser interpretadas em duas vertentes tribais. Apesar das regiões de Manica e Sofala terem populações do mesmo grupo étnico, a divisão tribal foi muito determinante. Isto é, dentro do mesmo grupo étnico, há uma divisão tribal forte, com laços culturais muito diferentes. Os Ndaus³²⁹ têm uma prática cultural diferente dos Tewe³³⁰.

Nos depoimentos dos guerrilheiros e da população da RENAMO, está patente que as bases sedeadas na região de Sofala, especificamente nos distritos de Chibabava, Búzi e Machanga, distritos de expansão da RENAMO, tiveram muitas desistências. Foi um fenômeno que levou as estruturas do partido a reinventarem-se e instalarem a equipe de controle. Por sua vez, para aquelas instaladas no interior da província de Manica e outras, na fronteira com o Zimbábue, o clima de vingança e recuperação das terras, riquezas e resgates dos irmãos e irmãs que foram recolhidos para campos de reeducação tomava conta de toda população. Por isso, nessas últimas regiões, não houve indício de fuga, e eles eram destacados para ir controlar as bases com muitas dissidências.

A ideia de vingar-se e validar as ideias e o legado do irmão André Matsangaissa era cada vez mais fomentada no seio da guerrilha, com o suporte de que “não saímos (fugimos) porque o que procurávamos era antes de se concretizar. Se uma família perder seu pai, todos devem fugir? Não, deve-se destacar o mais velho da família para assumir a posição do pai, é isso que pensamos e fizemos”.³³¹ O que queríamos alcançar ainda não conseguimos, “devíamos honrar o André Matsangaissa é dar continuidade aos seus projetos”³³².

Por isso existem bases intactas após a morte de André Matsangaissa, como as de Makoka, em Mossurize; Mungal, Mutumba, no distrito de Guro; Mavita, Tsetsera, Sembezia Dakata, no distrito de Sussundenga; e Mavonde, Chirodzo, Garuzo, no distrito de Manica. Nessas bases, não houve dissidências porque os guerrilheiros

³²⁹ Uma tribo que está na zona sul da província de Manica, na província de Sofala.

³³⁰ Tribo que se encontra na zona centro da província de Manica.

³³¹ Zvatanga techitsvaga zvanga zvisati zvasvika. Zvakafanana se pamuszi munozia se kana kuti baba afa kunonekua anamukoma ndiwo anosara echitungamira. (Tradução livre do autor) Entrevista com Castigo Nhambo, 01.04. 2021.

³³². Entrevista com Castigo Nhambo, 01.04. 2021.

caraterização precisa de explicação”³³⁴. As razões tribais foram muito fortes nas regiões fronteiriças com o Zimbábue. João Machava explica:

Quando entrei na RENAMO, vi muita gente que eu conhecia e os seus discursos me deram confiança que essa era uma causa verdadeira, porque Moçambique não tinha paz. Quando a RENAMO entrou em Dakata para lutar contra FDM, que queimava as casas da população, cerca de 2000 pessoas vieram se juntar à RENAMO para lutar com as ações da FDM e milicianos dizendo que queriam lutar com a FRELIMO até acabar, devido às casas queimadas. A RENAMO respondeu que só vamos enquadrar aqueles que tem idade de pegar arma, os velhos voltem para casa e nos tragam comida ³³⁵.

Os depoimentos de João Machava nos remetem às afirmações de Cahen, de que o campesinato se aliou à RENAMO porque, no período pós-independência, “não teve direito a continuar a viver no seu *habitat*. Disperso, teve – nem sempre obedeceu, como na Zambézia – de se agrupar em aldeias comunais”³³⁶. Como podemos ver, Zondai Nyasha (05. 04. 2021) esclarece que, quando foi raptado, tornou-se fiel:

Quando me raptaram, disseram-me que estão a lutar pela democracia. Perguntaram-nos das machamba e lojas do povo que estávamos a trabalhar, sabem onde vão as coisas e o dinheiro? Nós não respondemos nada. Nós estamos a lutar para proibir isso. Queremos que vocês e outros tenham sua loja, sua machamba, esse é o objetivo da nossa guerra. Estamos a lutar para se deixar o socialismo pela democracia. Fomos colocados na formatura e nos disseram isso não tem salário, quando ganharmos vocês terão recompensa. Ahamos que era bom cumprir mesmo, os outros fugiram³³⁷.

Para um jovem pobre militante das culturas tradicionais revoltado com o marxismo, alinhado com a construção do Homem Novo e decidido a combater o seu exército, era certamente muito difícil não se enganar sobre a natureza das políticas do movimento de resistência, a favor da reintegração das suas autoridades tradicionais e da

³³⁴ (CAHEN, 2019, p. 37).

³³⁵ Pandakapinda ma Renamo ndakaenda ko ona vanhu ose wandinozia ne zvakataura nda kazizua kuti zvino shua nekuti Moçambique mangamusina ruyararo. Ndomutaurira zve chimwe, paka pinda Renamo, iyo ruisa pa dakata, iyo ruisa masodja aipisa imba pakauya 2000 vanhu wakauya ku Renamo varume haraua ne vakadzi, echiti toda kurua nasi Frelimo ipere, ngenyaya dzi imba dzakapiswa izozui azviti kuti mose mupinde musodza, tino pindza muchisodja vanhu vane makore ekubata fhuti, imwimwi endai kanyi morima kuti muzotipai chikafu, wakadzi wese warikuda kuti wapinde um Renamo. (Tradução livre do autor). Entrevista com João Machava, em 31.03.2021.

³³⁶ (CAHEN, 2019, p.37).

³³⁷ Iwo wakati chatirikurwa isuso tiri kurwira democracia, wakati, murikuona loja iyi? Tikati tiri kui ona, akati inozwi chinyi? Tikati inozwi loja do povo, akati mare yacho murikuizwa kwairikenda? Tikati nada. Munda wamurikurima, isuso toda kuramaba izvona. Todha kuti umwe na umwe aite, loja yake, munda ywake, zvese izvi ndizvo zvztiri kurwira. Tiri kurwira democracia tosia socialista. Taiswa pa sandraau, zvizwi azvina salário tikazowina munozona mubhairo totó kopirir mesmo wanango wiazotizawa taizovina kuti azvina interesse kutiza zvirinani ku compriir mesmo. (Tradução livre do autor) Entrevista com Zondai Nyasha, em 05. 04. 2021.

recuperação das suas riquezas. Como forma de motivar os primeiros recrutamentos, os treinos militares eram feitos nos seus habitats, ou seja, nas suas zonas de origem, para que os guerrilheiros se sentissem como se estivessem lutando para libertar o seu grupo étnico.

Um dos fatores que levou a que as bases das regiões de Manica mantivessem a sua guerrilha intacta foi o episódio do dia 11 de outubro de 1979, em que

os soldados e milicianos foram queimar as casas da população, como pressã o para que as pessoas pudessem ir viver nas aldeias. Começou na localidade de Makubvu, no dia 11 de outubro de 1979; nessa operação, queimou-se 200 casas, ninguém tirou seus bens, as casas eram queimadas com bens lá dentro. Isso doeu em muita gente. Devido a isso, quando a RENAMO entrou em Dakata para lutar contra FDM que queimava as casas da população, cerca de 2000 pessoas vieram se juntar à RENAMO para lutar contra as ações da FDM, e os milicianos diziam “queremos lutar com a FRELIMO até aca bar”, devido às casas queimadas. A RENAMO respondeu que só vamos enquadrar aqueles que tem idade de pegar arma, os velhos voltem para casa e nos tragam comida. Essa zona foi liberta por um tempo muito curto. Quando os FDM entraram nessa zona, perguntaram pela população, onde se encontra a guerrilha da RENAMO, uma parte da população fugiu para o mato ficando lá por dois dias³³⁸.

Analisado esse depoimento, é importante referir que não me compete expor aqui todo o sentido da referência à guerra étnica, mas, sim, analisar as necessidades étnicas, de princípio ou conjunturais das relações étnicas. Interessa sublinhar o seu sentido na altura da construção do Estado-Nação e da inserção deste nas zonas rurais. Contudo, na guerra civil moçambicana, tudo indica que uma parte foi alimentada por rupturas sociais e políticas internas das sociedades rurais, que viram as ações da Rodésia como plataforma para mostrar as suas indignações.

Nos estudos feitos por muitos pesquisadores nacionais e internacionais, a questão étnica foi negligenciada, ou seja, nunca foi colocada de frente. Todos são unânimes em fomentar que as questões geopolíticas (da Rodésia e da África do Sul), a Guerra Fria e o socialismo científico da Frelimo foram os epicentros da insatisfação popular. Contudo, na verdade, uma parte dos guerrilheiros olhava a guerra como

³³⁸ Masodja ne mamilicia, wakaenda kopisa dzimba dzewanhu kuti waende kogara mu maldeia. Ya vakatanga mu localidade inozi Makubvu, musiswa 11 outubro 1979 waka pisa 200 dze imba, wa inonoka kubvisa zviro zvaito pisua nezvirozvo. Izvozvo zvakarudza maning. Zvaka ruadza vanhu. Ndomutaurirazve chimwe, paka pinda Renamo, iyo ruisa pa dakata, iyo ruisa masodja aipisa imba pakauya 2000 vanhu wakauya ku Renamo varume haraua ne vakadzi, echiti toda kurwa nasi Frelimo ipere, ngenyaia dzi imba dzakapisa izozvi azviti kuti mose mupinde musodza, tino pinda muchisodja vanhu vane makore ekubata fhuti, imwimwi endai kanyi morima kuti muzotipai chikafu, waka dzi wese warikuda kuti wapinde um Renamo. Saka vhimbo i yakaita liberti zona nechiguva chishoma shoma, paguva yai pinda masodja muvhimbo vaia kobuya kuti masodja apinda waripakati, kubvundza masodja we Renamo, masodja a Renamo odha ko waruisa, vamwe waitiza, echienda musango vanhu 2 dias asikari, asikazi kuti ndavha ngekupi. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava, 31.03.2021.

plataforma de reivindicação étnica, e a sua luta tinha objetivo de autogovernarem-se, eliminando todas as estruturas que vinham das outras províncias para chefiar em Manica, no contexto da unidade nacional.

No pós-independência, a elite da Frelimo imaginou construir um novo país à imagem do seu *habitus*. O Homem Novo não foi acompanhado por uma pesquisa antropológica, e Samora Machel, depois de beber das ideologias marxistas, olhava para a nova nação com o brilho dos seus aliados, decidiu superar as amarras do passado que o povo preto ostentava. Nos seus discursos à nação, dizia: *já não há brancos, negros, mestiços, indianos, changanas, macondes, macuas..., somos todos moçambicanos*³³⁹. Para uns, isto significava, na verdade, a criação de uma nova nação; para outros, significava a negação da própria existência de comunidades historicamente enraizadas. Isto é, existiam, *mas não tinham relevância alguma em criar uma sociedade sem história do passado*. Neste contexto, Michel Cahen explica que, nessa nação,

o campesinato não teve direito a continuar a viver no seu habitat disperso e teve – nem sempre obedeceu, como na Zambézia – de se agrupar em aldeias comunais. Ao contrário do que foi muitas vezes escrito, não se tratou de uma coletivização da produção (só uma pequena parte o foi), mas de uma concentração dos produtores, a fim de aumentar a produtividade, de controlar e de construir o aparelho de Estado nas zonas rurais³⁴⁰.

Os povos Shonas da província de Manica oriundos do Grande Zimbábue tinham se habituado a viver em pequenas fazendas, criando suas manadas. A herança de terra nas zonas fronteiriças com o Zimbábue (Chinhadzi-Chirara, Guindingui, Rambanai, Chadzuka, Chiuwa, Mundonguara, Sembezia, Mupandeia, Mavita, Chirodzo, Mavonde, Tsetsera, Guro, Dakata, Pinhalonga, Rotanda e Mutsindza) é muito forte. Foram as regiões em que a RENAMO tinha bases sociais muito enraizadas, tornando-as regiões protegidas. Logo, a guerra não foi sentida ali. Além disso, nessas regiões, após a morte de André Matsangaissa, ninguém abandonou a guerrilha.

João Machava, da tribo manyikeze, argumenta que não havia razões para abandonar, porque “vimos que essa forma de governar não está boa, mesmo quando as coisas não estavam andando bem”³⁴¹. O que pesou muito nessas bases foi a questão da identidade tribal, a defesa dos seus hábitos e costumes.

³³⁹ (PAREDES, 2014).

³⁴⁰ (CAHEN, 2019, p. 38).

³⁴¹ Matonguerue arikuzua aiya hana kunaka ne, maimire e zviro hazvikunakabha. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava, 31.03.2021.

4.4 O tradicionalismo na guerrilha

Com o desaparecimento da retaguarda, em 1980, a RENAMO foi obrigada a se reinventar e penetrar dentro das províncias de Manica e Sofala, no centro do país, de onde eram originários os seus fundadores. O novo paradigma da história da guerrilha obrigou os integrantes “doravante instalados de forma permanente em Moçambique – incluindo o comandante-chefe Afonso Dhlakama – a organizarem-se para sobreviver”³⁴².

Para sobreviver aos novos desafios da história impostos pela independência do Zimbábue, a guerrilha da RENAMO foi obrigada a tecer relações muito mais fortes com as populações locais. Em particular, com os chefes tradicionais que a Frelimo tentara suprimir e reprimir logo em 26 de junho de 1975.

É importante referenciar que, ao formar Estado-Nação, em 1975, a Frelimo pensava na morte total das heranças portuguesas na sociedade moçambicana. A morte dessas heranças devia ser feita de forma gradual, e não da forma que a revolução demandava. Os campos de produção e reeducação eram vistos como espaços reservados para o fim do passado obscuro e, conseqüentemente, o renascimento do homem de Moçambique. Os campos de reeducação, que estavam sobrepostos à Operação Produção, foram vistos pelo governo da Frelimo como um espaço de controle e de inserção do poder estatal nas regiões periféricas do país, inserção da população na revolução rumo ao desenvolvimento.

A RENAMO, ao entrar no espaço moçambicano, primeiro estudou o terreno para contradizer tudo o que a Frelimo fazia para o seu povo, aproveitando-se da ideia de que,

com o fim do poder dos chefes tradicionais, as pessoas deixaram de usufruir da proteção dos antepassados e as coisas começaram a correr mal. Toda a vida da comunidade ficou destruída, pois já não havia respeito pelos velhos, respeito pelos antepassados, respeito pelas nossas tradições.³⁴³

³⁴² (CAHEN, 2019, p. 35).

³⁴³ (HONWANA, 2002, p. 171).

Porque, na verdade, “Nós dizíamos a todos para andar com espírito, tudo o que queremos sairá perfeitamente. Não há pessoa que viva sem a proteção dos espíritos locais ou familiares³⁴⁴. Na mesma linha, Castigo Nhambo explica que

[...] sabes que, quando a FRELIMO entrou no governo, as pessoas foram proibidas de seguir as autoridades tradicionais, só deviam se dirigir apenas aos secretários. Os secretários saem de Nampula para governar aqui, nem sabiam como se adora os espíritos daqui ou nossos. A RENAMO dizia que isso não podia acontecer, porque desde os nossos antepassados, os mambos é que conhecem os espíritos da nossa zona. São eles que sabem explicar que deve ser assim e deve andar assim, são os mesmos que evocavam os espíritos quando tivesse problema de água. Ninguém mais estava a evocar os espíritos para chuva, mesmos problemas, ninguém ia mais se queixar nos mambos, tudo acabava nos secretários. Qualquer falha que uma pessoa cometia, os secretários mandavam capinar nas machambas do povo, esse é que era o julgamento. Nas cooperativas, éramos obrigados a nos associar³⁴⁵.

Aqui estava um grande impacto negativo social do projeto Homem Novo, misturado com problema tradicional. Porque alguns defendiam que: “Se vocês forem à missão sem pedir ajuda dos espíritos locais, quem iria vos ajudar em proteção (...) os espíritos locais não vão vos ajudar na proteção, caso não os invocar”³⁴⁶.

Isso resultou em grande aderência ao movimento rebelde para lutar contra essa opressão, que a população considerava como traição à causa da luta pela independência. Nas zonas ruais, até os tempos atuais, o curandeiro (médico tradicional) é considerado como aquele que conseguem prestar primeiros-socorros e desvendar os mistérios das feitiçarias, pois consegue se comunicar com os antepassados e deuses locais e prever os fenômenos naturais (chuvas, pragas, tempestade, seca e doenças) de cada época.

O que se precisava nas bases e o que nos criava problemas, íamos perguntar aos mambos, porque outros problemas precisavam de bebida tradicional para passar. Se era algo que precisava de bebida, os mambos diziam tragam material. Era dado dinheiro, daí iam comprar o que é necessário. Fazia-se a cerimônia no local onde estávamos instalados³⁴⁷.

³⁴⁴ Isusu taiti kufamba ne adzimo zvese zvaitadha zvaibudirira. Hapana munhu unogara asika dhiri adzimo. Tradução livre do autor) Entrevista com Maria João, 08.04.2021.

³⁴⁵ Munozia kuti kupinda kuakaita Frelimo vanhu wakarambidza kuti hakuchina izvona so kuno shanda ma secretário. Ma secretario anobva nampula kuiya kotonga kuno, hazi kunti mudzimo dzekuno dzino dirwa sei. Renamo waite zvese izvi azviti, kubvira kare ne kere madzimambo ndiwo vaizia mudzimo epamutanha. Ndiwo anozia kuti zvino famba sei, kune mbvura yashota munodira sei. Hakuna ucha dirá mbvura, kana nyaia dzaitika hapana kuaticha queixar, nem kutongwa, zvose zvakundo perera muma secretário. Kuma secretario waite watazda iwewe kamani korima munda we povo ndiko kotonga kacho; (riso). Cooperativa ngatite musengo mesengo ko rima munda we povo. (Tradução livre do autor) Entrevista com Castigo Nhambo, 01.04. 2021.

³⁴⁶ Mukafamba musikazi kwakumbira hadzimo machenguetua ndiani... Adzimo e mumutunhumo amutungamirira. (Tradução livre do autor) Entrevista com Maria João, 08.04. 2021

³⁴⁷ Zvinonga zvichidikwana mukatimo zvainde kobvundza madzimambo, zvinonga zvirikunetsa taikubira madzimambo kuti aite zvinofanirua kuita, pamwe kubika dhoro, rir doro mabimambo waitaura kuti toda

Por isso é que, com a marginalização desses mambos, a população sentiu-se desprotegida. A ideia de que os dependentes seguiriam seus mambos e curandeiros levou a administração a amarrar muitos deles, em muitas regiões, e a arrastá-los usando princípios de queima de casa como forma de lhes conduzir, ou pressionar coercivamente, até o local do novo habitat, que eram as aldeias comunais. Humilhados, estes homens decidiram rebelar-se usando uma plataforma de insurgência, a RENAMO, que, com a incerteza da nova dinâmica da sobrevivência, capitalizou esse sentimento e restituiu os cargos nas zonas libertadas pelo movimento.

A aliança com os líderes tradicionais tornou-se forte, segundo Simão Manuel Mupinda, porque foi a RENAMO que restituiu o poder aos mambos locais:

Somos nós que reintegramos os mambos locais. Porque os mambos foram expulsos pela Frelimo, outros se suicidavam. Quando chegamos, dissemos que não pode acontecer, porque Caetano encontrou os mambos aqui, os mambos eram como nossos pais. Todas as pessoas já não rezavam, e os mambos já não desempenhavam as suas funções. Os secretários é que desempenhavam as funções de mambos. É daí que a população e os mambos passaram a gostar de nós³⁴⁸.

Em cada lugar que a RENAMO chegava, sempre queria estar conectada com os espíritos locais. Zondai Nyasha explica que:

Todos os lugares aonde nós chegávamos, primeiro, falávamos com as estruturas tradicionais locais. Reuníamos com eles e pedíamos que queremos instalar nossa base aqui, como podemos proceder? Quando chegarem, devem buscar água e tomar banho, nem pode brincar com as meninas. Todos os lugares aonde nós chegávamos, ajoelhávamos e batíamos palma, daí seguíamos nosso destino³⁴⁹.

matéria ekuita izvi. Opuwa iri mare kana chinyi oenda kotenga zvino dikanezvo. Kuakutoita pa mutu n hu patinogam tiripo. (Tradução livre do autor) Entrevista com Netsai Tendai, 31.03. 2021

³⁴⁸ Madzimambo tisu takazoa dhira, nekuti madzimambo aka gogomerua ndi Frelimo Akuchina umambo amweni aidzisungira nekuthi kufa. Zvetasvika isusu toto azviti, Caitano zvanga arimuno wakagumira madzimambo diwo wanga wari madzibaba edhu, tisu takadhira madzimambo... zvese vanhu wanga wasikanamati, madzimambo wanga wasika shandi, madzimo wanga wari ma secretário, saka ndipo pakati farira ndipona. (Tradução livre do autor) Entrevista com Simão Manuel Mupinda, 07.04. 2021.

³⁴⁹ [...] pese pataisvika taitanga kubvundza wakuru wepo, pamutanha ipapo togara nawo, pasi pano tinogara sei, aona oto buya kuti mudvimbo muno tino gara kudai kudai, tiri kukumbira toda kuisa base redhu tofamba sei, makasvika mechera bvura mogeza kudai, hapabvumirue kutamba newa sikana. Pese patai svika tai embera manja kukukukuk, topinda³⁴⁹ zvendhu. (Tradução livre do autor) Entrevista com Zondai Nyasha, 05.04. 2021.

A proteção destes espíritos é frequentemente invocada em caso de doença, de seca, para conjurar um malefício ou, como no caso presente, o flagelo da guerra e da insatisfação popular. Nesta linha, Cabrita elucida:

Before Renamo established a base, permission was as a matter of course sought from the local medium. This was normally arranged through the area's traditional chief. Samatenje, a medium influential in the Gorongosa area, blessed Andre Matsangaice himself. Traditional chiefs spoke at length about the customs and beliefs of their areas, which were supposed to be strictly adhered to by Renamo's rank and file. John Kupenga, a Renamo guerrilla from Manica, stressed that failure to adhere to local traditions could upset the spirits who then punished the transgressor severely.³⁵⁰

Qual seria a importância dos líderes tradicionais para a RENAMO? Maria João, em resposta a esta questão, sublinhou que “os Mambos ajudavam em comida nas suas zonas”³⁵¹. Para além da comida mencionada por Maria, os mambos serviam como elo entre a RENAMO e os espíritos locais, e como mobilização para os jovens adirem em massa à causa da guerra.

A história das queimadas de casas e da perda de poder dos mambos na província de Manica, como motivo de aderência à guerra por muitos nessa região, exprime uma interpretação coletiva local da sua origem. Se havia alguma ambiguidade sobre o sentido das suas afirmações, Maria João encarregou-se de eliminá-la ao responder à seguinte pergunta: por que tanto espiritualismo na guerrilha? Segundo ela, “não há uma pessoa que viva sem adorar os seus espíritos”³⁵². Por isso,

quando queríamos que nossa missão fosse encaminhada, ajoelhávamos para fazer o pedido aos nossos espíritos, para que nossa caminhada seja perfeita sem sobressaltos, isso fazíamos sempre. Devia-se ajoelhar para pedir ao espírito. Fazíamos aquilo que se fazia com os nossos antepassados, esse grupo da Frelimo não queria isso. Nós aceitávamos tudo e os residentes nos explicavam que deve se andar assim, se andarem nas zonas deles sem nenhum acompanhamento, passam mal. Nós dizíamos: se andávamos com espíritos, tudo saía bem³⁵³.

A RENAMO esteve sempre a explorar a parte que foi marginalizada, para impor as suas políticas conservadoras e ganhar a simpatia da população. Na verdade, com a

³⁵⁰ (CABRITA, 2000, p. 159).

³⁵¹ madzimambo waibatsira nge comida mumazona³⁵¹ mawo. (Tradução livre do autor) Entrevista com Maria João, 08.04.2021.

³⁵² Hapana munhu unogara asika dhiri adzimo (Tradução livre do autor). Entrevista com Maria João, 08.04.2021.

³⁵³ Isusu taiti tirikunda kuti ngwandza redu rifambe bhoo taigodhama to kumbira wadzimo kuti gwandzi racho rifambe zvakanaka, taita pasichigare kamare. Mukatona wakulu kuti gwandja redu rifambe bhoo waito gwadhama kwakumbira kuwakuro adzimo. Oita pasichigare agora gulupo iri ra frelimo wanga wasikadhi. Isusu taitenderwa zvese taite agari e mutunhumo waititi fambai kudhai, mukafamba mudima mawo maisongana nazvo. Isusu taiti kufamba ne adzimo zvese zvaitadha zvaibudirira (Tradução livre do autor). Entrevista com Maria João, 08.04.2021

entrada do Estado-Nação, houve uma deslegitimação geral das relações sociais originais no seio da população rural.

O tribalismo é a base da criação dos povos africanos, pois a ideia de nação foi emprestada pelo ocidente no período da colonização e legitimada pela Frelimo na Proclamação da Independência. Por isso, quando a população percebeu as políticas de reintegração dos líderes tradicionais e cultos aos antepassados, difundida pela RENAMO, viram nesse movimento um lugar certo para salvaguardar e recuperar as suas práticas e sua riqueza. Na verdade, não há como desassociar a guerra da RENAMO de uma guerra contra o Estado centralizado e moderno.

Os guerrilheiros da RENAMO mostravam-se indignados pelo fato de verem sua província ser dirigida por um secretário ou governador da outra província. Muitos dos nossos entrevistados referenciaram que “os secretários saíam de Nampula e outros cantos do país para vir mandar aqui, alguém que nem tem relação com os nossos espíritos. A RENAMO dizia que isso não dá, porque, desde muito tempo, os mambos são os que sabem dos espíritos locais”³⁵⁴.

A Frelimo não levou em consideração que a liderança nesses lugares era de caráter espiritual, cujos ancestrais deveriam aprovar, e quem poderia fazer essas atividades eram os líderes tradicionais e curandeiros. Esses últimos eram mediadores entre vivos e mortos. De uma forma ou de outra, é importante assumir que a guerra tinha também repercussão étnica, ou seja, era motivada por sentimento étnico.

Com sua negação pelo Estado moderno em algumas zonas, os mambos, de uma forma clandestina, ofereciam insumo alimentar sem chamar atenção, como explica Monica Américo: “Os mambos nos ajudavam muito, mas, na nossa zona, eles deviam fazer às escondidas, para não serem descobertos”³⁵⁵.

Isso revela que havia uma simpatia com a ideologia da RENAMO, mesmo sabendo dos perigos em que estavam entrando. Em outros moldes, os cultos aos antepassados, praticados pela RENAMO na guerrilha e nas suas zonas libertadas, davam a esperança para a população conservadora recuperar sua cultura e regressar ao seu habitat.

³⁵⁴ma secretario anobva nampula kuiya kotonga kuno, hazi kunti mudzimo dzekuno dzino dirwa sei. Renamo waite zvese izvi azviti, kubvira kare ne kere madzimambo ndiwo vaizia mudzimo epa m u t a n h a. (Tradução livre do autor) Entrevista com Maria João, 08.04.2021.

³⁵⁵ Madzimabo atibatsira so que zvaizoshupwa nekuti akazozika kuti arikubatsira renamo zvaizonetsa. (Tradução livre do autor) Entrevista com Monica Américo, 08.04.2021.

4.5 As três formas de adesão à RENAMO e seus objetivos

Esta seção objetiva explicitar as três formas de adesão à insurgência. Os primeiros a tentar interpretar a origem da guerrilha provavelmente a veem como aquela que estava a lutar por fins externos, conforme a conjuntura da Guerra Fria. As entrevistas com os guerrilheiros da base e outros membros que viviam nas zonas libertadas da RENAMO remetem-nos a uma nova interpretação. Portanto, é conveniente apresentar aqui o conteúdo desta nova interpretação para, de certa forma, demonstrar que existiam três formas de aderência à guerrilha, expondo, assim, três objetivos de combate.

Seguem, pois, as três formas de aderência à insurgência, que passaremos a chamar de três narradores dos objetivos da aderência à guerrilha. Os primeiros são aqueles que entraram na guerrilha por meio da influência dos líderes e simpatizantes. Quando eles entravam, logo eram conduzidos para um lugar na elite. Além disso, estavam mais interessados no avanço significativo da RENAMO e tinham o objetivo de estudar para depois governar o país, caso a RENAMO vencesse a guerra. Nas entrevistas, essa classe estava preocupada em explicar os contornos do surgimento da guerrilha e contradizer a mitologia da RENAMO “rodesiana”.

As transações e cooperações estavam a cargo desses, que, por sua vez, não transmitiam à base que os ajudava nem onde arranjavam os fardamentos e materiais bélicos, e nem a origem dos suplementos medicinais. A elite em alusão é moçambicana (preta), a qual, dentro da estrutura, estava interessada em transmitir a ideologia para os seus militantes das bases, para que tivessem sua lealdade e fidelidade. Até 1985, a RENAMO já tinha um avião de pequeno porte, adquirido na base das negociatas entre a elite e os empresários estrangeiros.

O segundo narrador é aquele raptado e que, posteriormente, sofreu uma lavagem cerebral, passando a carregar uma ideologia sem projetos políticos e sem uma reivindicação política palpável. Ou seja, levando consigo apenas o discurso de auto-heroísmo. Nesse grupo de narradores, enquadram-se uma parte daqueles que entraram na guerrilha via rapto e alguns voluntários.

O terceiro é aquele que aderiu ao movimento de forma voluntária por dois objetivos: o primeiro é imprimir vingança por seus bens convertidos às cooperativas e aldeias comunais, e o segundo é em razão das políticas lançadas pelo rádio Voz da

África Livre. Neste grupo, também há aqueles aderiram à insurgência por falta de ocupação.

4.6 A diplomacia na África

Contrariamente ao que vinha sendo propagado, a saber, que a RENAMO era um fantoche da Rodésia e da África do Sul, após a independência do Zimbábue, o movimento procurou a todo custo ser um movimento doméstico e depois se internacionalizar. Domesticamente, firmou acordos com as lideranças tradicionais locais. Internacionalmente, a RENAMO doméstica começou a contatar o Malawi. Nesta diplomacia, “o governo de Malauí usou o senhor Phiri, uma pessoa que era amiga do falecido Dhlakama, para negociar”³⁵⁶. Por ser militante anticomunista, o senhor Phiri era uma carta certa para intermediar e monitorar a firmação da diplomacia entre a Renamo e o Malawi de Kamuzi Banda.

Questionado se se refere ao John Phiri, aquele que tinha partido da Zambézia, Jaime João Chando responde:

Sim, o John Phiri, um gajo de Tete, Angonia. Eu conheci o Phiri cheguei na casa dele na altura, em Lilongue. O governo de Malauí usou a pessoa de John Tembo, que era ministro da segurança. Ele diz, olha se é neste caso, vocês dizem que fechou a linha férrea, não querem deixar a linha férrea a transportar mercadoria para Malawi devido a vosso problema em Moçambique, (chama-se corte de logística). Então qual é a vossa saída, como vamos fazer nas negociações? O Dhlakama disse eu vou vos deixar a linha de Tete de Zobwe, vão usar via rodoviária, vias ferroviárias, vou fechar. Mas a condição é qual? É de me deixar, vocês, eu passar de Malawi, se houver barreira para outros países, ter meu escritório no Malawi, por isso tivemos aquele escrito no Malawi no *Shilimone Seven*.³⁵⁷

Por que dar preferência à RENAMO em vez de ao governo da parte de Malawi?

A pré-história nos é clara, Malawi e Niassa pertenciam ao império de Marave, sob a tutela do Estado-satélite/reino de Mataka. Pela força da Conferência de Berlim, o Niassa passou a pertencer ao território moçambicano, onde a cultura e a política são totalmente diferentes.

Jaime Chando explica que o Tree Two, um batalhão búfalo sul-africano, ajudava tanto a UNITA como a RENAMO, ajuda com interesse de negócios. Fazendo isso, na lógica de quem vende, deve existir comprador, todo negócio deve gerar lucro. Os

³⁵⁶ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

³⁵⁷ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

brancos ajudavam a RENAMO com propósito de reaver seus bens nacionalizados. Jaime Chando justifica que os brancos diziam que, se ajudassem a RENAMO, quando estiver no poder, quando entrar a democracia, podemos, talvez, reaver os nossos bens. Entretanto, Chando explica que:

Eu recordei bem algumas negociações que houve com o governo de Banda no Malawi, vi de perto, porque na altura já era chefe das finanças. A Frelimo, na pessoa do presidente Samora, não tinha amizade com a banda que fechou. Nós tínhamos fechado a África do Sul, a África do Sul estava fechada por quê? Porque nos novos acordos de Nkomati, a África do Sul fechou, porque naquele acordo, a África do Sul encerrou a viagem de saída pela África do Sul e procurou-se uma alternativa, que era via Malawi.³⁵⁸

Na mesma lógica, a fonte explica que, depois dessas negociações, “nos aproximamos da fronteira e fizemos nossas bases; os gabinetes ficaram na via fronteira, Nyapale (Nhapale) e Nyandanda (Nhandanda). Fizemos a fronteira e conseguíamos ir ao Malawi”³⁵⁹. Depois dessas negociações,

o governo de Malawi fez jogada de cimento e tirou na altura, eu a ver, foi 400.000 dólares, ah, 400.000 dólares, dou 400.000 dólares, e deixo lhes uma brecha para que vocês possam passar daqui para fora do país sem problema, e as negociações foram feitas dessa maneira. Tínhamos 400.000 dólares nas mãos, tínhamos oportunidade de passar através do Malawi para outros países da Europa sem problemas. Sem problema de documentação, nas vezes que tratávamos a documentação no Malawi, tínhamos uma brecha com o governo Malaiano. Tínhamos outra brecha com o governo do Quênia.³⁶⁰

Além do Malawi, um parceiro comercial vizinho, a RENAMO mantinha uma relação de amizade com o governo queniano. Jaime João Chando explica que: “Lá tínhamos um escritório, estávamos sendo representados por um delegado de nome Moises Zefate Muchanga, um gajo de Manica, é um pouco manyikeze e mandau de Dombe. Tinha outro escritório em Mombaça, no Quênia, tínhamos escritório que estava o Zé Milione, estava Manuel Antônio Favor”³⁶¹. Contudo,

Zefate Muchanga era professor de matemática num dos institutos em que havia um correspondente da BBC, em Nairóbi, que era Madjambe e estava lá. Tínhamos uma equipe, havia também um secretário que estava ligado no rádio que se comunicava conosco, e usávamos a rádio de comunicação³⁶².

³⁵⁸ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

³⁵⁹ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

³⁶⁰ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

³⁶¹ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

³⁶² Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

Na verdade, da República do Quênia vinha um branco, era uma companhia grande, vinha estacionar e fazia as negociações. Essa foi a RENAMO de Dhlakama, porque a “RENAMO do pessoal de André Matsangaissa tinha os seus objetivos, só que não tinha capital, no tempo de começo, como houvesse pessoa de capital de investimento para arrancar com a empresa”³⁶³. Fruto das negociações internas e externa, a RENAMO, em 1985, já tinha três aviões de pequeno porte.

A nível intelectual e ideológico, a RENAMO tinha assessoria do professor André Thomashausen, que atuou como conselheiro do chefe do movimento.

³⁶³Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

5. ENTRE MAMBOS, MUDJIBAS, MAKAMUSI, XINGONDO E OS RECUPERADOS

O presente capítulo objetiva analisar as relações sociais, políticas e culturais entre a guerrilha e a população, na província de Manica, além dos três distritos da província de Sofala, e as suas relações comerciais com algumas empresas, bem como o papel da Igreja Católica na guerra.

Neste capítulo, serão examinados os depoimentos dos nossos entrevistados. Neste caso, guerrilheiros, mudjibas e populações das zonas libertadas pela RENAMO. Através destes dados, serão analisados os estereótipos construídos por Frelimo e RENAMO no contexto da guerra civil moçambicana.

5.1 A Igreja Católica

O objetivo dessa seção é compreender, a partir das entrevistas, se o envolvimento da Igreja Católica e da Textáfrica era do conhecimento da guerrilha da base e da população da RENAMO.

A independência de Moçambique não facilitou as atividades da Igreja Católica. Todas as igrejas, de modo geral, foram fechadas, algumas foram transformadas em centros culturais, outras em cooperativas. Isso lesou tanto a Igreja Católica como as outras igrejas. Com exceção da Igreja Católica, que estava nas mãos dos colonos, as igrejas evangélicas e pentecostais desempenharam um papel muito importante para o avanço da luta de libertação, atribuindo bolsas de estudos para os quadros que, posteriormente, vieram a ser líderes do nacionalismo.

No pós-independência, não houve política de formação de novos padres, impondo-se, assim, uma grande barreira para o evangelho. A difusão de sacramentos e a pregação da boa nova já não eram permitidos na recém-instituída nova nação. Neste contexto, a Igreja Católica viu na RENAMO uma plataforma para recuperar seus bens convertidos às cooperativas. A Igreja Católica procurou traçar uma aliança com a elite moçambicana da RENAMO, sem deixar transparecer para a população de base por temer represália do governo.

Para concretizar a vontade de recuperar seus bens, a elite da Igreja Católica, na diocese de Sofala, desencadeou uma ação de recrutamento de jovens com promessa de estudo. Na verdade, porém, eram canalizados para o comando-geral da RENAMO, em

Gorongosa. Por sua vez, os jovens recrutados na cidade da Beira iam parar na base da RENAMO, em Sofala, onde recebiam formação política e ideológica, com uma promessa de que depois fariam parte dos quadros da RENAMO, que iriam governar a província de Sofala, visto que, nessa altura, decorriam as negociações entre a RENAMO e o governo no contexto pré-Nkomati.

Nosso entrevistado Jaime João Chando (26/03/2021), que começou a ter contato com a RENAMO em 1985, como informante e então trabalhador do Banco Popular de Desenvolvimento de Moçambique, engrenou como guerrilheiro em 1990. Ao ser questionado se a Igreja Católica estava envolvida no recrutamento dos jovens para a guerrilha, e se sua participação era sentida por toda a população, esclarece que: “Só algumas pessoas; bom, sim, alguns dirigentes, mas não é a Igreja Católica como política, na pessoa de Dom Jaime. Eu tive que ir à guerra porque foi a luta deles, diziam que vocês vão estudar, pessoas daqui não tem oportunidade de estudar”³⁶⁴.

Na mesma linha, ao ser questionado se este foi o caso dele, Jaime João Chando respondeu que “sim, tive bolsa de estudo. Estava o Dom Jaime, não só o Dom Jaime como tantos, estava Dom Jaime, estava esse Silotas”³⁶⁵.

Segundo Jaime João Chando (26/03/2021), não era apenas Dom Jaime Gonçalves, Arcebispo da Beira, que estava envolvido nessa política de recrutamento pró-RENAMO. fazia parte também Dom Francisco Silotas, Bispo da Diocese de Chimoio. Segundo Jaime João Chando (26/03/2021):

[...] saíram jovens no Chimoio, saíram jovens na Beira, tinha até jovens na Zambézia, havia outro bispo ali, não sei bem, Gruveta, Gruveta, aí. Isso porque fazia assim, puxava também sempre sua parte. Dizer ok, vamos a Católica sentir dores porque só existe zona sul a estudar. E também no centro? E esses bispos e padres não são da zona centro também? Também ficavam lesados, aproveitando dessa ofensa e outra ofensa junta, significa que o saco enche por galone uma lata, e, enche o saco. Tinham problemas para resolver da Igreja Católica, sobre suas casas e residências, escritórios para reaver a Igreja Católica, como as políticas reais que conseguiram convencer o santo padre. Mas também o Dom Jaime tinha outras perspectivas, tinha uma influência direta, isso faz na tradição, faz-se assim politicamente, faz-se assim, desculpa pegar em ti (risos) Njako, Njanguo. Essa é vossa parte, essa é minha. Então a Católica dizia ok, casas o quê, quê... o Papa convencido. Mas Dom Jaime passava-lhe de trás, era Mandau, irmão e conterrâneo de Dhlakama. Porque é que não vamos levar nossos filhos da casa, vamos levar nossos filhos da casa através de si, vamos formar porque atrás da Frelimo só forma os manhambanas³⁶⁶.

³⁶⁴ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

³⁶⁵ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

³⁶⁶ Entrevista com Jaime João Chando, 26.03.2021.

Para a população da província de Manica, os “manhambanas” são todas pessoas que saíam da zona sul de Moçambique, independentemente de sua província. Essa é a versão dos jovens que foram recrutados nos centros urbanos, pelos líderes da Igreja Católica. É importante destacar que essas ações só eram sentidas nas cidades porque as populações e os guerrilheiros das zonas rurais desconheciam o envolvimento da Igreja Católica dentro da guerrilha. João Machava (31/03/2021) reconhece que a Igreja “nos ajudou muito para unir a RENAMO e o Governo para os Acordos”³⁶⁷. Mas, na mesma entrevista, faz perceber que nas bases nunca viram a presença dos padres.

Nas nossas bases, tinham igrejas muito grandes, tinha católicos e todo tipo de religião, como muçulmano, adventista. Antes de partirmos para o combate, fazíamos também orações, ajoelhamos e fazíamos oração para que Deus nos acompanhe nas nossas incursões, nós todos tínhamos certeza de que Deus existe e nos ajuda. Também batemos as mãos para que os espíritos daquela região nos ajudem, diziam vocês foram pegos pela Frelimo, agora estamos aqui para vos respeitar e pedimos vossa proteção. Os espíritos nos acompanham nas nossas incursões. Dizíamos assim: Deus acima e nos espíritos atrás, aí ficávamos bem protegidos. Isso mostra para os mambos que nós respeitamos a tradição.³⁶⁸

Netsai Tendai concorda com João Machava, ao afirmar que a Igreja Católica “só nos ajudou no fim da guerra”³⁶⁹. Ao ser questionada se as igrejas os ajudaram, a guerrilheira Antônia John (03.04.2021) argumenta que: “apenas tínhamos igrejas perto das bases com pastores, e as pessoas iam em massa. E os padres nunca chegavam lá, mas tinham a Católica e outras igrejas”³⁷⁰.

Tendai Semo, (06.04.2021), guerrilheiro e, posteriormente, cozinheiro da base, cujo ingresso na guerrilha ocorrera em 1977, argumenta que: “Eu nunca vi as igrejas dizerem que vão nos ajudar em isso mais aquilo, nunca chegaram nas nossas bases, as igrejas que nós tínhamos eram criadas pelas populações dali mesmo. Talvez, juntamente

³⁶⁷ Yakabatsira vikuro pakubatanidza Renamo ne hurumende. (tradução livre do autor). Entrevista com João Machava, 31/03/2021.

³⁶⁸ Muma base edhu manga munemachechi makuro, manga muno católica, muçulumano ma adventista, dzese cheche dzagadzirimo. Tchienda kuhondo kaizue munamoto, tai pfugama toite munamoto kuti mwari tibatsirei, teide ko ruisana ne wawenge wenhu, varikumuramba kuti mari hamiripo. To chaiya maoko, torowa maoko, toti adzimo emunyika muno makarabua ndi frelimo ino ndiko kuatir kuenda tibatsirei. (Tradução livre do autor) Entrevista com João Machava, 31/03/2021.

³⁶⁹ vakangotibatsira pakupera kwehondo (Tradução livre do autor) Entrevista com Netsai Tendai, 31/03/2021.

³⁷⁰ takangoita machechi pedyo nemabhesi ane vafundisi, uye vanhu vakauya vari vazhinji. Uye va prisita havana kumbosvikako, asi vaive neKatorike nemamwe makereke. (Tradução livre do autor). Entrevista com Antônia John, 03/04/2021.

com os mambos, faziam coletas de comunidade, mas essas coisas não sei e nunca ouvimos falar”³⁷¹.

Na mesma linha, está Zondai Nyasha, que comenta que “nunca vimos a Igreja Católica, não sei se iam secretamente para Madala nas nossas bases, nunca vimos ela chegar nem ouvir que essa comida é da Igreja Católica. Os padres nunca chegavam às bases, tínhamos igrejas entre nós mesmos”³⁷². A mesma visão é partilhada por Jeremias Gimo, que afirma que, “na nossa base, os padres nunca chegaram. Nós usamos muito a adoração dos espíritos dos antepassados para nos proteger, ajoelhamos e batíamos palmas. Pedindo que a nossa operação fosse um sucesso e que não tivéssemos mortes ao nosso lado”³⁷³.

Ao ser questionado sobre qual ajuda a Igreja Católica prestou para a RENAMO entre 1978 e 1979, Castigo Nhambo (01/04/2021) responde e explica:

Os mambos evocavam espíritos e faziam orações, nós tínhamos igrejas nas bases, mas os padres não chegavam lá, significa que não tivemos apoios diretos da Igreja Católica nas nossas bases. Após a independência, era muito difícil ver os padres em Moçambique, porque as igrejas tinham sido fechadas. Em Catandica, onde a Frelimo chegou a implementar sua administração, os religiosos da igreja Johan Malenga foram obrigados a beber uma bebida chamada kabanga e comer carne de porco, disseram que vamos comer porque estamos em festa. E mandaram formar uma fila, trazendo consigo uma caneca de um livro para receber bebida e carne de porco³⁷⁴.

Na verdade, isso criou no seio da população um sentimento antifrelimo, que os levou, por consequência, a filiar-se à Resistência Nacional Moçambicana.

³⁷¹Handisati ndamboona chechi dzichiti dzichatibatsira mune ichi kana icho, hadzina kumbosvika kumabhesiedu, machechi ataive na wo akagadzirwa nevanhu varipo. Pamwe, pamwe chete nema mambos, ndakaita ma collections emunharaunda, asi zvinhu izvi handizvizivi uye hatina kumbonzwa nezvazvo”. (Tradução livre de autor) Entrevista com Tendai Semo, 06/04/2021.

³⁷² isu hatina kumboona chechi yeCatholic, handizivi kuti vakaenda muchivande kuMadala kudzimba dzedu here, hatina kumbovaona vasvika kana kunzwa kuti chikafu ichi chaibva kuCatholic. Vapristi havana kumbosvika kumabhesi, taiva nemachechi pakati pedu. (Tradução livre do autor) Entrevista com Zondai Nyasha, 05/04/2021.

³⁷³pamuzinda wedu, vaprista havana kumbosvika. Taishandisa zvikuru kunamata midzimu yemadzitate guru kuti tizvidzivirire, taipfugama tichirovana maoko. Kukumbira kuti oparesheni yedu ibudirire uye kuti tisave nerufu kudivi redu. (Tradução livre do autor). Entrevista com Jeremias Gimo, 01/04/2021.

³⁷⁴Mambo akamutsa midzimu ndokuita minamoto, taiva nemachechi mumabhesi, asi va fundisi havana kusvikako, zvinoreva kuti takanga tisina rutsigiro rwakananga kubva kuCatholic Church muzvigaro zvedu. Pashure pokuzvitonga, zvakanga zvakaoma zvikuru kuona vaprista muMozambique nemhaka yokuti machechi akanga avharwa. KuCatandica uko FRELIMO yakaita hutongi hwayo, vanamati vechechi yeJohan Malenga vakamanikidzwa kunwa chinwiwa chinonzi kabanga nekudya nyama yenguruve, vakati tichadya nekuti tiri kupemberera. Uye vakaraira kuti vagadzire mutsara, vachiuya negogi rebhuku 1 rekugamuchira zvinwiwa uye nyama yenguruve. (Tradução livre de autor). Entrevista com Castigo Nhambo 01/04/2021.

5.2 Textáfria do Chimoio

Essa seção objetiva compreender a relação que tinha o CEO ou dono da Textáfria, Frederico Magalhães, que nas entrevistas identificamos apenas por Magalhães, com a elite da guerrilha. Ao longo da afirmação da RENAMO, nas suas operações em Moçambique, sempre houve alguns donos de empresas que se identificavam com a sua causa. Neste caso, a Textáfria, Têxtil de Púngué, na Beira, e Teximoc, em Nampula. Essas empresas tinha o mesmo dono e não foram alvo de ataques da RENAMO. Porém, nesta seção, focaremos na Textáfria, do Chimoio.

A empresa Textáfria³⁷⁵ foi instalada em 1951. Era a maior fábrica têxtil de Moçambique, na província de Manica, na cidade de Chimoio. Essa empresa manteve muitas relações comerciais com a liderança da RENAMO, na pessoa de Dhlakama. A aliança entre ambos se baseava no compromisso de não atacar e sabotar as plantações da Textáfria, em troca de logística alimentar e financeira. Nossa fonte Jaime João Chando (26/03/2021), informante e, posteriormente, guerrilheiro que ocupou o cargo de chefe das finanças na RENAMO, explica que:

Magalhães é uma pessoa, é um dos brancos que era amigo do falecido ou amigo da RENAMO. Por que era amigo da RENAMO? Ele direta e indiretamente deu muito espaço, como os outros lá em Portugal. São pessoas que cuidaram dos nossos colegas que estavam lá, tínhamos um escritório em Portugal, tínhamos escritório. O escritório da RENAMO era em Cascais³⁷⁶.

Nosso entrevistado Jaime João Chando (26/03/2021) continua explicando que o dono da Textáfria

deu oportunidade de oferecer, como tinha fábrica não só em Moçambique, mas também em Portugal, ele fez isso porque eram negociações. Eu vos ajudo nessa parte, mas deixam algumas zonas em Moçambique; se ganhar, vou reaver minha fábrica, que agora está nas mãos do governo, mas há meus trabalhadores. Há muitas fabricas, Textáfria, há a fábrica que está na Beira, há a fábrica em Nampula, a Texi-moc. Deixe-me o espaço no campo das fábricas, deixa-me os campos de produção de algodão, que os trabalhadores façam os serviços e fechem vistas e as empresas vão em frente. Como agradecimento, podia-se agradecer em fardamento, em dinheiro, em muitas variedades. Sim, por isso viu a RENAMO, o Dhlakama teve uma vivenda, ter uma vivenda, não é fácil ter uma vivenda³⁷⁷.

³⁷⁵ Depois da Independência do país, ela teve apoio de cooperantes alemães da República Democrática da Alemanha (RDA).

³⁷⁶ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

³⁷⁷ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

A história da empresa Textáfria é muito interessante, além de ajudar a RENAMO no pós-independência, a mesma Textáfria também fabricava e confeccionava fardamentos para as FPLM da Frelimo. Sem ter onde obter a farda para os seus soldados na luta de libertação nacional, a Frelimo, no âmbito da implementação das nacionalizações das empresas, tentou negociar e persuadir Magalhães através do novo gestor, que seria escolhido pelo comitê central, para manter a funcionalidade da fábrica.

Mas o proprietário declinou na negociação e, em meados de 1977, a fábrica funcionava de forma condicionada e sob a gestão de um moçambicano “quando o empresário abandonou Moçambique, momentos depois da SNASP saber sobre a ajuda logística de Magalhães à RNM de Afonso Dhlakama”³⁷⁸.

Mesmo com tantas relações com essas empresas, por que a RENAMO e Dhlakama não tiveram muitos investimentos?

Ah ah... RENAMO tinha defeito, é por isso que Dhlakama não teve muitos investimentos com os brancos. Dhlakama aceitava ajuda, mas não aceitava manipulação, aquele gajo de fora, se aparecer aqui na África a pessoa que tem ideologia como aquele. São exemplos desse professor de Tanzânia, que tiveram condecoração. Nos casos de Dhlakama, não teve espaço para as pessoas lhe conhecerem perfeitamente, não era intelectual e muito menos doutor, mas era um homem com alinhamento político muito forte. Eu recordo bem, uma das pessoas que foi o professor dele foi o professor André Thomashausen³⁷⁹, professor de direito da Nisa, formou pessoas durante a guerra, ele foi meu professor, ele dava aulas de ideologia e direito dentro da Renamo.³⁸⁰

Tudo indica que a política de negociação comercial e as relações internacionais estavam muito fracas. Isso demonstra que a guerra e a política da RENAMO, depois da independência do Zimbábue, passaram a ser inteiramente domésticas, em vez de relacionarem-se à conjuntura geopolítica da Guerra Fria, o que se explica, em parte, por uma falta de quadro que poderia mover essas relações exteriores e negócios rentáveis.

Empresas como a Textáfria viram o movimento como uma plataforma para manter os seus negócios, apesar de ela ter se aliado à RENAMO por ressentimento com

³⁷⁸ GUIMARÃES, 2018. Disponível em: <https://ambicanos.blogspot.com/2018/10/a-textafria-como-parou.html24/10/2018>. Acesso em 20/05/2021.

³⁷⁹ O professor André Thomashausen, especialista em direito constitucional baseado na Unisa, atuou nos círculos da Inteligência Militar (MI) na década de 1980, enquanto Pretória travava sua campanha de desestabilização nos estados da linha de frente. A esposa de Thomashausen, Sonia, era uma agente do antigo Serviço Nacional de Inteligência (NIS), afirmaram duas fontes bem-posicionadas nesta semana (não aprofundamos os intentos do professor Thomashausen, porque ele estava mais ligado com a elite da Renamo e o nosso foco é a base social da Renamo).

³⁸⁰ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

o governo de Moçambique. Outras empresas que compunham o elenco de relação comercial com Dhlakama foram: “Pipeline Mozambique Zimbábwe, Air British, Holanda kilimum”³⁸¹, etc. De onde provinham essas empresas e o que faziam para o movimento? Segundo Jaime João Chando, “Ten Rom (Rom Tem) era uma empresa britânica, dona da Pipeline Mozambique Zimbábwe, dona do Lomaco (Sic) Lonrho, Louro (sic), é uma companhia multinacional ligada ao combustível. Aqui em Moçambique, tinha uma empresa de algodão chamada Lomoco Lonrho”³⁸².

A Lomaco Lonrho, empresa multinacional formada pela LONRHO (London-Rhodesia) de Tiny Rowlands e pelo regime da Frelimo durante a guerra civil moçambicana, dispunha de uma milícia privada que operava nas regiões de Chókwè, Metuchira e Montepuez.

“Comandada por oficiais britânicos e do antigo exército do regime de Ian Smith, a milícia da Lomaco incluía ainda os chamados Gurkhas (atualmente G4S, uma empresa de segurança), mercenários originários do Nepal e que desde os princípios do século dezenove têm vindo a lutar ao lado das Forças Armadas britânicas em diversos conflitos militares”³⁸³.

Curiosamente, as explicações de Jaime João Chando (26/03/2021) não são partilhadas pelos seus antigos subordinados, os quais desconhecem a existências dessas empresas e nunca viram seus representantes nas bases da guerrilha. A guerrilha da base desconhece o apoio prestado pela Textáfrica e o seu patrono, o engenheiro Frederico Magalhães. Quando questionado se Magalhães era o seu parceiro, ou seja, se o fornecia fardamento, João Machava (31/03/2021) responde:

“Não, mas houve pessoas que confundiram isso afirmando que porque nós não atacamos as suas empresas, porque tudo o que era dos portugueses, a FRELIMO atacava, por isso chegaram a enviar jornalistas para certificar se, de fato, a RENAMO tinha as suas bases dentro de Moçambique ou não”³⁸⁴.

O que fazia com que não atacasse as firmas de Magalhães? João Machava (31/03/2021) explica: “A nossa política era de não estragar as coisas do dono, porque estávamos lutando para o próprio povo, seria contraditório ir sabotar a causa da luta. Levar as coisas do dono à força o país não ia desenvolver”³⁸⁵. Sobre a mesma questão,

³⁸¹ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

³⁸² Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

³⁸³ GUIMARÃES, 2018. Disponível em: https://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2009/09/multinacional-tinha-poderes-de-decis%C3%A3o-sobre-opera%C3%A7%C3%B5es-militares-contr-a-renamo.html

³⁸⁴ Entrevista com João Machava, 31/03/2021. O entrevistado se expressou em português.

³⁸⁵ Mutemo wedu waisakanganisa zvinhu zveuridzi, nekuti tairwira vanhu vega, zvaizopesana kuti tiparadze honzeri yehondo. Kutora zvinhu zveuridzi nechisimba, nyika yaisazobudirira (tradução livre do autor) Entrevista João Machava, 31/03/2021.

Jeremias Gimo (01/04/2021) explica: “Isso eu não sei porquê, mas sei que não atacamos”³⁸⁶.

Como forma de procurar precisão, o autor da tese deslocou-se do distrito de Mossurize, onde entrevistou João Machava (31/03/2021), e do distrito de Gôndola, onde entrevistou Jeremias Gimo (01.04. 202), para o distrito de Barué, onde efetuou outra entrevista com Castigo Nhambo, (01/04/2021), o qual, ao ser questionado se tinha conhecimento sobre a ajuda que Magalhães e sua empresa prestavam na guerrilha, responde: “Aí... não posso mentir, nunca ouvi falar dele na guerrilha, talvez lá com o presidente, aqui nas bases não”³⁸⁷. Na mesma linha, Zondai Nyasha (05/04/2021) afirma: “Ah... nada, nada”³⁸⁸. Segundo Netsai Tendai (31/03/2021), “eu cheguei a conhecê-lo quando já estava aqui no Chimoio pós-guerra, durante a guerra nunca tinha ouvido falar dele”³⁸⁹. Segundo Guimarães (2018):

“Magalhães fornecia a Afonso Dhlakama, incluía informações de reconhecimentos ou espionagens militares, alimentos, rádios, fardas etc. Em troca, Magalhães recebia troféus faunísticos e minérios, além do favor que teria caso a RNM vencesse a guerra e tomar Moz por via da força armada”³⁹⁰.

5.3 A política de aldeamento e cooperativa

O objetivo dessa seção é compreender, a partir da base, o que representava a política de aldeamento pós-independência e qual seria o sentimento no que tange às políticas de aldeamento.

Nos primeiros anos da independência de Moçambique, notou-se uma intensa reorganização e formulação das políticas administrativa, tais como: a criação de aldeias comunais, as machambas do povo e as cooperativas do povo. Isto é, dois anos após a Proclamação da Independência de Moçambique, em 1975, a ideia e o discurso do lançamento do programa revolucionário, oficialmente proferido por Samora Machel no 3º Congresso da FRELIMO, em 1977, foram implementados e tinham como intento a remodelação do país. Afirmava-se que: “A FRELIMO é um partido da vanguarda, da aliança entre operários e camponeses, sob a direção da classe operária, cujo objetivo é

³⁸⁶Izvi handizivi kuti sei, asi ndinoziva kuti hatirwise (tradução livre do autor). Entrevista Jeremias Gimo, 01/04/2021.

³⁸⁷ Saka...handinyepe handisati ndambonzwa nezvake kumabhunu, pamwe ikoko naPresident, kuno kumabhesi, aiwa (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

³⁸⁸ O... hapana, hapana (Tradução livre do autor). Entrevista com Zondai Nyasha (05/04/2021).

³⁸⁹ Ndakavaziva ndatova kuno kuChimoio mushure mehondo, panguva yehondo ndakanga ndisati ndambonzwa nezvake (Tradução livre do autor). Entrevista com Netsai Tendai (31/03/2021).

³⁹⁰ (GUIMARÃES, 2018). Disponível em <https://ambicanos.blogspot.com/2018/10/a-textafrica>, acesso em 21.01.2022.

destruir o capitalismo”³⁹¹. Cabia à Frelimo a tarefa de dirigir, organizar, orientar e educar as massas, transformando-as num poderoso sistema socialista.

De acordo com Thomaz (2008), no seu artigo *Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista*, Nachingwea constituía a materialização de um ideal igualitário, expresso em rituais de passagem e no dia a dia do trabalho na Machamba, nos trabalhos de manutenção do campo e no treinamento militar. Para além do interior das províncias de Cabo Delgado e Niassa, “Nachingwea também constituiu uma fonte de inspiração para os acontecimentos posteriores à independência de Moçambique, particularmente no que diz respeito à construção das machambas comunais”³⁹².

O sistema de aldeamento representava a instalação do Estado nas zonas rurais, e as guias de marcha simbolizavam o controle que o Estado devia manter com a sua população para melhor gestão e inserção do socialismo para construção do Homem Novo. Para a “FRELIMO, o planeamento central do tipo socialista oferecia um caminho para acumulação flexível do capital e o redirecionamento racional dos recursos nacionais em vista ao desenvolvimento equilibrado das populações do país”³⁹³.

As machambas marcavam o começo da estrutura econômica e administrativa que a Frente de Libertação ensaiava. Thomaz (2008) explica que as machambas comunais deveriam dispor de todo um aparato institucional, tais como hospitais, escolas, lojas do povo, cooperativas etc. Contudo, o seu funcionamento dependia diretamente dos Grupos Dinamizadores (GDs), que, espalhados por todo o país, nos campos e nas cidades, deveriam servir como instrumento de socialização política das massas, “como elo de comunicação entre a população e as lideranças da FRELIMO, bem como de vigilância junto aos potencialmente sabotadores funcionários do aparato estatal remanescentes da antiga burocracia colonial”³⁹⁴.

Para dar efeito, era necessário que se pensasse em uma estratégia para que as machambas tomassem uma outra dimensão econômica e política e sustentassem a criação das aldeias comunais, apesar de existirem aldeias sem machambas em povoados próximos. Por exemplo, as aldeias de Guindingui, Rambanai, Zonue-A, Nuakaka,

³⁹¹ CONTROLEMOS o crescimento das nossas cidades. Comunicado do Secretariado do Comitê Central do Partido FRELIMO. IN: Jornal Notícias, 14 de junho de 1982.

³⁹² THOMAZ, Omar Ribeiro. *Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista*, 2008.

³⁹³ HARRISON, Graham. Mozambique: an Unsustainable Democracy. In: *Review of African Political Economy*, n. 61, p. 429-440, 1994.

³⁹⁴ SERAPIÃO, Luís B; EL-KHAWAS, Mohamed A. Mozambique in the Twentieth Century, From Colonialism to Independence, Washington, University Press of America. 1979 p. 146-147.

Chinhabudzi, Manhene, Socera e Chissamba localizavam-se no distrito de Manica, no posto administrativo de Messica.

Nessas aldeias, o conceito de cooperativa não teve efeito e nem houve machambas de povo, porque a população resistiu e não deu o seu andamento. A população dessa região de Manica era muito conservadora e, atualmente, ainda pratica os rituais de invocação dos espíritos dos antepassados para combater a seca e as pragas. Nesta mesma região, a população aceitou viver em aldeias apenas porque era compulsória a estadia nas aldeias comunais. Sobre a questão das aldeias, o nosso entrevistado João Machava (31. 03.2021) explica que:

Quando a FRELIMO chegou em Mossurize, fez uma coisa muito triste, os militares da FRELIMO planificam para queimar as casas da população, todos aqueles que negavam ir viver nas aldeias viram suas casas queimadas. O administrador que estava aí no distrito de Mossurize sofreu acidente, porque também Smith estava queimando todas as casas agrupadas. [...] não pa r a r a m por aí, começaram a arrancar as mulheres e as filhas do dono. Quando conquistava uma menina, se caso negar, não podia andar mais na zona, bastava ser vista a caminhar sozinha matavam. Isso nos causou muito descontentamento. Depois vieram a dizer que a população daqui está negando ir às aldeias comunais. Insistiram em dizer que já é preciso ir viver nas aldeias juntos, mas eles estavam vendo a guerra movida por Smith matando muita gente. Os soldados e as milícias começaram a queimar as casas da população para que aflorassem em massa para as aldeias. Começaram na localidade de Makubvu, no dia 11 de outubro de 1979, queimaram 200 casas, as pessoas não conseguiram tirar os seus bens, tudo foi reduzido a cinzas, ou seja, tudo foi consumido pelo fogo³⁹⁵.

João Machava consegue nos elencar com detalhes porque ele fazia parte do elenco da Frelimo, porque na data dos fatos era funcionário do aparelho do Estado no posto administrativo de Dakata, distrito de Mossurize, desempenhando as funções de chefe dos “assuntos sociais”. Isso significa que ele estava ligado diretamente às operações de aldeias comunais levadas a cabo pelo Estado.

Nesta senda, Netsai Tendai (31/03/2021) argumenta que:

³⁹⁵ FRELIMO payakasvika kuMossurize yakaita chinhu chinisiririsa, mauto eFRELIMO akaronga kupisa dzimba dzevanhu, vese vakaramba kugara mumamisha vakaona dzimba dzavo dza piswa. Adm in istra tor aive imomo mudunhu reMossurize akaita tsaona, nekuti Smith aipisa wo dzimba dzese dzakaungana. [...] havana kugumira ipapo, vakatanga kubvarura vakadzi nevanasikana vemuridzi. Paakakunda mumwe musikana kana aizviramba akanga asisagone kufamba munzvimbo iyi, aingoona achifamba ega vaiuraya. Izvi zvakaita kuti tisagutsikane zvikuru. Vakabva vauya vachiti vanhu vepano varikuramba kuenda kumaruwa. Vakashingirira vachiti zvino zvave kuda kuti vaende kunogara kumaruwa pamwe chete, asi vaiona hondo yakaitwa naSmith ichiuraya vanhu vakawanda. Mauto nemauto akatanga kupisa dzimba dzevanhu kuti vaparadze misha yose. Vakatanga mudhorobha reMakubvu, 11 October 1979 vakapisa dzimba mazana maviri, vanhu vakatadza kutora pfuma yavo, zvinhu zvese zvaita dota, kureva kuti zvese zvakatsva nemoto (Tradução livre do autor). Entrevista com João Machava, 31/03/2021.

Os aldeamentos nos criaram muita dor e sofrimento. Uma pessoa para se deslocar era necessário guia de marcha. Quando sua família chegava em casa, a familiaridade e a saudade eram deixadas de lado e corria-se para informar aos secretários que recebeu alguém em casa, sem isso a pessoa e você eram presos, isso era um grande sofrimento. Havia pessoas que eram levadas para campos de reeducação e toda a população era obrigada a estar na machamba do povo. Isso me motivou a me juntar à guerra³⁹⁶.

Netsai Tendai mostra todo esse descontentamento, porque a sua família possuía bens materiais, como moagem, bois, terra (Gura³⁹⁷). Eles já tinham esses bens desde o tempo colonial, e todos os bens, com as terras, foram revertidos às cooperativas.

Jeremias Gimo (01/04/2021) argumenta que permaneceu na RENAMO quando foi raptado porque,

em Moçambique, por pequena coisa era morto pelo governo. Muitas famílias eram separadas e outras eram empurradas para as aldeias sem querer. Éramos obrigados a trabalhar nas machambas de povo. As coisas que saíam na quebra machamba ninguém sabia onde ia o produto, ficávamos a morrer de fome. Eu vi que, na verdade, isso era uma violação e falei para mim mesmo que quero lutar para acabar com isso, estava demais³⁹⁸.

Para Jeremias Gimo (01/04/2021), “são essas coisas que me levaram a ter coragem porque eu estava a ver que aquela maneira de viver era um sofrimento, por isso dei a continuidade com o sonho de muito lutar contra essa violência”³⁹⁹. Tendai Semo (06/04/2021) é um dos nossos entrevistados que expõe seu sentimento:

Eu assisti à política da FRELIMO de evacuação da mulher, levavam as mesmas e andava-se pelas ruas a gritar, prostitutas, prostitutas, prostitutas, a serem levadas para outra província que é Niassa. O Comandante André é quem iniciou com a reivindicação do que estava acontecendo. Eu vi que a política que trazia a RENAMO era uma política boa e ia ajudar a nós todos e achei normal lutar lado a lado com eles para acabar com aquilo que estava acontecendo nesse país⁴⁰⁰.

³⁹⁶ Misha yacho yakatiitira marwadzo nekutambura. Munhu wekuti afa mbe-fambe aidiwa kufamba. Kana vekwako vasvika kumusha, kujairira nekusuwa kumusha kwainge kwasiwa padivi womhanya kunozivisa mabharani kuti maiva nemunhu pamba, pasina kuti munhu uye masungwa, uku kwaiva kutambura kukuru. Pane vanhu vakaendeswa kumisasa yedzidziso uye ruzhinji rwakamanikidzwa kuve mumachamba evanhu. Zvakandikurudzira kupinda muhondo (Tradução livre do autor). Entrevista com Netsai Tendai, 31/03/2021.

³⁹⁷ Gura é uma porção de terra familiar que é passada de geração para geração, e nessa porção é que está instalado o cemitério familiar.

³⁹⁸ muMoçambique, nokuda kwechikonzero chidoko akaurayiwa nehurumende. Mhuri dzaka wanda dzakaparadzaniswa uye dzimwe dzakasundirwa kumisha nokusaziva. Takamanikidzwa kushanda muminda yevanhu, zvinhu zvakabuda mumunda imomo hapana aiziva kwakaenda chigadzirwa, taka sara tichifa nenzara. Ndakaona kuti uku kwaitova kutyora mutemo ndikazviudza kuti ndinoda kurwisa kuti zvipere, zvainge zvanyanya (Tradução livre do autor). Entrevista com Jeremias Gimo, 01/04/2021.

³⁹⁹ izvi ndizvo zvinhu zvakaita kuti ndishinge nekuti ndaiona kuti mararamiro iwayo aitambura, saka ndakaenderera mberi nehope dzekurwisa mhirizhongwa iyi (Tradução livre do autor). Entrevista com Jeremias Gimo, 01/04/2021.

⁴⁰⁰ Ndakaona mutemo weFRELIMO wekubvisa madzimai, kuvatora vachifamba mumigwagwa vachiridza mhure, mahure, mahure, mahure, vachieneswa kune imwe province inova Niassa; Commander André ndiye akatanga nekutaura kwezviri kuitika. Ndakaona kuti mutemo wakaunza RENAMO waive mutemo wakanaka uye waizotibatsira tose ndikaona kuti zviri normal kurwisana navo

Tendai Semo (06/04/2021) sustenta que, quando a RENAMO o raptou, disseram-lhe que

“você vão deixar as vossas esposas para ir à Operação Produção? Então nós estamos a lutar para isso terminar e ficarmos livres. Vejam como estas aldeias estão a destruir nossa cultura; se nós todos passarmos a viver nas aldeias, os nossos bois e cabritos vão ficar com quem? Querem sair longe das vossas machambas para viver na aldeia? Então devem nos ajudar para acabarmos com isso”⁴⁰¹.

Na verdade, a ideia desenhada antes pela Frelimo estava em direção a um paralelismo evolucionar entre as aldeias comunais, as machambas e as cooperativas. Ou seja, para cada aldeia comunal, deveria existir uma machamba do povo e uma cooperativa, que poderia responder às necessidades produtivas daquele ciclo administrativo. Simão Manuel Mupinda (07/04/2021) entra na guerrilha com o intuito de retaliação às políticas de cooperativa e aldeamento por sua perda de moagens.

O que me fez cumprir na verdade foi o seguinte: eu tinha minha moagem, a FRELIMO chegou na minha moagem e tirou todo mundo que estava ali, daí queimaram a moagem nessa altura, eu não era militar nem militante. Quando a RENAMO me raptou, acabei aceitando porque não tinha mais o que perder, todas minhas coisas acabaram sendo queimadas. É esse motivo que me fez ficar lá até agora. A FRELIMO queimava nossas casas porque não queríamos ir à casa, quando já estávamos na luta começaram a queimar casas de povo. Levavam as nossas famílias e outras pessoas para operação produção, isso nos fez intensificar mais as nossas incursões, para mostrar que não queríamos isso que estava acontecendo. Sobrinho, já imaginou guia de marcha no seu próprio país? Na verdade, trabalhamos até guerra acabar. Vimos as guias de marchas terminando e as pessoas já estavam a circular normalmente. Agora já estamos a viver bem, mas foi uma grande batalha e rejeição para chegar a esse nível agora⁴⁰².

Segundo Simão Manuel Mupinda (07/04/2021):

kuti zviri kuitika munyika iyi zvipere. (Tradução livre do autor) Entrevista com Tendai Semo, 06/04/2021.

⁴⁰¹ Muchasiya madzimai enyu achienda kuOperation Production? Saka tirikurwira kuti zvipere tisununguke. Ona kuti misha iyi irikuparadza sei tsika dzedu; kana tichigara tese mumisha, mombe dzedu nembudzi zvinosara naani? Unoda kusiya mapurazi ako uchinogara kumusha here? Saka zvinofanira kutibatsira kupedza izvi (Tradução livre do autor). Entrevista com Tendai Semo, 06/04/2021.

⁴⁰² Chakozoti ndi comprir, chakazondinyangadza maning, inini ndangandino Guina rango, moagem wekukwiya uya entao vanthu, wanga waripo wogogomerwa nge frelimo, kwakupisa guineiro. Mazoa acho ndanga ndisati nda musodja. Ngokutozo ona iwona aguma ndikati ndichadha kugarirei inini zvirozvangu zvapera kupisua, akandibata kwakutopinda. Ndoto cumprir kuti zviro zvipere até agora. FRELIMO vakapisa dzimba dzedu nekuti taisada kudzokera kumusha, patakanga tatova muhondo vakabva vatanga kupisa dzimba dzevanhu. Vakatora mhuri dzedu nevamwe vanhu kuproduction operation, izvi zvakaita kuti tiwedzere mapindiro edu, kuratidza kuti taisada zvaitika. Mwana wehanzvadzi, wakambofungidzira here mutungamiriri ari kufora munyika yako? Chokwadi, ta kashanda kusvikira hondo yapera. Takaona march guides achipera vanhu vave kutofamba zvavo. Iko zvinota inge tave kutogara zvakanaka, but it was a big battle and rejected to get to that level now (Tradução livre do autor). Entrevista com Simão Manuel Mupinda. 07/04/2021.

Os jovens viram que o sofrimento estava demais, porque para se deslocar era necessário guia de marcha, sem guia de marcha não podia sair mesmo com bilhete. Foi muito difícil viver naquela época, outros eram forçados a ser milícias, basta negar e chamboco contigo. Íamos que quem ia à machamba pessoal era punido, já na nossa guerra quem ia à machamba era dito que foi cozinhar para eles. E vinham aonde fazíamos trabalho e dizia m vale à pena lutarmos para isso acabar, ficamos até André morrer e depois votamos em Dhlakama⁴⁰³.

Na mesma linha de pensamento, encontramos os depoimentos de Titosse Muzandje (23/05/2021), que relata que simpatizava com a RENAMO porque

era difícil, porque o que eu estava vendo ali nas aldeias, mesmo querendo sair para suas machambas distantes, era pedir guia de marcha. E toda gente devia cumprir porque se você saísse e fosse encontrado, era batido e punido. Só para ir à machamba era necessário guia de marcha, se você fosse encontrado sem guia de marcha e resistisse, em alguns casos era morto. As pessoas cumpriam devido ao medo. Outra coisa era machamba do povo, devíamos trabalhar em cooperativa nas machambas do povo. O milho que saía naquelas machambas ninguém sabia para onde era destinado, a população sofria a fome mesmo sabendo que tinha produção na machamba do povo. Eles levavam o milho e iam vender o dinheiro, eu vi que isso era muito difícil então não vou sair, levavam mulher de dono para ser DF ou milícias. E na verdade eu vejo que diminuimos muita coisa. Agora as coisas estão querendo acontecer de novo porque estão me proibindo de içar a bandeira da Renamo. Às vezes pensamos que estão fazendo isso porque já não temos armas. Por isso é isso que tinha para te contar, meu sobrinho⁴⁰⁴.

A distribuição geográfica das aldeias foi de forma irregular e sem desenvolvimento acelerado, nem proporcional, em algumas áreas do interior do país. Podemos observar esses casos em algumas províncias como Manica e Tete, cujas características eram mais capitalistas do que comunistas, devido à sua aproximação com a Rodésia do Sul-Zimbábue e Zâmbia. Nestas regiões, existiam aldeias sem nenhuma cooperativa porque a ideia de aldeia era mais agressiva do que a da criação das cooperativas.

Nesta linha, os argumentos de Araújo (1989) nos fazem perceber que a relação entre a cooperativa e a aldeia comunal nem sempre foi positiva, pois, em 1978, existiam cerca de 857 aldeias comunais em todo país, e apenas 180 cooperativas. Araújo (1989) vai além e traz detalhes mais recentes, indicando que no ano de 1982/83, o número de aldeias cresceu para 1362, e o de cooperativas passou para 375.

⁴⁰³ majovem akazviona kuti, kushupika kwanga kwaitika magwasha, waidha kufamba e guia de marcha, usina guia de marcha apana kwa ienda, nem bilhete. Zvakaneetsa maningamweni eibatha echizua milícia s ukuramba waipondwa, waenda kumaminda akati waenda kowabikira. Etenda ikona kwataibata basa akati zvirinani kurwisa ate kuwakunda. Zvakandika kwakugara até teenda kozva kuti André Matsangaissa wafa. To dira Dhlakama (Tradução livre de autor). Entrevista com Simão Manuel Mupinda. 07/04/2021

⁴⁰⁴ Entrevista com Titosse Muzandje. 23/05/2021. Entrevista conduzida em português.

Nesta mesma seção, explicamos que no distrito de Manica, até 1991, as aldeias comunais não estavam conectadas às machambas. Na aldeia de Zonue-A, em que vivia o autor desta tese, sua aldeia não estava conectada com nenhuma machamba do povo e nem se fazia sentir a ideia de machamba, nem de lojas e armazéns do povo. A população ia para as suas palhotas das aldeias ao final do dia, ou seja, à noite, para dormir, e de dia voltava às terras dos seus ancestrais, onde tinham as suas machambas e bens, como boi, milho, mapira, cabrito etc.

5.4 Os mambos-régulos

Esta seção objetiva explicar a intervenção dos mambos⁴⁰⁵ da província de Manica na logística e instalação das bases da RENAMO, entre 1977 e 1986. Em relação à temática em exposição, Michel Cahen argumenta que “os chefes tradicionais tiveram, é sabido, uma enorme importância na estratégia da RENAMO: oficialmente suprimidos pela FRELIMO, acusados em bloco de terem sido colaboradores do colonizador”⁴⁰⁶.

Contudo, Cahen entende que “apesar da sua importância, os régulos estão quase totalmente ausentes dos *Cadernos* consultados, o que se compreende, visto que os *Cadernos* são documentos militares”⁴⁰⁷. Para Cahen “os régulos aparecem nos *Cadernos* quando estes tratam de casos em que a solução de um problema devia ser meramente civil”⁴⁰⁸.

Em relação ao papel dos mambos dentro da RENAMO, o nosso entrevistado Tendai Semo (06/04/2021), guerrilheiro que entrou na guerrilha, em 1977, via rapto pela base de Museswa, no distrito de Sussundenga, argumenta que:

Por exemplo, onde estávamos, em Adzimurwi, nós não tínhamos machambas. Eles que mobilizaram o seu povo para nos ajudar em comida, e essa comida, quando era doada, era armazenada em casa dos Mambos e depois enviada com as pessoas para as nossas bases. Eu comecei antes de haver mudjibas, porque estes começaram a atuar nos finais de 1978. Os outros iam deixar na casa dos líderes, depois os soldados iam buscar, sabe dizer que mambos e os líderes são pessoas bem diferente, né? O líder (Samutanha) e satélites do mambo⁴⁰⁹.

⁴⁰⁵ Mambos ou Régulos, uma das designações para chefes tradicionais.

⁴⁰⁶ CAHEN, 2019, p. 155.

⁴⁰⁷ Idem, 2019, p. 156.

⁴⁰⁸ CAHEN, 2019, p.156.

⁴⁰⁹ Por exemplo katanga tiri Adzimurwi como isuso tanga tiri mukati, taizwa echibatsira nechikafo, chakafo chaiundzua chechisiwa kwamambo kozo tumwa vanhu kwenda ko torwa. Am wene a ienda ko sia pa samutanha kubetsa masodja como hana tempo eku tsvaka chikafo. (Tradução livre de autor). Entrevista com Tendai Semo, 06/04/2021.

A nossa fonte Castigo Nhambo (01/04/2021), guerrilheiro da RENAMO que ingressou na guerrilha, em 1979, pela base de Catandica, explica que “os mambos voltaram às suas atividades por nossa causa. Sabes que quando a FRELIMO entrou no governo, as pessoas foram proibidas de seguir as autoridades tradicionais, só deviam se dirigir apenas aos secretários?”⁴¹⁰. Para Castigo Nhambo (01/04/2021),

os secretários saem de Nampula para governar aqui, nem sabiam como se adora os espíritos daqui ou nossos. A RENAMO dizia que isso não podia acontecer, porque desde os nossos antepassados, os mambos é que conhecem os espíritos da nossa zona. São eles que sabem explicar que deve ser assim e deve andar assim, são os mesmos que evocavam os espíritos quando tivessem problema de água. Ninguém mais estava a evocar os espíritos para chuva, mesmos problemas, ninguém ia mais se queixar nos mambos, tudo acabava nos segredos. Qualquer falha que uma pessoa cometia, os secretários mandavam capinar nas machambas do povo, esse é que era o julgamento. Nas cooperativas, éramos obrigados a nos associar. No nacionalismo, é aí onde as pessoas começaram a sofrer, nem sabão não tínhamos, sabão que tínhamos era tipo batata doce, quando esfregava na camisa sujava a própria camisa. Sofríamos com os portugueses, mas tínhamos comida independente deles, é essa mesma onde está a melhor vida que eu nos prometia. Os chineses e cubanos tinham suas lojas, não podia entrar uma outra pessoa, os negros não eram permitidos de comprar nas lojas desses. Se ver um negro a entrar naquela loja, deve saber que era trabalhador dos cubanos ou chineses⁴¹¹.

Para explicar essa relação entre os mambos e a RENAMO, Jaime João Chando (26/03/2021) depõe que na “RENAMO os líderes tinham muito poder e tem muito poder, são as pessoas políticas de muito poder, por quê?”⁴¹²

Dou exemplo de Afonso Dhlakama, o pai dele era régulo e, como pai dele fosse régulo, ele sabia valorizar as políticas do regulado, os poderes de um regulado. E como os régulos, durante a guerra, tinha política de como

⁴¹⁰mambo vakadzokera kumabasa avo nekuda kwedu. Unoziva here kuti FRELIMO payakapinda muhurumende vanhu vakarambidzwa kutevedzera zvivanhu vanofanira kungoenda kuvanyori (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴¹¹Ma secretario anobva nampula kuiya kotonga kuno, hazi kunti mudzimo dzekuno dzino dirwa sei. Renamo waite zvese izvi azviti, kubvira kare ne kere madzimambo ndiwo vaizia mudzimo epa mutanha. Ndiwo anozia kuti zvino famba sei, kune mbvura yashota munodira sei. Hakuna ucha dirá mbvura, kana nyaia dzaitika hapana kuaticha queixar, nem kutongwa, zvose zvakundo perera muma secretario. Kum secretario waite watazda iwewe kamani korima munda we povo ndiko kotonga kacho; (riso). Cooperativa ngatite musengo mesengo ko rima munda we povo. Hapana aishvedzera mweya yemvura, hapana aive achachema chema nedambudziko rimwe chete mumambos, zvese zvakangoperera pakavanda. Chero kukanganisa kwaitwa nemunhu, mabharani aibva arayira kuti minda yevanhu isakurwe, ndiko kwaiva kutonga. Mumacooperatives, taisungirwa kuzvibanidza. Munyika ndipo pakatanga kutambura vanhu, tainge tisina kana sipo, sipo yataiva nayo yaaita kunge mbambaira, ukaizora pahembe yaivibisa hembe yako. Takatambura nemaPutukezi, asi taiva nezvokudya zvakasununguka kubva kwari, uku ndiko kune hupenyu hwakanaka hwandakatimbisa. VekuChina neveCuba vaive nezvitoro zva vo, hapana aikwanisa kupinda, vatema vaisabvumidzwa kutenga muzvitoro izvi. Ukaona murume mutema achipinda muchitoro ichocho, anofanira kuziva kuti aive vashandi vekuCuba kana vekuChina (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴¹² Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

conseguir sensibilizar o povo para conseguir apoiar logisticamente. Como estava a dizer que a própria RENAMO não tinha um investimento 100% externo, tinha 25% externamente, mas os 75% eram internamente, na parte logística, alimentar, tinha que se usar os régulos para fazer as políticas de fazer contribuição, semanalmente ou de dois em dois dias, a tirar copo, copo de farinha, era simplesmente da área deles. Havia logística de armamento, camas, mantas, fardamentos, eram os amigos empresários que investiam porque tinham seus interesses. Outros vinham por questões de negócios (não vou lhe esconder, vou lhe abrir o jogo) alguns diziam dou-lhes isso, por exemplo, uma avioneta para servir das vossas viagens do trabalho das negociações⁴¹³.

Neste contexto, Jeremias Gimo (01/04/2021) traz uma versão mais abrangente e nos fazer entender que “os mambos nos davam comida quando solicitássemos, mas quem procurava comida de verdade eram os Mudjibas. Na casa dos mambos, basta chegar lá e dizer ‘somos vossos filhos que estão a lutar para as coisas se tornarem bem’ e logo nos davam comida e nos defendiam”⁴¹⁴. Na verdade, é importante esclarecer que essa cooperação variava de região para região.

Netsai Tendai (31/03/2021) explica que nesse tempo a RENAMO teve muita ajuda dos curandeiros, líderes religiosos, e dos mambos. Segundo Netsai Tendai (31/03/2021):

Tudo que se queria lá dentro. Tradicionalmente, recorremos aos mambos, emprego dávamos ao que era necessário, eles nos explicaram. Se for um facto fazer uma cerimônia, os mambos nos diziam o que era necessário, ou seja, o material necessário para a execução da cerimônia, e daí a RENAMO ia buscar o material e entregava aos mambos, e os mambos faziam a cerimônia em nome do sucesso da nossa guerrilha⁴¹⁵.

Para Maria João (08/04/2021), “os mambos nos ajudavam na comida. Nós dizíamos a todos para andar com espírito, tudo o que queremos sairá perfeitamente. Não há pessoa que viva sem a proteção dos espíritos locais ou familiares. A nossa cultura era muito importante para nossa vida”⁴¹⁶. Os depoimentos dos nossos entrevistados

⁴¹³ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

⁴¹⁴ madzimambo waitipa chikafu patakakumbira, asi ivo vaMudjiba ndivo vaitsvaga chikafu chaicho. Mumba mamambo, chamunongoita kuenda ikoko muchiti ‘tiri vana venyu vari kurwira kuti zvinhu zvifambe zvakanaka’ vobva vatipa zvekudya vachitirwira (Tradução livre do autor). Entrevista com Jeremias Gimo, 01/04/2021.

⁴¹⁵ Zvese zvaiddiwa mukati, zvechivanhu, taishandisa mambo, taishandisa zvaiddiwa, vakatitsanangurira. Kana chiri chokwadi kuita mhemberero vaMambo vaiitudza zvaiddiwa kureva kuti zvinhu zvaiddiwa pakuita mhemberero iyi vobva vatora RENAMO vononga zvinhu zvacho voendesa kumambo uye mambokadzi voita mhemberero. muzita rekubudirira kwemubhunu wedu. (Tradução livre do autor). Entrevista com Netsai Tendai, 31/03/2021.

⁴¹⁶ Madzimambo waibatsira nge comida mumazona mawo. Isusu taiti kufamba ne adzimo zvese zvaiddiwa zvaibudirira. Hapana munhu onogara asika dhiri adzimo. Maibatsirika nekuti mukafamba musikazi kwakumbira hadzimo machenguetua ndiani. Adzimo e mumutunhumo amutungamirira. Isusu taitenderwa zvese taite agari e mutunhumo waititi fambaikudhai, mukafamba mudima mawo maisongana nazvo (Tradução livre do autor). Entrevista com Maria João, 08/04/2021.

mostram que os mambos tinham muita importância na logística alimentar e militar, além das influências juntos aos curandeiros, uma proteção espiritual para o sucesso da guerrilha.

5.5 Os Mudjibas

A presente seção objetiva entender a função dos mudjibas para a população e guerrilha, no contexto da guerra civil. Os mudjibas eram homens, jovens leais, alguns civis e outros paramilitares, que continuavam a viver na população e serviam como elo de ligação entre a guerrilha e a população, atuando como informantes.

Michel Cahen começa afirmando que “desde os trabalhos de Christian Geffray, pensava eu que os mudjibas eram milícias locais submetidas às ordens de chefes tradicionais partidários da Renamo”⁴¹⁷. Segundo Cahen, “isso pode ser verdade, mas, como os chefes tradicionais quase nunca aparecem nos *Cadernos* (cf. *supra*), não há material suficiente para analisar as relações entre eles e o que transparece é a total subordinação dos mudjibas às bases da RENAMO”⁴¹⁸. Para ele, “os mudjibas eram homens, jovens ou homens maduros, civis e que continuavam, salvo algumas exceções, a viver entre a população como camponeses, desempenhando funções paramilitares, mas também meramente civis”⁴¹⁹.

Depois de termos citado os escritos de Michel Cahen (2019), surgiu-nos uma questão, a saber: como eram escolhidos? Para encontrarmos a resposta a essa questão, recorreremos às nossas entrevistas. Joana Mbadzo (24/03/2021) explica o seguinte:

Eram escolhidos da seguinte maneira: os militares da RENAMO, quando chegavam numa aldeia, perguntavam pelo secretário, e nós falávamos que não o conhecemos. Daí indicavam fulano. Mudjibas era m como secretários, exemplo, eu tenho um cunhado. Nós lá chamávamos mudjibas, são eles que faziam contatos entre a comunidade e os guerrilheiros da RENAMO. Traziam informação⁴²⁰.

Sobre essa mesma questão, Castigo Nhambo (01/04/2021) elenca que “sabe quando estamos numa sociedade, a priori, já podemos ver que esse dá não devido ao seu comportamento e simpatia que tinha com a guerrilha, a forma de falar com a guerrilha

⁴¹⁷ (CAHEN, 2019, p.157).

⁴¹⁸ Idem, 2019, p. 157.

⁴¹⁹ Idem, 2019, p.157.

⁴²⁰ Entrevista com Joana Mbadzo, 24/03/2021. Entrevista conduzida em português.

era muito importante, sua conduta”⁴²¹. Porque além de trazer informações para as bases, também desempenhavam as funções de policiamento rural, controlando todo o território libertado pela RENAMO. Por isso, sua conduta e moralidade e simpatia com a guerrilha eram elementos-chave.

Neste contexto, Maria João (08/04/2021) explica que:

Se chegássemos numa casa e os donos não fugirem e vocês fizerem isso duas ou três vezes para ver mesmo o comportamento, aí já dava para confiar no dono e no filho daquela família, porque havia famílias que fugiam, às vezes chegávamos numa casa e eles nos davam farinha ou ajudavam a procurar galinha. Os mudjibas faziam uma viagem daqui até a Beira para vir nos dar a comida. Quando chegavam perto das bases no controle, deixavam a comida e voltavam. Os mudjibas não eram permitidos entrar nas bases⁴²².

Contudo, Zondai Nyasha (05/04/2021) esclarece que, para ser indicado como mudjiba, primeiro

era visto pelos seus serviços e honestidade, aí dizíamos isso merece. Outro qualificativo era a coragem que ele mostrava nos dias de ser testado, dizíamos esse merece ser mudjiba e esse merece ser broco (brocos são milícia da Renamo que tinham as mesmas funções dos mudjibas, mas estes estavam mais ligados na coleta de alimentos); eles faziam distância daqui até Gondola à procura de comida e deixavam na casa do mambo⁴²³.

João Machava (31/03/2021) compartilha os mesmos critérios, elencando:

Primeiro, era visto pela voluntariedade e colaboração que fazia pela guerrilha. Aí era premiado em ser um informante, Guerrilha, para além de ser informante, também tinha função de ir coletar alimentos junto à população. Esse tinha um dinamismo corrido, como sair daqui até na Soalpo, eles faziam uma distância de Chimoio a Gondola, muitas vezes andavam duas ou uma pessoa, e alguns andavam de bicicleta. Tenho a dizer que os Mudjibas fizeram muito trabalho⁴²⁴.

⁴²¹munoziva kana tiri munzanga, priori, tinotoona kuti uyu haape nekuda kwehunhu hwake uye tsitsi dzaaive nadzo nebhunhu, matauriro aaiita nebhunhu aive akakosha, maitiro ake (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴²²Tikasvika pamba varidzi vacho havana kutiza ukaita kaviri kana katatu kuti unyatsoono hunhu hwacho taibva tatovimba nemuridzi nemwana wemhuri iyoyo nekuti kune mhuri dzakatiza. dzimwe nguva ndaisvika pamba vakapa hupfu kana kubatsira kutsvaga huku. VaMujiba vakaita rwendo kubva kuno kuBeira kuuya kuzotipa chikafu. Paakasvika pedyo nemabhesi ekudzora, akasiya chikafu ndokudzoka. VaMujiba havana kubvumidzwa kupinda mumabhesi (Tradução livre do autor). Entrevista com Maria João, 08/04/2021.

⁴²³Ah... taiona nama basa ake maitiro ake kuakite uyu merece nekugwarira kwakaita. Ne coragem yangu arinawo, nekuti amweni mabjuba anga ane coragem kudharika masodja wanga wano coragem mesmo, isuto ona kuti merece kuita mabroco ou mudjibas, wamwe wai svika gondola mesmo echitsvaka chikafu um povo, ate kwa mambo (Tradução livre do autor). Entrevista com Zondai Nyasha, 05/04/2021.

⁴²⁴Hasi vanga wano basa, chikafu chese chekuiti tirie chaiundza ndiwo, massoko ekuti kurikuitika zvakati zvankati, kurikua masodja ndiwo vanga echuundza. Wai rumba kabva zakaita pano kosvika ku soalpo hopa choko umweni humwe otorao ate gondola kuita kupirana so, waifamba 2 ou 1, wamwe va ifamba nema bascoro. Mamujiba akaita basa guro manig (Tradução livre do autor). Entrevista com João Machava, 31/03/2021.

Podemos ver que cada região tinha seus critérios de seleção de mudjibas, como observamos nos depoimentos de Jeremias Gimo (01/04/2021):

Para selecionar mudjibas, os militares iam capturar os jovens e depois se sentavam com eles a lhes dar instruções, que vossa tarefa era procurar informações e alimentação para vir nos entregar na base. *Quando íamos ao combate, eles nos seguiam atrás; quando fazíamos assalto, eles carregavam os produtos (Riso... já estou a contar o segredo)*⁴²⁵.

Diante desses depoimentos, podemos chegar a uma outra questão muito importante, qual seja: quais eram as funções dos mudjibas? Segundo Jaime João Chando (26/03/2021), “os Mudjibas eram informantes”⁴²⁶. Na mesma linha, encontramos João Machava (31/03/2021), que esclarece que “os mudjibas eram informantes”⁴²⁷. Para Netsai Tendai (31/03/2021), os mudjibas

são aqueles que traziam as informações, eram escolhidos de acordo com o seu dinamismo e a maneira de se comportar perante a guerrilha. Eles traziam a informação de uma forma rápida e sempre estavam a correr de um lado para o outro a procura das novas informações. São os que nos alertavam que o inimigo está a vir, porque ele se infiltrou nas aldeias para colher as informações⁴²⁸.

De acordo com Zondai Nyasha (05/04/2021), “os mudjibas recrutavam os jovens e os deixavam na casa dos mambos para que os outros mudjibas levassem os recrutados hospedados na casa dos mambos para a nossa base”⁴²⁹. Na mesma linha, Zondai Nyasha (05/04/2021) explica que

“eles ajudavam muito na questão da comida, aquilo que falamos, procuravam comida e iam deixar na casa dos mambos, e procuravam pessoas para carregar os produtos até a nossa base, os carregadores deixavam a comida no controle da base porque não eram permitidos entrar na base”⁴³⁰.

⁴²⁵ Kusarudza mudjiba, mauto aibata vechidiki ogara navo ovapa mirairo, kuti basa rako raive rekuts v a garuzivo nezvekudya zvinouya kuzotipa pabhesi. Patakaenda kundorwa, ivo vakatitevera shure kwedu; patakaita humbavha, vakatakura zvigadzirwa (Kuseka ... Ndiri kutotaura zvakavanzika (Tradução livre do autor). Entrevista com Jeremias Gimo, 01/04/2021.

⁴²⁶ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

⁴²⁷ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

⁴²⁸ Wana mudjiba, ndiwo vaundza informação undzamasoko, vaiti wakahona inimigo wai gogoma até pa controlo com buya kuti inimigo irikuguma. Wanga asikatrenarui nekuti era informante. Ya wana mudjibas wona awo waibata basa irona ir, wano bvundzua kuti i chikafu chiri kuti chotera, wofamba echikumbira echisa pabvimbo iwe saka masodja ouya o takura, waiwe musoho (Tradução livre do autor). Entrevista com Netsai Tendai, 31/03/2021.

⁴²⁹ vana mudjiba vakatsvaga vechidiki ndokuvasiya pamambo kuti vamwe mudjiba vatore varoi vanogara paimba mambo kumuzinda wedu (Tradução livre do autor). Entrevista com Zondai Nyasha, 05/04/2021.

⁴³⁰ vakabatsira zvikuru panyaya yechikafu, zvatakataura vakatsvaga chekudya ndokuchisiya pamba pamambos ndokutsvaga vanhu vekutakura nhumbi dzekuisa kubase kwedu, vatakuri vakasiya chikafu chiri mukutonga kwebase nekuti. vakanga vasingabvumirwi kupinda mubhesi (Tradução livre do autor). Entrevista com Zondai Nyasha, 05/04/2021.

Antônia John (03/04/2021) esclarece que, “em caso de haver comida, os mudjibas traziam juntamente com o povo; em casos críticos, aí os militares iam juntamente com o mudjibas”⁴³¹. Para Castigo Nhambo (01/04/2021), “quem mobilizava muito eram os mudjibas, são eles que mobilizaram. Os mambos falavam com a sua população que os nossos filhos precisam de ajuda e estão no mato a sofrer por nós. Eles estão a lutar para nos libertar, então vamos ajudá-los”⁴³².

Conforme Monica Américo (08/04/2021), “os mudjibas são os que traziam comida, informações para os militares. Eles andavam de casa em casa à procura de comida e também faziam o mesmo para mobilizar pessoas para carregar”⁴³³. Para além de coletar a comida, os mudjibas tinham funções de espões, como explica Castigo Nhambo (01/04/2021) nos seus depoimentos:

Eles tinham a tarefa de girar na zona procurando informação, se havia alguém estranho aqui na zona. Ou não tem umas marcas de entrada dos militares na zona e a população não falou. Se entra sse um inimigo, corria m e vinham nos informar. Daí se preparavam para uma emboscada. Se caso dissessem que viram pessoas com armas nas mãos, daí mandavam alguns⁴³⁴.

Por essa razão, Michel Cahen afirma que a “outra qualidade dos mudjibas era o fato de conhecerem muito bem o lugar donde eram naturais”⁴³⁵. Na verdade, os mudjibas tinham um duplo papel de coletar informações antes e depois dos combates, eles faziam uma espécie de relatório para a base. Segundo a mesma linha de ideia, procurou-se saber se os mudjibas eram detentores de armas.

Em relação a essa questão, João Machava (31/03/2021) explica que os mudjibas “não tinham acesso às armas, mas quando a população capturava uma arma, entregava aos mudjibas e eles traziam até a base. Não eram permitidos usar as armas, não admitimos, porque temíamos que um podia zangar com outro e daí ia usar a arma”⁴³⁶.

⁴³¹kana zvokudya zvaivapo, vadjiba vakauya nazvo pamwechete navanhu; mumamiriro ezvinhu akaoma, ipapo mauto akaenda pamwe chete nemadjibas (Tradução livre do autor). Entrevista com Antônia John, 03/04/2021.

⁴³² vakakorodza vazhinji vaive mudjiba, ndivo vakakorodza. Mambo vakataura kuvanhu va vo kuti vana vedu vanoda rubatsiro uye vari musango vachitambura nekuda kwedu. Vari kurwira kutisunungura saka ngativabatsirei (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴³³vanamudjiba ndivo vakauya nechikafu nemashoko kumauto. Vaifamba neimba neimba va chitsvaga zvekudya uye vaingoitawo zvimwe chetezvo kuunganidza vanhu kuti vatakure (Tradução livre de autor) Entrevista com Monica Américo, 08/04/2021.

⁴³⁴Vanamuduba ndavo vakauya nechkafu nemako kumauto. Vaifamba neimba neimba yekutsvaga vachitsvaga kutsvaga nokururamisira vangonorairidza kuti vatakure (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴³⁵ (CAHEN, 2019, p. 157).

⁴³⁶vakanga vasina kuwana zvombo, asi vanhu pavakatora chombo, vakachipa kuna vadjiba uye vakauya nacho kubhesi. Vaisatenderwa kushandisa zvombo isu taivatendera nekuti taitya kuti mumwe anogona

Substanciando os depoimentos dos nossos entrevistados com a literatura, Michel Cahen extrai dos cadernos de Gorongosa uma mensagem que indicava que: “Na região Leopardo Norte, em julho de 1983, um mudjiba recuperou 300 munições AK-47, em Tarua, perto da aldeia comunal de Namiganha. Ainda em julho, um mudjiba da região Gato Norte trouxe material importante recuperado numa viatura militar que saltou numa mina na estrada Namorua⁴³⁷. Isso mostra quais as tarefas que tinham e que ao mesmo tempo não podiam ficar armados.

Questionado se havia mudjibas que entravam nas bases, Castigo Nhambo (01/04/ 2021) elenca que “éh... (riso). Havia alguns que já entravam, só aqueles que tinham ganhado uma autorização para chegar nas bases, apenas esses deveriam chegar na base”⁴³⁸.

Mesmo não tendo acesso às bases, os mudjibas eram também treinados para os serviços de examinar as áreas a serem emboscadas. Muitas vezes, eram enviados para reconhecer os lugares onde as forças governamentais guardavam as armas, para depois os guerrilheiros irem tomar de assalto. Eles eram flexíveis e tinham uma capacidade de correr com a informação sobre o movimento do inimigo na região e no local examinados, para obter o material bélico.

5.6 A relação entre homens e mulheres dentro da guerrilha

A presente seção objetiva analisar as relações entre homens e mulheres dentro e fora da guerrilha. A disciplina de não trazer mulheres na base e nem levar as mulheres da população era uma lei forte dentro da guerrilha. Michel Cahen extrai dos *Cadernos da Gorongosa* uma mensagem que explicava o seguinte: “O milho ou mapira no controle está utilizando certas miúdas elementos da população [...]”⁴³⁹. Conforme nossa entrevistada Joana Mbadzo:

kutsamwira mumwe vobva vashandisa chombo (Tradução livre do autor). Entrevista com João Machava, 31/03/2021.

⁴³⁷ (CAHEN, 2019, p. 158).

⁴³⁸ eh... (vachiseka) Pane vanga vatopinda, vaye chete vaininge vawine mvumo yekusvika kumabhesi, ndivo chete vanofanira kusvika pabhesi (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴³⁹ (CAHEN, 2019, p. 158).

Chamamos atenção ao Marcos porque pela segunda vez as medidas serão tomadas adequadamente, e não queremos ouvir [mais] de ele ter andado com essa miúda de Chimoio, [neste caso] será executado [...] essas populações poderão pillar longe daquela base em casa de um mudjiba nosso local [...] C/Avelino, debes cumprir com estas orientações⁴⁴⁰.

Começando o debate com nossa fonte entrevistada, Joana Mbadzo (24/03/2021), ela relata:

Aquele que queria, como sabemos que homem é homem, é como aqui um homem quando fica muito tempo, a tendência é de ficar com aquela mulher. Então eles conquistaram, sim senhor, até tenho uma amiga que até agora está casada com o guerrilheiro, estão juntos⁴⁴¹.

Joana Mbadzo (24/03/2021) continua a explicação: “começo por dizer que aqueles não queriam o Apartheid, diferenciação no tratamento”⁴⁴²:

Esses estavam contra as escolhas no tratamento, dizer que esse é mais que esse, todos erais iguais e julgados da mesma maneira. Esse tem, esse não, eles tratavam as pessoas da mesma forma. Eles queriam igualdade. Você pode ter um problema, né... não tem possibilidade, mas, você tem suas razões, ser Dvinyirwado, eles não queriam kudvinyirwa. Você tem seu problema, deve ser resolvido, como deve ser resolvido da forma como deve ser. Não havia espaço privilegiado ou favorecido, tudo era por igualdade⁴⁴³.

Joana Mbadzo nos faz perceber o porquê da permanência da população nas zonas da RENAMO, mesmo sem condições suficientes para a sobrevivência humana. Para ela, a permanência era motivada pela não existência de kudvinyirwa (exploração de homem pelo homem). Como pode-se observar, a igualdade nos tratamentos foi uma das armas utilizada pela RENAMO para conseguir manter a população na sua área de jurisdição. Por esse motivo, a população que vivia na zona da RENAMO explica que, na área sob comando da RENAMO, o estupro era proibido.

O estupro era um crime muito grave dentro da guerrilha, como explica Maria João (08/04/2021): “Se você fosse estuprada, devia queixar e o estuprador recebia punição grave, chegando até ser morto. A única solução era fazer por combinado”⁴⁴⁴.

Segundo João Machava (31/03/2021), “todos aqueles que estupravam uma mulher eram punidos e torturados. Essa tarefa estava encarregada aos comissários políticos, esse pregava para os guerrilheiros que todos aqueles que estuprarem uma

⁴⁴⁰ CAHEN, 2019, p. 336.

⁴⁴¹ Entrevista com Joana Mbadzo, 24/03/2021.

⁴⁴² Entrevista com Joana Mbadzo, 24/03/2021.

⁴⁴³ Entrevista com Joana Mbadzo, 24/03/2021.

⁴⁴⁴ Kana wakabatwa chibharo, waifanira kunyunyuta uye mubati chibharo akagamuchira chirango chakakomba, kusvikira uye kubatanidza rufu. Mushonga bedzi waiva wokuzviita nourongwa (Tradução livre do autor). Entrevista com Maria João, 08/04/2021.

mulher teriam uma pena severa, nem para aquela que não estava casa”⁴⁴⁵. João Machava (31/03/2021) coloca a prática de estupro dentro da guerrilha como sendo uma prática que poderia perigar a relação saudável que a guerrilha tinha com o povo⁴⁴⁶, que era seu celeiro, elencando que:

Imagine agredir a mulher do dono e o marido ouvir que isso poderia nos dar uma alimentação envenenada e matar todo o grupo, por isso tínhamos muito cuidado com isso, porque são eles que nos davam a comida. A não ser aqueles que combinavam. Mas aquele que agrediu uma mulher sem seu consentimento era penalizado. Em 1981, as mulheres disseram ao presidente que a FRELIMO quando lutava tinha também mulheres com militares, então nós queremos também. O presidente tentou negar, mas no fim acabou aceitando. As mulheres foram levadas para tirar cursos de enfermagem, comunicação na rádio, professor e serviços de escutas que tínhamos na guerrilha. Chegou um momento em que os homens iam em frente com a guerra, as mulheres socorrendo os feridos, mas já tinham treinos militares para se defenderem de qualquer eventualidade⁴⁴⁷.

Na RENAMO, havia uma regra de proteção às mulheres contra os trabalhos pesados, como Netsai Tendai (31/03/2021) explica: “Nós, as mulheres, não éramos admitidas irmos sozinhas à guerra, só éramos treinadas para nos defender em caso de chegada de inimigo bruscamente”⁴⁴⁸. Questionada se as mulheres não iam à guerra, Netsai Tendai (31/03/2021) responde que: “Sim, só tínhamos treino para nos defendermos e também os primeiros socorros⁴⁴⁹”.

Essa prática era notável na luta de libertação de Moçambique, as mulheres estavam mais na parte da logística. A RENAMO não é uma exceção. Mas, segundo Monica Américo (08/04/2021), “algumas cozinhavam e outras iam nas operações mesmo”⁴⁵⁰.

⁴⁴⁵ Entrevista com João Machava, 31/03/2021.

⁴⁴⁶ Muitos dos novos entrevistados não usam a palavra população, sempre falam “nosso povo”.

⁴⁴⁷ Imagine kurwisa mukadzi wemuridzi nemurume wake uchinzwa kuti izvi zvinogona kutipa chikafu chine muchetura touraya boka rose, saka takangwarisa nazvo nekuti ndivo vakatipa chikafu. Kunze kweavo vakaenderana sevanhu. Asi airova mukadzi asina pamuviri aipiwa chirango. Muna 1981 madzimai akaudza mutungamiri wenyika kuti pakarwa FRELIMO paivewo nemadzimai aive muchiuto, saka tinodawo izvozvo. Mutungamiriri wenyika akaedza kuzviramba, asi pakupedzisira akazvigamuchira. Madzimai akatorwa kuita zvidzidzo zvehukoti, radio communication, teaching and listening services ataive nawo kumabhunu. Kwakasvika nguva apo varume vakapfuurira mberi nehondo, vakadzi vachibetsera vakakuvadzwa, asi vakanga vatova nerovedzo yechiuto kuti vazvidzivirire vamene pazvinoitika zvipi nezvipi (Tradução livre do autor). Entrevista com João Machava, 31/03/2021.

⁴⁴⁸ Isu madzimai taisabvumirwa kuenda toga kuhondo, taingodzidziswa kuzvidzivirira kana muvengi angoerekana asvika (Tradução livre do autor). Entrevista com Netsai Tendai, 31/03/2021.

⁴⁴⁹ Hongu, taingova nekudzidziswa kuzvidzivirira uye rubatsiro rwekutanga (Tradução livre do autor). Entrevista com Netsai Tendai, 31/03/2021.

⁴⁵⁰ vamwe vaibika vamwe vachienda kumaoparesheni (Tradução livre do autor). Entrevista com Monica Américo, 08/04/2021.

Ao ser questionado sobre o estupro de mulheres da comunidade, Castigo Nhambo (01/04/2021) responde:

“era proibido um militar aí pegar mulher de dono, mesmo aquela que não era mulher de dono não podia lhe tocar sem permitir. Se obrigar uma mulher de dono ou aquela que não é de dono sem combinar, era punido para não repetir mais o mesmo ato”⁴⁵¹.

Antônia John (03/04/2021) explica:

“Nunca ouvi e vi uma mulher a ser estuprada; se você quisesse uma mulher, devia combinar com ela por bem. Eu tive meu marido lá e não fui obrigada quando o conheci, levei ele e fomos apresentados na família, e é o mesmo que tenho até hoje. Era proibido estuprar uma mulher”⁴⁵².

Questionada se presenciou algum caso de estupro de mulheres nas bases, nossa fonte Monica Américo (08/04/2021) responde:

Nunca, há alguns que queriam tentar fazer e foram punidos para que não voltassem a repetir mais amanhã. Você sabe onde vive homem e mulher sempre a piscar de olhos. Mas as coisas deveriam ser por combinação e não por agressão ou por estupro⁴⁵³.

De acordo com Jeremias Gimo (01/04/2021):

quem estupra ou obrigava uma mulher a se relacionar era batido, e nos diziam que estávamos aqui para proteger a população. Tínhamos medo de que a população nos odiasse, enquanto são os mesmos que nos dão a comida⁴⁵⁴.

Segundo Simão Manuel Mupinda (07/04/2021): “Dhlakama não queria que nós fôssemos na população para criar desmando além de lhes proteger. Ele dizia: ‘são eles que nos escondem e nos dão comida; então, devemos respeitá-las’⁴⁵⁵. ‘Vamos lá para protegê-los dos inimigos’⁴⁵⁶.

Maria João (08/04/2021) sentencia que, na RENAMO, todos nós “tínhamos os mesmos direitos, basta fazer uma infração e era punida sim, porque tinha lei nas bases.

⁴⁵¹zvairambidzwa kuti musoja atore mukadzi kubva kumuridzi, kunyange akanga asiri mukadzi kubva kumuridzi aisagona kumubata asina kumubvumira. Kana akamanikidza mukadzi wemuridzi kana kuti mukadzi asiri muridzi pasina kubvumirana, airangwa kuti asadzokorora chiito chimwe chete zvakare (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴⁵²Handisati ndambonzwa uye kuona mukadzi achibatwa chibharo; kana waida mukadzi, unofanira kubvumirana naye zvachose. Ndaive nemurume wangu ikoko handina kuzoita pandakasangana naye, ndakamutora tikaziviswa kumhuriyi, uye ndizvo zvandina zvo nanhasi. Kwairambidzwa kubata mukadzi chibharo (Tradução livre do autor). Entrevista com Antônia John, 03/04/2021.

Nyangwe, kune vakada kuedza kuzviita vakarangwa kuti vasazozviita mangwana. Unoziva panogara varume nevakadzinguva dzose nekubwaira kweziso. Asi zvinhu zvinofanirwa kunge zvakarongeka kwete nekurova kana kubata chibharo⁴⁵³ (Tradução livre do autor). Entrevista com Monica Américo, 08/04/2021.

⁴⁵⁴ani naani akabata chibharo kana kumanikidza mukadzi kudanana naye airohwa, uye ta kaudzwa kuti takanga tiri pano kuti tidzivirire vanhu. Taitya kuti vanhu vaizotivenga ivo vari ivo vanotipa chikafu (Tradução livre do autor). Entrevista com Jeremias Gimo, 01/04/2021.

⁴⁵⁵Dhlakama akanga asingadi kuti tiende kuvanhu kunokonzera kusaremekedza pamusoro pekuvadzivirira, akati: 'ndivo vanotivanza vachitipa chikafu; saka tinofanira kuvaremekedza (Tradução livre do autor). Entrevista com Simão Manuel Mupinda, 07/04/2021.

⁴⁵⁶Handei ikoko kuti tivadzivirire kubva kuvavengi (Tradução livre do autor). Entrevista com Simão Manuel Mupinda, 07/04/2021.

Se você está numa determinada zona e está numa batalha, não podia se relacionar com homem. Basta ter o azar de ser visto e era amarrado e chicoteado”⁴⁵⁷.

Essa lei, pela qual a guerrilha deveria seguir, os colocava longe das mulheres para não prejudicar as missões. Os depoimentos de Jaime João Chando (26/03/2021) mostram que havia uma exceção, por questões de humanismo, e aceitava-se o tradicionalismo poligâmico africano.

Como uma pessoa podia ter duas ou quatro mulheres, isso é normal como pessoa, mas não era o tempo. Dizia-se, essa mulher que está consigo não é a tua esposa, essa mulher é combatente, se estás com ela é uma necessidade humana. Essa política eu concordo de fato porque ele dizia que essa necessidade é humana. Você não veio a casar aqui na guerra, até que estar com essa senhora que está consigo é mulher de dono lá em casa dela, deixou marido, no dia que sair daqui da tropa, voltará para casa do marido. Eu tenho prova, vi algumas senhoras que estiveram no mato até que nasceram no mato, voltarem para a casa dos seus maridos, e tenho que provar quem de exemplo. Tive uma Df chamada dona Chica, era esposa de alguém. Um administrador foi sequestrado e foi para lá, quando chegou lá, ficou com senhor Ululo. A mulher estava em Nairobi, Ululo residia em Nairobi, mas estava conosco na guerra e tinha um subsídio para dar para os seus filhos lá em Nairobi. É um senhor, um maconde. Até chamava que o senhor Chissano era o cunhado, Vicente Ululu, um chefe de departamento como a mim⁴⁵⁸.

Na verdade, no tradicionalismo na RENAMO, algo muito frequente, o casamento poligâmico era permitido. O que não era aceite é o estupro das mulheres guerrilheiras ou da população. E a outra ação proibida na guerrilha era levar mulher que vivia na população para as bases, relacionar-se com uma mulher ou homem enquanto se está destacado para uma missão de operação. Para a liderança da RENAMO, esse ato gerava azar para o grupo.

5.7 Porque a proibição de consumo de Nipa e Soruma no seio da guerrilha?

Essa seção objetiva analisar as proibições de consumo de drogas dentro da guerrilha. Segundo os depoimentos dos nossos entrevistados na guerrilha, havia uma ética de não consumo de bebida alcoólica, como a Nipa, e de drogas, como a Soruma (vulgo *Cannabis sativa*). Segundo Jaime João Chando (26/03/2021), na guerrilha “era proibido a pessoa beber, principalmente Nipa. Além de proibida, o chamboqueado poderia ser

⁴⁵⁷ takanga tine kodzero dzaka fanana, kungoita kukanganisa uye ini ndakarangwa hongu, nokuti maiva nemutemo mumabhesi. Kana uri mune imwe zone uye uri muhondo, haugone kuwirirana nemurume. Kungoita rombo rakaipa kuonekwa nekusingwa nekuzvamburwa (Tradução livre do autor). Entrevista com Maria João, 08/04/2021.

⁴⁵⁸ Entrevista com Jaime João Chando, 26/03/2021.

chamboco, era batido por cinco pessoas até você morrer”⁴⁶⁴. O outro crime inaceitável naquela época, segundo Zondai Nyasha (05/04/2021), era o “estupro de mulher de dono, era um grande problema, era levado direito para a prisão e não tinha como escapar”⁴⁶⁵.

Na prisão, de acordo com os depoimentos de Zondai Nyasha (05/04/2021), o guerrilheiro preso era guarnecido pelos outros guerrilheiros, porque as prisões nas bases tinham cerca de capim. A pessoa recebia refeições dentro das celas e não podia sair até cumprir a sua pena.

Porque a lei não permitia estuprar mulher, e também não éramos permitidos brincar com as meninas. Porque diziam que dava azar na operação da guerrilha. E também dia se nos habituamos andarmos com mulher vamos esquecer a nossa missão. As leis das bases eram como se fossem leis da casa. Quando falhava, era chamado e aconselhado que não volta a fazer isso, então se for um crime grave ou repetições deles ato, aí era batido para não voltar a repetir mais. Havia outro com indisciplina no nosso próprio povo para lhes arrancar vestuário, esse ato não era admissível de jeito nenhum. Basta a população vir denunciar e dizer “eu fulano de x levou mais roupas”, aí sofria por chamboco⁴⁶⁶.

O outro crime era de desobediência, como nos esclarece Jeremias Gimo (01/04/2021):

“que quando é informado que amanhã temos uma missão e depois você sai, vai brincar, essas máfias não são permitidas. Essas indisciplinas não eram permitidas. Imagine que volte, enquanto os outros já foram à operação, assim merece uma punição e cadeia”⁴⁶⁷.

De acordo com os nossos entrevistados, os casos de fuzilamento não eram frequentes nas bases. Talvez isso pudesse acontecer enquanto estavam na operação, para ninguém se aperceber de que foi ato realizado em cumprimento da sentença. Essa tática parece fazer sentido para uma guerrilha que não tinha remuneração. Garantir a segurança para a guerrilha era uma estratégia forte adotada pela liderança, como forma

⁴⁶⁴vaya vaienda kudanana nevana kana kuhura, mhosva iyiyainge yakakura. Nokuti va bereki va k a uya kuzonyunyuta. Kuita uku kwakarambidzwa zvikuru. Vamwe vakafira Chamboco, yakarohwa nev anhu 5 kusvika wafa (Tradução livre do autor). Entrevista com Antônia John, 03/04/2021.

⁴⁶⁵Kubatwa chibharo kwemudzimai wemuridzi idambudziko guru, akaendeswa kujeri chaiko uye pakanga pasina kutiza (Tradução livre do autor). Entrevista com Zondai Nyasha, 05/04/2021.

⁴⁶⁶Nekuti mutemo waisabvumidza kubata vakadzi chibharo, uye isu taisabvumidzwa kutamba nevasikana zvakare. Nekuti vaiti irombo rakaipa mukuvhiya kwehugandanga. Uyezve, kana tikajira kufamba nemukadzi, tinokanganwa basa redu. Mitemo yemabhesi yakaita semitemo yemumba ikakonewa yadaidzwa ndikarairwa kuti ndisaite futi saka kana iri mhosva hombe kana kudzokororwa kwacho yaitorohwa kuti isadzokorore. zvakare. Paive nemumwe aive nekuszvibata muvanhu vedu zvekuvabvisa hembe, kuita uku kwaisatenderwa zvachose. Zvakakwana kuti vanhu va uye kuzoshora vachiti “ini nanhingi takatora dzimwe hembe”, vobva vatambura chamboco (Tradução livre do autor). Entrevista com Zondai Nyasha, 05/04/2021.

⁴⁶⁷kuti ukaidzwa kuti mangwana tine mission wobva wabuda, enda kunotamba, mafirita aya haatenderwi. Kusazvibata uku kwaisabvumidzwa. Fungidzira wadzoka, vamwe vatoenda ku oparesheni, saka iwe unofanirwa kurangwa nejeri. (Tradução livre do autor). Entrevista com Jeremias Gimo, 01/04/2021.

de manter a fidelidade dos seus homens. Qualquer violência dentro das bases poderia precipitar as fugas e dissidências da guerrilha.

5.8. Quem eram os chamados Makamusi, Xingondo, Bandidos e Turras?

A presente seção objetiva perceber o estereótipo criado pela população, pelo Governo e pela RENAMO no contexto da guerra civil em Manica. O nome de *Makamusi* foi atribuído aos militares do governo de Moçambique pela população rural, essa expressão significava “homem de camuflagem”. Para a população, esse nome tinha um sentido pejorativo devido às ações de obrigar a população a ir às aldeias comunais. Questionada sobre o significado de *Makamusi*, nossa entrevistada Joana Mbadzo (24/03/2021) explica que “significa que era militar da Frelimo, se chegar nos ouvidos deles, era chamboqueado e com azar era morto”⁴⁶⁸.

A questão da morte era uma prática criada para fragilizar a população a aderir à RENAMO ou à Frelimo. Isto é, essas ações eram praticadas por ambas as partes. A presença da população confundia-se com ato de espionagem. E nas mesmas circunstâncias, os militares da Frelimo também eram apelidados de *turras*, forma pejorativa que os colonos usavam para os guerrilheiros da Frelimo na luta de libertação nacional.

O termo *Xingondo* significa “pessoa com dons guerreiros” (homens para canhão), de bravura e de estoicismo, termo usado pela população do sul para designar o cidadão oriundo do centro ou do norte de Moçambique. Esse termo é pejorativo, denota indivíduo rude, boçal, selvagem. Isso era sentido naquela época, tanto na luta de libertação nacional como na convivência social. Por outro lado, *Xingondo* é um conceito implementado por Samora Machel, que designava pessoa com dons guerreiros, pessoa de bravura e coragem, ou seja, pessoa que se entrega à guerra. *Xingondo* é batizado pelo nome de “Candonguice.” Basta emitir o *Xingondo* para autoafirmar o “Candongo”.

Na RENAMO, o conceito de inimigo estava nos mitos de todas as práticas do governo (Frelimo) e naqueles que se simpatizavam com elas. Para a RENAMO, ser da Frelimo significava ser inimigo da liberdade das práticas culturais tradicionais, o admirador das políticas de Homem Novo. Esses nomes acima referenciados surgem nesse contexto de inimigo da população ou da RENAMO.

⁴⁶⁸ Entrevista com Joana Mbadzo, 24/03/2021.

Os estereótipos de “bandidos armados” foram criados pelo Estado moçambicano para se referir aos guerrilheiros da RENAMO, enquanto o estereótipo de *turras* foi criado pelos portugueses na luta de libertação, em referência aos guerrilheiros da Frelimo. E esse estereótipo de *turras* era utilizado pelos militantes da RENAMO para referir-se aos militares do governo da Frelimo.

5.9 Os recuperados

A presente seção objetiva explicitar o estereótipo desenvolvido pela população do governo para designar a população que vivia na região sob jurisdição da RENAMO. A partir dos anos 1980, a RENAMO passou a privilegiar a formação de militares semiconvencionais, com objetivo de atacar e ocupar. Essa estratégia fez com que a RENAMO tivesse um número considerável das regiões rurais sob sua administração. Consequentemente, foi erguida em Moçambique a luta entre as duas populações. E a guerra nas bases deixou de ser política, passando a ser guerra de vingança. Por isso, a violência se instalou. Neste sentido, *quem são os recuperados?*

O termo *recuperado* foi concebido para apelidar todos aqueles que saíam das zonas sob jurisdição da RENAMO rumo à zona do Governo. Sua saída podia ser por conta própria (fuga) ou por força de resgate em confronto militar. Isto é, “fugiam sozinhos ou em grupos de duas ou três pessoas. Podiam desertar a partir da base ou aproveitando um combate, com arma ou sem arma”⁴⁶⁹. À procura de boas condições de vida, diferente daquelas em que viviam na zona da Renamo, quando lá chegavam encontravam uma discriminação por uma população igual.

O estereótipo de *recuperado* abrangia também os deslocados da guerra. A adoção do nome está no contexto pejorativo voltado à história da época colonial, dos assimilados e não assimilados. Os provenientes da jurisdição da guerrilha eram considerados não assimilado. Com esse fato, instalou-se na aldeia uma espécie de discriminação, até criava-se quarteirões só para os recuperados, e o quarteirões ou bairros eram batizados de bairros dos recuperados, com um tratamento muito diferenciando. Muitos deles não tinham acesso às condições básicas para sobrevivência. Este tratamento diferenciado levava à fuga dos recuperados, que voltavam a se juntar à guerrilha para depois retaliarem contra as aldeias, queimando casas de todos que lhes oprimiam enquanto recuperados.

⁴⁶⁹ Cahen, 2019. p. 209

A violência que se assistiu na guerra civil em Moçambique não foi uma estratégia política impressa pela elite da RENAMO. Afinal, a elite da RENAMO estava interessada em sabotar tudo que representava o Estado como repressão política, enquanto a população da base (guerrilheiros) queria imprimir a vingança contra aqueles que levaram as suas riquezas, para reverter à cooperativa, contra aqueles que queimaram sua casa, para que passassem a viver nas aldeias, contra aquele miliciano e grupo dinamizador que levou sua família e esposa para um campo de reeducação ou produção, contra o secretário que usurpou o poder político dos seus mambos, e contra aqueles que reverteram para cooperativa os bois dos pais.

Se um dia nos questionarem se *a violência da guerrilha e da guerra civil era uma estratégia da elite da RENAMO*, a resposta será “não, é uma estratégia da guerrilha da base, e a elite aproveitou-se do espírito vingativo que os aderentes à guerrilha carregavam consigo”. A violência que se estabeleceu foi uma violência entre vícios com privilégios diferentes no que tange ao acesso à coisa pública e seus benefícios. É claro que 90% dos nossos entrevistados mostram que permaneceram para se vingar e recuperar os seus bens. Por esse motivo, defendemos a tese de que uma parte a guerra da RENAMO foi um fato social, e a violência que se instalou era uma clivagem social entre aqueles que eram considerados moçambicanos da revolução e a população conservadora.

Os comissários políticos na disseminação das políticas da resistência proibiam a violência contra o povo. Por isso, Castigo Nhambo (01/04/2021) esclarece que os julgamentos que chegavam até ao quartel general da Gorongosa são

aqueles problemas ligados à desordem na população, ir arrancar coisas da população, esses casos eram julgados pelo chefe máximo. Os militares eram permitidos ir à população só para visitar seus amigos. E não era permitido à população individualmente ir pedir algo⁴⁷⁰.

Por isso, adotou-se o sistema em que cada militar tinha uma família adotiva, que ia visitar como se fossem seus pais. Em relação a esse assunto, João Machava (31/03/2021) explica: “A nossa política era de não estragar as coisas do dono, porque estávamos lutando para o próprio povo, seria contraditório ir sabotar a causa da luta”⁴⁷¹. Mesmo assim, os guerrilheiros cometiam desobediência para alimentar seu espírito

⁴⁷⁰ iwo matambudziko ane chekuita nekusagadzikana kwevanhu, kuenda kunotora zvinhu kubva kuvanhu, nyaya idzi dzaitongwa nemukuru mukuru. Mauto aibvumirwa kuenda kuvanhu kuti vangoshanyira shamwari dzavo. Uye vanhu vega vaisabvumidzwa kuenda kunokumbira chimwe chinhu (Tradução livre do autor). Entrevista com Castigo Nhambo, 01/04/2021.

⁴⁷¹ Mutemo wedu waisakanganisa zvinhu zvemuridzi, nekuti tairwira vanhu vega, it would be contradictory to sabotage the cause of the fight (Tradução livre do autor). Entrevista com João Machava, 31/03/2021

vingativo, e imprimiam uma violência nunca antes vista contra a população considerada inimiga, aqueles que achavam que se beneficiavam dos seus bens e das políticas do Homem Novo do governo da Frelimo.

Enquanto a população das aldeias e cidades endossava a discriminação contra a ex-população e os deslocados da guerra, estes sentiam-se registrados no novo habitat, e a maioria prefere voltar a se juntar à guerrilha, para depois vingar-se.

CONCLUSÃO

O trajeto que nos trouxe até o final desta pesquisa permite-nos aduzir, pelo menos, três conclusões: primeiro, o projeto e o objetivo de André Matsangaissa eram diferentes dos da Rodésia; segundo, a guerrilha da base da RENAMO tinha os seus próprios objetivos, que eram diferentes dos objetivos da sua elite, e seus intentos não tinham nada a ver com as questões geopolíticas da Guerra Fria; terceiro, a RENAMO moçambicana não tinha nada a ver com uma constelação de grupos de “bandidos armados”, e não tinha intentos comuns com o dos grupos de mercenários. Eles constituíam uma parte dos moçambicanos que reclamavam das políticas de Homem Novo e seus vieses.

Quanto à origem da RENAMO, nossos entrevistados concordam com a historiografia segundo a qual a RENAMO foi fundada na Rodésia, mas discordam da ideia de que foram os rodesianos que fundaram o movimento. Argumentam que foi André Matsangaissa que teve a iniciativa de ir pedir armas aos rodesianos para combater as políticas da Frelimo.

No que tange à justificativa da população e da guerrilha da base, à sua aderência à RENAMO, ela está inserida na ideia de que as aldeias tinham sequestrado uma grande parte das suas culturas, riquezas e liberdades, indicando que estas também não dispunham de condições suficientes para viver, havia falta de quase tudo. Para a população entrevistada na província de Manica, a instalação dessas aldeias comunais não levou em conta suas riquezas, culturas e outros aspectos socioeconômicos da população local.

Em algumas regiões, diziam que não havia condições para viver nas aldeias, porque Ian Smith estava desencadeando o bombardeamento nas regiões fronteiriças com a Rodésia, o que resultou no Massacre de Guindingui e de Nhadzonia. Em algum momento, registrou-se que a questão étnica, econômica e cultural foi também fator-chave para o desenvolvimento do sentimento antifrelimo na população Shona. Trazer um secretário, administrador da outra província, não constituía os intentos de unidade dessa população. Essa prática de intercâmbio político era vista como usurpação de poder. Conseqüentemente, uma negação da proteção espiritual. A defesa dos espíritos locais era superior à questão da unidade nacional.

Em nenhum momento o fator político regional foi mencionado pela base. Mesmo as negociações feitas dentro da guerrilha com a elite eram desconhecidas pela

guerrilha da base. Por isso, muitos não conseguiram nos responder quando procuramos saber sobre a origem do armamento, do fardamento, e por que não atacavam as plantações da fábrica Textáfria, por que não vandalizaram a empresa Pipiline. Era comum para os nossos entrevistados dizer que o armamento, os medicamentos e os fardamentos eram frutos dos assaltos que faziam aos quartéis do governo.

Contudo, muitos sustentam que sua afiliação à RENAMO foi impulsionada pelas inversões feitas pelos governos das políticas que estavam sendo divulgadas no período da luta de libertação, por terem direito de serem liderados pelas pessoas que escolherem, por terem liberdade de circulação, por terem autonomia de ter um patrimônio. Chegada a independência, a elite governativa tomou outro rumo, as propriedades foram revertidas em cooperativas, a liberdade foi controlada pelas guias de marcha etc.

Corroborando a ideia do parágrafo anterior, é importante ressaltar que, no que tange à questão da disciplina militar e da relação da guerrilha com a população, verificamos que sempre houve uma relação boa. E chegamos a concluir que havia uma relação de correlação, de complementaridade e cumplicidade, o que nos leva a dizer que sempre houve, também, uma orientação e prática política na RENAMO, mesmo no período do seu nascimento.

O pico político na RENAMO foi registrado a partir de 1980, com a criação dos comissários políticos e a publicação dos seus estatutos. Os comissários eram homens que tinham a função de trabalhar a parte política da RENAMO, com divulgação de mensagens, objetivos e da fotografia do presidente e do partido. Os comissários políticos também idealizavam para os guerrilheiros uma convivência de harmonia com a população, levando à percepção de que a população rural era seu financiador da logística alimentar, e os mambos e curandeiros da parte espiritual.

Por essa razão, criou-se dentro da guerrilha um projeto, *um guerrilheiro, uma família*. Esse projeto permitiu que cada militar tivesse uma família adotiva que podia visitar frequentemente, como se fosse filho da casa, e onde o militar conseguia roupa, sal etc. Nas suas incursões militares, sentiam-se obrigados a enviar uma parte dos produtos adquiridos para seus pais/família adotiva, e a mesma família retribuía com comidas. Isso fez com que a guerrilha tivesse medo de agredir a sua população, pois bastava que o militar efetuasse barbaridades, o povo corria para se queixar e, assim, o militar era penalizado severamente na presença do povo. Era um projeto de responsabilidade social que o movimento tentava construir.

Tanto os mudjibas quanto os comissários tinham uma função cívica dentro da população das zonas libertadas. Os mudjibas eram jovens com uma dinâmica de recolher informações para a base e da base para a população. Segundo as nossas pesquisas, um pequeno número recebia treinos militares. Em suma, esses indivíduos tinham a tarefa de girar na zona, procurando informação, se havia alguém estranho, ou se havia marcas de entrada dos militares do governo na zona e a população não avisara. Se entrasse um inimigo, corriam para dar a informação. Essa informação servia para preparar as emboscadas.

Por meio da dinâmica social que a RENAMO tentava construir na sua população, surgiram duas novas figuras paramilitares, que são a *Polícia* e o *Broco*. Entretanto, a Polícia era paralela aos mudjibas. Por isso, nas suas agendas, andavam juntos com eles. As Polícias não tinham direito de porte de arma, eles trabalhavam como os Brocos, ou seja, tinham as mesmas funções que eles nas tarefas de procurar alimentação e armazenar. Os chefes dos Brocos eram responsáveis por guardar comida coletada na casa e depois transportá-la para os militares nas bases. Eles mesmos carregavam até o controle da base.

A ideologização da guerrilha pela elite e pelos comissários políticos estava inserida numa ação de mantê-los fiéis aos objetivos da RENAMO. Para convencer a guerrilha, os comissários políticos mencionavam todas as práticas políticas do governo da Frelimo, para depois contrabalançar com as suas políticas. E, para inserir a população nos objetivos da luta, os comissários políticos e os mudjibas argumentavam que os que estão lutando aí nas matas são vossos filhos, netos e sobrinhos, para recuperar o nosso patrimônio sociocultural e econômico. O que apuramos no campo de estudo revela que essa estratégia foi conseguida por parte da RENAMO nessa província.

Como podemos ver, a província de Manica possui uma população cuja maioria é oriunda das montanhas do grande Zimbábue, estendendo-se para as cordilheiras de Chimanimani, descendentes dos Shonas do Zimbábue, mas não é por isso que deixa de ser heterogênea. Afinal, quando a população Shona emigrou para as terras de Manica, foi se reificando em mais de cinco sublínguas e mais de cinco tribos. Da mesma forma, podemos notar que, em algumas regiões de Manica (população Shona), distritos de Guro, Barué, Macossa, Manica, Vandúzi, Chimoio, Sussundenga, Mossurize e Machaze, a questão de perda de suas terras, bois, moagens e do poder espiritual dos mambos (líderes tradicionais) foi motivo determinante para a população ingressar na guerrilha.

Nos nossos estudos, encontramos também dois tipos de guerrilheiro, um esclarecido e outro não esclarecido. O guerrilheiro não esclarecido é aquele que até atualmente ainda permanece com o mesmo sentimento de que a sua pobreza foi causada pelas políticas do governo da Frelimo, quando lhe tirou bois, terra e todos os artefatos espirituais das suas famílias. Os esclarecidos são os que argumentam que a sua luta está ligada à luta pela democracia em Moçambique.

Verificamos também que a memória do passado das políticas do Homem Novo ainda permanece nos antigos guerrilheiros e na população da base, e é usada como uma forte justificativa para sua aderência à guerrilha e sua pobreza, como podemos ver nas entrevistas.

As províncias de Manica e Sofala foram os locais em que a RENAMO teve terra fértil na sua fase embrionária e de desenvolvimento, construindo, assim, as suas bases maiores e o seu comando-geral. Isso foi motivado pela cronologia histórica e étnica que conduziu à rivalidade histórica entre o Centro e o Sul. Antes de mais nada, há uma necessidade de recapitularmos a ideia da revolta em relação à ocupação dos cargos na direção do partido Frelimo pela maioria da região sul.

Assim, esse ato foi interpretado por uma parte da população do grupo étnico Shona como reavivamento e continuação da hegemonia do Império de Gaza contra o Império de Mwenemutapa, que se prolongou por vários séculos pré-coloniais. Essa interpretação não foi apenas feita pelo grupo étnico Shona, estendeu-se aos Machuabo, Jauá e Macuas. Esses últimos desenvolveram um estereótipo de monstrosidade sobre a figura da Frelimo, devido à questão da religião que o novo Estado tinha ordenado fechar. No distrito de Barué, na província de Manica, as igrejas evangélicas foram obrigadas a comer carne de porco. O mesmo ato se estendeu até os distritos de Angoche e Nacala, porto na província de Nampula, onde a maior parte da população é formada por muçulmanos, os quais não comem essa carne por motivos religiosos.

Pesa também a estes fatores a intolerância da Frelimo, suas medidas reformistas pouco populares, e a própria guerra, condições mais do que favoráveis para que a Resistência Nacional Moçambicana passasse de instrumento de agressão externa à mais forte expressão de oposição interna. É possível confirmar essa nossa visão com os números de guerrilheiros que o movimento tinha pouco tempo de sua formação.

Em nossas explanações ao longo do texto, ficou claro que as questões políticas e socioeconômicas influenciaram muito a população local a se juntar ao projeto RENAMO, a partir do próprio André Matsangaissa. O projeto RENAMO, a nível de

Moçambique, foi acolhido como a única forma de restituir as hegemonias socioculturais e econômicas, distantes da ideia de manipulação externa.

Não estamos a negar a ideia de manipulação externa, mas podemos dizer que essa manipulação vivia na elite, e não na base, pois esta tinha outros objetivos, como a recuperação das suas riquezas levadas pelas cooperativas. Esse objetivo era muito diferente do da “desestabilização”.

Modificaram-se os fatos com os Acordos de Nkomati. Porém, com isso, transitou-se de uma “guerra de desestabilização” para uma guerra civil, sem nenhuma abordagem sobre uma revolução. O mínimo, com receio, que os acadêmicos tentam reforçar é a ideia de que foi uma guerra pela democracia. Não foi apenas uma mutação das ações da guerrilha, representou uma afirmação política e a mutação econômica e social e, acima de tudo, uma mutação da defesa cultural da RENAMO dentro de Moçambique.

Com o fracasso dos Acordos de Nkomati de 1984, a RENAMO começou a preparar uma guerrilha semiconvencional. Aqueles que foram treinados para atacar e ocupar onde venceram a batalha são os mesmos que sabiam usar tanques blindados. Esses tinham conhecimento de tudo, podemos chamá-lo de especialistas. Importa dizer que, desde 1984, a guerrilha já privilegiava o sistema de atacar e ocupar. Por exemplo, nos ataques que fizeram em Caia, Inhaminga, Mutarara, Chemba e Tambara, Macossa e Changara, as forças convencionais atacaram e ocuparam, e destruíram todos os tanques que estavam ali, e essa área ficou sob tutela da RENAMO.

Fazendo uma triagem das nossas fontes do campo, foi possível notar que a guerrilha da RENAMO desconhece o que é uma ideologia. Ou seja, não é possível arrancar deles uma concepção ideológica, eles nem tem conhecimento da existência das duas alas ideológicas do mundo, *direita* e *esquerda*. Para eles, o foco principal era a eliminação das políticas implementadas pelo governo da Frelimo e colocar seu próprio governo para recuperar os bens perdidos.

Concluimos que havia objetivos diferentes. Isso levou a que houvesse três atores dentro da mesma guerrilha: os estrangeiros desestabilizadores, a elite moçambicana, até comunista, e a população antifrelimo, que chegava a chamar os seus militares de Makamusi ou Turra. Essa alcunha era considerada pejorativa, pois essa população discordava de tudo. A criação desse apelido estava conectada com a ideia de divisão da população, instalada pelo governo no âmbito da Operação Limpeza e da Operação Produção. Os militares do governo não eram bem-vistos pela população rural nos

primeiros anos da independência, por isso criou-se esse estereótipo, porque a população tinha a ideia de que os militares agiam daquela forma por estarem a se beneficiar das cooperativas e guias.

A população da província de Manica não conhecia a rádio Voz da África Livre por esse nome. Eles a conheciam como rádio Kuzumba, e a mesma rádio influenciou muito a propaganda sobre as políticas do movimento. Ela fazia-se sentir em muitos receptores. Por essa razão, temos casos de pessoas que conheceram e aderiram à insurgência pelas suas propagandas.

A historiografia é resiliente em afirmar que a RENAMO foi fundada pela Rodésia, e que Jorge Jardim fez parte da arquitetura da Resistência Nacional Moçambicana. Na verdade, nos áudios que escutamos nos arquivos da Rodésia Broadcasting Corporation, Ian Smith e Ken Flowers, a elite da Rodésia, revelam e afirmam que não fundaram a RNM, apenas concordaram com a proposta a que foram apresentados pelos antigos colonos de Moçambique, os portugueses, e alguns moçambicanos, de criar uma guerrilha. Eles concordaram em financiar e assim o fizeram porque o projeto lhes permitia fragilizar os nacionalistas zimbabuanos. Nas mesmas falas, os dois afirmam que nunca tiveram contato com Jorge Jardim. Nos arquivos da RTP África, Jorge Jardim afirma que nunca esteve ligado à criação da RENAMO, apesar de seu filho, numa das entrevistas à RTP África, ter contradito o pai. Seu interesse era tornar cidade da Beira independente de Moçambique para salvaguardar seus negócios, mas o projeto caiu por terra porque não teve apoio, e Jardim passou a viver em Portugal.

Nas narrativas históricas, sempre é importante saber separar os conceitos para melhor compreender os fatos. Por isso, urge essa necessidade de explicar que a Rodésia apenas financiou e asilou o projeto RENAMO. Os criadores do projeto são ex-colonos de Moçambique e André Matsangaíssa, pelo fato de ter sido preso, acusado de supostamente ter apoderado-se do motor de um carro Mercedes Benz. Os ex-colonos de Moçambique, os portugueses, queriam vingança por seus bens que foram nacionalizados, enquanto André Matsangaíssa motivava-se por sentimento anticomunista. O fato curioso é, dos oito homens que apresentamos, sete eram residentes da cidade do Chimoio (Vila Perry), na província de Manica (vila Masekese-Macequece), inclusive André Matsangaíssa. A exceção é Pedro Rodrigo, que era brasileiro.

REFERÊNCIAS

Documentos visitados

Carta ao Excelentíssimo Sr. Baltazar R de Sousa. João Ferro Dias, em 16 de maio de 1977.

Carta ao Sr. Dr. Kamanti Lahose excelência, pelo conselho provisório da RENAMO, em 14 de julho de 1977.

Carta aos militares de 20 de maio de 1986.

Carta de Afonso Dhlakama à comunidade Santo Egídio, 28 de maio de 1983, Gorongosa para Roma.

Carta de Dhlakama aos militares apoiantes do movimento, 1982

Comitê Central da FRELIMO - AVRIL 1969, sessão ordinária, do Comitê Central da FRELIMO, realizada de 11 a 21 de abril de 1969; Declaração sobre assassinato Presidente Eduardo Mondlane; Mensagem pesar e aceitação integração viúva, Janet Mondlane, como militante da FRELIMO.

Constituição da República Popular de Moçambique de 20 de junho de 1975, Imprensa Nacional de Moçambique.

Estatutos da RENAMO, publicado pela RENAMO em 1989.

Frente de Libertação de Moçambique - Programa e Estatutos da FRELIMO. 1962.

Governo da Província da Zambézia, Relatório sobre a situação da Província nos últimos dois meses, Quelimane, 29 July 1979.

João Ferro Dias. É preciso resistir. Carta para irmãos moçambicanos, 1976.

Ministério da Defesa Nacional, Síntese da Reunido Conjunta das Forças de Defesa e Segurança das Províncias do Niassa e Zambézia, Milange, 4 February 1982.

Rádio Voz da África Livre 1987.

<https://www.google.com.br/search?q=R%C3%A1dio+Voz+de+%C3%81frica+Livre+1987wiz> acesso 20.03.2020

RENAMO. A mensagem do líder à população. Gorongosa, 17 de dezembro de 1979.

RENAMO. Carta Viva Renamo. Gorongosa, 20 de outubro de 1983.

RENAMO. Estatutos da Renamo. 1980.

RENAMO. O programa do dia: povo moçambicano. Departamento de informação e comunicação da Renamo Gorongosa, em 10 de maio de 1977.

Resistência Nacional de Moçambicana (RENAMO) Chimoio-Moçambique, 12 de janeiro de 1987.

Resistência Nacional Moçambicana. Guerra e morte ao amigo da pátria. Pretória, 28 de junho de 1982, carta escrita por Orlando Cristina.

Entrevistas

1. Entrevista com senhor Evaristo Matande entrevista realizada na vila de Muxungue, no dia 20.06. 2021 entrou na guerrilha com 14 anos em 1979
2. Entreviste com, Joana Mbadzo, realizada na vila de Messica no dia 24. 03. 2021
3. Entrevista com Jaime João Chando, realizada na cidade do Chimoio no dia 26.03. 2021 ingressou na guerrilha da Renamo em 1985
4. Entrevista com a Monica Américo, realizada no distrito de Macossa no dia 08.04.2021, ingressou na guerrilha com 17 anos em 1987
5. Entrevista com Maria João, realizada no Distrito de Chibabava, no dia 08.04. 2021 entrou na guerrilha ais 15 anos, em 1977
6. Entrevista com Zondai Nyasha, realizada no Distrito de Guro, no dia 05.04. 2021 ingressou na guerrilha com 22 anos em 198 pela base de Mungal.
7. Entrevista com Castigo Nhambo realizada no distrito de Barue no dia, 01.04. 2021., entrou na guerrilha em 1978
8. Entrevista com João Machava realizada no distrito de Mossurize, entrou na guerrilha com 24 anos de idade em 1978
9. Entrevista com Netsai Tendai foi realizada no distrito de Sussundenga no dia 31.03.2021 ingressou na guerrilha com 15 anos em 1980 pela base de Makoka.
10. Entrevista com Simão Manuel Mupinda realizada no Distrito de Buzi no dia 07.04.2021. ingressou na guerrilha com 35 ano em 1977
11. Entrevista com Antônia John realizada no distrito de Vaduzi no dia 03.04.2021 ingressou na guerrilha com 18 anos de idade em 1982
12. Entrevista com Joana Mbadzo, realizada na vila de Messica distrito de Manica no dia 24.03.2021, ingressou como população com 16 anos, em 1982 na missão de Rupidze Tete.
13. Entrevista com Jeremias Gimo realizada no distrito de Gondola no dia 01.04. 2021 ingressou na guerrilha com 15 anos em 1982.

14. Entrevista com Tendai Semo realizada no distrito Manica no dia 06.04.2021 ingressou na guerrilha com 18 anos de idade em 1977 pela base de Mavonde

15. Entrevista com Filipe Samuel realizada no distrito de Manica no 28 de abril de 2021 ingressou em 1980 aos 19 anos

Jornal

CADA um deve saber quem é o seu vizinho. In: Notícias, Maputo 3 de junho de 1982.

CONTROLEMOS o crescimento das nossas cidades. Comunicado do Secretariado do Comitê Central do Partido FRELIMO. IN: *Jornal Notícias*, 14 de jun. 1982.

HUNGUANA, Teodato. Libertemos as cidades de improdutivos e marginais. Teodato Hunguana no bairro de Mafalala. In: *Jornal Notícias*, 21 de jun. 1983.

JORNAL Lusa da RTP, 05 junho, 2015, 10:50.

Mariano Matsinhe, “Na FRELIMO era norma fuzilar pessoas”. In *Jornal Savana*, Maputo 4 de setembro, 2009.

NO ÚLTIMO dia da 1ª fase: hesitantes afluem os GD’S. In: *Jornal Notícias*, 05 de jul. 1983.

NORTE dá trabalho aos improdutivos. In: *Jornal Notícias*, 23 de jul. 1983.

NOTÍCIAS esclarecem sobre “Operação Produção”. In: *Jornal Notícias*, 05 de jul. 1983.

O Jornal To the Point, de 3 de junho de 1977.

OBRIGAR os marginais a regressarem às suas terras. In: *Jornal Notícias*, 07 de jun. 1982.

OPERAÇÕES SELETIVAS: dezenas de antissociais detidos em Maputo (Notícias, 31 de maio de 1982).

OPERAÇÕES seletivas: dezenas de antissociais detidos em Maputo. In: *Jornal Notícias*, 31 de maio 1982.

SAMORA, discurso do encerramento do 3º Congresso. In: *Tampo*, Maputo, 13.02. 1977

TEMPO. Guarda para construção do socialismo. Maputo, 13 de 02 de 1977

Reportagem

STV. Grupo sócio Moçambique grande reportagem, 2014.

STV, entrevista ao Afonso Dhlakama como presidente da RENAMO, 2014

T 13, entrevistas sobre a verdade sobre a morte de Eduardo Mondlane. Arquivo da R.T.P África. 09. 06. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=av9MRqO4p58>.

SAMORA MACHEL Documentary (1983). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0DekMMXc2wgg>. <https://www.youtube.com/watch?v=aRFH1pWDJr0>.

Referencias bibliográfica

ABRAHAMSSON, H.; NILSSON, A. Moçambique em Transição: um estudo da história do desenvolvimento durante o período de 1974-1992. Maputo: Padrigu/CEEI-ISRI, 1994.

ALBERTS, Tom. Collectivized agriculture: the case of mozambique. Maputo. August 1983.

ALEXANDER, J. (1995), Political Change in Manica Province: Implications for the Decentralization of Power. Maputo: Friederich Ebert Foundation.

ALFANE, R. (1996). Autoridade tradicional em Moçambique: Educação cívica na sociedade Tradicional, III. Maputo, MAE/NDA.

ALMEIDA SERRA, António M. de. Política agrária e desenvolvimento econômico na República Popular de Moçambique, 1975-85. 1991. Tese de Doutoramento. Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 1991

ANDERSSON, Hilary (1992). «Mozambique: A War Against the People». Nova Iorque: St. Martin's Press.

ANTUNES, José Freire. JORGE JARDIM AGENTE SECRETO. Bertrand Editora. Venda Nova. 1999

ARAÚJO, Manuel G. M. de. O sistema das aldeias comunais em Moçambique: transformações na organização do espaço residencial e produtivo. 1989. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 1989.

BORGES, Egor Vasco. A polícia e a construção do homem novo na formação do estado-nação em Moçambique (1975-1990). Tese de Doutorado em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista – Unesp, 2017.

BRIGGS, Philip. Mozambique, 4th: The Bradt Travel Guide (em inglês). [S.l.]: Bradt Travel Guides. 2007

BRITO, Luis de. Moçambique independente: o novo espaço político. Texto de apoio. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, UFICS 1995.

BROWNLIE, I. African boundaries – A legal and diplomatic encyclopaedia. Londres: C. Hurst. 1979.

CABAÇO, José Luís. O homem novo: breve itinerário de um projeto. In: Samora, homem do povo. António Sopa (Coord.) Maputo: Maguezo, 2001.

CABRITA, João. Mozambique: The tortuous Road to Democracy. Palgrave Macmillan. 2000

CAHEN, Michel. *Não Somos Bandidos» A vida diária de uma guerrilha de direita: a RENAMO na época do Acordo de Nkomati (1983-1985)*, 2019

_____ *Manifeste-programme de la RENAMO, Revista Presence Africaine*, 1988

CAHEN, Michel; MENDONÇA, Fátima. *Resistência Nacional Moçambicana. Geschichte*, 1994.

CHRISTIE, I. Machel of Mozambique. Harare: Zimbabwe, 1988.

COELHO, João Paulo Borges. “Notes on UNAR: Based on Sources in the Historical Archive”. (Maputo: Centro dos Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane).

CORRÊIA, Sonia; HOMEM, Eduardo. Moçambique, primeiras machambas. Rio de Janeiro, Margem. 1977

COULON, Christian. “Les dynamiques de l’ethnicité en Afrique noire”, Pierre BIRNBAUM (dir.), *Sociologie des nationalismes*, Paris, PUF, coll. "Sociologies", 1997.

CRUZ, D. Para Onde Vai Angola: A Selvajaria Apocalíptica onde Toda Perversidade é Real. v. 1, Edições Mulemba: Luanda – Angola, 2008.

DARCH, Colin. Uma História de Sucesso que Correu Mal? O Conflito Moçambicano e o Processo de Paz numa Perspectiva Histórica. 2018

DIAS, João Ferro. Memórias de um combatente e a verdade sobre a fundação da resistência nacional de moçambicana. Novembro, 2008.

DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Tradução de Cristiano Monteiro Oiticica, Rio de Janeiro, 1970.

EMERSON, Stephen A. THE BATTLE FOR MOZAMBIQUE: The Frelimo-Renamo Struggle, 1977-1992. 2014.

FAUVET, P. Roots of counter-revolution: the Mozambican National Resistance», Review of African Political Economy, (1984),

FINNEGAN, William (1992). A Complicated War: The Harrowing of Mozambique. [S.l.]: University of California Press.

FINNEGAN, William (1992). A Complicated War: The Harrowing of Mozambique. [S.l.]: University of California Press.

FLORENCIO, F. Identidade étnica e práticas políticas entre os vaNdau de Moçambique. Cadernos de Estudos Africanos, 2002.

FLORENCIO, Fernando. Cristian Geffray e a Antropologia da Guerra. Ainda a propósito de lá cause dès armes au Mozambique Etnográfica. Volume VL, N. 2. Revista do Centro de Estudo em Antropologia. Novembro de 2002.

FLOWER, Ken. Serving Secretly: An Intelligence Chief on Record. Rhodesiinto Zimbabwe 1964 to 1981, John Murray, London, 1987.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, as heterotopias. São Paulo n. 1, Edições, 2013.

FRELIMO. Lei dos Crimes contra a Segurança do povo e do Estado Popular. 4ª Sessão. Assembleia Popular.

GASPERINI, Lavinia (1980). "Il sistema educativo in Mozambico. L'uomo nuovo come obiettivo" In: Política Internazionale, Nº 10, La Nuova Italia Editrice, p. 57-63.

GEFFRAY, Cristian, A Causa das Armas, Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique. 1990.

- GRAU, Daniel Innerarity. A ideia de Europa em Hegel, *Contradictio*. v. 2 n. 1, 2009.
- GUIMARÃES, Pinto. 2018 disponível <https://ambicanos.blogspot.com/2018/10/a-textafrica> acesso: 21.01.2022.
- GWEMBE. Eusébio A. P. André Matsangaissa e o Assalto de Sacudzo. disponível <https://ambicanos.blogspot.com/2017/08/andre-matsangaissa-e-o-assalto-de.html>. Acesso 20.06.2021
- HARRISON, Graham – Mozambique: na Unsustainable Democracy, in *Review of African Political Economy*, n. ° 61, 1994:429-440.
- HERMET, Guy, et al. *Dictionnaire de la science politique et des institutions politiques*. 6ª ed. Paris: Armand Colin, 2005.
- HONIGMANN, John. “Tribe”, *A dictionary of the social sciences*, Glencoe, Free press, 1964.
- HONWANA, Alcinda. *Espíritos Vivos, Tradições Modernas. Possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique*. Maputo: Promedia, 2002.
- KAPLAN, Irving “The Society and Its Environment”, in *Mozambique, a country study*. Foreign Area Studies, Washington, The American University 1984.
- KING, David C. (2007). *Mozambique (em inglês)*. [S.l.]: Marshall Cavendish. Consultado em 29 de novembro de 2009.
- KI-ZERBO Joseph. *Para quando África? - Entrevista com Holenstein*. Tradução de Carlos Aboim de Brito. Porto: Campo das Letras, 2006.
- KRUKS, Sonia (1987). “From Nationalism to Marxism: The Ideological History of FRELIMO, 1962-1977” In: Irving Leonard Markovitz (ed.) *Studies in Power and Class in Africa*.
- LOURENÇO, Vitor Alexandre Antunes. *Estado, Autoridades Tradicionais e Legitimidade Política: os parâmetros de um «casamento de conveniência» em Mandlakaz*. 2005.
- LOURENÇO, Vitor Alexandre. *Entre Estado e Autoridades Tradicionais em Moçambique: Velhas Aporias ou Novas Possibilidades Políticas?* 2007.

LOURENÇO, Vítor Alexandre. Estado, Autoridades Tradicionais e Transição Democrática em Moçambique: Questões teóricas, dinâmicas sociais e estratégias políticas. 2009, p. 115-138

LUNDIN, I. A pesquisa piloto sobre a autoridade/poder tradicional em Moçambique: Um somatório comentado e analisado. In I. Lundin e F. Machava (org.), Poder e autoridade tradicional, I. Maputo, MAE/NDA, 1995.

LUNDIN, Iraê. "Partidos políticos: a leitura da vertente étnico-regional no processo democrático", in Brazão Mazula (org.), Moçambique: eleições, democracia e desenvolvimento, Maputo, Patrocínio Embaixada do Reino dos Países Baixos (1995).

MACHEL, Samora Moisés. A revolução é irreversível. Revista Revista Tempo. Maputo, 1978a, n. 390, 26 de março. Caderno Especial, p. 31-37/1978, p. 35

MACHEL, Samora Moisés. Estabelecer o poder popular para servir às massas. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

_____. Defender a pátria, eliminar a fome: tarefa de todos os Moçambicanos. Coleção 4º Congresso. Maputo, 1983.

_____. A Luta Continua. Porto: Afrontamento, 1974.

_____. Revolução; transformação profunda das estruturas; transformação profunda da nossa vida. Maputo: Imprensa Nacional, 1975.

_____. Impermeabilizemo-nos contra as manobras subversivas intensificando a ofensiva ideológica e organizacional no seio dos combatentes e massas. Maputo: Imprensa Nacional, 1975b.

MARX, Karl e Engels, Friedrich. A ideologia alemã. Tradução de Luís Cláudio de Castro e Costa. Ed. Martins, fontes. São Paulo 2001, p. Xvi

MASSANGAIE, Arnaldo Timóteo. A política externa de Moçambique e sua inserção no processo de integração regional na África Austral. Tese (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MATUSSE, R. África Austral: das migrações bantu à integração regional. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.

MAZULA, Brazão, Educação, Cultura e Ideologia em Moçambique: 1975-1985, Porto: Afrontamento, 1995, p. 143.

MEDEIROS, R. M. V. e MATOS, E. A. C. A transformação do espaço rural moçambicano rumo à socialização do campo. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). p. 31-64, V.11, n.15, jan-jun.2015.

MENESES, Maria Paula G. Poderes, direitos e cidadania: O 'retorno' das autoridades tradicionais em Moçambique. Revista Crítica de Ciências Sociais, 87, dezembro 2009: 9 42.

MERCIER, Paul. « Remarques sur la signification du "tribalisme actuel" en Afrique noire », Cahiers internationaux de sociologie, (Paris, PUF), XXI, Julho-Dezembro, 1961.

MILL, John Stuart. Considerações sobre o governo representativo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

MINTER, William. Renamo: Terrorismo in Mozambique by Alex Vines; La Cause des Armes au Mozambique: Anthropologie d'Une Guerre Civile by Christian Geffray.

MOIANE, José. Memórias de um Guerrilheiro. Maputo: King Ngungunhane Institute. 2009.

MONDLANE Eduardo, MACHEL, Samora. FRELIMO e a revolução em Moçambique. Coleção Libertação Nacional. 141 p., M Da Fonte, 1975.

MONDLANE, E. Lutar por Moçambique. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1975.

MORIER-GENOUD, Eric; CAHEN, Michel; do ROSÁRIO, Domingos M. (edição) (2018). The War Within New Perspectives on the Civil War in Mozambique, 1976-1992. Oxford: James Currey.

MORIER-GENOUD, Eric; CAHEN, Michel; do ROSÁRIO, Domingos M. The War Within New Perspectives on the Civil War in Mozambique, 1976-1992. Oxford: James Currey, 2018.

MSABAHA, Ibrahim S. R., and Shaw, Timothy M. *Confrontation and Liberation in Southern Africa: Regional Directions after the 9Nkomati Accord*. Westview Press, Boulder, Colorado, 1987).

NCOMO, Barnabé Lucas. *URIA SIMANGO: um homem e uma causa*. Maputo, 2003.

NEGRÃO, José, Samora e o desenvolvimento. In: SOPA, Antonio (coord), Samora: Homem do povo. Maputo: Maguezo, 2001

NEVES, L. F. B. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios. Colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

NEWITT, M. *História de Moçambique*. Mem Martins: Europa-América. 1995.

NEWITT, M., & Tornimbeni, C. *Transnational networks and internal divisions in central Mozambique – A historical perspective from the colonial period*. Cahiers d'Études Africaines, 2008.

NGOENHA, S. Elias: *Filosofia Africana: Das Independências às Liberdades*, ed. Paulistas, Maputo, 1994.

NILSSON, A. *Peace in our time. Towards a holistic understanding of world society conflicts*. Göteborg: PADRIGU, 1999.

NUVUNGA, A. 2000. "Experiências com Partidos Políticos em Novas Democracias: O deixa andar no quadro institucional em Moçambique". *Cadernos ADENAUER VIII*, nº 3.

OLIVEIRA P. *Renamo: Uma Descida ao Coração das Trevas*, Lisboa: Europress.2006.

OLIVEIRA, P. *Renamo, uma descida ao coração das trevas*. Lisboa: Europress, 2006.

PACHINUAPA, R., LIPHOLA, M., & Tiago, P. *Moçambique: 40 Anos de Independência e Soberania*. Maputo. Nachingwea Editores, 2015.

PAREDES, Marçal de Menezes. *A construção da identidade nacional moçambicana no pós- independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa*. Anos 90, Porto Alegre, 2014.

_____ Michel Cahen. "Não Somos Bandidos": A vida diária de uma guerrilha de direita; A Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985). Reviewed by Marçal

de Menezes Paredes (Escola de Humanidades-PUCRS). Published on H-Luso-Africa (October, 2020)

PINTO, Jaime Nogueira. Jogos dos africanos. Lisboa, Portugal. 1994.

PITCHER, M. Anne. Transforming Mozambique: the politics of privatization, 1975-2000, Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

QUEMBO, Carlos. O poder do poder: Operação Produção (1983) e a produção dos «improdutivos» urbanos no Moçambique pós-colonial, In: Cadernos de História de Moçambique, v.1, p. 65-81, 2012.

RANGER, Terence (1996), “Postscript: Colonial and Postcolonial Identities”, in R. Werbner; T. Ranger (orgs.), Postcolonial Identities in Africa. London: Zed Books, 271-281. S/a (1979), 1ª Reunião Nacional sobre Cidades e Bairros Comuns. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.

RICOEUR, Paul. Ideologia e utopia. Tradução de Teresa Louro Pérez, edição 70, Lisboa, 1991, p. 167.

ROBINSON, David Alexander. Curse on the Land: A History of the Mozambican Civil War. 2006.

ROESCH O. ‘Is Renamo a Popular Movement in Mozambique? Southern African Review of Books, dezembro. 1989.

SARTORI, G. Parties and Party Systems: A framework for Analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

SERAPIÃO, Luís B; EL-KHAWAS, Mohamed A. Mozambique in the Twentieth Century, From Colonialism to Independence, Washington, University Press of America. 1979.

SMITH A. D. A identidade nacional. Lisboa, Gradiva. 1997.

TERENCIANO, F. 2016. Competição Política e Geografia Eleitoral em Moçambique (1994-2014). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política - Universidade Federal do Pará. Dissertação de Mestrado em Ciência Política.

THIESSE, Anne-Marie. No coração do regionalismo: a definição da cultura popular*
Au cœur du régionalisme: la définition de la culture populaire. ANTARES, nº4 –
Jul/Dez 2010.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “‘Escravos sem dono’: a experiência social dos campos de
trabalho em Moçambique no período socialista”. Revista de Antropologia, São Paulo,
USP, v. 51, n.1, 2008.

TIMÓTEO, A. Chipande Manda Passear a dita Democracia, in Canalmoz, notícias
online, 2009.

VELOSO, J. Memórias em voo rasante. 3.ed. Maputo: JVC I, Lda, 2006.

VIEIRA, Sérgio. "O homem novo é um processo". Tempo, 398: 27-38, Maputo (1978).

VIEIRA, Sérgio. Participei, por isso testemunho. Maputo: Ndira, 2011.

VINES (1996), apud Carta de André Matsangaia, RENAMO. A mensagem do líder à
população. Gorongosa, 17 de dezembro de 1977.

VINES A. Renamo: From terrorism to democracy in Mozambique? Londres: James
Currey. 1996.

VINES, Alex. ‘No Democracy Without Money’: The Road to Peace in Mozambique
1982-1992.

VINES, Alex. Renamo: From Terrorism to Democracy in Mozambique. Africa World
Pr. 1995.

WESSELS, André, Book review of G. Baines, South Africa's “Border War”: Contested
Narratives and Conflicting Memories (Bloomsbury Academic, London, 2015), in
African Historical Review

VISENTINI, P. 2016. “Revoluções e Relações Internacionais: O caso Africano”.
Revista Brasileira de Estudos Africanos e-ISSN 2448-3923 | ISSN 2448-3907 | v.1, n.1,
Jan./Jun.

WANTCHEKON, L e Jensen, N. 2004. Resource Wealth and Political Regimes in
Africa. Yale University press.

ANEXO A**Traduções das entrevistas para o português.**

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Joana Mbadzo**

IDADE: 55 anos

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Manica**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **População da RENAMO/informante**

GÊNERO: **Feminino**

ENDEREÇO: **Messica**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 24 de março de 2021

LOCAL: Messica

DURAÇÃO: 36 minutos

(Silêncio caracterizou a entrevista)

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

A entrevista foi realizada no dia 24 de março de 2021, em Messica, distrito de Manica, província de Manica (Joana Muandza).

Taperero: *Já estamos a começar com a nossa entrevista. Gostaria que nos permitisse gravar e depois transcrever.*

Joana: *Obrigado. Sim, pode, à vontade.*

Taperero: *Quando você entrou na RENAMO? E como foi?*

Joana: Quando fui raptada, eu estava na 5ª classe, na missão de Ripidzi. A RENAMO, para chegar a uma região, primeiro fazia a reunião com a população, dizendo que nós entramos aqui na zona, somos a RENAMO. E na RENAMO vinham os chefes, que

eram madjuba, eram responsáveis pelos grupos. Então, quando eu fui levada, na altura tinha dezesseis anos. Em 1982, quando fizeram o primeiro ataque na missão de Tete, fomos levados para a primeira base. Era a base (desculpe a expressão), era a base de Matinje⁴⁷². Ficamos duas semanas, carregamos a farinha para os militares da RENAMO. Então depois de um tempo, nós saímos e levamos, outro grupo saía, assim sucessivamente, ah, nos acampamentos. Então, daí vinham de novo para a segunda reunião, dizendo que na zona já são eles a se responsabilizar. Praticamente, eles já estavam a mandar. Já estavam a comandar toda a zona, porque a Frelimo bastava te apanhar já eras matado. Até minha mãe foi levada, por pouco seria morta. Só que menti, como irmão era militar, menti que não conhecia a pessoa, ela foi libertada.

Taperero: *Como as mulheres eram tratadas? Eram violentadas ou viviam de uma forma normal?*

Joana: Viviam de uma forma normal. Aquele que quisesse já querer estar com ela estava, não era por violência. Não era violência não, se quer se entregar, se entregava. Eles são militares, não têm mulher.

Taperero: *Nas suas estadias na base, conseguia ver os brancos?*

Joana: Sim, tinha branco, tinha... tinha... tinha. Tinha branco, sim.

Taperero: *Falavam inglês?*

Joana: Falavam umas línguas que nós não entendemos, brancos mesmo os cabelos este...

Taperero: *Eles serviam como chefes? Ou apenas os via conversando?*

Joana: Serviam como chefes.

Taperero: *Tinham uma estrutura organizada? Por exemplo, saúde, educação etc.?*

Joana: Tinha medicamentos.

Taperero: *Quem fornecia eram esses brancos?*

Joana: Eram brancos, quando alguém ficava doente eram dados comprimidos, mas de onde vinham nós não sabíamos.

Taperero: *Todos vocês que foram raptados passaram a ser recrutados da RENAMO?*

Joana. Sim.

Taperero: *Existiam pessoas que iam voluntariamente, ou era por rapto?*

Joana: Havia muita gente que, por gostar de estar com eles, ia sozinho. Nem tudo eram raptos.

Taperero: *Nem tudo era sequestro?*

Joana: Não era tudo. Só que quando vissem que essa casa era um elemento da Frelimo, eles queimavam. O que é que eu assisti foram queimadas, era da Frelimo, foram colocados na casa e foram queimados.

Taperero: *Existia a ideia de “população” e “população da Frelimo”?*

Joana: Sim, havia duas populações, da Frelimo e da RENAMO, mas era segredo, não podia manifestar em ambas as partes. Exemplo, eu tenho filho da RENAMO e um filho que é militar da Frelimo. Esse outro da RENAMO não podia denunciar, bastava saber que tinha essa relação não deixava passar, matava mesmo. Eu assim tenho minha prima, que agora é deputada da assembleia que está no Maputo, ela é da RENAMO e meu irmão é da Frelimo, e tem outro irmão. Se você era da RENAMO, saía para a população da Frelimo era morto, e da Frelimo saía também para a população da Renamo, também era morto. Ninguém podia visitar o outro. Eu a minha área é essa mesma, porque eu já vivi um pouco lá, eu falo da Frelimo porque meu irmão está lá, mas a minha área é da RENAMO. Por perseguição não posso dizer, dizer que eu sou isso. Hoje, por exemplo, estou no meio das pessoas que são do partido Frelimo, basta saber que aquela é isso, qualquer coisa que vai surgir vão dizer que é com ela.

Taperero: *O que motivava as pessoas raptadas a permanecerem lá e serem fiéis e leais à RENAMO?*

Joana: Era devido à consideração em si (riso), a maneira deles de considerar a população deferente. Aqueles não queriam ter Apartheid, diferenciação no tratamento, esse estavam contra as escolhas no tratamento, dizer que esse é mais que esse, todos erais iguais e julgado da mesma maneira. Esse tem, esse não, eles tratavam as pessoas da mesma forma. Eles queriam igualdade. Você pode ter um problema, né... não tem possibilidade, mas você tem suas razões, ser Dvinyiriruido, eles não queriam

kudvinyirua. Você tem seu problema, deve ser resolvido, como deve ser resolvido de forma como deve ser. Não havia espaço privilegiado, ou favorecido, tudo era por igualdade.

Taperero: *As aldeias comunais foram também motivos da permanência nas bases da RENAMO?*

Joana: Sim. Todos os lugares que a RENAMO fizesse as reuniões a Frelimo vinha arrancar as coisas, dizendo por que estás a ficar aqui no mato. A Frelimo bastava saber que eras da RENAMO ou tinha contato com a RENAMO carregava tudo que tinha, mesmo boi. Porque nessa altura, a RENAMO não tinha acampado na área, aí a Frelimo vinha ameaçar a população.

Taperero: *Já teve contato com mudjibas (manjuba)?*

Joana: Sim.

Taperero: *Como eram escolhidos?*

Joana: Eram escolhidos da seguinte maneira: os militares da RENAMO quando chegavam numa aldeia, perguntavam pelo secretário, e nós falávamos que não o conhecemos. Daí indicavam fulano. Mudjibas eram como secretários, exemplo, eu tenho um cunhado. Nós lá chamávamos mudjibas. São eles que faziam contatos entre comunidade e guerrilheiros da RENAMO. Traziam informação.

Taperero: *Quando estamos a ler livros, deparamo-nos com a prática da violência. Era frequente na guerrilha contra a mulher?*

Joana: Nada, aquele que queria, como sabemos que homem é homem, é como aqui um homem quando fica muito tempo, a tendência é de ficar com aquela mulher. Então eles conquistaram, sim, senhor. Até tenho uma amiga que até agora está casada com o guerrilheiro, estão juntos.

Taperero: *Como era feito o carregamento de mantimentos?*

Joana: Cada grupo tinha uma certa distância, não era o mesmo grupo que levava até chegar na base, daqui para 25 ou makadeira voltamos. Os de madeira carregam também para outra zona, quando eles também cansar de andar, outro grupo também estava à espera de receber, até chegar na base. Chegamos até Moatize a pé, mas saindo de Angonia, eu primeira viagem, mesmo meus pés incharam.

Taperero: *Mas depois passou a gostar?*

Joana: Hoo, passei a gostar porque já éramos acompanhados pelo próprio grupo da RENAMO.

Taperero: *E nunca pensou em fugir?*

Joana: Eu pensei em fugir quando ouvi que teu irmão veio para te levar, daí mesmo fugiu (riso). É quando eu fugi com minha prima, éramos duas pessoas, daí meu irmão veio, e nos levou para aqui.

Taperero: *Havia pessoas presas lá no cativeiro?*

Joana: Aqueles que queriam fugir de qualquer maneira, eles chamboqueavam mesmo, era vida militar mesmo chamboqueavam, quer fugir para o quê... queres ir ao Makamusi, Makamusi era a Frelimo, chamávamos de Makamusi,

Taperero: *Qual era o significado de Makamusi?*

Joana: Significa que era militar da Frelimo, daí você chamboquear, se tiver de azar, ser morto.

Taperero: *Eram frequentes os fuzilamentos?*

Joana: Eram, eh, eh, essa parte era, matavam mesmo.

Taperero: *Tem alguma coisa por acrescentar?*

Joana: Não tenho muita coisa para acrescentar.

Taperero: Muito obrigado.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME. Jaime João Chando

IDADE. 58 anos

GÊNERO: Masculino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): Manica

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **Docente e ex-guerrilheiro**

ENDEREÇO: **Chimoio**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 26 de março de 2021

LOCAL: Chimoio

DURAÇÃO: 65 minutos

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

A entrevista foi realizada no dia 26 de março de 2021, na cidade do Chimoio, no bairro Matador.

Taperero: *Como, quando e com quantos anos você entrou na guerrilha?*

Jaime João Chando: Eu conheci a RENAMO, primeiramente, foi em 1985. Tínhamos correspondências, através do tio meu que estava na RENAMO. Mas, como estava jovem a estudar, não tinha muito interesse. Posteriormente, em 1990, quando ingressei

no campo com a guerrilha, foi por livre e espontânea vontade, voluntariamente. E lá, quando cheguei, tive os meus preparativos técnicos militares. Depois das técnicas militares, entramos pela zona de Púngué, de Púngué fomos para aquela zona de makorokocho, fui para Gorongosa. Após meus treinos, durante 90 dias em Gorongosa, tive oportunidade porque eu sabia escrever e já vinha trabalhando no banco. Fui nomeado com o presidente, comandante em chefe que era Afonso Dhlakama, nomeou-me como chefe de departamento das finanças do partido RENAMO, porque estava a procurar restaurar o partido. Quando assumi as pastas de chefe de departamento das finanças da RENAMO, trabalhei de verdade, tive meus adjuntos, tive problemas de dinheiro, até fui para a Suazilândia, com o homem dos transportes Domingos Vaz. Tive alguém que estava em Portugal, chamado Sebastião dos Santos Temporário, e começamos a seguir com a situação. Quase chegou às vésperas de 1995, devido aos problemas que eu tinha, também o partido estava endividado, tinha muitas dívidas segundo os compromissos, porque quem dá espera receber. Se as pessoas davam armamento, porque tinha garantia, tinha esperança, ou de lugar, ou de uma economia, ou porque era negócio de crédito. Tivemos esse problema até, eu achei, até 94. Não tive sorte de ser desmobilizado por causa desses problemas, eu estava fugitivo porque o partido e o presidente sabiam, e acabei por estar fora em 95, e em 96 ingressei na educação e comecei a dar aulas no instituto industrial Joaquim Marra e, após, hoje estamos à espera da desmobilização da segunda fase. Mesmo a desmobilização criou dificuldade por grupos Nhongos, com a própria nova direção que é Ossufo Momade.

Taperero: *O que o motivou a entrar por livre e espontânea vontade?*

Jaime João Chando: Eu entrei como voluntário devido, primeira coisa era, tinha objetivo de querer estudar, porque houve aliciamento, as pessoas prometeram que havia de estudar na Europa, porque em Moçambique não havia espaço para qualquer pessoa estudar, até para uma pessoa que seja da zona centro, que éramos chamados de chingondo. Não tinha esse espaço para estudar. A segunda coisa compreendia um pouco de exclusão, é verdade, logo automaticamente compreendia que em Moçambique havia uma divisão, zona sul com mais privilégio e zona centro não tinha privilégio. É através desse privilégio de estudar como os outros que a RENAMO tinha aberto uma brecha de investir cientificamente nas pessoas, o que também segundo politicamente o governo houve uma barreira que não deu sucesso a esse projeto.

Taparero: *Na sua entrada, acha que as aldeias comunais e a Operação Produção podem ter o motivado?*

Jaime João Chando: Claro, isso já era uma política já madura. É verdade que aldeias comunais na altura que fui ao mato ou à guerra, havia essa coisa de aldeias comunais, incomodava muita gente mesmo, as pessoas que estava aliciar a nós, porque as políticas do marxismo leninista não estavam a favor, a alternância, não havia uma alternância, havia simplesmente uma elite baseada ao lado sul.

Taparero: *Não havia justiça social?*

Jaime João Chando: Não havia democracia, não havia liberdade, não havia justiça, não havia direitos humanos.

Taparero: *Falou do Sebastião, era português ou moçambicano?*

Jaime João Chando: Sebastião dos Santos Temporário foi moçambicano natural da Zambézia, esteve a trabalhar no instituto industrial e comercial de Gaza como docente e, devido esse acaso da injustiça como uma pessoa vindoura de Quelimane para zona sul, não teve muito espaço um mulatinho como aquele, tinha que estar em Portugal para ver se podia ver sua vida horizontes. E quando chegou a Portugal teve oportunidade, teve oportunidade, teve emprego para esposa como enfermeira, teve oportunidade de fazer negócio, teve a sua empresa a electro fria. Até chegou a ganhar num certo evento um concurso de empreitada, de sistema elétrico e montagem de energia de Portugal a Espanha.

Taparero: *Falou da questão de crédito. A RENAMO era financiada totalmente pelos estrangeiros ou havia financiamento partilhado?*

Jaime João Chando: A RENAMO nos primeiros dias, nos primeiros dias, havia interesses da colônia, os colonialistas portugueses quando saíram deixaram muitos bens, e como as políticas foram coercivas deixou seus bens, qualquer pessoa pode retaliar. Então essas pessoas que estavam a retaliar tinha os seus objetivos de conseguir obter os seus bens, como repetir ser entregue ou voltar de trás para sabotar. Então o que aconteceu, houve uma força que capital, fugiram para Rodésia, quando estiveram na Rodésia, por um determinado tempo a Rodésia não ficou livre. Logo os africanos, o Mugabe, conseguiram poder e automaticamente o grupinho tinha que voltar ou ir à África do Sul, onde tinha outros brancos e aqueles brancos tinha lá um quartel. Algumas

empresas de força, defesa e segurança que se chamava de Tri Two, batalhão búfalo, as pessoas ingressaram ali. E como maneira do Tri Two ajudava UNITA, como ajudava também a RENAMO, ajuda com interesse, quem dá tem interesse, é um negócio, quem vende tem que haver a pessoa a comprar. Todo negócio tem lucro, não se dá assim a borla, então aquela dos brancos ajudava a RENAMO. Quando ajudarmos a RENAMO, quando estiver no poder, quando entrar a democracia, podemos talvez reaver os nossos bens.

Taperero: *Nos treinos que recebeu como militar, foram os brancos a te treinar?*

Jaime João Chando: Eu recebi treino com os moçambicanos, só o grupo que treinar na África do Sul treinava com especialistas eram brancos, O Tri Two foi a empresa da força e segurança que tinha pessoas de qualquer tipo de raça, negros, brancos e africanos.

Taperero: *Qual era a tarefa dos líderes tradicionais para a guerrilha?*

Jaime João Chando: Na RENAMO, os líderes tinham muito poder e tem muito poder, são as pessoas políticas de muito poder. Por quê? Dou exemplo de Afonso Dhlakama, o pai dele era régulo, e como pai dele fosse régulo, ele sabia valorizar as políticas do regulado, os poderes de um regulado. E como os régulos durante a guerra tinham política de como conseguir sensibilizar o povo para conseguir apoiar logisticamente. Como estava a dizer que a própria RENAMO não tinha um investimento 100% externo, tinha 25% externamente, mas os 75% eram internamente, na parte logística e alimentar tinha que se usar os régulos para fazer as políticas de contribuição, semanalmente ou de dois em dois dias a tirar copo, copo de farinha, era simplesmente da área deles. Havia logística de armamento, camas, mantas, fardamentos, eram amigos empresários que investiam porque tinham seus interesses. Outros vinham por questões de negócios (não vou lhe esconder, vou lhe abrir o jogo), alguns diziam dou-lhes isso, por exemplo, uma avioneta para servir das vossas viagens do trabalho das negociações. Mas qual nosso lucro, vocês não têm dinheiro, mas vocês têm recursos, através de recurso também é o dinheiro. Eu recordei bem algumas negociações que houve que o governo de Banda no Malawi, vi de perto porque na altura já era chefe das finanças, a Frelimo, na pessoa do presidente Samora, não tinha amizade com Banda fechou. Nós tínhamos fechado África do Sul, África do Sul estava fechado por quê? Por causa dos novos Acordos de Nkomati, a África do Sul fechou por causa daquele acordo, África do Sul encerrou a

viagem de saída pela África do Sul e procurou-se uma alternativa que era via Malawi. Nos aproximamos da fronteira e fazíamos nossas bases e os gabinetes ficam na via fronteira, Nyapale (Nhapale) e Nyandanda (Nhandanda), fizemos a fronteira e nós conseguimos ir ao Malawi. Qual as negociações do governo de Malawi estavam em tudo. O governo de Malawi como não tinha saída, a RENAMO na pessoa de Dhlakama bateu o pé, se não deixa passar do Malawi, servimos de transporte de passagem até Quênia, eu vou encerrar a linha férrea, linha férrea transporta mercadoria da Beira até o Malawi. Quando se fechou aquela via, Malawi ficou em risco sem abastecimento logístico no país. Via aérea é difícil. O governo de Malawi usou o senhor Phiri na pessoa que era amigo do falecido Dhlakama.

Taperero: *Refere-se ao John Phiri, aquele que tinha partido na Zambézia?*

Jaime João Chando: Sim, o John Phiri, um gajo de Tete, Angónia. Eu conheci o Phiri, cheguei em casa dele na altura em Lilongwe. Governo do Malawi usou a pessoa de John Tembo, que era ministro da segurança, ele diz olha se é neste caso vocês dizem fechou linha férrea, não quer deixar linha férrea a transportar mercadoria para Malawi devido a vosso problema em Moçambique, chama-se corte de logística. Então qual é a vossa saída? Como vamos fazer nas negociações? O Dhlakama disse eu vou deixar a linha de Tete de Zobue, vão usar via rodoviária, via ferroviárias vou fechar. Mas a condição é qual? É de me deixar vocês a passar de Malawi, se houver barreira para outros países ter meu escritório no Malawi, por isso tivemos aquele escrito no Malawi no *Shilimone Seven*.

Taperero: *Era uma representação da RENAMO no Malawi?*

Jaime João Chando: Sim.

Taperero: Significa que a RENAMO já tinha diplomacia?

Jaime João Chando: Sim, sim, tinha Shilimone Seven, já tínhamos lá alguém que estava sedado na política, o senhor John Phiri estava nas comunicações do Langa, João Langa. Então quando se deixa aquela via, o governo de Malawi faz jogada de cimento, tirou na altura eu a ver foi 400.000 dólares, ah, 400.000 dólares, dou 400.000 dólares e deixo-lhe uma brecha de que vocês podem passar daqui para fora do país sem problema, e as negociações foram feitos dessa maneira. Tínhamos 400.000 dólares nas mãos, tínhamos oportunidade de passar através do Malawi para outros países da Europa sem

problemas. Sem problema de documentação, mas algumas vezes que tratamos a documentação no Malawi tínhamos uma brecha com o governo Malawiano. Tínhamos outra brecha no governo de Quênia.

Taparero: *Ah! Vocês em Quênia tinham uma diplomacia?*

Jaime João Chando: Sim, tínhamos um escritório lá, estávamos lá com o Delegado Moisés zefate Muchanga, um gajo de manica, é um pouco manikeze e mandau de Dombe. Tinha outro escritório em Mombaça, em Quênia, tínhamos escritório que estava lá o Zé Milione, estava Manuel Antônio Favor.

Taparero: *Esses eram todos moçambicanos?*

Jaime João Chando: Sim, estavam no escritório lá. Enquanto em Nairobi estava o Delegado, que era Zefate Muchanga, era professor de matemática num dos institutos, havia um correspondente da BBC em Nairobi, que era Madjambe, estava lá, tínhamos uma equipa, havia também um secretário que estava ligado na rádio que comunicava conosco, e usávamos rádio de comunicação.

Taparero: *Falando da rádio de comunicação, quem ofereceu a rádio de comunicação?*

Jaime João Chando: Bem, eram forças especiais, era ArRanCar aquela rádio. ArRanCar era um dos rádios sofisticados.

Taparero: *Foi uma doação ou foi a RENAMO que comprou?*

Jaime João Chando: Comprou-se no sentido de doação, compra oferta.

Taparero: *Quando diz compra oferta, está tentando dizer o quê?*

Jaime João Chando: Compra oferta estou tentando dizer assim, eh... o negócio faz-se de muita maneira. O que se fazia eu não vou lhe poupar lhe desviar, vou lhe abrir para ter página, tens muita sorte de ter conversado comigo, a pessoa que estava dentro da diplomacia. As compras, os negócios fazem-se de várias maneiras, troca de produtos também é negócio, compra de dinheiro. Na altura, havia nossos colegas, grandes ricos que tinham capacidade em dinheiro para lá fora de países comprar. Mas também havia os brancos que diziam ok, eu quero ArRanCar, rádio mais sofisticada, sim pagamentos têm vocês? Epa, nesse momento, nós estamos em guerrilha, não temos dinheiro suficiente, nossos amigos podem fazer contribuição, tirar dinheiro pouco, pouco para poder comprar. Mas não chegamos o dinheiro, ok, os multinacionais dizem assim,

arranjam-me turmalina por exemplo, vocês têm recursos nas zonas libertadas onde vocês estão a combater, tem turmalina, tem chifre de elefante, corno de rinoceronte, podem nos conseguir isto para a gente obter. De verdade, eu vi esses negócios, houve para Alemanha, houve alguns para África do Sul, havia Eerocopitolo, fazia duas ou três viagens de noite, carregar chifres, marfins, era um dinheiro fabuloso, chegamos a um tempo a RENAMO ter avião, eu fui a pessoa que participou na compra de duas ou três avionetas.

Taperero: *Em que país?*

Jaime João Chando: No Quênia bem vinha um branco, era uma companhia grande, vinha estacionar e fazia-se as negociações.

Taperero: *Ainda lembra dos nomes das companhias?*

Jaime João Chando: Bom, nós tínhamos a companhia que estava nos ajudar o Tem Rom (rom rom)

Taperero: *Era de que país?*

Jaime João Chando: Uma empresa britânica, dona da Pipeline Moçambique Zimbábue, dona do Lomaco Louro, Louro é uma companhia multinacional ligada a combustível. Temos a empresa Saudita, tem empresa de aviões na Inglaterra chamada Air British, tem uma empresa na Holanda Kilim ligada a linhas aéreas é dele. Aqui em Moçambique, tinha uma empresa de algodão Lomaco.

Taperero: *Falando nisso, fala-se muito do Magalhães. Magalhães teve uma ligação com a RENAMO?*

Jaime João Chando: Magalhães é uma pessoa, é um dos brancos que era amigo do falecido ou amigo da RENAMO. Porque é que era amigo da RENAMO? Ele direta e indiretamente deu muito espaço, como os outros lá em Portugal até são pessoas que cuidaram dos nossos colegas que estavam lá, tínhamos um escritório, em Portugal tínhamos escritório. O escritório da RENAMO era Cais-Cais. Xaveca delineaes das Inhacas.

Taperero: *Numa das leituras que fiz sobre Magalhães, dizem que ele oferecia fardamento, é verdade?*

Jaime João Chando: Deu possibilidade e deu oportunidade de oferecer, como tinha fábrica não só em Moçambique, também tem fábricas em Portugal, ele fez isso porque eram negociações. Eu vos ajudo nessa parte, mas deixam algumas zonas em Moçambique, se ganharem vou reaver minha fábrica que agora está nas mãos do governo, mas tem meus trabalhadores. Tem muitas fábricas, Textáfrica, tem a fábrica que está na Beira, tem a fábrica em Nampula, a Texi-moc. Deixe-me o espaço no campo das fábricas, deixa-me os campos de produção de Algodão, que os trabalhadores façam os serviços e fecham vistas e as empresas vão em frente. Como agradecimento, podia agradecer em fardamento, em dinheiro, em muitas variedades.

Taperero: *E a RENAMO não atacava?*

Jaime João Chando: Sim, por isso viu a RENAMO e Dhlakama teve uma vivenda, ter uma vivenda, não é fácil ter uma vivenda.

Taperero: *Gostaria de saber se, dentro da RENAMO, para além da estrutura militar, tinha também estrutura política?*

Jaime João Chando: Ya, a Renamo sempre teve uma conjuntura, nos primeiros dias, porque eram poucas pessoas capacitadas, não estavam a compreender por que era para fazer uma pressão. Mas ao andar de tempo, no ano 1985, desde 1976, ano que começou a partir de 1981 RENAMO, Dhlakama teve bom conselho e louvei muito, não foi um doutor, mas tinha melhores políticas de expandir em relação ao Savimbi. Porque Dhlakama começou a atacar *dois lados, tinha o campo militar e o campo político*. Teve uma boa reestruturação, até eu recordo bem na UNITA, eu tive oportunidade de sair fora do país, vi que a UNITA tinha muitas condições economicamente. Você via o representante da UNITA num determinado país gozava da hegemonia de um embaixador. Por exemplo, o representante da UNITA em Portugal nem embaixador de Angola não era, nada por causa das condições e luxo até exagerava. O falecido Dhlakama dizia isso que está fazendo meu irmão Savimbi é bom claramente, mas isso vai lhe provocar o fim dele crise, de verdade no fim de Savimbi já começou a ver uma política econômica, pessoa a fazer com poder econômico. Savimbi tinha muito dinheiro. Savimbi tinha muito interesse econômico, enquanto Dhlakama tinha interesse político.

Taperero: *Haaaa. A diferença é que Dhlakama tinha interesse político e não econômico?*

Jaime João Chando: Sim, Savimbi começou a colmatar nos primeiros dias esse problema e não conseguiu ensinar os militares que nós estávamos a lutar devido à riqueza. É verdade, um e outro sabiam porque eram intelectuais os interesses, mais aquilo, mas ele não se dedicava muito àquilo no seu comprado político, dizer que objetivo da RENAMO, aliás da UNITA, é de dinheiro. A RENAMO dizia que objetivo da RENAMO é o povo, é verdade que cada um tinha seus problemas por causa por natureza, por causa do tribalismo, por causa de gostar de mulher, esse é um problema pessoal.

Taparero: *Mas esses problemas eram frequentes nas bases?*

Jaime João Chando: Como uma pessoa podia ter duas ou quatro mulheres, isso é normal como pessoa, mas não era o tempo. Era muito proibido a pessoa beber, muito mais Nipa, esse era muito proibido, até iria preso ou chamboqueado quando ser visto a fumar soruma. Mas militar como militar sempre desobedecia. Dizia-se, essa mulher que está consigo não é a tua esposa, essa mulher é combatente, se estás com ela é uma necessidade humana. Essa política eu concordo, de fato, porque ele dizia que essa necessidade é humana. Você não veio a casar aqui na guerra até que estar com essa senhora que está consigo, é mulher de dono, lá em casa dela deixou marido, no dia que sair daqui da tropa voltará para casa do marido. Eu tenho prova, vi algumas senhoras que estiveram no mato, até que nasceram no mato, voltarem para casa dos seus maridos, e tenho que provar quem de exemplo. Tive uma Df chamada Dona Chica, era esposa de alguém, de um administrador, foi sequestrada foi para lá, quando chegou lá ficou com Senhor Ululo. A mulher estava em Nairobi, Ululo residia em Nairobi mas estava conosco na guerra, e tinha um subsídio para dar a seus filhos lá em Nairobi, é um senhor, um maconde. Até chamava que o senhor Chissano era o cunhado, Vicente Ululu, um chefe de departamento como a mim.

Taparero: *Qual é a tarefa de Vicente Ululu?*

Jaime João Chando: O Vicente Ululu primeiro, foi eu posso contar a história dele de ponta a ponta ou no final? Era chefe de departamento de informação e não serviço de informação secreta. Posteriormente, como não havia secretário-geral depois de cessar fogo, passou a ser secretário-geral do partido.

Taparero: *Na guerrilha, quem dava ordem era o próprio Dhlakama ou eram os patrocinadores?*

Jaime João Chando: Ahah... na RENAMO tinha defeito, é por isso que Dhlakama não teve muitos investimentos com os brancos. Dhlakama aceitava ajuda, não aceitava manipulação, aquele gajo de fora se aparecer aqui na África a pessoa que tem ideologia como aquela. São exemplos desse professor de Tanzânia, que tivera condecoração. Nos casos de Dhlakama, não teve espaço para as pessoas lhe conhecerem perfeitamente, não era intelectual e muito doutor, mas era um homem com alinhamento muito forte. Nada eu recordo bem uma das pessoas foi o professor Thomashausen, professor de direito da Nisa, formou pessoas, durante a guerra ele foi meu professor, ele dava aulas de ideologia e direito. As políticas...

Taparero: *Ahhh, então Thomashausen era aliado da RENAMO?*

Jaime João Chando: Ala, aliado a RENAMO primeiro, depois era conselheiro das Nações Unidas para os assuntos africanos. No meio de tudo, como era um alemão com seus interesses de negócios, eu vi que vinha com seus interesses, eu recordo muito bem como fazia isso na UNITA também, eu recordo muito bem. Chegou de vir com o senhor Pedro e esse senhor era de Three Two, e conheço quem recebeu um dos meus amigos que era chefe de departamento das relações externas da RENAMO, o Fonseca, que passou a ser representante na Alemanha porque tínhamos escritório Born. O Fonseca, hoje na Alemanha, é sócio de uma fábrica de café.

Taparero: *Moçambicano?*

Jaime João Chando: Moçambicano esse, você... O Fonseca hoje tem agência de venda de carros. Eu não vou dizer que hoje doutor Fonseca teve que construir uma fábrica de café na Alemanha, construir agência de venda de carro BMW na Alemanha, um moçambicano, que nem um alemão que está a tanto tempo lá. Ter uma casa, flat não é fácil, não consegue ter uma casa, não é fácil. Com os brancos não é fácil. Um apartamento na Europa, não é Europa só, todos país da América Latina, América do Norte. Onde vive branco apartamento não é fácil para um negro moçambicano, filho de camponês. Mas esse tipo de oportunidade que você pode conseguir é qual..., mas teve essa brecha de algumas pessoas do governo alemão, como houve padrinhos, porque as forças secretas internacionais dos países europeus vão na África e servem como ponta de lança. Thomashausen está servindo como ponta de lança do governo alemão, onde as políticas alemãs na África Austral.

Taparero: *Qual era a importância da Igreja Católica na RENAMO?*

Jaime João Chando: A Católica tinha algumas políticas, portanto a Católica por natureza e origem das causas moçambicanas quando foram concebidas não favoreceu a Católica, por origem e natureza a guerra da luta quando ganhou a independência não facilitou as igrejas católicas ou todas as igrejas, de uma forma geral foram fechadas todas as igrejas. As igrejas eram centros cultural e de dança, as igrejas eram cooperativas, as igrejas, os pavilhões eram centro de dança como acabava de dizer, cultural e campo desportivo, então aquilo lesou, não havia política de formação de novos padres, muitas barreiras, automaticamente a Católica ficou lesada, a Católica. Sabendo que a católica contribuiu muito para Moçambique conseguir ter a independência. A Católica é que criou jovens, levava jovem para Tanzânia para se formar, hoje a Frelimo tem muitos quadros através da igreja católicas. Porque os padres, como exemplo padre Gwenjere, muitos padres moçambicanos levavam jovens e enviavam para Tanzânia. De Tanzânia, aqueles jovens serviram como intelectuais e a Frelimo ascendeu em bons lugares. Tiveram oportunidade de estudar mais, doutorar, não sei quem, com quem, para o agradecimento ser isso. Nem se fosse o que estava a fazer para ti seria absurdo. Como teve oportunidade que aconteceu, a Católica tinha um ponta de lança. Qual é uma das pessoas que servia de ponta de lança? Como a Católica tinha objetivo de ver negociações para reaver seus bens e essas negociações foram feitas em Roma, eu recordo bem e quem nos facilitou é o Papa João Paulo II, ah, facilitou-nos para as negociações estar no Vaticano, ah, na Santa Sé. Eu não estive nas negociações, mas tive algumas pastas de recordação aqui, de hotel que nos tinha alugado a Católica.

Taparero: *No recrutamento da guerrilha, a Católica participava?*

Jaime João Chando: Só de algumas pessoas, bom, sim, alguns dirigentes, mas não é a Igreja Católica como política, na pessoa de Dom Jaime. Eu tive que ir à guerra porque foi a luta deles, diziam que vocês vão estudar, pessoas daqui não tem oportunidade de estudar.

Taparero: *Então você teve mesmo...*

Jaime João Chando: Sim, tive bolsa de estudo. Estava o Dom Jaime, não só o Dom Jaime como tantos, estava Dom Jaime, estava esse Silotas,

Taparero: *O Dom Silota também participou na mobilização dos que vão à RENAMO para irem estudar?*

Jaime João Chando: Sim, sim, sim, saíram jovens no Chimoio, saíram jovens na Beira, tinha até jovens na Zambézia, havia outro bispo ali, não sei bem, Gruveta, Gruveta aí. Isso porque fazia assim, puxava também sempre sua parte. Dizer ok, vamos à Católica sentir dores porque só existe zona sul a estudar. E também no Centro? E esses bispos e padres não são da zona centro também? Também ficavam lesados, aproveitando dessa ofensa e outra ofensa junta, significa que o saco enche por galone uma lata, e enche o saco. Tinha problemas para resolver da Igreja Católica, sobre suas casas e residências, escritórios para reaver a Igreja Católica, como as políticas reais que conseguiram convencer o santo padre. Mas também o Dom Jaime tinha outras perspectivas, tinha uma influência direta, isso faz na tradição, faz-se assim politicamente, faz-se assim desculpa pegar a ti (riso, riso) Njako, Njanguo. Essa é vossa parte, essa é minha. Então a Católica dizia ok, casas o quê, quê... o Papa convencido. Mas Dom Jaime passava-lhe de trás, era Mandau, irmão e conterrâneo de Dhlakama. Por que é que não vamos levar nossos filhos da casa, vamos levar nossos filhos da casa através de si, vamos formar, porque atrás da Frelimo só forma os manhambanas.

Taperero: Dhlakama e a RENAMO tinham parceiros para vocês irem estudar?

Jaime João Chando: Sim, porque a Frelimo fez muita barreira. Houve um ou dois que conseguiram estudar, foi um número muito ínfimo que estudou, mas a Frelimo fez muita barreira através da sua diplomacia. Vetou apesar de que o empresariado europeu tentou fazer loby, mas vetou de uma maneira os serviços secretos, de uma maneira difícil.

Taperero: Que pessoas da zona centro foram à escola?

Jaime João Chando: A Frelimo acredito quando você diz que é do centro da província de Manica e conseguiu doutorar.

Taperero: Como uma pessoa que estava diretamente na direção, acredita que André Matsangaissa é que formou a RENAMO, ou foi a Rodésia?

Jaime João Chando: Ah, de verdade, verdade sem mentir sem nada, os brancos tinham objetivos só que pelas políticas internacionais, tem que ter as pessoas do território, as pessoas daquele país a responder, e como houvesse problema no meio da Frelimo devido ao tribalismo, isso não começou hoje, isso começou desde Tanzânia, houve o parceiro que é investidor. Por exemplo, eu tenho motobomba vermelho, estás a ver, ou

motobomba vermelho, tenho cerca de oito caminhões que estou a reabilitar, tinha casas, se aparecer um gajo para fazer parceiras comigo, um sul-africano, por exemplo, eu estou com mão aberta para transportar aquele produto de amêndoa, posso te mostrar documentos. Tenho 436 hectares, andas a partir das 11 horas até 14 horas. Eu tenho dinheiro para fazer prédio aqui. A RENAMO, no pessoal de André Matsangaíssa, tinha os seus objetivos, só que não tinha capital, no tempo de começo, como se houvesse uma pessoa de capital a investir para arrancar com a empresa. Mas os ideais aqueles brancos tinha para reaver os seus bens, mas também houve os moçambicanos hoje que estavam a viver no sofrimento, dizer que não de ser, temos política de exclusão, até há anos o senhor sabe que pessoa do centro não tinha espaço. Riso, riso, riso.

Taparero: *Qual era o objetivo das políticas de fuzilamento?*

Jaime João Chando: Na RENAMO, política, como política de fuzilamento, não. Mas a ordem escrita que pode fuzilar é uma pura mentira, mas como problemas da guerra. Mas política desenhada, eu fui oficial superior, não havia, só que no meio de tudo, num grupinho não faltam malandros. Ah... E como malandro, consequência de guerra é qual... é abate a arma, é verdade, no tempo de André Matsangaíssa havia umas políticas de fazer sentir, como uma pressão, havia pessoas que chegavam numa zona, assaltavam, libertavam uma zona, cortavam orelha da pessoa, vai dizer que estamos aqui. Fazia isso, fazia isto. Uma forma de pressão.

Taparero: *Dizia-se que havia duas populações, da RENAMO e da Frelimo, isso era verdade?*

Jaime João Chando: Correto, corretamente, havia populações diferentes.

Taparero: *Em que consistia isso?*

Jaime João Chando: Consistia em o quê, a RENAMO foi uma das guerrilhas na África com muita potência, como com muita potência... Tinha muitas zonas libertadas, quase a RENAMO tinha 60% de governação moçambicana das regiões libertadas em relação ao governo do partido Frelimo. É por isso que em Roma, numas das negociações em Roma bateu-se o pé, que a RENAMO conseguiu, são poucas guerrilhas aqui no mundo ou na África que conseguem ter zonas libertadas, estamos a negociar também para a gente administrar o nosso território. Enquanto Chissano fez uma gentil ideia, olha..., governar há de complicar, porque nós estamos na governação, vamos nas eleições para

evitar esse caso como a RENAMO quer, as zonas que estão libertadas da RENAMO, se é posto administrativo que vocês libertaram, vocês vão ter vossa pessoa a dirigir, mas sob custódia do governo. E se é o distrito também, tivemos exemplo de Inhamitanga, administrador era da RENAMO, distrito de Muanza, administrador era da RENAMO, distrito de Maringue, o Senhor Nobre era da RENAMO, no distrito de Macossa, Administrador Antônio Daiaia era da RENAMO, posto administrativo de Dombe administradora era da RENAMO, vamos para outro sítio. Nhamagua, chefe do posto era da RENAMO, posto administrativo de Ngawala, em Macossa, chefe do posto era da RENAMO, em Tete também. Eram muitos sítios, então as negociações em vez de ser dois governos num país que vai às eleições, fica federalismo para evitar, são técnico-administrativos. Em vez de fazer... a vossa guerra é da democracia e não é do federalismo, vamos fazer meio-termo. Como a RENAMO é uma guerrilha, fazer uma administração conjunta, aqueles sítios que vós libertaram tem vossa massa, vão dirigir sob custódia do governo. É por isso que nas províncias têm assessores, como Manica tinha dois ou três assessores da RENAMO provincial que trabalhavam com o governador, como Sofala, como Tete, como Zambézia. Era mais ou menos isso.

Taparero: *Gostaria de saber sobre as técnicas de recrutamento voluntário ou por cativo.*

Jaime João Chando: Tinha duas vertentes, ou três vertentes, havia pessoas que iam voluntariamente, como voluntariamente... objetivados, era procura de bolsa de estudo para estudar, era voluntariamente como uma saída porque alguns podiam ficar presos, ou porque acabou fugir na cadeia, os recursos eram onde não podia chegar a polícia? Alguns tinham feito crimes de grande envergadura, por isso deviam fugir para o mato, para não serem perseguidos. Como não era perseguido, você tinha que estar na mão de uma organização. Depois havia o recrutamento objetivado. Por exemplo, a RENAMO de alguns militares especialistas, a RENAMO pode recrutar, o atual presidente Ossufo Momade foi recrutado, era militar da Frelimo.

Taparero: *E quais são as políticas que se usa para não fugir?*

Jaime João Chando: As políticas de sensibilidade, as políticas de fazer ver que a guerra moçambicana tem a origem por natureza, era uma guerra quase, isso em todo sítio, mesmo na Frelimo tem, cada um puxa seu lado, porque você era perguntado você de onde? Você é de Nampula, mas o que estás ver lá, você é de Cabo Delegado,

Dhlakama dizia ao Nyusi, aí onde iniciou a guerra, o que é de rendimento que Cabo Delgado tem, perante o que tinha feito Machangana. Até hoje os machamba que vão a Cabo Delgado de onde está sair esses recursos também estão a meter água. Eu estou soprando fogo, o fogo arde, é como aquilo da Católica. Terceira vertente, era alternativa, mesmos problemas sociais te levavam ao mato, alguém perseguia o primo para engrossar o grupo, Dhlakama teve muitos irmãos, até aquele gajo que concorreu ser presidente, perseguir o irmão dele. Como medida de segurança. Frelimo quando conseguisse ver que você é irmão de Matsangaissa, então ele poderia cortar a cabeça a você, então uma saída é qual é de vocês fugir, e ir na RENAMO.

Taperero: *Fala-se muito dos Manjubas. Os Mudjibas eram secretários ou eram informantes?*

Jaime João Chando: Mudjibas eram informantes.

Taperero: *Mas eles estavam armados?*

Jaime João Chando: Não, não, havia pessoas que viviam nas bases, vou lhe contar a história. Havia alguns combatentes, primeiro começou por haver alguns combatentes, tinham suas esposas, que não deviam estar dentro da base, deviam viver fora da base. Havendo esses senhores, tinha também seus primos. Os seus primos praticamente serviam como ponta de lança. Como informantes, qualquer coisa que viesse na base, onde está meu irmão, meu primo que está na base, senão os soldados da Frelimo vir atacar vai matar meu irmão, e também nós que estamos na circunvizinhança da base vamos sofrer. Meu tio, quando assaltar aquele banco, dinheiro, aquela loja de roupa, costuma passar na minha casa deixar uma peça de roupa. Ou seja, a capulana deixa para esposa e a segunda capulana deixa para a empregada ou irmã dela que vive aí.

Taperero: *Qual era a principal fonte da logística da Renamo?*

Jaime João Chando: A fonte principal da logística, estamos a dizer a logística alimentar, era o povo. A base alimentar era o povo, não seja enganado por alguém. É verdade que os nossos amigos direta e indiretamente ajudaram, mas pelo interesse. Empresário nunca apoia coisa sem interesse. Dizem assim, eu sou Gonda Chibabava, esse tinha armazéns de alimentação, eu por semana descarrego três ou quatro Flatline da Farinha, para não destruir minha farinha toda tem aí cinquenta sacos ou vinte sacos de farinha para vossa base perto, para não destruir minhas coisas. Mas ainda vos digo, se

vocês tivessem qualquer coisa, eu vos dava caminhão. Se tivessem como me arranjar marfim por exemplo, pedra turmalina lá tem, ou vocês teriam sucesso. O empresário é malandro, eu não gosto das pessoas que têm dinheiro, porque o empresário dizia que onde estou a cortar madeira é aí, perto de Macossa, porque o governo pedia licença e não tinha nada a ver que aí é uma zona libertada. Se vocês me deixarem levar as madeiras aí na vossa base e eu ir fazer os meus negócios na Europa, tem tantos mil dólares. Qual é o problema que vocês têm... eu posso dar logística, toda alimentação, fardamentos, para me deixar a fazer transporte dessa madeira, porque tenho meu negócio em Portugal. Exemplo, empresa Impex, até vendeu meu motor, aqueles faziam a exportação de madeira. Ia até em Macossa e cortava a madeira.

Taperero: *Como mediava-se esses negócios?*

Jaime João Chando: Com comandantes das bases, mas devia se falar com comandante em chefe, para tomar conhecimento.

Taperero: *Sim, mas eu me refiro aqui na cidade, para ele chegar até as bases?*

Jaime João Chando: Aqui não falta, não pode faltar, tem muitos, até algumas pessoas que estão na Frelimo como quadros que são da RENAMO tinham políticas da RENAMO. Esses que diziam é verdade, pha, estamos a ser excluídos porque somos chingondos, estás a ver, o chingondo no meio da Frelimo era excluído. E esses estavam satisfeitos? Ele vem que ele é ministro, diretor nacional, na terra dele não tem nada, ele faz viva, mas não fica satisfeito.

Taperero: *Os EUA ajudaram com armamentos?*

Jaime João Chando: Havia amigos, companhia Notas, Senhor Lampião, companhia Mbuya João, tínhamos o Lemane. Eram alguns intelectuais que tinham ideais de democracia ou ideais de federalismo, saíram eram pessoas que estava em Nachingwea, fugiram devido ao marxismo leninista.

Muito obrigado.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: João Machava

IDADE: 66 anos

GÊNERO: Masculino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): Manica

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: Deputado da Assembleia Provincial

ENDEREÇO: Mossurize

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 31 de março de 2021

LOCAL: Mossurize

DURAÇÃO: 90 minutos

João Machava, função de intérprete e datilógrafo do líder da RENAMO, Dhlakama

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a começar com a nossa entrevista. Em primeiro lugar, gostaria de saber se nos autorizar a gravar.*

Machava: Sim, pode gravar.

Taperero: *Primeiro, gostaria de saber quando ingressou na RENAMO e quantos anos tens.*

Machava: Entrei na RENAMO em 1979, tinha 24 anos de idade. Agora tenho 44 anos de idade militando na RENAMO. Os meus anos de nascimento neste momento são 66 anos. Entrei na RENAMO com dois anos da sua existência. RENAMO foi fundada em 1977, mas na verdade foi nos últimos meses de 1976 que o projeto já estava na manga, e foi oficializado em 1977. Entrei pelo distrito de Mossurize, no posto administrativo de Dakata, trabalhava lá. A história da fundação da RENAMO é longa. A

RENAMO quando foi fundada muitos não tinham certeza de que o presidente André Matsangaissa tinha capacidade de derrubar a Frelimo.

As coisas começaram da seguinte maneira: presidente André Matsangaissa tinha um cargo de chefia e engenheiro das forças armadas da Frelimo, na cidade da Beira. Sabes que em 1975 começou-se a implementar uma prática que mesmo os militares também ficaram tristes. Começou-se a se prender as mulheres e os homens que se encontravam a circular nas estradas, foram presos alegando que estavam a prostituir-se, eram perguntados que onde está sua mulher ou seu marido. Ou seja, era dito, este é seu marido, estás casada? Basta dizer não, cruzamos aqui mesmo, e íamos no mesmo destino/ caminho. Então iam fazer a prostituição, daí iam presos. Daí muitas mulheres foram apreendidas pelos militares. Tinha-se aquelas mulheres que iam ao mercado deixando bebês recém-nascidos, também eram presas sem ter mais a chance de voltar à casa. Essas mães deixaram as crianças porque iam comprar alguma coisa no mercado. No meio da caminhada surgiram os soldados e prenderam-nas.

Os militares levaram as crianças e foram deixar no partido, essa prática foi um jeito de manifestação de desagrado. Foram deixar crianças no partido, isso fez com que o Estado e barraram para que essa prática não seja repetida mais. Essa revolta abrangeu os soldados e a população civil. A mesma manifestação fez com que os soldados estivessem a disparar tiro para cima. Em dezembro de 1975, nos dias 5 e 6 do mesmo mês, os dirigentes em Maputo tentaram fazer golpe de Estado.

Muitos foram para fora, na ilha de nome Chifina. Se estiver em Maputo, essa ilha localiza-se na zona da Costa do Sol. Presidente Afonso Dhlakama como comandante estava na Beira, província de Sofala, foi solicitado para fazer um curso de especialização para ajudar a arrancar as armas que estavam com os soldados frustrados pelas suas esposas presas.

Mas não parou por aí, muitos militares foram ver que o objetivo da Frelimo em Moçambique não era perpetuar a liberdade, não era de trazer a democracia dentro do país, devia-se realizar eleições para escolha do presidente e governadores. Quando isso aconteceu, o antigo SNASP, atualmente SISE, foi colocado em todas as instituições para controlar o que estava acontecer.

Como André Matsangaissa tinha estudado no Zimbábue, ele não falava bem português nem escrevia bem, ele tinha estudado o inglês apenas.

Eh... começaram a lhe seguir tendo em conta que era a pessoa que conhecia todos os lugares que concentram dos militares do Zimbábue (Komeredes). Ele é quem canalizava tubos de água nas bases. Então, chegou de sair da Beira para Munpinahanga, levou duas pessoas, depois não deu certo e chegou de voltar, mas ao voltar, quando chegaram a Inchope, viram que já estavam sendo seguidos. É daí onde foram presos e acusados por ser alguém que queria fugir para Rodésia, mas não é isso que ele pretendia fazer.

Foram levados a Sakudzi, no distrito de Gorongosa, perto do rio Púngué. Tinha muita gente aí e muitos vinham de Maputo, Salimo Muhamed, e José Cadeia, citando como exemplo.

Enquanto viviam na Beira, André e Dhlakama eram grandes amigos. Depois Dhlakama foi preso, permanecendo na prisão por 5 dias, mas, na verdade ele não sabia de nada sobre a fuga de André Matsangaíssa. Em dezembro de 1975, foi ano que André fugiu para Rodésia, quando chegou à Rodésia, ele disse aos rodesianos que peço armas. Já era militar da Frelimo desde 1972. Quando foi à Rodésia, os brancos não tinham a certeza que na verdade ele estava à procura de lutar contra a Frelimo, ou tinha sido enviado para fazer uma espionagem, prenderam e lhe colocaram na cadeia, ficaram alguns dias a estudar se na verdade tinha esse objetivo. No dia 1 de janeiro de 1976, os brancos disseram que vamos lhe experimentar. Vai fazer uma coisa que nos mostra que você está capacitado para fazer uma guerra.

Entrou em Moçambique com dois militares, quando chegaram em Manica fizeram uma emboscada a um caminhão. Isso foi aí em Manica, na montanha de Nhakondza, onde bateu num ferro que era posto de telefone e partiu-se, até agora existe esse ferro. Depois desse ano voltou ao Zimbábue para ir prestar as contas do que tinha ido fazer.

Os brancos descobriram que ele era um bom homem, é daí que foi entregue armas para regressar a Moçambique. André disse aos brancos que quero libertar povo e foi entre AK-47 e uma pistola e partiu em maio para Gorongosa. Quando atacou centro de Gorongosa, pelas 23 horas, queimaram todas as casas que estava aí, e levou todos rumo à Rodésia para treinos militares.

Dhlakama fugiu para Rodésia em junho de 1977, quando ainda aconteciam os treinos militares. Ele foi para Rodésia com Alexandre Vidal e Gobo Gobo, esse último

natural de Machanga. Quando chegaram na Rodésia, foram presos. Ao chegar na Rodésia, apresentou-se como comandante que estava vindo de Moçambique, ele estava na superintendência na parte da logística, todas as armas desligadas da Zanu-PF eram por ele controladas. Daí eles prenderam, alguns dias depois chamaram André, porque ele tinha avisado que tenho meu amigo de nome André que está aqui. Os rodesianos começaram a desconfiar que talvez tenha sido enviado para espionar e se juntar com André. Para depois ir dar a informação ao aliado da Frelimo, que é a Rússia.

Sendo assim, permaneceu na cadeia até os dias em que foi chamado André. Quando abriram a porta da cadeia, André e Dhlakama começaram a se abraçar, é daí que os rodesianos perguntaram se o André e Dhlakama se conheciam antes. Os mesmos brancos logo notaram que esses se conheciam, e foram se juntar aos três no mesmo ano 1977. Daí traçam estratégia de onde podemos dar entrada com a nossa guerrilha fortemente, e lugar onde podemos estabelecer nossas bases, porque fazer vai e vem será muito difícil.

O primeiro grupo que se estabeleceu e começou a viver em Moçambique foi com André. Implementou a sua base em Gorongosa no dia 21 de agosto de 1979, primeiramente fazia vai e vem para Zimbábue, daí ele disse que todos aqueles que estão na função operacional devem viver aqui em Moçambique. Nos anos em que Zimbábue estava a ficar independente, decidimos irmos todos de Zimbábue para viver em Moçambique. As primeiras bases se estabeleceram em Sussundenga e outra em Mossurize, base de Sitautonge, perto da Montanha, ao lado do rio Rusite, outra base foi numa zona chamada Chiwanga, depois mudou-se para a Montanha, em 1979.

Quando a Frelimo chegou em Mossurize, fez uma coisa muito triste. Os militares da Frelimo planificam para queimar a casa da população, todos aqueles que negavam ir viver nas aldeias viram suas casas queimadas. O administrador que estava aí no distrito de Mossurize sofreu acidente, porque também Smith estava a queimar todas as casas agrupadas.

Nessa altura, eu trabalhava como secretário de uma região muito grande, eu que recebia todas as estruturas militares da Frelimo na minha casa e depois lhes acompanhava para os quartéis, nessa zona o Smith fazia bombardeamentos constantes. A estadia dos militares naquele local fez desaparecer muita coisa. Nessa altura, era secretário da localidade, fui promovido para o posto administrativo para ocupar cargo

de chefe dos assuntos sociais e culturais de Dakata, daí fui transferido para assuntos culturais no mesmo posto, nesse departamento trabalhava como operador da rádio. Trabalhei aí nos anos 1977, 1978, e 1979, é daí que ingressei na Renamo.

Taperero: *O que te motivou a filiar-se à Renamo?*

Machava: Sim... a maneira de viver não estava bem, porque no cargo em que eu estava, me delegavam a tarefa de ir interagir com o povo, as reclamações eram demais, e isso nos criava muitas dores. Nessa região se criava peixe nos cativeiros, e a fronteira estava sob custódia dos FPLM. Os militares, por falta de comida, iam pedindo os peixes diariamente à população, e a população oferecia como uma forma de ajudar a guerrilheira que lutou pela independência, como já estávamos independentes. Mas, eles já chegaram sem avisar, e os soldados da Frelimo nessa região quando chegavam pediam tudo, galinha, cabrito e, por sua vez, vinha em grupo de elevado número.

Não pararam por aí, começaram a arrancar mulher e filhas do dono. Quando conquistava uma menina, se caso negar, não podia andar mais zona, basta ser vista a caminhar sozinha matavam. Isso nos causou muito descontentamento. Depois vieram a dizer que a população daqui está a negar ir às aldeias comunais. Insistiram em dizer que já é preciso ir viver nas aldeias juntos, mas eles estavam a ver a guerra movida por Smith a matar muita gente. E foram questionados pelos líderes locais, afirmando que, se nós colocarmos dez galinhas na mesma posição e levarmos numa madeira e batermos de uma e única vez quantas galinhas que iram morrer, ou por outra juntamos vinte galinhas e fizemos o mesmo quantas que vão morrer, a população respondeu que morrerão muitas. Então é isso que vocês querem fazer conosco.

Continuamos a dizer se levarmos cinquenta galinhas e deixamos dispersas e levarmos a madeira e batermos quantas que iram morrer, a população respondeu que pode não morrer nem sequer uma. Cada uma foge da sua maneira, se querem ir para aldeias, memorizem o que eu disse primeiro.

Os soldados e as milícias começaram a queimar as casas da população para que aflorassem em massa às aldeias. Começaram na localidade de Makubvu, no dia 11 de outubro de 1979, queimaram 200 casas, as pessoas não conseguiram tirar os seus bens, tudo foi reduzido às cinzas, ou seja, tudo foi consumido pelo fogo.

Isso nos criou muita dor, a população quando ouviram que a RENAMO estava perto, correram e foram solicitar a RENAMO, a RENAMO veio e combateu as FPLM e essas fugiram. E disseram que onde vão nos conhecemos então vamos seguir, a guerrilha da RENAMO junto com a população seguiu até nos administrativo de Dakata, e chegaram aí de noite, e a partir das 4 horas da madrugada montaram uma emboscada, Muitos militares estava lá para queimar casa de dono, foram combatidos pelas forças da RENAMO para acontecer o pior e o FPLM fugiu para a sede distrital.

Chegaram num lugar em que não tinha militares, apenas tinha milicianos, chegaram aí e levaram muitos materiais bélicos, estava guardado numa cova/trincheira que estava cheia de armamentos destinados para os militares da ZANU, aí tinha metralhadora, AK-47, pistolas e tudo que estava aí. O transporte desse material foi delegado à população, é lá onde eu estava, vi as pessoas que eu conhecia, comandante distrital da RENAMO, naquele dia foi um comissário das milícias do governo, mas já estava a militar na RENAMO. É ele que estava comandando os ataques, daí eu disse eh... (riso), está aí companheiro, e ele respondeu: conheço esse, vamos libertar este país, esse país está mal, pelos discursos dele entramos.

Tapero: *Ninguém te obrigou a se filiar?*

Machava: Ah! Ah! Ah! Ninguém me obrigou, eu vi que a forma da governação não estava bem, não é aquilo que eu estava a esperar, as coisas não estavam bem. Questionamos também ao governo que eu fazia parte, porque não esperamos a guerra do Zimbábue terminar, depois irmos viver nas aldeias, nós não temos armas para combater aviões de guerra de Smith. Estreia na RENAMO e fui treinado, nas bases de Sitonga, eu já sabia manipular arma, fiquei por muito tempo nessa base e no dia 5 de fevereiro de 1980 é o ano que comecei a ver o Presidente Afonso Dhlakama, chegou na nossa base a sair da base de Makoka em Sussundenga. Chegou numa tardinha e disse queria falar com todos os militares, a RENAMO nessa altura já tinha militares quase de todas as etnias, essas etnias eram recrutadas nas aldeias comunais.

Tapero: *Aqui na província de Manica?*

Machava: Sim, muitos eram levados nas bases e falavam línguas diferenciadas, Dhlakama falava em português e eu fui solicitado para ser intérprete e comecei a exercer a função. Na altura, tinha 24 anos de idade, depois tornei-me secretário, e dia eu disse sei trabalhar com máquina datilográfica, e ele disse vamos para trabalhar no meu

gabinete, leva essa máquina e começa a usar. Éramos 3 intérpretes, tinha um de inglês, chefe, e eu que era de Shona, começamos a trabalhar assim. O presidente Dhlakama começou a nos ensinar muitas coisas. Quando faleceu André Matsangaissa, eu tinha 3 dias na RENAMO.

Taparero: *Cruzou com André Matsangaissa?*

Machava: Ah... não, comecei a ouvir quando houve um tumulto grave, sabe que quando morre um vosso dirigente, sempre haverá clivagem. Os outros começaram a fugir, as pessoas já não tinham certeza se iam continuar, não tínhamos esperança se alguém nos levaria a RENAMO para diante. E começaram a fugir, e nós já estávamos sendo controlados, meu comandante já queria fugir e os outros fugiram. O presidente Dhlakama comunicou a todo mundo que devemos chorar, chorando o nosso líder, levando a guerra para frente, o espírito dele vai nos dar força.

Trabalhou muito, foi primeiro a ter cooperação e viajar para exterior, é o mesmo que levou RENAMO até os EUA, para sair do país era muito difícil. Ele viajava à procura de parcerias, começou com as saídas em outubro de 1980, nesse ano, ele fez uma viagem que podemos considerar longa, mas essa viagem ajudou muito a RENAMO. Nós éramos chamados de bandos armados, ninguém nos conhecia, era dito que somos as pessoas que estavam a trabalhar para o imperialismo internacional, estão a trabalhar para América, portugueses e ingleses. Mas quando fez a viagem, foi expressar muitos sentimentos sobre aquilo que o governo estava a fazer, falou dos campos de reeducação e produção, execuções sumárias, todos curandeiros eram mortos, já não aqueles que ia julgar os feiticeiros, ele foi informado isso nos cinco países que ele escalou.

Taparero: *Podés mencionar os tais países?*

Machava: Sim, são, Suíça, Portugal, Alemanha, Inglaterra. Primeiro procuraram perceber se aquilo que Dhlakama estava a falar era verdade, ou seja, está acontecendo ou não. Porque você podia falar algo para os estrangeiros, mas eles queriam testemunhas para aceitar o que estava a contar. Esses países chegaram a enviar os jornalistas. A Europa disse queremos ver pessoalmente os campos de reeducação que estás a falar em Moçambique, estes vinham em nome da União Europeia. Foi primeiramente recusado pelo governo, porque o governo estava a escrever que os campos de reeducação já tinham acabado, mas os jornalistas europeus foram ver que os

campos estavam bem ativos e não tinha diferenças com os campos da Sibéria de Hitler. As pessoas desaparecidas sem esperança de serem vistas mais, é daí onde foi informado o governo de Moçambique que não queremos ouvir mais que o país tem campos de reeducação de Mutelela, Unango, Niassa. Niassa tinha três e Cabo Delgado dois, onde foram mortos Uria Simango Gwenjere, Lazaro Kavandame.

Taperero: *Não entrou na RENAMO devido às notícias de que a RENAMO foi criada pelos rodesianos, atendendo que todos daqui trabalhavam nas formas do Zimbábue?*

Machava: Na verdade, quando entrei na RENAMO, fui ver muitas pessoas que eu conhecia, o que me disseram foi analisar que era uma realidade, porque em Moçambique não tinha paz e liberdade. Mesmo para mim, que trabalhava no próprio governo. Vou te contar outra realidade, quando a RENAMO entrou em Dakata e lutou com os militares que estavam a queimar casas, vieram 2000 pessoas que pediram para aderir à RENAMO para lutar, acabar com a Frelimo naquela zona, porque as casas estavam acabando de ser queimadas pela Frelimo para podermos ir às aldeias. Libertou-se essa zona em pouco tempo, quando os militares da Frelimo chegassem nessa zona a população nos informava que os militares estavam aqui. Quando a RENAMO ia atacar, os militares fugiram para o mato e ficaram dois dias sem comer.

Quando chegava em casa de alguém, diziam pai ainda lembram de mim... sou militar da Frelimo. Saí de longe já não sei onde estão os meus colegas, sabem dizer onde estão... ah! ah! Podes sentar-te aí para te darmos a primeira comida. Daí cozinhou para ele, ao fazer a refeição a população se comunicava. Uma pessoa lhe servia comida, enquanto outra pessoa estava servindo-lhe água de lavar mão e outra com água de beber, a população que esperava fazer uma ou duas colheradas e daí começava a lhe bofetear, e arrancava-lhe a arma.

O que não queria o povo era ver aquele militar capturado a ser entregue arma pela RENAMO enquanto já filiado. Ah, ah, ah... nem queria ver, só queria ver a arma com os da RENAMO apenas. A RENAMO levava a arma e ia passar a outra pessoa. A RENAMO usava uma outra estratégia, batizava o militar e convencia a população que ele já aceitou ser nosso. Porque o material bélico que usava a RENAMO vinha da Frelimo, arrancamos. Bazucas, metralhadoras, AK, MG, tudo era do exército da

Frelimo. O militar da Frelimo fugia com as armas e vinha filiar a nós, eles diziam que estávamos a fugir do sofrimento nos nossos quartéis.

Sabe a RENAMO que era uma pessoa de Moçambique que lutava pela sua própria liberdade, nós sabíamos o que estávamos a fazer. Ouvíamos que nos outros países fazias eleições, ouvíamos que lá tem democracia e aqui não tínhamos, então onde está a tal liberdade? Nós não escolhemos nossa própria liberdade.

Por cima disso se fazia machamba de povo e era obrigatório trabalhar na machamba, quando tinha seus bens, como dinheiro, era dito vai dividir com outros porque estávamos numa cooperativa. Em Moçambique, o tempo em que tudo era difícil, nem chinelo não era possível de comprar ou encontrar. As mulheres começaram a usar tamancos, chinelo com sola de pinheiro, isso aconteceu aqui em Moçambique. Eu tirei meu curso na FEPOM, era um curso reservado para formação dos quadros do Estado. É aí onde tirei o curso em 1978, era curso de seis meses. Eu trabalhei e tive um cargo de chefia de departamento de efetivo dos militares da RENAMO, e também fui chefe da educação, desde a estrada nacional número 6 até rio Save, eu que mandava em tudo.

Taparero: *Falou uma coisa muito importante. Gostaria de saber se RENAMO tinha escolas nas suas bases.*

Machava: Sim, tínhamos escolas. Todos lugares que ganhávamos e tornávamos nossa zona implantamos escola, levava aqueles professores daquela região e dizíamos podem continuar a trabalhar, e eles davam continuidade com seus serviços.

Taparero: *Auferir salários?*

Machava: Não tinha salário.

Taparero: *Por que usavam o sistema de rapto para recrutamento do novo efetivo?*

Machava: Na minha jurisdição, as pessoas entravam voluntariamente, até nós que limitava dizendo que o número já basta. As estratégias de recrutamento eram feitas de acordo com o lugar.

Taparero: *Como as pessoas sabiam que estavam a recrutar ou capturavam-nas?*

Machava: Muitos vinham sozinhos, por ver as caravanas dos guerrilheiros e dos Mudjibas, uns eram motivados pelas ações da guerrilha na guerra, os jovens pediam para ajudar em carregar arma e alimentação. Isso fez com que muita gente pensasse que

a RENAMO tinha magia. Na verdade, há vezes que chegava numa casa e ninguém conseguia identificar se tínhamos saído de que lado.

Machava: Na verdade era apenas um treino que tinhas, é isso que nós fazíamos, chegar numa casa sem sabermos de onde viemos. Qualquer lugar que nós nos sentávamos para descansar, toda gente corria para vir nos ver, porque para eles era uma magia. Mas como eu disse que era apenas um treino só.

Taperero: *Quem vos dava esses treinos militares dessa natureza eram brancos ou pretos?*

Machava: Era pessoas pretas que tinham recebido treinos com o Presidente Dhlakama, eles foram treinados na Rodésia naquela equipe dos 20 na criação da RENAMO. Na verdade, a RENAMO foi fundada na Beira. Esses foram treinados como grupo de instrutores na Rodésia. Essas pessoas saíram daqui de Moçambique e foram para Rodésia, foram receber treinos. Os brancos ajudaram muito na criação quando os moçambicanos foram pedir apoio. Em 1984, foi o ano dos Acordos de Nkomati, e o presidente Dhlakama falou sozinho que necessitava de formar forças especiais.

Taperero: *O que é isso de forças convencionais?*

Machava: Força semiconvencionais são aqueles que foram treinados para atacar e ocupar aí mesmo onde atacaram, são os mesmo que sabiam usar tanques blindados. Esses tinham conhecimento de tudo, podemos chamá-los de especialistas.

Desde 1984, já estávamos privilegiando o sistema de atacar e ocupar. Os ataques que fizemos em Caia, Inhaminga, Mutarara, Chemba e Tambara, as forças convencionais atacaram, ocuparam e destruíram todos os tanques que estavam aí. Entramos pela via Nhamatope, lutamos e ganhamos muitos materiais bélicos, e a população nos disse, vamos ajudar a carregar. Na verdade, esse ataque tinha o objetivo de adquirir armamento e mercadoria que estava aí.

Taperero: *A Renamo recebeu ajuda da Rodésia até que ano?*

Machava: Ajudou-nos entre 1977 e 1979.

Taperero: *Eram eles que forneciam armamento?*

Machava: Sim, mas tinha outros países que nos ajudavam também.

Taparero: *Temos relato de que nas bases havia política de fuzilamento. Quem era fuzilado e que crime que levava alguém a ser fuzilado na base?*

Machava: Na RENAMO não tínhamos isso aí, a RENAMO era muito diferente da UNITA, tínhamos grande diferença, a UNITA era uma organização muito robusta, nós não tínhamos ajuda de ninguém, os americanos só nos apoiaram moralmente, e não materialmente. Muitos países davam apoio moral porque tinham relações com a Frelimo, porque esses países tinham os embaixadores de Moçambique, então não tinha independência. O grande mérito que tinha o Presidente Dhlakama para o avanço da guerra sem material é que ele tinha espírito de perdão mesmo se nós errássemos para ele.

Taparero: *Quando é que a RENAMO começou a fazer política?*

Machava: Posso dizer que começou em 1980, esse foi ano em que foram criados os comissários políticos. Os comissários políticos foram enviados a todas as províncias que tinham a presença da RENAMO em 1981. Os comissários políticos tinham um grande trabalho, juntamente com os grileiros, de simpatizar e sensibilizar a população sobre a existência da RENAMO e divulgar os objetivos da RENAMO. Com o trabalho desses, o nível da popularidade da RENAMO aumentou e as pessoas começaram a ajudar incansavelmente. Por também tens visto que quando disseram que a guerra acabou tudo parou, foi graças a eles que ensinavam a nossa ideologia e disciplina. Qualquer acordo os comissários políticos já comunicaram que está acontecendo isso por isso, quando a guerra acabou no mesmo dia para todo Moçambique.

Os comissários políticos diziam aos guerrilheiros que essa guerra que estamos a mover um dia irá terminar e todos serão desmobilizados e voltarão para casa. O que estamos a fazer é lutar contra esse tipo de governação e acabar com isso. Nos dias que esse tipo de governo acabou com a nossa riqueza, na guerrilha já falávamos de eleições municipais, já falávamos de votação de governador. Toda a gente se a RENAMO porque a sua política era muito melhor, porque dizíamos que vocês deviam votar no governador que vocês querem.

Taparero: *Havia branco que chegava nas vossas bases com poder de dar ordens?*

Machava: Quem dava a ordem eram negros, não havia branco que nos dava ordem, só havia uma equipe de jornalista que vinha, a título de exemplo, o germânico de nome Hoffman, e esse foi comigo até em Macossa. Quando chegou disse, Presidente Dhlakama, ouvi que vocês atacam e ocupam, eu não tenho certeza com isso porque eu nunca vi ou ouvi isso. Presidente Dhlakama respondeu-lhe e disse isso só? Não tem problema, vamos a Macossa para conseguir testemunhar sozinho. Houve uma guerra intensa e capturamos 65 militares da Frelimo e ocupamos o lugar.

Tapерero: *Qual era o critério usado para seleção de mudjibas?*

Machava: Os mudjibas eram informantes, primeiro era visto pela voluntariedade e colaboração que fazia pela guerrilha, aí era premiado em ser um informante. Guerrilha, para além de ser informante, também tinha função de ir coletar alimentos juntos à população. Esse tinha um dinamismo corrido, como sair daqui até na Soalpo, eles faziam uma distância de Chimoio a Gôndola, muitas vezes andavam duas ou uma pessoa, e alguns andavam de bicicleta. Tenho a dizer que os Mudjibas fizeram muito trabalho.

Tapерero: *Os Mudjibas tinham acesso a armas?*

Machava: Não, não se tinha acesso a armas, mas quando a população capturava uma arma, entregava aos Mudjibas e os mesmo traziam até na base. Não eram permitidos usar as armas, não admitimos, porque temíamos que um podia zangar com outro e daí ia usar a arma.

Tapерero: *Pode me contar um pouco sobre a questão de estupro contra as mulheres?*

Machava: Todos aqueles que estupravam mulheres eram punidos e torturados. Essa tarefa estava encarregada aos comissários políticos, esses pregavam para os guerrilheiros que todos aqueles que estuprarem mulheres teriam uma pena severa, nem para aquela que não estava casa. Imagine agredir a mulher do dono e o marido ouvir que isso poderia nos dar uma alimentação envenenada e matar todo grupo, por isso tínhamos muito cuidado com isso, porque são eles que nos davam a comida. A não ser aqueles que combinavam como pessoas. Mas aquele que agrediu uma mulher sem seu consentimento era penalizado. Em 1981, as mulheres disseram ao presidente que a Frelimo quando lutava tinha também mulheres com militares, então nós queremos

também. O presidente tentou negar, mas no fim acabou aceitando. As mulheres foram levadas para tirar cursos de enfermeiras, comunicação na rádio, professoras e serviços de escutas que os tínhamos na guerrilha. Chegou um momento em que os homens em frente com a guerra as mulheres socorrendo os feridos, mas já tinham treinos militares para se defender de qualquer eventualidade.

Taparero: *Quem vos fornecia alimentação sabendo que não tinha financiamento?*

Machava: A alimentação vinha com o povo, o povo é que nos ajudava com alimentação, nunca fomos oferecido uma alimentação especial.

Taparero: Qual era a função dos mambos para a RENAMO?

Machava: Os mambos tinham deixado de exercer suas funções por ordem da Frelimo após a independência. Nós chegamos e devolvemos as suas atividades onde nós governamos, dissemos todos aqueles que eram mambos devem começar a exercer suas funções. Os mambos e seus subordinados devem voltar aos seus lugares.

Taparero: *Faziam que tipo de serviço?*

Machava: Todos os lugares em que nós chegamos primeiro procurávamos saber onde estão os mambos locais, daí nós indicamos. Chegávamos em suas residências e pedíamos que nos indicassem um lugar para vivermos. São eles que nos davam instruções que para fazer as cerimônias para instalação é necessário galinha branca, um pano vermelho, daí executamos a cerimônia sob orientação deles. Depois disso nenhum inimigo chegava nas nossas bases, quando nós saíamos para fazer uma emboscada falávamos primeiro com os líderes locais. Com essas cerimônias e alianças com eles, os espíritos nos protegia, e todos aqueles que queriam nos atacar perdiam-se no mato e não conseguiam localizar a nossa base. Por isso tínhamos muitas casas nas nossas bases.

Taparero: *Não houve um dia em que vos queixaste ao governo?*

Machava: Nunca tivemos, porque nós firmamos uma amizade forte com a população. A tarefa dos comissários políticos era essa mesmo de criar relação harmoniosa entre a população e os guerrilheiros.

Taparero: *A igreja católica vos ajudou em quê?*

Machava: Nos ajudou muito para unir RENAMO e governo para os Acordos.

Taparero: *Antes das negociações, qual foi a ajuda que a Católica os prestou?*

Machava: Nas nossas bases, havia igrejas muito grandes, havia católicos e todo tipo de religião, como muçulmanos e adventistas. Antes de partirmos para o combate, fazíamos também orações, ajoelhamos e fazíamos oração para que Deus nos acompanhe nas nossas incursões, nós todos tínhamos certeza de que Deus existe e nos ajuda. Também batemos as mãos para que os espíritos daquela região nos ajudem, dizíamos vocês foram negados pela Frelimo, agora estamos aqui para vos respeitar e pedimos vossa proteção. Os espíritos nos acompanham nas nossas incursões, dizíamos assim Deus ensina e os espíritos atrás, aí ficávamos bem protegidos. Isso mostrava para os mambos que nós respeitamos a tradição. Nossa cultura é muito importante, e todos rezavam, fazíamos o contrário do que fazia a Frelimo. Não existe uma pessoa que evoca os seus de pé, todos devemos ajoelhar e mostrar que confiamos neles. Tiramos camisa e batemos palma para respeitar a nossa tradição. Porque os mambos e curandeiros é que tem poder de falar com os antepassados.

Os brancos encontraram nossa cultura e deixaram de nos realizarmos. Sabe que a luta de Frelimo foi dito em 1961, antes mesmo de Frelimo se unir, foi dito por um Svikiro (um curandeiro) do distrito de Mossurize de nome Musikawani. Nessa altura, chamou os mambos, meu pai foi convidado pelo mambo para servir de testemunha, porque meu pai era conselheiro de mambo. Foram quatro conselheiros e o próprio mambo, daí o curandeiro disse que haverá uma guerra para vocês se libertarem dos brancos. Na verdade, os curandeiros bons têm capacidade de falar hoje uma coisa que vai acontecer daqui a 10 anos. Mas depois da guerra com os brancos haverá outra guerra entre vocês. Hoje estão sendo governados pelos brancos, depois irão se governar entre vocês. Nesse dia, o meu pai chegou em casa à 1 hora da madrugada. Quando ganhamos, a Frelimo dizia não queremos mais curandeiros, ninguém pode evocar espíritos mais, isso nos doeu muito.

Taparero: *Nas zonas libertadas da Renamo, mambos voltavam a fazer as tais tradições livremente ou por vossa obrigação?*

Machava: Nas nossas zonas libertadas, tínhamos muita força e tínhamos administradores. Todos os administradores tinham suas estruturas e os mambos estavam inclusos nessa estrutura administrativa.

Taparero: *Magalhães era vosso parceiro, ou seja, vos fornecia fardamento?*

Machava: Não, mas houve pessoas que confundiram isso, afirmando que porque nós não atacamos as suas empresas, porque tudo o que era dos portugueses a Frelimo atacava. Por isso, chegaram a enviar jornalista para certificar se na verdade a RENAMO tinha suas bases dentro de Moçambique ou não.

Taparero: *Vocês tinham relação com a UNITA?*

Machava: Não, não tínhamos boas relações, porque a UNITA era orgulhosa, porque tinha muito dinheiro. Os americanos apoiaram muito a UNITA em material bélico e viaturas. Houve um tempo em que a UNITA ia ao ataque com viatura, coisa que a RENAMO nunca fez. O Presidente Dhlakama tentou procurar uma relação, mas Jonas Savimbi não se mostrou interessado. Até houve uma altura em que se encontraram em Bruxelas, tentaram ver se podia se organizar um encontro, Savimbi não se apresentou. O homem estava muito orgulhoso. Os sul-africanos fizeram, tentaram querer fazer com a RENAMO o que faziam com a UNITA em Angola. até houve guerras internas, mas não conseguiram.

Taparero: *A RENAMO teve apoio dos sul-africanos?*

Machava: Sim, teve apoio. O apoio era o quê, passagem de tudo que querias com amigos fora, passávamos pela África do Sul. Os sul-africanos aceitaram a passagem de jornalista.

Taparero: *Qual era o propósito de Banda ao ser amigo da RENAMO?*

Machava: Não tivemos uma amizade tal com Banda, porque ele temia ser atacado pela Frelimo. Lembro que chegou a ser montado míssil na fronteira para atacar Malawi, e não só as forças de Moçambique para a Tanzânia.

Taparero: *O regionalismo te motivou a entrar na Renamo?*

Machava: Não, não, eu não senti porque estava na minha terra. Isso de regionalismo é que motivou muitos do Sul a entrarem na RENAMO, e não entre nós aqui. Os homens do Sul sentiram-se isolados, sentiram-se instrumentalizados pelo próprio regime. Como pode ver, na zona sul nunca foi construído um centro de reeducação.

Taparero: *Tem alguma coisa para acrescentar?*

Machava: Sim gostaria de agradecer pela entrevista e dizer que a RENAMO está sempre aberta para todos. Eu me sinto satisfeito porque lutei bastante. Eu me senti muito à vontade quando cheguei na RENAMO.

Taparero: *Há algum momento em que sentiu que o líder da Renamo estava sendo manipulado pelo estrangeiro?*

Macahava: Não, não, porque ele tinha sua postura própria, eu acho que era dom da natureza. Há um movimento de Israel que tentou falar com ele, não aceitou porque tinha objetivos diferentes. Sabe por que os americanos não davam a logística tudo à RENAMO, porque a RENAMO não se abria ser fantoche de outro, nunca aceitou a fantochada.

Taparero: *O que levou André a ter mais de 27 guerrilheiros fora do combinado com a Rodésia?*

Machava: Não é assim, lembro que durante a independência, muitos portugueses sentiram-se perseguidos, eram perseguidos mesmo e fugiram para Zimbábue e lá criaram uma rádio, Voz da África Livre, aquela rádio até a RENAMO foi confundida com a rádio. A RENAMO pagava para emitir, ou seja, eles vendiam os seus serviços, e no fim a RENAMO chegou de comprar porque houve um financiamento. A rádio Voz da África Livre desapareceu, ficou a voz da resistência moçambicana, com nossos operadores e tudo. No início da guerra o Presidente formou, era uma fase embrionária, por isso até hoje nunca tivemos fotografia dele como oficial. No Zimbábue, os homens da RENAMO. Muitos homens que saíam no campo de reeducação para se juntar às pessoas vieram voluntariamente.

Muito obrigado.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRSFICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: Netsai Tendai

IDADE: 55 anos

GÊNERO: feminino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Makoka**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **Enfermeira da guerrilha**

ENDEREÇO: **Makoka**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 31 de março de 2021

LOCAL: **Sussundenga**

DURAÇÃO: 30 minutos

AUTOR DA ENTREVISTA: Celestino Taperero Fernando

NUMERAÇÃO DO ARQUIVO:

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Bom dia, mãe. Já estamos a iniciar nossas entrevistas, peço a sua permissão para gravar e depois usar no nosso trabalho de tese.*

Netsai: Bom dia, como está? Pode gravar, sim e obrigado.

Taperero: *Mãe, gostaria de saber quando é que ingressou na RENAMO e com quantos anos.*

Netsai: Entre em 1980, no dia 15 de julho, entrei pela base de Makoka.

Taperero: *O seu ingresso foi voluntário ou via rapto?*

Netsai: Entrei voluntariamente.

Taperero: *O que te motivou?*

Netsai: O que me fez eu ingressar na RENAMO foi devido à forma de vida que estávamos a levar em Moçambique, a vida estava difícil, não havia liberdade. Na Proclamação da Independência, as coisas pioraram. Quando ouvi que RENAMO estava aqui perto pela radiação, eu vi-me encaixando lá.

Taperero: *Como foi recebida lá na base?*

Netsai: Receberam-me bem, cheguei no controle e fomos tratados de uma boa forma. Não estava sozinha, éramos cinco meninas, dormimos no controle e no dia seguinte é que entramos na base e fomos apresentadas como novas voluntárias.

Taperero: *Tinhas quantos anos quando ingressou na guerrilha?*

Netsai: Eu tinha 14 anos de idade.

Taperero: *Entrou com objetivo de ser militar?*

Netsai: Sim, quando entrei logo nos levaram para treinos militares, porque nas bases não viviam civis.

Taperero: *Os que vos treinavam eram brancos ou pretos?*

Netsai: Eram pretos, nunca vi brancos na instrução militar.

Taperero: *Como eram tratadas as mulheres militares da RENAMO?*

Netsai: Onde eu estava não havia escolha de sexo, todos éramos iguais e tratados da mesma forma. Aí a mulher vivia entre mulheres nas suas cabanas, e os homens entre homens. Os trabalhos que se faziam aí eram iguais e fazíamos em conjunto.

Taperero: *Na sua militância na guerrilha, havia estrangeiros brancos vos dando ordem ou estratégias da guerra?*

Netsai: Nunca vi, as ordens e táticas eram dadas pelos nossos chefes locais, nenhum branco.

Taperero: *Quem vos dava alimentação?*

Netsai: Alimentação éramos fornecidos pelo povo, os guerrilheiros é que iam buscar para as bases.

Taparero: *Qual era vossa relação com tal povo?*

Netsai: Tínhamos uma relação de amizade com o povo, e o povo nos gostava bastante, o mesmo povo que carregava alimentação e algum material que tínhamos conseguido trazer nas bases. As pessoas nos gostavam porque não obrigávamos as pessoas a fazer uma coisa. Porque quando entramos na independência as coisas mudaram muito.

Taparero: *O que mesmo que levou a se juntar a RENAMO?*

Netsai: Os aldeamentos nos criaram muita dor e sofrimentos. Uma pessoa para se deslocar era necessário guia de marcha. Quando sua família chegava em casa, a familiaridade e a saudade eram deixadas de lado e corria para informar os secretários que recebeu alguém em casa, sem isso a pessoa e vós seriam presos, isso era grande sofrimento. Havia pessoas que eram levadas para campos de reeducação, e toda a população era obrigada a estar na machamba do povo. Isso me motivou a me juntar à guerra.

Taparero: *Ocupou cargo de chefia na guerrilha?*

Netsai: Nunca.

Taparero: *Chegou a trabalhar com o Presidente?*

Netsai: Na nossa base de Makoka, o Presidente chegou e saiu, foi para Chikare. Dois meses depois, fui transferida para Chikare, em Mossurize, via Gaza. Saímos dessa base e fomos a Inhambane. Depois de Inhambane, fui a Gorongosa.

Taparero: *Quando Zimbábue ganhou, como sobreviveram?*

Netsai: Para mim, Zimbábue ganhou enquanto ainda estava em casa, porque Zimbábue ganhou em abril de 1980, e eu entrei em junho de 1980.

Taparero: *Para entrar, foram simpatizando com alguém sobre os motivos da guerra?*

Netsai: Nos reunimos no nosso grupo de quase cinco a seis pessoas, já lembro bem, e dissemos que essa vida está difícil. Ouvimos pela rádio que tem um movimento que está lutando contra isso, sendo que devemos seguir para ouvir se é verdade mesmo ou não, daí fomos e nos filiamos.

Taperero: *Pode me falar um pouco sobre as situações de estupro das mulheres na guerrilha?*

Netsai: Hummm. Nunca vi, eu nunca cruzei com esse problema. Se acontecesse, talvez acontecesse em outras bases.

Taperero: *Na guerrilha tinha pena de fuzilamento?*

Netsai: Não tinha política nem pena de fuzilamento, todos aqueles que cometiam indisciplina eram levados ao julgamento, presos, e depois liberados e perdoados.

Taperero: *Tinha pessoas que falavam sobre política nas bases?*

Netsai: Na verdade, o que começou foi o militarismo, e, depois, em 1980, já tínhamos os comissários políticos, que explicavam o surgimento da RENAMO e os objetivos da RENAMO.

Taperero: *Quais eram os critérios que se usava para escolha de mudjibas?*

Netsai: Os mudjibas são aqueles que traziam as informações, e esses eram escolhidos de acordo com o seu dinamismo e a maneira de se comportar perante a guerrilha. E esses traziam informação de uma forma rápida, e sempre estavam a correr de um lado para o outro à procura das novas informações. São os que nos alertam que o inimigo está a vir, porque ele infiltrou-se nas aldeias para colher as informações.

Taperero: *Antes falou de controle. Este controle era para o quê?*

Netsai: Todas as bases tinham que me ligar a quinhentos metros para controlar as entradas, isso aí das dos guerrilheiros. Além disso, também tinha medo da entrada das pessoas que não são militares, e o controle servia como lugar de triagem. E depois levavam as informações para a base.

Taperero: *Aos mudjibas eram dadas armas?*

Netsai: Não eram dadas armas e nem tinham.

Taperero: *Eles recebiam treinos militares?*

Netsai: Não eram treinados, porque eram apenas informantes.

Taperero: *Quando a guerrilha ouviu falar do engenheiro Magalhães?*

Netsai: Eu cheguei a conhecê-lo quando já estava aqui no Chimoio, pós-guerra. Enquanto na guerra, nunca tinha ouvido falar dele.

Taparero: *A Rádio Voz da África Livre trabalhava para os militares?*

Netsai: Na base da Rádio Voz da África Livre que ouvi falar da Renamo, nesses dias não se podia falar dessa rádio ou ser encontrado a escutar essa rádio. Para quem escutava, o fazia com volume muito baixo. É na base da mesma rádio que fez com que nós pudéssemos deixar essa maneira de viver para lutar contra aquelas políticas da opressão que estavam instaladas nas nossas aldeias. Qual sua mobilização nos fez unirmos e abraçarmos as causas do movimento.

Taparero: *Como uma pessoa de 14 anos, o que é que te marcou muito para aderir ao movimento?*

Netsai: Para mim, o que me doeu bastante foi o seguinte. Meu pai tinha uma moageira. Ele tinha moageira dele e foi levado com pretexto de que essa moagem deve trabalhar para a cooperativa, ou seja, trabalhar para o povo, e nós ficamos sem nada. O meu pai deixou de ser dono da moagem e passou a ser da cooperativa. Isso me doeu bastante. E eu disse, vou recuperar a moagem do meu pai.

Taparero: *Imagino que o mantimento alimentar acabou e a população não tinha como se virar.*

Netsai: Nunca aconteceu nas nossas bases (riso...). Recordo-me que houve um tempo em que tivemos falta de farinha, mas a população nos dava milho, feijão, mandioca, qualquer coisa que nós pudéssemos comer para sobreviver. Isso sempre tivemos, pelo povo não havia invasão da nossa própria população, era uma educação que nós tínhamos, que nós estamos a proteger o povo e não podemos invadi-lo.

Taparero: *O povo dava a comida em forma de imposto de habitação?*

Netsai: Sim, era tarefa dos mudjibas, que iam e pediam essas coisas em forma de imposto. Mas muitas das vezes os mudjibas agiam como um favor que a população poderia fazer para seus irmãos, e depois uns eram trazidos pela própria população e os mudjibas. Outros são os militares, que iam buscar pessoalmente nas casas dos membros ou dos mudjibas, onde as coisas eram acumuladas depois da coleta.

Taparero: *Qual era a tarefa dos mambos para a guerrilha?*

Netsai: Nesse tempo, a RENAMO teve muita ajuda dos curandeiros, líderes religiosos, e os mandamos. Para tudo que se queria lá dentro, tradicionalmente recorriamos aos mambos, emprego, dávamos o que era necessário, eles nos explicaram. Se for um fato de fazer uma cerimônia, os mambos nos diziam o que era necessário, ou seja, o material necessário para a execução da cerimônia, e daí a RENAMO ia buscar o material e entregava aos mambos, e os mambos faziam a cerimônia em nome do sucesso da nossa guerrilha.

Taparero: *Na guerrilha da RENAMO, tinha especialista?*

Netsai: Sim, tinha, porque as pessoas eram formadas em várias especialidades, uns na minha, outros especialistas em sabotagens, outros enfermeiros, a minha especialidade era de enfermagem, fui formada uma enfermeira. Isto é, tínhamos muitas especialidades. Na enfermagem, os medicamentos tínhamos, mas de onde saíam nós não sabíamos, quem sabia era apenas o chefe, e nós recebíamos e utilizávamos, só isso, e nem dá para perguntar de onde vêm esses medicamentos, não podia, porque era um chefe, então trabalhávamos assim.

Taparero: *Os medicamentos não saíam de Portugal, da China ou da Índia?*

Netsai: De onde saíam os medicamentos eu não sabia, mas o que sei é que os medicamentos vinham de avião.

Taparero: *A Igreja Católica vos ajudou?*

Netsai: Só nos ajudou para o fim da guerra.

Taparero: *De que mais gostou quando estava na guerra, sabendo que foi voluntariamente?*

Netsai: O que eu gostei são muitas coisas, mas vou falar das coisas que me marcaram negativamente, ou seja, o que me deixou triste. Vamos embarcar um dia desse, ninguém tinha informação de que o inimigo estava a planejar um ataque contra nós nesse dia, fomos encontrados desprevenidos. Fiquei muito triste, porque nesse dia vieram aviões para nos bombardear e eu fui atingida pela bala no pé, e nesse dia as mulheres deviam se defender sozinhas. Como sabe, as mulheres não iam ao combate, apenas faziam alguns serviços militares, e nesse dia houve necessidade de que nós pegássemos em armas e lutássemos contra o inimigo. Isso foi em 1982.

Taparero: *E hoje, quando está sentada em casa, achas que valeu a pena se juntar à RENAMO e que o seu objetivo foi atingido?*

Netsai: Eu tenho dito que valeu à pena porque eu não fui a Senhora, não. Eu estaria em casa sentada sem nada com aqueles serviços de casa, lá na zona, e eu já estaria bem desgastada. Também muitas coisas que estavam no povo, as guias de marcha, a Operação Produção, a casa da educação, tudo isso acabou. Isso me faz ficar muito feliz, muito mesmo, às vezes me acho que eu fui heroína.

Taparero: *Imagina na vossa guerrilha um cometer erro ou uma infração. Era julgado ali ou era enviado ao Presidente?*

Netsai: Era julgado ali mesmo. Só se levava para o Presidente quando todas as tentativas esgotassem, porque tínhamos aqueles que eram chamados de chefes de seção, e esses é que faziam o julgamento. A hierarquia do julgamento era a seguinte: chefe de seção era enviado para os comandantes do batalhão ou da base, aí ele resolve, caso não conseguir, e daí onde levávamos para o Presidente do partido.

Taparero: *Enquanto militar, algum dia sentiu que o Presidente tinha alvos abandonados por medo dos brancos do exterior? Refiro-me a afeto.*

Netsai: Nunca senti e nunca me disse também que estava a sentir isso.

Taparero: *Havia algumas pessoas que iam ser treinadas em Angola pela UNITA?*

Netsai: Isso nunca aconteceu na minha base. Talvez tenha acontecido antes de nós chegarmos, mas, na minha presença, nunca aconteceu. E também nunca recebemos pessoas vindas de lá. Tenho certeza de que não havia uma relação sólida, porque nunca ouvi que nas outras bases mandaram alguém para lá.

Taparero: *Vocês, ao saírem do combate, apareciam pessoas voluntárias que queriam vos seguir para ingressar na guerrilha?*

Netsai: Assim como eu disse antes que fui voluntariamente, as pessoas apareceriam. Muitas mais, chegou um tempo em que já havia controle de quem pode entrar ou não. Porque tínhamos medo de que algumas pessoas vinham reconhecer as nossas bases. Então, no controle, já havia pessoas que faziam teste a esses, para depois lhe aprovar se pode ser ou não. Bastava ver que não tem boa conduta, não era admitido.

Taparero: *Como era feita essa triagem, as pessoas eram colocadas na cadeia?*

Netsai: Não eram colocados nas bases, ficavam fora das bases a serem estudados, qual é sua pretensão, fazendo-as questionamento.

Taperero: *Qual era o crime que poderia levar alguém à cadeia?*

Netsai: Ela no mato/base não tinha diferença com as regras de uma casa. Quem cometia indisciplina é que fez mesmo, então era punido. Depois, era perdoado, se repetisse muitas vezes, era chamboquedo e deixado alguns dias na cadeia refletindo.

Taperero: *Binha, no Tigre, era seu comandante?*

Netsai: Binha não era comandante. Esses nomes referiam-se às regiões. Por exemplo, eu estava na região Tigre, eram regiões para reconhecer os sistemas ou para identificar as proveniências de cada um, no caso de fugir alguma coisa e cair na outra base. Serviam mesmo para identificação e logísticas.

Taperero: *As crianças de 10 anos também eram militarizadas e recebiam armas?*

Netsai: Hummmm. não era permitido que as crianças de 10 anos pegassem em armas.

Taperero: *A partir de quantos anos para pegar armas?*

Netsai: Começa nos 15 anos, eu entrei com 14 anos e era uma mulher bem forte, mas comecei com 15 anos a fazer uma instrução de grande magnitude, e com 16 anos já poderia ser confiada para ir ao combate. Não era admitido que nós, as mulheres, fôssemos sozinhas à guerra, só éramos treinadas para nos defendermos em caso de chegada de inimigo bruscamente.

Taperero: *Mulheres não iam à guerra?*

Netsai: Sim. Só tínhamos treino para defender-nos e também os primeiros socorros.

Obrigado.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS**FICHA TÉCNICA**

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Castigo Nhambo**

IDADE: 65 anos

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: Guerrilheiro

ENDEREÇO: Barue

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 01 de abril de 2021

LOCAL: Catandica, Barue

DURAÇÃO: 60 minutos

MATERIAL DE AUDIÇÃO:

ENTREVISTA DEPOSITADA NO ARQUIVO EM:

A ENTREVISTA ESTÁ DEPOSITADA: () POR INTEIRO () EM PARTE

AUTOR DA ENTREVISTA: Celestino Taperero Fernando

Entrevista realizada em bairro Mugabe, Distrito de Barue

Função na guerrilha: Guerrilheiro

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a começar com a nossa entrevista. Antes de mais nada, gostaria de saber se nos autorizar a gravar.*

Nhambo: Está bem, pode gravar.

Taparero: *Antes de tudo, gostaria de saber quantos anos tinha quando entrou na RENAMO. E onde foi?*

Nhambo: Eu entrei na Renamo em 1979, entrei voluntariamente. Eu fui sozinho me juntar com a RENAMO, despedi-me dos meus pais e disse vou me juntar com os outros, porque a forma de viver estava difícil, aí eu ia procurar o melhor. Eu disse para mim mesmo que essa maneira de viver não vai nos levar para longe, valia apenas ir ajudar os outros a lutar contra essa maneira de viver.

Taparero: *Quando diz que a forma de viver se tornava cada vez mais difícil, queres tentar nos dizer o quê?*

Nhambo: A vida começou a ficar difícil quando a Frelimo entrou, foi bem diferente quando estávamos nas bases da Frelimo, vulgo zonas libertadas. Lá nos prometiam que todas as crianças vão estudar gratuitamente, sem tirar nada em troca, e os jovens terão empregos, teremos tratores para cultivar na machamba de vocês todos, realmente sabemos que era política de aliciar as pessoas. No período em que nos afiliamos à Frelimo, quando estávamos nas bases, havia propaganda de que todas as crianças irão estudar gratuitamente. Haverá um trator que vai cultivar para cada machamba da população. Sabíamos que era política para chamar a aderir à Frente. Nas zonas libertadas, antes da independência, vivíamos bem. Quando proclamamos a independência, é aí onde as coisas começaram a se complicar. Saímos daqui com o meu irmão e fomos construir uma barraca; com as nacionalizações, fomos obrigados a fazer a documentação da barraca, daí nos passaram multa que ultrapassava o valor do produto que tínhamos. Eu e meu irmão preferimos voltar para cá, em Barué, para vivermos. Mas ao nacionalizar as coisas, a vida tomou outro rumo, e tudo se tornou instável. Eu saí do Chimoio com meu irmão e fomos construir nossa barraca, mas com o nacionalismo, disseram que devíamos legalizar a barraca e nos passaram uma multa que supera o produto que estava naquela barraca. Eu e meu irmão vimos que era preferível deixar e irmos para casa sentar-se.

Taparero: *E voltaram para Barué?*

Nhambo: Sim, em Barué, porque para viver na cidade já não tínhamos condições, já estava tudo difícil. Para viver na cidade era necessário ter dinheiro, vendemos a barraca porque a multa era insustentável, vendemos e voltamos à casa. Quando cheguei em

casa, ouvi que a RENAMO estava atuando aqui do lado e lutava contra essas políticas. E muitas políticas da RENAMO, ouvíamos com a rádio Kuzumba, vulgo rádio Voz da África Livre. Quando ouvi que RENAMO está a lutar pela liberdade, democracia, eu fui juntar-me a eles, me despedi da minha família que vou me juntar com os nossos amigos para lutar e acabar com isso, porque mesmo quando fui para casa, todas as machambas que tínhamos eram machambas do povo. Trabalhávamos muitos, mas as coisas não estávamos a ver onde iam.

Taperero: *Tinhas quantos anos?*

Nhambo: *Eu nasci em 1959.*

Taperero: *Ao ingressar, foi com os seus amigos ou sozinho?*

Nhambo: Fui sozinho, mas quando lá cheguei cruzei com muitos amigos que já estavam lá há muito tempo.

Taperero: *O que lhe motivou a aderir à RENAMO foi a perda da barraca?*

Nhambo: Sim, foi isso mesmo, porque nossa vida estava aí mesmo. E a vida tornou-se difícil.

Taperero: *Em 1979, encontrou-se com André Matsangaissa?*

Nhambo: Não cheguei a encontrar com ele, porque quando entrei, meses depois ele faleceu.

Taperero: *Ainda se lembra da primeira base, se tinha conexão com a população?*

Nhambo: Eu estava no grupo de Matere, e André saiu de Zimbábue a ir para Gorongosa. Esse outro grupo é que passou na nossa base e foi implantar outra base de Njoro, tudo isso tinha conexão popular.

Taperero: *Quem vos dava treino nessa época?*

Nhambo: Fui treinado pelos nativos negros.

Taperero: *Vinham brancos aí na guerrilha?*

Nhambo: Os brancos não estavam nas nossas bases, mas quando chegavam aí, não falavam nada e se apresentavam, porque vinham com os nossos chefes.

Taperero: *Eram boers e germânicos?*

Nhambo: Sabe onde vivem pessoas, chega muita gente e torna-se difícil identificar a proveniência de cada um. E nunca fomos informados quem vinha fazer o quê.

Taperero: *Como se sentiram quando perderam André na guerra? Não ficaram sem esperança?*

Nhambo: Não, na nossa base não ficamos, apenas sentimos muito pela morte.

Taperero: *Não há pessoas que fugiram?*

Nhambo: Não, não tem ninguém que fugiu, porque o que queríamos ainda não tínhamos atingido. É a mesma coisa com a casa, quando morre o pai, o irmão mais velho toma a posição do pai e dá continuidade.

Taperero: *Dhlakama teve adversário para suceder ao André?*

Nhambo: Não teve concorrente. Como ele era o vice de André, nós da guerrilha achamos que devia ser ele, porque já estávamos a ver os trabalhos dele. Toda a gente estava à espera para saber quem ia nos dirigir, mas para nós estava certo de que ele seria o sucessor. Olha, nós dissemos com unanimidade que esse que está a nos seguir deve ser esse mesmo.

Taperero: *Neste processo de transição, quem vos dava alimentação?*

Nhambo: Para nós, a comida vinha do povo, é esse povo que nos assegurava do princípio até o fim da nossa guerra. Você sabe que povo reclamava pela vida que estavam a levar, foi na base disso que começaram a nos apoiar. Então essa reclamação do povo nos deu força para continuar, e vimos que o mesmo povo vai nos ajudar e esconder dos inimigos. O povo viu que nossa guerra estava lhes ajudando, por isso começou a nos pegar com duas mãos.

Taperero: *Como era feita a seleção de mudjibas?*

Nhambo: Sabe, quando estamos numa sociedade, a priori já podemos ver que esse dá esse não dá devido ao seu comportamento e simpatia que tinha com a guerrilha. A forma de falar com a guerrilha era muito importante, sua conduta.

Taperero: *Qual era sua função?*

Nhambo: Eles tinham a tarefa de girar na zona procurando informação, se havia alguém estranho aqui na zona, ou não tem umas marcas de entrada dos militares na zona e a

população não falou. Se entrasse um inimigo, corria e vinha nos informar. Daí nos preparávamos para uma emboscada. Se caso nos dizer que vimos pessoas com armas nas mãos, daí mandava alguns militares com arma para ir controlar a situação ou o movimento estranho na nossa zona.

Taperero: *Como os militares eram recrutados em caso de falta ou aumento do efetivo?*

Nhambo: Nessa altura, muitos jovens vinham que não tinham nada a fazer, não tinham trabalho e procuravam ocupação ou onde ir, e esses jovens vinham voluntariamente. Quando chegavam aí, diziam se nós ficarmos sentados em casa não vamos ganhar nada, então achamos que vamos nos juntar a vós, ou seja, achamos melhor ajudarmos por essa causa da luta para acabar com isso.

Tapeceiro: *E aqueles que iam sendo raptados nos combates, que método que usavam para esses não terem ideia de fugir?*

Nhambo: Primeiro, quero dizer que os soldados da Frelimo vinham sozinhos e diziam o que estou a fazer lá não é isso que eu quero, eu quero estar convosco. Estávamos a procurar forma de como nos juntar convosco. Pensava que se nós chegássemos às vossas bases, íamos ser mortos, então assim que nos capturaram estamos a ver que Deus nos ajuda e não vamos resistir. Esses não iam à instrução. apenas ficavam na base por um tempo determinado, para depois serem confiados a ir aos combates. Mas não foram colocados na cadeia.

Taperero: *Nas bases tinha cadeia?*

Nhambo: Nas guerras, não há cadeia, porque a cadeia requer ter uma casa. As bases não são fixas porque daqui para aqui podem mudar para outro lugar. Não tínhamos cadeias na minha base.

Taperero: *Há informação nos indicando que havia presos. Como eram feitas essas prisões?*

Nhambo: Ninguém era amarrado nas árvores, só que eram controlados para que aquelas ideias de querer fugir acabassem. Muitas das pessoas que raptamos não tinham essa ideia de fugir.

Taperero: *Havia pessoas que fugiam?*

Nhambo: Sim, tinha, mais a maioria não fugia.

Taperero: *E o caso de estupro para as mulheres da comunidade?*

Nhambo: Era proibido um militar aí pegar mulher de dono. Mesmo aquela que não era mulher de dono, não pode lhe tocar sem permitir.

Taperero: *Se obrigar o ato, quais as consequências para o militar que o fez?*

Nhambo: Se obrigar uma mulher de dono ou aquela que não tinha dono sem combinar, era punido para não repetir mais o mesmo ato.

Taperero: *Era admissível fumar drogas, como cannabis sativa?*

Nhambo: Hiii, não era permitido nem um pouco.

Taperero: *Por quê?*

Nhambo: Evitamos que, sob efeitos de drogas, poderia pegar numa arma e começar a atirar em pessoas que estão nas suas casas. Àquela que te negou, você levar arma e ir atirar nela. Mesmo no meu meio, combate pode te causar acidentes.

Taperero: *Pode nos falar sobre a disciplina militar na época de André e Dhlakama?*

Nhambo: Ah, ah, na verdade, a disciplina militar não era diferente, tem lei interna de que em mulher de dono não pode tocar, não fumar cannabis sativa. Não queremos ver militares a saírem da base e levarem produtos da população, tudo o que é do povo não podemos levar sem pedir primeiro.

Taperero: *Como eram feitas as sondagens na população?*

Nhambo: Os mudjibas iam primeiro avaliar as zonas, e os policiais andavam com os mudjibas. Os polícias não tinham armas, eles trabalham com aqueles que eram chamados de blocos, iam procurando alimentação, e a comida era guardada na casa dos chefes dos blocos. E esses chefes dos blocos traziam a comida até os militares. Eles mesmo carregavam até o controle da base e deixavam aí.

Taperero: *Os mudjibas eram autorizados a entrar nas bases?*

Nhambo: Éh... havia alguns que já entravam, só aqueles que tinham ganho uma autorização de chegar nas bases, são esses só que deveriam chegar na base.

Taperero: *E os policiais?*

Nhambo: Os policiais tinham também que já tinha permissão, mas estes entravam um por um, polícia não podia entrar muitos de uma única vez.

Taperero: *A comida era uma espécie de imposto?*

Nhambo: Não, diziam que vossos filhos não têm machamba, então vão precisar da vossa ajuda. Neste caso, era uma ajuda que a população prestava.

Taperero: *Os mambos faziam o que?*

Nhambo: Os mambos voltaram às suas atividades. Sabes que quando a Frelimo entrou no governo, as pessoas foram proibidas de seguir as autoridades tradicionais, só deviam se dirigir apenas aos secretários. Os secretários saem de Nampula para governar aqui, nem sabiam como se adora os espíritos daqui ou nossos. A RENAMO dizia que isso não podia acontecer, porque desde os nossos antepassados, os mambos é que conhecem os espíritos da nossa zona. São eles que sabem explicar que deve ser assim e deve andar assim, são os mesmos que evocavam os espíritos quando tivessem problema de água. Ninguém mais estava a evocar os espíritos para chuva, mesmos problemas ninguém ia mais se queixar nos mambos, tudo acabava nos segredos. Qualquer falha que uma pessoa cometia, os secretários mandavam capinar nas machambas do povo, esse é que era o julgamento. Nas cooperativas, éramos obrigados a nos associar. No nacionalismo, é aí onde as pessoas começaram a sofrer, nem sabão não tínhamos, sabão que tínhamos era tipo batata doce, quando esfregava na camisa sujava a própria camisa. Sofríamos com os portugueses, mas tínhamos comida independente deles, é essa mesma onde está a melhor vida que nos prometiam. Os chineses e cubanos tinha suas lojas, não podia entrar uma outra pessoa, os negros não eram permitidos comprar nas lojas desses. Se ver um negro a entrar naquela loja, deve saber que era trabalhador dos cubanos ou chineses.

Taperero: *Quem mobiliza jovens para entrar voluntariamente?*

Nhambo: Quem mobilizava muito eram os mudjibas, são eles que mobilizavam. Os mambos falavam com sua população que nossos filhos precisam de ajuda e estão no mato a sofrer por nós. Eles estão a lutar para nos libertar, então vamos ajudá-los.

Taperero: *Qual é o crime que leva o guerrilheiro a ser fuzilado?*

Nhambo: Nas bases que eu vivi, não tinha essa pena. Não sei se se fazia em outras bases, mas na minha nada.

Taperero: *Qual é a ajuda que a Igreja Católica deu entre 1978 e 1979?*

Nhambo: Os mambos evocavam espíritos e faziam orações, nós tínhamos igrejas nas bases, mas os padres não chegavam lá. Significa que não tivemos apoios diretos da Igreja Católica nas nossas bases. No pós-independência, era muito difícil ver os padres em Moçambique, porque as igrejas tinham sido fechadas. Em Catandica, que a Frelimo chegou a implementar sua administração, os religiosos da igreja Johan Malenga foram obrigados a beber uma bebida chamada kabanga, e comer carne de porco, e disseram que vamos comer porque estamos em festa. E mandaram formar uma fila e cada pessoa com 1 litro para ser dado bebida e carne de porco.

Taperero: *Já ouviu falar de Magalhães?*

Nhambo: Ai, não posso mentir, nunca ouvi falar dele na guerrilha. Talvez lá com o presidente, aqui nas bases, não.

Taperero: *Os soldados não sabiam o que acontecia no topo, queres dizer isso?*

Nhambo: Na nossa guerrilha, não tinha diferença de hierarquia de uma casa, os mais novos, os da base, não sabiam o que estava a acontecer no topo.

Taperero: *O que fazia com que não atacassem as formas dele?*

Nhambo: A nossa política era de não estragar coisas do dono, porque estávamos a lutar para o próprio povo. Seria contraditório ir sabotar a causa da luta. Levar coisa de dono à força, o país não ia desenvolver.

Taperero: *E por que queimavam coisa do Estado?*

Nhambo: Fazíamos aquilo como forma de pressionar para eles atenderem o que nós queríamos.

Taperero: *O povo aí em Catandica queimava sozinho as aldeias?*

Nhambo: Muito, era frequente porque estava esforçado para estar aí. Dizia-se que toda a gente devia viver nas aldeias. Quando nós chegamos, a população começou a nos ajudar a queimar as casas, para voltar para casa, porque as coisas nas aldeias estavam bem difíceis.

Taperero: *Em 1979, Zimbábue ganhou acordos para sua independência. Vocês não sofreram por isso?*

Nhambo: Não sofremos, quando Zimbábue ganha o nosso chefe disse, nós aqui não estamos no nosso país, então vamos viver no nosso país. Daí saímos e viemos viver no nosso próprio país, porque até dizia que a nossa guerra era do Bueiros, são eles que estão a nos usar. Smith é ele que está a vir competir aqui, nunca se falava que é RENAMO, mesmo sabendo. Mas havia pessoas que não falavam isso, porque tinham medo de falar que é a RENAMO e as pessoas iam saber. É daí que nos fortificou para irmos instalar nossas bases aqui em Manica e Sofala, não temos nada a ver com Bueiros, vamos nos ajudar ou não vamos para casa. Temos no nosso próprio país, alimentação e armas, vamos conseguir aí mesmo no nosso país.

Taperero: *Você também esteve no Zimbábue?*

Nhambo: Sim, fui treinado lá e voltei.

Taperero: *Armas saíam de onde assim que já estavam em Moçambique?*

Nhambo: Muitas das vezes, arrancamos nos quartéis do governo.

Taperero: *Atuavam para arrancar as armas?*

Nhambo: Sim, encontrávamos outras armas que ainda estavam nas caixas e dividíamos, por isso muitas armas da RENAMO tem a mesma numeração que as do Estado.

Taperero: *Conta um pouco sobre o Acordo de Nkomati?*

Nhambo: As coisas não seguiram porque fomos ditos que eles só queriam nos dar anistia, isso não garantia os nossos objetivos como a base. Por isso, depois rebentou uma guerra intensa, para mostrar que estávamos atentos e só queriam nos enganar.

Taperero: *As armas da África do Sul chegaram por onde? E foram informados todos pelo Dhlakama que receberam armas?*

Nhambo: Não fomos informados que recebemos as armas, e nós pensávamos que estávamos a usar aquelas que arrancamos nos quartéis.

Taperero: *Há momentos em que sentes que as leis que temos aqui são sancionadas pelos estrangeiros?*

Nhambo: Não, os chefes nos perguntavam sobre as decisões internas e sentimos que eram nossas coisas. Nós usamos nossas ideias mesmo. E também vinham mesmo as leis no topo a dizer vamos fazer isso, isso.

Taparero: *A RENAMO militar fazia também política?*

Nhambo: A política foi fundada em 1979 e em 1980 começou abranger todos os soldados da RENAMO, começou a se indicar os militares que já deviam trabalhar sobre política. Os militares íamos a incursões militares, mas antes éramos lecionados sobre as ideologias políticas. Dizia que quando pegássemos os militares da Frelimo, povos das aldeias, devíamos sensibilizá-los sobre os nossos objetivos. Acabaram de criar os políticos que sabiam explicar sobre a política, esses eram chamados de comissários políticos, é que sabiam muito bem explicar isso. O objetivo principal era fazer o povo entender a causa da nossa guerrilha.

Taparero: *Quando entrou na Renamo, em 1979 qual era o público que aderiu muito, jovens ou velhos?*

Nhambo: Os jovens são os que iam muito se juntar à RENAMO. Havia velhos, mas com um número muito reduzido.

Taparero: *Qual era a razão para esses jovens como você se juntarem a uma guerrilha contra seu próprio Estado?*

Nhambo: Havia os que vinham sem saber o que queriam ou por que estavam a lutar, só estavam animados por ver aquilo que os militares da RENAMO faziam, daí queriam se juntar, estilo uma diversão. Esses gostavam das magias (estratégia da guerra) que fazíamos, enquanto outros comigo vieram devido à forma da vida que estava a se levar, não estava fácil, como já expliquei aí acima. E nós combinamos mesmo que essa vida não está fácil e deve acabar. Estamos num sofrimento constante, isso o que está acontecer não vai nos levar a nenhum lugar.

Taparero: *De onde saem os medicamentos?*

Nhambo: Muitos levávamos nos quartéis, havia também pessoas de boa-vontade vindo nos dar, e era explicado que deveriam andar assim, assim, assim, até que chegavam nos nossos quartéis e deixavam e voltavam.

Taparero: *Quando havia uma infração, quem julgava?*

Nhambo: Era julgado aí mesmo, não ia para Gorongosa, não.

Taparero: *E os casos que chegaram até a Gorongosa são quais?*

Nhambo: São aqueles problemas ligados à desordem na população, ir arrancar coisas da população, esses casos eram julgados pelo chefe máximo. Os militares eram permitidos ir à população só para visitar seus amigos. E não era permitido à população individualmente ir pedir algo. Cada militar tinha uma família adotiva onde ia lá visitar como se fosse filho deles, e quando conseguiam roupa, sal, iam deixar naquelas famílias e essa família fazia o mesmo. Nós os chamávamos de pai e mãe. Bastava você falhar, o povo se queixava e você era punido severamente na presença do povo.

Taperero: *Tinha povo da RENAMO e povo da Frelimo?*

Nhambo: Sim, tinha.

Taperero: *E se os do povo da Frelimo entrassem no povo da RENAMO, era feito o que?*

Nhambo: Não era feito nada, porque nós lutamos para o povo, então não havia razão para escolher. Povo da RENAMO era aqueles que estavam a viver nos seus habitats, que não foram às aldeias. Até 1983, daqui até o rio Zambeze era povo da RENAMO, tudo isso era da RENAMO.

Taperero: *RENAMO tinha estrutura governativa?*

Nhambo: Em todas nossas zonas, tinha administradores, chefes dos postos, chefe da ala política dos chefes do posto.

Taperero: *Havia escolas?*

Nhambo: Sim, até tínhamos formação de professores, comissão política e curso de enfermagem.

Taperero: *Em 1984, vocês não tiveram falta da logística?*

Nhambo: A logística bélica não acabava, porque sempre capitulamos diariamente. Tinha política de que a sua arma é a fonte de aquisição das outras munições.

Taperero: *Vocês tinham permissão de ter dinheiro?*

Nhambo: Não, a ninguém foi prometido dinheiro, diziam que estávamos a lutar para o nosso futuro, porque nós não temos dinheiro, quando nos tornarmos governo, e daí que vamos ter salários. Neste momento, vamos trabalhar com muita força para atingirmos os nossos objetivos.

Taparero: *Houve militares da Frelimo e da RENAMO a se entregarem?*

Nhambo: Sim, houve. Gostaria de dizer que gostei muito, nunca fui entrevistado na minha vida, e gostaria de perguntar se és do nosso partido ou só escola.

Taparero: Sou estudante, apenas.

Obrigado pela entrevista.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS**FICHA TÉCNICA****AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando****INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE****NOME: Antônia John****IDADE: 57 anos****GÊNERO: Feminino****LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): Manica****ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: Desmobilizada da guerra****ENDEREÇO: Vandúzi****INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA****DATA: 3 de abril de 2021****LOCAL: Vandúzi****DURAÇÃO: 20 minutos****MATERIAL DE AUDIÇÃO:****AUTOR DA ENTREVISTA: Celestino Taperero Fernando****(O silêncio caracterizou esta entrevista)****TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA****Taperero: *Entrou na RENAMO quando e com quantos anos?*****Antônia John: Entrei com 18 anos.****Taperero: *Foi por rapto ou entrou voluntariamente?***

Antônia John: Fui raptada mesmo, enquanto saía da machamba indo para as aldeias.

Taparero: *Como foi a sua recepção na base?*

Antônia John: Todos que são raptados para engrossar uma guerrilha nos primeiros dias não têm bom tratamento. Porque devem te meter medo para não fugir.

Taparero: *Então o que te levou a não fugir?*

Antônia John: Quem fugia, sofria. Eu que estou aqui, os meus pais foram mortos devido à minha filiação à RENAMO, todos aqueles que tinham filhos na RENAMO foram mortos. Minha mãe se salvou porque depois fugiu para o Zimbábue. Meu pai e meu irmão foram mortos no mesmo dia pela Frelimo.

Taparero: *Outras pessoas estavam envolvidas na vossa ida?*

Antônia John: Tinha muita gente envolvida e a população era informada.

Taparero: *Foi guerrilheira lá?*

Antônia John: Sim, fui direto treinada para ser militar.

Taparero: *De onde saía a alimentação e outros mantimentos?*

John: Andávamos a pedir apoio ao povo.

Taparero: *E esse povo dava de boa vontade ou era uma obrigação?*

Antônia John: Nada, não era obrigação eles nos davam porque gostavam de nós. Andávamos nas casas a dizer estamos a procurar alimentos, e cada família dava a quantidade que puder.

Taparero: *Os guerrilheiros andavam com os mudjibas?*

Antônia John: Em caso de haver comida, os mudjibas traziam juntamente com o povo. Em casos críticos, aí os militares iam juntamente com o mudjibas

Taparero: *Havia famílias que não vos davam mantimentos alimentares?*

Antônia John: Hummm! Na minha base, não quero mentir, nunca aconteceu isso, povo nos dava comida sem problemas.

Taparero: *Quais são as motivações que faziam com que o povo vos desse alimentos?*

Antônia John: Primeiro eles nos tratavam como filhos, nos viam a sofrer, e também sabiam por que estávamos a lutar.

Taperero: *Vocês informavam a população que estavam a lutar para isso?*

Antônia John: Essa parte eu não sei, mas sei que toda população nos gostava e nos diziam continuem lutando.

Taperero: *Havia estupros das mulheres nas zonas da RENAMO?*

Antônia John: Nunca ouvi e vi uma mulher a ser estuprada. Se você quisesse uma mulher, devia combinar com ela por bem. Eu tive minha mulher lá e não fiz de obrigar quando a conheci, levei ela e fomos a nos apresentar na família, e é a mesma que tenho até hoje. Era proibido estuprar uma mulher.

Taperero: *Dizia que entrou em que ano mesmo?*

Antônia John: Entrei em 1982.

Taperero: *Entrou pela base de onde?*

Antônia John: Eu fui raptada em Mungal e me levaram até Catandica, é aí onde fui treinada. Daí fui trabalhar em Buzva, perto da base de Nhamabachi.

Taperero: *Em alguns dias recebeu treinos com brancos?*

Antônia John: Eu recebi treino com pessoas praticamente que eram de lá mesmo, em Catandica, Manica. Nunca vi branco a nos dar treinos.

Taperero: *Nas excursões militares, tinham brancos a comandar as operações?*

Antônia John: Tinha brancos, uns eram chefes e outros andavam conosco nas operações. Depois de alguns anos, foi transferida para a base de Musianyaró, depois fui transferida mais para base de Kalingamusi, passei por Buzva, Tobira, Muira, Marimanao, Mariyanga, Madhote, até entramos na base de Chica, é ali onde entrei na guerra de verdade.

Taperero: *De onde saíam os fardamentos, tens uma ciência disso?*

Antônia John: De onde saíam os fardamentos, não sei, não posso mentir.

Taperero: *Dentro da guerra, os mambos ajudavam em quê?*

Antônia John: Quando chegamos em casa dos mambos, deixávamos nossas no chão e batíamos palmas e pedíamos aos mambos que nos dissessem onde dormir. Fazíamos de pedir mesmo, dizendo estão a procurar onde dormir, como o senhor é dono daqui, daí nos dava espaço, e fazia cerimônia para não sermos invadidos pelo inimigo.

Taperero: *E as igrejas vos ajudaram?*

Antônia John: Apenas tínhamos igrejas perto das bases com pastores, e as pessoas iam em massa.

Taperero: *Os padres chegaram lá?*

Antônia John: Os padres nunca chegavam lá, mas tinham a Católica e outras igrejas.

Taperero: *Havia pessoas que faziam política?*

Antônia John: Tinha outros.

Taperero: *O que eles propagavam?*

Antônia John: Diziam que vamos lutar, para ganhar e governar Moçambique.

Taperero: *Quando um militar cometia um crime ou infração, que tipo de punição que esse levava?*

Antônia John: Era chamboqueado.

Taperero: *Tinha cadeias lá?*

Antônia John: A cadeia dele na nossa base era ser chamboqueado.

Taperero: *Que tipo de crime te levava a ser chamboqueado?*

Antônia John: Aqueles que saíam para ir namorar crianças ou descabaçar, esse crime era grave. Porque os pais vinham queixar. Essa prática era muito proibida. Os outros morriam por chamboco, era batido por cinco pessoas até você morrer.

Taperero: *Os militares iam à escola?*

Antônia John: Não, na minha base nenhum guerrilheiro estudava. Nas outras bases estudavam. Na nossa, nada.

Taperero: *Quando lutavam, lutavam com sentimento de que estavam lutando por vocês mesmos?*

Antônia John: Isso eu não tinha conhecimento, eu o que sabia era lutar só contra inimigos.

Taparero: *Muitos foram raptados nas vossas excursões, para serem militares?*

Antônia John: Sim, pegamos muitos, porque alguns lugares não tinham voluntários. Sendo assim, fazíamos de raptar mesmo, nós às vezes pegamos nas escolas daí do Thenco, aí naquela pequena montanha. No dia do meu rapto, eu estava a ver um avião que tinha pousado na montanha, eu estava a mostrar aos meus amigos o avião sem saber que estávamos sendo emboscados, e fomos raptados cinco jovens naquele dia. Por cima disso, escolhiam fortes e espertos, os outros foram dispensados. Havia também voluntários que iam sozinhos se apresentar.

Taparero: *Depois do rapto, não teve ideia de fugir?*

Antônia John: Pensei que quando fugir vou para onde? Porque já tínhamos notícias de que meu pai foi morto. Daí disse para mim mesma que vou cumprir, até terminar a guerra. Quando acabou a guerra, fui para Zimbábue, e daí voltei para cá. No Zimbábue, ia procurar a minha família.

Taparero: *Onde encontravam medicamentos na guerra?*

Antônia John: Levávamos dos hospitais do Estado.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: **Celestino Taperero Fernando**

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Zondai Nyasha**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 5 de abril de 2021.

LOCAL: Entrevista realizada no bairro Mugabe, Distrito de Guro.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a iniciar com a nossa entrevista. Gostaria que nos permitisse gravar e transcrever.*

Zondai Nyasha: Sim, pode gravar, e muito obrigado.

Taperero: *Em primeiro lugar, gostaria de saber quando ingressou na RENAMO, e com quantos anos.*

Zondai Nyasha: Entrei na guerrilha com 22 anos, em 1982. Entrei pelo distrito de Guro. Quando abriram uma nova frente lá, a caminho de Tete, eles começaram a atacar em Mungal, depois mudaram para Nyahora. E abriram também base em Birira, e depois foi e mudaram para Nyatsote, em 1980. Mas o ano que entrei, em 1982, saímos daí para a base de Mutumba-Mandiwe. É lá onde tive a instrução militar, para saber como usar a arma e outros materiais bélicos. Essa base estava perto da estrada de Changara. É aí onde comecei a entrar nas incursões militares. Éramos jovens nessas alturas, não tínhamos nada que temíamos nem perder, porque era antes de ter casado. Quando viram o nosso empenho, nos transferiram do 4º setor para Nyamatongoro. Nessa zona, quem comandava era o general Bobo, trabalhei muito com ele, e aí fui transferido para

província de Tete na base de Nyangawa, na base de Pisa Maniga. Bobo quando chegou lá todo mundo começou a dizer veio branco, que queria lhe pegar mão para depois lhe linchar.

Taparero: *O General Bobo era branco?*

Zondai Nyasha: Era um mulato, os mambos o queriam pegar mano, mas quando o topo ouviu rapidamente foi transferido para Gorongosa. Eu o acompanhei e também fui transferido para a base de Dhemaufe, comandado por General Elias, conhecido por Kangai Nbeu Kurima kwaramba.

Taparero: *Comandante Bobo era moçambicano ou estrangeiro?*

Zondai Nyasha: É moçambicano mesmo, e não é branco, é apenas um mulato. Toda população começou a dizer que veio branco, porque lá no mato os mulatos também são chamados de brancos. A população ficou muito contra e acabamos por trabalhar com Elias, conhecido por Kangai Nbeu Kurima kwaramba. Trabalhamos com ele até 1983, aquele ano que teve muita fome. Daí fui transferido para Chirindza, na província de Tete, com Comandante Samuel, trabalhei lá de 1983 a 1985. Fui transferido de lá para Maringwe. Trabalhei muito em Maringwe, desde 1985 até 1990, daí fui transferido para Savana, aí trabalhei um pouco, no fim fui transferido para um estado-maior. Em 1990, fui fazer algumas operações e, em 1991, fui dispensado para ir visitar em casa. Quando vieram a ONUMOZ 1992, eu estava em casa, e ouvi que os meus companheiros já eram ONUMOZ, e o Madala já estava em Maputo. Daí voltei à cidade e eu disse que quero trabalhar com a RENAMO na parte da política, até hoje.

Taparero: *Dizia que entrou por rapto ou voluntariamente?*

Zondai Nyasha: Fui raptado mesmo.

Taparero: *Por que não pensou em fugir depois?*

Zondai Nyasha: Eles disseram-me que estamos a lutar pela democracia. Estás a ver as lojas? Eu respondi, sim. Chama-se loja do povo. E disseram-me para onde o dinheiro dele vai? Eu respondi que não, nunca nos disseram, e as machambas que estão a cultivar, sabem onde vão os produtos? Eu não sei, só estamos passando fome. Eles disseram que a nossa luta é para acabar com isso, para que cada um tenha sua loja individual, machamba individual, é isso que nos leva a lutar então junta-te a nós. Estamos a lutar pela democracia e deixarmos o socialismo. Só que na nossa luta não

vamos ter salário, porque não temos dinheiro, assim que vencermos nossa guerra vocês terão salários, e daí cumprimos, outros fugiam e voltavam e diziam que lá não há interesse então dá nós lutarmos.

Taparero: *Os que fugiam eram muitos?*

Zondai Nyasha: Ah. Não eram muitos, só em 1983 fugiram muitos devido à fome. Neste ano, nos alimentamos de malambe, e essa também acabou aí no mato. Muitos fugiram para Malawi, mas eu e os outros ficamos até a fome acabar.

Taparero: *Quem vos dava alimentação até ter esse nível de fome por falta de comida?*

Zondai Nyasha: A alimentação vinha da população, então nesse ano de 1983 houve seca e ninguém conseguiu trabalhar nas suas machambas. Nós estávamos na zona em que o povo era livre e trabalhava nas suas machambas à vontade. Nós éramos diferentes dos Turras. O povo não vivia nas bases, vivíamos sozinhos nas bases. Quando íamos ao trabalho, aproveitávamos aí nas aldeias farinha e cozinhávamos aí no mato. Quando conseguimos sabão, sala, lavamos, íamos dar àquelas pessoas que apoiavam em farinha. É assim como nós vivíamos nas nossas zonas.

Taparero: *Quem o treinou? Refiro-me à cor.*

Zondai Nyasha: Nos meus treinos, nunca tivemos instrutor branco, nem estrangeiro.

Taparero: *Os brancos chegavam com muita frequência nas bases em que trabalhavam?*

Zondai Nyasha: Hummm. Nada... eu não tive sorte de vê-los. Os únicos que eu vi são os cubanos e russos de Samora que chegaram na nossa base a mentiram que eram Bucha man, em jeito de se infiltrar em 1986, mas descobrimos que era mentira, e lhes colocamos de volta. Um dia depois, houve bombardeamento, mas já não estávamos na base.

Taparero: *Havia pessoas que iam receber treinos militares com Savimbi?*

Zondai Nyasha: Hummm! Nada nas bases em que passei, nunca os vi.

Taparero: *Como eram feitos os julgamentos?*

Zondai Nyasha: As leis das bases era como se fossem leis da casa. Quando falhava era chamado e aconselhado que não volta a fazer isso. Então, se for um crime grave ou

repetições dele, aí era batido para não voltar a repetir mais. Havia outro com indisciplina no nosso próprio povo para lhes arrancar vestuário, esse ato não era admissível de jeito nenhum. Bastava a população vir denunciar, dizer eu fulano de x levou mais roupas, aí sofria por chamboco.

Taperero: *E em caso de estupro?*

Zondai Nyasha: Quando estuprar mulher de dono era um grande problema, dava-te direito à prisão e não tinha como escapar.

Taperero: *Estava construída a prisão?*

Zondai Nyasha: Você era guarnecido pelos militares, a prisão tinha cerca de capim, era entregue comida aí mesmo, não podia sair até chegar os dias sentenciados. Na lei não permitia estuprar mulher, e também não éramos muito permitidos brincar com as meninas. Porque diziam que dava azar na operação da guerrilha. E também dizia se nos habituamos andarmos com mulher, vamos esquecer a nossa missão.

Taperero: *Tinha lei de cultura tradicional?*

Zondai Nyasha: Sim. Todos os lugares aonde nós chegávamos, primeiro, falávamos com as estruturas tradicionais locais. Reuníamos com eles e pedíamos que queremos instalar nossa base aqui, como podemos proceder? Quando chegar, devem buscar água e tomar banho, nem pode brincar com as meninas. Todos os lugares que nós chegávamos, ajoelhávamos e batíamos palma, daí seguíamos nosso destino.

Taperero: *Os mambos faziam o quê?*

Zondai Nyasha: Eles ajudavam muito na questão da comida, aquilo que falamos, procuravam comida e ia deixar na casa dos mambos, e procuravam pessoas para carregar os produtos até na nossa base, mas deixavam no controle, não eram permitidos entrar na base.

Taperero: *Os brocos eram quem?*

Zondai Nyasha: Eram como mudjibas e tinham a mesma função dos mudjibas. São eles que traziam a informação da invasão e outros acontecimentos no nosso povo.

Taperero: *Na vossa base, como escolhiam os mudjibas?*

Zondai Nyasha: Ah... Era visto pelos seus serviços e honestidade, aí dizíamos isso merece. Outro qualificativo era a coragem que ele mostrava nos dias de ser testado, dizíamos esse merece ser mudjiba e esse merece ser broco. Eles faziam distância daqui até Gondola à procura de comida e deixar em casa do mambo.

Taperero: *Os mambos também recrutavam jovens para vocês?*

Zondai Nyasha: Os mudjibas recrutavam os jovens e iam deixar em casa dos mambos, para que os outros mudjibas levassem os recrutados hospedados na casa do mambo para a nossa base.

Taperero: *Ouviu falar de Magalhães aí na guerrilha? Ele fornecia fardamentos?*

Zondai Nyasha: Ah... nada, nada.

Taperero: *E a Igreja Católica vos ajudou na guerrilha?*

Zondai Nyasha: Hummm, nada, não sei se iam secretamente para Madala, nas nossas bases nunca vimos eles a chegar, me ouvir que essa comida é da Igreja Católica. Os padres nunca chegavam aí nas bases, tínhamos igrejas entre nós mesmos.

Taperero: *Os que eram fuzilados tinham cometido algum tipo de crime?*

Zondai Nyasha: Quando você cometer crime recorrentemente, aí o presidente dizia chega, vão lhe fuzilar. Uns dos crimes que não precisa muita recorrência era de matar nosso povo, aí era morto com o mesmo crime sem precisar você repetir. Mas não era tanto, nada.

Taperero: *Se estiver numa região em que o povo que está não é vosso, como conseguia ter alimentação?*

Zondai Nyasha: Nestas circunstâncias, entrávamos nas machambas deles e levávamos o produto que estiver por aí, porque guerra é guerra.

Taperero: *Como sabia que esse é nosso povo?*

Zondai Nyasha: Todos aqueles que estavam ao nosso redor, esses mesmos passeavam conosco e nos davam sempre bebida tradicional.

Taperero: *E o povo das aldeias era vosso?*

Zondai Nyasha: Não era nosso povo, mas quando chegávamos lá não fazíamos estrago, por nossa lei proibia, porque nós estávamos a lutar pela liberdade do povo.

Taparero: *Quando iniciou a política?*

Zondai Nyasha: Eu cheguei enquanto já tinha a política, tinha pessoas que andavam de casa em casa a falar da política. Os comissários tinham outro nome, andavam dizendo aos meus pais e minha mães que nós estamos a lutar para vossa liberdade, para que isso que está a acontecer acabe. Porque no tempo de Samora, tínhamos as aldeias comunais, machambas de povo, e nós queríamos ter as nossas machambas individuais.

Taparero: *Os militares tinham formação política?*

Zondai Nyasha: Sim, tínhamos palestras nas formaturas.

Taparero: *Guro e Tete tinham pessoas que iam sozinhas à guerrilha?*

Zondai Nyasha: Sim, tinha, Vinha muitos jovens, muitos devolvíamos porque as nossas regras não permitiam que qualquer chegasse, devia ser recrutado e ser submetido aos treinos militares. Quando houvesse uma necessidade, abríamos uma campanha, com o teor que aqueles que querem se alistar já podem vir a querer tantos. Os mais necessários eram fortes e espertos.

Mwaita basa.

Ndatenda.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Jeremias Gimo**

IDADE: 57 anos

GÊNERO: Masculino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa):

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: guerrilha

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 05 de abril de 2021

LOCAL: Gondola

DURAÇÃO: 30 minutos

MATERIAL DE AUDIÇÃO:

AUTOR DA ENTREVISTA: Celestino Taperero Fernando

Entrevista realizada no bairro Mugabe, distrito de Gondola

Função na guerrilha: Guerrilheiro

Dia 5 de Abril de 2021

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a iniciar com a nossa entrevista. Gostaria da sua permissão para gravar e depois transcrever.*

Jeremias Gimo: Está bem, pode gravar.

Taperero: *Em primeiro lugar, gostaria de saber quando entrou na RENAMO e quantos anos tinhas.*

Jeremias Gimo: Eu entrei via rapto na zona de Mbrowa, via Gorongosa. Aí depois da ponte, em 1982, na via de cruzamento de Chitengo, eu estava em casa de minha madrasta, chegaram os jovens militares da RENAMO e disseram vocês estão a fazer o quê aqui... dissemos que ficamos nós porque outros foram procurar algumas coisas para mantimentos da casa. Levam-nos eu e aquela minha madrasta, disseram que levam esse menor para irmos com ele, nesse período eu tinha de 14 a 15 anos. Fomos raptados aí eu e um chefe de nome Mahacha. Não se pode falar isso, não? Pode falar fica à vontade, juntos nos levaram até Nyamhanya, numa área que é chamada Tica, era um régulo de nome Tika, chegamos aí e cozinharam Xima para nós e comemos, estávamos aí perto de Bwemaria. Quando acabamos comer, saímos e fomos para Mucheu, na base com meu chefe, depois caminhamos até Nhandjira. Essa base era do João, a minha intenção era de sair daí dentro da guerrilha para ir visitar minha mãe em Zembe, a minha mãe seguia onde vivia o meu irmão mais velho, filho dela. Segui normalmente como forma de poder chegar até onde estava minha família.

Taparero: *Estava a pensar em fugir depois de chegar perto da sua família?*

Jeremias Gimo: Não, nem pensei em fugir, só queria ver minha família apenas, com os mesmos chefes que me capturaram em Brawa, que tinham função de chefe das operações. Fomos transferidos para Ushamba, nessa base permanecemos, é aí onde recebemos treinos. O Chinda foi nosso instrutor, com outros instrutores, com a Isabel e o Richard, eram dois instrutores, e um chefe para comandar o centro de instrução.

Taparero: *Esses instrutores eram brancos ou pretos?*

Jeremias Gimo: Eram pessoas negras. Depois do treino, me juntei ao chefe que eu conhecia, de nome Jemusse Rambani, era chefe da informação, ele é que fazia os reconhecimentos e dava instruções que vamos andar para chegar no lugar X.

Taparero: *Esse chefe era mudjiba?*

Jeremias Gimo: Nada, era uma tropa mesmo, então é o mesmo chefe que eu aproveitava perguntar como está o bairro X, como o bairro está estruturado. Tudo isso porque estava a procurar minha família. Meu interesse era encontrá-los e saber como estavam a viver. Comecei a trabalhar com o chefe Jemusse Rambani, éramos ensinados pelo Comandante Timóteo, ele que nos ensinava como capturar as pessoas, usar senha, porque senha já era vasto para fixar na cabeça, essas senhas usamos quando chegamos

nas aldeias para saber que esse é nosso simpatizante. Lutei até 1990, antes de encontrar minha família. Depois da guerra, em 1992 fui desmobilizado. Em 1991, saiu, foi ver a família na minha atrás, aconteceu a desmobilização eu não estava presente, foi lá ser desmobilizado. Mas quando cheguei lá, o processo já tinha terminado e voltei e fui requerer a minha desmobilização, mesmo assim não aconteceu. Mas os chefes me colocaram como delegado político do bairro. Acabei ficando como membro político até hoje, e depois fui empossado como chefe de assuntos sociais para controlar outros desmobilizados.

Taparero: *Você me disse que foi raptado. O que te fez não fugir?*

Jeremias Gimo: Eles nos diziam que nem vale a pena fugir, se fugir vais sofrer, porque aqui está muito seguro para você. Nós estamos a lutar para acabar com a desvalorização de homem para homem. Porque eu assistia em Moçambique pequena coisa, era morto pelo governo. Muitas famílias eram separadas, e outra família era empurrada para aldeias sem querer. Éramos obrigados a trabalhar nas machambas de povo, as coisas que saíam naquela machamba ninguém sabia onde ia o produto, ficávamos a morrer de fome. Eu vi que na verdade isso era uma violação, e falei para mim mesmo que quero lutar para acabar com isso, estava demais.

Taparero: *Então quer dizer que não fugiu porque queria lutar contra a machamba de povo e guia de marcha?*

Jeremias Gimo: Foram essas coisas que me levaram a ter coragem, porque eu estava a ver que aquela maneira de viver era um sofrimento. Por isso dei a continuidade com o sonho de muito lutar contra essa violência.

Taparero: *Aí na guerrilha, se falava que estava lutar a mando de Smith?*

Jeremias Gimo: Nada.

Taparero: *Você chegou de trabalhar no Chimoio?*

Jeremias Gimo: Sim.

Taparero: *Por que não atacavam a fábrica de Magalhães?*

Jeremias Gimo: Isso eu não sei por quê, mas sei que não atacamos.

Taparero: *E a Igreja Católica ajudou?*

Jeremias Gimo: Na nossa base, os padres nunca chegaram. Nós usamos muito a adoração dos espíritos dos antepassados para nos protegermos, ajoelhávamos e batíamos palmas. Pedindo que a nossa operação fosse com sucesso e que não tivéssemos mortes ao nosso lado.

Tapero: *Houve vezes em que se sentiu abandonado pelo líder e que estava a lutar para outros fins?*

Jeremias Gimo: Nada, mano, aquele gostava muito dos militares. Na verdade, aquele amava seus soldados. Mesmo na Centramão (formatura), quando chegava, dizia para nós irmãos ou primos, precisamos de união para podermos vencer a guerra, sempre nos animava com a política, dizendo os objetivos da nossa guerra. Vamos lutar para acabar com a aldeia e a guia de marcha. Isso nos fortificava muito.

Tapero: *Havia penas e cadeia nas bases?*

Jeremias Gimo: Quando era informado que amanhã temos uma missão e depois você sai, vai brincar, essas máfias não são permitidas. Essas indisciplinas não eram permitidas. Imagine que volte enquanto os outros já foram à operação, assim merece uma punição e cadeia.

Tapero: *Aqueles que faziam estupro?*

Jeremias Gimo: Eram batidos, e nos diziam que estamos aqui para proteger a população. Tínhamos medo de que a população nos odiasse, enquanto são os mesmos que nos dão a comida.

Tapero: *Vocês algumas vezes recebiam ordem dos brancos?*

Jeremias Gimo: Nunca vi um branco nas bases.

Tapero: *Tinha que sair para ir treinar com Savimbi?*

Jeremias Gimo: Na nossa base, ninguém foi a Angola. Não sei, nosso presidente nunca nos falou de Angola. Nós da base não tínhamos muitas informações do que acontecia no topo, tudo acabava lá mesmo.

Tapero: *Os jovens raptados ficavam quanto tempo a serem treinados para depois serem entregues?*

Jeremias Gimo: Eram treinados por seis meses, depois eram submetidos a uma experiência para ver se tinham ideia de fugir ou não. Nos primeiros dias, serviam de carregar mantimento. Depois era entregue a arma e seguia a combate. A classificação ia até os três meses. Risos.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Tendai Semo**

IDADE: 78 anos

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Manica**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: Guerrilheiro

GÊNERO: masculino

ENDEREÇO: **Manica**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 06 de abril de 2021

LOCAL: Muxungue

DURAÇÃO: 35 minutos

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Estamos a iniciar com a nossa entrevista. Gostaria pedir a sua autorização para gravar e depois transcrever na íntegra.*

Tendai Semo: Sim, pode gravar, e muito obrigado pela confiança.

Taperero: *Gostaria de saber quando que aderiu a Renamo e quantos anos tinha.*

Tendai Semo: Eu entrei na RENAMO em 1977, no mês de fevereiro, tinha 18 anos de idade. Estava saindo do distrito de Sussundenga, ia em Muyinga, e cruzei com eles na zona de Pamusesua, perguntaram-me ia para onde? Eu disse que saia do distrito de Sussundenga, e disseram-me se dá para nos ajudar nesse nosso trabalho? Eu fiquei sem resposta, depois eu disse que está bem, aceito, daí disseram-me que você já não vai para

casa, porque vamos juntos para nos ajudar nesse nosso trabalho de lutar pela liberdade. Quando lá cheguei, receberam-me bem, e fiz seis meses treinando e daí fui a combate.

Taparero: *Era antes de iniciar a guerra?*

Tendai Semo: Ah, ah, já tinha iniciado, mas devíamos cumprir com os seis meses de treino, para cumprir com toda matéria do treino. Quando estávamos no posto administrativo de Sembezeia, ouvi falar que Macabus (FPLM) estava vindo, e nos preparamos para defender o povo, porque foi o mesmo povo que nos avisou. E saímos e caminhamos para lá, nós estávamos na base de Pamukute, na zona de Dzimurwi. No primeiro meu combate, logo sofri, fui baleado aqui no pé, estávamos sob comando de comandante Jequessene. Levaram até na base e me trataram bem, e nunca mais fui a combate, passei a ser cozinheiro e outros serviços da base. Fiquei na base porque me disseram que nem vale à pena ir a casa, porque aqui tem serviço para ti. Vive na base a ser considerado como deficiente; porque disseram se voltasse na casa assim como estás, vais sofrer. Vivi na base de 1977 até 1986, esse ano veio bombardeamento lá em Munyinga, onde estávamos a viver. No mesmo ano, ouvi que estavam a recrutar população para aldeias, eu fiquei lá, daí acabei indo na aldeia viver, mas nessa altura nas aldeias tinha pouca gente. Eu pedi para ir visitar minha esposa, em 1994 tornei-me membro político e trabalhei muito no distrito de Vanduzi.

Taparero: *O que te motivou a não fugir, sabendo que entrou via rapto?*

Tendai Semo: O que me encorajou mesmo foi devido aos argumentos políticos que me proferiram, eles disseram estás a ver por que estamos a fazer isso? É o problema de como o nosso país está sendo dirigido. Eu assisti a política da Frelimo de evacuação da mulher, levavam as mesmas e andava-se pelas ruas a gritar, prostitutas, prostitutas, prostitutas, a serem levada para outra província, que é Niassa. O Comandante André é quem iniciou com a reivindicação do que estava acontecendo. Eu vi que a política que trazia a RENAMO era uma política boa e ia ajudar a nós todos, e achei normal lutar lado a lado com eles para acabar com aquilo que estava acontecendo nesse país.

Taparero: *Quem te treinava?*

Tendai Semo: Eu fui treinado pelos moçambicanos, alguns os conhecia da infância.

Taparero: *Chegou a estar na mesma base com André Matsangaissa?*

Tendai Semo: Sim, tivemos várias vezes, eu o conhecia desde, e conhecia a sua casa, conhecia-a no Chirara até no Kamhondoro.

Taperero: *Ele andava com brancos ou pretos?*

Tendai Semo: Ele nunca chegou na nossa base com brancos, ou seja, nunca lhe vi com brancos. Não sei se outras bases iam com brancos.

Taperero: *Os mambos vos ajudaram em quê?*

Tendai Semo: Por exemplo, onde estávamos em Adzimirwi, e nós não tínhamos machambas, eles que mobilizaram o seu povo para nos ajudar em comida. E essa comida, quando era doada, era armazenada em casa dos mambos, e depois enviavam com as pessoas para as nossas bases. Eu comecei antes de haver mudjibas, porque começaram a atuar nos finais de 1978. Os outros iam deixar em casa dos líderes, depois os soldados iam buscar, sabe dizer que mambos e os líderes são pessoas bem diferentes né? O líder (Samutanha) é satélite do mambo.

Taperero: *O povo vos ajudava em quê?*

Tendai Semo: Nós éramos instruídos a conviver com povo sempre. Por isso, quando chegávamos em casa de alguém, mesmo no dia de combate, primeiro pedíamos licença, daí perguntávamos a novidade, e daí começamos a falar de política que nos fazia a lutar, e o povo gostava da nossa política.

Taperero: *Que tipo de política pregavam?*

Tendai Semo: A política que nós pregávamos era de informar a população que estão a ver isso que está acontecer, de ver nossos filhos a ser milicianos todos, e também estavam a obrigar os velhos ser milícias também, e perguntava se ainda estava preparado para isso? Vocês vão deixar as vossas esposas para ir à Operação Produção, então nós estamos a lutar para isso terminar e ficarmos livres. Vejam como estas aldeias estão destruir nossa cultura, se nós todos passarmos a viver nas aldeias, os nossos bois e cabritos vão ficar com quem? Querem sair longe das vossas machambas para viver na aldeia? Então deve nos ajudar para acabarmos com isso.

Taperero: *E as igrejas vos ajudavam?*

Tendai Semo: Eu nunca vi as igrejas a dizer que vamos nos ajudar em isso mais aquilo, nunca chegaram nas nossas bases, as igrejas que nós tínhamos eram criadas pelas

populações daí mesmo. Talvez juntamente com os mambos fazia coletas de comunidade, mas essas coisas não sei e nunca ouvimos falar.

Taparero: *Você esteve com Orlando Cristina?*

Tendai Semo: Esse nunca lhe vi.

Taparero: *O senhor foi receber os treinos em Odzi?*

Tendai Semo: Eu não cheguei a ir, fui treinado em Mahunde.

Taparero: *Tinha os que foram treinados em Odzi?*

Tendai Semo: Sim, tinha.

Taparero: *Como sabiam que esse era nosso e aquele não era nosso?*

Tendai Semo: Conseguimos notar devido à prontidão em nos apoiar, porque para nós, quem não queria nós não obrigávamos. Por exemplo, os nossos chefes iam pedir caril aos outros por vontade própria, ofereciam cabrito, e os outros negavam dar alguma coisa. Isso nos fazia facilmente conhecer quem nos apoia.

Taparero: *Aqueles recrutados ficavam quanto tempo antes de serem entregues a armas?*

Tendai Semo: Geralmente eram seis meses, eu fiz seis meses, porque é necessário ser visto que estás firmes ou não, a forma de falar nos treinos, porque havia pessoas que diziam estou fazendo isso por obrigação, mas não é a minha vontade.

Taparero: *Houve um dia em que pensou em fugir?*

Tendai Semo: Nunca pensei nisso, porque toda minha família já estava lá. Nesses dias, era difícil, porque às vezes quando voltasse havia aqueles secretários que não te gostavam na aldeia, poderia te queixar. Por isso, levei a família para estar próxima de mim. Muitos voltaram para viver nas suas terras, estávamos a falar do senhor Magaka, porque nós estávamos com o filho dele, Elias, a combater, e foi grande, até ocupou cargo de chefia, hoje ele está a viver em Mavita.

Taparero: *As armas saíam de onde?*

Tendai Semo: Sobre as armas, eu não sei onde saíam, esse era segredo dos chefes e nós não tínhamos como perguntar.

Taperero: *Smith vos dava arma?*

Tendai Semo: Humm, será que era Smith? Se ele mandava e tudo terminava lá nos chefes, nunca chegou nos meus ouvidos que essas armas estamos a receber do Smith.

Taperero: *Quando André chegou na vossa base, falava de política ou não?*

Tendai Semo: Já falava, dizia, homens estão nos ver a fazer isso, é um sofrimento que estamos a viver, é difícil e é triste. Todos os que estão a governar começaram com isso que estamos a fazer aqui. Para nos libertarmos. Ele contava que quando estivermos livres, vossos filhos terão bom emprego, porque vocês também merecem muito bem.

Taperero: *Vocês não tiveram nenhuma influência de branco?*

Tendai Semo: Na base, trabalhávamos só, controlando onde se fazia encontro em forma de um protocolo. Eu nunca fui convidado a participar das reuniões, mais muitas coisas que se falava eu ouvi, desde a época do André. Coisas de branco, ouvia-se falar, mas não dizer eram donos, mas sim dizer que temos alguns nossos amigos brancos que nos apoiam. E outras coisas não conseguia ouvir.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Simão Manuel Mupinda**

IDADE: 79 ANOS

SEXO: Masculino

ENTREVISTA REALIZADA NO DISTRITO DE BÚZI

FUNÇÃO NA GUERRILHA: guerrilheiro

Dia 07 de Abril 2021

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a iniciar com a nossa entrevista. Peço a sua permissão para gravar e transcrever na íntegra.*

Simão Manuel Mupinda: Está bem, pode gravar, para amanhã nosso filho ler esse livro.

Taperero: *O Pai pode nos contar como entrou na RENAMO, quando e com que idade?*

Simão Manuel Mupinda: Na RENAMO? Como militar? Eu tinha 35 anos de idade em 1977, entrei pela zona da **Gurudja**, Sofala. Fizeram de me raptar, obrigatório mesmo. Tinha uma base onde as pessoas eram muito picadas pelas cobras, essa base chamava-se **Pachimwamba**. Nós que abrimos aí, porque a RENAMO estava a chegar em Sofala neste ano. Depois de capinarmos e prontificarmos, tudo chegou, um avião, tinha comandante de nome Basicoro, Mabachi e Manguledje, era centro de tudo antes de Gorongosa, todos os aviões e materiais caíam aí mesmo. É ali onde fiz a minha instrução militar, depois fomos transferidos para Makorokosho, passamos a residir aí com o Comandante Sete. O Comandante Sete foi substituído pelo Comandante Armando e o Comandante Djakata. Saímos e fomos viver em Matindir, no Chizizira, aí

estávamos a defender dos soldados que iam queimar casas e machambas do povo que não queria ir às aldeias.

Taperero: *Quem queimava?*

Simão Manuel Mupinda: Os militares da Frelimo iam nas casas e machamba do povo e queimavam. Ficamos aí até o ano em que faleceu André Matsangaissa, daí colocamos Dhlakama, e lutamos muito nas estradas do Mutindir e Chizizira.

Taperero: *O que é Chizizira?*

Simão Manuel Mupinda: Aí mesmo, em Guludja.

Taperero: *Tsukero, você conviveu com André Matsangaissa?*

Simão Manuel Mupinda: Sim, vivi e convivi na mesma base com ele.

Taperero: *Moraram juntos?*

Simão Manuel Mupinda: Vivemos com ele quando estávamos a fundar Sawani, em Guludja, todos aviões caíam aí mesmo.

Simão Manuel Mupinda: *Provinham de onde esses aviões?*

Simão Manuel Mupinda: Saíam da África do Sul e caíam paraquedistas, que saíam da África do Sul e pousavam ali mesmo.

Taperero: *Então você foi treinado pelos brancos na época?*

Simão Manuel Mupinda: Não, eu tive treino com pretos de Moçambique.

Taperero: *Os dias em que foram treinados Dhlakama e os outros 24 homens você estava também?*

Simão Manuel Mupinda: Não, Dhlakama já era comandante.

Taperero: *E André?*

Simão Manuel Mupinda: Era o nosso chefe.

Taperero: *Os brancos vinham muito aí nas vossas bases?*

Simão Manuel Mupinda: Eles vinham só na calada da noite, só traziam material e não davam nenhuma ordem. Às vezes o avião voltava duas vezes, ninguém conversava com eles. Eles conversavam com chefes só.

Taperero: *Sabendo que foi raptado, o que te levou a não fugir da guerrilha e voltar a fazer sua vida normal?*

Simão Manuel Mupinda: Nós cumpríamos.

Taparero: *O que fizeram para que cumprisse com as ordens da guerrilha?*

Simão Manuel Mupinda: O que me fez cumprir, na verdade, foi o seguinte: eu tinha minha moagem, a Frelimo chegou na minha moagem e tirou todo mundo que estava aí, daí queimaram na moagem, nessa altura eu não era militar nem militante. Quando a RENAMO me raptou, acabei aceitando, porque não tinha mais o que perder, todas as minhas coisas acabaram sendo queimadas. Foi esse motivo que me fez ficar lá até agora.

Taparero: *Na sua militância na RENAMO, o que faziam os mambos para vocês?*

Simão Manuel Mupinda: Quem reintegrou os mambos fomos nós, porque os mambos foram corridos pela Frelimo, com teor de que já não há mais isso de mambo, alguns foram mortos. Quando estávamos a lutar, declaramos que não dá, os mambos devem voltar. Porque Caetano chegou e encontrou os mambos e daí deixou os mambos sempre. Os mambos eram verdadeiros nossos pais. Frelimo começou a ver que as pessoas já estavam a nos querer muito, porque muita gente já ia rezar, os mambos que não estavam a trabalhar já estavam a trabalhar, só trabalhava secretário, e nós dissemos que os mambos voltem, e as pessoas vão rezar e praticar outros cultos.

Taparero: *André Matsangaissa é que mobilizava os jovens para RENAMO?*

Simão Manuel Mupinda: Os jovens viram que o sofrimento estava demais, porque para se deslocar era necessário guia de marcha, sem guia de marcha não podia sair, mesmo com bilhete. Foi muito difícil viver naquela época, outros eram forçados a ser milícias, basta negar e chamboco contigo. Íamos que quem ia a machamba pessoal era punido, já na nossa guerra quem ia a machamba era dito que foi cozinhar para eles. E vinham aonde fazíamos trabalho e dizia vale à pena lutarmos para isso acabar, ficamos até André morrer e depois votamos em Dhlakama.

Taparero: *Na batalha em que morreu André Matsangaissa, estavas aí?*

Simão Manuel Mupinda: Não, eu estava em Guludja, só ouvi que o chefe morreu.

Taparero: *Quando ouviram que o chefe morreu, não tiveram medo e pensaram em fugir?*

Simão Manuel Mupinda: Nada, nós já estávamos conscientes que o vice vai substituir, por isso não demorou entrou Dhlakama, porque entre nós nas bases queríamos ele mesmo, o vice.

Taperero: *Votaram?*

Simão Manuel Mupinda: Sim, votamos aí mesmo no mato.

Taperero: *Tinha outro concorrente?*

Simão Manuel Mupinda: Nada, não tinha outro, nós o vimos só e também estávamos já conscientes de que ele ia nos encaminhar, bem porque foram eles que fundaram.

Taperero: *Por que o vovô não concorreu? Já eram mais adultos do que Dhlakama, não houve espaço para tal?*

Simão Manuel Mupinda: Nada, nessa altura eu era muito jovem, apenas seguimos a lei, o que fazia Dhlakama, que era vice, era boa coisa e não tínhamos como lhe contrariar.

Taperero: *O que vos animava muito para manter firme?*

Simão Manuel Mupinda: O que nos mantinha muito firme para lutar, mesmo com dificuldade, era o sofrimento que tivemos com a Frelimo.

Taperero: *Que sofrimento?*

Simão Manuel Mupinda: A Frelimo queimava nossas casas, porque não queríamos ir a casa, quando já estávamos na luta, começaram a queimar casas de povo. Levavam as nossas famílias para outras posses, para Operação Produção. Isso nos fez intensificar mais as nossas incursões, para mostrar que não queríamos isso que estava acontecendo. Sobrinho, já imaginou guia de marcha no seu próprio país? Na verdade, trabalhamos até a guerra acabar. Vimos as guias de marchas terminando e as pessoas já estavam a circular normalmente. Agora já estávamos a viver bem, mas foi uma grande batalha e rejeição para chegar a esse nível agora.

Taperero: *Os militares levavam chamboco em caso de que crime?*

Simão Manuel Mupinda: Dhlakama não queria que nós fôssemos na população para criar desmando além de lhes proteger. Ele dizia são eles que nos escondem e nos dão comida, então devemos respeitá-los. Vão lá para lhes proteger dos inimigos. Por isso

qualquer coisa de alimentação que eles conseguiam nos encaminhavam, quer mandioca, farinha de milho e outro produto.

Quando a Frelimo entrou, implementou machamba de povo, loja de povo, os antigos combatentes não ficavam na fila quando queriam comprar. Quando nós chegamos lá, o povo ficou feliz e veio juntar-se a nós, voltaram nas vossas terras e começaram a plantar e criar suas galinhas, cabras e bois.

Taperero: *Qual é era tarefa dos curandeiros?*

Simão Manuel Mupinda: Os curandeiros sempre existiriam desde o tempo de Caetano. Quando Samora entrou, disse que os curandeiros não podem trabalhar mais, mas quando entramos dissemos vocês devem voltar a fazer vossos serviços juntamente com os mambos, porque vocês são quem sabe como povo vivia desde há muito tempo.

Taperero: *Política iniciou com André Matsangaissa ou Dhlakama?*

Simão Manuel Mupinda: Na verdade, começou com André e Dhlakama deu continuidade a ela.

Taperero: *Em 1977, já tinha política ou era guerrilha só?*

Simão Manuel Mupinda: Éramos guerrilheiros só.

Taperero: *Quando que iniciaram os comissários políticos?*

Simão Manuel Mupinda: Comissários políticos começaram com Dhlakama e estavam na população. Eles nunca ficavam nas bases, sempre estavam fora. Nós estávamos preocupados em combater só, ele dizia que estamos a lutar para acabar com guia de marcha, machamba de povo, daí vão passar a ter vossa vida. Pela fidelidade que tinha o povo conosco, passamos a fornecer alguns utensílios para eles, como roupa e outras coisas que conseguimos nas nossas incursões militares, e isso aumentou cada vez mais a relação de nós, os militares, com a população.

Taperero: *Quantos dias o jovem ficava nos treinos para ser militar?*

Simão Manuel Mupinda: Os que nós raptávamos colocávamos nas bases um bom tempo a ser dado comida, aí sem saber de onde vinha a comida, porque eram colocados em lugar como espécie de cativo.

Taperero: *Aí nas vossas bases havia jovens que vinham sozinhos?*

Simão Manuel Mupinda: Não tinha, fazíamos de raptar mesmo.

Taperero: *Na sua base tinha com muita frequência as sentenças de morte?*

Simão Manuel Mupinda: Sim, tinha, mas não era muito frequente, só era sentenciado à morte aquele que ia matar povo por prazer.

Taperero: *De onde saíam os vossos fardamentos?*

Simão Manuel Mupinda: Hummm, quem sabe explicar isso são os chefes, nós da base não temos conhecimento porque nunca se falava. Mesmo as armas não sabíamos, porque não era permitido perguntar.

Mwaita basa.

Muito obrigado.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Monica Américo**

Dia 08 de Abril 2021

GÊNERO: feminino

ENTREVISTA REALIZADA NO DISTRITO DE MACOSSA

FUNÇÃO NA GUERRILHA: guerrilheiro

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a iniciar com a nossa entrevista. Peço a sua permissão para gravar e depois transcrever.*

Monica Américo: Está bem.

Taperero: *Mama, fala-nos um pouco como ingressou e com quantos anos.*

Monica Américo: Eu entrei na RENAMO em 1983, no distrito de Búzi. Fui raptada pelo grupo do Comandante Jimica e do Comandante Jerônimo, e fui treinada em Djambi. Nessa altura eu tinha 17 anos, não sei se são esses anos porque não estudei muito.

Taperero: *Por que não fugiu depois de saber que foi por obrigação?*

Monica Américo: O que me fez ficar aí é devido aos sofrimentos que passávamos na minha vida, porque viver estava muito difícil. Ninguém queria viver nas aldeias, para poder viajar era problema porque devia ter guia de marcha. Viver nas aldeias doía muito.

Taperero: *Na vossa base vinham muitos voluntários?*

Monica Américo: Muitos vinham voluntariamente, mas quando chegavam na base eram questionados o que vos motivou para vir se entregar.

Taperero: *O que faziam as mulheres militares?*

Monica Américo: Algumas cozinha e as outras iam nas operações mesmo.

Taperero: *Presenciou caso de estupro de uma mulher aí nas bases?*

Monica Américo: Nunca, há alguns que queriam tentar fazer e foram punidos para que não voltassem a repetir mais amanhã. Você sabe onde vive homem e mulher sempre a piscar de olhos. Mas deviam ser coisas por combinado e não agredir e nem estuprar.

Taperero: *Trabalhou em quantas bases?*

Monica Américo: Quando saí da base de Djambi, fui a Dombe, e depois em Catandica.

Taperero: *Foste treinada por brancos ou pretos?*

Monica Américo: Foi com pretos moçambicanos que falavam a mesma língua comigo.

Taperero: *Nas vossas bases chegavam brancos com muita frequência?*

Monica Américo: Não chegavam muito, só tínhamos soldados mulatos daqui de Moçambique mesmo, brancos não.

Taperero: *Vinham dar ordens?*

Monica Américo: Vinham e davam algumas opiniões sobre a operação.

Taperero: *Havia mudjibas mulheres nas vossas zonas?*

Monica Américo: Não tinha mudjibas mulheres.

Taperero: *Qual era a tarefa do mudjiba?*

Monica Américo: Os Mudjibas são os que traziam comida, informações para os militares. Eles andavam de casa em casa à procura de comida e também faziam o mesmo para mobilizar pessoas para carregar.

Sabe queria dizer que a vida naqueles anos estava muito difícil.

Mwaita basa.

Mbiya.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Maria João**

IDADE: 68 anos

Gênero: feminino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): Magomore

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: guerrilheiro

ENDEREÇO: Chibabava

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 08 de abril de 2021

LOCAL: Muxungue

DURAÇÃO: 25 minutos

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a iniciar com a nossa entrevista. Peço que nos permita gravar a entrevista e depois transcrever.*

Maria João: Obrigada, pode gravar. Queria perguntar se está no nosso partido ou estudante só?

Taperero: *Sou estudante, apenas. Gostaria de saber quando que entrou na guerrilha e como.*

Maria João: Entrei na Renamo em 1977, com 15 anos, na zona de Mangomere, Sofala.

Taperero: *De que forma aderiu ao movimento?*

Maria João: Fui raptada a sair da machamba. Cruzamos com eles, na altura eram chamados de sobrinhos. Esse apelido saiu porque quando chegava em casa de alguém diziam como está a saúde dos vovôs e vovós. Nos raptaram e nos levaram até a base de Matondo.

Taperero: *Os vossos instrutores eram brancos ou pretos?*

Maria João: Fui treinada pelos pretos moçambicanos.

Taperero: *André Matsangaissa vinha na vossa base?*

Maria João: Sim, vinha várias vezes.

Taperero: *Ele andava com quem?*

Maria João: Ele sempre andava com Afonso, filho de Mangunde. Era um grupo que vivia em Chibabava, nós vivíamos em Magomore, em frente de Búzi.

Taperero: *Quando foi raptada, o que a levou a não fugir?*

Maria João: Hi... (riso). Primeiro pensamos que se fugirmos havemos de ser encontrados de novo, eles queriam pessoal jovem como nós. Quando acabamos os treinos, fomos transferidos para Nhengeni. Quando lá chegamos, a primeira missão foi de ir carregar sal para as bases. Mas nós não chegamos até as salinas, chegamos lá e ficamos no bairro a vigiar se o inimigo estava vindo. Na verdade, eu não pensei em fugir porque havia pessoas que queriam nos servir de caril. Isso nos fez não pensar em voltar para casa.

Taperero: *Na vossa base, os alimentos saíam de onde?*

Maria João: Vinham com as pessoas que saíam para fazer pedido nas comunidades, daí trazia para a base. Quando acabar, fazíamos o mesmo.

Taperero: *Os mambos faziam o que para vocês?*

Maria João: Os mambos nos ajudavam na comida.

Taperero: *André Matsangaissa, quando ia nas vossas bases, chegava com brancos?*

Maria João: Na nossa base, chegava sozinho, mas ouvimos que chegavam em Muxungue. Na nossa, sempre vinha com Afonso, filho de Mangunde.

Taperero: *Na vossa zona, como seleccionavam os mudjibas?*

Maria João: Se chegássemos numa casa e os donos não fugissem, e vocês fizerem isso duas ou três vezes a ver mesmo comportamento, aí já dava para confiar o dono o filho daquela família, porque havia famílias que fugiam. Às vezes, chegava numa casa e eles nos davam farinha ou ajudavam a procurar farinha. Os mudjibas faziam uma viagem

daqui até a Beira para vir nos dar a comida. Quando chegavam perto das bases no controle, deixavam a comida e voltavam. Os mudjibas não eram permitidos entrar nas bases. Eu fui guerrilheira por nove anos e saí no ano em que atacamos a ponte do rio Púngué, que dá acesso à Beira, passei para vida civil. Nós concordávamos com o regresso das igrejas, mambos. O partido Frelimo não queria tudo isso.

Taperero: *O que é que fazia com isso?*

Maria João: Nós dizíamos a todos para andar com espírito, tudo o que queremos sairá perfeitamente. Não há pessoa que viva sem a proteção dos espíritos locais ou familiares. A nossa cultura era muito importante para nossa vida. Devíamos falar com os mais velhos para que nosso caminhar fosse iluminado e ter sucesso, ajoelhávamos e pedíamos aos nossos antepassados. A Frelimo não queria isso. Nós queríamos que tudo voltasse como estava antes com os nossos antepassados. Devido a essa nossa maneira, aí na zona nos davam instruções de como caminhar e atingir o alvo. Nós dizíamos que andar com ajuda de espírito tudo saía bem. Não existe pessoa que vive sem ajuda de espírito.

Taperero: *Invocar os espíritos vos ajudara muito?*

Maria João: Se vocês forem à missão sem pedir ajuda dos espíritos locais, quem iria vos ajudar em proteção... Os espíritos locais não vão vos ajudar na proteção caso não os invocar.

Taperero: *As DF também eram punidas em caso de indisciplinas?*

Maria João: Tínhamos mesmo direitos, basta fazer uma infração era punida sim, porque tinha lei nas bases. Se você está numa determinada zona e está numa batalha, não podia se relacionar com homem. Basta ter azar e ser visto era amarrado e chicoteado.

Taperero: *Gostaria de saber se lá havia estupro.*

Maria João: Se você fosse estuprada, devia queixar e estuprador recebia punição grave, chegava altura que até era morto. A única solução era fazer por combinado.

Taperero: *Havia jovens que vinham voluntariamente aí na sua base?*

João Maria: Muitas das vezes, o nosso processo de recrutamento em Mangomore – Búzi era feito por via rapto. Raptávamos os jovens e depois os submetíamos às

instruções militares, aquele que tinha ideia de fugir recebia represálias graves. Se você fugia e depois era localizado pelos nossos colegas, sofria muito.

Taparero: *Ficou quando dias para receber arma e confiança?*

Maria João: Era raptada e ficava seis meses, lá dentro era guarnecido para não fugir. Nós vivíamos a ser vigiados, a te estudar se não tens ideia de fugir, até você mudar de ideia. Para te testar, eles tiravam e mandavam-te buscar água no rio, basta voltar já era considerado como uma pessoa que já estava alinhada com a ideologia da RENAMO e já não podia fugir, passando alguns dias era entregue armas.

Taparero: *Havia muitos DF?*

Maria João: Tínhamos, mas a maioria fugia. Vivíamos em pequenos grupos que falavam a mesma língua, o português, sena era difícil de falar, então era necessário se organizar em grupo.

Taparero: *Imagine se depois de um ataque ficam sem estoque de comida, como se arranjavam?*

Maria João: Fazia uma semana inteira sem comer, às vezes chegávamos nas machambas de alguém, tirávamos feijão e cozinhar e comer-se xima. Os mambos mobilizavam sua população para não colocar pesticidas ou agrotóxicos nas suas machambas, para nós aproveitarmos também comer algo, porque há pessoas que até colocavam drogas tradicionais, para evitar ladrões. Quando chegávamos em algumas zonas, eles nos davam pilão e muito milho, pilávamos sozinhos, às vezes eles nos ajudavam. Muitas das vezes, o povo nos ajudava até a casa que chegávamos, enquanto já tinham pilado para nós. Em 1983, houve muita fome, e alguns militares morreram devido à fome e outros fugiram, eu sobrevivi por me alimentar com frutas silvestres.

Taparero: *Mãe, gostaria de acrescentar outras coisas mais?*

Maria João: Não, mas gostaria de lhe agradecer pela oportunidade.

Muito obrigado, mãe.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Evaristo Matande**

IDADE: 66 anos

GÊNERO: masculino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa):

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: Guerrilheiro

ENDEREÇO:

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 01 de maio de 2021

LOCAL: Mossurize

DURAÇÃO: 36 minutos

AUTOR DA ENTREVISTA: **Celestino Taperero Fernando**

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a começar com a nossa entrevista. Em primeiro lugar, gostaria de saber se nos autorizar a gravar.*

Evaristo Matande: Sim, pode gravar.

Taperero: *Gostaria de saber quando ingressou na Renamo e com quantos anos.*

Evaristo Matande: Eu entrei na Renamo voluntariamente, em 1977, quando chegaram em Mavita e iam para Mossurize. Nessa altura, tinha 19 anos.

Taperero: *O que te fez entrar na Renamo voluntariamente?*

Evaristo Matande: Espera contar-te: na minha casa tínhamos muitos bois e tínhamos nossa gura, quando a Frelimo chegou perdemos tudo pela cooperativa. E eu e as minhas irmãs fomos obrigados a ser responsáveis das cooperativas, mas não recebíamos nada.

A minha irmã depois foi evacuada para um lugar que nós não conhecíamos, porque foi acusada pelos grupos dinamizadores de ser prostituta. Ela não tinha 25 anos, aquilo nos criou tristeza e revolta no seio da família. Um dia o pai disse, vou me filiar aos bandidos para vingar a minha filha e os meus bois. Eu disse ao pai, você já cresceu vou eu pessoalmente. Eu pensei que já não temos bois, terra e minha irmã foi levada porque negou casar-se com um GD e mentiu que era prostituta, isso me encorajou a me juntar à RENAMO que nos escutávamos pela rádio Quizumba. Quando lá cheguei, rejeitaram-me porque o chefe Simbe disse que me conhecia e eu era espião da Frelimo porque era caixeiro da cooperativa. Voltei para casa, e depois de dois dias voltei mais uma vez, e encontrei o mano André. Ele disse você é filho do senhor X, sinto muito por perder vossos bois e sua irmã, mas ouvi com meus amigos que sua irmã ainda está em Gorongosa, ainda não foi a Niassa. Daí ele mesmo mano André me levou para Odzi, entramos da Vista Alegre, quando lá chegamos, fui submetido aos treinos pelo mano Afonso Dhlakama e Mano André, depois foi com os brancos para armas pesadas, seis meses voltei para Moçambique e fui raptar três filhos daquele GD, levei-os à base. Dois acabaram por ser nossos militares, o outro descobrimos que tinha asma, eu mesmo lhe devolvi. Num ataque eu comandeí, porque na altura nosso comandante estava no Zimbábue, foi recuperar todos os bois do meu pai e levamos para Chinhambudzi, perto da mãe do mano André porque lá ninguém chegava. Cinco dias depois, eu fui buscar meus pais para Chinhambudzi, e o fiz. Quando fui transferido para Amatongas, ouvi eu minha irmã estava em Dondo, isso foi nos finais de 1978. Eu pedi a Mano André me integrar ao grupo que ia abrir a base de Savani. Mano André disse vai com Afonso e Jimica, depois ele disse para os dois controlar esse miúdo, se não vão o matar pela Frelimo, ele está agir por vingança. Quando lá chegamos, peguei uma bazuca e meu amigo Chiri foi resgatar minha irmã, e conseguimos. Ficamos duas semanas e depois lhe enviamos para casa. Aí fiquei a lutar pela libertação de outros povos.

Taperero: *Achou que fazer vingança era a melhor opção?*

Evaristo Matande: Eu achei melhor assim, porque a própria Frelimo tinha arma, não tinha como eu recuperar riquezas do meus pais sem usar a arma. Meu pai sempre falava, a única coisa que podemos fazer é usar também a arma para recuperar as nossas coisas. Por eu ter feito aqui na região de Sembezia, Mupandeia, todos jovens se alinharam à RENAMO e recuperaram as suas terras, bois. Lembro-me do filho de Magaka, ele tinha

perdido quase sessenta bois, entrou na guerrilha e recuperou, daí dissemos vamos libertar Mvita e Chinhabuzi, para as pessoas viverem à vontade. O fizemos e libertamos.

Taparero: *Vocês lá tinham apoio de quem?*

Evaristo Matande: Nós tínhamos apoio primeiro da nossa família e depois daqueles que eram mambos e já não estavam a exercer as suas funções. As nossas famílias e os mambos nos davam alimentação e informação de que o inimigo viria para as antigas aldeias, e nos preparávamos para uma emboscada. Naquelas regiões, nunca passamos a fome porque tínhamos apoios de todos. Lembro-me quando Mano André tirou um dinheiro e deu aos mambos para invocar espíritos de chuva, porque a chuva tinha demorado cair. A população disse que quando sair a alimentação vocês terão muita comida, e isso aconteceu.

Taparero: *Conta-me um pouco, vocês sempre faziam rituais tradicionais para agradar os mambos, ou era para vocês mesmos?*

Evaristo Matande: Olha, aquilo faz parte da nossa cultura, estávamos a agradecer os nossos espíritos porque ninguém adorava espírito do outros. Por isso, eu nunca quis os secretários que vinham de outros países, como Nampula, Maputo, Gaza, Inhambane e Zambézia para governar-nos aqui. Pessoas que nem conhecem como os nossos espíritos funcionam. Eu não sabia falar bem português, apenas falava um pouco de inglês porque estudei no Zimbábue.

Taparero: *Achas que era necessário se vingar?*

Evaristo Matande: Sim, não tinha outra forma além de se vingar. Como meus amigos diziam, Mano André fez boa coisa ao criar a RENAMO. E nossos pais diziam que André tem juízo, por isso devemos nos ajudar entre nós para conseguirmos viver bem e livres das guias de marcha.

Taparero: *Você nunca sentiu que estava sendo usado pelos brancos?*

Evaristo Matande: Se estavam a nos usar, não sei, mas, na verdade, eu entrei pelos motivos que contei no início. Nunca ouvi Mano Matsangaissa a dizer que nós estamos sendo ajudados pelo Smith. Aqui não gostávamos de Smith, porque nos bombardeava muito, se eu soubesse isso não ia voluntariamente. Smith não era boa pessoa e ninguém gostava dele, porque queimou nossas machambas, devido aos Macomeredi (ZIPRA) que tinham sua base aí perto de Rambani. Eu não gosto do Smith.

Taperero: *Como não gosta de Smith se você estudou na terra dele?*

Evaristo Matande: Aí não era terra dele, meu avô era mambo de Tsetsera até Zimbábue, e fui estudar lá porque lá estudávamos shona, nossa língua. Aqui éramos batidos porque não falávamos português.

Taperero: *Quando morreu André Matsangaissa, não pensou em fugir?*

Evaristo Matande: Não, porque viram que a RENAMO era capaz de nos libertarmos a nossa terra.

Taperero: *Que terra que referes?*

Evaristo Matande: Aqui em Manica, eu sou de Manica, por que vou lutar pela terra que não conheço, os espíritos de lá. Os outros deviam lutar para suas terras, nós queríamos que Manica fosse livre das guias de marcha.

Taperero: *Já ouvi falar de Magalhães?*

Evaristo Matande: Sim.

Taperero: *Ele vos ajudou?*

Evaristo Matande: Não sei, talvez os chefes saibam, eu não sei. Eu o vi depois da guerra no Chimoio.

Taperero: *Lembra que havia duas populações em Manica?*

Evaristo Matande: Sim, havia. Aquela população que negou sair das aldeias e que vivia na cidade, a maioria era da Frelimo, a nossa era aquela que vivia conosco nas zonas libertadas e nos ajudava com alimentação.

Taperero: *Tens alguma coisa por acrescentar?*

Evaristo Matande: Só gostaria de dizer que estou feliz por conversar contigo, que se interessou nossa, e dizer que a RENAMO me ajudou recuperar a minha família e muito.

Mwaita basa.

Obrigado.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRSFICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTENOME: **Titosse, Muzandje**

IDADE: 67 anos

GÊNERO: **masculino**LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Mavonde**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO:

ENDEREÇO:

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 23 de maio de 2021

LOCAL: Chimoio

DURAÇÃO: 15 minutos

MATERIAL DE AUDIÇÃO:

AUTOR DA ENTREVISTA: Celestino Taperero Fernando

NUMERAÇÃO DO ARQUIVO

ACOMPANHA TRANSCRIÇÃO: (x) SIM () NÃO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a começar com a nossa entrevista. Em primeiro lugar gostaria de saber se nos autorizar a gravar.*

Titosse, Muzandje: *Sim, obrigado, sobrinho, pode gravar.*

Taperero: *Em primeiro gostaria de saber quando que ingressou na RENAMO. E tinha quantos anos?*

Titosse, Muzandje: *Eu entrei na guerrilha em 1981, naquele ano que foi queimada aldeias. Eu resolvi ir visitar a família, porque também lá tinha uma menina que eu queria. Quando cheguei lá, minha família disse-me que sua namorada estava aqui e foi*

para casa dela, então debes ir para lá para se avistarem. Eu disse ah... ok, eu queria voltar no mesmo dia, mas não cheguei de voltar. Fui ver a minha namorada fazer o almoço. Ao querer dormir, não foi possível porque a da RENAMO tinha ocupado toda aldeia.

Chegaram aí em casa e começaram a exigir que ouvimos que chegou um jovem que veio de Catandica. Eles pensavam que eu era makamus, militar da Frelimo, mas eu não era militar da Frelimo, eu era civil e tratorista.

Vieram 8 militares da RENAMO, porque pensavam que eu era makamus. Cercaram toda casa e bateram à porta enquanto eu estava sem roupa, porque já estava querendo dormir. Saí só com uma camisola para conversar com eles, perguntaram-me se eu era militar, eu disse não, e daí disseram então arruma e vamos. Eu disse como irei convosco para visitar minha namorada? Eles nos disseram que também deixamos nossas mulheres lá em casa. Hoje vamos juntos, eu disse ok. Pelo caminho, capturam outro e muitos deles eu os conhecia.

O comandante que me capturou foi Mabungu. Chegamos lá e não ficamos muito tempo, porque no caminho dia seguinte começamos a fazer treino no mês de junho. Corremos, corremos, corremos, até terminarmos. Depois daí foi entregue na base maior, que é a base da Gorongosa. Eu trabalhei desde 1981, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, até 89, 90, 91, até 2003, é que sai de ser militar em 2004, participei na eleição, é aí onde assisti os roubos de eleições. Quando chegava às 17 horas, a Frelimo fugia com os votos e ia queimar com fogo. Eu vi pelos meus olhos, na Zambézia levavam e iam se deitar na água.

Taparero: *Quando foi raptado, o que te motivou a não fugir?*

Titosse, Muzandje: Já não sei, já não sei mesmo, mas sei que gostei por até agora. Sou delegado do bairro de Trangapasso, aqui no Chimoio, e já sofria muitas ameaça de morte, o meu primeiro delegado foi morto.

Taparero: *Quando entrou, tinha quantos anos de idade?*

Titosse, Muzandje: Eu tenho 65 anos e já não lembro bem quantos anos tinha, está me ver assim, cresci mesmo, já sou pessoa... (riso), eu entrei já crescido na guerrilha.

Taparero: *Pai, sabe o que eu quero que me informe?*

Titosse, Muzandje: Sim, fala.

Taperero: *Queria saber, quando foi raptado, que te fez para você não fugir?*

Titosse, Muzandje: Era difícil, porque o que eu estava vendo aí nas aldeias, mesmo querendo sair para suas machambas distantes, era pedir guia de marcha. E toda gente devia cumprir, porque se você saísse e fosse encontrado, era batido e punido. Só para ir a machamba era necessário guia de marcha, se você fosse encontrado sem guia de marcha e resistisse, em alguns casos eras morto. As pessoas cumpriam devido ao medo. Outra coisa era machamba do povo. Devíamos trabalhar em cooperativa nas machambas do povo, o milho que sai naquelas machambas ninguém sabia onde era destinado, a população sofria a fome mesmo sabendo que tinha produção na machamba do povo. Eles levavam o milho e iam vender o dinheiro, eu vi que isso era muito difícil, então não vou sair. Levavam mulher de dono para ser DF ou milícias. E, na verdade, eu vejo que diminuímos muita coisa. Agora as coisas estão querendo acontecer de novo, porque estão me proibindo de içar a bandeira da RENAMO. Às vezes, pensamos que estão fazendo isso porque já não temos armas. Por isso, é isso que tinha para te contar meu sobrinho.

Mwaita basa.

Obrigado.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS**FICHA TÉCNICA**

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTENOME: **Filipe Samuel**

IDADE: 66 anos

Gênero: Feminino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa):

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **Mudjiba**

ENDEREÇO: Manica

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 28 de abril de 2021

LOCAL: Manica

DURAÇÃO: 15 minutos

MATERIAL DE AUDIÇÃO:

ENTREVISTA DEPOSITADA NO ARQUIVO EM

A ENTREVISTA ESTÁ DEPOSITADA: (x) POR INTEIRO () EM PARTE

AUTOR DA ENTREVISTA: Celestino Taperero Fernando

ACOMPANHA TRANSCRIÇÃO: (x) SIM () NÃO

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: *Já estamos a começar com a nossa entrevista. Em primeiro lugar, gostaria de saber se nos autorizar a gravar.*

Filipe Samuel: Sim, obrigado, sobrinho, pode gravar.

Taperero: *Primeiro, gostaria de saber quando ingressou na Renamo e quantos anos tinhas.*

Filipe Samuel: Bom dia. Eu não foi militar, apenas era informante, fui indicado porque eu tinha simpatizado com eles como jovem. Por isso, antes mesmo de ser indicado como mudjiba, eu já fazia atividade de mobilizar nossos irmãos, avós, mães e pais para ajudar aos nossos outros irmãos que estavam lutar para na nossa liberdade. Eu entrei como mudjiba, em 1980, no mês de setembro. Na altura, eu tinha quase 19 anos de idade.

Um dia, os militares da RENAMO chegaram à minha casa e perguntaram por que não fugiu? Eu respondi que ouvi que vocês não matam as pessoas que não vos provocaram, eu tenho ouvido os vossos objetivos, vocês estão no mato para lutar pela nossa liberdade e democracia.

De verdade, nas aldeias a vida estava difícil, os grupos dinamizadores queixavam todo muito ao partido, e a pessoa vivia com medo de tudo. Eu já fui preso três vezes porque disseram-me que neguei ir à machamba, outra vez disseram que eu tinha muita riqueza escondida no mato, tenho muito dinheiro que enterrei na terra, no pote. E a última vez disseram que eu andava com mulher do secretário, todas essas coisas nenhuma delas eu fiz. Isso me doeu bastante, porque essas denúncias todas fizeram-me perder minhas cabras, galinha e seis bois que eu tinha, que comprei pelo meu suor, e tudo foi convertido à cooperativa. Isso me deu muita raiva e me fez com que ajudasse a RENAMO, para ver se isso ia acabar ou não, porque não podia viver daquela maneira.

Taparero: *Por que não fugiu quando eles chegaram na sua casa?*

Filipe Samuel: Eu não achei motivo para fugir porque eu gostava dos seus objetivos e também queria ser militar, mas eles disseram-me.

Taparero: *Vocês tinham contato com Dhlakama?*

Filipe Samuel: Não, apenas conversávamos com os comandantes das bases.

Taparero: *Que método usavam para recrutar os jovens?*

Filipe Samuel: Quero te dizer que naquela época muitos jovens não queriam viver nas aldeias, e outros tinham perdido os seus bens materiais e culturais, isso nos facilitou muito. Eu ia ao encontro dos jovens e começava a lhes informar sobre os objetivos da RENAMO, e eu falava para eles que, se a RENAMO ganhar, vamos ter democracia. Vamos recuperar os bois e outras coisas que perdemos pela cooperativa. Os jovens

ficaram felizes e vieram à massa para engrossar a guerrilha. E nós, como mudjibas, deixávamos claro que lá não tem salário, apenas vamos lutar pelo nosso futuro. Mesmo aqueles que nós recrutamos à força também acabavam por ficar, porque nós éramos claros nas nossas políticas e também muitos já estavam cansados daquilo que eles estavam vivendo nas aldeias, e a pobreza estava aumentando cada vez mais.

Taparero: *Vocês colaboraram com os mambos?*

Filipe Samuel: Sim, eles eram os nossos conselheiros, são eles que iam falar com os curandeiros para nos ajudar a andarmos, para não ser descoberto com inimigos. Os curandeiros ajudavam muito, quer para nós como para os guerrilheiros, para se defender de inimigos.

Taparero: *Participavam em reunião?*

Filipe Samuel: Gostaria de dizer que nós, os mudjibas, não tínhamos muita informação da guerrilha, mesmo das bases, porque não participávamos nas reuniões. Por isso, o que falei anteriormente é aquilo que nós fazíamos e se limitava a isso só.

Taparero: *Tens alguma coisa a acrescentar?*

Filipe Samuel: Não, só quero agradecer pela oportunidade.

Obrigado.

Mwaita basa.

ANEXO B**Transcrição das entrevistas em língua local**

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: **Celestino Taperero Fernando**

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **João Machava**

IDADE: 66 anos

GÊNERO: **Masculino**

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Mossurize**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **Doméstica**

ENDEREÇO: Mossurize

DATA DA ENTREVISTA: 31 de março, realizada em Mossurize

João Machava, função intérprete e datilografo do líder da RENAMO Dhlakama

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Takutanga ne entrevista yedu chekutanga ndaida kuti mutende kugravar entrevista yedu,

João Machava: honde gravari, tatenda.

Taperero: Chekutaga, ndoda kuzia kuti makapindarini ma Renamo, manga munemakore mangani pamakapinda?

João Machava: Eh, inini ndakapinda mwa Renamo muna 1979, gore iroro ndanga ndino 24 makore, ikozvino ndino 44 ndiri ma Renamo, ekubarua ndina 66. Ndakapinda Ma Renamo ino makore mair yarurwa. Yakururwa numa 1977, tinoti muma pedzesero a 1976 manji yakarurwa muna 77, é ndakapindira panozi pa Dakata ku musorrize, ndai senza ipapo.

Nhorondo ya Renamo yakati remebai, zvekuti Renamo zveyaka rurwa, vazinji, chikurukuro havana kuva ne gonda, rekuti presidente Andre Matande Matsangaissa, vanga vakakodzera kuti a advise Frelimo.

Nditangue matangire azvo zvakatanga so, presidente Andre Matande Matsangaisse, vanga uno humambo e engenharia we mashodja e frelimo mu cidade ye Beira, saka muziwa kuti muna 75 kuakatanga ku isua zvimwe zvekuti kana mashodja chaiwo waka susumwa. Kuakubatusa, wakadzi ne warume waionekua echifamba muma Rod, vaisungua zvichizui murikuita chihure, zvaibvudzua kuti mukadzi wako kana kuti murume wako here. Ukati kuete tato sangana murod tiri kuenda mumwe chete, zvinozvi nada mangamurikuenda koita chihure, Osungua, saka kuaka sungua wakadzi wakavanda nema sodja, waienda kumusica, wasia wana kumusha, waiti ndiri kumboenda ko tenga tenga zviro zvango. Saka ipapo paka buda bomgoso nema sodja.

Masodja wakatora wana wacheche akaenda ko sia ku partido neku tsutsumua, kupartido frelimo kosia nekutsutsumua. Wakaenda kosia wana ipapo zvakaita kuti, hurumende izvivarei, yakazvozvivara kuti zvisaitikezve. Kutsutsumua uku kuanga kuaita mukati mesma sodja eifamba echi ridzira fhuti mudenga. Muna dezembro 1975, musi wa 5 na 6. Wakuro wekumaputo waka tsandzira kuita golpe do estado.

Wajingi vuaka singua, vakaenda kuchitsua inozi chifina, mukanga muri kumaputo monoringir ku ndi rekucosta do sol. Presidente Dhlakama sa comandante vanga mu Beira, mu Sofala, wakadindzua kuti vaite curso kuti abatsire kutorera fhuti vanhu iwowo. Asi azvisi kumirira ipapo vazinji masodja wakaenda kuzuona kuti chinagwa cha frelimo mu Moçambique changa chissi che izvozvo, changa chiri cheundza democracia mucati menyika, kuaida Cuizua mavoto, Kutsanangura, ma presindete, kutsanagura ma deputado, kutsanagura ma governador. Pakazoenda ko munozvizia, inozvui sise kare yaizi SNASP, yanga yakaparadzirwa mumabasa ese. Yai ongorora kuti chiny chirikuitika, sekuti Andre vakafunda ku zimbabwe ku Rodésia chiputuquese, vanga asikaturi zvakanaka, chawakafunda inglish. Vanga vakafunda inglês.

Eh... vakatanga kumuterera sekuti munhu vaizia, kuese kaui svika Makomerede, Ndiwe vaigadzira makembe, dzvimbo, mapombi, bvura zweise ndiwewa vaisa. Saka vakazobva ku Beira wo uyia mupinahanga, vakatora wanhu two, hasi azvisi kuita, vakazodzokera, manji pakuzodzokerapa asvika pa Inchope vanga wakutererua. Ndipo paka sungua, o pomerua mhosva wekutiza, vaido kutiza kuenda ku Rodesia, asicho chinangua charicho. Vakatorua kuakuisua kusakudzi, kuno djimbo imwe yakagadzirua, ya isua anhu, no distrito ye Gorongosa quase kuruzi wapungue, wakanga wakawanda vazinji vaibva maputo ana Salimo Mahumend, muimbi uya. Paneuwe mukuro vaizi Cadeiada, José Cadeiada wakanga.

Saka izvo vari mu Beira vanga wchizuanana na presidente Dhlakama, presidente dhlakama akasoishua muger, 5 days arimuger, ozobudhisua, hapana chaizia zve kutiza ka Andre ogara, wakazote dezembro 1975 ndipo pawakozotiza, iwe andre kuanda ku rodesia, pakasvika ku rodesia wakati ndiri kuda futi. Wanga va musodja, vakapinda 1972 ma Frelimo. Pakazoenda ku Zimbabwe ku Rodesia, hasi arungu azi kugonda kuti chua chua, ungaite Munhu irikuda kuruisana na Frelimo here kanakuti vatumwa, vakamuisa mugere, vakagara kuemazwa mangana echi ongororua, chinyi changa hambira kuno. Wakazozvi muse wa 1 janeiro, oti toda kumbomuedza kuti zve chua chua here. Uite chinhu chenepangidza kunti ono kuanisa kuita hondo.

Waka pinda um mozambique, aka pindzua ne anhu, machodja mair, hakapinda mozambique, osvikira manica, akasvika akaenda ko wuandira motocar, vanoza kumanica, pagomo pamateni, ipopo vakafura simbi ye fone ika guka wanga itolipo yakazobvisua izvozvi, hafu yacho yanga iripo. Pakaita izvo wakabva adzoka ku Rodesia zvikandzi ndadzoka.

Warungo wakati unobasa uyu, ndipo pakazo puwa fhuti kuti adzokere pa kati ini dirikuda kosunungura wanhu, vasingua wandanga diri nawo, hopuwua fhute AK47 ne pistola. Kakubva a enda muna maio, osvika otoridza, eiti, liberdade, rusununguko rauya, kuakutora azinji ese aiwe pakembi kuakupisa dzimba dzese kuma 23 horas dzeusiku kuakutora wanhu ose kuti aende nawo kowatrona ku ridesia asi mundzira vakatiza wakawanda akazvosvika nemachoma. Muna junho, presidente dhlakama wakatizao, Gore ripi já?

Gore ra 1977, junho de 1977, junho wanhu wanga achikutrenua, ndipo pawakazotizao, presidente Dhlakama wakatora, ne uwe muchoda waizui Alexandre Vidal ne uwe waizui Gabo Gabo, ‘weku Machanga, kuakubva aendeyo. Wakasvika obva waisuo mudjeri. Echisvika wakati ndiri Comande dabva mozambique, we um província, superintendência unona gezvezvombo uniforme, zvombo zvese zvainda ku Zanu PF, kubva wabathua oisua mudjer, kuapera chingua wari mugeri imo kuakudaidza André, ngekuti wakataura kuti ndino terá chamwari yangu Andre, urikuno, akutofunga kuti zvimwe watumua kuti waende kusangana na André. Hazenda kotura nekuti magavuna mazinji aitia frelimo, frelimo wanga tembua ne Russia, russia yatiau manig,

Zvadarro wakazogara mujeri ria, yazvo svika ngua wekudainza André, André ouiya, pawakanvura door, kuakutomikirana kwakubatana. Epa ndiwe, ndiwe... warungo obva

ati anoziana aiya, oto trena ose, ototanga kuenda kuma operetion, koteita hondo, eh... pakazonti eh... gore iri rakazopera 1977, 1978, 1979. Hogara pasi aka ahh,... kuita hondo techibvira tiri um rodeseia kunonetsa, katibve taenda ko gara mukatimo

Saka gurupo rekutanga kugara mozambique rakatorua ndi Andre. Wakatanga ku isa base ku Gorongosa musu wa 21 agosto de 1979, kuno wnga warikunda echidzoka, akati que itewo mabasi anobva agara muno tisa dzoka futi m zimbabwe. Nguwa iyo zimbabwe yai bunda kuita independência yaiyo, akati ngatiende ko gara mozambique, feste kemberi mabese kemberi mairi kusussudenga, rimwe ka mussurize ku Sitatanga, gomoria, panegomo rakareba kubva rusite kuanda kua mudza, kuakuita beze ikoko bese rikatanga kunda pachiwanga, depois rozochidjua kakwenda mugomo muna 1979.

Eh pakaizua, zvakasua, nguava yakasvika kumusorize wasati wagara, ndipo pakarongua kupisa dzimba dze wanhu, nge Frelimo, nge yaiya, we mardeia comunal nekuti povo yairamba. Até panga pane uwe gavuna wainga mu distrito ye Mussurize yakangue waita acidente, kuanga kwei pisua nguwa yese ndi Smith, ndiwo mazua uay pinda mapoder kuzimbabwe.

Nguwa iyo ndanga ndir mu secretario we bvimbo uru manig, saka ndini ndai achira paumba pango ndechiwaperekedza pamakembe, Smthi wai bomba nzvimbo dakawanda, akaparadza zvakanda pedupo masodja acho akapinda akagura ma rode acho esse. Nguwa weneyo ndanga diri secretário wepa localidade, dozochindja kuita do posto administrativo, ndoita memba we assuntos sociais, ndanga diri chefe we assuntos sociais e cultura, ndozochindjua ndeida ko chanda mu office, assuntos culturais, pha posto administrativo yepa Dakata, ndiri operador de rádio. Ndakashanda se makore 1977, 1978, 1979 ndiyo yandakazopinda um Renamo.

Taperero: *Chinyi chakamuitisa kuti mupinde ma Renamo?*

João Machava: Ya... he... magariro anga asiana nekuti pandangari apha ndai tumua koite basa makombureni e wanhu anga akakondza,, airuadza, nguekuiti, dzvimbo iyo kuai Phuiya howe, howe ndemumadamu dzia, fronteira yese, boda, ranga rakachengetua ne Masodja saka zvaizi waienda ko kumbira muriwo,, kwanga kusina chikafu waito piwa ne anhu, se machodza se guerrilha, tanga ta independência, waindosvika wasina madeti, waikubira wakawanda, waikumbira Mbudzi huku, masodja a frelimo. Ndiwo wanga wechichenta maboda.

Saka sakazodarika kubva ikoko zvoenda kuwakadzi, otera wana wevanhu, wakadzi wevanhu. Bodar ravarua, saka paraka nvarua wanga wakuti , musikana wafhimba akumuwona kumasaide otouraiya. Saka zvaka tsutsumisa wanhu , saka pawakazouia kuti wanhu wekuno arrikuramba kuenda kumardeia comunal, zvikaziu zvino dikuana kuti muende ko gara kumardeida makaugana asi nguwa ino yakaoma ne hondo ya smith, tinga saia huku dzedu dzega here... wakabvudzua, kuit huku 10 kana kuti 20 todzisungira phawe, todzirowa kamue nemuti, dzinofa ngana wanhu akati ei ndzinofa dzakawanda.

Tikatora huko 50 todzi sudzura dzofamba dzakabararira torua kamwe tinouraya ngani, anhu akati ne kana imwe amuiurai bha. Iwe ne iwe inotiza matiziro aiyo. Saka machida kuenda kumardeia ziai zvendataura.

Masodja ne mamilicia, wakaenda kopisa dzimba dzewanhu kuti waende kogara mu maldeia. Ya wakatanga mu localidade inozi Makubvu, musi wa 11 outubro 1979 waka pisa 200 dze imba, wainonoka kubvisa zviro zvaito pisua nezvirozvo. Izvozvov zvakaruadza maning. Zvaka ruadza vanhu, wakazua kuti Renamo iri phaduzi apa waka mhanya enda kodainza Renamo, Renamo yozvoatchaka ochayana nawo otiza. Wakati tazia kuanoida katiatere, ototorua neanhu aiya, newanhu aiya a Renamo kuaku perekuedza ndiwo até ku posto Dakata, otosvika apo ne usiko, wotofora, akazonte muma 4 ho, ahh.. dzatanga fhuti, masodja majinji anga a enda ikoko, kopisa dzimba dzia, saka waka ruisua ne e Renamo wamwe hazi kuzodzoka, wakazotiza kuenda ku distrito. Wakozosvika paiya panga pasisina masodja, panga pane mamiricia.

Wakapinda wakatora zvombo zvakawanda, panga pane gomba tingati, dandru, ranga rangarakazara kuti woo... ne fhuti dzaiwenda kuzimbabwe, naine metralhadora, Ak47, pistola, zvese zvanga zvakadzara, wakathuara zvese. Kakutumira ne anhu, ndiko katanga tiri, ndotona wanhu wandaizia, comadante distrital wanga wechitungamirirawo, wanga wari começario we mamilicia, Ndiwe waitugamiri ipapo ndikati ehhh... ndipo pamuri kani, iwe akati ndinoazia aiya akati ngatiende kosunungura yika i, nyika wachata kugara katisunuguere nyika, iso totopinda

Taperero: *Hapana vakamumanikidza kuti mupinde?*

João Machava: Ah! Ah! Ah! Hapana ndotona kuti matonguerue arikuzua aiya hana kunaka ne, maimire e zviro hazikuna bha. Tanidini kuti hondo wekuzimbabwe ipere kuti tizoenda kumardeia, maboma a smith, isu hatina zvombo zvekuisa ndege. Saka

ndakapinda mu Renamo ndoenda co trenua, nekuit ini ndanga ndane katreni ndanga ndozia kuimanipular, ndoto gara ndir musodja, ndakagara mainig ku sitonga, musu wa 5 feveireiro 1980, ndipo pandakatanga kuhona presidente Dhlakama, vakatisvikira pa base pedu echibva ne kubvimbo inozui makoka, sussudenga. Wasikua nemasika akati ndoda kutaura nemasodja ise munozia kuti mu Renamo manga mune masodja e rudzi rese, Macua, machangana.

Tapirero: *Mu manica muno here?*

João Machava: Ya, wanga ari muno, wamwe vaitorerua, mumabase, wamwe vaibatua mumakambani, wanhu vaitaura mutauro dzakasiana sina, Dhlakama waitura nechiputukesi, ndakatorua ko ita interprete, ndika interpretar, ndanga ndano 24 macore, kuzopedza ndoita secretario, ndikati ndino zia basa re datilografia, akati hambai wo gara mo office mango chitora michine uyu chito chandisa. Akati mu interprete tanga tir a tatu, paine um interprete we inglese, chefe ini danga ndiri e Shona, totó chanda takadaro. Ya todo chanda takadaro, presidente Dhlakama ndinovazia wakati fundisa zvakawanda. Presidente Dhlakama, pakachaika André Matade Matsangaissa, musu wa 17 outubro, ndanga 3 days ndiri ma Renamo.

Tapirero: *Makaonana não here?*

João Machava: Há... kuete, ndakatanga kuzua, pakabuda bongozozo huru, muno zia panofa mucharuka mukuro, wamwe yakatiza, vanhu vanga vasina gonda kuti presedenti Renamo wachatora Renamo kuti vaise pamusoro. Wakatanga kutiza vanhu, iso tange ta kukontrola comanda awe vanga oda kutiza, kuteira vamwe vaitotiza. Presidente Dhlakama waka comuniketa vanhu ose kuti kuchema kuatirikuita, tinoda kuti he hondo paberi kuti tizue simba iye mudzimu yake inotipao simba. Wakasendza, ndiwo vakatanga kubuda kundze kuenyika, kupanguidza Renamo kudze kuenyika, wakaenda ku EUA mahabire acho wainetsa waifamba kupchaka uchamwari kuti wagadzir kuti ruendo uite., nuna outubro 1980 wakaita ruendo uru reakaita, hasi ruendo iri rakabatsira zvikuro, Renamo. Iso taizui bando armando hapana zvatinozia, vanhu vachandira imperialismo internacional, warikuchandira, ma américa, maputukese ma inglês. Hasi pawakabuda vakaenda ko taura zvakawanda, zvese zvaifanirua kuti governo ite, wakatuara ngezve, campos de produção, execução sumaria nhanga dzese ndzanga dzakavarua, kuanga kusionirwa wanotoga wano roía, então zvese izvi zvakaenda kotaura, pawekataura ku europa pa Nyika 5 dzevakafamba

Taperero: Muno konisa kudzitaura here Nyikadzo?

João Machava: Eh... tingati Suíça, Portugal, Alemanha, Inglaterra, wakatanga ku tarisa kuti zvari kutaura zvirikuitika kana kuti kuete... nekuti iwewe vaitaura chinhu panozoda vanhu mboo varikundze, wakazotuma ma jornalista e radio. Europa yakati toda kohona ma campo e reeducação iri Moçambique, sekuti wanga echiuya ne União europeia zvakaoneka kuti zvirambiwe wakaenda ko zviona kundi wainyora kuti ma campo de reeducação hasi kusiana ne ma campo e Sibéria akaizua ne nazi, partido ya Hitler. Vanhu vairowa pasina tariro munhu warowa unoge wati unofana kuti ureger nezvipi zatcho zvano fana kuti aaregere... kuregera kupona... então zvirowo zvanga, ndipo pakazovundzua governo ye Moçambique kuti hatichadi kuzizua futi, ndipo padzakazi campo de reduação dzapera, kuanga kuno mutelela, birbiza, Unango, um Nissa kuanga kune 3 Cabo delegado 2 pa mutelela ndipo pakatorerua Urias simango nemukadzi wake, Guenjere, Lazaro Kavandame nevemwe vacho wakaenda kohurawa

Taperero: Kupinda kuamakaita ma Renamo hamusi kupinda nezvaibuiva kuti, Renamo wakagadzirua ne rodesia haisi kugadzirua ne vanhu we Moçambique?

João Machava: Ndipo pandirikutaura kuti pandakapinda marenamo ndakaenda ko ona vanhu ose wandinozia ne zvakataura ndakazizua kuti zvino shua nekuti Moçambique mangamusina ruyararo. Ndomutaurirazve chimwe, paka pinda Renamo, iyo ruisa pa dakata, iyo ruisa masodja aipisa imba pakauya 2000 vanhu wakauya ku Renamo varume haraua ne vakadzi, echiti toda kurwa nasi Frelimo ipere, ngenyaia dzi imba dzakapiswa izozui azviti kuti mose mupinde musodza, tino pindza muchisodja vanhu vane makore ekubata fhuti, imwimwi endai kanyi morima kuti muzotipai chikafu , wakadzi wese warikuda kuti wapinde um Renamo. Saka zvimbo i yakaita liberti zona nechiguva chichoma choma, paguva yai pinda masodja muvhimbo vaia kobuya kuti masodja apinda waripakati, kubvundza masodja we Renamo, masodja a Renamo onda ko waruisa, vamwe vaitiza, echienda musango vanhu 2 dia asikari, asikazi kuti ndavha ngekupi. Vaite akasvika, pamucha pe munhu onti baba mandifananidza here ndiri muaodja, uri musodja! Tabva iko andichazia kuti wamwe varikupi... ah! Garapo tikubikire sadza. Oto bika sadza oruaia huku otobviundzana kuti ahe! Vaguma pano apa,, otopaswa kicafu uyu vakaimira ne Bvura yekumua. Ototanga kutoria unogura musua miri wechitato mbama. Wakuto rowa, oto batirua pfuti yokanda. So povo zwayanga isikadi nezvekuona musodja uya apiwa pfuti ndi Renamo. Ahhhh! Zvisainaka, vaida kuti wape Renamo. Renamo yotora pfuti yourai musodja uiya. Hino Renamo

yanga isikaite izvona, yai babatidza kuti vatenda. Nekuti zvombo zvaisandisa, Renamo zvombo zva Frelimo. Mabazuka, metralhadora ma Ak, ma MG, zvava zva frelimo zveaisia mu hondo. Nekuti wamwe waitiza nekuchapetuka mukembi. Renamo yanga iri vanhu we Moçambique wairura chevaizia ne povo wese yaizia kuti utongue watinao, hausiuwo vakasina nedzimwe Nyika, taizua kuti iyo kuneizua mavote kuno hakuisi, taizua kuiti iyo kuno democracia kuno hakuna democracia, saka kusununguka kuacho kuri papi. Koizua munda yepovo kumanikidziua, koizua munda we povo munhu une mari iyake kuakiti enda wepangana ne vamwe kuti ite cooperativa. Ndoenda kopangana, mare ina inini Moçambique yaka guma nguwa ye kutu zvese zvanga zvonetsa, ne changu, ne mapatata vanga wonetsa. Vakadzi vakasvika ngua vatangira matamankos machinelo e pinheiro, mapuranga, zakaitika mu Moçambique muno. Inini ndakabvisa curso pa fepom primeiro curso, era curso de formação de quadro do estado. Então ndipo pandabvisira curso muna 1978, ndakaita 6 meses ndechibvisa curso. Ndakachanda ndikaita chefe we departamento ye efetivo wema sodja a Renamo, ndozoita chefe ye educao desde estrada nacional número 6 até rio save. Ndini ndaitonga zvikora zvese.

Taperero: *Mataura zviro zvanda farira, Renamo yangane escolas?*

João Machava: E yangane escola, mese meyai wina yaise escola, iyai bvundza povo ndiane maticher aifundisa muno então otorua maticha aiya otaurirua kuti continuar henhu ne basa renhu.

Taperero: *Aitambira here?*

João Machava: Angaasikatambir

Taperero: *Pano zvaibuiwa ngenyaia ye recrutamento, chizungo chinozi rapto?*

João Machava: Eh! Marecrutamento, ate kazinji kacho vanhu vaitozi wakuana, nga miri kukazodivazve vanhu ndizomubvunda, ngekuti recrutamento iyaitua de acordo ne zvombo zvamanga murinazvo

Taperero: Vanhu vaizua sei, aienda ega ou aitua zvekubatua?

João Machava: Vazinji vaiuya ega, akatona masadja kana mudjaha chaiwo, akaona machodja zvanga echita ku hondo o uya vakatuara zviro, pfuti eto uya kubatsira, kutara oto bvundza kuti tino pinda sei. Nekuti vanhu vaifunga kuti Renamo ine masaramuso. Nekuti zveshua pane musi *vataiti tasvika paumba tisika oneki kuti tabva nekupi*. Asi yanga treino,

Taperero: Dzanga dzisiri mbanda bha?

João Machava: Yanga treino, taisvika pamba tisika oneki kuti vanhu vabva nepi. Maka gara pasi kudai, vanhu vaibuya, tino mhanya, motarisa kudai takawanda izvo zvai samisa vanhu vakawanda, Renamo yanga iri truening,

Taperero: Waimutrenarisi wazungu ou vanhu watema?

João Machava: Wanga vari watema, vakatrenua ndi presidente Dhlakama, nekuti panguwa yewaka trenua vanhu 20 kuchiri ku rodesia. Nekuti Renamo wakarurua beira. Kuaka trunua riwe grupo rema instrutor, ku rodesia mas warimusangano,vati akabva kunoku kuenda ikoko vaenda ku trning echienda ko trenua, hasi paga pane amwe arungu, waibatsira ngua yekururua npayakazvosvika muno yanhu watema. Kuzote muna 1984 *zvikasi ngaizve acordo we Nkomati ia presidente Dhlakama wakatrura ega kaindi mbiri de masodja, guerrilha ne força especiais sem convencionais.*

Taperero: Dzaizi mazita acho?

João Machava: São força semi convencionais, masodaja truene weku atacar nekugar. ekuruisa ne kugara ipapo, diwo vaizia kushandisa matenki ma blindado zvese vanga wechizia. Yekuntaga muna 1984 y namina, yakatakua neku ocupar, matenke ese anga aripo kuawaparadza ese, kosouiya chitima changa chakazara, nezvombo zvaida kuenda marumeu Caia Inhaminga, mutarara, chemba, heeee. neTambara. Takati taguma kunozu kunyamatope, kuakaparadzua nemachodja a renmo, kacuta, até zvombo zvese, to dainza povo kuti wo tuare mupunga, panga pane zviro zvakawanda. So zvataida iso taida zvombo basi, mupunga waituarua ne vanhu chete, mukaka, panga pane mercadoria

Taperero: *Rodesia yakamubatsira até rini?*

João Machava: Yaka batsira kubva muna 1977 até 1979.

Taperero: *Ndiyo yaipa zvombo?*

João Machava: Ya mas kuanga nyika dzimwe dzaibatsira

Taperero: Muma bhuku nema jornal átino erenga kuaizi mumabase kuaga kuno política ye fuzilamento, zvaifamba sei?

João Machava: Kuanga kusina izvozvo, Renamo yanga yakasiana ne UNITA, yanga yakasina kurekure ne UNITA, UNITA ranga rir bato rakakura maning, hasi isso tanga

tisina rubatsiro ku amérika yanga iri apoio moral não apoio material. Muitos países davam apoio moral porque tinha relações com a Frelimo, nekuti, ma embaixador ye Moçambique, panga pasina dependência, izvo zvakatsira maning pakutonga pha presidente Dhlakama, vaizia kureguerera, kunyangwe kaka tadza sei. Kana waita chiro chakaipa sei vaizia kureguerera.

Tapirero: Renamo wakatanga rini kuita política?

João Machava: Yakatanga muna... toti yakatanga kare, muna 1980 ndiyo kayakatanga, kugadzira aizui ma comissário político, ma comissário político takazoa tumira kuti haende, ma província ese, manga muno Renamo 1981. Ma comissário político vanga vanobasa rekuchanda nemashodja ne kushanda ne vanhu, kuti vazie kuti ngezvipi zvino rura Renamo. Renamo inooneka munyika muno, saka yai paridza política yayiyo, vanhu wese vaibatsira Renamo nekuzia zinangwa zvarenamo. Ma comissário político akaite basa guro maning, ndipo pamunona kuti paiyakazi hondo ngaipere yotonyarara kuti zi. Hapana umwe vakazoridza pfuti futi, ma comissário político wanga weisendza, nekuti vaizisa kuti iwewe musodja nhasi urikuruisa hasi manguana ichaenda kumba. Ichaenda ko desmobilizar, oenda kumba kuaque, ogara nemhuri yako. Hasi chauri kusandira pano kuti te pedze ne utongo wechi udidi uyu. Utonge we marxismo leninista hausi kunaka mukati menyika, uno paradza upfumi, ma eleições municipais taiatura nguva ioyo, kuvota magovernador. Vanhu ne wana wapangane nemadzibaba wawo, política ya Renamo yanga iri yekuti kada munhu nga tsare ega zvanoda.

Tapirero: *Pano azungu aisvika echipa orden ou mutemo?*

João Machava: Mutemo akuna murungo vaipa mutemo, so kune ma equipa aiuya, ma equipe ema jornalista, waiya, aticheti analiso pano iuwe um *Germanico waizi Hoffman zakazoenda neni KUMACOSA*, wasvika akati presidente Dhlakama ndazua kuti munoruisa neko ocupar mbvimbo, andina gonda nazvo nekuti inini handisati ndazviona, nekuti andisati ndazviona, ndiri kuda kuti ndizvione. Presidente dlakama akati azvinesi, hambai pamacosa ona akomana hangu zvaneita, kuakuenda naie pakamusu, pakaisua onde isikaita, taka pise makembe ipopo pakasara masodja 65 a frelimo,

Tapirero: *Mubjiba waizua matsarirei?*

João Machava: Mudjibas wanga wari ma informado, vaioneka nemabasa awo, vanga vari ma voluntário, vaizia masoko ese. Hasi vanga wano basa, chikafu chese chekuiti

tirie chaiundza ndiwo, massoko ekuti kurikuitika zvakati zvankati, kurikua masodja ndiwo vanga echiundza. Wai rumba kabva zakaita pano kosvika ku soalpo hopa choko umweni humwe otorao ate gondola kuita kupirana so, waifamba 2 ou 1, wamwe vaifamba ne ma bascoro. Mamubjiba akaita basa guro manig.

Taperero: Aibata ou pfuti?

João Machava: Aiwa aisa bhata pfuti, hasi população yaka capturar pfuti yai vapa kuti waue naio ku base. Anga asikatentedzi kuti washandise pfuti, tanga tisuatendedzi porque pfuti, akazotukana ne munhu unozofura nge pfuti.

Taperero: Wakadzi vaibatua chibaro here?

João Machava: Vaibata chibaro mukadzi washurungudzua, ranga riri basa rema comissário, nekuti mukabata chibaro wakadzi, amuzozi kuti diani mukadzi hasina murume ne une murume. Obata mukadzi wmunhu orara naie murume wacho wozvizua kuti nhingi vane pfuti anokona kukuisara muchonga muchikafu kuakurai grupo rese. Hasi yaia iri we Munhu uwe chete. Vaibathua esungua, vaipanichua pachisodja, muna 1981 povo vakatsutsumua kuti frelimo payakarua, yairua neiakadzi, presidente wakatombo ramba hashi vakazotendedza kuti vakadzi ngapinde, takazona kuti zveshua wakadzi wakashinga. Wakeda ko bvisa ma curso eurape, euteacher e.. comunicação, ma radio, ya e escuta tanga tino serviço ye escuta, tainyora zvesi zvanonga echitaura, masodja a frelimo aizvosvika pa base tabuda kare, pasisirina munhu kadzi wakaite basa ikona. Yakasvika ngua yekuti vande kuguirandi re hondo warikumasure varume echirua echiridza pfuti, iwo wakadzi echienda ko sunga musodja wakuwara kubuna nae, kueda korapira kundze kuanga kuno wakadzi wanga vane shungu, waita basero, vamwe varimuno, vamwe wariku Bera, vakaite basa guru maning.

Taperero: *Vaipa chikafu Renamo ndiani?*

João Machava: Chikafu chaiya ne vanhu, população ya ndio yaundza chikafu. Hatina kubo puwa chikafu especial, kuti kwaiuya mupunga nemassaka.

Taperero: *Ana sabhuku nana mambo aisendzei ma Renamo?*

João Machava: Madzimambo anga a rabidza na frelimo anga asikashandi, iso topera kuawa sumudzira. Tikati wese vanga ari mambo ngadzoka pabasa pake vatonge, wese vanga vari sabhuku nga tonge. Mambo ne ma sabhuku nga dzoke pabvimbo pake, yose ngasedze.

Taperero: *Aite basa rei?*

João Machava: Mwese mwetaisvika, taitanga kutvaka kuzia kuti mbvimbo ino ngeiya mambo ani. Taeda kunamambo toti tinokubirawo pekugara. Ndiwe vaizotibvundza kuti kuno diwa huku yakachena, djira rekusvipa kuti tiete cermonia. Topsvaka zviro zvia toapa , riro zvakatibasira nekuti mambo waitaura kuti mangu muno amuridhui pfuti hapana muwenge waitisvikira. Hapana muwenge waitisvikira... waite akabva echiti ndirikuenda kuakati waizokaruka vakumwe nbvimbo. Zvinosa kuti guerrilha igare muyika wechirusa. Maguerrilha maninji wanobva kuyika dzekunzes. Saka isuso tange tino imba dzakawanda, makembi,

Taperero: Hapana hera pamakatarui nekuti povo yamu queixar?

João Machava: Hapana, taino ruzirano ne povo, tanga takabatana, mabasa e ma comissário ranga riri rekubatanidza zvikwata zviri izvi, kuti população nema sodja, ndiro basa guru ranga rino ma comissário político

Taperero: Kuti igreja católica yakabatsira chinyi?

João Machava: Yakatsira vikuro pakubatanidza Renamo ne hurumende.

Taperero: Antes yekubatanidza hapena zvaimubatsira muma base?

João Machava: Muma base edhu manga munemachechi makuro, manga muno católica, muçulumano ma adventista, dzese cheche dzagadzirimo. Techienda kuhondo kaizue munamoto, *tai pfugama toite munamoto kuti mwari tibatsirei, teide ko ruisana ne wawenge wenhu, varikumuramba kuti mari hamiripo. To chaiya maoko, torowa maoko, toti adzimo emunyika muno makarabua ndi frelimo ino ndiko kuatir kuenda tibatsirei. Saka waiti prequedza, Mwari pamusoro adzimo muma surure. Zvaizua cermonia yaizua nemadzimambo tairadzi kuti tino teira tradicional edhu tsika. Tsika dzedhu wese vainamata mwari vaidhira taitera, nekuti frelimo hasikuzvida kuzviterera. Hakuna munhu unodira mudzimo akamira, kudeketera vakamira azvizui (riso) zvino kumuruwa hembu kuakugare pasi honeka kuti hunoremekedza tsika dzewamwe. Nekuti madzimambo tingadha kuenda pasichigare, madzimambo madzinnyanga, itsika dzedhu, hasi kuiya ne warungo. Warungo vakazvigumira zviripo kare. Munozia kuti hondo ya frelimo yakataura muna 1961 frelimo isati yabatana pano Svikiro riri pa mussorize Rinozi musikawani, rakaidza mambo, baba angu vanga varipo wakakokua ndi mambo, nekuti baba angu ranga riri Doda ramambo, vakaendeyo vari madoda*

anokuando 4 ozoguma Svikiro robva ratuara kuti hai. Masvikiro waroti vaikuanisa kutaura nyaia dzaitika, kana 10 anos yaikuanisa kuti munyika muno muchaitika zvakati zvazvakati; rakataura kuti imwimwi munyikamuno murikutongua nemadjenachena hasi kutsaitika hondo, honde iy muchaiwina, hasi wachazouiya kuti azomotonga acho hama dzenhu asvipa achazomutambudza. Baba angu kuma 1 hora de usiko. Pakatawina, frelimo wakaguma yechiti madzinyanga ngapere, hapana uchadira izvi zvaka chunguruda zvikuro.

Taperero: *Pama zona libertada ya Renamo madzimambo aipetuka here kuita tsika ndzematura?*

João Machava: Muma zona libertada, tanga tino power maing, tanga tino ma governador, tanga tino admistrador, cada admistrador vanga une stafu yake, madzimambo esse waishanda naiye, Masodja asaishanda imomo, madzimambo, ndiwo vaigadzira zvose, isusou taipa mutemo ma administrador kuti sahandisai kuti...kuit..kuti... mazona libertada hegu taitoita mutema ne mutengo, munozia kuiti huko yaita marei... huku yaita 50 escudo, taisahandisa mare dzekare dzia, ndidzo djataishandisa . Kupida marenama kuanga kurikuda kupedza zviro zvaitabudza nyika

Taperero: *Magalhães era vosso parceiro, ou seja, vos fornecia fardamento?*

João Machava: Não, mas ouve pessoas que confundira isso afirmado que porque nós não atacávamos as suas empresas, porque tudo o que era dos portugueses a Frelimo atacava, por isso chegaram de enviar jornalista para certificar se na verdade a Renamo tinha suas bases dentro de Moçambique ou não.

Taperero: *Vocês tinham relação com a UNITA?*

João Machava: Não, não tínhamos boas relações, porque a UNITA era orgulhosa, porque tinha muito dinheiro, os Americanos apoiavam muito a UNITA em material bélico e viaturas. Ouve um tempo a UNITA ia ao ataque com viatura uma coisa que a Renamo nunca fez. O presidente Dhlakama tentou procurar uma relação, mas Jonas Savimbi, não se apresentou interessado. Até ouve uma altura que se encontraram em Bruxelas tentaram ver se podia se organizar um encontro, Svimbi não se apresentou. O homem era muito orgulhoso. Os sul africanos fizeram, tentaram querer fazer com a Renamo o que fazia com a UNITA em Angola até ouve guerras internas, mas não conseguiram.

Taperero: *A Renamo teve apoio com os sul africanos?*

João Machava: Sim, teve apoio, o apoio era o quê, passagem, de tudo que querias com amigos fora passávamos por África do sul, os sul africanos aceitaram até passagem de jornalista

Taperero: *Qual era proposito de Banda ser Amigo da Renamo?*

João Machava: Não tivemos uma amizade tal, com banda porque ele temia ser atacado pela Frelimo, lembro que chegou de ser montado misse na fronteira para atacar malawi, e não so as forças de mocambique para Tanzânia

O regionalismo te motivou a entrar na Renamo?

João Machava: Não, não, eu não senti porque estava na minha terra, isso de regionalismo é que motivou muitos do sul a entrar na Renamo e não entre nós aqui, os homens do sul sentiram-se isolados, sentiram se instrumentalizado pelo próprio regime, como pode ver na zona sul nunca foi construído um centro de reeducação.

Taperero: *Tem uma coisa para acrescentar?*

João Machava: Sim gostaria de agradecer a entrevista e dizer que a Renamo está sempre aberta para todos. Eu mi sinto satisfeito porque lutei bastante. Eu senti muito à vontade quando cheguei na Renamo.

Taperero: *Há momento que sentiu que líder da Renamo estava sendo manipulado pelo estrangeiro?*

João Machava: Não, não porque ele tinha sua postula próprio, eu acho que era dom da natureza. Há um movimento de Israel tentaram falar com ele, não aceitou porque tinha objetivos diferentes. Sabe por que os Americanos não davam a logísticas tudo a Renamo, porque a Renamo não se abria ser fantoche de outro, nunca aceitou a fantochada.

Taperero: *O que levou andre a ter mais que 27 guerrilheiros fora do combinado com a rodesia?*

João Machava: Não é assim, lembro que durante a independência, muitos portugueses sentiram-se perseguidos eram perseguidos mesmo e fugiram para zimbabwe e lá criaram uma rádio, Voz da africa livre, aquela radio até a Renamo foi confundida com a

rádio. A Renamo pagava para emitir, ou seja, eles vendiam os seus serviços, e no fim a Renamo chegou de comprar porque houve um financiamento, a rádio a voz da África livre desapareceu, ficou a voz da resistência moçambicana com nossos operadores e tudo.

No início da guerra o presidente formou, era uma fase embrionário por isso até hoje fotografia dele como oficial nunca tivemos, no Zimbábue os homens da Renamo. Muitos homens saiam no campo de reeducação para se juntar as pessoas vieram voluntariamente.

Obrigado,

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: **Celestino Taperero Fernando**

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Netsai Tendai**

IDADE: 55 anos

GÊNERO: Feminino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Rotanda**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **Enfermeira da Guerrilha**

ENTREVISTA REALIZADA EM: Rotanda Distrito de Sussudenga

FUNÇÃO NA GUERRILHA: enfermeira

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Takutanga ne entrevista ndiri kumbira kuti mutitendze ku gravar

Taperero: Manguanani?

Netsai Tendai: Manguanani mamuca sei....

Taperero: Mamã ndodha kuzua kuti makapinda rini ma Renamo e manga mune makore mangani?

Netsai Tendai: Ndakapinda muna 1980 mu dia 15 de julho, ndakapindira ku base re Makoka,

Taperero: Kupinda kuamakaita mapinda nekudha kuenhu ou makaita zvekubatha?

Netsai Tendai: Ndakaita zvekuda.

Taperero: Chunyi chakamukodzeresa izvona?

Netsai Tendai: Chakaita kuti ndipinde magariro emunyika ndiwo vanga vasina kugara zvakana, kururua kue independência takafunga kuti zviro zvicha agara zvakana. Maji zviro zvakazogara pior mazuazvo. Pandakazua kuti Renamo itori iyo ndakato encaixar riwo.

Taperero: Pamasvika kuenei makatambirua sei?

Netsai Tendai: Ndakatambirua zvakanaka, ndakatosvika pa controlo, totó tratarui, ndanga ndise ndega tanga tir achanu, totó vatepo manguni fumirir teto pindzua, kuakuto apresenterui,

Taperero: Manga muno makore mangani?

Netsai Tendai: Ndanga ndino 14 anos

Taperero: Pamakapinda makanda koita musodja ou manga muri so munhu?

Netsai Tendai: Patakatopinda mubase takato turenua, nekuti mubase mai gara masodja basi.

Taperero: Aí mutrenisa anga aria zungo ou vatema?

Netsai Tendai: Vanga vari vatema

Taperero: Vakadzi vaibatua sei muchisodja nema gariro atcho?

Netsai Tendai: Pandanga diri panga pasina musiano kuti uyu mwana rume uyu mwanakadzi, musiano vanga uripo ngewekuti isusu taito garou tiri tega vakadzi varume vegaou. Mabasa ese aizuemo anga ari amueo, instrução

Taperero: Kupinda kuamakaita musodja, makambowona azungo echupa mutemo, kuti itai kudai itai kudai?

Netsai Tendai: Handizi kuwaona, mutemo vaitouia, wotobva tega tega totó comprir.

Taperero: Vaipa chikafu ndiani?

Netsai Tendai: Chikafu chaikumbirua povo, masodja echuanazvo chainga techiria.

Taperero: Hino povo yamufarira here?

Netsai Tendai: Iyatifarira nekuti chikato cumbirua chakatowanda, povo iyo ndiyo yaitothara iyechiuiya nacho, yo svika pa controle yoto sia, masodja ndiwo yaitora kupinda um base. Vanhu vaiti farira nekuti vanga asikamanidzi. Pataka pinda pa independência zviro zvigindji zvaga zvachinja

Taperero: Makaenda ma Renamo ngem nda se maldeia, cooperativa here?

Netsai Tendai: Zvatonyanya Izvona zvakati ruadja ne netsa maning zvinezve, nekuti munhu vaidha kufamba paidikana guia de Marcha, vai hama ikasvika panyumba hukama vaibo siuwa pamucheto, ngubo enda kotchaka ma secretario, zvese zvainetsa, campo de reeducação machamba do povo, zvese zvakadini... zvaktiruadza, tse tochandira pamwe, izvi zvakaita kuti ndiende um hondo ya Renamo.

Taperero: Pamanga muiro muchodja makaboita uchefo?

Netsai Tendai: Handina

Taperero: Makambo sendza na presidente here?

Netsai Tendai: Pa base rendu kumakoka, vakasvika, obuda onde kachikare, dois meses totó seguriwo kuenda kachikari ku Mossorize, mugano ne Gaza. Patakabva kachikare takaenda inhambane kubva inhambane takaenda Gorongosa.

Taperero: Kuti zimbabwe paiya wina makazopona sei?

Netsai Tendai: Inini zimbabwe iyakawina muna abril de 1980 ndanga ndichiri kumba, nekuti ndakapinda um junho 1980 iyo.

Taperero: Kupinda kuamaita makasimpatizar awe here kuti tiri ko ruira chakati?

Netsai Tendai: Takaita, nekuti ndataura grupo rende takaenda tir a 5 ou 6 kudini kuzuirana... kuti upenyu uyu urikunetsa. Ndai ta muteira, tiri kuzua kuti kuno movimento partido, movimento urio unoda kuruisana ne izvi.

Taperero: Tekaenda mumabuku zvinozui kaibathua chibaro, makambo batana nazvo here?

Netsai Tendai: Hummm. Atizi kumbozviona, ininin handina kumbo sangana nazvo,

Taperero: Mumusodja menhu manga mune política yekuti vachaicha obaiwa?

Netsai Tendai: I! kuanga kusikabaiwi munhu vaite ukatochaicha kuakutotongua zvekuchaicha kuanonga kaita, otenderam, otoregererua.

Taperero: Fora ye masodja, kuanga kuno vanhu vaibuya nezvepolitica?

Netsai Tendai: Política yanga iripo, chakatanga chi usodja, numa 80 kuaka zotanga política, tanga tano ma comissário político echi explicar o surgimento da Renamo ne zvairi kuruirira.

Netsai Tendai: wanamudjiba vatsarua sei?

Taperero: Wana mudjiba, ndiwo vaundza informação undzamassoko, vaiti wakahona inimigo wai gogoma até pa controlo com buya kuti inimigo irikuguma.

Taperero: Controlo yanga iri yei?

Netsai Tendai: Tanga tiri mubase, saka mubase umo, panga pano musodja pa 500 mentros para ku ongorora pano zviru kuyuia mu base, epa controlo ndiwo waizo undza massoko mu base, ana Mudjiba anga asikapindi mubase.

Taperero: Mudjibas waipuwa here Pfuti?

Netsai Tendai: Wanga asikapuwa, Wanga asina.

Taperero: Waitrenarui here?

Netsai Tendai: Wanga asikatrenarui nekuti era informante,

Taperero: Makambozua here kubuya engenheiro Magalhaes?

Netsai Tendai: Inini ndakazotomuzia nda muno yatopera hondo, pagua yakonei nada, unga zikua hake ne acharukua.

Taperero: Radio africa livre iyai chandei kune machodja?

Netsai Tendai: Inini africa livre ndiyo iyandaka kutozua ndiyo kuti kuno movimento wa Renamo, mazua akonewo zvanga zvisikaiti kuti uzue ne volume, waizua ne volume yaterera. Ndizvo zvakaita kuti tito siana nemapenero atanga tirinawo totó pinda movimento.

Taperero: Mas, imuimui pausikana hunyu 14 anos zakamuchungurudza maning?

Netsai Tendai: Inini chandi chungurudza maning, ngezvekuti baba angu aka torerua chigaio, wanga wano chigayo chakatorua, akati ngachiende cho chanda, kuita muchandira pamwe, chaiti batsira pamuzi, zvakati baiya pa moyo. Azvizi kundi dakadza.

Taperero: Chikafu chachota muri musodja população haina, chaibvepi?

Netsai Tendai: Zvanga zvisikaitiki, (riso, riso), zvaitouya zviru zvichoma, nguawa imweni kuaiti kukatamika ufu kauia maguere, zvimabana qualquer coisa kuti tikonise kurarama.

Taperero: Povo kupa kaita zvita tingana mosoho ou kanga kuri kubatsira wana?

Netsai Tendai: Ya wana mudjibas wona awo waibata basa irona ir, wano bvundzua kuti i chikafu chiri kuti chotera, wofamba echikumbira echisa pabvimbo iwe saka masodja ouya o takura, waiwe musoho.

Taperero: Kuti madzimambo aite basa rei?

Netsai Tendai: Pangua yakonei, Renamo yaibatisana ne Nyanga, ma líder religioso, ngua dzimweni madzimambo. Zvinonga zvichidikuana mukatimo zvainde kobvundza madzimambo, zvinonga zvirikunetsa taikubira madzimambo kuti aite zvinofanirua kuita, pamwe kubika dhoro, rir doro mabimambo waitaura kuti toda matéria ekuita izvi. Opuwa iri mare kana chinyi oenda kotenga zvino dikanezvo. Kuakutoita pamutunhu patinogam tiripo.

Taperero: Ma Renamo manga muno ma especialista, tingati mafuzileiro ma atirador?

Netsai Tendai: Vanhu wai formarui zvakasiana siana, ma fuzileiro kuanga kusina, wanga wario wanoteia mina, ma enfermeiro inini ndaga diri enfermeira, wanga vario waichanda muma radio de comunicação, , tanga tino ma especialidade akawanda maning, kuanga kuka formarui anhu akawanta kuti tirapane tega. Mutombo tangatinadzo pazvaibva ndipo patisikazi. Kubva kuti zvikubvepi zvanga zvisikaiziu, também tanga tisina pfungua idzona, so tandizzvina zvauia isusu totó sandisa.

Taperero: Mutombo dzamais chandisa dzaibva índia china, ou Portugal?

Netsai Tendai: Kuaiyabvi tanga tisika zia, iyai uiya ne denge

Taperero: Igreja católica wakabatsirei?

Netsai Tendai: Zvandaka tona kupera ko ondo, zvakaita musure

Taperero: Chinyi chakamufadza muri musodja ne chakamusuisa?

Netsai Tendai: Zvakandifadza zvakatowanda, so ndoda kubuya zvakandisuisa hondo iakonei mesmo, wakatogumirua usina nema choko ekuti ari kuiya, kuno massoko kuti arikuiya masodza waienda ko varidira kuti wabudepo . ndaka suwa maning pakauya ndege kuzobomba muna 1982,

Taperero: Pamuri ipopo murikiti valeu apenaa?

Netsai Tendai: Ndinote Valeu apena, nekuti dai ndiri kumiz hunga ndakarorua, mukanyi. Munozia mabasa anoizua mukanyi.

Também zvizindji zvakaguka pha povo, kuanga kuno maguia de marcha hakuchina, munda iye povo. Zvese izvi zvakapera. Zvichemo zvikuro zve povo zvagazviri zve lei kuti munhu wachaicha, oteida kohurawa, zvanga zvichidini... zvechichungurudza vanhu. Kurua kakaita reana zvese zvaka pera.

Taperero: Toti musodja achaicha, maitongana mukatimo ou maiedesa ka presidente?

Netsai Tendai: Zvaizoedesua ka presidente zvapora. Nekuti kuanga kune awe, masodja mache de sação, macomadante taito zvitoga setega na chefu, kuti tazvozvikorera tozvoztumira kuna presidente, manji nda iyakona inonga yakarema.

Taperero: Masvika Dhlakama a presidente ou asati?

Netsai Tendai: Ndakasvika a presidente. Primeiro presidente andre Matande Matsangaissa hatizi kuzomuona takapinda a shaika.

Taperero: Muri musodja pano pamaka sentir kuiti masia mwega?

Netsai Tendai: Handina ndaito sentir acolhida.

Taperero: Pano wamakaona echienda ku Angola ko trenarwi?

Netsai Tendai: Ndaizvakaitica, pamwe zvakaitica tisati tasvika, nekuti hondo wakatangira nyika dzekundze, tamoivo hatina kumbotabira munhu wakatrenarwi ku angola, tamo isuso hatina kubozwa kuti munhu waenda kunyika dzekundze.

Taperero: Muri kuhondo, makubva, vanhu vaiteira here kuiti toda kenda newi?

Netsai Tendai: Zvanda taura kuti inini ndakaenda dega, vanhu waiuya, taka guma certo momento kuti kwanga kwano controle wekuti, ona kuti hasi kuaiya ko reconhecer. Saka panga pano munhu vaito exercitar kuti munhu waiuya, para kumu ona kuti waiuya zvechokuadi here..

Taperero: Waueko zaizvei, Waisua mudzeri?

Netsai Tendai: Asai pidzua mu base, waigara kundzei echidzidzwa aoneka kuti echokuade, achaendi .

Taperero: Chipi chitadzo kaisaka kuti munhu a punirwi?

Netsai Tendai: Muiiri mushangomo azvisi kusiana nepamuzia, munhu unondo shaisha, wato shaisha zvinoga zvoto enekua kuiti kushaisha kuita sei oto rekuerwa, manji kuno unonga wakashaisha kuaka wanda. Ukapindazve uno Shuapurwa, ou maflexiões.

Taperero: Binha no tigre anga ari macomadante?

Netsai Tendai: Binha anga ari comadante, masita aya era ema região. Inini ndanga diri mu tigre era ma região para reconhecer um sistema kuti iri wekakati, umuimui mwegamwega munonga meiziana. Era para kuziana kuti ngana uri região yakati.

Taperero: Vanhu e 10 makore waibatou pfuti?

Netsai Tendai: Hummm! Anhu e 10 remakore wanga vasika bati pfuti

Taperero: Aibvira makore mangani ?

Netsai Tendai: Aibvira pa 15 kuanda mberi, inini ndanga diri mukadzi wakakura, maji waitagira pha 15 kwenda mberi. Opinda mu instrução, unozosara opedza instrução wane 16 anos.

Isuso tiri madzimai tanga tisikatentedzui kubuda tega kuenda ku hondo so tai trenar kuti tazogumirwa tozo ridza. a

Taperero: Anakadzi anga asikaendi kuhondo?

Netsai Tendai: Tai trenarwi para kuzvi defender, tagumirwa tinonga tá panguwa yakaoma.

Mwaita basi.

Obrigado.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Castigo Nhambo**

IDADE: 65 anos

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Catandica**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **Guerrilheiro**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 01 de abril de 2021

LOCAL: **Catandica, Barue**

DURAÇÃO: 60 minutos

AUTOR DA ENTREVISTA: Celestino Taperero Fernando

ENTREVISTA REALIZADA EM: bairro Mugabe, Distrito de Barue

FUNÇÃO NA GUERRILHA: guerrilheiro

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Takutanga ne entrevista yedu chekutanga ndaida kuti mutende kugravar entrevista yedu,

Castigo Nhambo: honde gravari, tatenda.

Taperero: Chekutaga, ndoda kuzia kuti makapindarini ma Renamo, manga munemakore mangani pamakapinda?

Castigo Nhambo: Ini ndaka pinda Ma Renamo 1979, pakupinda kwandakaita ma Renamo andzi kuita kubatwa, ndakatoita kuenda ndenga kuzona nemagariro hacho kunesa kuanga arikuita, ndikati hupenhu uhu hapana kwaunondisvikisa, zvirinani kuteida ko batsirana ne amwe pabasa irori se zvinozwa.

Taperero: Ok, mukatura kuti upenhu kushupa kwao murikuda kutaura kutinyi?

Castigo Nhambo: Apa kushupa kwao nekuti panguwa yakapinda frelimo, mumakasauna, patanga tiri mubase refrelimo, nekutaura kwaita kuti wana wachazofuda mahala assinga badari, vanhu vachazorimirwa minda nema trator , tinoziwa kuti yainga política iekudaidza vanhu. Muma zona liberdade, tisati ta bata independência tai gara zvakana, pataka bata independência ne nacionalismo, ndipo pakazonetsa zviro. Takabhuda muno na mukoma, toenda koita chibanca uko, ne nacionalização akati epa munodikana kuti multe mapepa, topuwa multa, malta wakona kwakuto dharikidza zviro zvatai tengesa zvia. Então na mukoma taka zvozvi gaiya kuti zvirinani kwenda kumba ko gara,

Taperero: Kupetuka Barue?

Castigo Nhambo: Sim Barue nekuti kugara muthaundi kunetsa, kunodha mare, totó tengasa, nekuti multa yakona iyai ndarikidza zviro zvatai tengesa tato svika kuba Renamo yanga yatá mukati. Nekuti taizua radio Mkuzumba, radio makuzumba iyakazozi radio livre.

Hasi patakoza kuiti Renamo inini kuato pinda, kuakuto eneka babakuro kuti inini ndakenda, kana kurima kwacho kwatonetsa, uende kumuda kuako uende kumunda kue povo, zviro zvacho atizvione, mas munda yedu, zvataizua zvia zvekuti democracia multipartidalismo hazvisizvo izvio ndincho chikodzero chakaita kuti ndipinde ma Renamo.

Taperero: Manga mune makore Mangana?

Castigo Nhambo: Ipona apo ndakapinda, ndakaberekua 1959,

Taperero: Pamakapinda makapinda ne shamwari ou makapinda mwega?

Castigo Nhambo: Ndakaenda ndiri ndeka hasi mberio, ndaito sangana nedzimwe shamwari dzaitowo dzegawo,

Taperero: Saka chaka mumotivar kamare kuti mupinde ikona, nyaia we machamba do povo kutorerwa banca?

Castigo Nhambo: Ndizvo, nekutona kuti upenhu wacho wanetsa

Taperero: Em 1979, maka onana na Andre Matsangaissa?

Castigo Nhambo: Handina nekuti pandakaenda takapita ino.

Taperero: Base renhu muchikurizia here?

Castigo Nhambo: Isso tanga tiri grupo raitera matare a Andre echibva zimbabwe, malta andre oenda Gorongosa, grupo iro ndiro ratakazopinda , base raka enda ko gadzirwa pama Ndjoro

Taperero: Ku trenarwi kwamakaita makatrenarwi na Azungu ou vatemala?

Castigo Nhambo: Wangu wari vatemala,

Taperero: Maiona maing vazungu here ku guerrilha?

Castigo Nhambo: Vazungu mwanga manji vanga vasiri pa kemberi pedu, wanga watorio, maji hapana zvaibuya, manji vasvika

Taperero: Vanga vari mabunu ou magermani?

Castigo Nhambo: Munozia panonga panemunhu pano svika wakawanda, kuya kwawo zvanga singa tauri kuti ndiwo wari kuemerera.

Taperero: Makapinda andre achiri presidente Dhlakama vanga asati apinda, kufa kwakaita André hamuzi kupererua nepfungwa?

Castigo Nhambo: Aiwa kupererwa ne pfungua hatina.

Taperero: Hakuna vakatiza?

Castigo Nhambo: Aiwa hakuna vakatiza, nekuti zvatanga techitsvaga zvanga zvisati zvasvika. Zvakafanana se pamuszi munozia se kana kuti baba afa kunonekua anamukoma ndiwo anosara echitungamira.

Taperero: Kupinga ka ita djakama kwanga kuno wamwe yaidowo here?

Castigo Nhambo: Hapana, sekuti Dhlakama ndiwe vanga mutedzeri, pakafa andre, informação zviakasvika, vanhu wakazia kuti mutedzeri wanofanirwa kuti, vanhu wese wanga wakamirira kuda kuzvua kuti ndiane wachati tungamirira. Takati tese iwene uno teira uyu ndia wachati pixa, kuti azvikonerua unozotaura

Taperero: Waipa chikafu ndiane?

Castigo Nhambo: E chikafu chaitouya no povo, Chaiuya ne povo, ndio yaitipa, nekuti munozia kuti isati yatanga hondo povo yakareclamar maning, ininiwo kwenda kwangu kuhona kutambudzika kwandakaita. Saka povo nekureclamar kuaiyanha wechita, ou

kunyunyuta kweita, takazona kuti ndiane unodha ku tsitikira povo. Hendo ya Renamo yakaoneka kuita iyai batsira povo, saka kufamba kwataita povo yaiti batsira.

Taperero: Ana mubjiba maitsara e maithemba sei?

Castigo Nhambo: Ana mubjiba, kana makagara pamutunhu muno honana kuti uyu uneita. Uno ona maitiro paka zara vanhu kudai uno ona matauriro ne maitiro, ndipo pano fanirwa kuona kuti wakatosinga.

Taperero: Anga ane basa rei?

Castigo Nhambo: Waita basa, rekutenderera pazona para kuona kuti hapana mandu yapinda here, hapana guara rapinda mukati here, população kwaka yarara here. Kana kuti mapinda mhandu vai gogoma kuiya ko taura, uku kaita soko taona Guara rapinda, kana kuti taona vanhu wane pfunte newenyu here, makatuma vanhu ne pfuti... tobva taziua kuti saide iri hatina kutuma vanhu ne pfuti toenda ko hona kuti chinyi chirikuitika.

Taperero: Mai recrutar sei, mukanga makashoterwa nemasodja?

Castigo Nhambo: Masodja, nguwayo ma jovem mazindzi wanga wasina chekubata, vanga vasina basa kuda kutsvaka kokwenda hapana, wai uiya voluntário, echite kuti tigare panyumba hapana zviru kuitica, zviru nani kuti tebatsirane. Tione kuti nepapi patinoenda ko svika.

Taperero: Kutu aitithu zvekubata, mabata mukombate maizoata sei kuti agarre fiel na Renamo vari masodja a frelimo?

Castigo Nhambo: Wari masodja a frelimo aiya vanga vasikanise iwona naitote isuso zvatiri kuita handi kuda, mutemo, taito tsvka ndira yekuti tinosvika sei kamuri nekuti kutia kuripo. Taitia kuti tikazosvika kuamiri taizo urawa, saka mati bata kudaro tiri kuona kuti mwari vati batsira ngatiende. Hapachina instrução yakawanda pari oto gara mi base mazua magni onekua kuti uyu hana pfungwa yekutiza, oto puwa pfuti, waito gara a vontade, wanga wasikaisu mudjeri

Taperero: Ranga ririo djeri?

Castigo Nhambo: Nuno zia kuti muhondo akuna djeri nekuti hapana nyumba kuswera maguana muno gona kuchinja, mangani muno gona kuchundja.

Taperero: Kwaize kwanga kuno madjeri zvai izua sei?

Castigo Nhambo: Hapana waisunguirwa pamuti, manji waigara echi controlarwi kuti pfungwa dzake dziri papi. Kazinji kkacho wese waibathua kwa Renamo hapana waita pfunga wekutiza

Taperero: Wariko waitiza?

Castigo Nhambo: Wariko nekusaia kufunga manji rujindji wanga wasikatizi.

Taperero: Kwaibatua chibarro wakadzi, ichokwandi here?

Castigo Nhambo: Hakuna musodja inoenda ko manikidza munhu kana kuti mukadzi vemunhu kunyangwe asiri mudzi vemunhu hapana vanofarira kuti wamanikidzwwe

Taperero: Akamanikidza vaizuei?

Castigo Nhambo: Uka manikidza mukadzi wemunhu unofanira kuti upunirwi, onotambira punição, wapanichuwa kuti usiane ne pfunga dzakadai

Taperero: Zvairabidzua kubema bandje?

Castigo Nhambo: Hiii, mamdje yanga isikatenderwi.

Taperero: Neiko?

Castigo Nhambo: Nekuti ono kwanisa kuibena, kwakutenda ko ridzira vanhu, yatokuraba iwewe onotona kuti apana zvekuita iko pfuti dzechirira zvino kona kukupindza mutsawana no inimigo por isso zvanga zvisikatenderwi.

Taperero: Mungambonditaurira sobre disciplina militar época ya Andre e Dhlakama?

Castigo Nhambo: Ah... tinga mutemo vanga usina kumbosiana, tanga tino mutemo wekuti, wakadzi wemunhu musabate, bandje musa beme, haiwa musodja kubva pano ko tora zvini zve povo, zvai rambidzua kana chikafu kana chi zvairambidzua, povo yaita kuiya yega kuzo apoiar. Yaizonta kuvaliar mazona, sondo rino ndizona yakati, iwo mabjiba amaitaura aiya, kwakazobva madjiba kozouya ma polícia. Ma polícia anga asina pfuti, ana mubjiba ai shanda ne awe aizwi mabroco vai tsvaka chikafu vaizui maburoco wai endesa pabunto pachino cheguetua, pha chefe wema bruco. Chefe wemabruco uiya nechikafu otumira masoko kuti cha kuno chikafu. Iwo chaizvo waikonisa kutakura oga até pa controle, masodja o enda kotakura.

Taperero: Anamudjiba ai tendedza here kupida mubase?

Castigo Nhambo: Éh waripo waitendedza, awene wanga wsikatendedzui.

Taperero: Kuti mapurisa?

Castigo Nhambo: Mapirisa wariko waitendza, mas vai pinda umwe umwe.

Taperero: Chikafu chaita tinga musoho here?

Castigo Nhambo: Aiwa, zvazi ana enyu hana munda ini yano pona ngei... saka kuanga kuri kubatsira ana

Taperero: Madzimambo aisendzei?

Castigo Nhambo: Madzimambo ndiwo waito pinda basa rawo pakati, munozia kuti kupinda kuakaita Frelimo wakarambidza kuti hakuchina izvona so kuno shanda ma secretário. Ma secretario anobva nampula kuiya kotonga kuno, hazi kunti mudzimo dzekuno dzino dirwa sei. Renamo waite zvese izvi azviti, kubvira kare ne kere madzimambo ndiwo vaizia mudzimo epamutanha. Ndiwo anozia kuti zvino famba sei, kune mbvura yashota munodira sei.

Hakuna ucha dirá mbvura, kana nyaia dzaitika hapana kuaticha queixar, nem kutongwa, zvole zvakundo perera muma secretário. Kuma secretario waite watadza iwewe kamani korima munda we povo ndiko kotonga kacho; (riso). Cooperativa ngatite musengo mesengo ko rima munda we povo.

Kubvira kwakaita nacionalização ndiko pakatanga uchupiki wese, nem sabão kuda kuno zvainetsa kwaine sabão dzanga dzakaita tinga zvidina, vaiti uka isa pha camisa ye kuchena yai svipa. Taitambudzua nema putukese manji chikafu changa chirio, zvino pano takutaura kuti tiri independente, takuzvitonga kuzer, kuzvitonga kuzer kwacho ndiko uku? Machina macuba uma loja dzauo ndimo manga munozvinhu, hamuchaiti kutenga munhu musvipa aiwa. Mukaona musvipa aripo muno zia kuti warikusenda watumwa.

Taperero: *Wanamambo wai mobilizar majovem kuti wapinde voluntariamente?*

Wai mobilizar asi kajindji jindji madjiba ndiwo w ai mobilizar. Wanamambo waikwanisa kutaura ne povo yauo kuti wana wedhu warikutabudzika muchango, wari kurwira isuso nekutabudzika kwatiri kuita, kuti wakonise kuti sunugura.

Castigo Nhambo: *Ngeipi crime yai tora kuti musodja a fuzilarwi?*

Castigo Nhambo: Mabase endakagara andina kumbozvihona hameno kuti zvaitika kumweni

Taperero: Igreja católica wakamubatsira chinyi munana 1978, 1979?

Castigo Nhambo: Madzimambo waidira, igreja dzainamata, tanga tino magreja um base, manji mapadre anga asikasviki ba. Pha independência mapadre ainetsa kuwaona, nekuti magreja anga a musika.

Castigo Nhambo: Ku catandica dia yakapinda frelimo mapostor johane Malenga, wakabikirwa kabanga, kwaku tenkenya yama we Ngrue kwakuto wadaidza kuti uyai murwe, tiri pafesta ne jaoa malange. Pakaitua bicha kada munhu na banamba re azeite oliveira, kada munhu 1 litro 1 litro wapedza continua ne nyama we ngruwe.

Taperero: Makabozua kutaura zva Magalhães?

Castigo Nhambo: Apho hadichadi kunyepa, kuti inini ndakazvitariruwo nada, hapena kuna presidente,

Taperero: Masodja hanga asikazi zvino itika pamusoro?

Castigo Nhambo: Pode kizia, zvaka fanana ne pumizi zviripo zvamuno ona zvinoita baba na mae, zviripo zvamisingafanirwi kuhona,

Taperero: Chinyi chaitika kuti musatakar mafarma ake?

Castigo Nhambo: Isuso politika wedhu atender kura chiro chemunhu kuti tiri kurwira vanhu kuti wagare zvakana, kuti ibudirir nyika. Tikatora zviro zvemunhu muchisimba nyika inobudirira sei, tikadharo tinozozui awo vanhu wenhando,

Taperero: hino kupisa zviro zve estado zvarei?

Castigo Nhambo: Kuanga kuri ku pressionar estado kuti ndizvo zvatinoda

Taperero: Pamanga muri mosodja makambo ona povo yechipisa yeka maldeia?

Castigo Nhambo: Maning, nekuti waitha zvikumanikidza, zua ra umo munhu wese unodikwana kupinda mu maldeia, nguwa yaiti masodja a Renamo asvika, povo yaito batsirowo kipisa nhumba kuti ibude. Nekuti zviro zvanga isikadhi, so que povo yanga isina simba.

Taperero: 1979, zimbabwe yo wina umambo, paka wina zimbabwe independência hamusi kutambudzika here?

Castigo Nhambo: Aiwa bha nikuti zvese zvandino taura zvino, nekuti pa kuwina pakaita zimbabwe, madara wakati zvatiri muno umo, muno hamisiri munyika yedhu. Taona kuti zviru nani kuti tende ko garira munyika mendhu, nekuti anhu warikiti iwo varikutengwa nema bunu. Ndiwo política yaizo shandisa. Smith ndiwe varikuya koti kukuidza muno, vanga vasikaturi kuti de Renamo manji waizizia. Mas kwanga kuno vanhu vanga usikataure izvovo, nekuti vaifunga kuti wakatura kuti ndi Renamo vanhu waizvozizia.

Ndipo pakazoita, ngatibve tende kogarira munyika medhu, hatina base nekuti mabunu hachatibasira here. Apoio iri muyika medhu, patino ridza ipapo ndipo patino hona apoio yedhu. Kana we pfute chikafu tino zvionera hipapo

Taperero: Imwimwi makaenda zimbabwe mukaterenarwi ikona?

Castigo Nhambo: E ndasviska ndika trenarwi,

Taperero: Pfuti ndzibvepi?

Castigo Nhambo: Pfuti taitora mauma quartel,

Taperero: Mai atacar kakutora?

Castigo Nhambo: Eh, kakuto taito svikira dzimweni dziri mumabox adzisati dashanda, kuato dividar.

Taperero: Sobre acordo de Nkomati?

Castigo Nhambo: Acordo de Nkomati wakatoitika honde, maji zvakazoenda ko ongororwa kuti e manobra, zvaka se anistia saka haina kozo budirira

Taperero: Pfuti dez africa do sul dzakasvika here kuemiri dzakabuya Dhlakama kuti taka tambira pfuti?

Castigo Nhambo: Kutu adzibei hinona zviru kurewa kuiti dzakasvika.

Taperero: Pano pamakaona kuti mutemo dzatirikuita idzi dziri kubvisua ngenyika dze kundzi?

Castigo Nhambo: Aiwa taito ita zviro zvedo kuto shandisa pfungua chaizvo, itongi munhu inofanirwa kuaga zvaka dhai. Waito uiya mutemo kuwasharuka kuti ngatite kudai, totó taurirwa kuti muri kuita zvakanaka.

Taperero: Renamo militar, yakanga rini kuita política?

Castigo Nhambo: Tiganti, yakafundar um 1979 política chaiyo, nuna 1980 yechitanga ku brangir, koteisuaio masodja anotochanda nezve política. Masodja anoenda kuhondo maji echipuwa metemo we política wekuti, kana wabata musodja wa frelimo, mu militia, kana povo yekumaldeia, waitakonisa kuitawo kutaura nawo kuwapoliticar. Wakazvo svika kumapolitico, wochinatsa ku explicarwi. Pane vamwe vakangawasika zia kuti iya warikubo rwirei waga. Waitoisou ma comissário político we povo echifambawo echi explicar sobre honde wedhu.

Taperero: Chikafu chapera paizoiza sei pakadaroko?

Castigo Nhambo: Kana chikafu chapera chisati chauya chimwe, chaitumirwa masoko kuno madjiba, kana kuno ma polisa, kuti kuno tapererwao nechikafu waia uano taura ne povo kakutoti i azviti kuti afe nendzara, munhu waitobva, ega pamba, kana chaitika, asina anhu ekutakura, waiturama masoko kuma sodja kuti chakafu kaita, masodja aienda katora, ona kuti masodja a shomanika, povo yai thura, tibasirei tenda kopa wana.

Taperero: Pamakapinda muna 1979 panga pazara ma jovem ou wuarawua?

Castigo Nhambo: Ma jovem ndio wanga awakazara, wuarawua dzanga diripo mais ma jovem wanga wakazara.

Taperero: Muri kubuya ma jovem maite murikurwa chinyi?

Castigo Nhambo: Pano wai uiya wasingazi zvarikurwara, so ai nakirwa nekuona zviru kuita masodja, zvotoafadzaou, wai pfadzwa nge masaramuso emasodza. Wakati kurirei awo, zvakaite isuso tanga taona magariro aita mutaundi neme gariro aita mumutunhuio, taito bvundzanao na amwe kuti nyaia irikunetsa, techiataurira kuti takaona nhamo dzakadhai, iwe unouiya, echi sía zvirikuitika kwakeio, patanga tirimuhondo we independecia zviziu wana achawe nemabasa, manji basa akuna, wanhu warikuenda mumaldeia. Kudha kubada kwenda ko passear waitwa kugaida zvichizui tantas horas unidikuana kuti udzoke

Taperero: Mtombo dzekurapa dzaibvepi?

Castigo Nhambo: Imo matai takarimo, mama quartel, warimuthaudi waripo waiti towapoir sei wanhu auwa, wai explicar kuiti muno famba kudhai ku dhai wechisvika mutombo.

Taperero: Paitika dawa paquemi, waitoguera ipona ou ku Gorongosa?

Castigo Nhambo: Iyatonguerwa penepo

Taperero: Inozosvika Gorongosa inonga yaita maitirei?

Castigo Nhambo: Ndawa ye desorde kuenda ku povo ogumeio ochaicha zviro zvepovo nekuti masodja taka siana, masodja kupopulação maienda ko ona machamwari ako. Zvanga zvisikatendedzwi kenda mu povo wega kuenda ko kumbira huko, zviro zvakanda. Kuada musodza wai hona musha waicosiderar como família, waiti wa undza camisa waindesa echiti papa toraiwo, babauya waiti akaona uku waikudhaidza kuakuti mwanangu torawo kahuku wende koita muriwo. Waite ukashaisha povo yauia ye queixar, oto punirwi, haiba kuti waiurawa.

Taperero: Kwanga kuno povo ya Renamo kwanda kuno povo ya frelimo, ndizvo?

Castigo Nhambo: Hooo, yanga iriyo.

Taperero: We povo ya frelimo akapida mo povo ya Renamo wai izuei?

Castigo Nhambo: Hapana zve aizua nekuti tirikurwira povo, hapana mutsaro, povo ya frelimo yanga iri maldeia, asi povo ndimwe chete. Povo ya Renamo diyo yanga iri kumamisha kuayo. Ate kuna 1983, kundo buda muma bairro ate ko bbuda zambezia era população ya Renamo, ma frelimo mai ona mumakuartel, inchope, kaphupe, gondola catadica zvese zvanga zviru Renamo.

Taperero: Renamo yanga ino estrutura here yekutonga?

Castigo Nhambo: E mazona ese anga ane ma administrador, mutungamiriri we política, ma chefe do posto,

Taperero: Kwaifunda here?

Castigo Nhambo: E kwafundo, formação yanga irimo era we o professor, comissário político, curso ye enfermagem,

Taperero: 1984, hamusi kupererwa nezvombo here?

Castigo Nhambo: Zvombo zvaka zvisikapari, nekuti taizvihonera ikoko, pfuti wako diwo yaikudzira chimbo, ma frelimo azindji anka asikadhi kuridzirana, aito pera kuenta kuato sai zvese.

Taperero: Murimukatimo maiprometerwi here kuti muchazo puwa mare?

Castigo Nhambo: Kwete, kwanga kuri kutorwa zvazi zvetiri kurwa hatina mare hasi ngatirue tapedza tawina tozoitao governo ndipo patinozotangao ne salario tozopuwa, hasi pangua ino ng ati shande, kwanga kusina kuprometerwi mare.

Taperero: Pano pamaka hona masodja a frelimo echizvi entregar ogaa?

Castigo Nhambo: E waripo

Taperero: Maibata sei?

Castigo Nhambo: Kazindji waienda kozvi entregar pamudjiba paia, inini ndauya kandiriko ndiri kutambudzika. Ndaona kuti zvirinani ndiende kobatsirana newamwe, anamudjiba oto thura pfuti dzia oto uya nadzo, o mira pa controle. Ombo ongororwa mazua mangana, tanga kuhona comportamento dzako, waiya chokuandi here ou wauya ko inta reconhecimento.

Taperero: Waitua mubvundzo?

Castigo Nhambo: Mubvundzo iripo nguekuti maigara sei, ngeipe politika yamuri kunyeperwo ka frelimo ikoko

Taperero: Chinyi chaita kuti mubude pabase?

Castigo Nhambo: Chikuru chaisaka kuti tichinge base i bvura, tem que kutsuaka penebvura

Mwaita basa

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Antônia John**

IDADE: 57 anos

GÊNERO: Feminino

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Vandúzi**

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: Guerrilheiro

ENDEREÇO: **Vandúzi**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 3 de abril de 2021

LOCAL: **Vandúzi**

DURAÇÃO: 20 minutos

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Mama makapinda kwa Renamo nema kore mangana?

Antônia John: Ine ndakapinda na 18 anos

Taperero: Makaita zvekubathua ou makaenda mwega?

Antônia John: Ndaka ita zvekubathua mesmo,

Taperero: Pamaguma kubase makabathua zvakanaka?

Antônia John: Unobathua kenda um hondo unobtahua zvakanaka!... bathua nkondo aubatiu zvakanaka, kondo ndi kondo.

Taperero: Chinyi chakaita kuti musatize?

Antônia John: Waite ukatiza wai sofrer. Ne ine zvandiri kubanga baba hangu wakafa pamusana pathu, zvakaisua maveneno kuti mwana wanu nguema Renamo. Baba hangu, mukoma hangu hakaphia zuwa ribhodzi.

Taperero: Kwenda kwamakaita kwaka udza vanhu wamweni?

Antônia John: Wai undza vanhu amweni.

Taperero: I imwimwi manga mwuri musodja ?

Antônia John: Sim ine ndanga diri musodja.

Taperero: Zvamanga muiri musodja sadza rikapera, chikafu mairi onepe?

Antônia John: Tai famba techishonguesa muna povo.

Taperero: Povo waimupa nekuda kaiwo ou kubvukira?

Antônia John: Nada, tai famba mumasha tichiti tiri kuchangambo comida techipasiwa chintsemwa chintsemwa, toenda kosia kubase.

Taperero: Masodjo waifamba ne madjiba?

Antônia John: Pakakala pano comida madjiba ai famba naiyo comida, na povo mumamidzi.

Taperero: Pano pamaguma pamuthanha vanhu hazikupasa comida?

Antônia John: Hummm! Penepo ndikanyepe rini, tikapasiwa comida na povo, azvizia kuti anthuwa nga kondo.

Taperero: Aimupasia nge dai wei, chinyi chaida kamuri?

Antônia John: Wakationa tikasofrer kufamba usiko namasikati

Taperero: Pano zvamai buya kuti tiri kurwisa zvakati?

Antônia John: Há izvozv, ndangadisazvizvi,

Taperero: Mama kuhondo wanakadzi wai dzipwa?

Antônia John: Wandipwarini, wachita paguriwa, ine pano ndakaenda ndikuana, hadizi kuita zvikudzipwa. Wandaka ndana naiwe ndiwo wandakakara naie ate kunda kumo apresentar kuna família yanga, so tida mwazana porque iwena akaenda ku maputo ine kuba kwangu.

Taperero: Mwati makapinda gore ripi?

Antônia John: Ndakapinda um 1982,

Taperero: Makapida ne base ripe?

Antônia John: Hine pano ndakabatirwa ku mugal ndo uya até Catandica, ndipo pandaka trenar, kusendza ndakaenda ko sendzera Buzva, chiri kubaixo kwa nhamabachi.

Taperero: Pama trenarwi, makatrenarwi ne azungu ou ananhu watema?

Antônia John: Taitrenarwui na vanhu watema, wakarimo.

Taperero: Kumasodja kuanda kuno wazungu?

Antônia John: Wakarimou azungu, anango macheffe anango tikafamba now kurwambo kondo. Ine dakabuda pa Catandica, pakagore, deinda kamusiayaro, doeida ku kalingamusi, to uiya mugal tobira totoenda até ku buzva, tobira Muira Marimanao, mariyanga, madhota, até todo enda Chika, ndiko kuanda menya kondo até kupera.

Taperero: Ma fardamento aibudhepi munokuzia here?

Antônia John: Kukha buda ma fardamento hatikuzimbo

Taperero: Pamakapinda muhondo anamabo waitei?

Antônia John: Amambo ifepano taiti tikafika pamambo tai kwezeka mpfuti dzedhu pasi, togara pasi to embara manja to cumbira, pa mambo tika kumbira para kutsvaka pakugona kukubira mesmo. Isuso tiri kutsvaka pagona mambo ndimwi iwe akatipasa espaço, ndokono mukagone uko mbutu wano ndio iyi.

Taperero: Kuti magreja aigumao here?

Antônia John: Vanhu magreja wakanata,

Taperero: Ma padre waisvika?

Antônia John: Ma padre nada, so tikha namata, pentacosta, católica,

Taperero: Masodja, kuno anango akhaita política?

Antônia John: Akhaliko anango.

Taperero: Aibuyei?

Antônia John: Kurangambo kuti ngati menyeni, ti wine, tikha wina tidza tongebo Moçambique.

Taperero: Musodja a shaisha waizei?

Antônia John: Akapondwa

Taperero: Kwanga kuno cadeia?

Antônia John: Cadeia wacho ndiwo wakupondwayo

Taperero: Kusahaisha kupe kuaita kuti musodja waponde?

Antônia John: Wanango waibuda kwenga ko bata thui wana thui dhoko kutipandura, ndipo panadzaponde. Madzibaba akha uya kuzo queixar kuwakuro. Zvairambidzua wakuro wakarabidzua. Waiponde panango kufa nakuponde. Muti uku 5 uku 5 Ate huno nyarara wega.

Taperero: Masodja aifunda?

Antônia John: Nda isusu katuko tikafunda rini. Wanango wakafunda isuso tinkha fundarini, kuyepa kudha ipa.

Taperero: Pano pamakambozwa kuti yanga iri we um nyika dzekundze ou mai sentir kuti murikuita hondo yenhu kamare?

Antônia John: Azvona izvo andichazvizi ife tikaziua kurwa basi.

Taperero: Azindji a patiwa kuita masodja?

Antônia John: Sim akaphatiwa ku sena ne ka enda ekua voluntario, akaita kupatiwa mesmo, isuso tika buda com escola ya Thenco pakana gomo penepo, tona ndegue titititti... wechi chitisa masodja isuso toti hona Ndegue iwo pagomo apo, sem ku zia kuti ife tatsvakirwa kare já, to umisua tese, tozona kukhetiwa basi, iwe mira uko, iwe mira uko. Kati bhata tiri vanhu 5 iwo wadhoko wadhoko, totó ende mushango, tokhara techichema tikari wana. Ate tadza dzoreira. Até kwatofambambo mesmo voluntário

Taperero: Pamaka pathuape hapa kamakamboita nzero dza kutiza?

Antônia John: Takati titize ife tabva kuti baba wathu wha phuwa tagwe ratu, antão titize tina khala kupone baba afa, mirai ti kopiri tikare zvikazomala, paka pera kondo takaeda zimbabwe tikabva zimbabwe taka budira muno. Takaida zimbabwe cotsvaka wanamai já.

Taperero: Mutobwe mai onepi?

Antônia John: Tikha menha muma hospital techa tenga não é ife wamuna.

Muita basa,

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: **Celestino Taperero Fernando**

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Zondai Nyasha**

GÊNERO: **Masculino**

ENTREVISTA REALIZADA EM: Bairro Mugame, **Distrito de Guro**

FUNÇÃO NA GUERRILHA: **Guerrilheiro**

Dia 5 de Abril 2021

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Takutanga ne entrevista yedu chekutanga ndaida kuti mutende kugravar entrevista yedu,

Zondai Nyasha: honde gravari, tatenda.

Zondai Nyasha: Chekutaga, ndoda kuzia kuti makapindarini ma Renamo, manga munemakore mangani pamakapinda?

Ine ndikana 22 anos ndidapinda ma Renamo 1982, ndakapidza mu distrito de Guro. Paka abrir zona mu distrito re Guro, yaka abrir zona, yakatanga kutakar pa Mungal, yozobva ipopo yoenda Nyahora - Padzomba, kwakuzoita base kwabirira, ozobva pabirira kwakuoenda Nyatsote 1980 já iyoyo 1982 takazobathua isuso, tozoenda kubase re Mutumba- mandiwe, ndiko kwatakazoita instrução, para kuti ti zie kuti pfuti inoridzua kudai, tozotorwa kuenda ku estrada ye Changara Guro. Ndipo pandakatanga kuita operação. Tanga tiri majovem tanda tisikazi ndebvu, ne zviro zvinoitika, especialmente ndakazo chindja ku 4 setor kure kwendasa ku nyamatongoro kuanga kuna comandante general Bobo, kwakushandanei kwakushanda nae, totó alinharwi

kwenda Tete, ku Nyangawa, kwaka pisa maniga. Saka iwo wakazua kuti kwaiya muzungu waida kumubata muoko, kulonga general Bobo.

Taperero: General Bobo era Muzungu?

Zondai Nyasha: Nada akhari mulato, aidha kumubhata muoko, wakuro wakamudhainza, kwenda ku Gorrogosa, totó mu muperekedza, inini ndoto chindjwa kwakenda ku base re dhema ufe na general Elias, conhecido como kangai nbeu kurima kwaramba,

Taperero: Mabuya kuti Comandante Bobo wanga hari muzungu / ou moçambicano ou estrangeiro?

Zondai Nyasha: Wanga ari we Moçambique mesmo, so kuti não era muzungo era mulato, na kuzua ma informação no povo kuti kwauya muzungu nekuti mushangomu mulato anote muzungu. Por isso akari contra kuda kutaba ne moako, takazoshanda na Elias, conhecido como kangai nbeu kurima kwaramba, to shanda maning até 1983 nguwa wenzara ia. Kwazochidjua inini kakuisa chiridza província ye tete kuna comadante Samuel, nadasenda maning kure até 1983, 1984,1985, kubva ndazobuda ndoienda Maringwe.

Ndakazoshanda manig maringwe 1985 até 1990, ndobva ndazoendeswa ku savana uko, ndobva ndashanda padoko kusavanda! Kusavanda! Kusavanda! Kubva ndachidzwa kenda ku estado maior. 1990 ndipo pandakatanga kurwara já 1991 ndipo pandaka edeswa kumba já. Pakazoitwa ONUMOZ paia 1992 ndanga ndiri kumba já, pandaka so kara mushe, amweni angu anga a pera kuita ma ONUMOZ e madala anga a ku Maputo já.

Pandazopinda muno umu ndikati ndirikuda kushanda na Renamo, ndakazoshanda naio, na nhasi ndiri ku continuar kusenda naio.

Taperero: Kupinda kwamakaita makaitua kubatwa ou kupinda mwega?

Zondai Nyasha: Ndakaita kubatwa mesmo.

Taperero: Hino chinyi chakaita kuti musatize?

Zondai Nyasha: Iwo wakatiti chatirikurwa isuso tiri kurwira democracia, wakati, murikuona loja iyi? Tikati tiri kui ona, akati inizwi chinyi? Tikati inozwi loja do povo, akati mare yacho murikuizwa kwairikenda? Tikati nada, munda wamurikurima, isuso

toda kuramaba izvona, toda kuti umwe na umwe aite, loja yake, munda ywake, zvese izvi ndizvo zvztiri kurwira. Tiri kurwira democracia tosia socialista. Taiswa pa sandraau, zvizwi azvina salário tikazowina munozona mubhairo totó kopirir mesmo wanango wiazotizawo taizozvina kuti azvina interesse kutiza zvirinani ku comprii mesmo.

Taperero: Kutiza wanga wari wajindji?

Zondai Nyasha: Ah... waanga wasiri wajinji, so wajindji wakatiza muna 1983 padhazoitika dzara. Taizo tsvaka malambe, malambe kakuzopera mushando, waitiza wienda Malawi, waiya waka comprir kusvika ndzara yapera

Taperero: Waipa chikafu mu guerrilha ndiani?

Zondai Nyasha: Chikafu se kuti tanga tino povo mushangomo, tanga tina zono wekuti povo yagara livre, tanga tasiyanou nama tula, matula povo aikala nadzo mubase, saka isuso tai khara tekha um base povo dzokhala livre, saka wai proveitario mabjuba edhu ko tsvaka chikafu, phoso rouya mubase, tikhaenda kubasa já tikha proveitar um maladeia pamwe zvi ufu totakurowo teisa musagudu toenda nazvo kuvika kuna povo tobvisa zvimunhu, topa madzitsekuro iwo otipawo zvi ufu,

Taperero: Makazoguma fase yokuita chefe?

Zondai Nyasha: Ndaida kuitha o chefe so kuti i! zvakazoita kuti ma chefu atanga tinawo yaka ikana ekha, waitaura kuti uyu washanda maning, um iseiwo ucheffe.

Taperero: Pamai trenarwi wazungu wai um treinar?

Zondai Nyasha: Nada, wanhu watema kwanga kusina wazungu

Taperero: Wazungu maiso ahona echisvika muma base?

Zondai Nyasha: Hummm! Nada tanaga tisika oni, so wakasvika wa samora muna 1986 ma russo wakati bombardeiar. Makubano echibva mumanja ma Frelimo, wakana samora watinyepera kuti tiri ma buchi man enquanto muna pfuti

Taperero: Ariyo here wakatorwa kwenda ko trenarwi kuna Savimbi?

Zondai Nyasha: Hummm! Nada não sei kumwni kwedhu tika pedzerana tekha tekha.

Taperero: Sekuti munhu washaisa waitonguerwa pamudara ou mwega?

Zondai Nyasha: Haa se zvemunozia makakhara tiga mugero, uka shaisha waitaurwa kuti washaisa porque, wotererwa mushamo woshapurwa. Zvoto perera kudharoko, wopedza otopwa pfuti yako, otaurirwa kuti usashaishezve. Pano anango aita musikazwa kudha kutorera povo wedhu umbe zvaga zvisika tendedzi. População yaenda koti chefe ndatorerwa hembe ndigana. Wabvudzwa kuti unomuziwa akati ndinomuziwa, kwoizwa formatura, oti pangidzira, oto chamboquearwi zvoperera zwakadharo.

Taperero: Ukadzipa musikana waizuei?

Zondai Nyasha: Ukadzipa mukadzi wemunhu e yanga iri mhusva ikuru maning, waiboiswa mu preso mesmo manga muno preso.

Taperero: Preso yacho yanga yakakukutidzua?

Zondai Nyasha: Kchengueta na masodja, yanga yakakukutidzua nezvima uswa, wapiwa chikafu imomo kusvikira mazua ako apere uka pedza otongesa kuti izvi atizvidhi pano. Mutemo wedhu haubvumira kudzipa musikana,, ita kubvundira, mutemo wanga usika bvumi kuti titambe tambe ne asikana. Zvaizwi tika habituar izvi tonozo kanganua basa redhu kuazotenda ku povo. Manga muno mutemo wtsika Ho nekuti pese pataisvika taitanga kubvundza wakuru wepo, pamutanha ipapo togara nawo, pasi pano tinogara sei, aona oto buya kuti mudvimbo muno tino gara kudai kudai, tiri kukumbira toda kuisa base redhu tofamba sei, makasvika mechera bvura mogeza kudai, hapabvumirue kutamba newasikana. Pese patai svika tai embera manja kukukukuk, topinda zvendhu

Taperero: Wana mambo waimubatsira?

Zondai Nyasha: Watibatsirawo na nyaia wchikafo chatara chiaya, mabjuba edhu akatsvika chikafu aisvikira pa mambo pale, wa mamabo wale anozotsvika wana weakomana ne wasikana kuti watakure asikana kuti waendese kubasi, mabjuba wanga wasikapindi mubase, chaiuganidziwa pa controle.

Taperero: Kuti wizui mabroko manhiko?

Zondai Nyasha: Ndiwo ndiwo nema madjibaiyo, broco ndiwe waiti wazwa informação kuakugogoma kuati epa ndazwa informação yema inimigo.

Taperero: Maita matsarirei mabjiba?

Zondai Nyasha: Ah... taiona nama basa ake maitire ake kuakite uyu merece nekugwarira kwakaita. Ne coragem yanga arinawo, nekuti amweni mabjuba anga ane coragem kudharika masodja wanga wano coragem mesmo, isu to ona kuti merece kuita mabroco ou mudjibas, wamwe wai svika gondola mesmo echitsvaka chikafo um povo, ate kwa mambo.

Taperero: Mabjuba ai recrutar vanhu?

Zondai Nyasha: Eh waita tikati tsvaka, ma jovem, jovem, wanago waibatua na chisinba wenango wanga wasingadhe eto uya nawo; manjuba wanga wasikatendedzi kupinda paushodja porque ndiwo waiti batsira.

Taperero: Kuiti wana mambo wai recrutar here?

Zondai Nyasha: Mabjuba waiti a recrutar mashodja, waiuya kuzogadzika pa mamabo pare, mabjuba anango ochegweta, opedza o uya nawo ku base.

Taperero: Makabozua zita ra magalhaes kuti waimupa fardamento?

Zondai Nyasha: Ah... nada, nada, hatina kuboqviona

Taperero: Kuti igreja católica raimubatsira?

Zondai Nyasha: Hummm, nada so pena pamwe mudala ndie waizia secreto kuti Ngana anotibatsira. Ma padre wanga wasinga sviki ba. Tega, tega tikha namatambo, wanago, wainamata zion, católica, tai namata mesmo.

Taperero: Wai fuzilarwi inonga washaishei, kuwanga kuno mutemo wkufuzilar?

Zondai Nyasha: Ikangue washaisha, waizoguma ku fuzilarwi kunyangwe wa uraia povo, povo urikumwa dhoru iwe wosvika otomufura, apo waitonguerwa kufa mesmo. Não era tanto nada.

Taperero: Mukanga muiro kuzona kwekuti povo haisi yenu matora sei chikafo?

Zondai Nyasha: População yanga isiri zona yendhu, taipinda mumaminda taisvika tozvitora porque hondo y hondo totora totó pinda hedhu.

Taperero: Maizozia sei kuti iwi ndi povo yedhu?

Zondai Nyasha: Totó passear nawo, waka bika Dhoro waitidhainzawo,

Taperero: Kuti povo wekumaldeia yanga iri yenu?

Zondai Nyasha: iii... nada ,kana taedhako isuso tanga tisikaiti estrago porque mutemo wanga usikabvumir. Waiti isusu tiri kurwira povo, saka pvo ia djai não pode kushaisha.

Taperero: Política wakataga rini? Pano vanhu waita política?

Zondai Nyasha: Pano vanhu waifamba echita política, waidaidzwa kuti... ma comissário pano zita rawaidhaidzua futi, wai famba echi buyia kuti madzi baba ne wamae isusu tiri kurwira kuti iwiwi muone rusununguko. Nekuti nguwa ya samora waitoruwa maning madzimai echienda ko gara musango. Kareko tanga tisina loja coletiva, machamba do povo, cada munhu waita zvanodha, tiri kurwira kuti, uyu a rime munda wake, mombe dzake, zviro zvake ndizvo zvatiri kurwira.

Taperero: Masodja a formarwiwo política?

Zondai Nyasha: Sim machibesi tai pinda pa sandramão.

Taperero: Waizi Sandramão?

Zondai Nyasha: Sim, pa formatura, pai ridzua pito sviriri. Totó gara pasi, tainde pamweni kupatrolha depois tika petuka

Taperero: Ku Guro neku tete, pano ma jovem aiyuia ega?

Zondai Nyasha: Ya aka uyia maning, wajindji tai dzosera porque mutemo wanga usikatendi kuti waiya totó tora to treinar. Tachoterwa tazotaura kuti wanodha waia ngauwe, so que waiuya achoma awene toita ekubata.

Mwaita basa.

Tatenda.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS**FICHA TÉCNICA**AUTORIA DE: **Celestino Taperero Fernando****INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE**NOME: **Jeremias Gimo**

IDADE: 57 anos

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): **Gôndola**ESCOLARIDADE/PROFISSÃO. **Enfermeira da Guerrilha****INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA**

DATA: 01 de abril de 2021

LOCAL: **Gondola**

DURAÇÃO: 30 minutos

ENTREVISTA REALIZADA EM: Bairro Mugabe, Distrito de Gondola

FUNÇÃO NA GUERRILHA: Guerrilheiro

Dia 5 de Abril 2021

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Takutanga ne entrevista yedu chekutanga ndaida kuti mutende kugravar entrevista yedu,

Jeremias Gimo: vakanaka, honde gravari, mwaita basa.

Taperero: Chekutaga, ndoda kuzia kuti makapindarini ma Renamo, manga munemakore mangani pamakapinda?

Jeremias Gimo: Inini ndakapinda ndakazua zvokubatua, ndakapondira ku mbrawa via ye Gorongosa, kubira ponte, tiri kwenda ku cruzamento wechitengo, tikari panyumba

inini na mae mukuro, akaguma akomana aiya akati imwi murikuitei pano? Tika nada tasara pono wana mamã wabudha kuenda kotsvaka maneira ekuita. Totorwa inini na maimukuro aya já mu 1982, wakati torai modhoko uyu muenda nai kusaiti iri, motorao mukuru uyu moisa kudi iri, nekuti inini ndanga ndaka grossar padhoko. Inini ndaga dino kuase 14 a 15 anos takatorwa ine pano na chefe uwe waidaidza mahacha.

Hapene kuti ndotaura zineiro? Taurai nekuti arimo mumabuto, ok, takatorana nao, toenda kunyanhanya, tuna mutunhu umwene uai ndaidza tika, era regulo waize tika, tosvika penepo tobikirwa sadza, waidhaidza mutuno watika, Nyamhanya, kuniguia Bwemaria. Então tapera penepo tabhuda kwenada mucheu, tobhuda Mhcheu naie base chefu wedhu, toenda até nhandjira, ndipo panga pana comadante waidhaidza João, so k a intenção ikana inini já k pha Mbrawa ndai gara pha natia, mamã akadhabuda kare, akagara kunu ku Dzembe já ki akana mucoma akona akha gara kudzembe kuno, ine ndika tsvaka forma we como ndigume ku Chimoio kuno, podinda tese uko.

Taperero: Manga murikudha kutiza já?

Jeremias Gimo: Nada tiri tese, basi faz iwena wnaga akagara tinga chefe das operações então tiri pamwpo basi taka guma ate Ushamba, taguma ushamba akati agora como, ndikati kutoita treno, já pa Chinda pakana extruturo aka dhaidza Isabel na Richard, era ma instrutor mair, mwamuna nemu kadzi.

Taperero: Wanga wari wazungo ou vanhu vatema?

Jeremias Gimo: Vatema, então ndipo kupinda pha treino paia, kupedza, tazobatana na chefe waidaidza Jemusse Rambani era chefe da informação ndiye waifamba echidziwa kuiti takafamba tino bhudha kudhai,

Taperero: Era mudjiba?

Jeremias Gimo: Nada era mu tropa mesmo, então ndiwe wandi ku proveitar kubvundza masoko ki quitai bairro X raka Gara sei, nda tsvaka kubata família dzia já. Porque o interessado yando era kubata família dzia kuti dziri kugara kupi. Ndotanga kushanda naiwe chefe Jemusse Rambani, tai Fundiswa ndi Comadante Timóteo ndie waiti fundisa como capturar pessoa, como usar senha porque senha já era vasto para kuzia kuti uyu Ngwati mukasvika mu maldeia. Entao tasendza não ate muno 1990 pakabuiwa pai kuti buiwa kuti para kudha kuiza desmobilização mu 1992.

Mu 1991 ndakabuda kuenda ko onana na família, pandakabuda kwenda konana na família dzia, pazoizwa já desmobilização mamasure wakati a andzako wopera kutorwa. Waenda kukadismobilizarwi, ine pano ndadikara ndisina kudismobilizarwi, ndadza recorrer tinha kudzagara, delegado umweni akari um bairro 5 era warenamo então tinha iye wandibvundza kuti kara como membro, to uya tese ku posto tozvosvika kuposto kuno tozo gara como chefe de assuntos sociais para controlar outros desmobilizados.

Taperero: Kupinda kwamakita imwimwi como maikaita zvekubatwa chinyi chakaita kuti muzatize?

Jeremias Gimo: Porque iwo akandibvundza kuti iwewe nem vale pena kutiza porque muno muri seguro, isuso chatirikurwa manig, kuti musa oneke disviolação (queria dizer violação) por que as vezes mocambique, ponago chidokodhoko urikuto uraiwa, as vezes família dzimwene dzaibhatana ne dhambudziko dzaipindzua mumaldeia, agora aona akandibvunda kuti garamuno tirikurwira izvona, nezviazvia zve munda we povo, kumida kunenda iyo hamuionizve. Ndakazvozvi kuti izvi ndi violação, ai ndakati ndodha kurwisa kuti izvi zvipere pamweni tekawina povo inogara bhoo.

Taperero: Então zvirikutaura kuti chaimushingisa ngezvekuti tirikuda kupedza ne munda we povo, ma aldeia, ma guia?

Jeremias Gimo: Ndizvo izvenezvo, ndaizoshinga já porque ndai ona kuti idhambudziko, por isso ndaramba techirwisana para kuti zvichapera.

Taperero: Kuti zvaitaruwa zvia kuti murikusendzera zimbabwe manga musika zizi izvona?

Jeremias Gimo: Nada,

Taperero: Makasendzera muduze ne muchimio muno?

Jeremias Gimo: Sim

Taperero: Neiko manga musika atacar minda iya Magalhães, waimupa ma fardamento?

Jeremias Gimo: Nada izvona izvo indizizi ne.

Taperero: Maregulo waimubatsirei?

Jeremias Gimo: Isuso maregulo tikana secção, chikwata, ana mubjiba ndiwo waihamba muiya echikumbira chikafu, ana mambo aitipasa chikafu tikakumbira. Basta mukasvika, mechite tiri wana wenhu tiri kurwisa kuti zviro zvinake waiti passa.

Taperero: Kuti munhu waite mudjibas waitsarwa sei? Mudjibas muno wekonfiança wai onekua sei? Masodja ai tsara here kanakuti wai uiya ega?

Jeremias Gimo: Para kuti aite mudjiba, primeira coisa kunotumwa masodja, ndiwo anenda ko capturar majovem ouya ogarwa nao pasi achibvudza kuti iwe basa renhu munoenda ko kumbira phoso mechiuya naro pano. Tiri kuenda ku combate iwona taiaisa sure paizwa assalto iwona wathara motoro, ndakubaya segredo.

Taperero: Kuti igreja católica raimubatsira here?

Jeremias Gimo: Penepo paka isusopo, não era tanto nada. Padre hazikusvika nada. Zvaita utilizar maning ndizvo zveku ajoelhar to embera manja. Tokubira kuti tibatsirei te fambe zvakanaka, ta wirira to svikazve ipona to embera mandja.

Taperero: Taperero: Pano pamakambo sentir abandonado pelo líder?

Jeremias Gimo: Hii! Nada uya ndie waidha maning masodja, uya masodja waiyada maning ne pa centramão a guma kamare, aiti Nyoanji tinodikua kuti ti batane kamare e wai dar política kuti tiri kurwira kudai kuti tegare kudai kudai izvi zvipere, corropção, maldeia, guia de marcha, minda ye povo. Zvese ai dhudza mesmo, por isso, isusu taigara takashinga.

Taperero: Ku sobja waipunirwi unonga washaisha chinyi?

Jeremias Gimo: Ukabvudzua kuti namasi tinamissa, porque ariko anango akana mafioso iwe wobhudha kenda ko ita brincadeira dzako, opetuka wosvikira wamwe ako waenda ou wo svikira fora de organização, waipunirwi kuti zvisa itike izvona izvi.

Taperero: Wadzipa mukadzi wemunhu waizi?

Jeremias Gimo: Waipondua, waipunirwi. Iwona waito buya kuti urimuno proteger wanhu ako. Tathia kuti wanozoti masodja x marikutita zvakati, e iwona ndiwo waitipa zvekurwa.

Taperero: Azungo aisvika maning kumupasa ordem ou kumutreinam?

Jeremias Gimo: Andikaonipi, isuso tanga tiri manegro basi.

Taperero: Pano aibhuda kwenda ko treinarwi ndi Savimbi?

Jeremias Gimo: Já que faz de conta pamushamba pakanna isupo, já que paiguma amweni, por que anhu aigurima ipona, esse aibva kuma base amweni ai zororera ipona, taidozua kuti uyo wauya, kusobvunda kuti wabvepi zvaga zvisikaite.

Taperero: Mabata majovem, kwaipedza mazua mangani kuti apuwe pfuti?

Jeremias Gimo: Primeiro muno guma, moita tigana experiencia, pamweni munotorua na masodja kutsvaka tsvaka zvihuni , ozoenkwa kuti uyu wakatsiga, opedza ipona waikandwa um treino, e wobikua na politica e kupedza apona ozo piwa pfuti.

Taperero: Waipedza mazua mangani? Wapedza kana 6 meses?

Jeremias Gimo: Até 3 meses uri ku classificarwi, nae kuti bururu, Riso, Riso.

Taperero: Maizizia sei kuti povo ngedyedu?

Jeremias Gimo: Porque yaigara paduze ne isuso, e ndiwo wataifambira, tika ona kuti i povo iri mu maldeia isu tai enda toi tizisa e totora comida topetuka, Riso, riso.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: Celestino Taperero Fernando

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: Tendai Semo

IDADE: 78 anos

GÊNERO: **Masculino**

LOCAL DE NASCIMENTO (se relevante à pesquisa): Munyinga – Sussundenga

ESCOLARIDADE/PROFISSÃO: **Guerrilheiro**

ENDEREÇO: **Manica**

INFORMAÇÕES SOBRE A ENTREVISTA

DATA: 06 de abril de 2021

LOCAL: **Manica**

DURAÇÃO: 30 minutos

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Takutanga ne entrevista yedu chekutanga ndaida kuti mutende kugravar entrevista yedu,

Tendai Semo: vakanaka, honde gravari, mwaita basa.

Taperero: Chekutaga, ndoda kuzia kuti makapindarini ma Renamo, manga munemakore mangani pamakapinda?

Tendai Semo: Inini ndaka pinda ma Renamo no 1977, mês de fevereiro, ndanga ndino 18 anos ndanga ndir kubva ku distrito re Sussundenga ndanga nde chienda ku munyinga -2, taka sogana ponozwi Pamusesua, akati urikubvepi ndikati ah ndiri kubva um distrito

re Sussundenga akati zvingaita here kuti tibatsirane basa redhu ratiri kuita. Inini ndakakorwa nem como ndonotinyi, inini ndakati ndinotendera zvemuno buya, akati ok iwewe tichaenda tese tobatsirana mabasa edhu ratirikuita, ndkati ah zvakana, totó torana toenda, takasvika takatambirwa zvakana akuna kutukana. Totanga basaria já tereno não terreno, tagara 6 mese tisati tanda ku combate.

Taperero: Ah yanga isati watanga honde?

Tendai Semo: Ah, ah, yanga yatotanga, so que taka trenar togara 6 meses tapedza matéria, kusati kwane situação yasvika kweneke, tokazoti pa Sembezia, takazua kuti Sembezia arikuya macabus, ngatiende ko defender povo, isu tobva taida kweneio. Taibva ne base Re Pamukute ku Dzimurwi, primeiro combate yandakaita inini logo sofri, ndaka furwa apa, tanga tina chefe waizwi jequissene kubva andibaya, akandi preparar bom ndoto gara mwenemo, akanditi azviti kuenda kumba nekuti muno mabasa maning, ndai gara ndechiconsiderarwi como deficiente akati azviti kupetuka kumba nekuti unozosofrer kenewo, ndakagara mwenemo 1977 ate 1986, logo pakazouya mabombardeamente, kumbuto katai gara kuya kamunyinga 2, kuri ku recrutar vanhu kuedesa ku maldeia, inini kwato sara ndakagara kweneyo mudzimai wato uya.

Agora ndakazoto ndodha kwenda ko ona mudzima wai rwara, neka mwana, kusvika kwandakaita akati wauya mwamuna wemwana kadzi uya, akati azvichaiti kuti upetuke, porque atizi kuti wauya ko ona mukadzi wako ou wauya koita reconhecimento, inini ndikati nunca mais, ndoto gara ndakadharoko, ndakazoti 1994 inini kwatopinda kunga membro, ngada dai sendzera mo vanduzi yanga iri manica, na delegado waka suquestrarwi kwaku pondwa waizwi Zimbonda.

Taperero: Pamakapinda apo chinyi chakamukondzera kuti musatize?

Tendai Semo: Inini chakandita kuti, kundi encorajar é política, yandakapuwa, weki munona zvatorikuday izvi, indha yekuti. Eh pano política wekutanga yatakatanga kuzwa, nge vanhu akaizwa evacuação, ye madzimai aizwi mahure, mahure, mahure, echitorwa chienda kokandwa ku Niassa, comandante Andre ndiwe wakatanga kurei, echizosungwa. Saka política iyi yaka encorajar kuti ndisa tize nekuti dzimwe hama dzandai zia dzankange dzakasunguao. Política wakanaka, saka zviru nani kutentar kurwsa pamweni tingakonisa kusunugura wakasungwa hama dzedhu.

Taperero: Pamaka trenarwi maka trenarwi ne azungu here?

Tendai Semo: Inini wakanditrenar vanhu watema.

Taperero: Makambo sangana na André Matsangaissa?

Tendai Semo: Na Andre hoo, nepanyumba pake nopazia, kutanguira kwana mhondoro kuya

Taperero: Mazua waifamba waifamba ne azungu o vatema?

Tendai Semo: Hummm hadizi kubomuona neazungu, não sei kuti pakauya kutizitariko ana hake kufamba neazungu. Hapeno kuti waifamba ne azungu.

Taperero: Ana mambo chinyi chamubatsira?

Tendai Semo: Por exemplo katanga tiri Adzimurwi como isuso tanga tiri mukati, taizwa echibatsira nechikafo, chakafo chaiundzua chechisiwa kwamambo kozo tumwa vanhu kwenda ko torwa. Amwene aienda ko sia pa samutanha kubetsa masodja como hana tempo eku tsvaka chikafo.

Taperero: Vanhu waimutsira ngei?

Tendai Semo: Isuso taizwi manofamba mo povo umo, umweni waite sesa, umweni wobvundza masoko, ukazwa pergunta dzinobva mwenemo, woa explicar política dzamuri kufambira.

Taperero: Yanga iri yei política yacho?

Tendai Semo: Politika yanga iripo nekuti munona ne madoda ekare kare makuzi, trenari kuti mu ite ma milicia, murwise mhandu agora tsekuro zvamadharo machazvikona, panhumba munozwi mukadzi ne mwamuna moita masodja. Muchazvikanisa zvenzvo? Akati hiii isusu atichazvikanisi. Onai vanhu wese warikuendesua ku maldeia, tese tikaenda kogara mu maldeia, umwe uno mbudzi, nhombe, hini dhanga rinoita here kugara mu maldeia. Munda, tem kubva kure wechienda ko gara mu maldeia. Nguawa yauno bhuda kweneko matedhe atopedza kurwia izvona izvi zvirikutinetsa

Taperero: Kuti makereke aimubatsira chinyi?

Tendai Semo: Makareke, haaaa, hapana pandakaona kuti panga pano ma churches ai svika echiti tinomubatsira izvi tino mubatsira izvi. Kuti aikonisa kubatana hao arikundze echiendesa kuamabo zvechizvo svika kuma sodja izvozvo andichazi

Taperero: Orlando Cristina makabomuona here?

Tendai Semo: Hendina kubomuona

Taperero: Makaendao here ko trenarwi kwa Odzi?

Tendai Semo: Haaa, hadina inini ndaka trenarwi kamahunde

Taperero: Anga aripo akatrenarwi kwa odzi?

Tendai Semo: Hooo, anga aripo,

Taperero: Maizia sei kuti io povo ngedhu iyo haisiri yedhu?

Tendai Semo: Zvaibati sobre ye apoio, waramba hati ku obrigar, kana ari macheffe akubira muriwo, wamwe waibata mbudzi achiti endai mo batsirika, amwene aramba.

Taperero: Masodja maita wekubata, waipedza mazuwa mangani kuti apuwe pfuti?

Tendai Semo: Inini ndakaita 6 meses, unonga wechida kuonekwa kuti wakatsika here, kana nemataurire wako ne vanhu wamwene, kuiti izvi kundozvita ngekumanikidza, inini andizvidhi hangu.

Taperero: Pano pamakambo funga kudha kutiza?

Tendai Semo: Handina kuzvifunga porque, mhuri dzese ndzanga dziri kweneio, mazua azvo zvaicupa porque akazi wavharirwa kumaridia avharirwa kumaldeia.

Taperero: Vanhu ekwamavita aifarir, sekuti anhu aidha maning zvekuzimbabwe?

Tendai Semo: Aí farira. Mesmo mawana wamagaka Elias waka combater maning,

Taperero: Pfuti dzaibvepi?

Tendai Semo: Penepo, para inini handizvizi kuti dziri kutengwa kupi kana kuti dziri kubvepi.

Taperero: Ndaiti Smith wamupa pfuti?

Tendai Semo: Humm kuti ndi Smith hatina kumbozvita urirwa, hameno kuti zvauya zvaindo fira kuma cheffe, mas ku svika mudze mangu kuti takadzitambira na Smith nada.

Taperero: Ukabata chibaro waizi mwanakadzi?

Tendai Semo: Mutemo wanga uripo fanika isusu masodza obuda wenda ko bata chibaro, mukadzi wemunhu kana wari musikana, kuti wamudha oto ita zve verdade, não kuita zvekudzipa.

Tapero: Andre pamakaonana naye maibuya nezve política ou wataura nezve usodja basi?

Tendai Semo: Waibuya, echiti warumme zvamikitiona tirikudhai uko idhambudziko ratir naro, zvino chupa zvino rwadza, amunona esse arikutonga aiya zvakatanga nekudhai ngati rwise mazua atinoga tasunuguka tino ona hupenhu wakanata. Echi contar kuti tikanga ta sunuguka tino ramama kudai, mwana wako wakuda kusendza avharirwi basa kuti uyu não merece

Tapero: Saka zvinotarwa zvia kuti azungu asvika ichiti itai izvi izvi kunyepa?

Tendai Semo: Ya, inini magari andakaita mubasa ndai sendza basi, dai controlar panogue para kuizwa mai encontro pai nekuti ndinoga diri kuchanda basa zijindzi zvaituarwa kuaya kuya ndaizvizva zvimweni nada. Zve azungu kuzwa ndazwa hasai kuti pane pandakanyase kuwaona ndada.

Mwaita basa.

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: **Celestino Taperero Fernando**

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: Simão Manuel Mupinda

Dia 07 de Abril 2021

ENDEREÇO DA ENTREVISTA: **Distrito de Buzi**

FUNÇÃO NA GUERRILHA: **Guerrilheiro**

IDADE: 79 ANOS

GÊNERO: **Masculino**

Dia 07 de Abril 2021

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Takutanga ne entrevista yedu chekutanga ndaida kuti mutende kugravar entrevista yedu.

Simão Manuel Mupinda: Zvakanaka.

Taperero: Chekutanga ndinodha kuzia kuti makapinda rini ma Renamo e manga mune mangani?

Simão Manuel Mupinda: Kwa renamo? Musodja? Ndanga ndino 35 ano, gore re 1977, ndakapindira kwa Gurudja, sofala ndakaitua zvekubatua, obrigatório mesmo, panga pano base pairumwa maning anhu nenyoka, paizwi Pachimwamba, iponapo takarimira toita zvese, poto uya ndegue, panga pano comandante Basikoro, Mabachi, wana Manguledje, ipona ndipo pai wira zvese papo.

Tiri ipona totoita instrução, tapedza kutamba, toenda Kamakorokosho, taguma kamaKorokosho, togarepo, tanga tina comandante sete, tagarepo tozoketwa, ndi

comandante Armando, na comandate Djakata, isso takazoenda ko gara pa Mutindir, kwachizizura, ko dzirira waibudha echienda ko pisa munda ne Nyumba ye povo.

Taperero: Ani?

Simão Manuel Mupinda: Masodja eh Frelimo, muzi ye povo kuri kupisa, komida ye povo kuri kupisa. Entao iponapo ndipo patakozoti tapedja, kwapera nguwa wekufa kwa André Matsangaissa, kodirwa Dlhakama, takazoneka talutar maning pamukwadjipo pa Mutindir Pachizizira

Taperero: Pachizizira ngepapi apa, pa gorongosa?

Simão Manuel Mupinda: Nada hipona ka Guludja,

Taperero: Tsekuro, Makamuona here Matsangaissa?

Simão Manuel Mupinda: Matsangaissa takamuona.

Taperero: Makagaranae here?

Simão Manuel Mupinda: Tatagaranei ipona paifundwa Sawani pa Guludja, kwaibva ndege dzechiwira ipapo.

Taperero: Dzaibvepi?

Simão Manuel Mupinda: Dzaibva ku Africa do Sul, dzechi whirira, paraquedista waibva africa do sul waidonha ipapo.

Taperero: Então imwimwi, makaternarwi ne azungo ou watema?

Simão Manuel Mupinda: Ndakaona vanhu watema.

Taperero: Mazua wamakatrenarwio Dhlakama wanga wa chefe ou manga muri amweamweo?

Simão Manuel Mupinda: Dhlakama wanga wari comandante,

Taperero: E André?

Simão Manuel Mupinda: Wanga hari chefe.

Taperero: Azungu waiuya maning mubasimo?

Simão Manuel Mupinda: Nada, isuso taiona tega waiuya pakati peusiko kuya ko dira matrial, yopetukazve, Hapana waibuya nawo, waibuya nemadzichefu basi”.

Taperero: Kubatwa kamakaita chinyi chakaita kuti musatize?

Simão Manuel Mupinda: Chakaita kuti tisatize? Tai comprir.

Taperero: Chakasaka kuti um comprir kudha kweny basi ou pana kuti panochimwe?

Simão Manuel Mupinda: Chakozoti ndi comprir, chakazondinyangadza maning, inini ndangandino Guina rango, moagem wekukwiya uya entao vanthu, wanga waripo wogogomerwa nge frelimo, kwakupisa guineiro. Mazoa acho ndanga ndisati nda musodja. Ngokutozo ona iwona aguma ndikati ndichadha kugarirei inini zvirovangu zvapera kupisua, akandibata kwakutopinda. Ndoto cumprir kuti zviro zvipere ate agora.

Taperero: Agora Tsekuro, madzimambo sofala ai batsirei?

Simão Manuel Mupinda: Madzimambo tisu takazoa dhira, nekuti madzimambo aka gogomerua ndi Frelimo Akuchina umambo amweni aidzisurira nekuthi kufa. Zvetakasogumou isusu toto azviti, Caitano zvanga arimuno wakagumira madzimambo diwo wanga wari madzibaba edhu, tisu takadhira madzimambo. Frelimo zviro, kuti vanhu wapera kutidha , umambo bekwenda ko namata, zvese wanga wasikanamati, madzimambo wanga wasika shandi, madzimo wanga wari ma secretário, saka ndipo pakati farira ndipona.

Taperero: André Matsangaissa waibuei kuti majovem arabe echienda ma renamo?

Simão Manuel Mupinda: André Matsangaissa... majovem akazviona kuti, kushupika kwanga kwaitika magwasha, waidha kufamba e guia de marcha, usina guia de marcha apana kwa ienda, nem bilhete. Zvakanetsa maning amweni eibatha echizua milícias ukuramba waipondwa, waenda kumaminda akati waenda kowabikira. Etenda ikona kwatai bata basa akati zviru nani kurwisa ate kuwakunda. Zvakandika kwakugara até teenda kozva kuti André Matsangaissa wafa. To dira Dlhakama.

Taperero: Pabatha rakafa André Matsangaissa Manga muripo?

Simão Manuel Mupinda: Inini ndanga ndiri kaguludza, ndakazua kuti chefu wafa.

Taperero: Pamakazua kuti chefe hamuzi kutha here kuti chefe wafa waitonga kwakuda kutiza?

Simão Manuel Mupinda: Nada, waiwe sure kwake ndi Dlhakama, tikati unofanikira ndiani wakaketa Dlhakama,

Taperero: Makavota?

Simão Manuel Mupinda: Takavota mugwashemo,

Taperero: Pane umweni waidhawo?

Simão Manuel Mupinda: Nada hapana isusu ndiwe wataka ona kuti wakabata, nekuti wanga wakatererana, ndiwo wakafundar.

Taperero: Imwimwi manga ma munhu mukuro mazua achoo manga mano 30 makadhini kuti ndirikudhawo ucheffe?

Simão Manuel Mupinda: I nada, ndanga ndakatoita kajovewo, tai terera mutemo, zvaibatalo taizviona kuti zvakanaka,

Taperero: Tsekuro chinyi chaidhakadza maning chaimusinguusa?

Simão Manuel Mupinda: Chaidakadza mukatimo chaitishinguisa idhambudzuko.

Taperero: Rei?

Simão Manuel Mupinda: Raititira Frelimo nyumba dzaipisua dez povo, madimai aigogomerwa, wamweni wapakidzwa echienda nyika dzimweni, toshinga kuti nyika yashata ndizvo zvakatitabudza maning, tikati zvirinani kuti tirwise izvi zvipere. Odikana guia de marcha Nyika iri yako... tsvakadi takashanda tikaziu akuchina hondo. Takaona toto pakirawo zvakana guia de marcha atichariwoni. Zvino zvasiana nezvataita, taiti kudha kugura guandza taitanga kusota uku ne uku kwakutiza.

Taperero: Mukanga muri musodja maipundwa unoga wadini? Ngeupi mutemo wairamba dzakama?

Simão Manuel Mupinda: Metemo wairamba newekuti mukaguena ku povo musaenda ko tora mudzi wepovo, iwiwi muri masodja, fambai mochionerera basi Tsvakadhi akawona zvakanaka anozoti a ona mafarinha azoti muzukuro torai izvi, nekuti taidaidzwa kuti tiri azukulu, azukulu airwisa kuti nyika wedhu inake. Pakungena pakaita frelimo wakadira munda wepovo, kwenda ku loja madhikwana kumboenda ko rimarima, so mantigo combatente waitega asika miri pha bicha. Zvezakazozui isusu tagumalo povo wakadhakala nekuti yakazoperuka mumamuzi yaiyo, yorimawo yo pfuia huku, mamabairro umu, ai tora mbudzi, huku o diwanisa akati azvisi zvakopi ngezvepovo.

Taperero: Nyanga dzaisebzei, manga makabatana pahondo?

Simão Manuel Mupinda: Nyanga, nekuti samora yaiti nyanga adzishandi, isusu, nyanga ngadzishande, vanhu wanonamata nganamate. Madzimambo madzichefe akona magari amaita na Caitano garai kudaro.

Taperero: Política wakatanga na André Matsangaissa ou Dlhakama?

Simão Manuel Mupinda: Nyakatanga na André e haiwa dzakama.

Taperero: Kutanga kupinda muna 1977 kwanga kwane político ou guerilha basi?

Simão Manuel Mupinda: Tanga tiri maguerrilheiro tega tega.

Taperero: Ma comissário política akatanga rini?

Simão Manuel Mupinda: Ma comissário político ainga aripo kwete mukatimo, anga ari kupovo, tai bvundza povo kuti isusu zvatinotha, zvekorimisa munhu atidi, guia de marcha hatidi, munhu wese ngaende kumba kogara kumathere kunozwikuya kumathere aende korima. Kopfuia huku dzawo. População yakaziti imwimwi chamuno farira henhu tubvundzei. Kwakazoita hondo wakashupha maning população kwakusimara masaku, manji waitidha basi. Taite taenda kowana zvimasakuzvo ne zvimachira techaiapedjawa iwona echitora komida echitipekedjawa. Basa rechifamba,

Taperero: Mukanga muri musodja vapondwa unonga wadini? Neupu mutemo wairamba Andre na Dhlakama kuti musodja asaite?

Simão Manuel Mupinda: Mutemos vairamba, vairamba kuti mukaguena ku povo musaenda katora mukadzi we povo, imwimwi murimasodja, fambai mechionerera basi, tsvakadhi nekugara nekuonerera zvataita, pode, pode kuona zvimufarina, kwakuti muzukuro uyu, nekuti taidzwa azukuro. Taizwi azukuro varikurwisa kuti nyaka yedu inake.

Taperero: Chikafo ndiane waimupasa?

Simão Manuel Mupinda: Madjimambo watananga waiya, watakati shandai zvamaita na kaitano iwona wakaunganidjana akati tingaiti wazukulu aya nekuti zvatai chemera ndizvona izvi torima topfuia huku akati nada ngatie batsire ate kupera ke hondo madzimambo waitibatsira.

Taperero: Waibatwa waipedza mazua mangani kuti waite musodja?

Simão Manuel Mupinda: Zaizwa kubatwa, waibatua ogara mubase, wagumemo waiti nguwa wakana wokorwa waipuwa sadza asingazvizi kuti comideio wafambisa kudhini.

Taperero: Kukura kwenyu, maiona ajindji achiuya nekudha kwawo?

Simão Manuel Mupinda: Kwanga kusina taitoita zvekutobata kamare

Taperero: Akadzi waibathua chibaro here?

Simão Manuel Mupinda: Wanakadzi wakatorua oita ma DF, masodja habviri kuwa mexer. Akazvita wanoponda, musoda basarake tiri muno kurwa ne pfuti. Wanakadzi watithuarira material, musodja haiti kubata.

Taperero: Waizozwi washaisa ozotoguerua kufa unoga washaishei e zvaitika maning here?

Simão Manuel Mupinda: Kwedhuwo zvaitika maji azvisaitika maning. Waiti ukauraia povo waitonguerwa kufa. Pasitona kamare hapatona. Ukazikwana kuti wauraia povo waitourawa.

Taperero: Fardamento dzaibudhepi?

Simão Manuel Mupinda: Ummmm fardamento kwedzaipuda, zvaizikana nge machefu.

Taperero: Pfuti maidzionaepi?

Simão Manuel Mupinda: Azvibviri kubvudzisa

Mwaita basa

Tatenda zvikuro

NÚCLEO DE PESQUISA EM HISTÓRIA ORAL-PUCRS

FICHA TÉCNICA

AUTORIA DE: **Celestino Taperero Fernando**

INFORMAÇÕES SOBRE O DEPOENTE

NOME: **Maria João**

Dia 08 de Abril 2021

Entrevista realizada em: Distrito de Chibabava

Função na guerrilha: **Guerrilheiro**

Dia 08 de Abril 2021

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Taperero: Takutanga ne entrevista yedu chekutanga ndaida kuti mutende kugravar entrevista yedu.

Taperero: Chekutanga ndinodha kuzia kuti makapinda rini ma Renamo e manga mune mangani?

Maria João: Ndanga ndino 15 anos, gore ra 1977, ndakabatirwa ku Mangomore, Sofala.

Taperero: Maibvepi?

Maria João: Taitobva mumaminda, totosongana nawo, waidhaindza kuti wazukulu. Waiti akaguma pamuzi waiti makadini tsekuru nana mbuya. Tobatwa toenda ku base rema Tondo,

Taperero: Wakamutrenarisi vanhu watema ou warungu?

Maria João: Vanhu watema kamare.

Taperero: Andre Matsangaissa makamuona here?

Maria João: Hoo takamuona, kakawanda.

Taperero: Waihamba nani?

Maria João: Wafamba na Afonso wa Mangunde, inyena wanga ari grupo rai gara na kachibavava (Chibabava) isusu taigara Pamagomere Takasota Buzi.

Taperero: Chinyi chakasaka kuti musatize?

Maria João: Hi.. taka funga kuti tikatiza tinobatwa futi iwona atondha vanhu wakadhokoka. Mu basimo patakapedza treno tokafamamba toenda kanhengeni. Kuno torwa munyu kuiya toenda kotwara munyu touiya nawo kumabase para ku lunga, manji isusu hatizi kupindemo. Toguma ikona togara mumazona, wekumazona kweneiyo ndiwo wataikumbira. Waititorera. Atizi kuda kutiza netukuti kuno wamweni vaid a kutita murwo

Taperero: Waimupasa chikafo ndiani?

Maria João: Chaiuya newaibuda, waikoka grupo rinofamba rechikumbira, wowiya nacho wasvika oenda mumakozinha. Chikandoperazve ndizvozvo basi.

Taperero: Kutu madzimambo waimubatsira chinyi?

Maria João: Madzimambo waibatsira nge comida mumazona mawo

Taperero: Pano mazua amakawona André achifamba ne azungu?

Maria João: Kwedhuyo atizi kuwawona wakapindira nge dhi re Muxungue. Viagem yewazingu akapindira nge Muxungue.

Taperero: Ana mudjiba aitsarwa sei?

Maria João: Anamubjiba maiti mukaguma pamuzi moreka kutizua, nekuti amweni waitiza, mazogumira chefe yawo anozia zoneiyo, ndiwo unozomuka echimupanguidza mokupuwa comida. Wanothala kubvapano ate cidade wo tambirwa wotwarawo wamweni. Wakuguma ku base wanopetudza, hapindi um base. Wana mudjiba wanga wasikatendzwi kupinda mubase. Inini ndaka 9 anos ndiri mushodja, takabuda mazua atakwa ponte ra Pungue weku Beira. Isusu taitenderana nema igreja, partido yanga isikawadi, nyanga, maporofita, madzimambo. Isusu taiti tirikunda kuti ngwandza redu rifambe bhoo taigodhama to kumbira wadzimo kuti gwandzi racho rifambe zvakana, taita pasichigare kamare. Mukatona wakulu kuti gwandja redu rifambe bhoo waito

gwadhama kwakumbira kuwakuro adzimo. Oita pasichigare agora gulupo iri ra frelimo wanga wasikadhi. Isusu taitenderwa zvese taite agari e mutunhumo waititi fambai kudhai, mukafamba mudima mawo maisongana nazvo. Isusu taiti kufamba ne adzimo zvese zvaitadha zvaibudirira. Hapana munhu unogara asika dhiri adzimo.

Taperero: Zvikuti wadzimo wamubatsira maning?

Maria João: Maibatsirika nekuti mukafamba musikazi kwakumbira hadzimo machenguetua ndiani. Adzimo e mumutunhumo amutungamirira.

Taperero: Ma DF ai punirwi here?

Maria João: Ukashaisha kuita waipuwa mupanicho, ngekuti maimambwa nemutemo. Kuti mauri pamutunhu murikurwa kuti mureruke pamuir hapadhikwani kuti mufambe ne murume. Ukaita azar wobatika waitorua wopondwa

Taperero: Akuna waidzipwa?

Maria João: Kuita zvikudzipa wasaidzipapi so maita zvekutaurirana.

Taperero: Pano majovem aiuya hega kuti ndodha kupinda?

Maria João: Não é kajindji ma jovem atanga tinawo taita zvekubata. Taibata mesmo wouya wo trenarwi, so unodha kutiza waizvionara. Ukatiza waiti ukawonekwa ne adhoni edu aiya waitambudzika maning.

Taperero: Waipedza mazua mangani kuti uthembwe wabatwa zvia?

Maria João: Waizothembwa wapedza 6 mesme, pakatipa unofamba wakachengetwa. Waigara wakarindwa maning unonga ochiwonekwa kuti nnjero Dzako dzino rangarira nhambo. Para kuwonekwa kuti uyu achalingilingi wasiwa woenda kochera bvura

Taperero: Wakadzi wanga wakawanda here muma DF?

Maria João: Waiwanda manji wajindzi waitiza, waitiza kamare. Kuona wantogara ngezvekuti taitoita kagrupu penepo remandau kwakuto kanganwa zvekumba, então maita mukadiwanisua ne wasena, chisena chainetsa kudakuchitaura, tiri wandau basi taiti ngatigare rikatiza kuno waiti tsvaka tinga muriwo tino urawa.

Taperero: Toti, murikuenda kotakar e mopererwa nechikafu, maichionepi?

Maria João: HI! Maita semana wemutero pasina kamakariwa imwimwi, feijão dodzi dzia kumenha kaku wira dzakadaro dzisikazi kubikwa kumenha. Madzimambo, wakazorabidza kuti mumunda musakande mutombo ngekuti wazukuro wariki herereka. Taiti tika guma mumweni taipuwa pilador negwere amaishi to tedha, ate kuita ufu kuti tirwe tisumuke tiende.

Taperero: Maithedha mwega?

Maria João: Mwaite mukasvikira akareruka aimuthedhera mais rinodikuana kuti rizwe namasi ngekuti zvemwe amuraripo.

Taperero: Povo yai batsira maning?

Maria João: Povo waibatsira, manji waitia governo iripapero, nekuti matozvita maigwa porque mwakabatua maitambudzika porque zina redhu taizui Matsangaissa, ndimwi murikupasa chikafa ana Matsangaissa kuti azotirwisa. Mesmo assim waipa basi. So riripo gore rakazoita ndzara.

Taperero: Makapona sei?

Maria João: Taka pona nge ndodzi bishi, mabhomore taisa kocha taitsenga mbishi, zvatakawona isusu. Muriro wakabaka. Povooyo ne mbudzi yaitipa toto tsenga zvakadharo pasina sadza

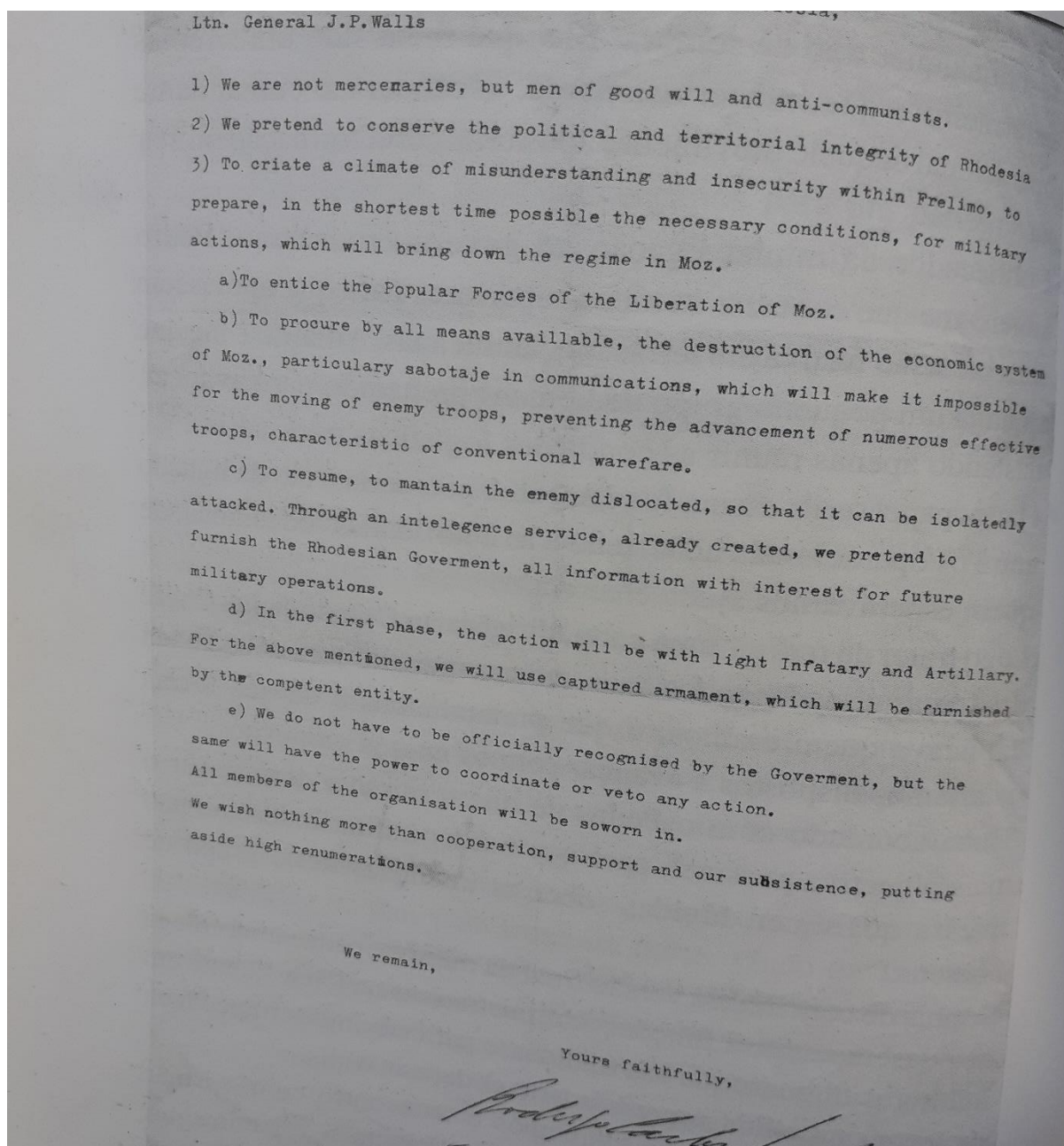
Taperero: Hapana waitiza here nge ndzara?

Maria João: Hapana masodja nada maiguma papi nguwa imweni maitatatira makawata pabvute makumbo o tema, tema ino wakapikatira pfuti ndzara

Mwaita basa.

ANEXO C

Documentos da fundação da RENAMO, extraídos do livro de João Ferro Dias.



“Exmo. Comandante-Chefe das Forças Armadas da Rodésia

Não somos mercenários, mas sim homens de boa vontade e anti-comunistas. Pretendemos:

- Preservar a integridade política e territorial da Rodésia;
- Criar um clima de desentendimento e insegurança no seio da Frelimo por forma a preparar, no mais curto prazo de tempo, as condições necessárias ao desencadeamento de acções tendentes a derrubar o regime vigente em Moçambique.

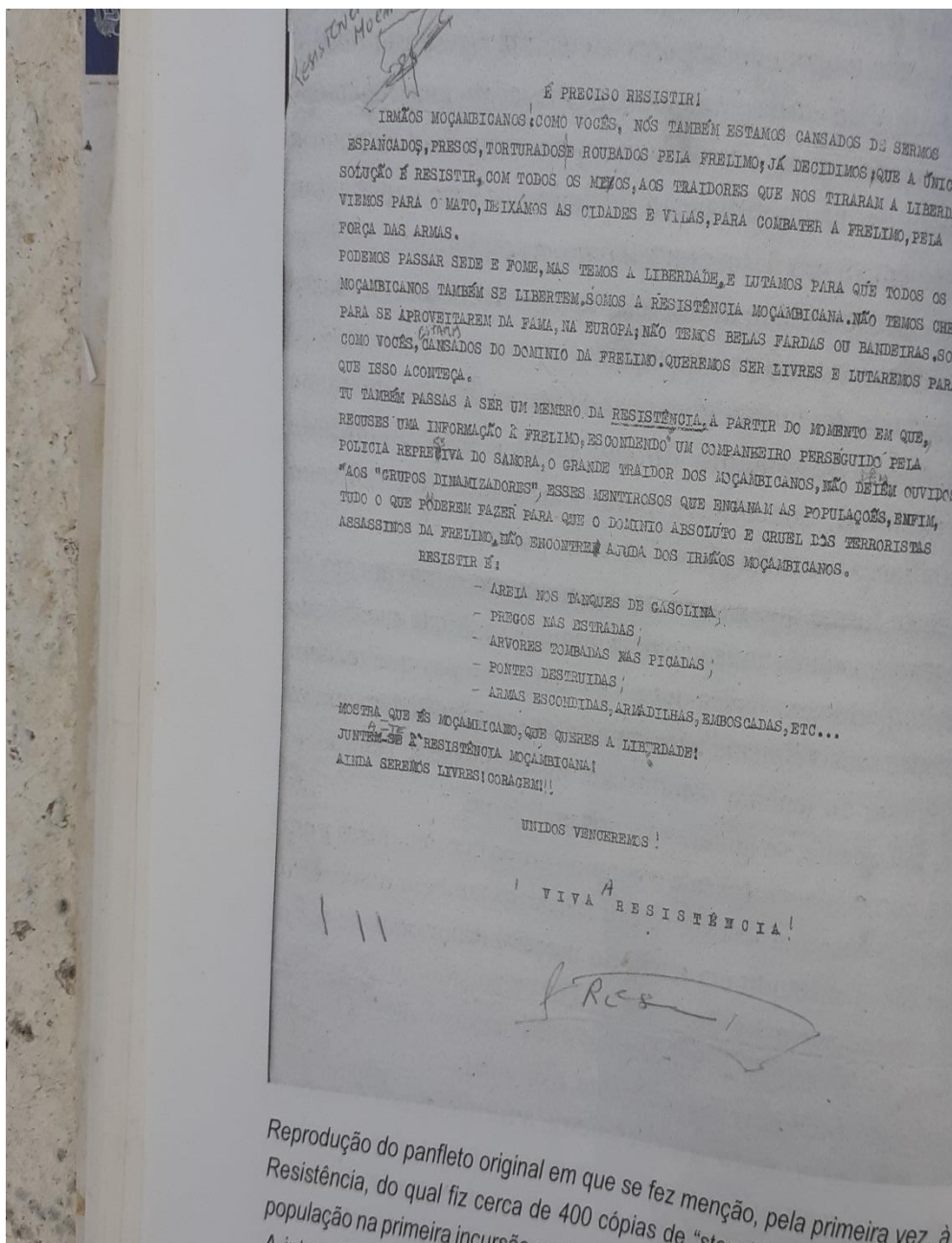
a) A acção caracterizar-se-á pelo aliciamento de quadros das forças populares de libertação de Moçambique.

b) Procurar por todos os meios disponíveis destruir ou debilitar o sistema económico do regime, com particular incidência caracterizada por acções de sabotagem em vias de comunicações que impossibilitem os movimentos em marcha de tropas inimigas, como é característico na guerra clássica.

Em suma, manter o inimigo desarticulado para o poder atacar isoladamente. Através de um Serviço de Investigação, já criado, pretende-se fornecer ao Governo Rodésiano todas as informações de interesse para futuras operações militares.

c) Na primeira fase, as acções de guerra serão ao nível da infantaria e artilharia ligeira. Será portanto de adoptar o uso de armas apreendidas ao inimigo ou a fornecer pela entidade competente.

d) A clandestinidade absoluta caracterizará a nossa ligação ao Governo Rodésiano, que poderá coordenar e vetar o que achar por conveniente. Todos os elementos da organização são devidamente ajuramentados e nada mais que o apoio necessário à sua subsistência, pondo todas.”



Documento da RENAMO que revela a relação com os EUA

President Ronald Reagan
The White House
Washington, DC

GORONGOSA
27th November, 1986

Dear Mr. President,

Greetings from Free Mozambique

I know you share my concern about the spread of Communism and Soviet attempts to destabilize Southern Africa. However, I am pleased to inform you that in Mozambique we are now in a position to inflict a major defeat on the communists.

After 10 years of struggle we control 85% of Mozambique and we are close to unseating the marxist FRELIMO regime in Maputo. This we have done alone. Since the signing of the Nkomati Accord and the withdrawal of South African support in 1984, we have not received any foreign assistance. The weapons, supplies, and medicines we use have all been captured from the enemy. FRELIMO is now confined to a few towns and military bases and RENAMO has freedom of movement in the entire country. Under our administration people are returning to their lands to grow food and rebuild their lives unmolested by the cruel regime.

The only thing that prevents final victory is the presence of foreign military personnel in Mozambique: Soviet, Cuban, Zimbabwean, Tanzanian, North Korean, East German, and Ethiopian troops supported by foreign economic aid including American assistance. I think your Government has been misled by FRELIMO propaganda as to the true nature of our cause. We seek merely to liberate our country from communist domination and to give our people the freedom to lead their lives in peace.

I would like to invite you to send a representative to see our successful effort and how closely our goals coincide with the Reagan Doctrine.

Yours for final victory,

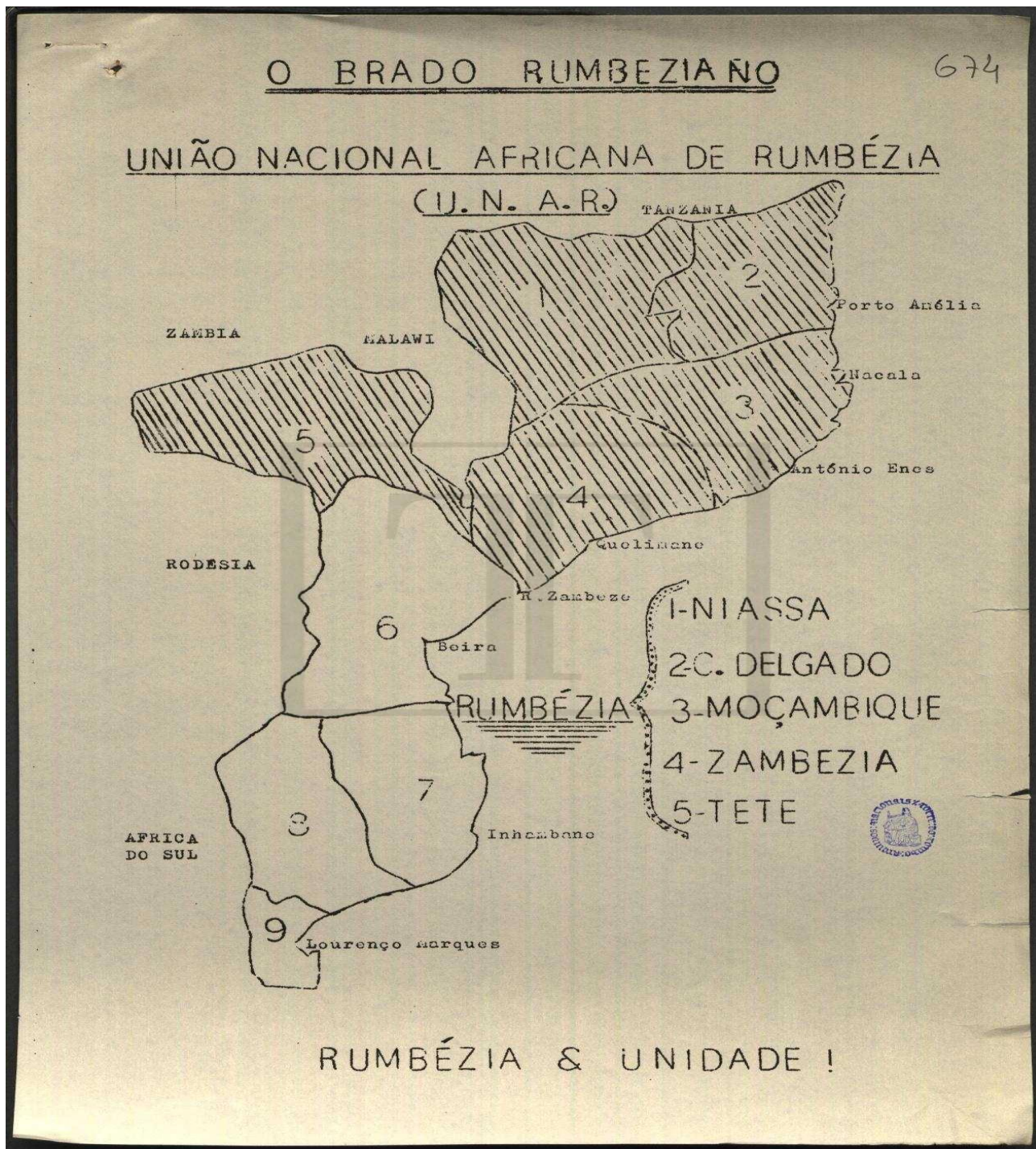


Afonso Dhlakama
President of RENAMO

ANEXOD

Documentos da UNAR, que depois transformou-se em PRM.

Mapa político da UNAR.



Documentos da fundação da UNAR.

